



Ex Libris



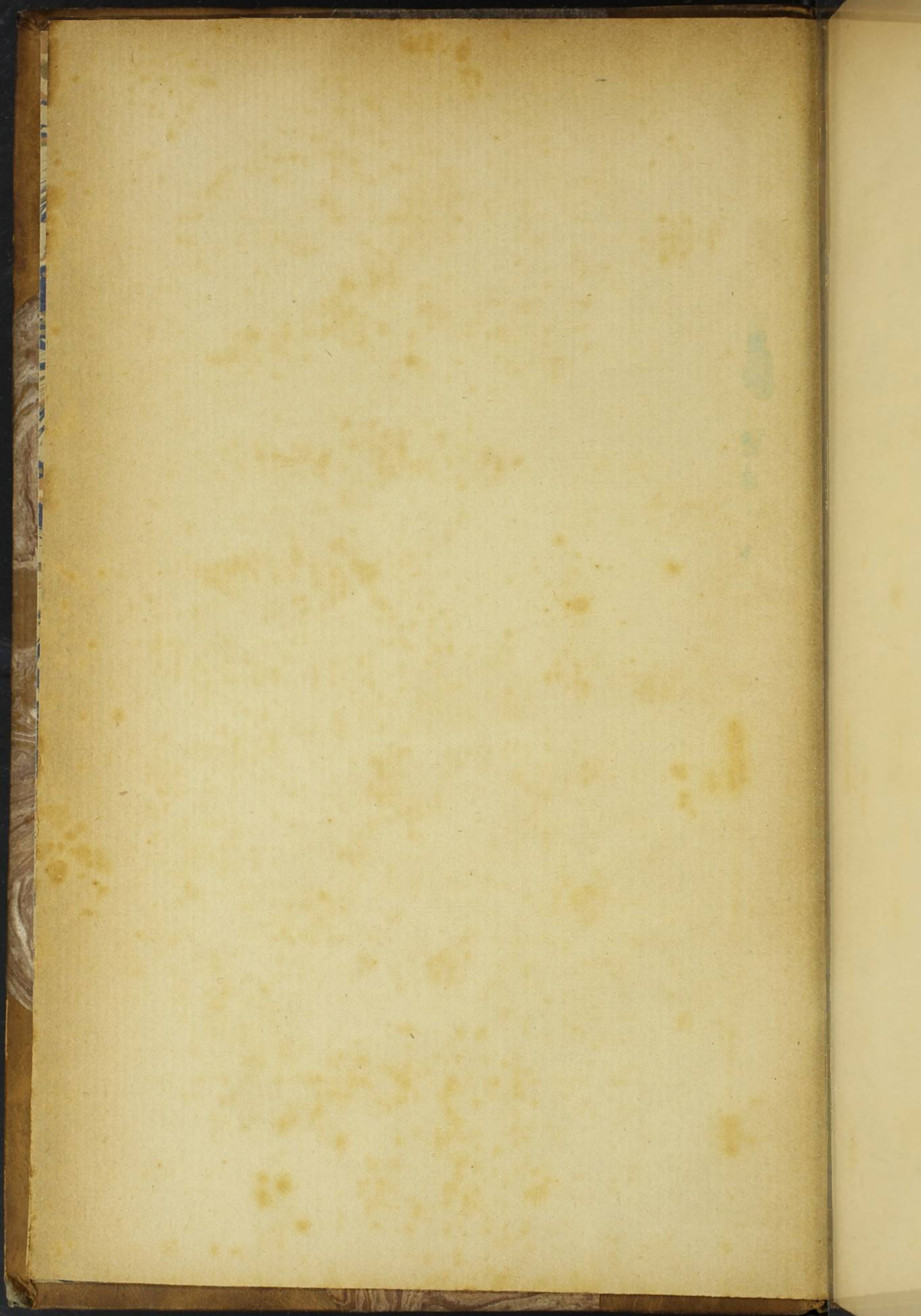
Rubens Borba
Alves de Moraes

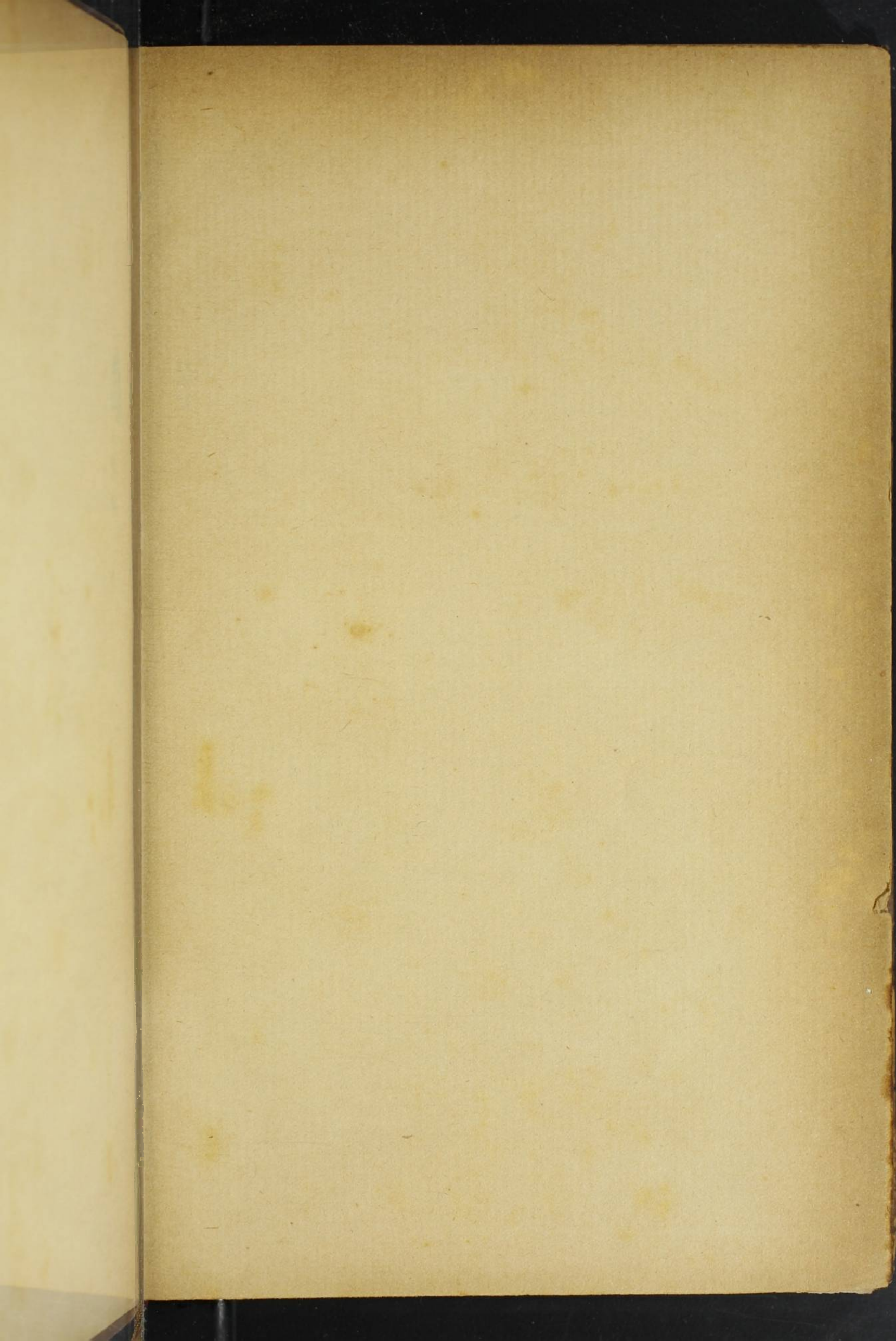


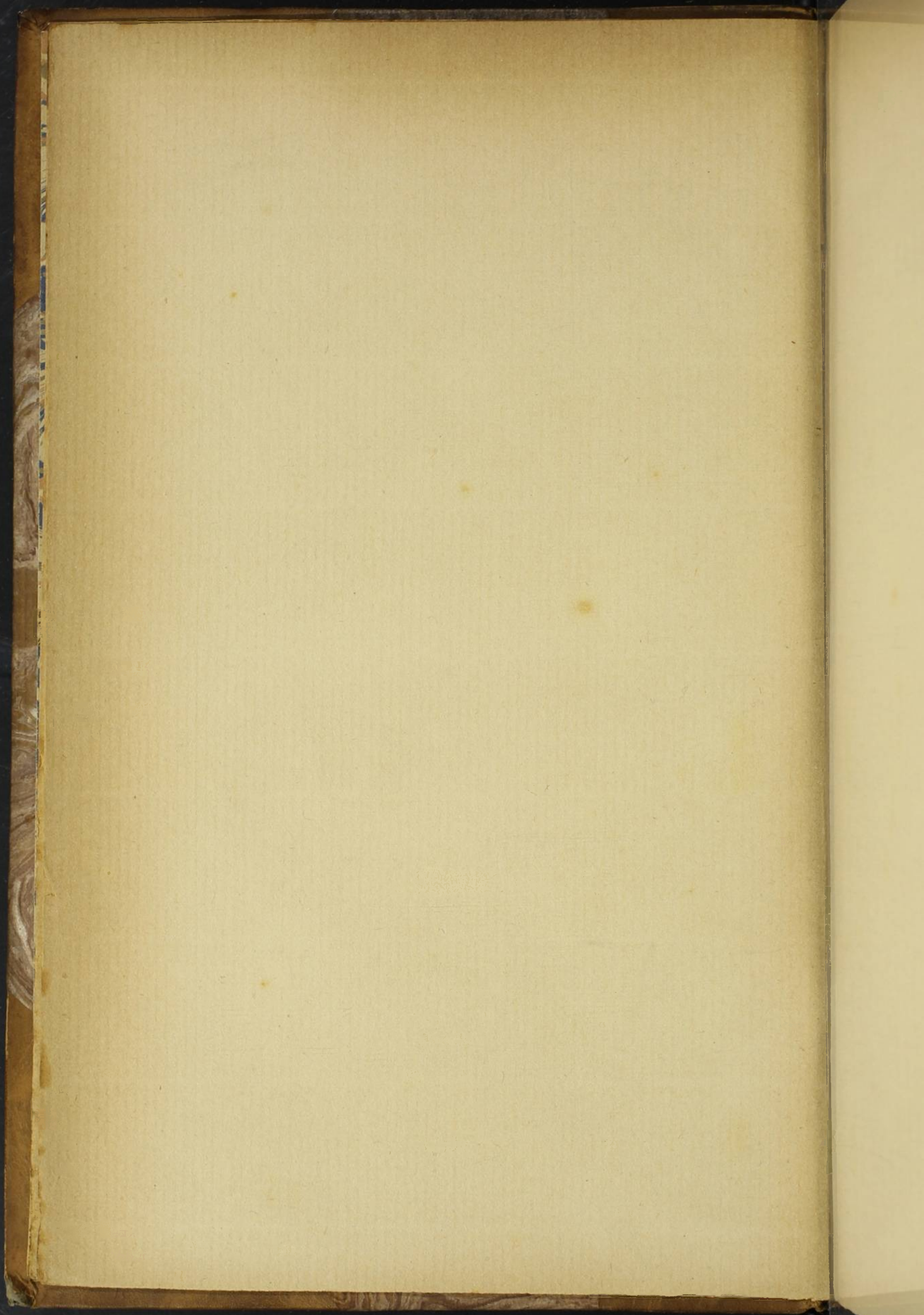
Le ne fay rien
sans
Gayeté

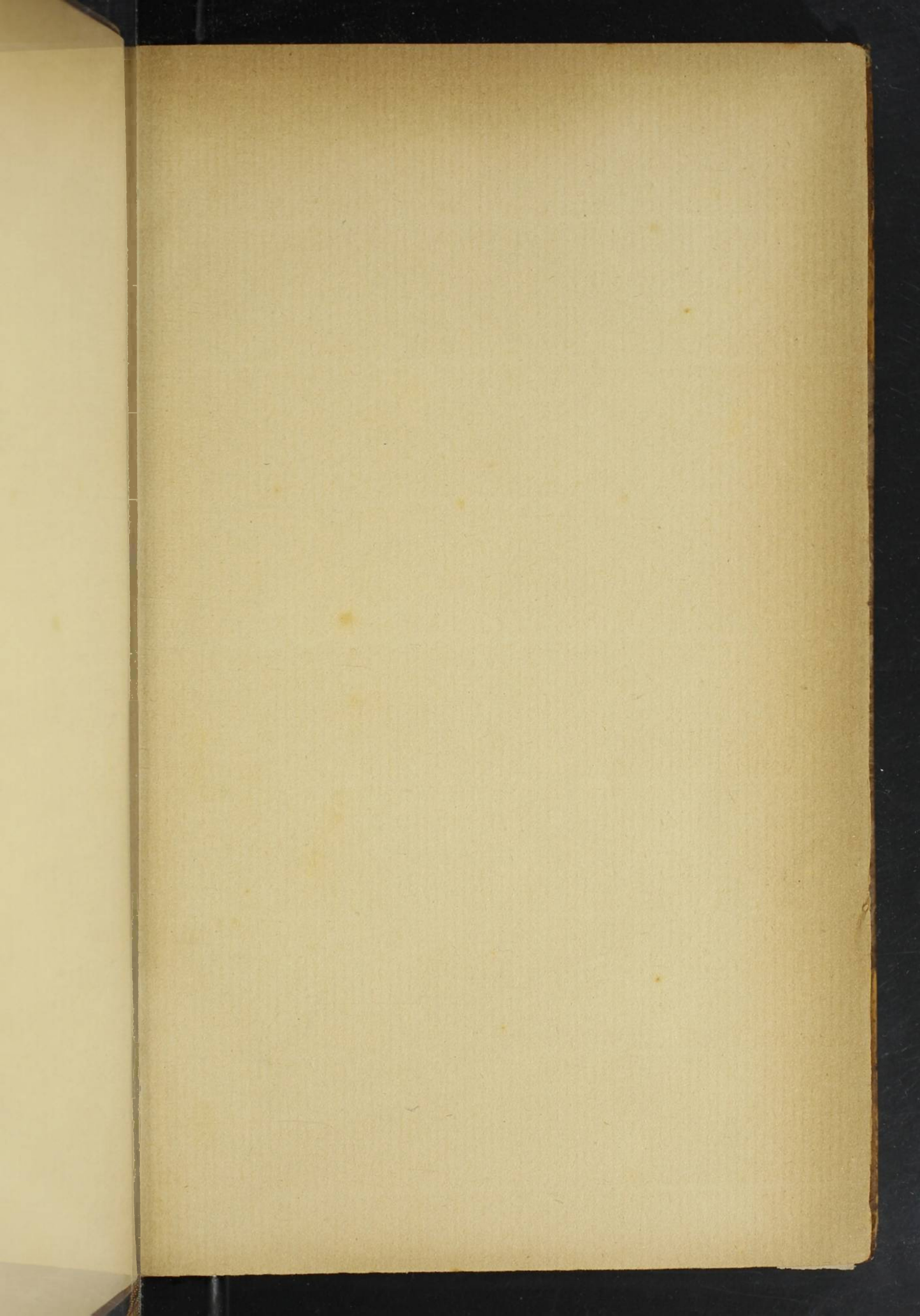
(Montaigne, Des livres)

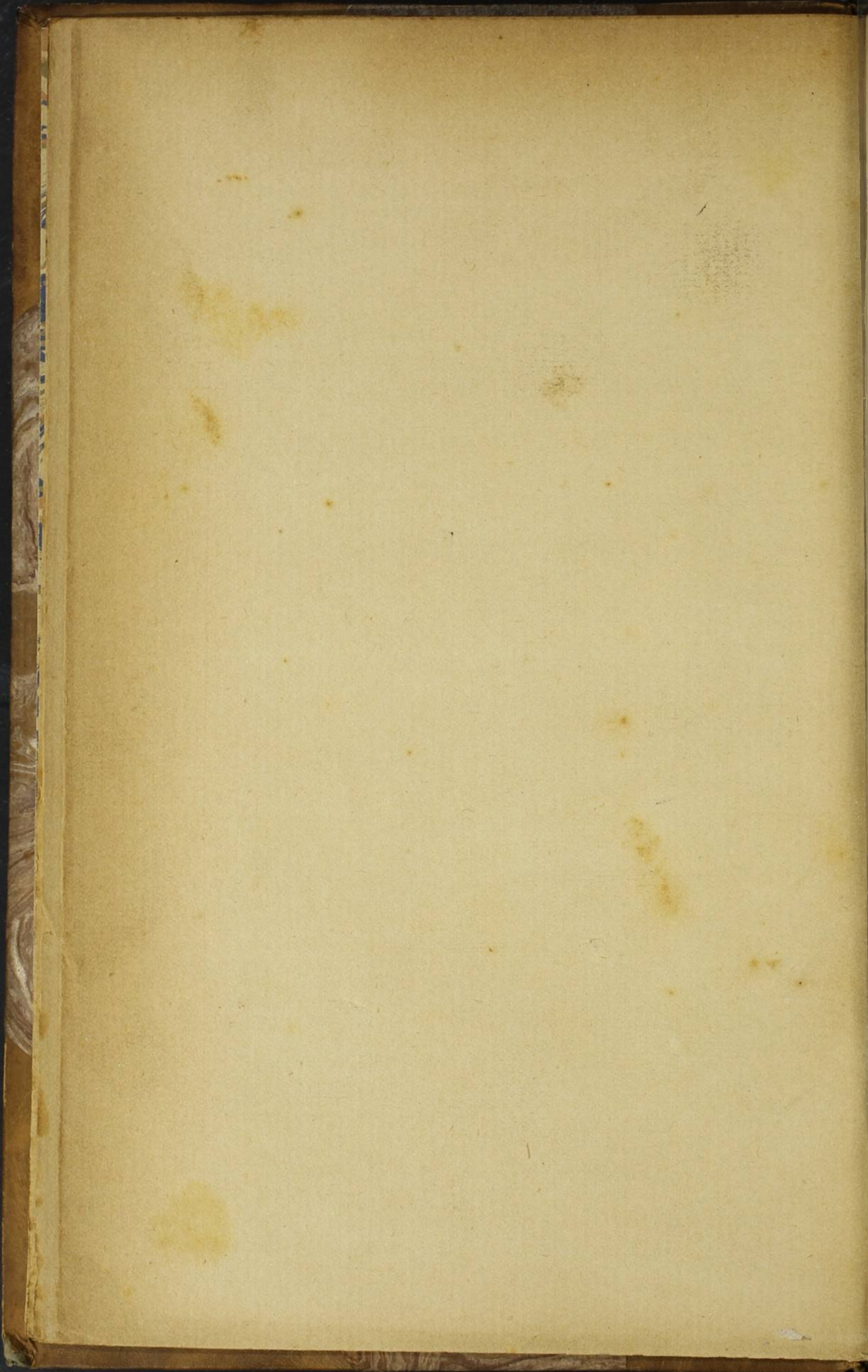
Ex Libris
José Mindlin











NOVO ORBIS

MAPA

CHINA

INDIA

EUROPA

AFRICA

AMERICA

ASIA

NEW YORK

1790

NOVO ORBE SERAFICO

BRASILICO,

OU

CHRONICA

DOS FRADES MENORES DA PROVINCIA DO BRASIL,

POR

FR. ANTONIO DE SANTA MARIA JABOATAM.

IMPRESSA EM LISBOA EM 1761,

E REIMPRESSA POR ORDEM

DO

Instituto Historico e Geografico Brasileiro.

VOLUME II.

RIO DE JANEIRO.

TYP. BRASILIENSE DE MAXIMIANO GOMES RIBEIRO

RUA DO SABÃO N. 114.

1858.

1010

1011

1012

Motto con un fucile in mano
della Repubblica di Venezia
che si trova in un
libro e presso la
casa, e non si trova
nesso in un altro.

CAPITOLI

Il re della città di
per un tal motivo
determinò di apporre

1. O Dio, per
grande amore, e per
ser a mio, per
Quero, mi disonora
fucile, e di France
e aiude a essere di
oro molti in a
re rappresento
rioni, e una
e talente di ogni
nere di Scio
desta, con
gò de terra. S
do per descrittione
fata dei bambini

1013

NOVO ORBE SERAFICO.

BRASILICO.

LIVRO ANTEPRIMEIRO.

Mostra como este Novo Orbe foy descoberto, cultivado, e estabelecido por Religiosos Menores, sendo nelles os primeiros, seus progressos espirituaes desde o anno de 1500 do seu descobrimento até o de 1585 em que fundarão a primeira Casa em Olinda, suas Missoens, morte preciosa de alguns, e outros varios accasos daquelles tempos, e tambem hum breve Resumo do mais até o presente.

CAPITULO PRIMEIRO.

Dá-se noticia do Estado do Brasil, primeiro no que toca ao da natureza para melhor conhecimento do espirital, sua breve descripção, prodigioso descobrimento, e de algumas cousas mais notaveis do seu Priz.

1. O Brasil, porção notavel, deliciosa, e rica da grande America, (a qual entre as partes do Mundo, por ser a ultima, que nelle appareceo, levou o nome de Quarta, não desmerecendo, por outras excellencias particulares, o de Primeira, assim como a competencias, e ainda a excessos do antigo, se lhe appropriou o de novo mundo) he o theatro glorioso, em que havemos ver representadas scenas prodigiosas, successos admiraveis, e feitos heroicos, obrados a esforços da graça, e valentias do espirito, por muitos dos Religiosos Menores da Serafica Familia, na Espiritual Conquista desta, como diziamos, Rica, Deliciosa, e Notavel Porção de terra. Notavel pelas circumstancias particulares do seu descobrimento, * tantos mil annos occulta á noticia dos humanos discursos, e que a julgavaõ por inha-

* Anno 1500.

bitavel, quando era ja possuida, e cultivada de tantas, e taõ varias Naçoens de gentes: muy notavel pela natureza de seus habitadores, e pelo incerto da sua origem, e muito mais notavel pela barbaridade de seus costumes e pela fereza do seu natural. Deliciosa pelo salutifero de seus ares, pela frescura de suas viraçoens, pelo benigno de seu clima, e pelo fertil de seu terreno, que a influxos dos Astros propicios, e a vigores da natureza próvida, dá tudo o que conduz, naõ só para a sustentação precisa da vida humana, tambem para o seu melhor regálo com menos fadiga, e trabalho de seus Naturaes, do que o que para isso poem as mais gentes: porque a fertilidade da terra tem o cuidado de produzir, e dar por si mesma o necessario para a conservaçã dos que nella vivem. Rica pelos infinitos thesouros de ouro, prata, pedras preciosas, e outras varias drogas de estimavel preço e appetecido custo, com que, desentranhando-se a si, tem enriquecido as mais partes causando-lhe estes fructos do seu ventre, o que na vibora, o filho ingrato, a morte, e destruição da mãy; pois as riquezas do Brasil, quem naõ sabe foraõ, saõ, e seraõ sempre, a causa motiva da sua mesma ruina, e a de seus proprios Naturaes.

2. Está, como reclusa, esta notavel Porção de terra, entre os dous famosos Rios, que como duas preciosas chaves, a fechaõ toda; huma de prata, nome que lhe pode dar esse, que a demarca pela parte do Sul, o chamado Rio da Prata; e a outra de ouro, de que a pode formar aquelle, que pelo Norte a cerca, o celebrado das Amazonas, ou Gran-Pará, de quem diz hum discreto Historiador, * sem encarecimento de Poeta, corre este Imperador dos Rios sobre pedras preciosas, feixos de ouro e arêas de prata. Tambem podem ser ambos duas como formosas columnas de crystal, que a demarcã, e

* Brit. Freir. Nova Lusitan.

lhe servem de balisas, ou dous, como Gigantes, que não só parece quererem tragar o mar com o deforme das suas largas bocas, tambem com o crescido de seus robustos corpos a defendem, e com o extenso de seus fortes braços a abarcaõ toda pelo centro dos Sertoens, depois que formando hum prolongado circulo de quasi cinco mil legoas, hum de huma parte, e outro da outra se vem dar as mãs, como amigos, ou nascer, como irmaõs, do mesmo ventre, ou daquelles grandes lagos das serranias do Chilli, formando daqui, ou deste berço, em que tem principio, ao Meyo dia, até o Oceano do Nascente, que vem buscar ambos, hum taõ avultado bojo de terra, que he este continente do Brasil, de que fallamos, que ainda se lhe não sabe ao certo a sua grandeza.

3. Das agoas do mar Athlantico, ainda que com diferentes rumos, são lavadas todas as suas Costas. Tambem são cortadas de outras muitas, e caudalosas correntes, além de hum grande numero de menos cabedal, que humas, e outras se jactaõ todas, de que, ou lhes corre pelas vês o sangue daquelles dous, ou que do seu grande seyo lhe sahem todos, ou como sobejos do seu regaço, ou como emulos da sua grandeza.

4. Sendo tanto para notada a terra do Brasil, pelo extenso do seu corpo, não he menos agradavel para a vista, pela variedade da sua perspectiva. Ja a veraõ levantada em montes empinados, ja abatida em valles estendidos, ja ornada de verdes, e frondosos avoredos, taõ incorruptiveis huns, que presumem igualar a duraçaõ dos tempos, e resistir á voracidade do fogo, e taõ fructiferos outros, que se jactaõ apparecer com os seus pomos a qualquer estaçaõ do anno; ja matizada de taõ alegres, e distinctas flores, que sem mais cuidado para o seu cultivo, que o da natureza, e do tempo, humas só servem de divertimento ao inquieto dos olhos, outras tambem daõ que sentir ao delicado do olfacto; ja po-

voada de volantes aves, humas, que recreaõ a vista com o vario, e lustroso das pennas, outras, que satisfazem o gosto com o saboroso, e desenfasiado das carnes; muitas, que divertem o humano com o suave do canto, e algumas, que imitaõ o racional com o parleiro das vozes. Taõ fecunda de gados de todas as especies, que assim como sobejaõ para o gosto, e sustento, abundaõ para o serviço, e servem para o lucro. Taõ cheyas de ouro, prata, e pedras preciosas as suas entranhas, que naõ inveja os diamantes da Asia, o Potosi do Perú, nem o Ophir de Salomaõ. Taõ aromaticas as suas plantas, que podem emprestar excessos aos balsamos da Arabia, e aos aromas de todo o Orbe. Hum terreno fertil, hum clima salutifero, huns ares alegres, huns Ceos propicios, e hum novo Mundo, em que parece quiz emendar nelle o seu Author alguns avessos do tempo, e dos Astros do Mundo antigo; porque aqui falla o dia, e corre igualmente com a noite; a viraçaõ tempéra o calor, o Inverno naõ resfria, nem o Veraõ abraza. Hum novo Mundo em fim, e humia taõ bem disposta Estaçãõ para viver o homem, que naõ merecia muita censura, quem quizesse plantar nella o Paraiso terreal, ou ao menos descrevê-la com as excellencias, e prerogativas de hum terreal Paraiso.

5. Deste tomou posse, como fica dito, Pedro Alvares Cabral, para o Monarcha Portuguez, accrescentando, qual outro novo Colon, á sua Coroa esta grande parte, que lhe faltava, e deixando nella para seus Principes abertas as portas de muito mayores, e menos distantes interesses, que os da India Oriental, para onde entãõ levava a proa de seus designios e o mandava aquelle Rei. E porque nestes a melhor, e mais segura maxima para augmentar os Estados, he a da propagaçaõ da Fé em as novas Conquistas, para isso mandava tambem o mesmo Senhor para a India, com Pedro Alvares Cabral, Operarios Evangelicos. Foraõ escolhidos para este es-

piritual emprego, o P. Fr. Henrique de Coimbra, da Regular Observancia, com sete companheiros mais da mesma profissão, os quaes, tendo-se occupado nas funcões ja referidas, * por tempo de hum mez, continuaraõ com aquelle Capitaõ a viagem da India, onde o P. Fr. Henrique obrou progressos admiraveis naquellas Conquistas, filhos do seu Apostolico espirito, e alguns de seus companheiros colheraõ pelo justo premio de seus trabalhos a coroa do martyrio. ** Era este Veneravel Padre natural de Coimbra, eleito, depois da volta da India, em Confessor do mesmo Rey D. Manoel, Bispo de Ceuta na Africa, e se naõ o primeiro Inquisidor Geral do Reyno, como tiveraõ alguns, o primeiro que, como tal, fez abraçar com fogo aos Apostatas da Fé.

6. Este era em quanto ao natural o estado do Brasil, quando nelle entraraõ a primeira vez com os seus descobridores os Religiosos Menores; e daqui se deixa ver o que seria em quanto ao espiritual. Huma Regiaõ taõ habitada de Individuos humanos, como de animaes ferozes, taõ nocivos muitos destes, como inhumanos aquelles; Indios selvagens, taõ brutos como os mesmos irracionaes, e ainda ao parecer mais irracionaes que os mesmos brutos; pois destes, ainda os muy vorazes, nenhum chega a comer o individuo da sua especie: naõ assim o Gentio do Brasil, taõ tragadores de carne humana, que naõ só comem a outros quaesquer individuos do homem, mas tambem aos seus proprios, e ainda aos mais amigos, e parentes. Gentes em fim sem Rey, nem Ley, nem Fé, que por isso dizem communmente os que athégora tem escrito deste Gentio, que naõ tem na sua lingua as tres letras, que lhes correspondem, que saõ, F, L, R, que sendo certo em quanto ás duas primeiras, F, e L, em quanto ao R, naõ he assim, antes he esta letra huma das mais usadas na

* Preamb. Digr. I. pag. 3.

** Hist. Serap. 4. p. n. 340.

sua linguagem; e repetidas vezes em huma só palavra, especialmente as que são compostas de duas, como nesta *Aracajurú*, que quer dizer, *Casa do Sol*; he verdade que se não acha na tal lingua esta letra como aspera, ou dobrada, porque não pronunciaõ palavra alguma com dous RR, e por isso não tem o seu idioma dicção, que comece por R, pelo não poderem dobrar com a lingua, ou fazer aspero; e como este R, assim, he inicial de Rey, só neste sentido se pôde verificar, que por se não dobrarem ao aspero, e duro imperio de algum Principe, ou Rey, como principio deste, não quizerão na sua lingua a letra R, e só nisto não pareceo cega a sua barbaridade, sendo em tudo a mayor do mundo. Mas entre tanta cegueira não se lhe pôde com tudo negar huma singularidade muy notavel, e na qual não teve similhaça com outra alguma, ainda a mais cega, e barbara; pois nenhuma, por mais ignorante que fosse das cousas sobrenaturaes, e não tendo conhecimento dellas, nem do Author de todas, deixou de dar adoração a huma, e ás vezes a muitas Divindades, fazendo-se assim idolatras: o que não teve a Gentilidade do Brasil; porque, na opiniaõ dos doutos, não cahio em erros de Idolatria, pois não adoravaõ a Divindade alguma particular, e só reconheciam a huma Excellencia Superior, que he o mesmo, que Deos, chamada na sua lingua *Tupã*; mas até esta, sem adoração, ou culto algum, e só se deixavaõ enganar dos seus Feiticeiros, a quem não guardavaõ mais que hum simplez respeito,

7. Supposto que prodigioso, não he só aquillo, que sobrenatural, ou miraculosamente succede, senão tambem que he prodigioso o que naturalmente acontece fóra da ordem commum das cousas; neste sentido chamamos prodigioso ao descobrimento do Brasil: e não erramos, parece, se tambem o explicamos com a fraze de miraculoso, e sobrenatural, pelas circunstancias, que no seu descobrimento ficaõ notadas, ao me-

nos em quanto por disposição superior foraõ acontecidas todas, e como ordenadas por particulares, e occultos juizos da Altissima Providencia daquelle Supremo Entender, que tudo dispoem para os seus determinados fins. E assim dizemos, que deste, sobre o natural, prodigioso descobrimento, se deixa bem ver quaes sejaõ os inexcrutaveis Arcanos do Altissimo, que tendo esta dilatada Regiaõ do Brasil occulta aos discursos dos homens tantos mil annos, quiz agora que os pobres filhos de Francisco fossem os primeiros, que descobrissem para a Igreja este importante thesouro, de que havia colher o Ceo multiplicados lucros, arvorando por parte de Deos aqui a bandeira da Fé, e expondo em suas maõs aquelle Paõ dos Anjos, e Divino Manná Sacramentado aos olhos da sua Gentilidade, para que ao depois em outros tempos lho repartissem liberaes, espalhados por toda ella, e para que naõ incorressem descuidados na queixa do Profeta, * de que os pequenos, e famintos pediraõ paõ, e naõ havia quem lho distribuísse, ouvindo elles agora, como feliz annuncio desta promessa, e satisfação daquelle queixa, as primeiras trombetas do Evangelho no seu Paiz, e ficando aqui tambem acceza a primeira tocha da verdade, descoberta, e tomada a posse desta espirital conquista, por parte do Ceo, pelos Frades Menores, assim como Pedro Alvares Cabral temporalmente a havia tomado pelo Monarcha da terra.

CAPITULO II.

Mostra como se verifica dos Frades Menores, depois de Descobridores da espirital Conquista do Brasil, serem elles só os primeiros tambem que a cultivaraõ, pelo dilatado espaço de cincoenta annos.

8. Alguma cousa sobre esta excellencia dos Religiosos Menores, na espirital Conquista do Brasil, fica

* TRENOR. 4. v. 4.

apontado na Estancia III. da I. Digressão do nosso Preambulo, e aqui accrescentaremos agora, como em lugar proprio, tudo o que achamos ser bastante para que delles se possa verificar não só a sua primazia nesta espiritual Conquista, mas tambem como a cultivaraõ desde aquelles principios, por espaço de cincoenta annos, e dos grandes trabalhos, que nisto padeceraõ.

9. Elles foraõ os primeiros, que a descobriraõ, como fica advertido; elles os primeiros, que a santificaraõ com o tremendo Sacrificio do Altar, celebrando a primeira Missa hum daquelles Religiosos, companheiro do P. Fr. Henrique; elles os primeiros, que plantaraõ nella a semente do Evangelho, e palavra de Deos, pré-gando na mesma occasiaõ este Veneravel Padre, primeiras funçoens Ecclesiasticas, e Divinas, que viraõ com espanto, e assistiraõ com admiraçaõ os Naturaes do Brasil, e celebraraõ com jubilo excessivo da alma os Filhos de Francisco. Elles foraõ os primeiros, que para que a sementeira da Prégaçaõ se multiplicasse fructuosa, a regaraõ logo com o proprio sangue, derramando-o pela Fé dous Religiosos Menores no mesmo lugar de Porto Seguro, poucos annos depois. Elles os primeiros, que levantaraõ nella Templo, e Casa para Deos, e para que fosse o Senhor servido, e louvado nellas; sendo tambem os primeiros elles, que na terra do Brasil administraraõ os Sacramentos do Bautismo, Penitencia, Matrimonio, e os mais da Santa Igreja, não ficando finalmente Capitania, menos huma, ou outra, ou Lugar notavel em que não fossem os Religiosos Menores os primeiros para a Prégaçaõ do Evangelho, Luz da Fé, e conhecimento de Deos, como o iraõ mostrando os Capitulos seguintes.

CAPITULO III.

*Dos segundos Religiosos Menores, que passaraõ ao Brasil. **

10. Como o Genticio da America, e com muita especialidade este das partes do Brasil, era, entre todas as naçoens do mundo, aquella gente, que só se podia chamar naturalmente pobre, ou pobre por genio da sua natureza, pois vivendo, e dando-lhe Deos para moradia huma Regiaõ a mais rica, e abastada do mundo todo, elles entre o ouro, e prata, pedras preciosas, toda a mais, e grande riqueza do Brasil, viviaõ entre ella com hum natural desprezo de tudo, como verdadeiros pobres; assim determinou tambem o Ceo, que para a primeira, e principal conversãõ de huns taes pobres como estes, fossem outros pobres os primeiros; e com huma taõ alta Providencia, como sua: porque, se a similhança he causa do amor, e as virtudes humas com outras tem sua sympatia, com que, respirando influencias, unem entre si os seus sujeitos; que melhor Prégador para hum pobre, que outro pobre, e que mais efficaz attractivo para arrastar a huns homens nús de todos os bens da natureza, como era o Genticio do Brasil, do que huns homens despídos, e desapossados de todos os interesses do mundo, como os Filhos de Francisco: o mesmo Genticio o manifestava assim quando ja para a sua doutrina concorriaõ tambem outros Evangelicos Operarios, abandonando-se destes para os nossos, e confessavaõ que os movia, e arrastava a este excesso a grande inclinaçaõ, que nos tinhaõ, pelo desapego, que em todos viaõ, de bens da terra, e cuidados de temporalidades, que tanto se coadunava com o seu proprio genio; e por isso sem duvida que a estes nossos, entre todos os mais, deo o mesmo Ceo a primazia na conversãõ deste Genticio,

* Segundos Missionarios.

e que elles no largo tempo de quarenta e nove para cincoenta annos, desde o de 1500, em que aportou em Santa Cruz o P. Fr. Henrique, e seus companheiros, até o de 1549 que chegarão á Bahia os PP. Jesuitas, fossem os cultivadores desta vinha, como agora iremos vendo.

11. Assim como permitia Deos saciar o desejo santo do piedoso Rey D. Manoel, em dilatar-lhe o seu Imperio Portuguez com o descobrimento de novos Mundos, não menos se desempenhava o zelo deste grande Monarcha em introduzir, e augmentar o culto, e Ley do mesmo Senhor, em as novas Conquistas, que lhe offerecia. Para a das almas, achamos, mandara logo, depois daquelle primeiro descobrimento por Pedro Alvarés Cabral, e em companhia dos segundos Indagadores destas Costas do Brasil, a dous Religiosos Menores da santa Provincia de Portugal Observante. Seus nomes, que só estaraõ escritos no livro da vida, deixou no do esquecimento o descuido dos nossos, nesta parte, sempre fatal. Só nos daõ alguma noticia de que no anno de 1503 passaraõ do Reyno para o Brasil estes Semeadores do Santo Evangelho; e que nesta Conquista começaraõ a plantar com o seu Apostolico zelo a semente da palavra Divina, e a regá-la com o seu sangue, colhendo por premio do seu trabalho o fructo do martyrio.

12. No lugar de Porto Seguro, em que tres annos antes haviaõ aportado o P. Fr. Henrique, e os mais, de que ja fallamos, primeiros descobridores da nova, e espiritual Conquista, tomaraõ terra estes segundos. Aqui ajudados dos proprios naturaes, de quem foraõ bem recebidos, e com mostras de agrado, como os que se não esqueciaõ ainda do bom tratamento, que lhes haviaõ os nossos dado da primeira vez, e de alguns Portuguezes, que levavaõ consigo, deraõ principio, e concluirão com pressa uma pobre casinha, com sua pe-

quena Igreja da invocação do Serafico Patriarcha S. Francisco, e foy este o primeiro Templo dedicado a Deos, que se levantou em todo o Brasil. Dous annos com pouca differença assistiraõ neste Recolhimento aquelles Ministros do Altissimo, exercitando-se com o Gentio do lugar em actos de verdadeira charidade, e amor do proximo, de que colhiaõ copioso fructo na conversão de humas ovelhas por tantos mil annos separadas do gremio da Igreja. Acharaõ-nos para receber os rudimentos da Fé, e seus mysterios, taõ bem dispostos, como a terra nova, quando se lhe applica a primeira semente, que a abraça benigna, nasce com vigor, e fructifica com lucro: tudo acharaõ neste Gentio os novos Semeadores.

13. Mas o lobo infernal, que começava a ver ir-lhe fugindo das garras hum rebanho, em que tanto havia se tinha cevado; e temendo que, pela facilidade, com que lhe escapavaõ do regaço, e se acolhiaõ ás abas da Igreja, a poucos passos ficaria destituido de toda a preza, semeou no coração, e animo dos mayores, e mais antigos, taõ grande odio contra os Religiosos, que asentarãõ entre si tirar-lhes as vidas. E para o poderem melhor fazer, sem que os Portuguezes, que havia, o pudessem impedir, tambem consultaraõ matá-los primeiro. Para isso ordenaraõ huma feira (como algumas vezes costumavaõ) e para a qual concorriaõ muitos delles com varios generos das suas caças, fructas, e mel, a vender aos Portuguezes estas drogas, e a trocá-las por outras de pannos, ferramentas, e similhantes. Chegou o dia, ajuntaraõ-se em grandes ranchos, e magótes, e quando os colheraõ mais embebidos naquella golosina, e baralhados huns com outros, dando hum estrondoso urro, sinal costumado nas suas guerras para avançar aos inimigos, e ao som deste, sabindo dos matos visinhos huma grande multidaõ, que tinhaõ de emboscada, com arcos, frechas, e os seus páos de Jucar,

que he o mesmo que páos de matar, quebrando-lhes com elles as cabeças a huns, e traspassando a outros com settas, assim acabaraõ com todos, que para a feira tinhaõ concorrido, e que cuidando achar nella refeição para os corpos com elles, incautos sempre como Portuguezes, vieraõ servir áquelles barbaros, e falsos Gentios do seu mais saboroso manjar.

14. Mortos assim estes, com um grande alarido de vozes desentoadas, bater de árcos, e pés, partiraõ de corrida para a casinha dos Padres, que avisados pelo estrondo, e alvoroço do que podia ser se recolheraõ á Igrejinha, e postos de joelhos com as maõs levantadas ao Ceo, em acção de graças, nesta postura lhes tiraraõ as vidas com o mesmo genero de morte, com as cabeças quebradas á força de malhos, e os corpos traspassados á violencia de settas, que, feitos depois em postas, lhes deraõ em seus ventres a costumada sepultura dos brutos, ficando a terra regada com o innocente sangue destes bemaventurados, e Santos Religiosos; e com esta morte, e genero de martyrio, com a laureola de Proto-Martyres do Brasil, e primeiras victimas da barbaridade Gentilica de seus naturaes, e elles assim na sua antiga cegueira; que depois de terem saciado o seu mais que brutal appetite nos despedaçados corpos dos servos de Deos, se lhes faltou a humanidade para os devorarem, sobejou-lhes a astucia para o fingimento; porque antevendo a justa vingança, que da sua falsidade poderiaõ tomar os mais Portuguezes, que se não acharaõ naquella feira, quizeraõ, antes que a experimentassem, ou encobrir a morte dos Religiosos, ou segurar com o disfarce mais prezas nos incautos Christaõs, vestindo-se como lobos nas pelles das ovelhas, que comeraõ; porque mettidos depois nos habitos, que despiraõ dos Religiosos defuntos, e que elles haviaõ morto, passeavaõ na casinha, e appareciaõ na hermida, aonde pudessem ser vistos, e com esta farça enganar

aos que ficaraõ, como succedeo; porque acudindo a elles alguns Portuguezes, como a Religiosos amigos, encontravaõ com Indios tyrannos, que logo lhes tiravaõ as vidas, e os engoliaõ a pedaços: mas pouco lhes durou esta cruel, e enganosa scena; porque advertidos os que se seguiraõ, do que acontecera aos primeiros, á custa de vidas de barbaros rebeldes resgatarãõ os habitos dos Religiosos mortos, de que se seguio entre Indios, e Portuguezes huma porfiada guerra, que aturou por muitos annos. Dizem as Chronicas da Ordem acontecera o martyrio, ou morte destes Religiosos a dezenove de Junho de mil e quinhentos e cinco, * das quaes o tirou o Agiologio Lusitano neste dia, e o Padre Telles nas Chronicas da Companhia no lugar citado.

CAPITULO IV.

*Vaõ a Porto Seguro outros dous Missionarios Franciscanos, e do que alli obraraõ, morte prodigiosa de hum, e ausencia do outro. ***

15. Sendo taõ fertil para os fructos da terra, esta, em que estamos de Porto Seguro, naõ se mostrou menos fecunda para a semente da Prêgação (1515), que começando a brotar aqui com tanto fervor ao rego da Doutrina daquelles dous Veneraveis annunciadores do Santo Evangelho, de quem ja fallamos, e podemos dizer ainda, que o seu sangue derramado alli foy huma como suave inundaçaõ, que embebendo pela terra vay vivificando, e dispondo para que a seu tempo a faça redundar em novos fructos. Assim se vio neste proprio terreno de Porto Seguro, aonde, ainda que com dilaçaõ de alguns annos, que fariaõ dez com pouca differença, depois do martyrio daquelles dous Religiosos Francisca-

* Part. I, liv. 3, cap. 3, fol. 434, § II.

** Terceiros Missionarios.

nos Portuguezes, aportaraõ outros dous de nação Italianos, e tambem filhos do Serafico Patriarcha. Foy o seu primeiro cuidado, levantar outra Igrejinha no mesmo lugar, em que esteve a primeira, que o tempo, e o Gentio havia consumido, e com o proprio titulo do Serafico Patriarcha. Naõ custou tanto como aos primeiros esta obra, pois havia ja alli mais concurso de Portuguezes, que a fama, ou ambição das riquezas da terra por todos os modos os levava a ella. Naõ nos consta porém o tempo, que alli assistiraõ; mas só que com grande exemplo, e edificação dos Catholicos, e aproveitamento daquelle Gentio.

16. Mas, ou porque naõ fosse taõ grande o fructo, como esperavaõ, ou porque entendessem naõ eraõ vindos a partes taõ remotas para cultivo de huma só Aldêa, ou pequeno Rebanho, como o do Lugar do Porto Seguro, e tendo noticia que da outra parte de hum Rio, que da povoação ficava para a parte do Sul, habitava multidaõ de Gentio, aonde ainda naõ havia chegado o brado do Evangelho, determinaraõ passar áquella colheita. Chegaraõ ás suas margens, e acharaõ ser bastantemente caudalozo; e na consideração talvez, de que aonde he grande o fogo da charidade, nem as agoas, por muitas, o pódem extinguir, intentou vadear o seu profundo o fogo do espirito do principal destes Religiosos, e ficou submergido no seu pégo*; porque tambem ha agoas, que, se por muitas naõ pódem extinguir o lume da charidade, pódem por muy altas apagar a luz da vida. Triste, e magoado volton o companheiro ao Povo, dando-lhe a noticia do cazo, e pedindo auxilio para tirar dalli o defunto corpo. Concorreraõ muitos ao Lugar, e achando ja as correntes com menos agoas, por estar a maré de todo vazia, viraõ ao cadaver, posto

* *Aquæ multæ non potuerunt extinguere charitatem. Eccles. 8. 6.*
Veni in altitudinem maris, et tempestas demersit me. Ps 68. 3.

de joelhos, e com as mãos levantadas ao Ceo, como dando-lhe as graças, de que tambem para aquella santa, e superior Cidade, subia a sua, á imitação de outras muitas almas, sobre inundaçoens, e correntes de aguas. Foy tirado dellas o seu corpo, e com muita devoção, e piedade lhe deraõ sepultura na propria Igreja, que havia erigido, ou renovado do Serafico Patriarcha, com taõ grande opiniaõ de bemaventurado, e servo de Deos, como o mostrou com as muitas virtudes, com que os tinha edificado em vida, e como o certificava a portentosa postura do seu corpo depois da morte. O companheiro, que ficava só, e desconsolado, voltou para a sua Provincia. Qual fosse esta, nos naõ deixaraõ noticia certa os nossos Escritores, e só dizem, que para memoria deste cazo se ficou chamando até hoje aquelle, o Rio do Frade.

CAPITULO V.

*Vaõ a S. Vicente Missionarios da Ordem, e do que alli obraraõ. **

17. Cuidadosos disvélos dava ao Senhor esta sua vinha, e como sabia melhor o tempo, em que lhe havia distribuir convenientes Operarios para o seu cultivo, dispôs assim, que passados alguns annos, (depois destes segundos, de quem acabamos de fallar) que seriaõ oito, neste, em que agora estamos de 1523, foraõ ter a S. Vicente dous Religiosos da Familia Serafica, e Portuguezes. E parecia razaõ, fosse esta Capitania a segunda colheita destes Operarios Franciscanos, pois era tambem a segunda, que depois da de Porto Seguro habitaraõ Portuguezes, porque dizem foi esta de S. Vicente das primeiras que positivamente se mandaraõ fundar, e teve Donatario, como em seu lugar se disse.

Quartos Missionarios.

JABOATAM. VOL. II.

Nella fizeraõ os novos Missionarios a sua habitaçaõ. Naõ alcançamos o tempo, que alli assistiraõ, mas só, que com vida exemplar, e muito aproveitamento espirital do Gentio da terra. Era este mais domavel, e obrava nelle com melhor effeito a Doutrina dos novos Pregadores, e vendo a estes do lugar taõ bem dispostos, e aproveitados, e porque naõ ficassem os mais, por distantes, excluidos deste espirital bem, sabendo que para a parte do Sertaõ, além de hum Rio, que por alli corria naõ muy longe da Povoaçã, habitavaõ muitos daquelles barbaros, quiz passar aquella colheita hum Religioso destes. Atravessou o Rio, que ainda que abundante de agoas se passava a pé, e de váo, e antes que tomasse a outra margem, foy morto ás frechadas, pelo Gentio, que alli o esperava, servindo-lhe de fea, e insaciavel sepultura o ventre daquelles inhumanos racionais, e tirando só por fructo deste seu ardente zelo, faltar-lhes o brutal appetite com as suas carnes, tingir aquellas correntes com o seu sangue, e dar-lhes por memoria deste cazo, o nome, que tambem conserva, como o outro de Porto Seguro, de Rio do Frade.

CAPITULO VI.

Averiguaõ-se para mayor clareza desta historia algumas duvidas, que podem occorrer sobre o que nos Capitulos passados deixamos dito destes Religiosos Missionarios, e não concorda com o que se acha delles nos mais Escriitores.

18. He a verdade alma da historia, e he a clareza a vida desta alma, e he certo que virá a ser alma sem vida, historia, ainda que com verdade, sem clareza. Dizem os escriptores da Ordem commumente, que estes Religiosos foraõ seis, e que vieraõ todos juntos, mandados pelo Rey D. Manoel, logo na primeira occasiaõ, que, depois de descoberto o Brasil por Pedro Al-

vares Cabral, enviára as suas Armadas á investigação, e descobrimento das suas Costas, e que todos seis foraõ ter a Porto Seguro, e alli lhes succedera o que fica referido, sendo os mais destes de nação Italianos. Outros escrevem, que naõ vieraõ juntos, mas divididos, dous na primeira Armada, depois de descoberta a terra, e estes eraõ Portuguezes; e dous na segunda, e estes Italianos; e por esta conta vem a concluir, que foraõ só quatro, fazendo tambem duas Missões das que os mais haviaõ feito huma só.

19. Nós porém dissemos, que sendo seis aquelles Religiosos, foraõ tres as Missoens, e que esta terceira fora em S. Vicente, e que alli acabara hum daquelles Religiosos, como o de Porto Seguro, ao passar de outro Rio, mas com differente morte, porque naõ affogado acazo, mas morto nelle pelo Gentio. Assim consta este segundo successo de huns manuscriptos antigos, que se achãõ no Archivo desta Provincia, onde, fallando destes Missionarios, diz o que fica escrito destes de S. Vicente, o que nós aqui tambem seguimos, por acharmos para isto hum muy grande, e notorio fundamento nos Roteyros, e Mappas Geraes destas Costas, nos quaes poderá vêr o curioso, que delles entender, que assim junto a S. Vicente, como em Porto Seguro, se achãõ notados estes dous Rios, com o mesmo nome do *Rio do Frade*, e melhor que todos no Mappa particular das Costas do Brasil, lavrado em Amsterdaõ nas taboas de Porto Seguro, e S. Vicente: e como o de Porto Seguro lhe foy posto, como concordaõ todos, pelo caso de se affogar nelle aquelle Religioso, a mesma razãõ corre, para que fosse a causa de se chamar tambem *Rio do Frade* o de S. Vicente, pela morte do outro, que nelle aconteceo.

20. Dizem mais, os que escrevem, que aquelles foraõ seis, e enviados todos pelo Rey D. Manoel, que eraõ a maior parte delles Italianos; ao que nós, pelo

que dissemos, e diremos ainda, em quanto a serem de outra Nação, e mandados pelo dito Rey, não assentimos, e a razão do fundamento, he a que ja deo a isto mesmo o Author do Agiologio Lusitano, fallando destes proprios Missionarios, no commento do dia desanove de Junho, em que padeceraõ Martyrio os de Porto Seguro, por estes termos: *Naõ he crível, que mandasse El-Rey D. Manoel ao Brasil na primeira Missão Religiosos Estrangeiros, quando tinha tantos Naturaes, pois em seu tempo se dividiraõ os Observantes, por serem muitos, em duas Provincias.* Com este bem fundado discurso, concluimos que os Religiosos Estrangeiros, que naquelles principios passaraõ á Missão do Brasil, não foraõ mais que dous, como o escrevemos no Cap. IV., e estes não mandados pelo Rey D. Manoel, mas da maneira, que agora diremos.

21. He sem duvida, que tendo a posse da Coroa de Castella Carlos I, que depois no anno de 1519 foy declarado Imperador da Alemanha, e reconhecido por Carlos V, sabio fugitivo do nosso para aquelle Reino hum Piloto Portuguez, chamado Joaõ Dias Golis, ou Solis, como dizem alguns, e que em Castella persuadira a alguns Mercadores lhe dessem duas Náos, que elle as traria á Provincia de Santa Cruz do Brasil, e as carregaria do Páo vermelho, e outros haveres da terra; o que conseguiu, e com effeito no anno de 1515 foy com ellas ao Porto Seguro, de donde voltou com o seu negocio no de 1517. Disto foy noticiado o Rey de Portugal, e se queixou ao de Castella, e foraõ castigados os cumplices daquella armação. E sendo isto assim, mais congruencia tem, que nestas duas Náos passassem a Porto Seguro os taes Religiosos, sendo Estrangeiros, Italianos, ou Hespanhoes, do que de Portugal. Este he o discurso mais provavel, que formamos sobre o transporte destes Missionarios Estrangeiros a Porto Seguro. Dos

Portuguezes diremos agora, o que alcançamos dos primeiros.

22. Os Escritores da Ordem só dizem, que no anno de 1503, enviara o Rey D. Manoel ao Brasil estes Missionarios, mas não declaraõ na conducta de quem. Os de fóra escrevem, que só duas Esquadras mandara ao Brasil o sobredito Rey em todo o tempo do seu governo, a primeira com Americo Vespucio, a segunda com Gonsalo Coelho; mas nenhum dos que vimos declara o anno em que sahiraõ do Reyno estes Exploradores, menos o Illustrissimo Ozorio, que no seu livro de *Rebus Emmanuelis Regis*, * diz, que no de 1502 fora o em que sahio Gonsalo Coelho. Mas ha sem duvida nisto sua equivocação, e muy evidente, pela razaõ, e fundamento seguinte. Deste mesmo Capitaõ fallaõ outros muitos, e sem assignarem o anno, em que sahio do Reyno a esta empreza, concordão todos, que quando se recolheo do Brasil, com as noticias, que de cá levava, achara ja sentado no Throno ao Rey D. Joaõ III por morte de seu Pay o Rey D. Manoel, que fallecera a 13 de Dezembro de 1521; e assim, recolhendo-se ao Reyno Gonsalo Coelho, como affirmaõ todos, no principio do Reynado de D. Joaõ III, havendo sahido dalli, como tem o Illustrissimo Ozorio, em 1502, vaõ neste entremeyo vinte annos, ou mais, e não he para se crer andasse este Capitaõ tantos annos pelas Costas do Brasil, quando escrevem os mais, que sendo mandado pelo dito Rey D. Manoel, se recolhera em tempo de D. Joaõ III, tendo gasto nesta diligencia não muitos annos, ** mas muitos mezes, como se diz; e assim se deve suppor foy equivocação dizer, que sahira Gonsalo Coelho do Reyno naquelle anno de 1502. Antes bem podemos assentar, que esta Esquadra, de que neste anno falla o referido Author, he aquella, em que foy conduzido ao

* Lib. 2. p. 84.

** Mariz. Dialog. 5. p. 40.

Brasil Americo Vespucio, de quem affirmãõ todos fora enviado pelo Rey D. Manoel, logo que recebera as noticias mandadas pelo Cabral do novo descobrimento da terra do Brasil, e este logo podia ser até o principio do anno de 1503, que a todos estes vagares poderiaõ dar lugar os empenhos deste Monarcha com a Conquista da India, que lhe levava os cuidados, e requeria dispendios; Daqui se pôde tomar tambem hum grande fundamento, para se dizer, que aquella Esquadra, em que diz o Illustrissimo Ozorio viera Gonsalo Coelho, era sem duvida esta do Americo, pois o mesmo está incitando a que assim se diga; porque escreve, que depois de recebida pelo Monarcha a noticia do Cabral em 1500, logo no de 1502 mandara a Gonsalo Coelho, sem fazer memoria de Americo Vespucio, que dizem todos, sem controversia, fora o primeiro, que enviou o Rey, depois do Cabral, e não o Coelho, como suppõem este Author; donde se segue, que assim como se equivocou com o Capitaõ da primeira, se podia enganar tambem com o anno della, sendo o de 1503, o que elle affirma de 1502. E assim, sendo mandados, como dizem as Chronicas da Ordem, aquelles primeiros Religiosos pelo Rey D. Manoel a esta Missãõ no anno de 1503, e não podendo vir ao Brasil até o dito anno outra Esquadra, mais que a referida do Vespucio, he sem duvida serem conduzidos nella aquelles Missionarios.

23. Outro fundamento se offerece tambem para asentarmos, que só nesta Armada podiaõ vir estes Missionarios, e vem a ser, porque he sem duvida, que antes della, menos dous Portuguezes degradados, que em Porto Seguro deixou o Cabral com o Gentio, não tinhaõ ido áquelle Lugar outros alguns, nem Navio de Mercador, ou pessoa particular, que lá os pudesse conduzir; e he certo que estes Missionarios alli assistiraõ com Portuguezes, e não tão poucos, que não fizessem opposiçaõ ao Gentio, como consta do que fica dito na morte

dos primeiros Missionarios, e sendo tantos, que ja lhes davaõ temor, só podiaõ ter ido alli mandados pelo Rey, e em Esquadras suas; estas naõ foraõ outras até o anno de 1503, mais que as de Americo Vespucio. Certo fica, que nesta Armada foraõ sem duvida os taes Missionarios.

24. Quando haja porém outra Escritura, pela qual evidentemente conste, que Americo Vespucio foy ao Brasil antes do anno de 1503, sempre estamos na opiniaõ, de que em sua companhia foraõ conduzidos aquelles Religiosos, naõ obstante dizerem os Escriitores da Ordem, que no sobredito anno; porque bem poderá ser que o tal anno de 1503 ou fosse posto por equivocacão, e falta de verdadeira noticia, ou que seja naõ o em que elles sahiraõ do Reyno, mas o em que chegaraõ ao Brasil; porque como aquelle Cosmografo Americo hia demarcar pórtos, e alturas, bem podia partir de Lisboa em 1501, ou em 1502, ir correndo as dilatadas Costas do Brasil, até o Rio da Prata, como he certo que foy, e na volta, que faria em 1503, chegar a Porto Seguro, e largar alli entaõ os taes Missionarios, trazendo-os consigo todo este tempo pela necessidade que teria delles; e assim se verifica o que dizem os nossos, que em 1503, foraõ a Porto Seguro aquelles Missionarios, e tambem fica provavel, que esta viagem a fizerão em companhia de Americo Vespucio, visto naõ haver, como fica notado, desde o Cabral em 1500 até 1503 outra Esquadra, mais que a deste Capitaõ, que fosse ao Brasil. E esta he a melhor, e mais accommodada passagem, que podemos achar do Reyno para o Brasil a estes seus primeiros Missionarios Portuguezes. Dos segundos Italianos, ou Hespanhoes, ja dissemos tambem o como, e com quem passaraõ, segue-se agora os terceiros. Dos apontamentos do Archivo desta Provincia, de que tirámos a noticia de haverem ido a S. Vicente estes Missionarios, como neste mesmo Capitulo fica no-

tado, e do fim que alli tiveraõ, consta tambem, foraõ em companhia do primeiro Donatario Martim Affonso de Sousa, quando foy fundar esta Capitania, e nem antes o podiaõ fazer; porque he certo, que os primeiros Portuguezes, que alli aportaraõ, foraõ os que conduzio comsigo este Capitaõ; e por isso assentamos aportaraõ em S. Vicente os taes Religiosos no anno de 1525, que foy o mesmo, em que lá chegou o seu Donatario, e com isto temos satisfeito, no melhor modo que pode o nosso discurso, as duvidas, que no principio deste mesmo Capitulo ficaõ apontadas.

CAPITULO VII.

*Como aportaraõ na Bahia Religiosos do Serafico Instituto, e do que ali obraraõ. **

25. Mui cuidadoza he a Divina Providencia na repartiçaõ dos seus beneficios. Ja para as Capitanias de Porto Seguro, e S. Vicente havia mandado Mensageiros do Evangelho, nas monçoens passadas, e nesta agora destinou tambem outros para o districto, e Bahia de todos os Santos. Foraõ estes o P. Fr. Diogo de Borba, que hia por Prelado da nova Custodia de S. Thomé da India Oriental, com outros companheiros mais, na conducta de Martim Affonso de Sousa, mandado nesta mesma occasiaõ pelo Rey D. Joaõ III, por Capitaõ Mór do mar da India no anno de 1534, e tomaraõ por arribada o porto da Bahia, e o que pareceo contrariedade do tempo foy disposiçaõ do Ceo, que quiz trazer com estes Religiosos aos seus Moradores hum muy grande, e necessario bem; porque no tempo, que alli assistiraõ, cuidaraõ em todo elle no augmento da Fé, cathequizando ao

* Quintos Missionarios.

Gentio da terra, ja mais humanos, e domaveis com as persuasoens, e exemplos de Diogo Alvares Caramurû, e sua consorte a devota Catharina Alvares, bautizando a muitos delles, entre os quaes receberaõ este primeiro Sacramento de suas mãos muitos filhos, e filhas, assim nuturaes, como legitimes, que de sua propria mulher, e de diversas Indias, filhas dos Principaes da terra, tinha o sobredito Viannez Diogo Alvares. Aqui foraõ tambem os mesmos Religiosos, os que receberaõ como Parochos os primeiros noivos, e contrahentes, que, conforme a Igreja Romana Catholica, celebraraõ na Bahia o Sacramento do Matrimonio, e foraõ Affonso Rodrigues, natural de Obidos, homem nobre, como fica dito e Paulo Dias Adorno, este com Filippa Alvares, e aquelle com Magdalena Alvares, filhas naturaes de Diogo Alvares Caramurû aos quaes receberaõ aquelles Religiosos na Igreja de nossa Senhora da Graça, Templo, que havia edificado a esta Senhora o mesmo Caramurû, e pelo milagre, que fica dito, e a primeira Igreja, que houve em Villa Velha, que naquelle tempo era só pequena Povoação, ou Aldêa, em que habitava o celebrado Caramurû, com a sua familia, e alguns poucos Portuguezes, que alli haviaõ ido parar, de outras partes. Naõ nos declaraõ os que daõ estas noticias o tempo, que aqui se detiveraõ os taes Religiosos, mas, que continuando a sua viagem para a India, quando foy tempo, deixaraõ a todos aquelles habitadores muy saudozos com a sua ausencia, edificados com o seu exemplo, e sentidos com a sua falta; pois lhes naõ ficavaõ na terra outros Medicos espirituaes, a quem pudessem recorrer em as precisas necessidades de suas almas.

26. Como em alguns Authores se acha, que o Santo P. Francisco Xavier fora para a India em companhia de Martin Affonso de Sousa, e eu ja li em hum Roteyro

destas Costas do Brasil, do qual me não occorre quem era o seu Author, e este escreve, fallando da arribada deste Capitaõ á Bahia, que os Padres da Companhia, que levava comsigo, bautizaraõ, e cazaraõ os sobreditos filhos, e filhas de Diogo Alvares Caramurú, julguey ser preciso tirar a duvida, ou erro deste Author, e advertir aos mais, que o lerem tambem, que Martim Affonso de Sousa navegou para a India duas vezes; a primeira por Capitaõ Mór daquelles mares no referido anno de 1534, e levava entaõ aos Religiosos Menores, de quem fallamos, e arribou á Bahia, como fica dito; a segunda vez, que foy á India, hia por Vice-Rey daquelle Estado, e esta viagem a fez no anno de 1541, e nesta occasiaõ, he que levava aos Padres Jesuitas, e a sua arribada que tambem a fez nesta viagem, não foi á Bahia, mas sim a Moçambique, como se póde vêr huma, e outra, nos que escrevem as historias da India, e os grandes feitos deste Capitaõ, e Vice-Rey daquelle Conquista. Tambem se faz preciso advertir aqui aos Leitores, que o erro do Roteyro referido acima, em que diz que os Religiosos, que levava comsigo Martim Affonso de Sousa, quando arribou á Bahia, eraõ da Sagrada Companhia, nasceo todo da equivocação, ou corrente, ou advertida, com que fallando destes a sua Chronica diz assim; * *Trazia comsigo Religiosos, os quaes entre as cousas do serviço de Deos, que aqui fizeraõ, foy bautizar na mesma Igreja os filhos, e filhas destes dous devotos da Senhora.* E quem lêr esta passagem facilmente póde entender, que estes Religiosos eraõ seus, o que o Author devia evitar acrescentando á palavra *Religiosos*, a de *Menores*, ou *Franciscanos*; por não deixar equivocada aos Leitores a sua intelligencia.

* Vasconcel lib. 1. fol. 41 n. 41.

CAPITULO VIII.

Vão a S. Vicente outros Missionarios Franciscanos. *

27. De algumas Nãos de Hespanha, que no anno de 1538 navegavaõ para o Rio da Prata, e naufragaraõ nas Costas do Brasil, livres do seu estrago com as pessoas, foraõ aportar no Rio dos Patos, que corre pelo districto da Capitania de S. Vicente, e entra no mar em altura de 28 grãos, o P. Fr. Bernardo de Armesta, com quatro companheiros mais, todos Hespanhoes, e da Serafica Familia, ainda que naõ consta de que Provincia eraõ. Alli acharaõ tres Castelhanos, que por outros semelhantes acontecimentos do mar haviaõ ido ter á mesma paragem. Sabiaõ estes ja muito bem a lingua da terra, porque habitavaõ com os naturaes della haviaõ ja tres annos. A estes tomaraõ por companheiros, guias, e linguas, e dando principio á sua prégacaõ, com muito fructo, e aproveitamente do Gentio, que eraõ de Naçaõ Carijós, gente muy mansa, e a mais domavel de toda a do Brasil, convertendo e bautizando a muitos, por toda aquella Capitania até o Pyraguai, e Rio da Prata, para onde faziaõ de Hespanha a sua viagem. Estes saõ aquellos Padres Missionarios, de quem diz a Chronica da Companhia, ** fallando dos seus Religiosos, que no anno de 1549, em que chegaraõ á Bahia, mandaraõ logo a S. Vicente: *Foraõ, diz, especialmente acudir aos Indios, sendo muitos destes Christãos, bautizados por Religiosos do Patriarcha S. Francisco, Castelhanos, que por successos de viagem tinhaõ estado com elles na paragem. que chamaõ dos Patos. O mesmo repete outra vez: E em especial os Christãos (Indios) que tinhaõ doutrinado, e bautizado os Religiosos de S. Francisco, Castelhanos.*

* Sextos Missionarios.

** Vasconcel. lib. I. n. 58.

CAPITULO IX.

*Vay a Olinda de Pernambuco um Religioso Menor, e do que alli obrou. **

28. Em a Villa de Olinda, ou Murim de Pernambuco, assistio muitos annos hum Religioso Menor, de quem nos não deixaraõ noticias individuaes os daquelles tempos, nem de que Provincia era, nem como alli veyo ter; mas só que fora o instituidor de huma Capellinha de S. Roque no Lugar em que hoje está fundado o Mosteiro do Patriarcha S. Bento, e que nella dera principio a huma Irmandade de Terceiros da Ordem da Penitencia, que foy a primeira, que houve no Brasil, donde muitos daquelles moradores vestiraõ o seu habito, faziaõ os exercicios, e mais obrigaçoens desta Veneravel Ordem, a qual por auzencia sua ficara administrando o Vigario de S. Pedro Martyr, por estar no districto desta Parochia a tal Capellinha, que pela sua muita antiguidade mostrava ter a fundaçãõ logo nos principios, ou pouco depois, que foy povoada a Villa de Olinda, sendo este Religioso tambem dos primeiros, que alli foraõ, ou logo em companhia do seu Donatario, ou alguns annos depois.

29. Estes saõ todos os Religiosos Menores, de que temos noticia passaraõ ao Brasil no dilatado curso de cincoenta annos, antes que a estas Conquistas viessem outros alguns Missionarios de qualquer Ordem, e por isso lhes damos o distinctivo de primeiros Operarios Evangelicos ao seu Gentio, e só segundos, se dermos credito á constante tradiçãõ dos mesmos Naturaes, que de huns a outros, como de escritura, de que só uzavaõ, se foy transferindo, que o primeiro fora o Sagrado Apostolo S. Thomé, do qual consta nas historias, e se achaõ em varias partes da America muitos sinaes da sua vinda a este novo mundo, e deixados os que ja se achaõ

* Settimos Missionarios.

escritos, assim da parte que occupão os Hespanhoes, como da que habitão os Portuguezes de Cruzes, fontes, pégadas, ou rastos de pés humanos, impressos em pedras, e attribuidos, ou venerados com o nome deste Santo Apostolo das Indias, diremos aqui o que tambem vimos, e notamos.

30. No lugar que chamaõ de Gorjahú de Bayxo, pelo Rio, que o rega, e he fazenda de Engenho de fazer açucar, districto da Freguesia de Santo Amaro de Jaboatão, sette legoas distante do Reciffe de Pernambuco para o Sertão, em humas espaçozas lages de pedra á sua margem, e sobre as quaes corre por largo espaço, e he passagem commúa dos seus moradores, quando de Veraõ leva menos corrente, está gravada uma estampa de pé humano, e he o esquerdo, e taõ admiravelmente impresso, que á maneira de signete em liquida cera, entrando com violencia pela pedra, fez avultar para fóra as fimbrias da pégada, arregoar a pedra, e dividir os dedos, ficando todo o circuito do pé a modo que se levanta mais alto, que a mesma pedra sobre que está impressa a pégada, que representa ser, como de menino de cinco annos, com pouca differença, que nós vimos muitas vezes em outro tempo, e ainda no estado presente o tornamos a vêr, e admirar com mayor reflexã da que pedia aquella primeira idade, e era fama do vulgo ser aquella pégada de S. Thomé, ou de hum menino, que andava em sua companhia, e seria talvez o seu Anjo da Guarda. Escrevemos o que vimos, e ouvimos.

31. Do que dos nossos até aqui fica dito se vê a razã, que temos para lhes darmos a espiritual Primazia da Conquista do Brasil. E de tal sorte, e com tanta propriedade lhes compete esta, que não recuzou escrever hum Douto, e grave Author, * que *Assim como disse Tertulliano, que com o sangue dos primitivos Marty-*

* Agiol. Lusit. t. 3. f. 449.

res fora fundada a Igreja universal, assim tambem, (acrescenta elle) se póde dizer, que com o sangue dos Franciscanos foy fundada a Igreja particular do Estado do Brasil. E não só no Brasil, mas tambem nas outras Conquistas dos Reys Portuguezes, foraõ os Religiosos Menores sempre os primeiros; porque passando desta para a da India o P. Fr. Henrique de Coimbra, com os mais, de quem ja fallamos, foraõ tambem os primeiros, que accenderaõ a tocha da Fé, e semearaõ o graõ do Evangelho nas terras do Oriente, discorrendo pelo seu vasto Imperio, e rubricando-o alguns delles com a tinta do seu sangue. No Archipelago de Malaca foraõ tambem os Frades Menores as primeiras trombetas da Prêgação, como tambem nas Ilhas de Macaça, Molucas, e em outras muitas o fizeraõ, favorecidos do Capitaõ sempre grande Affonso Galvaõ, o qual fez muy esclarecidas as suas victorias, não só com a fortaleza do seu braço, mas, com o ardor do zelo Catholico, com que conduzia comsigo os nossos Religiosos, para converterem ao gremio da Igreja aos que elle rendia ao Imperio dos Monarchas Portuguezes, como o fizeraõ a innumeraveis almas. E se em alguma parte, como no Japaõ, foraõ os segundos na cultura da vinha do Senhor, não consentio o seu Apostolico zelo, que se não fizessem primeiros em derramar o sangue, e sacrificar as vidas, onde o P. Fr. Pedro Bautista, com cinco Religiosos mais, e vinte e dous Irmãos Terceiros, foraõ os primeiros Martyres, e ja declarados pela Santa Igreja, naquelle dilatado Imperio, secundo Jardim de outros muitos encarnados lyrios, que foraõ brotando depois daquelles. Esta primazia a mostraraõ tambem os Religiosos Menores nas Indias Occidentaes, e da outra parte desta America, aonde o Padre Fr. Joaõ de Marchena, Portuguez de Naçaõ, e filho da Santa Provincia da Andaluzia em Castella, indo em companhia de Christovaõ Colon, com outros Religi-

osos mais, foraõ os primeiros, que naquellas grandes partes deste novo Mundo accenderaõ a luz do Evangelho contra as trevas do Gentilismo.

CAPITULO X.

Vai ter á Capitania do Espirito Santo o Servo de Deos Fr. Pedro de Palacios, sua vida penitente, e exemplar no Monte da Penha.

32. Até agora mostramos nos Capitulos passados os Religiosos Menores, que a estas Conquistas do Brasil chegaraõ, * antes que a ellas viessem Missionarios de outras Ordens, por espaço de cincoenta annos; nos seguintes daremos noticia dos que se foraõ continuando por tempo de trinta e seis mais, desde o de 1549, em que no Brasil aportaraõ os primeiros Missionarios Jesuitas, até o de 1585, em que os nossos fundaraõ em Olinda o seu primeiro Convento. E assim como o Senhor da vinha universal desde o principio da sua Igreja dispôs sempre, que os Operarios para a sua cultura, naõ entrassem a ella todos juntos, mas huns apõs dos outros, cada hum ás suas determinadas horas, huns logo de manhã, outros a hora da Tercia, e assim os mais, como lhes prescreve a Ordem o primeiro Evangelista **; esta mesma guardou nesta sua, certamente muito escolhida vinha, ou Conquista do Brasil. A' hora de Prima, e taõ, *primo mane*, como ao romper do dia, e na mesma hora, em que descobrio a luz do Ceo a terra do Brasil, lhe mandou logo Deos os primeiros trabalhadores a esta vinha, o Padre Fr. Henrique de Coimbra, e seus companheiros, como fica outras vezes repetido, no anno de 1500; e assim se foraõ continuando outros mais da mesma profissaõ, por este espaçoso terreno, no dilatado espaço de quarenta e nove para cincoenta an-

* 1538.

** Mat, 20, v. 1, et seq.

nos, ou até a hora da Tercia, que he as nove do dia, em que quiz mandar para ella a segunda Ordem de Operarios, os RR. PP. Jesuitas, no anno de 1549, e nem porque viessem estes algum tempo mais tarde, trabalharaõ menos, antes como emulos dos que bem trabalharaõ, ou como invejosos dos que sabem lucrar mais almas para o Ceo, tanto trabalharaõ, como os primeiros; por que sem duvida, a estas duas Familias Jesuita, e Franciscana, e aos seus officiosos Operarios, deve a vinha do Brasil o seu espirital cultivo, augmento, e estabilidade, pois o fizeraõ naquelles primitivos tempos, quando nellas só haviaõ espinhos, e abrolhos, perigos, e difficuldades. Muito depois destes, e como a hora de Sexta, que he do meio dia para a huma, chegaraõ os Religiosos Carmelitas Observantes no anno de 1580, e mais tarde ainda, como a hora de Nôa, que he de huma para as tres da tarde, os do Grande Patriarcha S. Bento no de 1581, e por isso ja a tempo de menos trabalho, tanto pelo seu grave Instituto, como por estar ja o terreno quasi preparado. E ainda muito mais tarde; porque como á undecima hora, que he quasi ao concluir do dia, os RR. PP. de S. Philippe Neri, que como ultimos, ja acharaõ o trabalho vencido, e a vinha preparada, e só disposta para colher o fructo, igual, ou superabundante, aos mais Trabalhadores.

33. Em o numero dos nossos, com os quaes começamos agora, depois que ao Brasil chegaraõ os PP. Jesuitas, tem o primeiro lugar hum Religioso Menor, por nome Fr. Pedro de Palacios, ou do Rio Secco, por ser natural de Medina do Rio Secco, junto a Salamanca. Dos titulos da sua ascendencia, naõ achamos outro mais authentico, que o do seu appellido de *Palacios*, por trazer do nobre Solar desta familia a sua origem, e por ella Hespanhol por nascimento, e no estado de Religioso Leygo por profissaõ. Esta havia feito na Provincia de S. Jozé de Reformados em Castella, de donde se

passou para a da Arrabida em Portugal, que naquelle tempo começava a florecer com assombro dos humanos discursos, e inveja de espiritos Seraficos. Era hum destes o de Fr. Pedro de Palacios, e tanto o arrebatou o solitario daquella Serra, muy accommodada ao elevado dos seus vôos, que para ella quiz mudar a sua habitação. Nesta se incorporou, sendo ja de idade provecta, á instancia da Rainha D. Catharina, e a rogos do Doutor Paulo de Palacios, seu Prégador, e Esmoler, parente muy chegado de Fr. Pedro, e bem poderia ser que fossem Irmaõs, como o está persuadindo a confrontação dos nomes de Pedro, e Paulo, e identidade dos cognomes de Palacios. Passado ja para a Arrabida, e tendo servido no Hospital Real de Lisboa de Enfermeiro alguns annos, assistindo aos doentes com grande amor, e charidade, havida licença do Padre Custodio da Arrabida, Fr. Damiaõ da Torre, passou ao Brasil. Em huns Autos, que no anno de 1640 mandou o Custodio Fr. Mancel de Santa Maria trasladar dos que em publica fórma foraõ tirados em o anno de 1616, á instancia do Custodio Fr. Vicente do Salvador, e se guardaõ no Archivo do Convento da Victoria, Capitania do Espirito Santo, temos hum Certidaõ jurada do Irmaõ Fr. Simaõ da Apresentaçãõ, na qual attesta tivera em seu poder hum Cartapacio, que fora do uzo de Fr. Pedro de Palacios, no qual entre outros assentos da sua letra, se achava hum, que dizia ser filho da Provincia de S. Jozé, e incorporado na da Arrabida.

34. Como o espirito deste Servo de Deos era taõ arrebatado, querendo sempre subir de mais a mais, deo outro vôo, e foy elle taõ prolongado, que, da Serra da Arrabida em Portugal, passou á Penha do Espirito Santo no Brasil. Era nos principios, em que se dava calor ás Conquistas destas partes do novo Mundo, e assim como a fama, ou fome das suas riquezas arrastava a muitos, dos que as servem, a passar a ellas, o zelo da salvaçãõ

das almas dos seus Naturaes movia aos Servos do Senhor ao mesmo transito. Aquelles a esquadrihar as entranhas da terra, para lhe arrancarem o ouro, a prata, e outros temporaes haveres: estes a abalar corações frios, para lhes introduzirem o fogo da charidade, e amor de Deos: áquelles incitava-os o interesse proprio: a estes o bem alheyo. Este trazia agora, como a outros, a Fr. Pedro de Palacios. Da sua passagem do Reyno para o Brasil só achamos escrito fora no anno de 1558, e que sendo o Navio, que o transportava, accommettido na viagem de huma rija, e furiosa tormenta, nos ultimos apertos, recorrendo os navegantes a Fr. Pedro, pelo bom conceito, que ja haviaõ formado da sua virtude, e tomando-lhe o manto o lançaraõ ao mar, e foy o mesmo estender-se sobre as agoas, que abaixarem logo a soberba das suas empoladas ondas: auzentarem-se os ventos, que as moviaõ contrarios, e soprando outros mais favoraveis, tomaraõ porto com feliz viagem no de Villa Velha, Capitania do Espirito Santo. Com os mais desembarcou tambem Fr. Pedro de Palacios, e cada hum cuidou de si, sem darem acordo do Servo de Deos. Era o Lugar de poucos vizinhos, e procurando depois os companheiros por todo elle a Fr. Pedro, nem o achavaõ, e nem quem delle desse noticia; e como o seu bom trato, e suave conversaçãõ, com o exemplar da vida, lhes tivesse ja no coraçãõ grangeado affectos, e na vontade dezejos de o vêr, entraraõ em mayor cuidado pela sua falta. Esta se divulgou logo pelos moradores da Villa, e hums, e outros se deraõ á pressa de o buscar; e depois de feitas de balde algumas diligencias, lhes veyo ao pensamento ao terceiro dia, ja temerosos de algum accazo, de subirem a hum alto Morro, e Serrania de Penedos, que alli ao pé da Villa se levanta sobre hum empinado Monte, e no mais alto delle, como simplez Pomba, que, para se segurar do caçador, vay fazer o ninho nas aberturas da pedra, chamada pela voz do seu destino, acha-

raõ a Fr. Pedro em huma das daquella Penha muy desencançado, qual alma solitaria, a quem o Divino Esposo chama com voz interior para nas concavidades da Penha fazer a sua perpetua morada. Saudaraõ-no admirados, perguntando-lhe todos: O que he isto Padre Fr. Pedro? E elle os recebeo alegre, dizendo-lhes: Ja amigos achey o que buscava. E, ou fosse com elles para a Villa, naquella occasiaõ, ou se deixasse alli ficar, este inculto, e solitario Monte escolheo Fr. Pedro para a sua habitaçaõ.

35. Começa esta admirada Montanha a levantar-se moderadamente em pouca distancia junto ao Caes da primeira Villa do Espirito Santo, chamada ja naquelle tempo Villa Velha, pela nova, que depois se levantou na Ilha, e se chama da Victoria, pela causa, que ja fica referida em seu lugar, e depois de ir crescendo, e estendendo-se para o alto por huma ladeira de bastante distancia, no collo desta se levanta o que chamaõ Penha, ou Morro, que forma hum como pavilhaõ, ou coruchéo daquella Montanha. Neste collo, ou fim da ladeira, e principio da Penha, em huma gruta, que alli se formava, deo ordem Fr. Pedro a lavrar huma Capellinha com o titulo do Serafico Patriarcha S. Francisco, com seu altar, e neste, com a Imagem do Santo, collocou tambem huma muy devota da Senhora da Pena. Este foy o titulo, com que primeiramente foy venerada nesta Capellinha do Santo Padre a Imagem da Senhora, e este logrou em vida do seu instituidor, e ja collocada na outra hermidã, que depois desta levantou no mais alto do Morro, ou Penha, e este mesmo de Senhora da Pena conservou muitos annos, ainda depois da morte do seu Devoto Servo Fr. Pedro. Porque nos autos authenticos, de que ja fallamos, das testemunhas, que juraraõ nelles, e tirados no anno de 1616 á instancia do Custodio Fr. Vicente do Salvador, e á ordem do Administrador o R. Mattheus da Costa Aborim, e pelo Vigario

Gonsalo Vás Pinto, este mesmo titulo da Pena se dá nelles á Imagem da Senhora, tanto pelo Tabelliaõ, que os approvou, como pelas testemunhas, que nelles juraraõ. Com este mesmo titulo de Pena era venerada a Imagem da Senhora, quando no anno de 1589 foraõ os nossos Religiosos tomar posse da Capellinha por ordem do Administrador o R. Bartholomeu Simoens Pereira, achando-se elles alli ja neste anno para a fundação do Convento da Villa da Victoria. E porque não ficasse duvida, não só que este foy o titulo, que teve a Senhora alli naquella sua Imagem desde o principio; mas tambem que esta Pena, que inculca o titulo, não he a com que se escreve, como querem dar a entender os que nas mãos da Imagem da Senhora põem por timbre, ou divisa huma penna; mas que era Pena, que significa dor, angustia, e tormento, como o que espiritualmente sentio a Senhora em sua alma; por isso o P. Custodio Fr. Manoel de Santa Maria, que no anno de 1640 trasladou de sua mão, e propria letra, aquelle Instrumento, em toda a sua escritura, e nas vezes, que falla em o nome Pena, como titulo da Senhora, sendo em Portuguez, sempre o escreve com o dithongo de æ, Latino, para tirar a equivocação, que de huma, e outra Pena se poderia originar. Este mesmo titulo, finalmente, conservava ainda a Imagem da Senhora no anno de 1650, como consta do Cartorio desta Provincia no titulo da fundação do seu Conventinho, que neste mesmo anno teve principio com o de Senhora da Pena, que o tempo, que tudo muda, com pouca corrupçaõ, e muita propriedade, pela do lugar, em que está, transferio de Pena para Penha, como hoje he conhecido.

36. Concluida com brevidade a Capellinha do Serafico Patriarcha, tanto pela pequenez da sua fabrica, como pela concurrencia dos devotos do Servo de Deos, entrou na diligencia de fabricar outra para a Senhora da Pena, no cume da Serra, e sobre aquella altissima Ro-

cha, ou Penedo, que serve de coroa áquelle Monte. Tudo conseguiu com ajuda dos devotos, e especialmente de Melchior de Azevedo, homem rico, e muito particular affecto de Fr. Pedro. Nem podia deixar de ter nesta obra muitos coadjutores; porque o Servo de Deos era o primeiro, que, pegando nas pedras, ás suas costas as conduzia por aquelle aspero, e alto monte, em quanto durou a obra, que completa, collocou nella a Imagem da Senhora, com singular jubilo da sua alma, e grande consolação de todo o povo. Assim o depõem todas as testemunhas do seu processo, humas, que o viraõ, outras, que o ajudaraõ. Hum destes foy André Gomes, que sendo moço acompanhava o Servo do Senhor, quando fazia pelas ruas da Villa a sua doutrina, e depõem que seus dous Irmãos, Amador Gomes, e Braz Pires, ajudaraõ a Fr. Pedro a fazer a obra da Capellinha da Senhora da Pena; e assim attestaõ as mais, que nos ditos autos juraraõ, e concordaõ todas sem discrepar, que o Servo de Deos Fr. Pedro de Palacios fora o fundador das duas Capellinhas primeiras daquelle monte, a de S. Francisco no collo da ladeira, e a de N. Senhora da Pena sobre a Penha alta, que nelle descança. E assim fica tirado tambem o engano de alguns, que cuidaraõ, e ainda escreveraõ, que quando alli chegou Fr. Pedro, ja havia aquella Capellinha, da qual pelo zelo do Servo de Deos lhe fizera a entrega della o seu fundador, ou os que por este a administravaõ.

37. Todo o referido se confirma por indubitavel pela Escritura da doação, que da dita Capellinha da Pena, ou Penha, fez D. Luiza Grinalda Viuva de Vasco Fernandes Coutinho, segundo Donatario da Capitania do Espirito Santo, a qual Senhora, como sna Governadora, e Proprietaria, com a Camera, e Povo da Villa fez a tal doação aos nossos Religiosos, quando chamados pelo mesmo Povo, e Senhorio, chegaraõ á Villa da Victoria para fundarem Convento alli; passada esta Escritura em

publica fórma a seis de Dezembro de mil quinhentos noventa e hum, na qual se expressa, se dava aos Religiosos Menores a administração da Capellinha de N. Senhora da Pena. *Por respeito*, (saõ palavras formaes da propria Escritura) *de a haver fundado hum Religioso de sua Ordem chamado Fr. Pedro, que alli viveo com licença de seus Prelados muitos annos, com muito exemplo de vida, e edificação do Povo, e ahí acabou virtuosa, e santamente, e foy sepultado em huma Hermida. e Capella, que a esse tempo tinha feito.* Tirada parece fica toda a duvida de quem foy o fundador desta Capellinha da Senhora da Penha do Espirito Santo.

CAPITULO XI.

Dos exercicios espirituaes do Servo de Deos Fr. Pedro de Palacios no Monte da Senhora da Penha.

38. He a solidão o suave descanso das almas devotas, a melhor officina dos seus espirituaes aproveitamentos, e a forja ardente, em que mais se apuraõ no amor Divino. É porque este, para ser perfeito, assim como se deve exercer com Deos, se ha de juntamente exercitar com o proximo; porque nestes dous eixos, ou bazes, se funda toda a ley, e preccitos do mesmo Senhor, este foy tambem o termo do seu Servo Fr. Pedro de Palacios. Dos exercicios espirituaes, e particulares deste bom Religioso na solidão, e retiro daquelle Monte, não temos individual noticia, mas, se havemos estar por aquelle aphorismo certo de que os sentimentos da alma se explicaõ, ou daõ a conhecer pelos sentidos corporaes, ou exteriores, e o que tem o coração manifesta a boca; do que prégava, e persuadia Fr. Pedro áquelle Povo, e do mortificado, e penitente do seu corpo, bem se deixa vêr, que os seus exercicios continuos eraõ oração, jejuns, disciplinas, e mortificaçoens, não só porque

isso inculcava o exterior da pessoa; mas, porque este era o repetido thema das suas practicas, e doutrinas.

39. Todos os Domingos, dias Santos, e festas mayores da Igreja, sahia do retiro da sua Penha, e indo ter á Residencia dos Padres Jesuitas na Villa da Victoria, alli se confessava com o Padre Braz Lourenço, primeiro que achou, e com os mais, que se lhe foraõ seguindo, com actos de verdadeiro penitente, commungava com affectos de consummado justo, ouvia Missa com devoçaõ, e dahi se retirava para o seu domicilio. Nestes mesmos pela tarde, e nos mais, por muitas vezes, o seu exercicio era prégar ao Povo pelas ruas, doutrinar os meninos nos Mystérios da Fé, e persuadir a todos a que jejuassem, se confessassem, e fizessem penitencia de suas culpas, para alcançarem de Deos o perdaõ dellas, e este era o thema commum, e assumpto geral de toda a sua doutrina, e practicas, assim publicas, como particulares. Para ellas se vestia de sobrepelliz, com huma Cruz nas mãos, e acompanhado dos meninos do Lugar, e da Villa, assim Velha, como da Victoria, corria todas as suas ruas, com hum taõ entranhavel, como conhecido zelo do bem das almas. Outras vezes, quando pedia a necessidade, sahia a pedir esmóla, e tendo aquella que julgava precisa para os dias, em que se havia occupar em outros exercicios, e não podia tornar á Villa, ou para acudir com ellas a necessidade de outros pobres, não acceitava mais nada, ainda que para isso fosse importunado. Quando sahia do seu Monte para a Villa, desembarcando no porto della, o primeiro caminho, que seguia, era o da Igreja Matriz, a adorar o Santissimo Sacramento, o que fazia com a boca em terra, por grande espaço, e huma dilatada, e devota oraçaõ, a qual acabada hia direito á caza do Parocho, e posto de joelhos lhe beijava a mão, tomava a bençaõ, e pedia licença para continuar com o seu exercicio, ou de pedir esmóla ou fazer a sua doutrina. Se lhe era preciso pernoitar

na Villa, o fazia em caza de algum devoto, e mais continuamente na do Capitaõ Melchior de Azevedo, muito seu particular, e affectuoso, e a quem o Servo de Deos amava muito. Este devoto homem o ajudou com particular cuidado, e esmólas nas obras das suas Capellinhas, e ja quando Fr. Pedro se achou mais envelhecido, lhe deo hum negrinho, seu escravo, para assistir com elle no retiro do Monte. Para passar a noite lhe mandava o seu devoto fazer cama, como a hospede, mas elle a acceitava só por obsequio seu, e naõ para descanso do corpo; porque, quando ja recolhidos todos, e feitos os seus costumados exercicios, se deitava no chaõ, pondo á cabeceira algum tronco ou pedra, ou outra qualquer dureza, que se lhe offerecia á maõ. Esta mesma era a sua cama na Hermida de S. Francisco do Monte, aonde de ordinario assistia ao pé do Altar do Santo; sobre huma taboa aspera passava os breves intervallos da noite, que lhe restavaõ da oraçaõ, e mais exercicios, com huma pedra dura por cabeceira. Por companheiros mudos, mas fieis da sua solidaõ, conservou por todo o tempo, que alli viveo, hum gato, e hum cachorrinho, e quando sahia aos seus exercicios de esmóla, ou doutrina, tantos dias determinava estar auzente, quantos montinhos de farinha lhes deixava alli, e fallando com elles, lhes dizia, apontando-lhes os montinhos da farinha: irmaõ Gato, (assim o tratava, e mais ao companheiro) eu hei de estar tantos dias fóra, aqui ficaõ estas raçoens para vós-outros ambos; huma para cada dia e esta ultima a haveis de comer depois que eu aqui chegar; e assim o faziaõ: e assim o depòs a testemunha André Gomes, que sendo Rapaz, acompanhava ao Servo de Deos nas sahidias, que fazia á doutrina das Missoens, e Aldêas, dizendo, que vindo muitas vezes de fóra com elle, completos os dias, achavaõ ainda a ultima raçaõ, e na mesma fórma, em que ficara, a qual, com a sua che-

gada, chegando-se tambem a ella os dous companheiros, entaõ a comiaõ.

40. Estas viagens do Servo de Deos, em as quaes se detinha aquelles dias, eraõ commumente para as Aldêas dos Gentios, que habitavaõ por aquelles arredores das Villas do Espirito Santo, que depois de tantas, e taõ continuadas guerras, e destroços, como ficaõ referidos alguns, na sua fundaçãõ, viviaõ ja em paz por este tempo com os Portuguezes, mas ainda naõ aggregados ao gremio da Igreja, e a estes se terminavaõ as visitas do Servo de Deos Fr. Pedro. Alli se detinha entre elles alguns dias, cathequizando a huns, bautizando a outros, em especial aos meninos, e crianças, e fazendo em todos admiraveis fructos de conversaõ ; e este era hum dos maiores empregos do seu abrazado, e Apostolico zelo. Elle foy o primeiro Prégador, e Anunciador do Santo Evangelho, que tiveraõ os Gentios desta Capitania, na qual elle só por muitos annos foy o maior instrumento da conversaõ de muitos, naõ só para a Igreja, tambem para a mais fixa, e verdadeira amizade com os Portuguezes ; porque, supposto que ja quando no anno de 1558, chegou ao Espirito Santo Fr. Pedro, tinhaõ nesta Villa huma Residencia os PP. Jesuitas desde o anno de 1551, e nella Religiosos de assistencia, havendo alguns sette annos, ainda naõ haviaõ até este tempo dado principio á conversaõ do Gentio. Naõ he discurso este da nossa vontade, he expressaõ de duas testemunhas, que assim o expõem com esta explicaçaõ no instrumento juridico, que ja dissemos se tirou na mesma Villa. He a primeira, Amador de Freitas, Capitaõ da Aldêa de Reretiba, e morador em Villa Velha, de idade de sessenta e nove annos :— *Disse que conhecera ao P. Fr. Pedro Religioso Leygo, da Ordem de S. Francisco, haverá cincoenta annos, nesta Capitania, o qual era tido de todos por Varaõ Santo, e de muito exemplar vida, andando pelas Aldêas desta Capitania, aonde ainda en-*

taõ naõ residiaõ Padres da Companhia, e bautizava, e doutrinava aos Indios, ensinando outro sim a doutrina Christãa pelas ruas, etc. A segunda he Nuno Rodrigues, morador na Villa do Espirito Santo, homem de idade de cento e dous annos, e adverte a leitura do tal instrumento, que tendo toda esta idade, estava em seu juizo perfeito, e andava ainda pelas ruas por seus pés, e bem disposto, indo todos os dias ouvir Missa, e tratando com quem lhe convinha:— *Disse, que conheceo aqui na Villa do Espirito Santo ao P. Fr. Pedro Religioso Leygo da Ordem de S. Francisco, haverá cinquenta annos, ao qual tratou particularmente, e lhe disse que era Castelhana de Naçaõ, natural de Medina do Rio Secco, perto de Salamanca, e o vio ordinariamente andar pelas ruas, ensinando a doutrina Christãa aos meninos, e a todos, e o mesmo hia fazer pelas Aldêas dos Indios, aonde ainda naõ residiaõ Religiosos da Companhia, senaõ aqui na Villa, e lá nas ditas Aldêas bautizava aos Indios, que se convertiaõ à Fé Catholica, e era muy zeloso da salvaçaõ das almas.* Este he o dito destas duas testemunhas, acazo expressado por ellas, e muito a proposito para justificar, que se Fr. Pedro naõ foy o primeiro Religioso, que chegou á Capitania do Espirito Santo, porque antes d'elle chegaraõ outros; foy o primeiro Prégador, e Annunciador do Santo Evangelho, que deo o conhecimento da Fé, e luz da verdade Catholica ao Gentio da terra; porque naõ perdessem os Filhos de Francisco esta Primazia nas Conquistas do Brasil, ainda quando naõ saõ os primeiros, que a ellas chegaõ.

41. Naõ só os Indios das Aldêas, e moradores das Villas do Espirito Santo, e Victoria, participavaõ da saudavel doutrina do Servo de Deos, tambem sahia a comunicar este espiritual pasto aos Colonos Catholicos de outros Lugares, e Povoacoens visinhas. A huma chamada o Engenho de Tocoari, visitava mais vezes, e quei-

xando-se-lhe os moradores de padecerem continuamente o achaque de febres, e sezoens, pela humidade, e intemperança do sitio, de que perigavaõ huns, e outros ficavaõ com os ruins effeitos, que este impertinente mal, a que chamaõ vulgarmente maleitas, costuma deixar, e das quaes morriaõ muitas crianças; lhes dizia Fr. Pedro, com a sua santa singeleza, e graça divina de dizer: Quereis que o mal suja do Lugar, fazei aqui huma Capellinha de S. Francisco, que ha de o Santo alcançar de Deos, e permittir o Senhor, que este inimigo não possa tornar aqui, nem vos ha de perseguir. Isto lhes dizia algumas vezes o Servo de Deos, e elles assim o vieraõ a experimentar; porque feita com brevidade a Capellinha do Santo Patriarcha, desde entaõ até o presente, nenhum mais enfermou daquelle achaque.

42. Em certa monçaõ chegou ao Porto do Espirito Santo hum Navio de Lisboa, e topando-se o Servo de Deos com Gomes de Avila, que alli morava, lhe perguntou se tivera boas novas do Reyno, (era este homem de lá natural,) e dizendo-lhe que sim, accrescentou Fr. Pedro, e que feito ha de humas vélas, que sua Mãy manda para Nossa Senhora? Ao que o homem respondeo, não sabia de tal; e Fr. Pedro lhe tornou, que sua Mãy mandára do Reyno humas vélas para a Senhora da Pena: e assim era, porque elle as entregou depois; e adverte este mesmo, como testimunha, que o não havia dito a alguém; para que com as mais graças, e dons da sua alma, mostrasse, lhe tinha Deos communicado tambem o conhecimento do passado, e ainda a previsaõ do futuro no que se segue.

CAPITULO XII.

*Do santo fim, e fama gloriosa do Servo de Deos Fr. Pedro de Palacios,
e trasladação dos seus ossos.*

43. Com estas, e outras obras admiraveis do seu espirito, com o exemplar da sua vida, e a grande charidade para com os proximos, era o Servo de Deos Fr. Pedro tido por todos que o conheciaõ, e tratavaõ, por Varão de Deos, homem santo, e como tal querido, e venerado daquelle Povo, com muito singular, e reverente estimação: e tudo isto lhe quiz confirmar o mesmo Senhor, concedendo ao seu fiel Servo o conhecimento anticipado da sua morte. Alguns dias antes, sabindo elle do retiro do monte á Villa, ao despedir-se de alguns seus devotos mais particulares, perguntando-lhe estes, quando havia tornar, lhes respondeo, que lhe parecia não tornar mais alli. E porque elles mostraraõ entender que fallava assim com intelligencia de ser chegado o tempo da sua morte; lhes tornou dizendo, que elle havia pedido a Deos, que o não matasse em quanto não fizesse a festa da Senhora da Pena; e assim aconteceu, por que fazendo-se na Segunda feira a festa da Senhora, na Quarta desceo do monte á Villa o negrinho, que com elle assistia, com a noticia de que o P. era fallecido.

44. Concorreo para o Monte em numeroza multidão o Povo da Villa, e acharaõ o seu cadaver de joelhos, encostado ao Altar da Capellinha de S. Francisco, sua commua habitação, com as mãos levantadas ao Ceo, como quem orava, e para onde podemos crer voara sua alma, e junto a elle o animalsinho gato, seu fiel companheiro: com lagrimas, e suspiros, e hum geral sentimento de todos, depois de lhe beijarem enternecidos os pés, lhe deraõ sepultura no Alpendre, ou copiarsinho da Hermida da Senhora da Pena, junto ao portal, que entra para ella, aos dous de Mayo do anno de mil quinhentos e settenta.

45. Por morte do Servo de Deos Fr. Pedro, conforme consta da Escritura ja referida da doaçã da dita Capella aos Religiosos Menores, ficaraõ com a administração della os Donatarios da terra, e para o cuidado, e culto os Irmãos da sua Confraria, sendo o principal destes hum Nicolao Affonso, homem rico, e particular devoto de Fr. Pedro, a quem sendo ainda vivo o Servo de Deos havia rogado com instancia tomasse a seu cargo a Capellinha da Senhora para a melhorar de fabrica, e accrescentar de obra; e este mesmo devoto, depois da morte de Fr. Pedro, naõ se esquecendo do que lhe havia pedido elle, fez de novo a Capellinha da Senhora na fórma em que estava, quando se entregou aos nossos Religiosos. Assim o depõem algumas das testemunhas do referido summario da sua vida. Esta refórma da Capellinha se fez no mesmo lugar da primeira, sem mudança mais que na perfeiçã da obra.

46. Passados trinta e nove annos (1609), sendo Prelado mayor desta Custodia, segunda vez, o Irmãõ Fr. Leonardo de Jesus, como zeloso de que a memoria do Servo de Deos Fr. Pedro ficasse mais viva no coração dos seus devotos, e confiado em que sem duvida o Senhor para a conservar firme nos vindouros, naõ deixaria de o mostrar com os novos prodigios na trasladaçã dos seus ossos, ordenou ao Guardiaõ do Convento da Villa da Victoria Fr. Antonio da Estrella, fosse á Hermita da Senhora da Pena, e della os trasladasse para o dito Convento. Aos dezoito de Fevereiro de mil seiscentos e nove, o Guardiaõ com alguns Religiosos mais passaraõ da Victoria para a Penha, e aberta a sepultura do Servo de Deos, della foraõ tiradas as suas Reliquias; os ossos limpos, e a calvaria com os seus miólos inteiros, e seccos, sem corrupçã alguma, hum pedaço do cordãõ, e outros do habito.

47. Huma memoria, que vimos, tirada do Archivo de Santo Antonio de Lisboa, escreve, que no cuidado

de se fechar esta sepultura se gastaraõ tres dias, diligencia sem duvida escusada ; porque a mesma diz, como assim he, que o corpo da Capellinha está todo em rocha viva ; e só no Alpendre, ao entrar da porta principal da mesma Capellinha, havia huma gruta a modo de sepultura *, que ao fazer da Capella se encheo de terra, e nesta he que foy metido o seu corpo, para elle sem duvida guardada pela Providencia desde o principio ; pois naquelle coruchéo, ou Penha superior, onde está fundada a dita Capella, por ser, como fica dito, toda em pedra viva, não havia mais terra que esta, com que se encheo aquella gruta, ou cova ; e assim era impertinencia buscá-la em outra parte. Tambem tinha pouco que esquadrinhar esta sepultura, pois era taõ patente ; e não havendo ainda quarenta annos completos da morte do Servo de Deos, e muitas pessoas vivas, que assistiraõ ao seu enterro, e a fama dos seus prodigios, que a não podiaõ ter muito oculta, sendo alli continuamente buscado para as suas necessidades, pelos de fora, e da Villa. Outro registro havia mais notorio para se não duvidar onde jazia o corpo do Servo de Deos, e era a campa, ou pedra, que sobre ella estava assentada, e com a inscripção, que logo veremos. O certo he, que na diligencia de se achar a sua sepultura, se não pôs cuidado algum. Mayor o devia haver em se executar aquelle acto com mais cautéla ; mas, ou fosse beneplacito do Senhor, para mayor credito do seu Servo, e confirmação da sua santa opiniaõ, e boa fama, ou porque se não cuidasse no seu resguardo, o concurso do Povo foy igual á sua devoção ; porque se achou o monte occupado de toda a sorte de gente sem distincão de pessoas. De todos foraõ veneradas, com lagrimas de devoção, e jubilos da alma, as defuntas Reliquias, não como despojos tristes da morte em

* Hist. Seraf., t. 4, p. 48, n. 91.

commum ; mas como insignias gloriosas da immortalidade, e bemaventurança nos justos.

48. Entre tantos alvoroços de prazer, e alegria, não deixou de haver algum dissabor, ou desconsoação espiritual naquelle Povo da Villa Velha, do Espirito Santo, que com lagrimas, e razão rogavaõ aos Religiosos, os não quizessem absolutamente privar de hum tal thesouro, do qual por tantos annos estavaõ de posse, e de que para o lograrem tinhaõ da sua parte o beneplacito de Deos, que de taõ longe trouxera á sua terra aquelle bem, o serviço, e honra da Senhora, em que elle tanto se havia esmerado em sua vida, e com assistencia do seu corpo alli seria continuado com o mesmo affecto de todos, e á vontade do Servo de Deos, que nelle quiz escolher o descanso para o seu corpo.

49. A estas arrezoadas queixas do devoto Povo, satisfez facilmente o Prelado, com o discurso, de que o primeiro intento dos Religiosos não era priva-los daquelle bem, e consolação, era sim pertenderem dar áquelles venerandos ossos mais decente jazigo, e tê-los em sua companhia, não só como a despojos communs de Irmaõ, mas para a decencia, e culto devido aos merecimentos do Servo do Senhor, o que tudo se conseguia melhor no Convento da Villa da Victoria, onde, como era mayor, e mais frequente o concurso do Povo, tambem seria mais publica, e continua a veneração das suas Reliquias, das quaes deixaria alli tambem algumas, para desaffogo, e objecto da sua piedade, do que não consta, se assim como se prometteo fôra executado. Com isto se deraõ por satisfeitos, e com novos alvoroços de devoção se fez aquelle acto de transferir os ossos do Servo de Deos do Monte da Penha para o Convento da Victoria, sendo levados em procissão solemne aos hombros dos principaes do Povo, com hum numeroso concurso de ambas as Villas, entre muitas luzes, e canticos sagrados, e recolhidos em hum Tumulo de pedra

lavrada na Capella do Serafico Doutor S. Boaventura, deixando para memoria de que a sepultura da Penha fora jazigo primeiro do corpo de Fr. Pedro de Palacios, sobre ella a mesma campa de pedra, que antes tinha, e que ja apontamos com a seguinte inscripção :

Sepultura do Santo Fr. Pedro Palacios, natural do Rio Secco em Castella, fundador desta Hermida, que assim na vida, como depois da morte, floreceo com milagres. Falleceo na Era de 1570.

50. Assim como não quiz o Senhor que a trasladação dos ossos do seu Servo se fizesse com o silencio, que se devia ; assim permittio que ao tóque delles se renovasse na terra a fama dos merecimentos, que lograva no Ceo. Achava-se gravemente enfermo de febres continuas o Irmaõ Chorista Fr. Joaõ dos Anjos, em o mesmo Convento da Villa da Victoria, e tendo tomado alguns remedios sem effeito, lhe aggravavaõ mais o achaque ; e indo naquelle mesmo dia o Guardiaõ aonde estava o enfermo, e levando hum dos ossos do Servo de Deos, lhe lançou ao pescoço, advertindo-lhe, que se encomendasse com fé viva a Deos na protecção do seu Servo, e que esperasse ter melhora, a qual o enfermo logo conseguiu. Com a fama deste prodigio concorreraõ logo outros varios, a pedir Reliquias dos ossos, que sendo-lhes dadas, sararaõ todos. Na mesma occasiaõ Duarte de Albuquerque de huma enfermidade grave, que se não explica no processo : e nos dias seguintes, Joaõ Gonçalves, a mulher de Lourenço Affonso, e huma menina sua, e Gomes Fernandes, todos estes, e outros mais, por depoimentos seus proprios, e de varias testemunhas, sendo huma destas Fr. Joaõ da Assumpção, que depõem o milagre do Religioso enfermo, sendo elle nesta occasiaõ o Presidente do Convento da Victoria, e presenciou o cazo. Todos estes e outros similhantes cons-

taõ por depoimento das testemunhas referidas no allegado Instrumento, sendo tres destes o mesmo Lourenço Affonso, Gomes Fernandes, e Fr. Joaõ da Assumpçaõ, o qual, além da milagroza saude do Religioso enfermo no Convento da Victoria, depõem que achando-se depois assistente no do Rio de Janeiro, indo em hum dia visitar a Gaspar da Cunha, que se achava enfermo gravemente de febres na Cidade, em caza de Balthazar de Serás, e pedindo o enfermo ao dito Padre algumas Reliquias do Servo de Deos Fr. Pedro, que ouvia dizer obrava com ellas muitos prodigios, e lançando-lhe huma ao pescoço, que era dos seus ossos, em continente ficou livre o enfermo daquelle mal. De outros semelhantes dizem as mesmas testemunhas ouviraõ fallar obravaõ os ossos do Servo de Deos, sarando com applicaçã delles muitas pessoas de varias enfermidades, e especialmente de febres, e sezoens, de que o Servo do Senhor, naquella Capitania, he particular advogado, tomando dos seus ossos algumas Reliquias desfeitas em agua, ou trazendo-as ao pescoço. Com estes prodigios, e maravilhas, quiz confirmar o Senhor os merecimentos do seu Servo, pelos quaes não só nos certificamos da bemaventurança da sua alma no Ceo, mas tambem a de o podermos venerar na terra entre os Varoens Santos, como a hum delles; porque he certo que os milagres e prodigios nos Servos de Deos, se a não fazem, mostraõ nelles a sua santidade. A esta podemos por concluzaõ ajuntar o grande testemunho de outro Servo do mesmo Senhor, o seu grande Operario nesta mesma vinha do Brasil, o Veneravel Padre Jozé de Anchieta, da Sagrada Companhia de Jesus, que em huma carta sua escrita no anno de 1572, e se guarda em Coimbra no Cartorio do seu Collegio, diz estas palavras, fallando de Fr. Pedro de Palacios: * *Varaõ Evangelico, que viveo, e morreo santamente.*

* Agiol. Lusit., t. I, p. 459, lit. g. no Comment. a 18 de Fever.

CAPITULO XIII.

De outros Missionarios Seraficos, que por estes tempos vieraõ ter á Bahia, S. Paulo, e Pernambuco, e do que obraraõ nestes lugares.

51. Sem nos assignarem tempo, nem o como, nos dizem algumas noticias viera ter á Cidade da Bahia hum Religioso da Serafica Familia. Foy taõ bem acceito do seu Povo, e lhe servio de tanto aproveitamento para as suas almas, e utilidade espiritual de todos, que reconhecidos a este beneficio, e em gratificaçaõ delle, e do amor, que lhes tinha, querendo perpetuar naquella Cidade a sua companhia, o ajudaraõ a edificar huma Capellinha em honra do seu Serafico Patriarcha, em que viveo, e assistio, o tempo, que com elles tratou, de que não ha certeza tambem ; mas que nella lhes administrava os Sacramentos da Igreja, nelle buscavaõ a sua espiritual consolaçaõ, e dalli sabia, depois de lhes prégar as verdades Catholicas, a vizitar os enfermos, a commu- nicar-lhes outros bens, e allivios para as suas almas, e conforto de outras tribulaçoens desta vida. Não achamos deste Religioso mais individual noticia, e só que vindo depois os nossos fundar Convento a esta Cidade*, rejeitando o sitio que lhes davaõ, chamado o Monte Calvario, onde hoje está o dos Religiosos Observantes de Nossa Senhora do Carmo, fizeraõ eleiçaõ do lugar, e Capellinha de S. Francisco, residencia primeira deste Apostolico Missionario, (o qual diz o Cartorio desta Provincia no titulo da Caza da Bahia, era o tal Religioso de Naçaõ Hespanhol) aqui deraõ principio á sua fundaçãõ, com o mesmo titulo do Serafico Patriarcha, que he o proprio lugar, onde ao presente está o Convento.

52. Outros dons Religiosos Menores vieraõ por estes tempos, salvos de hum naufragio, tomar terra na Ilha,

* Gonzag. de orig. Ser. Relig., p. 4, p. 1362.

que por este successo chamaõ dos Frades, no Recon-
cavo da mesma Bahia, sette legoas á parte do Norte,
onde, com outros Portuguezes, foraõ comidos pelo Gen-
tio da terra.

53. Na volta que fazia o General Diogo de Flores
Baldés do Estreito de Magalhaens (1583), aonde fora
com armada por ordem de Filippe I em Portugal, to-
mando o porto de S. Vicente, tres, ou quatro Religiosos
Castelhanos, que comsigo trazia, saltaraõ em terra, e
suppondo teria o General alli detença larga, arrebatados
de vehemente impulso, e fortaleza de espirito, com
dezejos de se empregarem na conversãõ do Gentilismo,
deixando os Lugares vizinhos a S. Vicente, e subindo
as fragozas Serranias da Piratininga, buscaraõ a Villa
de S. Paulo, hoje Cidade populoza, e Capital de toda a
Provincia de S. Vicente, e Santos, e a pouca distancia
da sua povoaçãõ, na Hermida da Senhora da Luz, ás
margens do Rio Guaré fizeraõ pausa das compridas jor-
nadas, que traziaõ, e deraõ principio á sua Missaõ, que
este era o destino, que os trazia da Europa a estas par-
tes. Aqui, para onde os guiou maior providencia, cum-
priraõ a vontade do Altissimo, exercitando-se na con-
versaõ dos naturaes Indios, e outras obras de charidade
com os seus habitadores no decurso de deus annos, que
alli assistiraõ.

54. A hum destes, de profissaõ Leygo, e no zelo Apos-
tolico, chamado Fr. Diogo, de vida exemplar, e santa
simplicidade, quiz dar o Ceo aqui mesmo, o que ne-
gou aos outros. Era o seu commum exercicio, com a re-
feiçãõ espiritual, que communicava a todos, tirar tam-
bem as esmólas para sustentar-se a si, e aos companhei-
ros. Neste trabalho lhe sobreveyo o encontro de certo
homem, que sendo na milicia soldado razo, era por blas-
femo ministro do Inferno, perjuro á Ley de Christo, e
publico diffamador do estado Ecclesiastico, com escan-
dalo notavel do Povo, e offensa grave de Deos. Acazo

se achou Fr. Diogo a hum acto destes, andando na petição das suas esmólas, ou porque chegasse ja em occasião que o homem estava neste máo, e continuo exercicio, ou porque o tal o buscasse de proposito, pelo vêr Religioso de boa fama, e conhecida virtude, inveja que commumente causa nos máos o exemplo dos bons. Como hum destes, e zelozo da fama do proximo, da veneração, que se deve ao estado Ecclesiastico, e muito mais daquella alma taõ perdida, com palavras humildes, mas profundas, com admoestação severa, mas amoroza, advertio ao blasfemo o mal que fazia, pedindo-lhe da parte de Deos, que o não offendesse taõ gravemente, que tivesse emenda daquelle enorme defeito, e não quizesse vêr executado em si hum exemplar, e rigorozo castigo da poderosa mão de Deos, como o haviaõ experimentado outros por similhante culpa. Mas aquelle perdido homem, cheyo de hum furor infernal, mais accezo em ira de vingança, não só continuou na pratica do seu erro, tambem ameaçou com a morte temporal ao que da eterna o pretendia livrar.

55. Seguem os vicios na opposição, ás virtudes; e assim como estas vaõ humas atraz das outras, até subirem o Justo ao mayor cume da perfeição; assim aquelles, huns arrastaõ aos outros, até põrem ao peccador no ultimo despenhadeiro da maldade. Era o homem, sobre blasfemo, facinorozo, e hum aggregado de abominações; e estas o levarãõ ao ultimo precipicio, que teve de mais aggravante, o ser muy considerado. Porque ao outro dia recolheu-se Fr. Diogo para a sua Estancia da Hermida da Senhora da Luz, com a esmóla, que havia tirado, á margem de hum Regato, que entre ella, e a povoação corre, lhe sahio ao encontro o perverso soldado, e depois de affrontar ao bom Religioso com muitas injurias, e opprobrios, que elle ouvia alegre, e com os joelhos em terra, e as mãos levantadas ao Ceo lhe pedia perdaõ, de que se desse por aggravado do que lhe

havia dito para seu bem, com repetidos golpes, e mortaes feridas lhe tirou a vida.

56. Causou no Povo particular sentimento a sua morte, tanto pelo desastrado della, como pelo amor que tinhaõ áquelle Religioso. Seu corpo foy conduzido pelo R. P. Preposito da Sagrada Companhia, com grande concurso de toda a Villa, e no seu Collegio com todas as honras foy sepultado. A'lém do que suppomos deo o Senhor á sua ditoza alma no Ceo, pelo particular zelo, com que defendeo a sua honra, e dos seus, quiz tambem mostrar na terra, por virtude do seu corpo, o premio dos seus merecimentos ; porque certa mulher da mesma Villa, tendo ja desesperado dos remedios humanos para hum fluxo de sangue, que havia muitos annos a molestava mortalmente, recorreu aos Divinos, por meyo do Servo do Senhor Fr. Diogo : e indo á Igreja do Collegio, sentando-se com grande confiança sobre a sua sepultura, se levantou do lugar sãa, e livre da fatal molestia, accrescentando-se com este prodigio a opiniaõ, e boa fama da santidade, e virtude daquelle Religioso, que sem duvida estará rubricado com o seu innocente sangue em o numero dos Martyres do Senhor. De todo o referido tirou hum summario authenticico o M. R. P. Provincial de Nossa Senhora do Carmo Fr. Jeronymo, do qual nos não dá mais conhecimento quem escreveu esta noticia, nem tampouco do anno em que aconteeo a morte deste Religioso, nem o em que se tirou aquelle processo, e adonde se guarda, ou porque via, e como lhe veyo a noticia delle.

57. Pelos annos de mil quinhentos settenta e sette, estando de assistencia na Ilha da Madeira o P. Fr. Alvaro da Purificaçãõ da Regular Observancia de Portugal, e sendo chamado ao Reyno pelo seu Provincial o R. P. Fr. Diogo de Gerães ; por impulso de ventos contrarios foy ter ao Porto de Pernambuco, e Villa de Olin-da. Era Prégador dos famosos de seu tempo, e esta pre-

rogativa, germanada com o seu grande espirito, e zelo da salvaçã das almas, conciliou de tal sorte a vontade daquelle Povo, que não podendo consentir se auzentasse delles, lhe rogavaõ, quizesse ficar em sua companhia, e acceitar para a sua Religiaõ fundar alli Convento, para o que lhe offerecia ja, ou mostrava dezejo disso, huma devota mulher, chamada Maria da Roza, a Igrejinha, e Caza da Senhora das Neves, que havia fundado, com intentos de a dar aos Religiosos Seraficos, quando alli chegassem, como depois o fez aos nossos Padres Reformados. Não podia o P. Fr. Alvaro por si só fazer aquella acceitaçã, e assim a propôs aos seus Prelados, dos quaes não só teve repulsa a sua proposta, mas juntamente preceito para que voltasse á sua Provincia; o que executou, deixando com o bom exemplo da sua vida, sobre edificados muy saudozos aquelles moradores.

CAPITULO XIV.

Dá-se princípio ao breve resumo do que mais obraraõ os Religiosos Menores nas partes do Brasil desde o anno de 1585, até o presente.

58. Assim foraõ continuando nesta espiritual Conquista os Frades Menores até que no anno de 1585 deixando ja de ser luzes errantes neste novo Orbe, se fizeram nelle Estrellas fixas, com a posse, e fundaçã do seu primeiro Convento em a Villa de Olinda, e dilatando-se daqui para o Norte desde a Capitania até a do Rio de Janeiro ao Sul, fundaraõ nesta distancia, que comprehende mais de trezentas legoas de Costa, vinte e dous Conventos no decurso de settenta e cinco annos, desde o de 1585, em que se fundou o primeiro em Olinda, até o de 1660, no qual se lhe pôs o fim com o da Alagõa, que foy o ultimo, além de muitas Missoens, ou Doutrinas pelos Lugares mais remotos, e desertos dos Sertoens, das quaes, depois de separada a do Rio

de Janeiro desta Provincia, ainda conserva treze dellas, distando algumas pelo Rio de S. Francisco acima cem, duzentas, e trezentas legoas, com as quaes fundações se foy continuando com o espirital cultivo desta Conquista, com o fructo, e aproveitamento de tanta multidão de almas, assim dos mesmos Catholicos, como de innumeraveis Genticos, convertidos á Fé, aldeados, e imbuidos nos dogmas da Igreja, e conservados nella á custa de fadigas, trabalhos, e ainda perseguições, não só dos Barbaros, em que alguns dos Religiosos perderão a vida, como fica referido, tambem com detrimento da reputação, e credito, aborto da inveja de pessoas, que pelo seu estado não estavaõ menos obrigadas a fazer boa sociedade ao cultivo desta seara, que á conservação reciproca, e Religiosa uniaõ, para o seu mayor, e espirital augmento, sem attenção, ou só respeito ao temporal, de que os Frades Menores, por sua profissão, não tem cuidado, e só como o mostraraõ sempre, da conservação, e aproveitamento espirital do Barbaro Genticos. Destas contradicções lhes sobrevieraõ logo algumas ao segundo, e terceiro anno da fundação de Olinda, crescerãõ com excesso nos seguintes na da Paraíba, e se augmentaraõ em grande maneira mais adiante na de S. Paulo. Das que houve em Olinda, tocaremos em seu lugar, por serem de menos escrita, e ficarem lá mais correntes. Das outras, como mais diffusas, e de mayor vulto, e nos não embaraçarem depois o fio da historia, as pomos neste lugar. E porque não pareça que escrevemos com penna apaixonada, ou encarecida, iremos trasladando, adonde for necessario, o que por outras achamos escrito em quanto ao muito que trabalharaõ, e padeceraõ os Religiosos Menores, sobre a doutrina dos Genticos naquelles primeiros tempos, nos seguintes Relatorios, feitos por Religiosos contemporaneos a elles, e que presenciaraõ o que escrevem.

RELATORIO I.

Do que passaraõ os Religiosos Menores na Paraiba sobre as doutrinas dos Indios.

59. Primeiramente, depois que Fr. Melchior de Santa Catharina veyo a estas partes do Brasil, entendendo o muito fructo, que os Religiosos nellas fariaõ, e grande serviço a Deos Nosso Senhor, assim pela falta, que cá havia delles, como tambem pela particular devoçaõ, que havia provado com a continuacaõ de alguns annos, que haviaõ passado, insistindo em a petiçaõ, a qual como vissem cumprida, pertenderaõ ficassem os Religiosos em a terra, para cujo effeito os ajudaraõ com suas esmólas para se fazer Caza. O que Fr. Melchior vendo, como digo, enviou a Fr. Francisco de S. Boaventura ao Reyno (1587) a pedir Religiosos para novas povoações. E como os Religiosos, que trouxe o dito Fr. Melchior, eraõ poucos, só pertendeo as duas principaes do Estado, que eraõ a Bahia, e Pernambuco. Sem embargo, que todas as mais pediaõ com muita instancia Religiosos, a que se satisfazia com esperanças dos que viessem. Neste meyo tempo (1588) chegou Fr. Antonio de Campomayor com mais cinco Religiosos. Eraõ ja cá recebidos alguns Noviços, e feito Profissaõ, pelo que se via copia para poderem prover outras partes. Principiava-se neste tempo huma povoacaõ em a Paraiba terra del-Rey, á qual por recado de Filippe I se haviaõ mandado Religiosos, (1589) assim para morarem em a Cidade com os brancos *, como tambem para doutrinarem os Indios, e os instruirem em a Santa Fé. E posto que ja os PP. da Companhia tinhaõ Igreja em huma Aldêa do Braço de Peixe, todavia, ficavaõ cinco, que nunca os ditos Padres quizerãõ acceitar; as quaes, tanto que viraõ os

* Fr. Melchior.

nossos Religiosos, de suas proprias vontades, sem os ninguem constranger, pediraõ, queraõ que nós os doutrinassemos, declarando, que posto que ao presente, pela continuação das guerras, que entre mãos traziaõ, elles se não podiaõ logo fazer Christãos, que lhes doutrinassem seus filhos, que elles pelo tempo fariaõ o que os Religiosos quizessem; e isto, porque o nosso modo lhes parecia muito accommodado ao que prégavamos, diziamos, e pertendiamos; convem a saber salvar almas, nem fazermos cazo das cousas da terra. Abalaraõ-se os Indios doutrinados pelos Padres da Companhia, e pediã-nos tambem os quizessemos doutrinar; o que não quizeraõ os nossos Frades acceitar, antes lhes disseraõ, tinhaõ bons Pastores; mas que a outros, que não tinhaõ doutrina, elles acceitariaõ: e fazendo logo Igrejas, os começaraõ a doutrinar com muito applauso, assim dos mesmos Indios, como tambem dos brancos, que sumamente se alegravaõ com isso, por entaõ se terem por seguros; porque até áquella hora estavaõ muy receosos de os ditos Indios se irem para os Sertoens, e os deixarem em poder dos seus inimigos, e com isto ficaraõ seguros, e entregando os Principaes os filhos aos Religiosos para a certeza do que diziaõ. (1590). Era taõ grande a alegria dos Indios, que quando os Religiosos hiaõ de humas Aldêas para outras, muito longe os sahiaõ a receber com danças, assim homens, como mulheres, varrendo os caminhos por onde elles haviaõ passar, pondo-se de joelhos para lhes tomarem a benção, chamando-lhes pela sua linguagem *Padzu* que quer dizer, Pay, ou Pays. Em o primeiro ajuntamento, que fizeraõ, (1590) todos os Principaes em terreiro, tratando, que pois elles, como ja tinhaõ dito, não podiaõ responder com as obrigaçoens da Igreja, que ja tinhaõ, entregassem seus filhos aos Padres, para o que mandaraõ chamar ao Guardiaõ Fr. Antonio de Campo-Mayor, e depois de darem muitos agradecimentos, e mostras

com palavras de alegria, que recebiaõ, se desculparaõ de logo naõ desistirem de seus ritos; mas, que daquella hora por diante lhes haviaõ por entregues seus filhos, pedindo lhos ensinassem, e castigassem, como faziaõ aos filhos dos brancos. Continuou-se neste exercicio dous annos (1593), naõ se fazendo força, mais que aos moços, fazendo doutrina publica pela manhã, (dita primeiro Missa muito cedo) e á noite. Afeiçãoaraõ-se tanto os filhos aos Frades, que em nenhuma maneira se apartavaõ delles, e tanto, que quando, em razaõ de doutrinare as outras Aldêas distantes, os Religiosos se abalavaõ da caza, que tinhaõ em as fronteiras, todos se hiaõ apõs elles; e juntamente com isto incitavaõ aos Pays, até que os obrigavaõ a juntamente com elles irem á doutrina, em fórmula que em menos de seis mezes, naõ ficava velho, homem, ou mulher, que todos os dias naõ fossem á doutrina. Logo começaraõ alguns a pedir o Bautismo, a que se naõ desferio, por algumas razoens. A primeira das quaes foy, para com mais dezejo, e ancia o pertenderem; a segunda, porque ainda havia pouco tempo que tinhaõ comido carne humana. Assim os foraõ entretendo dous annos, em cujo tempo mais crescia o fervor, naõ obstante que neste meyo tempo nenhum Indio morreo, que naõ fosse Christaõ bautizado *in extremis*, cujas mortes naõ menos causavaõ de alegria em os Ministros dos Sacramentos, que inyeja; do que resultavaõ grandes louvores, que todos davaõ a Deos Nosso Senhor, vendo-se mais isto em os brancos, que conheciaõ a soberba arrogancia de muitos Principaes, os quaes, vivendo em sua Gentilidade, tinhaõ senhoreado muitas povoaçoens de seus inimigos, pondo a ferro, e fogo todo o genero de gente contraria, e por derradeiro em a hora da morte tanto arrependimento, pedindo a Deos perdaõ, e juntamente o Bautismo, passavaõ desta vida; naõ uzando ja em seus enterramentos de suas costumadas brutalidades. Era tanta a fé, que tinhaõ em

os Religiosos, que á hora de sua morte lhes encomendavaõ suas mulheres, e filhos, para que elles os cazassem, encomendando-lhes, nada fizessem sem seu parecer, e mandado. Naõ parava isto aqui, senaõ que ainda em suas contendas se punhaõ em as mãos dos Padres; e quando hum muito apertado, e affrontado se via com outro, dizia: Eu o direy aos Padres; tinha tanta força este ameaço, que logo a parte contraria desistia do seu intento. Tinha-se isto em muito; porque naturalmente os Indios saõ vingativos, e muito contra o seu humor pódem soffrer algumas affrontas, especialmente o adulterio, que sobre tudo soffrem muito mal; e até isto naõ castigavaõ, antes se satisfaziaõ com a reprehensãõ, e castigo, que lhes davaõ os Padres, sem depois se fallar mais nisso, sendo cousa, sobre que de antes se matavaõ, e comiaõ. Com estas, e com outras muitas mostras, os Religiosos se animavaõ muito, e occupavaõ em doutrinar os Indios como digo, naõ fazendo mais Christãos, que os moços até á idade de vinte annos, nestes dous annos. E como o diabo soffre mal semelhantes obras, mayormente quando vê tanto ganho a Deos, e perda sua, uzando de suas obras, e invenções, interrompeo o fio, ordenando, que entre os Indios que doutrinaõ os Padres da Companhia, e os nossos, houvesse divisaõ, de maneira, que cada qual das cabeças pertendia adquirir á sua parte mais gente, do que resultou inquietaçãõ nos Religiosos, donde procedeo que o Governador da Paraiba, Fructuoso Barbosa, pertendendo atalhar alguma dissençaõ, avizou a Sua Magestade, ao que El-Rey respondeo com a fórmula seguinte.

Por quanto por Fructuoso Barbosa fuy avisado, que entre os Religiosos de S. Francisco, enviados a essas partes por meu mandado, e os Padres da Companhia, havia differenças, do que resultava escandalo entre os novos Christãos, vos mando, que tirada inquiriçaõ, e achando que os Padres de São Francisco saõ os culpa-

dos, os concertareis, em fórma, que não haja materia de escandalo; e se os Padres da Companhia, os despedireis, para nunca mais tornarem a morar a essa Capitania, e os ditos Religiosos de S. Francisco doutrinaraõ todo o Gentio, o que favorecereis em tudo o que vos for possível, etc.

Esta he a fórma da carta sobre este particular; mas ha-se de advertir, que ja eraõ passados quatro annos (1593); e posto que estas contendias duravaõ, não havia falta nenhuma em a doutrina, antes hia em muito crescimento, e ja havia a maior parte dos Indios Christãos, dos Grandes. Logo que o Capitaõ Feliciano Coelho de Carvalho despedio os Padres da Companhia (1593), os nossos Religiosos acceitaraõ as Aldêas dos Padres, e Fr. Melchior, Prelado, que ainda entaõ era, provêo as ditas Aldêas, e os Religiosos corraõ com suas obrigaçoens, como em as primeiras, e logo todos os Indios ficaraõ muito quietos, e sem nenhum alboroto. Estavaõ ainda muitos Indios por fazer Christãos, os quaes com muita instancia apertavaõ aos Religiosos os bautizassem, e os Religiosos o faziaõ a huns primeiro que aos outros, conforme a disposiçaõ, e apparelho, que nelles se via; de modo que em dous annos seguintes, depois da entrega das Aldêas dos Padres, assim nellas, como nas nossas, não ficaraõ cincoenta, que não fossem Christãos, sendo mais de duas mil almas. Crescia juntamente o numero dos Christãos, a devoçaõ em os moços, criados com os nossos de pequenos, que ja homens sustentavaõ o pezo, e governo das Aldêas, mandando quietar os Pays velhos; e como elles ja tinhaõ muito uzo de nossa companhia, em toda a maneira aborreciaõ os Rittos antigos, tanto, que, sendo elles filhos, pediaõ fossem os Pays castigados, quando se achavaõ comprehendidos em algum erro Gentilico, tendo tanta obediencia, que, se por festa se juntavaõ a beber, por não se embebedarem, os Religiosos lhes mandavaõ não bebessem mais, logo se abs-

tinhaõ, sem mais ir por diante. Alguma vez se acertava, que os tomavaõ em tempo, que o vinho tinha ja mais força nelles, que a razaõ, e naõ faziaõ cazo do recado dos Religiosos, os filhos quazi affrontados, se hiaõ, e reprehendendo-os, lhes quebravaõ as vazilhas, derramando-lhes o vinho, e se algum se soltava em palavras, o traziaõ ao tronco ; onde, sem outro castigo, estavaõ huma noite, com que ficavaõ taõ corrigidos, que perentendia, o que huma vez lá hia, naõ ir outra, e sentiaõ muito este castigo, naõ por ser rigoroso, senaõ pela affronta, que padeciaõ. Era isto tanto freyo para elles, que se evitavaõ, por este respeito, muitos peccados, em que como fracos cahiaõ, acceitando em satisfaçaõ o castigo de muito boa vontade, e sem intervir outro genero de prizaõ ; os Religiosos diziaõ a hum Indio, que commettia qualquer erro, fizeste tal cousa, vai-te ao tronco, acceitava-o sem mais recusar. Aos moços se castigava com huma duzia de palmatoadas, sem por isso nunca haver escandalo entre elles, antes depois de recebido o castigo, se deitavaõ aos pés dos Religiosos, pedindo perdaõ da culpa. Em os mancebos, como digo, se via claramente o fructo, que se fazia ; porque em as confissoens eraõ muy continuos, e em ouvir Missa, e prégaçoens, e apertavaõ os Linguas lhes prégassem, e elles de noite em suas cazas aos Pays recitavaõ os sermões declarando-lhes mais de vagar o que lhes convinha saber. Tinhaõ os Religiosos repartidos pelas cazas moços, que ajuntando todos os a elles encommendados, lhes ensinavaõ a doutrina, e diziaõ cousas de Deos, que elles ja muito bem sabiaõ. Costumavaõ tambem os Indios cantar muitas cantigas brutaes, e gentilicas ; e como, elles naturalmente sejaõ affeiçoados á musica, algumas vezes de noite cantavaõ as ditas cantigas, ao que os Religiosos acudindo, lhes compuzeraõ algumas devotas, que elles cantavaõ. De modo, que em suas cazas, quem pelas ruas lhes passava de noite, naõ ouvia dizer senaõ

doutrina, ou cantar aquellas cantigas. Tambem costumavaõ, quando hiaõ á guerra, levar certas divizas, que o seu Feiticeiro lhes dava, e com isto hiaõ muy seguros; e posto que muitas vezes lhes succedesse mal, o Feiticeiro lhes dava tal sentido que nunca ficava elle em descredito. Mas os Religiosos lhes mandaraõ, que a diviza fosse o sinal da Cruz, pintada em suas rodélas; o que elles fizeraõ. Succedeo, que as primeiras vezes, que isto fizeraõ, estavaõ sobre huma Aldêa de inimigos huma madrugada, duas horas ante manhãa, e cuidando ser mais longe, se anticiparaõ de maneira, que cuidando naõ chegassem á Aldêa, do Lugar onde partiraõ, senaõ pela manhãa, elles se acharaõ mais cedo duas horas. Corriaõ perigo se se deixassem estar, e fossem sentidos, pelo que determinaraõ dar a batalha, como fizeraõ, ainda que muy arriscados, por ser muito escuro. Mas N. Senhor, que ja como a filhos os guiava, lhes mostrou huma Estrella, que allumiando o circuito, lhes parecia ser Lua, e com ser tempo, que a naõ havia, no fragante naõ advertiraõ; mas depois de feito o negocio, em que matareaõ, e captivaraõ todos, sem lhes escapar nenhum, e se tornou a escurecer, advertiraõ na mercê, que nosso Senhor lhes fez, e daqui ficaraõ certificados da Cruz, de maneira, que sempre dalli em diante naõ faziaõ jornada, sem a levarem esculpida em as rodélas, aonde de antes pintavaõ mil superstiçoens. Cresciaõ as cousas da Fé, e doutrina em estes seis annos, que atraz digo, (de 1589 até 1595) em esta fórma, e de vantajem, porque naõ póde a penna, nem a lingua explicar obras de Deos, pois que nem o juizo as comprehendendo. Só direy que era em fórma, que os Religiosos se admiravaõ, reprehendendo muitos brancos, e dando-lhes com elles em rosto. Soffriaõ isto mal muitos Mamelucos, que saõ filhos de negros, e mulatos, que como as Indias, como parentes seus, queraõ morar com elles, a voltas disso, inquietavaõ as Indias, amancebando-se

com ellas, e pertendendo tirá-las a seus maridos. Reprehendiaõ os Religiosos estes peccados, e outros publicos com muito rigor, assim pela offensa de Deos, como tambem pela ruim doutrina, que com isto davaõ aos novos Christãos. Soffriaõ mal os Mamelucos estas reprehensõens, donde veyo, que começaraõ a semear zizanias entre os Religiosos, e o Capitaõ (de 1590 por diante). E posto que os Prelados ao principio pertenderaõ atalhar isto, com tirarem das doutrinas, ou Aldeas, os Religiosos, que ao Capitaõ não contentavão, não foy bastante ; porque a mesma occasiaõ tinha hum, que hia de novo, que o outro que vinha, que era reprehender os vicios, e tanto, quanto mais reprehendia, era mais mexericado ; e quanto mais mexericado, mais odiado ; de sorte que vinha a fazer-se de muitos actos habito, e o dito Capitaõ Feliciano Coelho de Carvalho, capital inimigo do habito de N. P. São Francisco, sem que para remedio disso fossem bastantes nenhuma justificaçõens da parte dos Religiosos. Era tanto, que as prégaçoens, que elles faziaõ em a Igreja publica, para extirpação dos erros, e vicios dos Indios, os ditos Mamelucos as convertiaõ a seu modo, a fim de inimizar ao dito Capitaõ com os Religiosos. Dezejava-se tanto a paz, que para atalhar a hum mayor mal, se escolheo o menor, e foy, que mandou o Prelado se não fizessem prégaçoens. Não bastou nada, porque ja o diabo tinha botado a anchora, e bem afferrada nos coraçõens, que de sua mão tinha, e ouzo dizer isto, pois os taes estavaõ da sua mão, pois taes obras faziaõ. Continuou dous annos este martyrio (de 1596 até 1598), taõ pezado para os Religiosos, mas adoçava-se, com que a doutrina hia por diante, e cada vez mais, e ja as povoaçoens dos Indios pareciaõ de moradores brancos : e com serem costumados, e de seu natural andarem nus, ja nenhum dos mancebos andava senaõ vestido, e todos cobertos. Ateou-se neste meyo tempo este fogo de maneira, que

ja descoberto, e sem nenhum véo, o dito Capitaõ se apregooou por inimigo descoberto dos Religiosos, fazendo, debaixo de huma queixa universal de todos, muitas em particular, sem nenhum resguardo da honra do habito de N. P. S. Francisco, aprovando-as com os que foraõ causa de taõ grande ruina. De maneira que chegou a estado, que naõ sómente se satisfez com os damnos particulares dos Religiosos, mas ainda subio a mais, e foy, que aos Indios fez huma practica, que mais adiante se escreverá. (Cuja liçaõ, quem com olhos desinteressados, e fóra de paixãõ ouvir, claramente, sem ter necessidade de outro nenhum meyo, entenderá ser cega, e doutrina prejudicial. Que digo prejudicial ! Direitamente contra a Ley, e doutrina, que os Religiosos tinhaõ prégado, até áquella hora, quebrando com isto o tronco, por affrontar os Religiosos, e os desacreditar com os Indios, mandando-lhes prégarem liberdades, do que resultou a cahida, que se verá adiante). Posto que durante os ditos dous annos, fazendo praça publica com as falsidades, pelos ja ditos inventadas, todas elles soffriaõ. E como aos Religiosos o soffrer affrontas he merecer, e ajuntar a huma muitas coroas, naõ trato dellas em particular, só concludo, com que em a tal perseguiçaõ se consolavaõ com se lhes representar o permittia nosso Senhor, e tomava a elle Capitaõ por instrumento para abater alguma jactancia, que os taes Religiosos podiaõ tomar por em seus tempos as cousas florecerem, e serem taõ venerados da gente da terra, que taõ pouco tempo havia naõ conheciaõ outro Deos, que o superfluo comer, e beber, pondo sua felicidade em matar muitos, ter muitos nomes, ter mayores talhas de vinho, e embebedar-se mais. E soffriaõ digo, em quanto naõ chegou mais que ás suas pessoas ; mas logo, que o dito Capitaõ prégou liberdades taõ proprias á nossa natureza, pertenderaõ os ditos Religiosos acudir de longe, vendo ja a ruina, e queda, que se seguia. E

porque he ja tempo que digamos o meyo, que o diabo tomou para contrariar huma taõ exemplar doutrina em a nova Christandade, he a que se segue. Satisfaziaõ se os Indios, com que as suas demandas, e contendas os Religiosos lhas concertassem, como acima digo, que bastava dizer hum ; *Eu o direy aos Padres*, para cessar ; e quando alguma hora hia por diante, chegando á presença dos Religiosos, ouvidas, e dadas suas razoens estavaõ pelo que lhes diziaõ os Religiosos ; e com isto se satisfaziaõ muito. Fundava o Capitaõ Feliciano Coelho seu odio em que os Religiosos lhe usurpavaõ a jurisdicaõ do seu governo, sentenciando, o que naõ sómente naõ era verdade, mas ainda se naõ sonhava ; porque as taes contendas, eraõ verbaes, a que os Religiosos acudiaõ, apaziguando, como medianeiros, e conselheiros de paz, e com isto bastava : donde se segue, que he escuzado demandas, onde há paz ; o que o dito Capitaõ naõ queria admittir, nem foy bastante nenhuma razaõ para deixar de proseguir seu intento. Muitas vezes ameaçou aos Religiosos, lhes havia quebrar os troncos, castigo de malfeitos ; para serem certificados os Indios, de que os Religiosos os naõ podiaõ castigar, e elles fizessem suas vontades. Fê-lo em tempo, (1597) que os Indios da Capitania de Pernambuco, e muitos da Bahia estavaõ juntos para dar guerra aos Potyguarés, ajuntando para isso seus apaniguados, e hum dia, sendo os Religiosos fóra, de assuada entraraõ na Aldêa de Santo Agostinho, e quebraraõ o tronco, ajuntando logo todos os Indios, e elle dito Capitaõ lhes mandou fazer a practica, que acima apontamos : *Que informado de como os Religiosos os castigavaõ, e compelliaõ com castigos a ser Christãos, elle, por fazer o que ElRey lhe mandava, quebrara aquelle tronco, para que naõ houvesse castigo, nem queria dalli em diante os Religiosos castigassem mais nenhum Indio, e que dalli avante naõ fosse nenhum Christão, senaõ muito da sua vontade, e que para os*

cazamentos não tinhaõ necessidade de mais, que de se cazarem elles entre si, e depois irem aos Padres os recebessem, e que não cazassem senão por sua vontade: e que os Religiosos os não podiaõ obrigar a cazar em nenhuma maneira; e os que quizessem ir vêr a Deos, e doutrina, fossem, e os que não quizessem, não fossem: e que se por isso os Frades os quizessem castigar, que se acolhessem a elle dito Capitaõ; e mais que não consentissem que alguém os castigasse, que não havia para que ser tão sujeitos aos Padres, e que ja eraõ Christãos como elles, e mais, que o seu Vigario não tinha cuidado de saber delles, e sobre tudo, que fizessem seus potes muito grandes, como antigamente, para fazerem suas festas, e que se os Frades lhos mandassem quebrar, elle dito Capitaõ acudiria a satisfazer seus aggravos. E como o Prelado visse se desbaratava totalmente a messe, e doutrina com tanto trabalho posta naquelle estado, apresentou o Breve em favor da doutrina concedido, o que elle acceitou para responder: e como por huma pessoa lhe fosse declarado, elle se retractou em aspallavras, mandando em as mais Aldêas fazer a mesma falla, com palavras palleadas. Houve entre os mancebos, e velhos divizaõ, porque os velhos, como fosse dar-lhes liberdades, e tornarem a seus ritos, em que tanto tempo tinhaõ vivido, acceitaraõ; os mancebos, conhecendo sua perda, com muitas lagrimas pediaõ aos Religiosos remedio, o qual elles esperavaõ de Deos, porque em a terra o não tinhaõ; porque o dito Capitaõ, confirmando seu feito, disse que no Brasil não havia quem lhe tomasse conta, e que ElRey estava em Madrid, e Deos em o Ceo. Ratificou bem isto, com que mandando o Governador do Estado D. Francisco de Sousa duas Provisoens, para que os Religiosos fossem admittidos á sua posse, elle nunca as quiz cumprir, antes se jactava de ter feito hum grande serviço a ElRey. Com todas estas quebras continuaraõ os Religiosos susten-

tando o trabalho com só os mancebos por espaço de hum anno, (1597) que os velhos logo se puzeraõ a monte, usando de seus ritos, e costumes ; e como viaõ que os Religiosos naõ os podiaõ castigar, foraõ cada vez para peyor, e apõs de si levando seus filhos, que posto que de vagar, toda via pode mais nelles a carne, e o sangue ; e assim ficaraõ todos huns, em hum andar, com suas superstiçoens, como quando antigamente viviaõ em o Sertaõ, amancebados com sette, e oyto mulheres das portas a dentro, naõ indo nunca á Igreja, nem Domingo, nem dia Santo, nem se confessando pela Quaresma, fazendo-o de antes todos os Jubileos ; assim que de alto cahiraõ, tanto, que com muita razaõ digo, hoje os temaraõ os Religiosos antes Gentios, que taes Christãos ; porque os erros entã erãõ de ignorancia, Gentilidade, e hoje de malicia, e heresia. O que visto, e publico, o dito Capitaõ se contenta muito, e satisfaz, dizendo, que saõ soldados, e que para soldados naõ ha mister ser santos. Sendo muitos certos, que naquelle prospero estado, todas as consas lhes succediaõ muy prosperamente, e hoje ao contrario. Entãõ muito obedientes a Deos, á Igreja, e a ElRey, e hoje perdida a da Igreja, a tem tambem perdido a ElRey, em modo, que nada fazem senãõ o que lhes vem a bem. Vio-se isto muito claro na volta da guerra, que o Capitaõ foy dar em este anno de 1598, ao qual os Indios deixaraõ, e se vieraõ ; e posto que o Capitaõ os mandava esperar, elles se retiraraõ, sem ter dever com isso, o que d'antes naõ faziaõ, antes se punhaõ em a retaguarda, trazendo os brancos diante. Em fim, que, perdida a obediencia, perderaõ o medo, e vergonha, e com isso a charidade para com os brancos Christãos. E assim perseveraõ com tanta dor, e lastima dos Religiosos, quanta he a lembrança do muito que fforeceraõ ; e tanto mais he para sentir, quanto se vê serem favorecidos por Christãos, e haver a quem lhe pareça bem, que huma Christandade,

que ElRey, e o Papa tanto encommendaõ, e favorecem, se perca assim á mingua. E porque estas cousas mais se explicaõ com lagrimas, que com palavras, acho por acertado correr a cortina, deixando a que ellas por si se divulgem, abrindo-a porém em as lastimas, miserias, affrontas, e vexaçoes dos Religiosos. Naõ tratando das minguas, e necessidades corporaes, que essas chegaraõ a estado, que o que aos Turcos, e Mouros naõ he defeza, em os Christãos na Paraiba he tido por sacrilegio. Os Turcos patentemente daõ suas esmólas aos Religiosos. Os Christãos na Paraiba naõ as daõ senaõ á meya noite, por matos, e caminhos, que naõ sejaõ de ninguem vistos; e se nas ruas vêm os Religiosos, os que naõ saõ da parcialidade, e bando contrario, fogem; porque em o ponto que se entende algum morador communica, trata, ou vizita os Religiosos, logo saõ perseguidos, e vexados até os porem em o ultimo. Assim que para hum morador fallar a hum Religioso dos que naõ saõ do bando contrario, ha de ser de noite. Naõ trato nisto, que tudo soffrem, como bons Religiosos. Mas, o que mais sentem he, que humas vezes saõ ameaçados de traidores, outras por levantados; assim que se alguma causa de mal acontece na terra, a culpa a elles se refuta; e aquelles, que d'antes serviaõ de media-neiros da paz, refugio de desconsolados, hoje são causa de discordia, e desconsolaçoens; e isto em quanto a particular devoçaõ a algum incita a mostrar a sua, logo he desconsolado, inimizado, corrido, e affrontado. De modo que este he o fim dos muitos trabalhos, que os Religiosos passaraõ na nova povoaçã, e Christandade, naõ sendo elles os derradeiros nos perigos, antes os primeiros. O que tudo haviaõ por bem empregado, seguindo-se o grande fructo das almas, que era o proveito, e interesse, que de tudo tinhaõ. Pelo que com muita razaõ choraõ os Religiosos, naõ escandalos que hajaõ dado, nem peccados que hajaõ commettido, que,

pela bondade de nosso Senhor, nenhum Indio se queixa de Religioso algum, nem morador, senão aquella parcialidade de Mamelucos, ajuntando-se-lhes outros, os quaes ás escondidas confessão, que por viverem são constrangidos a dizerem, e perseguirem aos Religiosos. Não choraõ, digo, senão algum castigo de nosso Senhor, e o mais, que he, a cegueira grande, de que não ha ainda conhecer taõ grande mal, que nosso Senhor remedêe por sua misericordia, para que tantas almas se não percaõ.

E para que melhor se entenda o fundamento da practica, que fez o Capitaõ Feliciano Coelho, e como convertiaõ a seu modo toda a doutrina, advirta-se, que mandou quebrar o tronco, porque não queria que os Religiosos castigassem Indios, nem Indias. O castigo das Indias, que como de Mamelucos fossem inquietas, e os maridos as quizessem matar, os Religiosos acudiaõ, e as mandavaõ prender, durante o tempo da colera dos maridos, a qual passada, admoestada a India, a faziaõ amiga com seu marido, e ficavaõ em paz. Cabia alguma vez em sujeito que não se satisfazia o Indio com isto, e era necessario deixar-lhe dar alguns açoutes, com que se evitavaõ outros damnos. Soffriaõ mal os Mamelucos, fossem castigadas por seu respeito, e daqui procedeo secundariamente, que os que quizessem ser Christãos, o fossem, e os que não, não, accrescentando, que alguns faziamos Christãos por força, e medo; o que não era assim. Succedeo, que alguns Indios Cathecumenos faziaõ algumas ceremonias, ás quaes tambem inquietavaõ alguns Indios Christãos, aos quaes os Religiosos castigavaõ, e emendados dos erros, os faziaõ Christãos, depois de castigados: donde procedeo dizer, faziaõ aos Indios Christãos por força. Tambem diziaõ, compelliaõ os Religiosos aos Indios, com castigos a vir á Missa, e doutrina, com os castigar, sendo remissos, o que era verdade; porque gente nova, era necessario

vigiar sobre ella, para que não descahissem logo em os principios; sendo certo, que ainda em os nossos brancos, os Curas, e Vigarios tem cuidado de perguntar pelos que faltaõ, e apenar os negligentes, o que nós não faziamos; sendo que se hum era muy rebelde, se castigava com o tronco hum dia: e isto he o que diz os faziaõ vir á Igreja por força. Em quanto a dizer os Religiosos os castigavaõ por força, foy, que algumas vezes, alguns que se queriaõ fazer Christãos, deixavaõ as mulheres, querendo escolher outra, que não era a primeira, que tambem se queria fazer Christãa, e os Religiosos os não queriaõ admittir ao Bautismo, senaõ casando com a primeira, que lhe pertencia por Direito, visto tambem se queria cazar. Tambem alguns Indios, que tinhaõ obrigaçaõ em o foro da cousciencia, e juntamente se provava, a algumas Indias, aos quaes os Religiosos obrigaõ a recebê-las, e cazar com ellas. E quanto aos potes, e vinho, que lhes mandou fazer, he diretamente contra a Christandade; porque em isso consistem todas as ceremonias Gentilicas dos Indios. Dahi procede muito odio, e desejo de vingança; em as bebidas se cazaõ com suas sobrinhas, filhas de irmãos, que em sua gentildade são suas mulheres por Direito, como hoje fazem; e assim as demais liberdades, de que procedeo a soltura, e largueza, em que hoje vivem, que ja todos desampararaõ a Igreja, nem vem á Missa, nem á doutrina.

60. Tudo o que no sobredito relatorio se contêm, como nelle fica ás margens notado, passou na Cidade da Paraíba por espaço de nove annos, desde o de 1589, que alli chegaraõ os nossos Religiosos, até o de 1598, em que se conclue a sua narraçaõ, a que se deve todo o credito, pois he escrita por Religioso, que, pelo que mostraõ os termos com que se explica, presenciou o que diz, e escreve, pois o faz por frases de presente, como póde notar o Leitor, especialmente, quando refe-

rindo a falta de obediencia no Gentio ao mesmo Capitaõ, que dava a causa ao seu desconcerto, diz assim : *como se vio neste anno de 1598, donde se colhe tambem, que neste mesmo anno foy feito o sobreescrito relatorio, que todo pertence ao fructo, que fizeraõ naquelle Gentio os Religiosos Menores, e o que disso tambem tiraraõ, que foraõ perseguiçoens injustas. No seguinte, que agora trasladamos, se verá o mais de trabalhos, e serviços a ElRey, á Republica, e Povoadores da nova Cidade da mesma Paraiba.*

RELATORIO II.

Dos successos, e encontros com os inimigos Patyguarés, em que se acharaõ os Religiosos de S. Francisco na Paraiba, trabalhos, e do mais que obrarão em serviço del-Rey, e daquella Conquista, desde o tempo de Fructuoso Barbosa seu Capitaõ, até o de Feliciano Coelho de Carvalho, seus Governadores.

61. Primeiramente depois de accitas (em 1589) as Aldêas, scilicet, a do Almaga, e Praya, que distavaõ huma legoa da Cidade, e meya avante huma da outra, e em as fronteiras tres legoas da Cidade, tres, scilicet, a do Assento do Passaro, que agora se chama de D. Francisco, a do Joanne, e Mangue : os Religiosos postos pela obediencia do P. Fr. Melchior de Santa Catharina, Commissario, que entaõ era do Reverendissimo Geral Fr. Francisco Gonzaga, doutrinavaõ as acima ditas cinco Aldêas, que até áquella hora não tinhaõ noticia alguma da Fé, e lhes prégáraõ o Evangelho de Christo, com muito applauso dos Indios, e moradores brancos. E como o bem da Capitania consistia em a conservaçã das Fronteiras, o Padre Fr. Melchior mandou se fizesse Igreja em as Fronteiras, como logo se fez, aonde residiraõ sempre Religiosos, que doutri-

navaõ as ditas Aldêas, assistindo, e vizitando as duas, que por serem pequenas, e incapazes de sustentar Religiosos, ficaraõ sujeitas ás Vizitas dos Religiosos moradores, os quaes continuaraõ em fórma, que bastante-mente eraõ providas de doutrina; e assim administraõ os Sacramentos aos soldados do Presidio, vizinho das ditas Aldêas, e Igreja, e assim aos moradores dos dous Engenhos, e Escravaria delles, os quaes Engenhos se fizeraõ á sombra dos Indios doutrinados, sem a qual ajuda delles era impossivel fazer-se, como bem se prova das demais fazendas, que pelo decurso do tempo se fizeraõ, para as quaes os ditos Religiosos deraõ a ajuda necessaria, como se provará em seus lugares, com os moradores, e Senhores das ditas fazendas. E correndo, como digo, os Religiosos com a obrigaçãõ de ensinar, tendo passado hum anno, pouco mais, ou menos, (em 1590) pareceo bem ao Capitaõ Fructuoso Barbosa passar hum Forte, que estava na Ilha da Gambõa, do tempo de Joaõ Tavares, Capitaõ, que fora da Paraiba, (em 1578 ou 1579) para o Cabedello, barra do Rio, e entrada das Náos, e navegaçãõ da dita Cidade, para o que se concertou com o Braço de Peixe, que estava sujeito á doutrina dos RR. PP. da Companhia, pagando-lhe seu trabalho. E tendo o dito Forte sarrado, lhe faltava hum forro do mesmo modo do Forte, assim em altura, como em grandura, e mais hum terrapleno, para jogar a artilheria, para o que o Capitaõ Fructuoso Barbosa fallou ao P. Fr. Antonio de Campo-Mayor, Guardiaõ, que entãõ era na Paraiba, (em 1590) mandasse os seus Indios lho fizessem, vista a necessidade do Forte, e ser a chave da terra, e guarda della, e visto naõ haver fazenda delRey para se lhe satisfazer; e logo o dito Padre Guardiaõ mandou ao seu Lingua incitasse os Indios a se fazer o dito Forte, como logo fez, e para em tudo corresponder com a obrigaçãõ do bem commum, augmento da terra,

serviço grande de Deos, e delRey, o mesmo Padre Guardiaõ, com o seu Lingua, se foy assistir no dito Forte, acompanhando ao Capitaõ Fructuoso Barbosa até se acabar, dizendo Missa aos Indios, e soldados, que alli estavaõ, e disto póde testemunhar Pedro Coelho de Souza, Capitaõ que entaõ era da Galé delRey, e Vereador na Cidade, e Joaõ Antonio Pamplona, Juiz, e Sebastiaõ de Araujo, tambem Juiz, e Gaspar Manoel Machado, Vereador, e Antonio Annes, Procurador do Concelho. O que acabado, decorrendo o tempo avante seis mezes, ordenaraõ, o Capitaõ, que entaõ era da Villa de Olinda, Philippe Cavalcanty, e os Officiaes da Camera, mandar Joaõ Tavares, Capitaõ que fora da Paraíba, fazer guerra ao Centio Potyguar (1590) com cento e tantos soldados, á custa dos moradores da dita Villa, e tendo ja o dito Capitaõ partido, e andado huma jornada, adoeceo, e morreo, em cujo lugar o Capitaõ Filippe Cavalcanty elegeo Pero Lopes Lobo, Capitaõ da Ilha de Itamaracá, por Capitaõ, e o mandou em lugar do dito Joaõ Tavares, e chegando á Paraíba o dito Pero Lopes, pedio ao Padre Guardiaõ Religiosos para o acompanharem, para consolaçaõ dos soldados, que sem elles não queriaõ ir, e o dito P. Guardiaõ lhos deo, que foraõ : Fr. Antonio da Cruz, P. Confessor, e Fr. Gaspar, os quaes acompanharaõ o Arrayal até tornarem, exercendo sempre seus officios de confessar, e animar, como bem se provará pelos que lá se acharaõ, sc: Capitaõ, e soldados. E acabada esta guerra, ordenou o Capitaõ Fructuoso Barbosa passar hum Forte a Inhoby, sobre a Varzea, para á sombra delle se fazerem Engenhos ao que o Capitaõ..... Pero de la Cueva, Capitaõ de Infantaria, e Presidio das Fronteiras, não quiz dar ajuda, por dizer, não tinha ordem delRey : o que vendo o Capitaõ Fructuoso Barbosa, pedio ao Padre Guardiaõ (Fr. Antonio de Campo-Mayor em 1591) o acompanhasse, e ajudasse, o que elle fez, assistindo

com o seu Lingua, e Gentio, até se acabar o dito Forte, como bem se provará pelo Capitaõ, que era do Forte, Pedro Coelho de Souza, Joaõ Antonio, Juiz, e Balthazar de Macedo, Lingua, Antonio Lopes Brandaõ, Senhor de huma das fazendas situadas á sombra do dito Forte, sem por isso os Indios levarem estipendio algum, mais que serem incitados pelos ditos Religiosos. O que acabado, correndo o tempo, vindo Antonio Coelho de Aguiar, tomar informaçã sobre os negocios da Paraiba, lhe pareceo bem dar guerra ao Gentio Potyguar, para o que pedio aos Padres da Companhia o acompanhassem, ao que elles recuzaraõ, dizendo, lhes mandava o seu Prelado naõ fossem a nenhuma guerra, e logo pedio ao P. Fr. Melchior, vista a necessidade, o provesse de companheiros para a jornada convenientes (1591), o que elle fez, e mandou a Fr. Balthazar de Santo Antonio, e a Fr. Manoel de Portalegre, o que elles fizeraõ, acompanhando-os todo o tempo durante a guerra. E despedido ja o dito Antonio Coelho da Paraiba, os inimigos em vingança, deraõ em o Forte do Cabedêlo, e matando a mayor parte da gente, queimaraõ o Forte; ao que pertendeo acudir o Capitaõ, que ja era neste tempo (1591) André de Albuquerque, pedio juntamente ao PP. da Companhia, e aos nossos de S. Francisco, incitassem os Indios a fazerem o Forte, que concertando-se entre si, os dos Padres concertaraõ fizessem huns ametade, e outros outra ametade, o que se fez, assistindo sempre os nossos Padres em companhia dos Indios, e Capitaõ até se acabar, sem por isso se levar nenhum estipendio; e nesta conjunçã cahio o Forte de Inhoby, arruinando-se os muros, por causa do pouco cuidado, que houve para se resguardar, o que os ditos nossos Indios das Fronteiras, incitados pelos nossos Padres, e mandado do Capitaõ Antonio de Albuquerque, tornaraõ a fazer, sem por isso levarem satisfaçã, ao que se acharaõ presentes, até se acabar

o dito Forte, os Religiosos, que lhes ensinavaõ a doutrina, que, posto que nestes lugares, e occupados, naõ lhes faltavaõ, como que se estivessem na Aldêa, e Igreja, do que tudo pôde testemunhar o dito Capitaõ André de Albuquerque. E logo Duarte Gomes da Silveira, Senhorio de outro Engenho na mesma Varzea de Inhoby, pedio aos Religiosos o acompanhassem com o Gentio oito dias até fazer huma caza forte para se recolher, por ser terra perigosa, o que elles Religiosos fizeraõ, até se recolher, como se provará por seu testemunho. Estavaõ ja os inimigos por este tempo com grande animo contra os nossos, e tanto, que ás fontes vinhaõ matar a gente, que hia buscar agoa, e era tanto o aperto, que em a Cidade os Religiosos moradores della naõ ouzavaõ ir á horta, por se acharem muitas vezes espias nella: e visto o perigo provavel, poucas esperanças de remedio taõ cedo, os Religiosos determinaraõ recolher-se para as Fronteiras, onde havia mais segurança, ao que os Officiaes da Camera acudiraõ, com requerimento, que tal naõ fizessem, porque se despejava a Cidade, visto alli naõ estavaõ por outro respeito; o que elles vendo, se deixaraõ estar com todo este risco até que o Capitaõ Feliciano Coelho chegou (1591 no fim), o qual logo ordenou pôr as Aldêas por partes accomodadas para a defensa da terra, para o que ajuntou os Indios Principaes, e os Padres da Companhia, que doutrinaõ os Indios do Braço, e aos nossos de S. Francisco, que doutrinaõ as demais Aldêas, e propondo o Capitaõ a sua practica, da divizaõ das Aldêas, os Padres refuzaraõ, e assim os seus Indios, ao que acudio o P. Fr. Antonio de Campo-Mayor, e disse que visto a necessidade, que Sua Mercê partisse as Aldêas da Fronteira (que ja neste tempo estavaõ em huma) para onde lhe parecesse bem, e que os Religiosos estavaõ prestes para acompanharem aos Indios, a elles encommendados; e o Capitaõ respondeo, di-

zendo que as Aldêas da Fronteira estavaõ bem, e se não escusavaõ onde estavaõ, e que com tudo, para guarda da nova fazenda de Duarte Gomes, era necessario huma Aldeota, a qual logo se tirou, e na qual os Religiosos acudiaõ á doutrina a tempos necessarios; e logo o dito Capitaõ ordenou mudar a Aldêa, e Igreja mais avante meya legoa, por assim parecer bem aos moradores da terra, e os Religiosos acompanharaõ ao dito Capitaõ todo o tempo (de 1591 por diante) durante a muda, e feitura da cerca, que os Indios fizeraõ para seu apozento, incitando-os de dia, e de noite sem haver falta da parte dos Religiosos, nem Indios da sua administração. E acabada a muda, o Capitaõ se passou (em 1592) além dos Rios da Paraíba, e Iguaraguaig, a cercar a Aldêa do Braço, passada por sua ordem, contra vontade dos PP. da Companhia, em cujo meyo tempo, (1593) o Capitaõ por mandado de S. Magestade despedio os Padres da Companhia, entregando as Aldêas aos nossos Frades, o que elles acceitaraõ, por mandado de Sua Magestade. E indo os Religiosos para começarem a Igreja em a nova Aldêa de Iguaraguaig, e estando ajuntando a gente, para lhes ensinarem a doutrina, os inimigos subitamente deraõ sobre elles, e pondo-se os Indios em fugida, o Religioso lingua e seu companheiro os recolheraõ para hum Forte, onde estava o Capitaõ recolhido, sem sabir fora, e as derradeiras pessoas, que se recolheraõ, foraõ os Religiosos, ja muy affrontados das frechadas, que milagrosamente escaparaõ, e recolhidos, durante a briga, os Religiosos animavaõ os poucos Indios, que, vista a grande força dos inimigos, por tres vezes commetteraõ fugir, e desamparar o Capitaõ, com treze soldados, ao que os ditos Religiosos acudiraõ, tendo-os sempre a que não fugissem, por onde não sómente se defenderaõ, mas antes com soccorro dos Indios da Fronteira, mandados de outros Religiosos da mesma Ordem, os puzeraõ em fu-

gida, e mataraõ muita somma de Indios, de que resultou grande animo aos nossos, e medo nos inimigos, e logo ordenou o Capitaõ Feliciano Coelho dar guerra aos Potyguarés, para o que pedio ao Padre Fr. Antonio da Ilha, Prelado, que neste tempo era, (de 1593 para 1594) o acompanhasse em a guerra com seu companheiro, e Lingua; o que elle fez até o dito Capitaõ tornar, chegando até á lagoa, huma jornada atraz do Rio Grande, de cuja volta, por ordem, e provizaõ do Governador Geral D. Francisco de Sousa, veyo á Villa de Olinda o dito Capitaõ Feliciano Coelho a fazer gente para a guerra do Sertaõ de Cupagnaó (em 1594 no principio), e pedio ao Padre Fr. Melchior de Santa Catharina, que lhe desse Religiosos, a saber: confessor para os soldados brancos, e Lingua, que corresse com os Indios, o que elle fez, mandando o Padre Fr. Antonio de Campo-Mayor, e seu companheiro, os quaes fazendo seu officio, em nada houve falta de sua parte, e tanto, que ao tempo de abalroar huma cerca, em que estavaõ recolhidos tres mil e quinentos Indios de peleja, e cincoenta soldados Francezes, elle dito Capitaõ Feliciano Coelho se recolheo em hum repairo, que se fez para a bagagem, com a gente de cavallo, sem sahir delle, mandando ao Religioso Lingua fizesse chegar o Gentio ajudar os brancos, que abalroados na cerca por falta de ordem da parte do dito Feliciano Coelho, não entravaõ a cerca, cahindo muitos mortos, e feridos sem remedio, por não terem pavezes, nem fouces, nem machados. para romperem a cerca: o que vendo o dito Religioso Lingua, logo admoestando os Indios Principaes, os mandou acudissem aos brancos, e juntamente com elles, acudindo os Francezes, e mais inimigos, feriraõ duzentos e tantos Indios da companhia do dito Religioso, e mataraõ alguns: o que vendo, e o pouco remedio, que havia para entrar a cerca, por não haver fouce, nem machado, com que cortar hum páo, se re-

tiraraõ os demais Indios, e brancos, com trezentos e settenta Indios, e brancos feridos. e nove mortos ao pé da cerca, que os inimigos recolheraõ, e comeraõ em a noite seguinte; e ficando toda a gente destrocada, o Padre Lingua se chegou ao Capitaõ, que estava em o repairo, e lhe disse, que remedio dava a se pôr cobro na gente, que visto o destroço determinavaõ fugir; ao que respondeo o Capitaõ, que elle por entaõ não sabia o remedio, que poderia ter, e que elle visse o que era necessario; e conforme a isso provesse, visto os Indios não corriaõ com outro, senaõ com elle; e logo o Religioso pertendeo recolher dentro os feridos, e fazer se curassem; e pelo desbarate não se tratou ter outro encontro, antes se procurava a não fugida dos Indios, para o que o Religioso Lingua ajuntando os Principaes, toda a noite lhes esteve prégando, quam necessario era acompanharem o Capitaõ delRei, e ajudarem-no, e morrendo com elle; com a qual admoestação, elles se quietaraõ, e não fugiraõ, antes incitados pelo Religioso Lingua, em a madrugada fizeraõ huma cerca muy forte, abarbada com a do inimigo, onde a gente estava segura; o que vendo os inimigos, e que não obstara o desbarate para deixarem de se regular com elles, se puseraõ em fugida: o que vendo o Religioso, que andava dando ordem a se acabar de reparar a cerca, bradou sahisssem, e commettessem a cerca; o que se não fez por se cuidar seria manha dos inimigos, e o dito Religioso commettendo a cerca, foy o primeiro que a entrou, com o Capitaõ Manaya, e obra de cento e cincoenta Indios, que saltaraõ a cerca por respeito do Religioso, que viaõ fora, e seguindo-o, entraraõ apòz elle em a cerca, e levando o restante dos inimigos, que sabiaõ, e os Francezes diante, foraõ matando nelles por espaço de meya legoa, sem escaparem dos Francezes mais que seis, ao que o Capitaõ não acudio, nem deo ordem alguma, senaõ a que o Religioso Lingua acaso deo, e logo os lu-

dios se quizerão recolher para suas cazas, o que, a rogo do Capitaõ, os Religiosos não consentiraõ, antes acompanharaõ o Capitaõ todo o tempo que andou na guerra, e por falta do mantimento, e muitos feridos, e doentes, os Indios se recolheraõ sem dar conta ao Capitaõ, nem aos Religiosos, pelo que o Capitaõ se recolheo, vindo sempre os Religiosos em sua companhia, e se recolheraõ em suas Aldêas, nas quaes havia Igrejas, e doutrina continuamente, fazendo Christãos, e ensinando os moços a lèr, e escrever, ajudar á Missa, e mais cousas necessarias ao homem Christão, pelo que em breve tempo se converteraõ á Fé toda a gente, e viviaõ em toda a guarda da Ley de Deos, e bons costumes, no que davaõ grande exemplo aos moradores, e Religiosos. Em meyo deste tempo os inimigos Potyguarés, vendo-se vexados dos nossos Indios Christãos, que como a taes nosso Senhor os animava, e dava forças sobrenaturaes, e taõ claramente visto, que os mesmos Indios confessavaõ, não tenerem os inimigos, ainda que eraõ muitos, só pela grande constancia que tinhaõ em Deos, e em a Cruz de Christo, a qual elles traziaõ por diviza em as rodélas para se differençaem dos inimigos, que assim affrontados do que passavaõ, determinaraõ dar na Aldêa da Fronteira, da Invocaçaõ de S. Francisco, da qual era Principal D. Francisco, Assento do Passaro, e dando nella subitamente, sem serem sentidos, os Indios Christãos se puzeraõ em defensa; e como os inimigos fossem muitos, se recolheraõ em a Igreja com os Padres, os quaes recolheraõ a gente que puderaõ, e com elles dentro da Igreja, e caza, apozento dos mesmos Religiosos, se defenderaõ até que os inimigos queimaraõ a Igreja, de maneira, que ja não havia mais que huma pequena cazinha, que defendiaõ os Indios, até que chegaraõ outros Religiosos da Aldêa de Santo Agostinho, com o Gentio Christão, morador da mesma Aldêa, que viuhaõ acudir aos Religiosos, os quaes,

como os inimigos fossem muitos, não puderaõ romper por elles, antes matando-lhes os inimigos alguns Indios da sua companhia, os puzeraõ em desbarate, de maneira que botaraõ os Religiosos, que com elles vinhaõ, pelos matos sós, onde andaraõ grande parte do dia, e milagrosamente escaparaõ. Ja neste tempo o Capitaõ Feliciano Coelho estava perto, mas não chegava, e assim os Religiosos estavaõ arriscados, na fórma que digo, porque ja ardia a cozinha, e varanda dos Religiosos, e neste tempo acudio hum Indio morador da Aldêa, que se achava fóra ao tempo da entrada dos inimigos, e tomando hum soldado pela maõ, o metteo por meyo dos inimigos dentro na caza dos Religiosos, que ja ardia, e os Indios, que se achavaõ dentro, e a defenderaõ, ja desesperados a queraõ largar, com a entrada do qual soldado, os inimigos se foraõ affastando, e ajuntando-se os nossos Indios, deraõ S. Thiago nos inimigos, e os puzeraõ em desbarate; e posto que o Capitaõ estava perto, não acudio, nem deo ordem alguma para aquella defesa, sabindo donde estava para isso, e tendo tempo, não chegou. Estes saõ os trabalhos brevemente resumidos, encontros, e sucessos com as doutrinas dos Gentios da Cidade da Paraiba, em que se acharaõ os Religiosos Menores desde o anno de 1589 em que chegaraõ á Paraiba, até o de 1599 para seiscentos, em que se terminaraõ as perseguiçoens do Governador, e Capitaõ Feliciano Coelho, que ficaõ referidas no antecedente Relatorio, e tiveraõ principio, depois do que neste vay resumido.

CAPITULO XV.

Continua-se a materia do Capitulo passado.

62. E porque até este tempo não haviaõ chegado Missionarios alguns á Capitania do Maranhão, logo que os Prelados mayores se acharaõ no anno de 1600 com cinco Conventos formaes, e muitas Aldêas, e doutrinas pelos interiores da terra, e crescido numero de Religiosos, cuidaraõ tambem em acudir com Operarios Evangelicos ás mais remotas, e distinctas. Para o Maranhão foraõ destinados dous, hum Sacerdote Prégador, de quem nos não declaraõ o nome, e o Irmaõ Fr. Francisco do Rosario, Leygo, de estado, que escolheo, não por ignorante das letras humanas, porque era bastante doudo nellas; mas por discriçaõ, e humildade do seu espirito, e como tal colheo para o Ceo, em alguns annos, que cultivou aquelle Gentilismo, hum copioso fructo. De tudo daremos mais extensa noticia, quando escrevermos a sua vida. A' mesma Provincia do Maranhão foraõ alguns annos depois no de 1615, o Veneravel Padre Fr. Cosme de S. Damiaõ, e o Servo de Deos Fr. Manoel da Piedade, nomeados pelos Superiores para Capellaens espirituaes de hum corpo de exercito, que por hum aspero, e prolongado Sertaõ de muitas legoas, e terra quasi invia, que á força de prodigios lhes dava passagem, foy lançar daquelle Estado os Francezes intruzos; assistiraõ ás batalhas, e por dous annos, que alli se demoraraõ, entre trabalhos, necessidades, e perigos, obraraõ conversoens admiraveis, assim no Gentio da terra, como de Hereges Calvinistas, e Lutheranos Francezes, dos que na Ilha ficaraõ prisioneiros.

63. E porque o Graõ Pará, como parte taõ principal do Brasil, e huma das suas Capitancias, ainda que das ultimas que foy povoada, não ficasse por isso des-

tituida do bem espiritual, que participaraõ as mais, de que os seus primeiros Operarios Evangelicos, fossem os Frades Menores, logo no anno de 1617, e segundo da fundaçãõ desta Capitania, foraõ mandados alli como fica escrito em seu lugar *, quatro Religiosos Menores da Provincia de Santo Antonio de Portugal, que lá deraõ principio a hum Recolhimento, que com a divizaõ daquelle Estado do Maranhãõ, e Pará deste do Brasil, por ElRey Filippe, o I neste Reyno, ficaraõ tambem separados desta Custodia, e sujeitos á Provincia de Santo Antonio. E ainda quando ja feita esta divizaõ, por ordem do segundo Filippe, mandaraõ os Prelados da Provincia fundar Custodia no Pará, no anno de 1624, viado o Padre Fr. Christovaõ de Lisboa por primeiro Custodio, e tomando o porto de Pernambuco, desta nossa Custodia levou cinco Religiosos, tres Sacerdotes, e dous Leygos, para completar o numero dos que lhe eraõ necessarios para aquella fundaçãõ.

64. Aqui nos suspende os vôos a penna, e os passos a proseguir adiante o vigoroso echo de huma saudoza voz, que attendida com reflexãõ, parece soar contra o que deixamos proferido no introito deste Capitulo, em serem os Religiosos Menores os primeiros Prégadores do Evangelho ao Gentic do Maranhãõ. Deixa-se perceber este opposto echo nas Vozes saudosas do Padre Vieyra, onde na sua primeira voz, historica, fallando dos seus RR. PP. Francisco Pinto, e Luiz Figueira, mandados pelos seus Superiores de Pernambuco a prégar ao Gentic, diz a fol. 5. estas palavras : *Sendo elles os primeiros Prégadores da Fé, e ainda os primeiros Portuguezes, que do Brasil passaraõ ás terras do Maranhãõ* : o que he sem duvida opposto ao que deixamos dito. Mas se bem reflectimos, das mesmas vozes do Author, e logo no principio, em que ellas começaõ a

* Preamb. p. 126.

fazer som, se percebe a sua contrariedade, ou opposição pelas nossas ; porque afirma, que rebelando-se outra vez, do anno de 1605 por diante, de Pernambuco até o Siará o Genticio daquellas Costas, e Sertoens, foraõ destinados para os pacificar, á ordem dos seus Prelados, os ditos Padres, e á instancia do Governador do Estado Diogo Botelho. Este completou o seu governo no anno de 1607, e assim neste mesmo, ou no outro antecedente de 1606, deviaõ ser despachados aquelles Missionarios : e ja desde o de 1600, dissemos nós, foraõ ter ao Maranhão Religiosos Menores. Deixaõ mais expressadas aquellas vozes, que partindo os taes Padres com intentos de irem ao Maranhão, chegaraõ á Serra da Ibiapaba, e dalli não passaraõ ; porque achando no seu terreno, e districto boa messe, se occuparaõ no seu cultivo, tirando por fructo delle o Padre Francisco Pinto a morte, que lhe deo o Genticio ; e o companheiro, o voltar outra vez para Pernambuco, e não pode tornar ao Maranhão, senaõ pelos annos de 1623 conclue a mesma voz ; e como poderiaõ prégar nas terras do Maranhão, os que não chegaraõ a passar a Serra da Ibiapaba ? Esta Serra, como sabem os noticiosos das Costas do Brasil, * e confessa a mesma voz, está situada na altura da Barra do Rio Camucí, vinte e cinco legoas ao Sertão, distante da Fortaleza do Siará para o Norte sessenta legoas, e mais de cento e trinta diz a mesma, e outras dizem ainda mais distante do Maranhão, e só por milagre nunca visto poderiaõ ser ouvidas as vozes dos Prégadores da Ibiapaba pelo Genticio do Maranhão.

65. O certo he, que os RR. Missionarios jesuitas não chegaraõ ao Maranhão, e Pará senaõ, como diz a mesma voz no §. IV, do anno de 1623 por diante, publicando ella mesma, aqui, que até áquelle tempo se não ouviu no Maranhão a voz dos seus Prégadores, senaõ só na

* Pag. 33. §. VIII.

Ibiapaba, aos Gentios daquella Serra, Primicias da Missão do Maranhão. E por esta mesma se percebe, que quando chegaraõ ao Maranhão, ja haviaõ prégado allí há muito os Religiosos Menores; pois a mesma confessa acharaõ lá Gentios Christãos. Porque quando não fosse o Gentio Christão reduzido á Fé, e doutrina, pela do Irmão Fr. Francisco do Rosario, de quem deixamos dito foy o primeiro que allí aportou, por lhe não assignarmos anno determinado do referido de 1600 por diante, certamente consta, como ja dissemos, que no de 1615, ou de 1614, como affirmãõ outros, no Maranhão, e na mesma Cidade hoje, e Ilha de S. Luiz, allí prégaraõ por dous annos continuos os dous Padres Fr. Cosme de S. Damiaõ, e Fr. Manoel da Piedade; e ja antes destes, o tinhaõ feito na mesma Ilha, dous Religiosos Capuchinhos, e Francezes, como na Estancia da fundaçãõ desta Capitania fica escrito, e allí fundaraõ Hospicio. E porque estes, posto que Religiosos Menores não eraõ Portuguezes, ainda que Missionarios, só ficaõ sendo primeiros Missionarios, e Portuguezes, que fossem ao Maranhão do Brasil, ou o Irmão Fr. Francisco do Rosario de 1600 por diante, ou em 1615 o Veneravel Padre Fr. Cosme de S. Damiaõ, e seu companheiro.

66. Tomada por interpreza a Cidade da Bahia no anno seguinte de 1624, pelos Olandezes a primeira vez, e retirados os moradores com os Religiosos do Convento para o lugar do Rio Vermelho, huma legoa de distancia donde levantaraõ Arrayal á ordem do Illustrissimo Bispo, D. Marcos Teixeira, que tomara o mando pela prizaõ, e falta do Governador Diogo de Mendoça Furtado em poder do inimigo, em hum dos encontros, e assaltos, que houve com elles, depois de estarem senhores da Cidade, e foy ordenado por hum Religioso Menor chamado Fr. Francisco de Santo André, com tanto acerto o dispôs, e pelejou nelle com

tal esforço, e taõ destre Capitaõ, que entre os Militares adquirio nesta, e em outras occasioens o renome de Fr. Francisco Valente, sahindo daquelle encontro, para credito deste, com huma bala na cabeça, e cortado o dedo pollex da maõ esquerda, assistindo assim este, como os mais Religiosos, a todos os combates, e pelejas, que houve neste cerco, e durou por hum anno, assim ás confissoens, como ao mais que lhes era possivel para a restauraçã daquella Praça, Capital de todo o Brasil, que viraõ conseguida ao primeiro de Mayo, do seguinte anno de 1625.

67. Passades cinco annos, no de 1630, e havendo quarenta e cinco desde a fundaçã primeira do Convento de Olinda, achando-se ja com muitos avanços espirituaes na Conquista do Brasil os Religiosos Menores, com a erecçã de dez Conventos nos principaes Lugares, e muitas Aldêas pelos Sertoens, de que se colhiaõ para o Ceo copiosos fructos, quando o inimigo commum do bem das almas, intrometteo nella, com a entrada dos Olandezes na Provincia de Pernambuco, a mais forte, e vigorosa zizania, que, se naõ suffocou de todo esta nova sementeira, a deixou taõ apoucada, e submergida, que pouco lhe faltou para a ver totalmente secca, e mais que mortificada, quasi morta, achando-se os seus Operarios em novos, e continuos desassocegos, e trabalhos; desapossados dos Conventos, huns prezos, outros desterrados, mortos alguns, e perseguidos todos, no decurso de vinte e quatro annos, em que foraõ os Olandezes dominantes no Brasil, desde o Rio Grande do Norte até Seregipe delRey ao Sul, naõ lhes ficando, neste districto todo, Convento, de que se naõ apossassem, fazendo delles estrebarias de animaes, quarteis de soldados, e estalagem dos seus Cabos, despojando-os de tudo o que achavaõ, e se naõ podia occultar, roubando o precioso das alfayas, e ornamentos das Igrejas, profanando o Sagrado dos Altares, e ultra-

jando o venerando das Imagens, com magoa inexplicavel da alma, irremediavel sentimento, e dor fatal do coração, em verem não só contrastada, mas quasi perdida esta espiritual conquista, plantada, e conseguida por tantos annos, e á custa de tão repetidos desvélos.

68. Postos assim nesta inexplicavel consternação, não affroxaraõ por isso no primitivo fervor dos seus agigantados espiritos; antes agora, que viaõ o campo do Evangelho tão feamente embaraçado com os mortiferos abrolhos, que produziraõ os fomentos de huns taes inimigos, que para serem mayores, tinhaõ demais o odio de Hereges, misturado com a perfidia do Gentio rebelde, creavaõ novos espiritos, se não para a deseza dos corpos, para alento das almas, repartidos pelos Prelados por todos os Presidios dos Portuguezes, e no principal do Arrayal, onde residia, em Oratorio, que se havia levantado, o Guardiaõ do Reciffe, e dalli sahiaõ para a administração dos Sacramentos pelas Estancias, assistencia, e conforto espiritual nos assaltos, baterias, e avançadas, que se davaõ, e recebiaõ dos inimigos, nas quaes, e em todas as partes, se achavaõ sempre para os artigos da morte, confessando, e dando consolo aos que perdiaõ a vida, ou se achavaõ nesse perigo, e em que alguns a perderaõ tambem para premio talvez do seu grande zelo, e charidade.

69. Com estas duas Apostolicas virtudes, foraõ estes trabalhadores da vinha do novo Orbe continuando até a sua total restauração; os quaes, em todas as batalhas, e na miraculosa das Tabocas, que foy a primeira campal, e nas duas ultimas dos Guararapes, como tambem na entrega de Pernambuco, não obstante, que nem o Author do Castrioto Lusitano na entrega de Pernambuco, e com elle o do valoroso Lucideno na das Tabocas, se lembraraõ destes nossos Irmãos, como o não fizeram em outras occasioens semelhantes, não se esquecendo nunca dos seus; pois, sem defraudar a gloria pro-

pria, podiaõ naõ occultar o credito alheyo, e nem isto feito, era sufficiente desvio a embaraçar na Corte os requerimentos, do que cada hum dos seus merecia por premio condigno do que haviaõ servido ao Rey nesta empreza ; porque o zelo Apostolico dos Frades Menores sempre attendeo mais para o bem espirital das almas, do que para o interesse particular das proprias pessoas, e por isso obraraõ os nossos sempre sem attençãõ a outro respeito mais que o de servir a Deos, e aproveitar ao proximo : e supposto certa esta verdade, e maxima Catholica, e porque o muito que padeceraõ, e obraõ os Religiosos Menores em todo o tempo do duro cativo de Pernambuco debaixo do pezado jugo dos Olandezes, naõ fique, como até agora, tambem por descuido, e negligencia dos nossos, reservado só para os que cá vivemos dentro, e chegue, ainda que tarde, á noticia de todos, pomos aqui no seguinte Relatorio, huma breve lista, ou epilogo, e resumo das suas mais notaveis operaçoens, em todo o tempo do dominio Olandez, na Provincia do Brasil.

RELATORIO III.

Dos trabalhos, perseguiçoens, desterros, mortes, e outros acazos, que sobrevieraõ aos Frades Menores da Custodia do Brasil, e do que elles tambem obraraõ em todo o tempo, que foy tyrannizada pelos Hereges Olandezes a Capitanã de Pernambuco, e suas confinantes.

70. Cinco annos se hiaõ completando, que sahira destroçado, e vencido da Capital da Bahia o perfido Olandez, quando, com outro semelhante projecto no de mil e seiscentos e trinta se fez Senhor da Provincia de Pernambuco. Foy a Villa de Olinda, como cabeça desta rica Provincia, aonde se deo o primeiro golpe da furiosa ambiçãõ destes inimigos. De Olinda passou o Olandez a tomar posse da povoaçãõ do Recife, depois que no

dia seguinte de desasette de Fevereiro lhe puzeraõ fogo os mesmos Portuguezes, vista a impossibilidade de ser defendida, ficando prisioneiros na entrega das Fortalezas tres Religiosos, dous na de terra, e hum na do mar.

71. Em 4 de Março se deo principio ao Arrayal dos Portuguezes, e nelle erigiraõ hum Oratorio os Religiosos Menores, no qual se recolheraõ os que haviaõ largado o Convento de Olinda, e daqui se repartiraõ para assistir pelas mais Estancias. Para este mesmo Oratorio se passaraõ tambem os Religiosos moradores do Convento do Recife, do qual fizeraõ logo os inimigos o seu primeiro quartel (1634), e Presidio naquella Ilha, que pelo Convento se chama de Santo Antonio, e elles lhe deraõ o nome de Fortaleza de Arnesto pelo Principe de Orange.

72. Do Convento de Iguaraçú, quando foraõ dar saque a esta Villa, em o primeiro de Mayo do anno de 1632, tiraraõ prezos a todos os seus Religiosos, e assim os levarãõ a Tamaracá, e os lançaraõ na Ilha, menos hum velho, e muito enfermo, que ajudado da violencia, e máo tratamento dos Hereges falleceo nesta jornada, e o Irmão Fr. Boaventura, Sacerdote, que levando-o para o Recife, dallí o mandaraõ lançar em huma das Ilhas Terceiras.

73. Queimada a Villa de Olinda da noite para amanhecer o dia 23 de Novembro do sobredito anno, e retirados os inimigos para o Recife, foy a primeira victima dos Frades Menores da Custodia do Brasil, sacrificada a Deos nos Altares da Fé pela perfidia dos Olandezes, logo no seguinte mez de Dezembro, em onze, o P. M. Fr. Manoel da Piedade, o qual no piedozo exercicio de acudir, e confessar os moribundos, com huma Imagem de Christo nas mãos, traspassado com huma albarda pelos peitos, foy posto em o numero dos mortos, no ultimo assalto, que deo o Olandez aos nossos, que defendiaõ o Forte do Cabedelo na Paraiba da primeira

vez, que intentou aquella empresa, reservando Deos a este seu grande Operario de outros similhantes perigos, em que se tinha achado, assim nesta guerra em Pernambuco, como na do Maranhão, para que agora com duplicados meritos lhe augmentasse o mesmo Senhor o premio do seu grande zelo, e charidade.

74. Em huma assaltada, que do Recife deraõ os inimigos ao Convento de Olinda no seguinte anno de 1633, achando nelle ao seu Guardiaõ Fr. Francisco da Esperança, e o Irmaõ Leygo Fr. Pedro Auzança, a este com hum tiro de Arcabuz, e muitas feridas de alabardas, tiraraõ a vida, pelo acharem na Capella da Igreja em oração, e ao Prelado levarãõ prezo para as cadeyas do Recife, e dellas o mandaraõ degradado para Olanda. Dalli passou a Portugal, e tornando ao Brasil, outra vez foy prezo juntamente com os mais no mesmo Convento de Olinda, e mandado lançar com elles nas Indias de Castella, e lá pôs o fim ao curso da vida.

75. Em nove de Junho de 1635, se rendeo ao inimigo o Arrayal de Bom Jesus de Paranamerim, e foy o Veneravel Padre Fr. Luiz da Anunciaçãõ hum dos Religiosos, que entraraõ em o numero dos prisioneiros.

76. Neste mesmo anno se fez a retirada do povo de Pernambuco para a Alagõa do Sul, dando-se principio a esta triste, e lamentavel transmigração aos tres de Julho, e nesta entraraõ tambem muitos dos Religiosos, que andavaõ despojados, e fóra dos Conventos, e todos os que ainda habitavaõ o de Serenhanhem, com o seu Veneravel Custodio Fr. Cosme de S. Damiaõ, e em Porto Calvo se achou na batalha, que deo o General Mathias de Albuquerque ao Coronel Picard Olandez, em que este ficou vencido, e entregue aos nossos o Mameluco infiel Domingos Fernandes Calabar, que se havia passado aos inimigos com grande damno dos Portuguezes, e com assistencia deste Padre, e disposto por elle, mostrou acabar arrependido, e levar como castigo justo dos seus

insultos, e no mesmo lugar de seu nascimento, a morte de força em 22 deste mesmo mez, e anno.

77. No de 1636, o Veneravel Custodio Fr. Cosme de S. Damiaõ, sabindo da Alagôa para vizitar os Conventos de Pojuca, Iguaçu, e Paraíba, aonde residiaõ ainda alguns Religiosos, começando esta jornada em companhia do General de Hespanha D. Luiz de Roxas, que com o soccorro de Castella, e Portugal havia desembarcado na barra de Jeraguá, se achou na batalha, que em Porto Calvo deo o Olandez Sigismundo a D. Luiz, que nella com lastima, e sentimento grande daquelle afflicto povo, perdeu a vida a impulso aleivozo de huma bala, quando a victoria, que levou o inimigo, com a sua morte, tendo-lhe presagiado antes este infausto successo o Veneravel Padre Fr. Cosme, que tambem ficou prisioneiro nesta derrota, com o seu Secretario Fr. Joaõ Baptista, e o Irmaõ Sacerdote Fr. Manoel das Neves, que todos foraõ remetidos ao Recife, de donde depois de estarem algum tempo prezos, separados huns dos outros foraõ degradados para varias partes, sendo a do Servo de Deos Fr. Cosme a da Serra Leõa na Costa de Affrica, a qual em nove mezes de viagem nunca poderaõ tomar os do seu Navio. Voltaraõ a Pernambuco, e o Veneravel Padre á sua prizaõ. Della o tirarãõ a pouco tempo, e o mandaraõ lançar nas partes da Bahia os mesmos inimigos.

78. Tambem foraõ prezos no anno de 1639 doze Religiosos, que se haviaõ recolhido ao Convento de Olanda, os de Iguaçu, e Paraíba, com todos os mais, que puderaõ haver, faziaõ o numero de trinta e sette, os quaes despidos, e maltratados com injurias, fomes, sedes, e outras simillhantes vexaçoes, os mandaraõ lançar pelas Indias de Castella, dos quaes nenhum tornou a esta Custodia, e por lá falleceraõ, huns em desterro por terras estranhas, ou lançados ao mar pelos Olandezes com pedras ao pescoço; tomando por occasiaõ des-

tas impiedades, ou tyrantias, haver remetido o Padre Fr. Joaõ da Cruz, Guardiaõ do Convento de Iguaçaõ, á Bahia hum Irmaõ Leygo Fr. Junipero, sem passaporte dos Senhores do Conselho : e como esta noticia se divulgasse com a volta de Fr. Junipero da Bahia, foy prezo, elle, e o dito Guardiaõ, e postos a tratos, confessando a verdade, e apresentando as cartas, que todas eraõ dos Religiosos, e naõ continhaõ particular algum contra os Estados, ainda os sentenciaraõ á forca, da qual os livrou o Conde Mauricio, por particulares supplicas, que lhe foraõ feitas, ficando presos á ordem do Conselho, commutando-lhes a pena de morte em a de degredo, que se executou como os mais, que acima ficaõ nomeados.

79. No anno de 1643 foy á Capitania do Espirito Santo huma armada Olandeza do porto de Pernambuco, e com pouca resistencia o tomaraõ em a Villa da Victoria, (e era esta a segunda entrada, que naquella Praça faziaõ estes inimigos, porque a primeira a haviaõ executado quasi vinte annos antes, no de 1624, quando dominavaõ intruzos, e apoderados da Cidade da Bahia, de donde entaõ, como agora de Pernambuco, foraõ dar sobre a Villa da Victoria) achava-se no Convento, que alli tinha esta Custodia, hum Religioso Menor, por nome Fr. Gerardo dos Santos, que depois foy Comissario Provincial, quando ja separada esta da Provincia; era moço, e sujeito acompanhado de disposiçaõ, e valor, e este junto com o Vigario da Villa, Francisco Goncalves Rios, tomaraõ á sua conta a defesa da Praça. Ordenaraõ a alguns mancebos, e a outros poucos moradores mais animosos, que armassem huma emboscada, e elle com o Vigario mandaraõ pòr duas peças de artilheria, que acazo alli havia sem carretas, nas entradas de duas ruas principaes, e por onde necessariamente havia passar o inimigo, cobertas com ramos, e tanto que elles por alli encaminharaõ, e a tempo conveniente, deo fogo o Vigario a huma das peças, e Fr.

Gerardo a outra, com tão boa pontaria, e successo, que fizeraõ hum grande estrago no Olandez; e sahindo a tempo os da emboscada, deraõ sobre elles, com tanto impeto, e esforço, que retirando-se o inimigo para as suas Náos desordenadamente, foraõ matando nelles até se recolherem todos, ficando mortos alguns quatrocentos, a Villa livre, e Fr. Gerardo com huma bála em huma perna, de que sempre viveo queixoso, e huma ferida de chuço, ou alabarda, na cabeça, sem que este Religioso, ou algum dos mais, com tão vivas, e autenticas certidoens, intentassem na Corte requerimento algum.

80. Outra vez tornaraõ estes inimigos ao Espirito Santo, tomaraõ terra no seu porto de Villa Velha, e começando a fortificar-se aqui, foraõ forçados a largar o posto, a toda a pressa, porque se lhes representou, viaõ descer do monte de nossa Senhora da Penha, que fica sobranceiro ao porto da Villa, (e lhes parecia a elles hum formoso, e forte Castello) muita gente de pé, e cavallo, todos de armas luzentes, e bem preparadas, naõ havendo lá pessoa alguma; porque até a Imagem da Senhora haviaõ os Religiosos retirado para o Convento da Victoria, e só se via a sua Capellinha no mais empinado da Penha, que a Senhora, para guarda sua, quiz que parecesse aos inimigos Castello armado de fortes muralhas, e cercado de hum bem disposto, e ordenado Esquadraõ, para defender a sua Caza, e atemorizar aquelles Hereges seus inimigos, que na desordem, com que se recolheraõ ás suas Náos, sendo accommettidos de poucos moradores, ainda deixaraõ alguns quarenta mortos, por despojo do seu atrevimento. E porque esta victoria foy conseguida a vinte e dous de Settembro, dia assignalado dos Invictos Martyres Thebanos, S. Mauricio, e seus companheiros, Padroeiros da Villa Velha do Espirito Santo, tiveraõ por sem duvida os seus moradores, foraõ os que armaraõ, como tão experi-

mentados guerreiros, aquelle lustrozo, e forte Esquadraõ, ao pé do Castello, e Hermida da Senhora da Penha : depois desta Senhora, ficaraõ tambem reconhecendo dever aos Santos Martyres aquella victoria, e assim na mesma Igreja da Penha, dedicaraõ Capella, e Altar aos gloriosos Martyres, aos quaes ficaraõ servindo dalli em diante em huma devota Confraria.

81. Procurando o Governador do Estado Antonio Telles da Silva soccorrer aos de Pernambuco, que no anno de 1645 haviaõ dado principio, em 19 de junho, á empreza da liberdade, mandou logo por mar desasette companhias de Infantaria a Tamandaré, com as quaes foraõ tambem cinco Religiosos desta Custodia, tendo ja mandado por terra desde o anno passado, com dous Cabos mais, a Antonio Dias Cardozo, Henrique Dias, e D. Antonio Philippe Camaraõ, e a todos estes acompanharaõ Religiosos. Tambem despachou mais quatro companhias em soccorro de Pedro Gomes ao Rio de S. Francisco, e os acompanharaõ Fr. João do Dezerto, Fr. Sebastiaõ dos Martyres, Fr. Masseu, e outro Religioso mais ; e ficando estes com Pedro Gomes naquella Presidio, vencido em batalha o Olandez, os outros dous acompanharaõ os soldados até Pernambuco.

82. Na batalha das Tabocas, em 3 de Agosto deste mesmo anno, se achou o Irmaõ Fr. Luiz da Visitaçaõ, por sobrenome, e mais conhecido por Fr. Luiz dos Arayaes, pela continuada assistencia, que sempre fez em todos os dos Portuguezes, e referia depois os particulares successos assim de animo, e esforço dos nossos, como prodigios do poder Divino, que se naõ puderaõ occultar, nem aos olhos dos Hereges inimigos, nem ao conhecimento dos Catholicos vencedores, naquella por tantos titulos miraculosa victoria.

83. No de 1647 foy occupada pelo General Olandez Sigismundo parte da Ilha de Itaparica, e sitiada pelo inimigo a sua Fronteira, com boa fortaleza, quatro Re-

ductos, e outros reparos, para defender-se, e offender. Contra estes fizeraõ os nossos Arrayal no sitio da Vera-Cruz, fronteiro ao inimigo, para lhe impedirem o poder entranhar-se pelo corpo da Iha; e em hum assalto, que inconsideradamente se mandou dar á sua Fortaleza, depois de o deixarem fortificar-se muitos mezes, no qual tiveraõ os Portuguezes hum dos mais infelices successos de toda aquella guerra; nelle se acharaõ tambem os Religiosos Menores, e hum destes, por nome Fr. Domingos o Ruyvo, retirou ás costas, do pé da muralha, ao Mestre de Campo o Rebellinho, onde o matou o Olandez morte a mais sentida, pelo valor, e falta deste grande Cabo.

84. Depois de levantada a Campanha, e entregue o governo de Pernambuco ao Mestre de Campo General Francisco Barreto, em 1648, não houve assalto, chóque, marcha, ou peleja, em que os Religiosos Menores se não achassem, indo ao Rio Grande por varias vezes com o Camaraõ, Henrique Dias, João Barbosa Pinto, e Antonio Dias Cardoso. A todos estes acompanharaõ Religiosos Menores, por serem pedidos ao General, pela devoçaõ dos Cabos, e porque outros Religiosos, e Sacerdotes Seculares se não accommodavaõ a estas jornadas, sem ajuda de custo, cavallos, e comboy para as suas pessoas, fato, e provimento, de que os nossos Frades por pobres não cuidavaõ.

85. Nas duas memoraveis batalhas dos Guararapes, neste mesmo anno, a ambas se acharaõ o Padre Fr. Simaõ das Chagas, que depois foy Provincial, Fr. Luiz dos Arrayaes, Fr. Gonsalo da Conceiçaõ, e Fr. Gaspar de S. Lourenço. Nos assaltos de Itapessima, e Tamaracá, alli se acharaõ os nossos Religiosos, nos ataques das forças do Rego, da Assêca, das cinco Pontas, e em todas as mais occasioens similhantes, e por todo o tempo que durou o Assedio do Recife, que foraõ nove annos, nas suas Estancias continuamente assistiraõ Re-

ligiosos Menores, especialmente Fr. Luiz dos Arrayaes, e Fr. Gonsalo da Conceição, por todo o tempo, que se foy seguindo de 1648 até o ultimo da liberdade.

86. No fim do de 1653, e ultimo do dominio Olandez em Pernambuco, sabindo deste porto huma Náo inimiga á pilhagem pelas costas da Bahia até o Espirito Santo, guiados por hum máo Portuguez, e peyor Christão, saltando desta em terra huma escólta de Olandezes ao monte da Penha, levados das informaçoes, que lhes havia dado o tal homem de ter a caza da Senhora muito ouro, prata, e outras peças preciosas. Dava-se neste tempo principio ao Conventinho, que alli tem esta Provincia, e estava por agente das obras, e com titulo de seu Prelado, o Irmaõ Fr. Francisco da Madre de Deos, chamado, o Enfermeiro das contas brancas, de quem, e das suas virtudes daremos mayor noticia em seu lugar. Achava-se na Igrejinha em oração, e com a porta aberta, ou cerrada, por não haver ainda entãõ outra por onde se entrasse, e era alta noite, quando a vio occupada de soldados, e armas. Sem se assustar continuou na sua oração, e os Hereges, sem fazerem cazo d'elle, no sáque dos ornamentos, alfayas, e tudo o mais que viraõ lhes podia servir, menos hum anel de ouro, que tinha a Senhora, que lho não puderaõ sacar, nem ainda fazendo diligencia por lhe quebrar o dedo; Aqui acudio Fr. Francisco, e rogava com lagrimas não quizessem ultrajar a Imagem da Senhora. Desistiraõ da empreza do anel, ou ja por temor, ou per compaixãõ, e querendo despir-lhe o manto de seda, o mesmo Religioso com suas mãos lho tirou, e lhes fez a entrega d'elle. Menos attençaõ mereceraõ as lagrimas do bom Religioso com o perverso Portuguez, e guia infiel dos perfidos Hereges, ao qual não pode persuadir o não tirar dos braços da Senhora o seu Menino, dizendo ao Religioso, que o levava para o Reciffe, para brincar com outro, que lá tinha, e assim se foraõ, levando prezos alguns Reii-

giosos mais, que alli se achavaõ, e soltaraõ outra vez ao embarcar-se, menos oito escravos, que serviaõ nas obras do Convento, que levarãõ consigo para o Recife; dizendo o Portuguez a Fr. Francisco, que o deixavaõ a elle, para acabar aquella Obra, que estava muito bonita: ao que respondeo o Religioso, como em paga desta charidade, que lhe faziaõ, que cedo pagariaõ com o mais, o que agora executavaõ, e assim aconteceo; porque indo dalli estes Hereges, e piratas a Cabo Frio, e saltando alguns em terra na Bahia Formosa, a recolher huns gados, que por alli pastavaõ, dando sobre elles o Gentio, que o guardava, foraõ mortos muitos: e os que escaparaõ, em Pernambuco acharãõ o ultimo castigo, com a entrega desta Praça, que logo se seguiu em vinte sette de Janeiro de 1654.

87. Nesta, para premio condigno do Catholico zelo dos Frades Menores da Provincia do Brasil, ja que naõ pertendiaõ outro, permittie o Ceo que hum Filho do Santo Patriarcha, e seu Custodio, neste tempo, o Padre Fr. Daniel de S. Francisco, fosse o que na entrega do Recife, e total Restauraçãõ de Pernambuco, tivesse a gloria de ser o primeiro entre os maes, que nesta conjunçãõ entrasse, e ao hombro do seu General, naquella Praça, a tomar como o fazia elle pelo temporal, a posse desta espiritual Conquista, em a qual por todos os principios, tiverãõ sempre nella o primeiro lugar, os Religiosos Menores. E porque se naõ julgue o que neste Relatorio se escreve, só por dito, mas fique tambem confirmado com testemunho de fóra, ajuntamos aqui varias Certidoens do Governador do Estado, Generaes, e Mestres de Campo, Cabos, e Officiaes Mayores daquella guerra, as quaes se achaõ autenticas em hum instrumento reduzido a publica fóрма pelo Tabelliaõ Manoel da Silva, de treze de Agosto de 1648 na Cidade da Bahia. Nellas vaõ expressadas algumas cousas mais, do que se contem no Relatorio acima, que sendo tirado

de varios papeis, e manuscriptos desta Custodia, nelle vaõ individuadas tambem outras muitas, que nas Certidoens se tocaõ em commum.

CERTIDAM I.

88. Mathias de Albuquerque, do Conselho Supremo de Guerra de Sua Magestade, Superintendente da destas Capitanias do Norte do Estado do Brasil, &c. Certifico, que vindo no mez de Fevereiro do anno de 1630 sobre o porto, e Villa desta Capitania de Pernambuco, huma muy poderosa Armada Olandeza, o Padre Custodio de S. Francisco, * que entãõ era, com muitos Religiosos de sua Ordem, acudiraõ á praya, ás trincheiras, e baluartes, a confessar, e animar os soldados, e gente da terra, para que sustentassem as ditas trincheiras, e baluartes, onde assistiraõ té de todo serem rendidos. E vindo nós para o Reciffe, vieraõ tambem muitos Religiosos da dita Ordem, alguns dos quaes foraõ assistir no sórte do mar a confessar, e no de terra fizeraõ o mesmo officio, té de todo serem rendidos : e fazendo eu Arrayal no sitio de Paranamerim, para nelle formar huma fortificaçãõ, como formey, em que me defendesse, e offendesse ao inimigo, os ditos Religiosos se retiraraõ para o dito sitio, e dentro no Forte fizeraõ hum Oratorio, no qual sempre assistiraõ de seis Religiosos para cima, dizendo no dito Oratorio Missa, e administrando os Sacramentos da confissãõ, e Sagrada Communhaõ, e fazendo Sermoens, quadno era necessario, com muita pontualidade, e sem nisto faltarem hum ponto ; e 3 annos continuos os ditos Religiosos foraõ dizer Missa ás Estancias dos Affogados, Salinas, e todas as mais, e nellas administrando os sobreditos Sacramentos com a mesma pontualidade, e diligencia ; e em todos os rebates, e as-

* Fr. Antonio dos Anjos.

saltos, que tivemos com os inimigos, se acharão presentes os ditos Religiosos, em companhia dos nossos soldados, animando aos sãos, e confessando aos feridos com muito grandes trabalhos, e riscos, e assistirão no dito Oratorio, e Arrayal, fazendo o mesmo officio dentro, e fóra d'elle, até nove dias do mez de Junho proximo passado, em que o dito Arrayal se entregou, e com elle seus ornamentos, livraria, e alfayas, que deviaõ importar muito : e dando o inimigo Olandez o primeiro dia do mez de Mayo do anno de 1632 inopinadamente na Villa de Iguaraçú, na qual os ditos Religiosos tem hum Convento, lhes levarão todos os ornamentos, livros, e alfayas, e dous Religiosos cativos, no que receberão mui grande perda. Consta-me assim mais, que indo o inimigo Olandez pelo mez de Novembro do dito anno de trinta e dous com grande força sobre a barra da Paraíba, alguns Religiosos da dita Ordem se foraõ meter no Forte do Cabedello da dita barra, para confessar, e animar aos soldados, e foy morto pelos Olandezes o Padre Fr. Manoel da Piedade, Prégador ; e vindo no mez de Mayo do anno passado de 1634 o dito inimigo Olandez sobre a barra de Nazareth, á qual eu pessoalmente acudi, vieraõ dous Religiosos em minha companhia do dito Oratorio de Paranamirim, e do Convento de Pojuca acudiraõ outros, e todos se acharão presentes no encontro, que com o dito inimigo tive, fazendo cada qual o seu officio com a mesma pontualidade, e diligencia ; e hum anno, que assistí na força de Nazareth, me assistirão sempre dous Religiosos, e ás vezes mais, do dito habito, e feito no dito Nazareth hum Oratorio, o Padre Custodio, que hoje he, * se foy a morar nelle com alguns Religiosos, para que não houvesse falta na administração dos Sacramentos, Sermoens, serviço de Deos, e de Sua Ma-

* Era o V. Padre Fr. Cosme de S. Damiaõ.

gestade; e vindo nós para soccorrer o Arrayal, e Nazareth, á Villa de Serenhanhem, o dito Custodio com alguns Religiosos se vieraõ tambem para a dita Villa de Serenhanhem, deixando no Oratorio de Nazareth quatro Religiosos, que assistiraõ, até que a dita Força se rendeo, onde tambem perderaõ seus ornamentos, livros, e o mais que tinhaõ; e vindo o inimigo Olandez em onze de Abril deste presente anno, com grande poder para me desalojar da dita Villa de Serenhanhem, eu lhe sahi ao encontro, e foy Deos servido que o desbaratamos; em minha companhia sahio tambem o Padre Custodio a fazer o costumado officio de exhortar, e confessar aos soldados, com seis, ou oito Religiosos de sua Ordem, e vindo eu hora a dar no Forte, que o inimigo tem no Porto Calvo, e foy Deos servido o rendesse, em minha companhia se acharaõ quatro Religiosos da sobredita Ordem, e fizeraõ o mesmo com muita inteireza, e charidade; e finalmente, vindo nós esperar a Armada do soccorro a esta Alagõa do Sul, veyo o sobredito Padre Custodio Fr. Cosme de S. Damiaõ com trinta Religiosos da sua Ordem, e actualmente faz hum Oratorio para delle acudir ás necessidades que se offerecerem, de maneira que, na Villa, Reciffe, e no Arrayal, em todas as Estancias, no Cabo de Santo Agostinho, em Serenhanhem, no Porto Calvo, e hora nestas Alagõas, sempre assistiraõ os Religiosos Capuchos desta Custodia, confessando, prégando, dizêdo Missa, e exhortando a todos, sendo de grande importancia sua presença, achando-se de dia, e de noite, em quantas occasioens, rebates, emboscadas, encontros, cercos, e assaltos houve, com tanto perigo, como os mais arriscados soldados; e o mesmo sey que fizeraõ em Tamaracá, e na Paraíba, e que quasi tudo o que possuiaõ seus Conventos, se lhes tomou pelos inimigos, queimando-lhes a Caza principal da Villa, e ficando-lhes em seu poder, e desbaratadas as mais cazas

do Recife, Iguaçu, Serenhanhem, e os mais Oratorios do Arrayal, e do Cabo; e de huma, e outra parte lhes levarão presos, e cativos por muitas vezes os inimigos alguns Religiosos; e na tomada do Arrayal, e do Cabo, os Prelados, e os mais Religiosos, que alli havia, levarão os inimigos, e os mandaraõ para onde quizeraõ; e sendo os Religiosos desta Custodia taõ pobrissimos, e havendo-lhes levado o que tinhaõ em suas cazas, e o com que celebravaõ, e exerciaõ o Culto Divino, a huns mortos, e a outros cativos em serviço de Deos, e de Sua Magestade, sempre assistiraõ, e perseveraraõ, e actualmente o estaõ fazendo; pelos quaes serviços, e perdas será justissimo satisfazer-lhes Sua Magestade estes merecimentos, com lhes mandar, com a recuperaçãõ destas Praças, demais da ordinaria de todas suas Cazas, que se lhes dê com effeito, com que prefaçãõ em seus Conventos, o que lhes falta para poderem assistir nelles, e continuar o exercicio dos Officios Divinos, e o Culto Sagrado. E porque tudo assim passa na verdade, o juro pelo habito de Christo, de que sou professo. Dada nesta Alagõa do Sul em Pernambuco sub meu signal, e signete de minhas Armas, aos vinte de Agosto de mil seiscentos trinta e cinco annos. E eu Pedro de Ocos y Turen a fiz escrever, e subscrevi no dia, e anno.

Mathias de Albuquerque.



CERTIDAM II.

89. D. Juan Vincencio San-Filice, Conde de Banõlo, General de la Artilleria, y Cavalleria, del Consejo Colateral de Napoles, Loco-teniente del Marquez de Velada, Governador General de la guerra de Pernam-

buco &c. Certifico, que mandando-me Su Magestad a Pernambuco para socorro, y restauracion de aquella Capitanía, llegué al Arrayal de Paranamerim, una legua distante de la Villa de Marim, en el año de mil seiscientos y treinta e uno, en el qual hallé un Oratorio de los Religiosos de San Francisco desta Custodia del Brasil, que ellos alli hizieron para assistir en todas las obras de charidad, como celozos de la Religion, que professan, y del servicio de Su Magestad, en el qual Oratorio estubieron siempre de seis Religiosos para cima, administrando los Sacramentos de la confession, y Cõmunion, diziendo Missas, y predicando, y por mas de tres años continuos fueron dezir Missa a las Estancias de las Salinas, y Afogados, y a todas las demas, y en todos los assaltos, y rebates, que tubimos, se hallaran los dichos Religiosos con los nuestros soldados, confessando a los heridos, y animando a los sanos, con mucho trabajo, y riesgo suyo, y en el dicho Arrayal, y Oratorio estubieron haziendo el mismo Officio, y dentro, y fuera del asta nueve dias del mez de Junio de mil seiscientos treinta y cinco, en que el Olandez le rindiò, adò perdieron sus ornamentos, alfayas, y libreria, y cautivaron algunos Religiosos, que desterraron del Brasil; y foy informado, que yendo el dicho inimigo por el mez de Noviembre del dicho año con gran fuerça sobre la Paraíba, algunos Religiosos del dicho habito assistieron en el Fuerte de la dicha barra para animar, y confessar los soldados, y entonces fue muerto por los Olandezes el Padre Fray Manuel de la Piedad, Maestro de Theologia, y Religioso de mucha authoridad; y que en un assalto, que el inimigo diò en la dicha Ciudad, cautivò algunos Religiosos, que despues tubo en prisiones estrechas, y a uno dellos enbiò para Olanda; y que en otro asalto, que el dicho Olandez diò en la Villa de Olinda, despues que ellos la huvieron quemado, matò otro Religioso del dicho habito,

llamado Fr. Pedro, y a su companero llevaron prezo, y enbiaron a Flandes ; y viniendo en el mez de Março del ano de 1634 el dicho Olandez sobre Nazareth, supe que vinieron dos Religiosos del dicho Arrayal de Paramerin, y otros del Convento de Pojuca, que se hallaron en el encuentro, que los nuestros tubieron con el inimigo, haziendo todos su oficio ; despues del qual el Padre Custodio se fue a vivir en èl con algunos Religiosos, haziendo alli Oratorio para continuar con la administracion de los Sacramentos, como continuaron asta que la dicha Fuerça se rindiò, adò tambien perdieron sus ornamentos, libros, y lo mas que tenian, y cautivaron, y desterraron los Religiosos, que alli se quedaron con los soldados ; y viniendo el inimigo Olandez en onze de Abril del ano de 1635 con gran poder sobre la Villa de Serenhanhem, estoi informado, que alli se hallò el dicho Padre Custodio con ocho Religiosos de su Orden, haziendo lo acostumbrado de exortar, y confessar a los soldados : y que viendo los nuestros a dar en el Fuerte, que el enemigo tenia en el Puerto Calvo, que Dios fue servido rindiessemos, se hallaron tambien alli quatro Religiosos de la sobredicha Orden, y hizieron lo mismo con mucha entereza, y cuidado ; y viniendo nòsotros a esperar la Armada del socorro a la Alagôa del Sul, vino el dicho Padre Custodio con treinta Religiosos, y en la dicha Alagôa hizo un Recogimiento, para de alli acudir a las necessidades, que se ofreciessen. Llegando pues el socorro del General D. Luiz de Roxas, en su misma companhia partiò el Padre Custodio con su companero, exortando los soldados, animandolos, y confessandolos, y llegados al Puerto Calvo, con la rota, que huvo de los nuestros, y muerte del dicho General, fui yo a socorrer la dicha Plaça, quedando con el cargo del dicho D. Luiz de Roxas, en la qual ocasion me acompañaron Religiosos de la dicha Orden, assiendiendo en dicho Puerto Calvo

en su Oratorio a todo lo conveniente, y necesario ; y viniendo el Conde Nassau con seis mil hombres a los quarteles, y Fortalezas del mismo Puerto Calvo, los dichos Religiosos assistieron en la batalla, confessando, y curando los vivos, y amortajando los muertos, por todo el tiempo, que durò la pelea, y no habiendo confessor, que quiziesse quedar en la fortaleza con la Infanteria, los dichos Religiosos se offerecieron ; y de efecto, quedò uno con los dichos soldados, que con ellos, despues de rendida la Fortaleza, le enbiaron los Olandezes para las Indias, y los demàs me acompañaron, y a todo el exercito por caminos fragosos, e inhabitables àsta que tornamos à la Alagôa del Sul, adò estubimos algunos pocos dias con la asistencia de los dichos Religiosos ; y partiendo nõsotros de alli para el Penedo, y Rio de San Francisco, y de ahi a Seregipe, y à la Torre, en todos estos puestos los dichos Religiosos assistieron en el Exercito, haziendo su devida obligacion ; y teniendo yo noticia que el mismo Conde Nassau venia en persona a esta Ciudad de la Bahia con treinta y ocho velas, y con mucha fuerça, antes de su llegada me viene a socorrer la dicha Plaça, y en todo el tiempo, que el dicho Conde Nassau nos tubo en cerco, por mar, y tierra, los dichos Religiosos assistieron siempre con mucha satisfacion, y cuidado en todos los puestos, y ocasiones necessarias, confessando, y exortando nuestros soldados, demàs de que algunos Religiosos con sus pròprias manos, y con servientes de la dicha Orden, assistieron en el trabajo de las platafórmass, y trincheras, que yo mandè se hiziessen, en que los dichos Religiosos se adelantaron mucho, nõ solo a los Religiosos de las demas Ordenes, mas aun a muchos seglares, mui cuidadosos del servicio de Dios, y de Su Magestad, asta que el dicho Conde Nassau confuso, y con grande perdida de su exercito, gloria nuestra, y afrenta suya, levantò el dicho cerco, y se retirò a Pernambuco, de suer-

te, que en todo el processo de guerra tan prolixa, en la Villa de Marim, Recife, Paraíba, Cabo de San Agustin, Serenhanhen, Puerto Calvo, y en esta Ciudad, assistieron los Religiosos Capuchos desta Custodia, confessando, y exortando de dia, y de noche en todas las ocasiones, rebates, emboscadas, y assaltos, que huvo, con mucho riesgo de sus personas: por lo que será justissimo, que Su Magestad &c. Y porque todo passa en la verdad, lo juro por el habito de Santiago, de que soy professo. Dada en la Ciudad de la Bahia en 2 de Agosto de 1638.

D. Juan Vincencio San Filice,

Conde de Banolo. †

CERTIDAM III.

90. Os Mestres de Campo, e Governadores da Guerra de Pernambuco etc. Certificamos, em como em todo o tempo, que houve guerra nesta Capitania de Pernambuco, e na que de presente mais viva temos, os Religiosos Capuchos, desta Custodia de Santo Antonio deste Estado do Brasil, acompanharaõ sempre em todas as occasioens, e Cercos á Infantaria, e Exercito, como no cerco da Força de Paranamerim, e no de Nazareth, e na Paraíba, sendo Mathias de Albuquerque, Governador da guerra, acudindo sempre os Religiosos aos assaltos: e em huma batalha que houve junto ao Cabedelo com os Flamengos, foy morto por elles hum Religioso grave, e Prégador, por nome Fr. Manoel da Piedade, e outro Frade Leygo em a Villa de Marim em hum assalto, que o inimigo alli deo: e depois de tomada, e possuida toda a campanha do Flamengo, ficaraõ em quatro Conventos quasi de quarenta Religiosos, com

seus Prelados em seu poder para exhortar aos Catholicos, que ficaraõ entre elles a fé, e obediencia Catholica Romana, os quaes todos pelos ditos Hereges foraõ desterrados com muito descommodo em navios para as terras mais agrestes, das Indias, aonde muitos morrerãõ, e outros ficaraõ lá, de modo que ficando este Povo muy sentido, da ausencia dos Religiosos Capuchos, mandaraõ da Bahia seus Prelados alguns poucos com passaportes para que a Messe da fé de todo em todo se não perdesse por falta de Obreiros, e assim prégavaõ, e confessavaõ, e administravaõ os Sacramentos a todos. Depois do levantamento, e intento da liberdade, vieraõ seis, ou oito Religiosos dos mesmos da Bahia, assim por mar, como por terra, que sempre acompanharaõ a Infantaria, e assistiraõ tambem no Rio de S. Francisco, com o Mestre de Campo Francisco Rebello, todo o tempo que alli esteve, achando-se em a victoria, que alli os nossos tiverãõ ; na Paraiba tambem em esta occasiaõ assistiraõ 4 Religiosos com o seu Prelado no Arrayal de Santo André, e Cidade, acudindo a huma, e outra parte, por estar a Capitania falta de Sacerdotes Clerigos, nem havia outros Religiosos, acudindo com muito cuidado aos doentes, e mortos, que houve em aquelle tempo, na peste que houve, de que morrerãõ dentro em tres, ou quatro mezes mais de seiscentas pessoas, e na retirada da dita Capitania vieraõ os ditos Religiosos acompanhando os affligidos moradores até esta Varge, aonde o dito seu Prelado Fr. Jacome da Purificaçaõ, fazendo hum Recolhimento, assistio sempre com tres, ou quatro Sacerdotes, confessando, e administrando os Sacramentos assim neste Arrayal, como tambem muitas vezes nas Estancias. Acompanhou hum a Infantaria na jornada taõ importante que foy ao Rio Grande, e na bateria que puzemos ao Reciffe : e nas mais partes, ou Conventos, em que os ditos Religiosos Capuchos estaõ nesta Capitania, aonde há Infantaria, acodem com boa vontade

a administrar os Sacramentos aos soldados; e ultimamente se acharaõ os ditos Religiosos na insigne victoria, e successo, que nosso Senhor nos deo contra o Flamengo, em vinte e tres deste mez de Abril, Vespera de nossa Senhora dos Prazeres em os Montes dos Guararapes, em que lhe matamos quasi de mil homens, e ferimos muitos, exhortando nesta occasiaõ aos soldados; pelo que merece esta Custodia que Sua Magestade lhe faça favor. Em vinte e nove de Abril, do dito anno de 1648.

André Vidal de Negreiros.

João Fernandes Vieira.



CERTIDAM IV.

91. Lopo Curado Garro, Governador da Capitania da Paraíba em todo o tempo, que se fez guerra ao inimigo Olandez pela liberdade Divina, e tambem na retirada; e ultimamente em esta Villa de Olinda, aonde ainda assisto com o mesmo cargo, de Cabo, e Governador das Companhias da dita Capitania retirados: Certifico, que em todo o tempo que durou a guerra na dita Capitania da Paraíba, os Religiosos de S. Francisco, de que era Prelado o Padre Fr. Jacome da Purificação, Prégador, tendo sua caza dentro da Força de Santo André, para que dalli acudissem a confessar a Infantaria, como de effeito o fizeraõ, com grande zelo, edificação, e consolação de todos os que assistiaõ na guerra, e mais moradores, e principalmente em o tempo da peste, de que morreraõ em tres, ou quatro mezes, mais de quinhentas pessoas, acudindo elles de noite, e de dia, assim pelas fazendas, como dentro no Arrayal, a

administrar os Sacramentos ; por quanto no dito Arrayal de Santo André não havia, nem assistiaõ outros Sacerdotes, nem Religiosos, senão elles, que pudessem dizer Missa, e confessar, e assim em este mayor trabalho, e guerra de taõ agudas doenças, elles ordenaraõ algumas solemnes procissoens, em que todos descalços pedimos auxilio, e misericordia ao Ceo, confortando a todos com seus Sermocens, e depois que parte do Exercito se foy apozentar á Cidade, elles se forão para o seu Convento, e reparando não deixavaõ, ainda que não eraõ mais que quatro Religiosos, de acudir ao Arrayal de Santo André a dizer Missa, e confessar a gente, que alli havia. Ultimamente, dividindo-se a gente da Capitania em a retirada em dous troços, para melhor se poder comboyar, os ditos Religiosos tambem se dividiraõ para acompanhar aos ditos affligidos retirados em seus trabalhos, até esta Capitania de Pernambuco, aonde tambem assistem com a Infantaria dous em o Arrayal do Bom Jesus acompanhando a Infantaria em todos os rebates, e occasioens, que se offerecem com o inimigo Olandez, e dous mais em esta Estancia, e quartel da Villa de Olinda, aonde tambem com muito zelo, e consolação nossa fazem tambem sua obrigação, o que tudo passa na verdade pelo juramento dos Santos Evangelhos. E por me ser pedida a presente, a mandey passar, assignada por mim, e sellada com o signete de minhas Armas, aos 18 de Mayo de 1647.

Lopo Curado Garro. †

CERTIDAM V.

92. Francisco Gomes Monis, Cavalleiro Fidalgo da Caza delRey, hum dos tres Governadores, que assistimos na Guerra, que fizemos na Capitania da Paraiba : Certifico, que tudo o conteudo na Certidaõ atraz, do

Governador Lopo Curado Garro, passa na verdade, do que eu dou mais certa fé, por assistir seis mezes no Arrayal de Santo André, e outros seis na Cidade para a fortificar, em que o R. Padre fez tudo o que na Certidaõ consta, como virtuoso Religioso que he, e pouco diz em satisfaçaõ de sua virtude, e bom zelo, e assim o juro aos Santos Evangelhos. Cabo de Santo Agostinho 31 de Mayo de 1647, e me assino de meu signal, e sello de minhas Armas.

Francisco Gomes Monis.



CERTIDAM VI.

93. Antonio Telles da Silva, do Conselho de Guerra de Sua Magestade, Governador, e Capitaõ General de mar, e terra deste Estado do Brasil : Certifico, que os RR. PP. Capuchos da Custodia deste Estado do Brasil, em todas as occasiones, que se offereceraõ, assim por mar, como por terra, em que foraõ necessarios Religiosos seus, os deraõ com muito gosto, e em tudo o mais que se lhes ordenou da parte de Sua Magestade, o fizeraõ com grande zelo de seu Real serviço ; e por me ser pedida a presente, a mandey passar, e sellar com o signete de minhas Armas. Bahia dez de Dezembro de 1647.

Antonio Telles da Silva.



94. Isto he o que em as memorias dos Conventos, e seus Archivos achamos acerca dos Religiosos desta Custodia do Brasil em o tempo, que a Capitania de Pernambuco foy tyrannizada pelo intruzo, e Herege Olan-

dez : e se os nossos, assim como experimentaraõ estes, e outros semelhantes trabalhos, os souberaõ escrever todos, sem duvida nos deixaraõ noticias de outras muitas mais, que padeceraõ naquelles calamitosos tempos. E ainda depois da sua Restauração, tres para quatro annos no de 1658, sahindo da Capitania, e Villa do Espirito Santo o Custodio actual Fr. Pantaleaõ Bautista, com alguns Religiosos mais, em huma embarcação pequena para a Cidade da Bahia, foraõ accommettidos logo ao sahir por hum Navio Olandez, que andava á pillagem por aquella Costa, e tendo modo de escapar em huma canoa, ou batel, o Custodio, os mais com o Piloto, e alguns Portuguezes ficaraõ prizioneiros. A tres destes Religiosos foraõ lançar na Bahia da traição, acima da Paraiba, e a hum chamado Fr. Rafael de S. Boaventura, ja muy velho, e com as pernas podridas de chagas, por lhe tomarem asco, e se enfastiarem da sua enfermidade, com huma pedra atada ao pescoço, o lançaraõ de noite ao mar ; e com este acazo damos tambem fim á breve lista do que obraraõ os Frades Menores no tempo do Olandez : vamos agora a concluir com o que mais se foy seguindo até o presente.

CAPITULO XVI.

Do que mais obraraõ os Religiosos Menores desta Provincia, desde a Restauração de Pernambuco até o presente.

95. Achando-se em todas as occasioens do serviço de Deos, e dos Reys os Religiosos Menores do Brasil sempre promptos, e sem repugnancia, como fica exposto, assim o foraõ continuando ainda depois da Restauração, nas entradas, e guerras, que ordenavaõ os Governadores contra o Genticio rebelde, e bravo do Rio Grande, e Açú ; para as quaes pediaõ Religiosos, e lhes

eraõ dados, como consta de algumas Certidoens dos Cabos, com quem acompanharaõ os taes Religiosos.

CERTIDAM I.

96. Manoel de Avreu Soares, Capitaõ Mayor da Guerra, e Conquista do Açû, por Sua Magestade etc. Certifico, que mandando-me o Capitaõ Mayor Paschoal Gonçalves de Carvalho, á Ribeira do Açû com cento e vinte homens, Ordenança, como Indios do Camaraõ, a fazer guerra ao Gentio barbaro, infiel, foy em minha companhia o R. P. Fr. Manoel de Santa Roza, Religioso do Patriarcha S. Francisco da Provincia do Brasil, e todos encorporados marchamos para a dita Ribeira, onde habitava o Gentio delinquente das mortes, que lá tinha feito aos moradores daquella Ribeira. Chegando a ella, fiz logo meu Arrayal para segurança da gente, que levava a meu cargo, carregando madeiras dos matos ás costas, e o mesmo Religioso naõ faltava neste exercicio por nos dar exemplo. E acabado o Arrayal, tratey de franquear a Ribeira por todos aquelles sitios, e lugares, achando tudo queimado, e destruido, ajuntando a ossada daquelles corpos, que o Gentio infiel tinha morto atraçoadamente, e sem piedade; e o R. Padre com tanto zelo os ajudou a carregar para o Arrayal, donde lhes demos sepultura, dizendo lhes Missas pelas almas desinteressadamente: e feita esta obra de misericordia, mandey descobrir campo para a parte do Rio Salgado, onde se achou trilha de Gentio brabo, que tinha ido buscar sal ás salinas, e com avizo dos descobridores, marche y para lá com oitenta homens; pondo-me na trilha, a seguimos de dia, e de noite por asperas serras, e dentro em tres dias me puz junto aos seus ranchos, sem ser sentido, onde habitavaõ com o seu mulherio; ao romper da manhãa lhes dey hum repentino assalto, fazendo nelles grandes matanças, quei-

mando-lhes os ranchos, e mais despojos. Vendo eu a pouca gente que levava, e que o sitio não era capaz de me defender, me retirey duas legoas para traz, buscando lugar accommodado, para a peleja, que poderia haver, e para tomarmos alguma refeição que até alli não a tinhamos feito, e descansar a gente. Mal tinha provido sentinellas, quando o Gentio, que escapou, veyo com grande impeto a reconhecer o nosso poder; tivemos novamente travada peleja, havendo da sua parte quantidade de mortos, e feridos, onde me feriraõ tambem tres homens, dos quaes morrerãõ dous depois de confessados, havendo-se o dito Religioso com grande animo defendendo o impeto do infiel Gentio daquelle parte, onde estava. Vendo-se o Gentio derrotado, se retirou para o seu valhacouto do Carrasco, e eu me fuy retirando para o meu Arrayal, onde assisti passante de quatro mezes, até que me mandou mudar o Capitãõ Mayor. Com que acho o dito P. de grande merecimento etc. Passa o referido na verdade, de que lhe dey esta jurada aos Santos Evangelhos, assignada, e sellada com o signete de minhas Armas. Arrayal, em 13 de Junho de 1687.

✠ *Manoel de Avreu Soares.*

CERTIDAM II.

97. Manoel da Silva Vieira, Sargento Mayor de toda Ordenança da Capitania do Rio Grande por Sua Magestade etc. Certifico, que mandando-me o Capitãõ Mayor Paschoal Gonçalves de Carvalho, com quatorze homens, e doze Indios á Ribeira do Açû, a render o Capitãõ Mayor Manoel de Avreu Soares, que estava fazendo guerra aos barbaros Tapuyas, me acompanhou o R. P. Fr. Francisco dos Anjos, Religioso do Patri-

archa S. Francisco, por tempo de cinco mezes, que na dita Ribeira assisti, passando todo o tempo sem socorro, assim de gente, como de farinhas, e a carne sem ella a comiamos com muita miseria, e opprimidos da necessidade se retiraraõ os quatorze homens, ficando só, e seu filho o dito Capitão Mayor Manoel de Avreu, e o R. P. nos mettemos em huma caza forte, pouco mais de huma legoa do Arrayal que tinha feito o dito Capitão mayor Manoel de Avreu Soares, por o não poder guardar sem gente, me pôs cerco o barbaro Gentio, desde o romper da manhã até á noite, donde me mataraõ quatro Indios, que hiaõ a descobrir o fogo, que tinha posto o Gentio ao Arrayal, que estava despejado; e indo a retirar os mortos me acompanhou o R. P. até os darmos á terra, e lhes disse Missa pelas almas, sem interesse nenhum mais, que do serviço de Deos, e de Sua Magestade, e me retirey com muito risco de vida, e me acompanhou sempre o dito Religioso, com muito exemplo, e virtude, não saltando aos Sacramentos. Passa o referido na verdade pelo juramento dos Santos Evangelhos, e lhe dei esta por mim assignada, e sellada com o signete de minhas Armas. Cidade do Natal 28 de Janeiro de 1687.

✠ *Manoel da Silva Vieira.*

GERTIDAM III.

98. Manoel de Avreu Soares, Capitão Mayor da Guerra, e Conquista do Açû por Sua Magestade etc. Certificado, que marchando da Cidade do Rio Grande para a Ribeira do Açû em sette de Mayo de 1687 com a tropa, que a meu cargo trazia, por ordem do Capitão Geral, para fazer guerra ao Gentio barbaro infiel, que se havia levantado, e morto os moradores da dita Ri-

beira, e destruido immensa quantidade de gados, e cavalgadas, em que receberão as rendas de Sua Magestade grande perda, levey em minha companhia ao R. P. Fr. Francisco dos Anjos, Religioso do Patriarcha S. Francisco, de quem sou muito devoto, e chegando á dita Ribeira com grande invernada, achando o Rio de monte a monte, tendo encontro com o barbaro Gentio, em que lhe fiz algum damno, havendo tambem da nossa parte alguns mortos, e feridos, me acompanhou sempre o dito Religioso, assim a confessar os feridos, como a enterrar os mortos, sem nenhum interesse mais, que o do serviço de Deos, e de Sua Magestade; e fazendo Arrayal no sitio do Olho de Agoa, assistio commigo, com grande exemplo de virtude, e acompanhando as tropas, que mandava franquear a Ribeira, não faltando aos Sacramentos, e exercicios espirituaes; e melhorando de posto, indo fazer outro Arrayal no sitio do Poço Verde, distante cinco legoas do outro, me acompanhou o dito Padre, não faltando á obrigação do Estado Religioso; e marchando eu para as Piranhas, a encorporar-me com o Governador Paulista, e como Coronel Antonio de Albuquerque, foy o dito Padre em minha companhia, acudindo aos enfermos com os Sacramentos; e pondo-nos em marcha todos encorporados, seguimos as trilhas do Gentio barbaro com vinte e cinco dias de viagem, por asperas, serras, e travessias, faltando-nos os mantimentos, nos sustentavamos com varias raizes, e fructas agrestes, e quando as achavamos, dizia o dito Religioso, dessemos graças a Deos, pois nos las dava; passando largas travessias sem agoa, com grande animo, e zelo nos acompanhava o dito Padre, por serviço de Deos, e de Sua Magestade, exhortando aos soldados a que se animassem nos trabalhos; e obrigados de tanta necessidade nos foy forço buscar a Capitania do Seará por nos acharmos

mais perto della, do que dos nossos Arrayaes. E fornecidos de mantimentos, me vim recolhendo para o meu Arrayal, franqueando a campanha, e gastando no decurso desta entrada tres mezes, e nas mais sette, e em todo este tempo, que foraõ dez mezes, me acompanhou sempre o dito Padre Fr. Francisco dos Anjos, fazendo sempre sua assistencia em minha companhia, com muito exemplo, e virtude do serviço de Deos, e de Sua Magestade. Passa o referido na verdade, pelo juramento dos Santos Evangelhos, de que passey esta por mim assignada, e sellada com o signete de minhas Armas, neste Arrayal de Santa Margarida do Açù, em 9 de Fevereiro de 1688.

✦ *Manoel de Avreu Soures.*

99. Assim foraõ tambem nomeados para acompanharem o Exercito, que no anno de 1695 mandou de Pernambuco o seu Governador Caetano de Mello de Castro, á expugnação dos Palmares de negros levantados, que hia por sessenta annos estavaõ fortificados neste lugar em huma Serrania, entre a Villa da Alagôa, e a Povoação de Porto Calvo, para onde se haviaõ retirado muitos, desde o tempo do Olandez, fugidos a seus Senhores, aos quaes depois se foraõ aggregando outros mais, assim cativos, como forros, crioulos, mulatos, e facinorosos, causando notaveis damnos, e insultos de roubos, mortes, e outros excessos escandalosos desde o Rio de S. Francisco até os confins de Pernambuco, e foraõ vencidos com grande resistencia, mortos, e presos, e arrasada aquella taõ forte, como abominavel colonia, assistindo a toda esta arriscada empreza Religiosos Menores.

100. E ja no anno de 1679, por ordem do Governador de Pernambuco Ayres da Cunha de Castro, havia ido a esta mesma empreza com huma tropa de soldados o Capitaõ de Infantaria Joaõ de Freitas da Cunha, levando para ella da Aldêa da Alagôa, onde foy fazer alto, e tomar Genticio para guia, e guerra, ao P. Fr. Francisco dos Anjos, Missionario da dita Aldêa, que os seguiu com grande trabalho de jornadas, por brenhas, mattos, serras, e agoas, ainda que sem effeito; porque só descobriraõ hum Mocambo, e situação ja deserta, havendo-se os negros acolhido para este dos Palmares, por mais retirado, e forte.

101. Nos levantes que houveraõ em Pernambuco, o primeiro no anno de 1709 em que o Povo de fóra, por motivos que nos naõ tocaõ averiguar, entrou amotinado, violenta, e desordenadamente a Villa do Recife, soltou os prezos da cadêa, e commetteo outros absurdos, que costuma em similhantes, e pouco considerados impetos, como este; foraõ grande causa para a composiçaõ, e ajuste de ambas as partes os Religiosos, e Prelados dos dous Conventos do Recife, e Olinda. E muito mais concorreraõ para este mesmo effeito, no segundo levante do anno seguinte de 1710, pelos fins de Junho, e durou alguns quatro para cinco mezes, tendo os de fóra em apertado cerco aos da Villa, commettendo-se por huns, e outros todo o genero de hostilidades, e estragos, que se pódem considerar nos assedios dos mayores, e mais declarados inimigos; porque além das necessidades, fomes, e perigos, a que se acharaõ neste largo tempo com os da Villa, os Religiosos moradores do seu Convento, tiveraõ estes huma boa parte na composiçaõ, e ajuste das pazes, e concórdia, que no fim, com a chegada do novo Governador Felix Jozé Machado, se effectuaraõ; e tanto, que certificado de tudo por outras vias o Senhor Rey D. Joaõ V.

se dignou mandar escrever ao Padre Guardiaõ do Convento do Recife huma carta, em que lhe gratificava o muito zelo, que com os seus Religiosos mostrára na pacificaçaõ, e concordia daquelle povo. Foy escrita em oito de Junho do seguinte anno de 1711, e se acha registada no livro 2 de cartas do serviço de Sua Magestade, que servio na Secretaria do Conselho Ultramarino a fol. 330. A fol. 180 vers. do liv. 3 que servio na dita Secretaria, está registada outra carta para o nosso Provincial do Brasil, na qual lhe agradece o mesmo Monarcha o zelo, e amor, com que os seus Religiosos se applicavaõ á salvaçaõ das almas do Gentio, particularmente dos negros, que vem de Angola, e lhe ordenava continuassem em taõ santo, e louvavel exercicio. Foy escrita em 27 de Abril de 1719.

102. E he sem duvida, que todas estas graças, e outras mayores mereciaõ aos seus Reys, e Principes os Frades Menores da Provincia do Brasil, pelo que nelle tem obrado no seu serviço, e dos seus povos, e isto só com os olhos em Deos, sem esperar, nem ainda pertender dos Monarchas premio algum. O que não padeceraõ em si, e obraraõ em bem do povo no grande contagio das bexigas do anno de 1666, assim em Pernambuco, como na Bahia, na assistencia dos enfermos proprios, e de fóra, sem temor da violencia do achaque! O mesmo passou por elles com o outro, ainda mais violento dos chamados, males, ou bicha, do anno de 1686. O que não experimentaraõ de necessidades nas grandes seccas, e fomes, especialmente na dos annos de 1720 por diante, em huma geral nas partes de Pernambuco, desde a Paraiba até o Cabo de Santo Agostinho, e com tanto excesso naquella, e em Goyana, que o mais do povo de ambas desertou, buscando o districto de Serenhanhem, em que pela amenidade, e frescura do terreno, era só donde se achava alguma pouca farinha,

e esta em tanta carestia, que chegou a quatro mil reis, e mais, o alqueire, morrendo pelos caminhos á fome, e pelos mattos muitas mulheres, meninos, e gente mais fraca, dos que sahirão da Paraiba, e Goyana, sem que destes extremos se livrassem os Religiosos, por não haver para onde se recorresse pelo commum sustento, tanto para si, como para os pobres, que frequentavaõ as portarias, sendo para elles isto o que mais sentiaõ, não ter para acudir a todos, quanto dezejavaõ, e de tudo só de Deos procuravaõ o premio.



ORBE S

CHER

DA PROVINCIA DE S

CLP

So p... e...

103. Cantão e...
gloriar-se e...
que l... e...
S. Pedro...
tífice...
Portugal...
panas...
sino Frey...
a Orden...
guidade...
prouda...
Brasil...
Linha...
Castela...

ORBE SERAFICO,

NOVO BRASILICO,

CHRONICA

DOS FRADES MENORES

DA PROVINCIA DE SANTO ANTONIO DO BRASIL.

LIVRO I.

Mostra-se como, e por quem foraõ pedidos os Frades Menores, Reformados para Fundadores da Custodia do Brasil, sua viagem para esta Provincia, fundação do seu Primeiro Convento em a Villa de Marim, graças, que lhes concedem os Monarchas de Hespanha, e Reys de Portugal, em que entra com particular memoria o Illustre Heróe Jorge de Albuquerque Coelho.

CAPITULO I.

São pedidos os Frades Menores para Fundadores de huma Custodia na Provincia do Brasil, e por quem.

103. Contava o mundo 5588 annos da sua creação, gloriava-se o genero humano, de que haviaõ ja 1584 que fora venturosamente remido: governava a Nao de S. Pedro, Igreja de Deos o Santissimo Padre, e Pontifice Summo, Gregorio XIII: occupava o Throno de Portugal Filippe I, neste Reyno, e segundo das Hespanhas: moderava a Religiaõ Serafica o Reverendissimo Frey Francisco Gonzaga, Ministro Geral de toda a Ordem, quando ella numerava tambem de sua antiguidade 545, havendo ja cincoenta e quatro que estava povoada a Capitania de Pernambuco da Provincia do Brasil na America Meridional; quando na Corte de Lisboa foraõ despachados os primeiros Fundadores da Custodia do Brasil, de Religiosos Menores da mais es-

treita, e Regular Observancia, a rogos do Illustre Capitão Jorge de Albuquerque Coelho, filho do grande Duarte Coelho Pereira, Senhor Donatario da Capitania de Pernambuco. Fora-lhe dada esta pelo Rey D. João III, em satisfação do que na India obrára em serviço da Coroa. No anno de 1530 a veyo fundar, como fica dito. Por morte deste grande Heróe, a herdou seu filho Duarte de Albuquerque Coelho, que, por fallecer sem herdeiros, passou a seu Irmão Jorge de Albuquerque Coelho, de quem fallamos. Na infeliz Conquista de Africa se achou com o Rey D. Sebastião, e alli offereceo a este Monarcha, para se pôr em salvo daquella batalha, o mesmo cavallo, que para divertimento na Corte, outras vezes lho havia negado; ficando ahi este Heróe magnanimo a pé, e com muitas feridas prizioneiro, de donde tornando ao Reyno, se achava neste tempo muy satisfeito com os augmentos da sua Capitania de Pernambuco, ja muy florente em lucros, e crescida em povo: Só naquelles principios sentia ella a grande falta de Ministros Evangelicos, tanto para bem dos infieis naturaes, como dos Catholicos moradores.

104. Attendendo a isto o Illustre Heróe Jorge de Albuquerque Coelho, a quem, como a Senhor proprietario, tocava mais o sentir, e dar remedio a este inconveniente, movido de zelo, piedade, e devoção; de zelo da propagação da Fé aos Gentios, muy faltos de Obreiros Evangelicos naquelles tempos; de piedade para com os habitantes Catholicos, carecidos em grande maneira de Padres de espirito para a refeição das almas, e devoção para com os Filhos do Serafico Patriarcha, entrou a solicitar o seu grande, e dilatado animo com ancia, e conseguiu com felicidade do Reverendissimo Padre Gonzaga, Ministro Geral de toda a Ordem, que neste tempo se achava de assistencia na Corte de Lisboa, os Religiosos Menores, Reformados, para Fundadores de huma Custodia no Brasil. Consentio de boa

vontade o nosso Reverendissimo a taõ piedosa supplica, como a cousa, que entendia ser muy concernente ao serviço de Deos, como era muito conforme com o seu bom animo, e religioso parecer, mandando passar as letras para a erecção de nova Custodia, que saõ as seguintes.

105. Fr. Francisco Gonzaga Ministro Geral da Serafica Religiaõ de nosso Padre S. Francisco. Ao muito amado em Christo Fr. Melchior de Santa Catharina da mesma Ordem, Prégador, e Confessor, Filho da Provincia de Santo Antonio do Reyno de Portugal, saude, e paz em o Senhor. Como sabemos que somos obrigados a todos com vinculo de charidade, e principalmente aquelles, cuja salvaçaõ está mais arriscada; e reconhecemos a V. R. por Varaõ insigne em virtude, maduro em experiencia, e dotado de zelo de salvar almas, tivemos por boa eleiçaõ, que mandassemos a V. R. á Provincia do Brasil, que pela mayor parte está habitada de Idolatras, e Gentios, ajuntando a isto a propagaçaõ do Culto Divino, que desde o nosso principio nos está muito encommendada, e o urgente mandado do Serenissimo Catholico Rey das Hespanhas Filippe II, e a instantissima petiçaõ dos Fieis Christãos de Pernambuco da Provincia do Brasil, e de seu Governador, o valorozo Capitaõ Jorge de Albuquerque Coelho: pela qual razaõ, com o theor das presentes letras instituimos, e elegemos a V. R. em Custodio, e nosso legitimo Commissario: *cum plenitudine potestatis in utroque foro*, quanto lhe parecer a V. R. que lhe he necessario, e que possa levantar Conventos, e receber Noviços á Ordem, de que se deva ter boa esperança: e lhe assignamos por Companheiro ao venerando Padre Fr. Francisco de S. Boaventura da mesma Provincia de Santo Antonio, e que possa levar consigo outros quatro frades provados em Religiaõ, e virtude, até que todos fação o numero de seis. E além destes, lhe concedemos

que possa ajuntar outros seis das outras Provincias. Aos quaes todos mandamos em virtude da santa Obediencia, e sob pena de Excommunhaõ mayor, *Latae sententiae*, e outras penas por nós arbitradas, que em todas as cousas, que não são contrarias á sua salvaçãõ, e nossa Regra, com muita humildade lhe obedeçaõ. E queremos que, se acontecer que V. R. morra, lhe succeda no Officio de Custodio, e Commissario o dito Padre Fr. Francisco de S. Boaventura. E determinamos, que esta Custodia, por nós novamente erecta, se chame daqui por diante de Santo Antonio, e seja sujeita á dita Provincia de Santo Antonio de Portugal. A'lem disto, para que todas as cousas se façãõ com ordem, e se occorra a todas as difficuldades, que pelo tempo acontecerem, queremos, e determinamos, que o Ministro Provincial, que de presente he, e pelo tempo for, tenha diligente cuidado desta Custodia, e com todas as forças a favoreça, e finalmente a proveja em os Capitulos Provinciaes opportunamente de Custodio idoneo, e sufficiente. E mandamos sob pena de Excommunhaõ mayor, *Ipsa facto incurrenda*, que nem o dito Ministro, nem outro qualquer subdito nosso presuma ir, *Directe, vel indirecte*, contra esta nossa Patente, nem interpretá-la, ou declará-la de outro modo do que sãõ. E nas mesmas penas incorra todo aquelle, que intentar impedir a execuçãõ della. E para que tudo o ordenado por nós tenha o seu devido effeito, e não careça de premio, mandamos a V. R. por santa Obediencia em virtude do Espirito Santo, que em tudo o guarde, e faça guardar segundo a perfeiçãõ, e obrigaçãõ de nossa Regra. E poderá receber, e reter quaesquer Frades, que a elle forem de outras Provincias, com tanto que lhe possaõ servir, e distribuí-los pelos Conventos, e lugares, onde lhe forem necessarios. Dada em o nosso Convento de S. Francisco de Lisboa, sob nosso signal, e sello mayor do nosso Officio, aos 13 dias do mez de Março de 1584.

406. O que se appetee com ancia, com cuidado se deve executar, quando conseguido ; e o mais efficaç modo de obviar obstaculos, que o possaõ divertir, ou ao menos motivar embaraços, deve ser a presteza, com que se busquem os meynos conducentes para o seu fim. Para o da erecção da nova Custodia do Brasil não deixou de conhecer o seu nobre Agente muitos, e fortes desvios em algumas pessoas, que os podiaõ causar, como o dá a entender a sua supplica feita á Magestade Catholica. Por esta razaõ, e por não dar tempo a que tomasse mais valto o corpo desta repugnancia, recorreo, logo que alcançou a Patente de Sua Reverendissima, e com ella, ao Catholico Monarcha, assim para conseguir o seu Real beneplacito, como para merecer o seu grande patrocínio, na fórma seguinte :

407. Diz Jorge de Albuquerque Coelho, Capitaõ, e Governador da Capitania de Pernambuco nas partes do Brasil, que elle, pelo muito dezejo que tem de se augmentar nas ditas partes a nossa Santa Fé Catholica, impetrou do Reverendissimo Padre Geral da Ordem do Bemaventurado Padre S. Francisco, huma Patente, e commissão para deste Reyno irem Religiosos da Provincia de Santo Antonio ás ditas partes fundar Mosteiros da dita Ordem, e Provincia, e que ficassem subditos ao Ministro da dita Provincia deste Reyno, de que V. Magestade mostrou ser servido, e havê-lo por bem, como o Padre Geral declara na Patente, e commissão, que se offerece ; e porque se receya que alguns Religiosos da mesma Ordem, ou Ministro Provincial della, ou alguns outros Religiosos de quaesquer Ordens queiraõ pôr algum estorvo, ou impedimento a esta taõ santa obra por alguns respeitos particulares : Pede a V. Magestade que, havendo respeito ao que dito he, e o ser notorio o fructo, que nas almas se ha de fazer com o effeito desta santa obra, seja servido de mandar passar Provizaõ com graves penas contra toda a pessoa, de

qualquer qualidade que seja, que quizer impedir o effeito da dita Patente, para, com favor de Vossa Magestade, se effectuar, e se augmentar a Religiaõ Christãa, e Culto Divino nas ditas partes, com que ElRey D. Joaõ III, que está em gloria, as mandou povoar.

E R. M.

108. Aqui estavaõ pedindo algumas clausulas desta supplica, com que se pede á Magestade Catholica o seu Real patrocínio contra as dissimuladas oppoziçoens, que se faziaõ ao intento da fundaçãõ da nova Custodia do Brasil, alguma reflexãõ judiciousa ; porque ellas por si mesmo estaõ incitando o discurso a huma Religiosa queixa, e Catholico sentimento: mas naõ pertendemos lançar agora toda a carga desta justificada censura sobre hombros alheyos, pois conhecemos ser influxo particular do commum inimigo esta contradicãõ, que como astuto, e sagaz, na forja dos juizos humanos sabe infundir maximas perniciosas, para desvanecer progressos espirituaes, como os que aqui antevia subsequentes, tanto ao fructo das almas do Gentilismo do Brasil, como dos Catholicos destas partes, taõ faltos huns, e outras de quem os guiasse no caminho da verdade, e lhes desse luz nas trevas da ignorancia. Mas como a obra era toda de Deos, o mesmo Senhor, que a introduzio no animo daquelle Heróe, sempre digno de eterna memoria, a facilitou tambem no effeito ; pois tudo se venceo com suavidade, pela ordem, e Alvará seguinte do Catholico Monarcha.

109. Eu ElRey faço saber a vós, meu Governador das partes do Brasil, e ás Justiças, Officiaes, e Pessoas das ditas partes, a quem o conhecimento pertencer, da Capitania de Pernambuco, que Eu hey por bem, e me praz, e vos mando, que deis toda ajuda, e favor, que

cumprir, e for necessario aos Padres da Ordem de S. Francisco, de que nesta petição atraz escrita de Jorge de Albuquerque Coelho, Capitão, e Governador da Capitania de Pernambuco, se faz menção, para conseguir o effeito nella declarado, conforme a Patente, que os ditos Padres leuão do Padre Geral da sua Ordem, que a vós com este Alvará será apresentado; o que assim cumprireis sem duvida, nem embargo algum, que a isto seja posto, por ser cousa tanto do serviço de Deos nosso Senhor, e meu. E hey por bem, que este Alvará valha, e tenha força, como carta feita em meu Nome, sem embargo da Ordenação do liv. 2, tit 20 que dispõem o contrario. Francisco Nunes de Paiva o fez em Lisboa aos 29 de Mayo de 1584 annos.

110. Com este Alvará do Rey Catholico, e Patente do Reverendissimo Padre Geral, recorreo este Prelado, e tambem o piedoso Jorge de Albuquerque á Sé Apostolica solicitando do Santissimo Padre Sixto V. a confirmação de ambos. Sua Bulla poremos quando chegarmos ao tempo, em que na Curia foy passada.

CAPITULO II.

Dos Religiosos nomeados para a fundação da nova Custodia do Brasil, seus nomes, quantos, e de que Provincias eraõ.

111. Da santa Provincia de N. P. S. Francisco da Regular Observancia em Portugal, havia desaseis annos se tinha separado a Provincia de Santo Antonio de Reformados, ou Capuchos, como vulgarmente se diz. Foy erecta em Provincia por Bulla do Santo Padre Pio V, e á instancia do Cardeal Infante D. Henrique, que entã governava o Reyno pela menoridade de seu Sobrinho o Rey D. Sebastião, e sendo Ministro Geral de toda a Ordem o Reverendissimo Fr. Luiz Puteo da Pro-

vincia de Bononia, muy affeçoado aos augmentos das Refórmãs. No anno de 1568 se fez a divisaõ, como consta do Breve do Santissimo Padre, que começa : *Sacræ Religionis sinceritas*, passado a 8 de Agosto deste mesmo anno, e terceiro do seu Pontificado, havendo só tres annos que, depois de varios contratempos, gozava com socego o titulo de Custodia, que por diligencias do mesmo Cardeal Governador lhe foy dado no Capitulo Provincial dos Padres Observantes, celebrado no Convento do N. P. S. Francisco de Lisboa, no anno de 1565. Desta Refórma da Provincia de Santo Antonio de Portugal, foraõ escolhidos, e nomeados os Religiosos Fundadores da Custodia do Brasil. Eraõ estes o P. Fr. Melchior de Santa Catharina, e Fr. Francisco de S. Boaventura, nomeados na Patente de Sua Reverendissima; Frey Francisco dos Santos, Fr. Affonso de Santa Maria, e Fr. Manoel da Cruz, Sacerdotes, e Fr. Antonio dos Martyres, Chorista, todos da Refórma da Provincia de Santo Antonio ; Fr. Antonio da Ilha, Sacerdote da santa Provincia da Piedade, e Fr. Francisco da Cruz, Religioso Leygo, e Recoleta da Provincia de Portugal. E sendo estes os Fundadores, e escolhidos de huma tal Provincia, que ainda estava tanto no seu principio, e primitivo rigor, e quando a Refórma, e perfeiçaõ Religiosa florescia no seu mayor auge, bastantemente encarecido fica, quaes seriaõ os fructos de Religiaõ, e santidade de todos os seus Filhos, e muito especiaes os dos escolhidos Fundadores. Dos nomeados pelo Reverendissimo P. Geral, claramente o consta da sua Patente, pois nella lhes dá o antidistinctivo de Venerandos Padres, termos poucas, ou raras vezes usados em semelhantes escritos, e muito menos em vida dos proprios sujeitos, e em letras a elles dirigidas, e por hum Prelado mayor, e de tanta authoridade, como devem saber os versados nas historias da Ordem era o Reverendissimo Padre Gonzaga, bem conhecido em

letras, virtude, e prudencia, e muito mais se advertirmos, não falla aqui este Douto, e vigilante Prelado, por informaçã só, tambem por experiencia, pois assistia neste tempo em Portugal, tinha vizitado pessoalmente as suas Provincias, e Conventos, visto, e practicado aos melhores sujeitos dellas; e esta he a mais alta qualificaçã da virtude, e capacidade dos dous primeiros Padres Fundadores; e dos mais companheiros tambem he concludente prova serem Religiosos de especiaes virtudes, pois foraõ escolhidos pelo Padre Custodio Fr. Melchior, que devia ter delles, como de Irmãos, e Filhos da mesma Provincia, o melhor conhecimento.

112. Tambem não he gloria pequena para a nossa Custodia do Brasil ser ella hum formoso, e florente Ramo de taõ pomposa, e fructifera Arvore, como he a santa Provincia de Santo Antonio de Portugal, e que fossem taõ venerandos, e veneraveis Padres os seus Fundadores. E supposto se acha hoje este Ramo separado daquella Arvore, nem a Arvore perdeu por isso o seu ornato, e formosura, e nem o Ramo desmereceo o ser garfo de tal tronco: nem tampouco se deve ella desgostar, ou descomprazer; porque ás vezes assim he necessario esgalhar a Arvore, e transplantar o Ramo, tanto para mayor crescimento do Ramo, como para robustar melhor a Arvore, e tambem para que assim se possaõ multiplicar os fructos, e haver mais abundancia delles; pois he certo que, ou sejaõ estes da Arvore, ou do Ramo, tudo he fructo da propria especie, e tudo redundando em abono do mesmo tronco; porque, passando de humas a outras Arvores, sempre foraõ creditos para os Pays as glorias de seus Filhos. De Filha da santa, e Reformada Provincia de Santo Antonio de Portugal, se jacta muito, e sempre se deve gloriar tambem desta honra, esta Provincia do Brasil; pois a virtude, a sabedoria, e a perfeiçã Religiosa com que sempre floreceo, della a trouxe, della a herdou, e a ella a deve.

Nem quizemos, ainda que tínhamos exemplar em outra muito mais moderna, e posterior a esta nossa, inventando novas linhas de genealogia, affectar com a de Santo Antonio, donde sahimos, grãos de Irmandade, que sempre acarretaõ consigo invejas, opposicoens, e precedencias, só por naõ rejeitarmos os da filiaçaõ, que respeitaõ a Maternidade, e respiraõ sempre amor, carinhos, e affagos.

CAPITULO III.

Partem os Padres Fundadores de Lisboa, vaõ por derrota a Cabo Verde, e alguns successos mais desta Viagem até chegarem a Pernambuco.

113. Com todos estes soccorros dos Principes Ecclesiasticos, e Seculares, Alvará Regio, e Patente do nosso Reverendissimo, e com os que para a viagem lhes administrou a proprias expensas o seu nobre Protector, sahiraõ do porto de Lisboa no primeiro de Janeiro do anno de 1585 os Padres Fundadores. Navegaraõ alguns dias com ventos favoraveis até a altura da Ilha da Palma na Costa de Africa. Aqui lhes sobreveyo huma taõ forte, e horrivel tempestade, que, soprando furiosa por tres dias continuos, se julgavaõ ja no ultimo perigo, quando recorrendo temerosos, e afflictos, todos os navegantes, ao Padre Fr. Melchior, e seus companheiros, os acharaõ na sua camera, arrazados em lagrimas, prostrados diante de huma Imagem de Christo Crucificado, e de sua Mãe Santissima. Com esta lastimosa comitiva, começou o Padre Fr. Melchior a recitar a Ladainha da Senhora, com a devoçaõ, e espirito que pedia a necessidade, e ao repetir no fim della aquelle especioso, e primeiro verso do seu Hymno: *Ave Maris Stella*, a influxos da Divina Estrella do mar, Maria, repentinamente serenou o ar, aclarou o Ceo, e cessou a tempestade. Agradeceraõ todos á Senhora o beneficio, deraõ a Deos as graças,

e o reconhecimento aos Religiosos, e em especial ao Padre Frey Melchior, * por quem entendiaõ, lhes participara o Ceo tanto beneficio.

114. Pelo grande destroço, que a passada tormenta causou em tudo, lhes foy forçado irem de arribada a Cabo Verde. Em terra acharaõ outra, e muito mais para temer do que a que haviaõ experimentado sobre as agoas. Laborava agora em toda ella hum daquelles mortaes contagios, que alli costumaõ assaltar muitas vezes os seus moradores. E assim como nos perigos do mar foraõ estes Religiosos toda a esperanza dos navegantes, tambem em terra vieraõ a ser o refugio, remedio, e consolação de todo aquelle povo. Assistiaõ aos enfermos, confessavaõ aos moribundos, ajudavaõ aos agonizantes, e acudiaõ aos necessitados, pedindo a huns para dar a outros; porque, era nesta occasiaõ, para aggravar mais o mal, grande a penuria da terra, por falta dos mantimentos ordinarios; porque, communmente, quando dá Deos hum castigo, sempre vem acompanhado de outro: e esta era a mayor ancia dos pobres Religiosos, naõ acharem sufficientes esmólas para tanta necessidade. Naõ deixou com tudo de assistir o Ceo a esta falta com a sua ordinaria providencia, para credito da charidade, e desengano de avarentos. Havia hum grande, e muy rico alli, era dignidade daquella Sé, e dos mais abastados, e opulentos do lugar: com este travou huma boa amizade o Padre Fr. Melchior; conheceo-lhe o genio, e dezejando o remedio para aquelle seu insaciavel achaque, em todas as practicas, que com elle tinha, sempre encarecia os grandes bens, que se adquiriaõ pela virtude da esmóla; e de tal sorte se accendeo em huma occasiaõ no zelo ardente desta virtude o seu abrazado espirito, á vista da tibieza, e insensibilidade daquelle coração frio, que arrebatado de

* Anno 1585.

superior impulso, levantando-se em pé, e pegando-lhe da mão, lhe disse assim: Senhor Conego, faça bem para si em quanto pôde, que poderá ser que muito cedo queira, e não possa. Ficou o homem com este aballo tão outro do que era, que pedindo aos pés do Padre o perdaõ do seu descuido, e rendendo-lhe as graças pelo conselho, logo alli offereceo á ordem sua huma boa quantidade, para que a mandasse repartir pelos pobres, e advertido, para que, consumida aquella, recorresse por mais; e assim se foraõ remindo entre tanta miseria muitas necessidades. Só as do Padre Frey Melchior hiaõ em crescimento; porque tocou tambem o contagio a gente do mar, e foy preciso trazê-los os Religiosos para as cazas, em que habitavaõ, para que fossem melhor tratados com a sua assistencia; e com isto crescerãõ os cuidados do piedoso Padre, e o mayor foy enfermarem tambem do proprio mal quatro Religiosos da sua companhia, e como se lhe diminuiraõ estes, cresceo o trabalho. Nelle o ajudou muito o Padre Fr. Francisco de S. Boaventura, emulo em tudo do zelozo espirito do Veneravel Padre. Tambem foy grande imitador seu o Irmãõ Chorista Fr. Antonio dos Martyres, que sendo moço, e robusto, acudia a todos os doentes com summa diligencia, e a este chamava o Padre Custodio o seu Enfermeiro mór. Tambem se notou, que nenhum dos enfermos, que se recolherãõ ás cazas em que assistiaõ os Religiosos, perigou de morte, e muy poucos daquelles, a quem particularmente vizitava por fóra o Padre Fr. Melchior, pela diligencia do qual coheceo aquelle povo se remediaraõ nelle tantas miserias, entendendo tambem, que pela sua intervençaõ, cessara de todo aquelle contagio.

115. Convalescidos os Religiosos com a mais gente do mar, tendo-se gasto nisto mez e meyo, continuaraõ todos a sua viagem com novos alentos. Mas como o Ceo tambem sabe suas traças para apurar mais, e mais os

que são sens, e servem ao Senhor fielmente, chegados que foraõ á altura da linha, e entraraõ no Signo de Cancro, começaraõ a ser mordidos muitos dos passageiros daquelle indomito achaque, a que chamaõ os mareantes, mal de Loanda, por ser oriundo daquelle Paiz, e dominante naquella altura a sua costa, aos que navegaõ mais chegados a ella do que convem, e por isso são avançados aqui commummente deste voraz contagio. Hum dos que experimentaraõ a força deste cancerado mal, foy o Padre Fr. Melchior, com huma fortuna porém, que elle padecia a dor do achaque, e eraõ os companheiros os que mais sentiaõ a sua molestia. Mas como Deos nunca falta com o melhor allivio na mayor consternaçaõ, se agora viaõ prostradas as forças do Padre Fr. Melchior, conheceraõ logo renascido no Padre Fr. Francisco de S. Boaventura, e no Irmaõ Enfermeiro mór Fr. Antonio dos Martyres, o espirito do Veneravel Padre, com o qual fortalecidos estes dous Religiosos, elles foraõ os que neste enfadonho, e mortal conflicto sustentaraõ o campo, e resistiraõ ao inimigo: e quanto mais viaõ aos valentes fugir medrosos dos enfermos, mais se chegavaõ a elles estes dous charitativos Serafins, que, como Medicos Angelicos, naõ só alleviavaõ com o tacto das suas mãos as ulcerosas chagas dos doentes, tambem serviaõ de toques, que chegavaõ até as almas. Lavavaõ-lhes as roupas, faziaõ-lhes o comer, e temperavaõ com o sal da discricãõ, e bom conselho, aquelles dous espiritos: o da vida do corpo com o sustento, e bom trato; e o da alma com o do exemplo, e charidade. Assim foy perdurando o mal, até que sahindo do districto daquelle malevolo signo, e entrando as viraçoens suaves, e ventos largos, alleviaraõ de todo as queixas, navegaraõ com socego, e chegaraõ com huma prospera viagem ao dezejado porto de Pernambuco.

CAPITULO IV.

Chegaõ a Pernambuco os Padres Fundadores: como foraõ recebidos, e adonde assistiraõ até tomarem posse do seu Convento.

116. Corria ja com doze dias o mez de Abril, quando tomaraõ porto em Pernambuco os Padres Fundadores. Foraõ buscados ao desembarque, e recebidos na Villa de Marim, assim chamada ainda naquelle tempo, com grande alvoroço, e alegria de todo o povo, e muito em particular dos parentes de Jorge de Albuquerque, pois sabiaõ serem pedidos, e enviados a diligencias suas, e a elles remettidos; e assim foraõ tratados com muito especial cuidado*, e carinho de Filippe Cavalcanty, e sua consorte D. Catharina de Albuquerque, prima que era do famoso Jorge. Em casa destes Senhores assistiraõ os primeiros dias em quanto se lhes preparava lugar conveniente para a sua habitaçaõ. Junto ás da Santa Misericordia da Villa, lhes preparavaõ casas, e supposto lhes faltava nellas tudo o que era preciso para a vida regular, naõ deixavaõ por isso de a observar no que lhes era possivel. Levantaraõ nellas Oratorio, diziaõ Missa, e celebravaõ os Officios Divinos, ainda que com menos commodo, com muita perfeiçaõ; guardavaõ a formalidade do choro, tinhaõ oraçaõ, disciplina, e todos os mais actos interiores, e publicos de toda a Religiaõ, com tal aceyo, modestia, e devoçaõ, e se portavaõ em todas as suas acçoens, assim dentro, como fóra, que começaraõ desde logo a levar as attençoens, e arrebatat os affectos geralmente de todos, que ja eraõ tratados com respeito, e veneraçãõ, buscados como a Mestres, e admirados, como a mensageiros do Ceo, e huns Anjos mandados á sua terra, para allivio das suas miserias, e remedio de suas almas. Attrahidos assim

* Anno 1535.

os moradores de Olinda do bom cheiro, que respiravaõ estas novas flores do Jardim Serafico transplantadas da Europa para o Brasil, crescia de tal sorte o concurso, e ajuntamento no pequeno Oratorio, e pobre czinha, huns por devoçaõ, e outros por necessidade, que ja foy preciso ao Padre Custodio acudir a desviar o demasiado commercio, e communicaçãõ menos necessaria, que se hia introduzindo entre seculares, e Religiosos, traça, que ordinariamente costuma intrometer o demonio para divertir as operaçoens do espirito, e embaraçar o socego das almas. E porque não passasse aqui a devoçaõ a divertimento, e o fervor a tibieza, buscou o Padre Custodio os meynos necessarios, e tudo venceo o seu vigilante zelo, e especial prudencia, sem offensa da charidade nos subditos, nem escandalo da devoçaõ no povo; e assim com a primitiva paz, e quietaçãõ, se foy conservando a espiritual harmonia dentro, e fóra, com grande aproveitamento destes, e boa opiniaõ daquelles.

117. Hum dos actos de virtude, em que mais se esmeraraõ aquelles Religiosos neste Oratorio, foy o da charidade com os pobres enfermos do vizinho Hospital da Santa Misericordia. Para alli corriaõ todos, com huma santa porfia de quem havia ser o primeiro naquelle piedoso exercicio. Para evitar nelles esta santa emulaçãõ, ordenou o Padre Custodio horas determinadas, em que fossem todos em Communidade, e assim se executou para o diante, acabada a Oraçãõ da hora de Prima, e ás tres da tarde rezadas as Vesperas, ministrando todos nestes tempos, a huns o que lhes era preciso para o tratamento dos corpos, a outros o que necessitavaõ para bem das almas. Por estas, e outras semelhantes obras, eraõ venerados do povo, estimados dos grandes, e todos se alegravaõ, dando-se os parabens de verem na sua terra a huns taes homens, que

mais cuidado lhes davaõ as necessidades alheyas, do que a sua propria conveniencia.

118. Naõ se compraziaõ menos os Religiosos com a gente da terra, pois a achavaõ benigna, affavel, charitativa, e devota ; pelo que, huns, e outros hospedes se davaõ por satisfeitos. Neste Oratorio recebeo o Padre Custodio, e lançou o habito, para Frade Leygo, ao Irmaõ Fr. Gaspar de Santo Antonio, que pelo decurso do tempo mostrou muito bem ser Filho primogenito do espirito do Veneravel Padre, que o gerou para a Religiaõ, e primicias bem logradas da nova Custodia do Brasil, como em seu lugar veremos. Cinco mezes assistiraõ os Religiosos neste Oratorio, que foy para elles neste tempo todo domicilio de pobres, casa de Oraçaõ, e morada de espiritos Seraficos, que taes pareciaõ a todos os daquelle povo, de quem se faziaõ admirados pelas suas obras, e elles muy satisfeitos da sua companhia.

CAPITULO V.

Da Capella de nossa Senhora das Neves, da qual fez doaçaõ aos Padres Fundadores a devota Bemfeitora Maria da Rosa.

119. Entre os mais cuidados, que occuparaõ o discurso dos Padres Fundadores neste Oratorio, naõ devia ser o de menor importancia o de melhorar de sitio para o Convento formal, que se havia erigir ; e supposto naõ achamos que o seu nobre agente Jorge de Albuquerque lhes fizesse doaçaõ de terra para elle, tampouco nos queremos persuadir, que o deixasse de fazer ; porque quem com tanto empenho, e charidade os havia procurado, e mandava para hum Paiz, de que era Senhor, e Donatario, naõ he de crer que nelle lhe naõ assignasse lugar para a sua habitaçaõ, pois naõ vinhaõ a

elle de vizita, e por algum determinado tempo, mas muito de assento, para nelle levantar casas, e fundar Custodia. E tal vez, que o não se tocar este ponto, seria, porque, como acharaõ de outra parte quem lhes desse Igreja, e casas ja feitas, e terra bastante para tudo o mais, que lhes fosse necessario, não lhes foy mister valerem-se da graça do seu bemfeitor.

120. Ja fica dito, que vindo ter acaso pelos annos passados de 1577 o Padre Fr. Alvaro da Purificação á Villa de Olinda, pelos grandes dezejos que tinhaõ os seus moradores de ennobrecer a sua nova povoação com huma casa de Religiosos Seraficos, lha offerenciaõ fazer, sendo a principal neste empenho huma devota mulher, chamada Maria da Roza, que o brindava com huma, a que neste tempo dava principio, ou andava traçando para a offerecer, como fazia, aos Frades de S. Francisco, que aquelle Padre não acceitou por lhe faltar para isso o beneplacito da sua Provincia. Era Maria da Roza, Irmã Terceira de N. P. S. Francisco, que tomara o habito da Penitencia desta Veneravel Ordem na Capellinha de S. Roque, coma fica dito. Era viuva honesta, exemplar, e rica, e fora casada com Pedro Leitaõ. Morto este, por particular devoção, que tinha á mãy de Deos, e não haver herdeiros forçados aos seus bens, edificou em terras proprias huma Capella á Rainha dos Anjos debaixo do seu especioso titulo de Senhora das Neves, com intento de levantar á sombra desta Mãy de Piedade, e dos homens, hum Recolhimento para si *, e outras devotas mulheres, quando não houvesse effeito o particular voto seu de fazer doação de tudo aos Frades Menores, como ella mesmo declara em sua escritura. E supposto que nella se não diz expressamente os termos em que estava o tal Recolhimento, quando delle fez entrega aos Padres Fundadores, he

* Anno 1585.

sem duvida, que ja a este tempo lhe havia dado principio, e o tinha em tal fórma de corredor, casas, e agalhos, que nelle se puderaõ accommodar todos os Religiosos, que ja quando alli entraraõ eraõ nove, e necessitavaõ de outras tantas cellas, ou apoentos, além dos que eraõ precisos para refeitorio, cozinha, e outras mais officinas, que se não podiaõ excusar a huma Communi-
dade. Nem devemos suppor que por conta dos taes Padres corresse a fabrica do Recolhimento, antes de entrarem nelle; porque nem achamos disso clareza alguma, nem se haviaõ metter nesse empenho, sem terem a posse de tudo por escritura, e esta foy passada seis, ou sette dias antes de sahirem das casas em que assistiaõ junto á Misericordia para a da Senhora das Neves, e seu Recolhimento, que tudo entendemos vay incluso nos termos da mesma Escritura, tocantes á Igreja, casa, ou Recolhimento.

121. Deste, com a sua Igreja da Senhora das Neves, e toda a mais terra necessaria para a cerca fez offerta aos Padres Fundadores, para os quaes o seu espirito, como presagiozo ja do seu principio, mostrou que o traçava; porque sendo tambem rogada para esta graça, por certos Religiosos de outra Ordem, a negou humilde, com a excusa de que o fabricava para os Filhos do seu Patriarcha S. Francisco, quando áquella terra viessem fundar Convento.

122. Agora que ja a ella eraõ chegados, se executou a sua palavra, ou porque voluntariamente fizesse ella esta offerta, ou porque noticiosos os Padres do seu desejo, fossem elles os que o solicitassem, conseguiraõ a graça, satisfazendo ella tambem liberal, o que havia promettido devota, pela presente Escritura.

123. *Saibão quantos este publico Instrumento de doação virem, que no anno do Nascimento de N. Senhor Jesus Christo de mil quinhentos oitenta e cinco, aos vinte sette dias do mez de Settembro, nesta Villa de*

Olinda, de que he Capitão, e Governador o Senhor Jorge de Albuquerque Coelho, por ElRey nosso Senhor, na Igreja de N. Senhora das Neves desta dita Villa, estando ahi a Senhora Maria da Roza D. Viuva, mulher, que foy de Pedro Leitaõ, que estê em gloria, moradora nesta Villa, logo por esta foy dito, e disse em presença de mim publico Tabelliaõ, ao diante nomeado, e das testemunhas ao diante escritas, que tanto que o Senhor lhe levara para si seu marido, e filha, que estê em gloria, logo ella determinara, e promettera de fazer huma casa da invocação de nossa Senhora das Neves, e a dar aos Frades da Ordem de S. Francisco para Mosteiro da dita Ordem, pela muita devoção que ella lhe tinha, para nella perpetuamente o Senhor ser servido, e louvado; e nisto, depois de cumprir com suas obrigaçoens, mostrar o que o Senhor lhe déra; e com esta intenção, e devoção a tinha feita, e posta nos termos em que hora estava: e que por vezes tinha escrito ao Reyno, aos PP. Provincias da dita Ordem, mandando-lha offerecer, e pedindo-lhes, quizessem mandar Religiosos para a povoarem, e acabarem, o que até agora não teve effeito: e que hora vendo ella nesta terra o Padre Fr. Melchior de Santa Catharina, e seus companheiros com provisão de Sua Magestade, e Patente do Padre Fr. Francisco Gonzaga, Ministro Geral de toda a Ordem do P. S. Francisco, em que o faz Custodio, e seu Commissario, para em todas estas partes do Brasil poder tomar Mosteiros, e fundar sua Sagrada Religião; ella dita Maria da Roza dava muitas graças a N. Senhora por lhe mostrar cousa que tanto dezejava: Pelo que, ella de seu proprio moto, e livre vontade, e sem constrangimento, nem induzimento de pessoa alguma, dava, e doava á dita Ordem de hoje para todo sempre a dita casa assim como está, Igreja com todos seus ornamentos, e com todos os mais, prata, chãos, e terras, que estão junto com a dita Igreja, assim cerca, como os que estão fóra

della, em que está a Ollaria até o salgado, para se poderem metter na cerca, assim, e da maneira que os ella tem, e possue, com suas entradas, e sahidas: E logo disse, que renunciava, e traspassava todo o direito, que nos ditos bens tinha, em a dita Ordem de S. Francisco, ou em quem conforme a Direito, e as declaraçoens, que os Papas tem feito sobre a Regra dos Frades Menores, devia, para que a Ordem, conforme a Direito, e seguras consciencias, ditos Frades possuão gozar da dita casa, e ordenar della, como das mais Casas, e Mosteiros da dita Ordem, e assim, e da maneira, que dito he, e otorgou, e mandou ser feito este publico Instrumento de doaçãõ, e que desta nota lhe sejaõ dados os traslados, que pedidos forem. E logo, Eu Tabelliaõ, como pessoa acceitante, e estipulante, acceitei esta Escritura, assim, e da maneira, que nella se contém, em nome dos presentes, e ausentes, a quem convem, e deve convir: estando presente Lucio Martins, Procurador do numero desta Villa, que assinou pela Senhora Maria da Rozu, por não saber assinar, e Gaspar Nunes Leitão sobrinho da dita Senhora, e Antonio Nnnes, alfayate, e Antonio de Valladares, todos moradores, e estantes nesta Villa. E eu Jorge Gonsalves Tabelliaõ do publico Judicial, e notas &c. O mais desta Escritura são termos communs.

CAPITULO VI.

Passão os Fundadores para a nova Casa da Senhora das Neves: descreve-se o Lugar, e Villa de Marim, e Cidade de Olinda.

124. Está situada ao Nascente sobre huma elevada eminencia, e alto monte, que levantando-se em humas partes mais, em outras menos, sórma planicies, mostra quebradas, e deixa empinados; donde veyo dizer hum douto Escriptor, na sua descripçãõ *, estava fundada a

* Brito Freire. Nova Lusitan.

Cidade de Olinda sobre cinco montes, não sendo na realidade mais que hum, de que nascem os outros, ou como filhos, a quem elle sustenta a seus lados, ou como peanhas, sobre que descança, como capitel, e coroa dos mais; tão aprazível á vista, e agradavel aos olhos, que o alegre, e delicioso da sua perspectiva lhe grangeou o peregrino, e especioso nome de Olinda, que a admiração gostosa do seu primeiro descobridor, e a lizonjeira affabilidade de seus companheiros lhe apropriou, quando com a vista deste empinado, verde, e frondozo monte, exclamou dizendo: *Oh que linda situação para huma Villa!* e daquella interjeição admirativa, e do lindo que lhe pareceo para huma povoação o lugar, lhe deraõ o nome de Olinda á Villa que alli fundaraõ; unindo-se só aqui, sem violencia a lizonja com a verdade, e podendo-se tambem dizer, que fallou a verdade, e acertou a lizonja; e foy sem duvida a vez primeira que acertou. Em oito grãos escassos da Equinocial para o Sul tem o seu assento, com mais de meya legoa de diametro, e duas grandes de circunferencia, e distante cinco do Cabo de Santo Agostinho. Tão alegremente vistosa a sua eminencia, que della para o Nascente se descobrem as agoas do mar até o mais alto dos Horizontes com o esprayado de suas cóstas, dilatando-se estas até onde alcança a vista, tanto ao Leste, como Norte, e Sul. Para este lhe fica em distancia de huma legoa a aprazível Villa do Reciffe, para a qual se chega, e faz caminho, ou por huma lingua de arêa de vinte até trinta braças de largo, ou por embarçoens de canoas pelo Rio Beberibe abaixo, que mettendo em meyo esta lingua, corre a parellas com o mar, por toda aquella legoa, e tão desenfadado aos que por elle navegaõ, que, ou se deleitaõ com o brando susurro das agoas do mar, que continuamente lhe vay batendo nas costas com a sua pancada; ou se recreaõ com o delicioso da terra, e salgado das Salinas, e Bcavista, ornada de sitios, ca-

sarias, hortas, e arvoredos. Pela quadra, que lhe fica entre o Poente, e Norte, vay continuando, como garganta, e corpo restante, de quem he cabeça o monte alto da Cidade, huma cordilheira de serranias, naõ muy altas, mas tão prolongadas, que repartidas pela terra a dentro, vaõ cercando ao longo a sua redondeza, depois que para o Meyo dia, e Sul, deixaõ humas espaçosas campinas, ou vargens de quatro, cinco até seis legoas, habitadas de multidaõ de vizinhos, grandes Engenhos de Açucar, fabricas de Ollarias, e diversas lavouras, que de mais perto daõ para a Cidade, e principalmente Reciffe, o gostozo fresco de todo o genero de hortaliça, e fructa.

125. Do ultimo Cabeço do Monte, que para a parte do Sul cahe sobre a costa do mar, e onde fica assentado o Mosteiro de S. Bento, entre este, e o Palacio dos Governadores, deixando a rua direita, se desce por outra pela ladeira abaixo, que vay cahir em pouca distancia sobre a fallada Ponte do Varadouro, que lhe fica ao Poente. Serve esta de dar passagem aos que entraõ, e sahem da Cidade, e reconcavos da terra, como Salinas, Vargem, Mattas de S. Lourenço, Tracunhen, e mais Sertoens. Fica esta sobre as correntes do Rio Beberibe, que tendo a sua nascença algumas legoas pela terra adentro á parte do Noroeste, e vindo buscar, como os mais, o seu sepulchro no mesmo berço, em que nasceo, no mar, para o Oriente, por achar para alli o impedimento dos montes, que vaõ correndo da Cidade, lavando-lhe os pés do seu, desde o que chamaõ Fórnos da cal, e Ollarias, volta buscando o Sul, e correndo para este da sobredita Ponte do Varadouro, pela distancia de huma legoa, como fica dito, emparelhado com a costa do mar vay fenecer no porto do Reciffe; vindo assim a ficar todo o Monte da Cidade, pelo Poente cercado das agoas doces do Beberibe, e pelo Nascente das salgadas do mar; começando para o Sul

entre as agoas, que cahem do Varadouro, e as que correm do mar pela cósta em pouco mais de cincoenta braças de salgado, e arêas o pé da lingua, que tendo as raizes na quebrada do monte, e muros de S. Bento, sahe para o Reciffe, e vay levantar na sua ponta aquella povoaçã, e acabando para o Norte o circuito, e monte da Cidade, em mais de huma legoa de distancia desde as Ollarias donde o busca o Beberibe pelo Meyo dia até a cósta do mar ao Nascente.

126. He a Ponte do Varadouro, da Cidade de Olinda, e foy sempre hum bom divertimento de seus moradores, e mais Colonios de outras partes, servindo tambem, assim aos da Cidade, como do Reciffe, de grandes conveniencias. A estes, como tambem a todos os mareantes, por mandarem tomar de mais perto as agoas de beber, que lhes faltaõ alli, e as hiaõ buscar algumas quatro legoas pelo outro Rio Capebaribe acima ao Engenho dos Apepucos. Aos da Cidade, e seus vizinhos pela abundancia de pescados de bom gosto, e pouco custo, que cria, e dá o Rio em hum grande lagamar que fórma, quando represas as suas agoas. Só causaõ estas tal, ou qual descommodo aos que tem sitios á sua margem, por lhes tomar algamas baixas mais frescas para as suas lavouras, e hortaliças, de que se segue, como de todas as cousas deste mundo, que ainda quando agradaõ a muitos, desgostaõ a outros, sendo por paixoens particulares os mesmos do Reciffe os que mais se enfastiaõ destas agoas, ao mesmo tempo, que tem nellas a mayor conveniencia; e assim sobre a conservaçaõ desta ponte, ou aberta em arcos, para que corra o Rio livre, como querem os debaixo, ainda que se naõ aproveitem das suas agoas, por que correm assim de mistura com as salgadas, ou posta em represa, como sempre pertendem os da Cidade; tem havido suas contendas, de que ha resultado correr o Rio humas vezes livre, e outras ficar prezo. Ao presente se acha nesta

fórma, desde os annos de 1744, em que sendo Juiz de Fóra de Pernambuco o Doutor Joaõ de Sousa de Menezes, a diligencia, e cuidado seu, instancia dos Vereadores de Olinda, e concurrencia do povo, se fez a sua nova ponte de pedra lavrada, com vinte tres aqueductos, parte destes em sangradouros de tres palmos de largo, e mais altos para despedirem as agoas nas enchentes do Rio, e a outra parte em bicas, ou canos da mesma pedra, e mais baixos que os sangradouros alguma cousa, de sorte, que nunca a maré, por mais alta que seja, lhes possa chegar, e fique conveniente a poder-se das canoas tomar a agoa, que por elles sahe; donde, com singularidade raras vezes vista, estando os debaixo sobre as salgadas agoas em suas canoas, e bateis, tomaõ da mesma corrente as doces, que lhe cahem de cima, e admirando-se, sem milagre de alguma poetica metamorphosi, dividirem-se as agoas de huma mesma corrente em doces para huma parte, e salgadas para a outra. Por cima do seu lagedo de 328 palmos de comprimento, que he todo de pedra lavrada, tem huma bastante casa de 74 palmos de comprimento, e 27 de largo, formada sobre arcos, cinco por cada lado, com seus assentos da mesma pedra, em que descançaõ os que passaõ, se divertem os que passeaõ, e os que vaõ tomar seus banhos, ou por necessidade, ou regálo. Depois da ponte, que começa logo no fim da rua dita, que desce de Palacio, corre na mesma largura de 27 palmos hum aterrado por distancia de dous mil quarenta e sette palmos até o Adro da Igreja dos Padres Theresios, que ficaõ da outra parte para o Poente, e serve de muro ás agoas do lagamar, que formaõ as reprezadas do Rio, e de caminho aos passageiros, por ser aquelle restante de terra alagadiça, que se cobre de agoas na enchente da maré. Esta he a tosca, mas verdadeira descripçaõ desta ponte de Olinda, e Rio Beberibe; e se acazo houver algum passageiro, ou Critico por paixãõ, ou enfastiado por

genio, que não goste da sua passagem neste papel, sem muitos rogos, lhe concedemos, que em chegando aqui ao seu principio, a tome de hum salto, e se intrometta na Cidade, aonde nós tambem agora tornamos a entrar.

127. Foy fundada por Duarte Coelho de Albuquerque no anno de 1530, como ja se disse, e no de 1537 levantada em Villa pelo mesmo Rey D. Joaõ III, que lhe havia feito a mercê desta Capitania, e no decurso de cem annos, desde o de 1530 da sua fundação até o de 1630, em que foy tomada, e destruída depois pelos Olandezes, chegou a tanta opulencia de riquezas, e grandeza de edificios, quo só de ruas passeavaõ os seus Colonios settenta e duas principaes. E supposto se acha hoje bastantemente reedificada, ainda os que discorrem por ella, ou se desviaõ para qualquer do seu alto, baixas, e quebradas, só topaõ com ruinas dos seus antigos edificios, e pedras, que servem de escandalo fatal á vista, e de magoa ternissima á memoria, que por força lhe ha de occorrer, que o nome de Olinda, que lhe deraõ, assim como foy presagio feliz da sua futura grandeza, foy tambem annuncio triste da sua vindoura fatalidade, em que só com a breve, e ligeira mudança de huma letra, se havia tornar Olanda, a que era Olinda; destino fatal, e que acompanha de ordinario as cousas grandes, que com o seu mesmo crescimento accrescentaõ, e acarretaõ a sua propria ruina. Depois desta, e da sua total restauração em 1654, no de 1676 o Pacifico Monarcha D. Pedro II a elevou a Cathedral, condecorando-a com o primeiro Bispo D. Estevaõ Brioso de Figueiredo, Clerigo, por Bulla do Santissimo Padre Innocencio XI, que começa: *Ad Sacram Beati Petri Sedem*, de 22 de Novembro de 1676, no primeiro anno do seu Pontificado, e por esta mesma Bulla confirma o Santo Padre a honra de Cidade, a que, com a nomeação do seu primeiro Bispo, a elevava o mesmo Principe Regente; o que tudo logrou o seu effeito em Olinda no seguinte

anno de 1677 ; porque neste mesmo anno, por Certidaõ autentica, que tiramos pelo Escrivaõ da sua Camera, consta que se achaõ nella escrituras passadas no principio delle, em que se nomea Villa, e outras para o fim, em que ja se intitula Cidade.

128. Daõ-lhe ainda hoje glorioso lustre, mais que á sua grandeza, á sua devoçaõ, as muitas Igrejas, e grandes Templos, que mais a ennobrecem ; porque além de oito menos principaes, que saõ : o da Senhora de Guadalupe dos homens pardos, S. Joaõ de Soldados, Rosario dos Pretos, Amparo dos Musicos, e moradores desta rua, S. Sebastiaõ da Camera, e Vereadores, S. Pedro Martyr Freguezia, a do Apostolo do mesmo nome, de Clerigos, e a Senhora do Monte, Hospicio de S. Bento, e Santuario milagroso ; tambem conta outros oito de mayor nome ; e he o primeiro a sua Sé Episcopal, Templo bastantemente avultado ao antigo de cinco naves, tres das quaes se sustentaõ sobre duas ordens de boas columnas de pedra inteira ; a Santa Casa da Misericordia, Igreja Collegiada, com Hospital para pobres ; a de nossa Senhora da Conceiçaõ, Recolhimento de mulheres convertidas ; o Mosteiro do Principe dos Patriarchas, o Convento do Carmo Observante, o de Santa Teresa ; o Collegio dos Padres Jesuitas ; e a Casa de N. Senhora das Neves, principal objecto, que nos veyo encaminhando a toda esta digressaõ, dilatada, mas necessaria.

129. He ao presente huma das boas, que tem a Provincia, e foy sempre muy mimoza, e appetecida dos Padres, e ainda hoje naõ perdeu de todo esta regalia, supposto que a fortuna, como a Esaû lhe tirou o morgado, e deixou de ser Cabeça da Provincia, que logrou por muitos annos, transferindo os Padres do Governo, naõ sey se com a mesma razaõ, que Isác para Jacob, de Olinda para Bahia, a Casa Capitular. Está hoje todo de novo, e he ja o segundo, que no mesmo lugar do primei-

ro se levantou, e em tudo avantajado. Tem o seu assento ao descer do alto do monte, e principal fronteira para o Nascente, e sobre o mar, em hum meyo razo, que fórma a ladeira, abaixo do Collegio dos Padres Jesuitas hum tiro de mosquete, e quasi dous da Sé Episcopal, que está no principio do plano do mesmo monte, e rua principal para a Misericordia, donde acaba esta primeira planicie, e cabeça mais alto de toda a Cidade, ficando-lhe o muro, e cerca pela quebrada abaixo, até o salgado, que medeya entre o muro, e a pancada do mar, só com a distancia de hum combro de area de algumas cincoenta braças entre ambos. He o sitio, ainda que retirado, muy vistoso, participando mais do espaçoso do mar, que he o principal objecto da sua vista, e muy pouco da Cidade, por lhe ficar esta para o Meyo dia, e a mayor parte della encoberta com o empinado, que vay formando o monte em circuito, desde a Sé quasi ao No- roeste, até S. Bento ao Sul, que como muralha opposta tira ao nosso a mais vista da Cidade, que cabe toda para o Poente, por lhe ficar para o Nascente o da Senhora das Neves, de que fallamos.

130. Para este, assim, e na fórma em que o tinha fabricado a sua Fundadora, se passaraõ das casas, em que até entã assistiraõ junto á Misericordia, os nossos Religiosos, no dia quatro de Outubro, Solemnidade festiva do Serafico N. P. S. Francisco, do ja referido anno de 1585. Junto hum, e outro povo, o Clero com o seu Reverendo Vigario Geral, o secular com o Senado, e Camera, e mais Nobreza em numerozo concurso na Santa Casa da Misericordia, dahi sahiraõ em huma bem composta, e ordenada Procissãõ, a que presidia, com o Governador da terra, o Vigario Geral, e Padre Custodio, entoado o festivo Cantico do *Te Deum Laudamus*, até o Convento, pela rua direita, que toda estava ornada de arcos triunfaes, e verdes palmas, annunciadoras felices das muitas victorias, que estes novos Conquistado-

res haviaõ alcançar do commum inimigo. Recolhidos á Igreja, depois de huma breve, e devota Oraçaõ, e de outras Ecclesiasticas Ceremonias, costumadas nestes actos, fez o Reverendo Vigario Geral hum largo, e douto Discurso, em que ponderou discreto, e com elegancia o austéro, penitente, e exemplar da vida Religiosa, dando parabens a todo aquelle povo de ter chegado o ditoso tempo de lograrem a appetecida companhia de huntaes sujeitos, que serviriaõ ao Gentilismo de conversão para a Fé, e aos Catholicos de exemplo para o aproveitamento, e de huma grande glória para Deos ; e que nas suas oraçoens achariaõ todos outros Moysés, e Aarãõ para applacar as iras do Senhor contra os homens, reduzindo a estes a seu amor, e serviço : e assim se concluiu, com hum universal applauso do povo, a accaõ deste dia.

131. Logo no outro cuidou o Padre Custodio em dar providencia ao governo economico do Convento. Fez-se toda a instancia com o Padre Fr. Francisco de S. Boaventura, que vinha em segundo lugar para Custodio, na falta do primeiro, para que com a fortaleza do seu reformado espirito, pobreza Religiosa, e observancia regular, de que era enriquecido, e devia ter o primeiro Prelado de huma Familia, que aqui vinha ter a sua infancia, e se nesta lhe faltassem os documentos essenciaes para a perfeiçaõ do estado, muy atrazada ficaria a disciplina regular para os vindouros ; pela qual razaõ, queria o Padre Custodio fosse este Religioso o primeiro Prelado da nova Familia ; mas nada se pode acabar com elle para este effeito ; porque logo determinou com outros companheiros mais, que escolheo do seu mesmo espirito, sabir á prégação, e doutrina dos Indios, em que obrou admiraveis conversoens : Em seu lugar accitou o de Guardiaõ, e Prelado da Casa, o Irmaõ Fr. Francisco dos Santos, sujeito tambem de prudencia, zelo, e actividade para obras, e por sua traça se ordenou a

formalidade material da casa, em quanto aos agazalhos, officinas, e o mais necessario, e preciso para o governo economico, e regular.

CAPITULO VII.

Do mais, que obraraõ os Fundadores depois que entraraõ em o novo Convento.

132. Muy satisfeitos, e espiritalmente gozozos se achavaõ todos elles com a posse de nova habitaçaõ, e particularmente pelo grande consolo de terem por casa sua a daquella Mãy de piedade, que com singular cuidado he especial Protectora dos Frades Menores; pois desde a primeira casa, que teve a Ordem Serafica no pequeno Valle de Porciuncula, os tomou esta Senhora tanto de baixo do seu amparo, como o tem mostrado o mesmo tempo, e a experiencia; e naõ o duvidavaõ menos agora, em que, por primicias das suas espirituaes felicidades, era a pequena Casa, e Igrejinha da Senhora das Neves a primeira da nova Custodia. E como se achavaõ ja em Casa propria, e desaffogados de alguns inconvenientes da estreiteza do primeiro domicilio, se applicaraõ tambem com mayor fervor de espirito, e socego da alma ás pensoens do Choro, Oraçaõ, e outras mais domesticas, e interiores com taõ indispensavel assistencia, sendo taõ poucos, como se fosse em hum Convento de grande numero, fazendo assim certo, que o espirito, e naõ a quantidade, he que faz a Religiaõ, e sustenta a Refórma. Nem estas precisas occupaçoens de dentro lhes impediaõ as charitativas de fóra, acudindo ás vizitas do Hospital publico, e de outros enfermos particulares, e pobres, e a muitas necessidades daquelle povo, que taõ satisfeito se dava com estes seus sollicitos, * e amantes bemfeitores.

* Anno 1386.

133. A fama voadora destes beneficios para com os proximos, e das proprias virtudes, e exemplares procedimentos, formando as suas costumadas azas, ja era clarim, que por todas as partes as fazia publicas, e ja era reclamo, que convidava a innumeraveis almas, assim dos Catholicos, como dos Gentios, a buscar nelles o seu remedio, e espirital allivio, communicando-lhes as suas afflicções, para o consolo, as suas difficuldades para o conselho, e seus males para a cura das almas, de que se colhiaõ ja grandes, e sazoados fructos, assim nos confessionarios, como nos pulpitos, especialmente com as prégaçoens do Padre Custodio, e de Fr. Francisco de S. Boaventura, que eraõ suas vozes em hum, e outro lugar, as deste nos confessionarios, e as daquelle nos pulpitos, como dous trovocens de superior esfera, do Evangelho, que assim moviaõ com o estrondoso do echo, como allumiavaõ com as luzes do exemplo. Tambem hiaõ ja abalando muitos filhos dos moradores da Villa, e de algumas pessoas de mais distincão, a pedir o santo Habito, e abraçar o Serafico Instituto, attrahidos do suave cheiro, que ja por toda a terra respirava fragrantas flores da Serafica Refórma.

134. Ja neste tempo era entrado o anno de 1586, e os Religiosos tambem em novos cuidados; porque era forçoso receber a Ordem alguns Noviços, tanto para ministerio da Casa, como para dar satisfação aos desejos do povo, e não havia ainda domicilio particular para este effeito. Tambem se devia fabricar na cerca huma casa sufficiente, na qual se criassem dentro os filhos dos Indios, convertidos, como em Seminario, para que, bem instruidos primeiro nos rudimentos da Santa Fé, fossem depois Prégadores de seus mesmos naturaes; porque he certo attractivo das vontades a similhaça da natureza, e a propriedade das linguas; e ambas estas casas se concluireã com brevidade, e perfeicão, com as esmólas dos fieis devotos, e agencia do

Prelado, que, como tão zelozo da santa pobreza, em nada excederaõ estas obras ao precizo do seu mister, nem ao regular do nosso Instituto.

135. Outro cuidado sobreveyo depois aos pobres Religiosos, que tanto era mais para sentido, quanto tocava na parte mais viva da alma, que he a opiniaõ, e boa fama. Vio o demonio a muita, que haviaõ grangeado aquelles Padres com o seu exemplar modo de vida, que deixamos referido, e como picado de se vêr ir despojando de muitos sequazes da sua infernal milicia; porque os peccadores emendavão os erros passados, e os Genticos se convertiaõ á Fé Catholica, crescia a sementeira do Evangelho, plantada por estes vigilantes Operarios, no campo da Igreja, e que os celleiros desta se enchiaõ á pressa de redundantes fructos, entrou a semear huma forte, e vigorosa zizania, que, se não extinguiu, não deixou de suffocar, em quanto de todo se não extirpou, huma boa parte da espirital colheita. Incitou o animo ambicioso de alguns dos moradores da terra, para que nos tirassem do Seminario, que tinhamos erigido para Recolhimento dos novos convertidos, os filhos dos Indios, que alli ensinavamos, e os levassem para suas casas, e que fazendo-os Deos livres, se serviaõ delles, como de escravos, contra as Leys Civis, e da natureza, Decretos Pontificios, e Ordens Reaes, o que uzavaõ communmente todos, e abuzo, em que se tem trabalhado muito em toda a America para se arrancar, e ainda o não está de todo; e para darem a esta antiga payxaõ nova côr, ajuntavaõ aos Religiosos calumnias, imposturas, e dicterios fabricados pela sua malicia, e alheyos da boa intençaõ daquelles Padres, que contrapondo o soffrimento á calumnia, e o desapego das temporalidades ao bem commum daquelle Gentilismo, o mesmo tempo foy mostrando, que os não admittiaõ á sua companhia com aquelle pretexto, com que os solicitavaõ para si os Calumniadores; e assim se foy desvanecendo aquella

ruidoza tempestade, e a serenou de todo a tolerancia em huns, e o desengano em outros.

136. Era neste Seminario o principal cuidado dos Religiosos, depois de bem instruidos nos principios da Fé aquelles Indios, ensiná-los a lêr, e escrever para melhor intelligencia sua, e a poderem ensinar tambem aos parentes, e payzanos. E porque esta gente he naturalmente inclinada á musica, em que passavaõ a vida em cantos, e bailes a seu modo rustico, lhes buscaraõ Mestres, que os ensinassem a cantar, e tanger os instrumentos, que na Igreja Catholica se uzaõ, que foy de grande importancia para a conversãõ de muitos, e para os obrigar a descer das suas Aldêas, e Sertoens vizinhos, e trazerem seus filhos para aprenderem o mesmo; porque he gente esta tambem amiga de saber, ouvir, e perguntar, docéis para serem governados, e faceis para a crença, ainda que mudaveis, varios, e inconstantes, principalmente os que se convertem á Fé, depois de imbuidos nos seus falsos dogmas, e erros Gentilicos, que na opiniaõ dos doutos naõ passaõ nelles a Idolatras, porque naõ adoraõ a Divindade alguma particular, que tenhaõ por Deos, e só reconhecem a huma Excellencia Superior, a que chamaõ *Tupaõ*, que he o mesmo, que Deos Grande, mas sem lhe tributarem culto, ou adoraçaõ alguma: e só se deixam enganar dos falsos agouros dos seus feiticeiros; e por isso se admiravaõ muito de vêr, e entrar em as nossas Igrejas, e tinhaõ grande consolaçaõ com a das Imagens dos Santos, especialmente com as de Christo, e sua Santissima Mãe; A' desta Senhora com o titulo das Neves, que era de pintura em painel, grave, e devota, com o seu Bendito Menino em os braços, e singular Padroeira do Convento, tinhaõ, e mostravaõ particular devoçaõ, e reverencia. A vizitar este devoto Retabolo acudiaõ os Indios em grande concurso, e para augmentar este, e o culto, e veneraçãõ da Senhora, ordenaraõ huma devota Con-

fraria, ou Irmandade, e faziaõ muito apreço, e estimaçãõ de que os assentassem nella, e a serviaõ muy promptos, e obsequiosos, ornando o seu Altar, e Retabolo de flores, e outros enfeites, que permittia a sua rude descriçãõ, e natural pobreza, e mostravaõ a sua muita vontade, e grande affecto.

137. Para tudo tinhaõ bastante, e exemplar incentivo no que viãõ áquelles Religiosos seus Mestres, e Directores. Eraõ continuos nas funçoens do Choro; gostavaõ os Indios de os ouvir cantar os Divinos louvores, e com poucas liçoens entoavaõ juntamente com os Religiosos as Missas Solemnes, Ladainhas, e outras simillhantes funçoens Sagradas, e logo houve entre elles muitos, e muy destros no canto do Orgãõ, e hum, chamado Francisco, era bastantemente contrapontista, e punhaõ as letras á solfa em a nossa lingua, que aprendiaõ com facilidade, e tambem na sua, convertendo nesta muitas das suas Gentilicas cantilenas em encomios Divinos, e era certamente muito para dar graças a Deos vêr em taõ pouco tempo a hum Indiozinho com destra harmonia entoar louvores ao Senhor na sua barbara linguagem, que sendo suave aos ouvidos, só Deos se sabia entender com ella, e só elle a podia entender.

138. A Irmandade de nossa Senhora das Neves, que ja dissemos levantou a reverente devoçãõ destes Indios convertidos, foy com particular providencia, para vizitar, e servir aos seus enfermos, e dar sepultura aos seus defunctos; e no dia em que a Igreja faz a geral commemoraçãõ por todos, costumavaõ offertar suas primicias, carregados dos fructos, que colhiaõ das suas lavouras. Estimaraõ muito a noticia deste dia; porque saõ muy amantes dos seus defunctos, e delles bem lembrados, e davaõ a entender pelo seu rude, e tosco estylo, que folgavaõ de ser Catholicos, porque os que guardaõ a Ley de Christo saõ taõ cuidadosos dos que partem desta vida; e por isso no dia de Finados se ajuntavaõ na Igreja

em mayor concurso, como tambem em a noite solemne do Nascimento de Christo á Missa, que chamaõ do Gallo, Domingo de Ramos, e em toda a Semana Santa, em que faziaõ muitas, e grandes penitencias, jejuando, vigiando, e levando ás costas nas procissoens pedras, e troncos de extraordinario pezo, como se costuma nestes santos dias.

139. Tinhaõ singular honra, a de que os admittissem á Sagrada Mesa da Eucharistia, e para esta se preparavaõ com ternissima devoçaõ, e sobre todos dous velhos principaes, chamados Antonio, e Joaõ, que parece os tinha Deos particularmente destinado para Prégadores daquelle Gentilismo; porque, depois de bem doutrinados, os admittiraõ os Religiosos a que cathequizassem, e doutrinassem aos mais, o que elles faziaõ com tanto zelo, e fervor, que foraõ innumeraveis os que se reduziraõ, tanto pela vehemente força das suas razoens, como pelo grande respeito, que como a mais velhos, e Principaes, lhes tinhaõ todos, e bem mereciaõ estes dous Indios outra mayor demonstraçaõ, e mais larga memoria, pelo muito que trabalharaõ ajudando aquelles Religiosos na laboriosa Conquista dos seus naturaes, se os mesmos, que nos daõ delles esta succiuta noticia, a deixaraõ de todo completa.

140. No dia em que commungavaõ, de nenhuma maneira, ou por grande necessidade que houvesse, uzavaõ das suas commúas viandas, e potagens Gentilicas, e só comiaõ alguma ave, se a colhiaõ á frecha, ou em laço; e quando esta lhes faltava, guardavaõ hum abstinente jejum, mostrando esta summa veneraçãõ ao Corpo Sacramentado do Senhor, que haviaõ recebido em suas almas. Assim mesmo era grande a estimaçaõ, que faziaõ daquellas mulheres, as quaes os Padres approvaõ por capazes da Sagrada Communhaõ. Eraõ tambem muy curiosos, e inclinados a ouvir as praticas, e préga-

çoens, que os Padres lhes fazião especialmente na sua lingua, que com facilidade aprenderaõ os PP. Custodio, Fr. Francisco de S. Boaventura, Fr. Francisco dos Santos, e Fr. Antonio da Ilha; porque he o seu Idioma muy amplo, e capaz para se lhe formarem nelle elegantes, e bem fundados discursos, com varios preambulos e Rhetoricas figuras.

141. De tudo o que fica dito colhiaõ aquelles Padres humas bem fundadas esperanças da total conversão deste Gentilismo; pois ainda os que viviaõ apartados do commercio dos Catholicos pelos Sertoens mais vizinhos á Cõsta do mar, se hiaõ facilmente domesticando com as continuadas prègaçoens do Padre Fr. Francisco de S. Boaventura, e seus companheiros, que com incançavel zelo das suas almas trabalhavaõ em reduzi-los ao gremio da Igreja pela prègação do Evangelho, como com effeito o irã mostrando o decurso dos annos.

142. Neste, em que agora estamos, (1586) e ja pelos fins de Novembro, ouvidas benignamente pelo Santo Padre Sixto V. as humildes supplicas do devoto, e piedoso Jorge de Albuquerque, acompanhadas com a Patente do Reverendissimo Padre Geral, e Alvará do Rey Catholico, foy passada na Curia Romana a Bulla da Instituição, erecção, e confirmação da nova Custodia de Santo Antonio do Brasil, e remettida a sua execucao, para lhe fazer dar cumprimento, ao Doutor Vigario Geral do Arcebispado de Lisboa, Official da Curia, que a acceitou, e deo á execucao, como consta de hum transumpto autentico, tirado do proprio original, e se guarda no Archivo do Convento de Olinda, na fórma seguinte.

143. Diz o Custodio de S. Francisco, que a elle he necessario o traslado de hum Processo, discernido sobre a Instituição, e erecção desta Custodia do Brasil, por vigor do Breve de Sua Santidade, encorporado no

dito Processo, que offerece. Pede a V. S. lho mande dar, e corroborar com seu signal, e sello, para que faça fé, onde quer que for apresentado.

E R. M.

Passe do que constar. Olinda 12 de Setembro de 1609.

O Bispo.

144. O Doutor João de Lucena Homem, Vigario Geral nesta Cidade, e Arcebispado de Lisboa pelo Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. Miguel de Castro, por mercê de Deos, e da Santa Igreja de Roma, Metropolitanano Arcebispo da dita Cidade, e Arcebispado, etc. Juiz Commissario Apostolico, e Executor da causa da concessão, confirmação, e determinação abaixo declarada. A todas as Pessoas Ecclesiasticas, e Seculares, de qualquer qualidade, e condição, que sejaõ, Clerigos de Missa, e de Ordens Sacras, Notarios Apostolicos, Tabelliaens, Escrivaens da Capitania de Pernambuco das partes do Brasil, e de outras quaesquer Capitanias do Bispado della, a que esta minha, e mais verdadeiramente Apostolica carta de Sentença de confirmação, concessão, determinação, e execução virem, saude, e paz em Jesu Christo nosso Senhor. Faço saber, como por parte do Senhor Jorge de Albuquerque Coelho, Governador da Capitania de Pernambuco nas ditas partes me foy presentada huma Bulla Apostolica de confirmação, e approvação da erecção, e instituição da Custodia dos Frades Menores da Ordem de S. Francisco da Observancia, que o Reverendissimo Padre Fr. Francisco Gonzaga, Ministro Geral instituio, e erigio na dita Capitania a seu requerimento, e instancia, que me vinha dirigida, e commettida *insolidum*. A qual, por ser sãa, inteira, e

naõ falsificada, nem viciada, nem em parte alguma de si suspeita, antes verdadeira, e carente de vicio, e suspeição, escrita em pergaminho, e expedida; *Sub plumbo in forma Justitiæ*, segundo que todo della, *prima facie*, parecia, com a reverencia, que aos mandados Apostolicos se deve, a tomei em minhas mãos, e a beijei, e puz sobre minha cabeça, e como filho obediente aos mandamentos de Sua Santidade, e ás suas commissoens, e delegaçoes, a requerimento do dito impetrante, a acceitei, e pronunciando-me por Juiz Commissario Apostolico, e executor della, prometti de dar em tudo o seu devido effeito, segundo seu theor, e fórma, cujo traslado *de verbo ad verbum* he o seguinte :

145. Sixtus Episcopus, servus servorum Dei, dilecto filio, Officiali Ulyssiponensi, salutem, et Apostolicam benedictionem. Pii Fidelium votis, quæ tum Religionis propagationem, tum Divini cultus augmentum respiciunt, prout debitum Pastoralis officii exigit, libenter annuimus; et utilia, quæ propterea facta fuisse dicuntur, ut firma perpetuò, et illibata permaneant, etiam libenter, cum à nobis petitur, mandamus Apostolico munime roborari: Exhibita siquidem nobis nuper pro parte dilectorum filiorum Francisci Gonzagæ, Ministri Generalis Ordinis Fratrum Minorum de Observantia nuncupatorum, ac Georgii de Albuquerque, Gubernatoris Capitaneatus de Pernambuco in partibus de Brasil, petitio continebat, quo aliàs claræ memoriæ Joannes Tertius Portugalliæ Rex, quodam Duartem Coelho Pereira ipsius Georgii genitorem, ejusque hæredes, et descendentes, in perpetuum de ipso Capitaneatu se ad sexaginta leucas mensuræ illarum partium extendente investivit, ut ipse Duartes Capitaneatum hujusmodi de manibus Infidelium eriperet et in suam ditionem redigeret; quod postmodum magnis cum laboribus, variisque vitæ suæ discriminibus, nullo sibi ad hoc suffra-

gante Regni Portugalliae auxilio, sed sola Dei Omnipotentis ope effecit : Unde dictus Capitaneatus in spiritualibus, et temporalibus, plurimum florere, et splendescere cepit ; cujus feliciori progressui praedictus Georgius omni pietate, et charitate intendens, et ad fidem Catholicam inibi ad Divini Nominis Laudem propagandum, opem, et operationem suam adhibens ; et ad hoc dilectos filios dicti Ordinis Fratres, tum propter laudabilem eorum vivendi modum, tum etiam singularem ad Verbi Dei praedicationis munus obeundum pietatem plurimum salutis animarum Incolarum partium illarum, profuturos fore confidens, unam inibi eorundem Fratrum Custodiam sub invocatione Sancti Antonii per praedictum Franciscum Ministrum Generalem erigi curavit. Eam sic erectam dictus Franciscus Provinciae ejusdem Sancti Antonii in Regno Portugalliae perpetuo subjecit, et supposuit ; ad quam nonnullos dilectos ejusdem Ordinis Professores, vita, et eruditione Commendabiles destinavit, facultatem illis tribuendo domos construendi, et in eis Novicios recipiendi, et alias prout in patentibus literis dicti Francisci plenius dicitur contineri ; cum autem sicut eadem petitio subjungebat Incolae illarum partium eorundem Religiosorum sic de novo destinatorum adventu maximam consolationem recipientes eorum opera magnopere aedificati fuerint. Provincia vero de Brasil valde lata, seu etiam populorum multitudine benedicente Domino, abundans existat ; ipseque Capitaneatus amplam habeat jurisdictionem, multa populorum loca continentem, quae indies augetur multitudine Incolarum, qui maiori numero Religiosorum ad eos in viam rectam dirigendos, et christianam doctrinam edocendos maxime Gentilium conversionem indigeat ; dictusque Georgius Governator ad praemissa peragenda magnas subierit expensas ; ideo tam Franciscus Generalis, quam Georgius Governator praedicti, nobis humiliter supplicari fecerunt, quatenus

erectionem, et institutionem Custodiæ, ac literas hujusmodi, et in eis contenta quæcumque perpetuo confirmare, et approbare, ipsorumque Incolarum spirituali consolationi, ac alias in præmissis opportune providere de benignitate Apostolica dignaremur. Nos igitur, qui Religionis propagationem, et Divini cultus augmentum nostris potissimum temporibus sinceris exoptamus affectibus, ipsosque Franciscum Generalem, et Georgium Governatorem prædictos, et eorum quemlibet à quibus Excommunicationis, Suspensionis, et Interdicti, aliisque Ecclesiasticis sententiis, censuris, et pœnis, à jure, vel ab homine, quavis occasione, vel causa latis, si quibus quomodolibet innodati existunt, ad effectum præsentium duntaxat consequendum, harum serie absolventes, et absolutos fore censentes, necnon literarum prædictarum, ac inde secutorum quorumcumque tenores præsentibus pro expressis habentes, hujusmodi supplicationibus inclinati discretioni tuæ per Apostolica scripta mandamus, quatenus erectionem, et institutionem, literasque hujusmodi, et in eis contenta quæcumque perpetuo confirmare, et approbare, illisque plenariæ, et inviolabilis firmitatis robur adjicere, ac omnes, et singulos, tam juris, quam facti, ac solemnitatum defectus, si qui intervenerint, in eisdem supplere, autoritate nostra proceures, et insuper Custodiam prædictam eidem Provinciæ Sancti Antonii, ita quod etiam ipsius Custodiæ Custos pro tempore existens, per seipsum, vel per personas idoneas ad id ab eo deputatas ad Capitula Provincialia dictæ Provinciæ conferre, et in Capitulum hujusmodi votum, maximè pro rebus publicam utilitatem, et commodum dictæ Custodiæ concernentibus habere, ac tam ex dicta Sancti Antonii, quam ex alia quacumque Provincia ejusdem Ordinis Fratres, qui in dicta Custodia utiles sibi fore videbuntur, assumere, et secum ducere valeant, dicta autoritate perpetuò subjicere, et supponere : quoque qui ex Fra-

tribus ejusdem Custodiæ ad prædicationis munus ob-
 eundum, et Sacramentales Christi fidelium confessiones
 audiendum habiles, prædicare, et confessiones hujus-
 modi audire: Qui vero in Presbyteratus Ordine con-
 stituti fuerint baptismi, et matrimonii, necnon quæcum-
 que alia Sacramenta Ecclesiastica ministrare: Ecclesias
 quoque, et in eis altaria in locis Christi fidelium noviter
 ad Christi fidem conversorum erigere, et in eis sacrum
 Officium celebrare, ac Oratoria, et Eremitoria eidem
 Custodiæ pro tempore concedenda regere, et adminis-
 trare. Præterea singularum domorum ejusdem Ordinis
 pro tempore canonicè erectarum Ministri, et Fratres in
 sic erecta Custodia, etiam pro tempore existentes omni-
 bus, et singulis privilegiis, prærogativis, libertatibus, im-
 munitatibus, exemptionibus, indultis, indulgentiis, et
 aliis gratiis, tam spiritualibus, quam temporalibus,
 quibus aliarum domorum ejusdem Ordinis quarumcum-
 que Provinciarum, et Custodiarum Ministri, et Fratres in
 dictis partibus de Brasil, et Regno de Perù existentes
 utuntur, potiuntur, et gaudent, ac uti, potiri, et gau-
 dere possunt, et poterunt quomodolibet in futurum li-
 bere, et licite valeant, dictâ authoritate concedas pariter,
 et indulgeas. Decernens ipsos, seu eorum aliquem à
 loci Ordinario, seu alia quacumque persona super præ-
 missis impediri, molestari, inquietari, vel perturbari
 minime posse: irritum quoque, et inane, si secus super
 his, à quoquam, quavis authoritate scienter, vel igno-
 ranter contigerit attentari. Non obstante, quatenus
 opus sit, felicitis recordationis Bonifacii Papæ VIII, præ-
 decessoris nostri Bulla, in qua, inter alia, cavetur ex-
 presse, ne cujusvis Ordinis Mendicantium Professores
 nova loca ad inhabitandum de novo recipere, seu re-
 cepta mutare præsumant absque Sedis Apostolicæ li-
 centia speciali de hujusmodi prohibitionem expressam
 mentionem faciente, ac alias Apostolicis, necnon in uni-
 versalibus, Provincialibusque, et Synodalibus Conci-

liis editis generalibus, vel specialibus Constitutionibus, et Ordinationibus, necnon dicti Ordinis Fratrum Minorum de Observantia nuncupatorum, et quatenus illius domorum juramento, confirmatione Apostolica, vel quavis firmitate alia roboratis, statutis, et consuetudinibus, privilegiis quoque, indultis, et literis Apostolicis, etiam eidem Ordini, et domibus, à dilectis filiis, illorumque Superioribus, et personis sub quibuscumque tenoribus, et formis, etiam motu proprio, ac aliàs in contrarium quomodolibet concessis, confirmatis, et innovatis. Quibus omnibus, etiamsi de illis, eorumque totis tenoribus, specialis, specifica, expressa, et individua, non autem per clausulas generales idem importantes, mentio, seu quævis alia expressio habenda, aut aliqua alia exquisita forma ad hoc servanda foret, illis aliàs in suo robore permansuris, hac vice dumtaxat specialiter, et expresse derogamus, cæterisque contrariis quibuscumque. Datum Romæ apud Sanctum Petrum, Anno Incarnationis Dominicæ millesimo quingentesimo octogesimo sexto, quinto Kalendas Decembris, Pontificatûs nostri anno secundo.

Alexander Xemenes.

Acceitada, como dito he, por parte dos ditos Reverendissimos Padres Fr. Francisco Gonzaga, Ministro Geral da dita Ordem de S. Francisco, e Jorge de Albuquerque Coelho, Capitaõ, e Governador da dita Capitania de Pernambuco, impetrantes, me foy enviado dizer por sua Peticãõ, que o Papa nosso Senhor houvera por bem, pelos respeitos na dita Bulla declarados, de, á sua instancia, e requerimento, mandar-lhes passar a dita Bulla, a mim, *insolidum* dirigida, e commettida, para que eu por Apostolica authoridade confirmasse, e approvasse em seu nome perpetuamente a erecçaõ,

e instituição da dita Custodia dos Frades Menores erecta, e instituida na dita Capitania de Pernambuco nas ditas partes do Brasil, e a Patente para isso passada pelo Reverendissimo Padre Geral, e a submettesse, e sujeitasse a Provincia de Santo Antonio de Portugal deste Reyno, de tal maneira, que o Custodio, que por tempo fosse da dita Custodia, pudesse por si mesmo, ou por pessoas para isso por elle deputadas, vir aos Capitulos Provinciacs da dita Provincia, e nos ditos Capitulos ter voto, e tomar, da dita Provincia, ou de qualquer outra da dita Ordem, os Frades que lhe parecerem proveitosos na dita Custodia, e leva-los consigo ; e assim lhes concedesse, e otorgasse pela dita authoridade, que os Frades, que fossem capazes para prégar, pudessem prégar, e os que fossem para ouvir confissoens, confessassem, e os que fossem Sacerdotes pudessem bautizar, e administrar o Sacramento do Matrimonio, e os mais Sacramentos Ecclesiasticos, e erigir Igrejas nas povoaçoens dos fieis Christãos, novamente convertidos, e nas ditas Igrejas levantar Altares, e dizer nelles Missa, e ter nelles administração, e governo dos Oratorios, e Hermidas, que por tempo lhes concederem ; e que os Ministros, e Frades da dita Custodia, e de qualquer outra parte, que nella por tempo estiverem, possaõ uzar, e gozar de todos os privilegios, prerogativas, liberdades, izençoens, indulgencias, e de outras graças espirituaes, e temporaes, de que uzaõ, e gozaõ os Ministros, e Frades de quaesquer casas da dita Ordem, de quaesquer Provincias, e Custodias, assistentes nas ditas partes do Brasil, e no Reyno do Perú ; e que não devem nas ditas casas ser molestados, inquietados, e perturbados pelo Ordinario do lugar, ou por outra pessoa alguma, segundo o que tudo mais largamente he conteudo na dita Bulla, que eu tinha acceitado ; e por tanto me requeriaõ, mandasse passar m̃ha carta de sentença da dita confirmação, approvação, e supprimento, sub-

missaõ, e concessaõ, indulto, determinaçaõ, e defensaõ, mandando-lhes em tudo cumprir a dita Bulla, e dá-la á sua divida execuçaõ, segundo, o que era tudo mais largamente contendo em a sua Petiçaõ, com a qual me foy outro si apresentado o traslado em publica fórma da Patente do dito Reverendissimo Padre Geral da erecçaõ da dita Custodia ; e assim de hum Alvará del Rey nosso Senhor passado em favor della para o Governador, e Justiças das ditas partes do Brasil, e principalmente da dita Capitania de Pernambuco darem todo o favor, e ajuda, que fosse necessaria para conseguir-se o effeito da dita Patente, por ser cousa de tamanho serviço de nosso Senhor: E sendo-me tudo apresentado juntamente com a dita Bulla, em cumprimento della mandey passar a presente ; por theor da qual, pela authoridade Apostolica a mim *concedida*, commettida pelo Santissimo Padre Sixto Papa V, nosso Senhor, hora na Igreja Presidente, approvo, e confirmo perpetuamente a erecçaõ, e instituiçaõ da dita Custodia, e dita Patente, e letras do dito Padre Geral da dita Ordem de S. Francisco, e todas as cousas nellas conteudas, e lhes dou vigor de firmeza inviolavel, e para o dito effeito, suppro, e hei por suppridos todos, e cada hum dos defeitos, assim de Direito, como de feito, e de solemnidades, que nisso intervieraõ por qualquer via: E pela mesma authoridade, sojeito, sobmetto, e sobponho á dita Provincia de Santo Antonio, de tal maneira, que o Custodio della, que por tempo for, possa vir pessoalmente aos Capitulos Provinciaes da dita Provincia, ou mandar a elles em seu nome as pessoas idoneas, que para isso nomear, e deputar: E que assim elle dito Custodio, como as ditas pessoas por elle deputadas tenhaõ voto nos ditos Capitulos em todas as acçoens que nelles tratarem, especialmente nas cousas tocantes, e concernentes á publica utilidade, e proveito da dita Custodia: e possa o dito Custodio por si, ou pelas ditas pessoas deputadas, to-

mar da dita Provincia, ou de outra qualquer da dita Ordem, quaesquer Frades que quizer, e lhe parecer serem proveitosos para viver na dita Custodia, e fazer fruto nella, sem lhe poder ser contradicto, nem estorvado por Prelado algum de qualquer authoridade, e iurisdicão, que seja: E concedo outro si, e otorgo, pela mesma Apostolica authoridade, que os Frades da dita Custodia, que forem habeis, e idoneos para prégar, e tiverem para isso sciencia, e sufficiencia competente, possaõ prégar livre, e licitamente; e os que forem idoneos para ouvir confissoens, possaõ confessar, e os que forem Sacerdotes possaõ bautizar, e administrar aos fieis Christãos os Sacramentos do Matrimonio, e os mais Sacramentos Ecclesiasticos nas povoaçoens, e lugares dos novamente convertidos; e possaõ tambem levantar nelles Altares, e Igrejas, e dizer nellas Missa, e reger, e administrar quaesquer Oratorios, e Hermidas, que por tempo forem concedidos á mesma Provincia: E assim mais concedo, e otorgo, pela mesma Apostolica authoridade, que os Ministros, e Frades de cada huma das casas da dita Ordem, que forem por tempo, canonicamente erectas na dita Custodia, e nella por tempo estiverem, possaõ livre, e licitamente uzar, e gozar *pariformiter* de todos, e cada hum dos privilegios, prerogativas, liberdades, immunidades, izençoens, indultos, indulgencias, e outras graças, assim espirituaes, como temporaes, de que uzaõ, e gozaõ, e pódem, ou poderem ao diante uzar, e gozar, por qualquer via os Ministros, e Frades das outras casas das ditas Ordens de quaesquer Provincias, e Custodias das ditas partes do Brasil, e do Reyno do Perû: E determino pela mesma authoridade, que não devem, nem pódem por cousa alguma das acima ditas, ou que a ellas tocar, e dellas nascer, e depender, o dito Custodio, Guardiaens, Religiosos, e mais pessoas da dita Custodia, que hoje são, e ao diante forem, serem por via alguma molestados, inquietados, ou

perturbados pelo Ordinario de lugar, ou por outra qual-
 quer pessoa Ecclesiastica, ou Secular, antes ser irritado,
 vaõ, nullo, e de nenhum vigor, e effeito tudo o que de
 outra maneira contra o theor, e fórma das Letras de
 Sua Santidade for attentado, sciente, ou ignorantemente
 por qualquer authoridade que seja: E para que todas
 as ditas cousas se cumpraõ, e guardem inviolavelmente,
et perpetuis futuris temporibus permaneçaõ firmes, e os
 mandados de Sua Santidade hajaõ seu devido effeito;
 Vós, sobreditos Notarios, Tabelliaens, e mais pessoas
 acima ditas, notificareis esta Carta ao M. Illustrissimo,
 e Reverendiseimo Senhor Bispo das outras partes do
 Brasil, e ao seu Provizor, Vigario Geral, e mais Offi-
 ciaes, e Pessoas do dito Bispado, que vos requerido for,
 assim Ecclesiasticas, como Seculares de qualquer qua-
 lidade, gráo, ordem, e condiçaõ que sejaõ, e Officio, e
 jurisdicaõ uzem, cujos nomes, e cognomes, titulos, di-
 gnidades, e Officios, hei aqui de presente por sufficien-
 temente expressos, para que do dia da dita notificaçaõ
 a tres dias peremptorios primeiros seguintes, que lhes
 dou, e assigno a elles, e a cada hum delles, hum dia por
 cada termo, e canonica admoestaçaõ repartidamente,
 cumpraõ, e guardem em tudo a dita Bulla, e tudo o
 nella conteudo, e não contradigaõ, nem impidaõ que se
 dê a ella a sua total execuçaõ em todo, e por todo; e
 deixem ao dito Custodio, e Religiosos da dita Custodia
 de Pernambuco uzar, e gozar, quieta e pacificamente
 das graças, liberdades, izençoens, indulgencias, indul-
 tos, e mais concessõens espirituaes, e temporaes, que
 lhes são concedidas pela dita Bulla; nem os avexem,
 molestem, perturbem per si, ou por outrem, directa, ou
 indirectamente, tacita, ou expressamente, *quovis qua-
 sito colore, vel ingenio*. Aliás a todos, e a cada hum,
 que o contrario fizerem, e aos ditos contradictores, mo-
 lestadores, e perturbadores, derem ajuda, conselho, ou
 favor, por qualquer via, que seja, passado o dito termo

dos ditos tres dias, ponho em suas pessoas, e de cada hum, pena de Excommunhaõ mayor, *Latae sententiæ*, e o cito, e chamo nestes presentes escritos para aggravaçaõ, e reaggravaçaõ dos mais procedimentos executivos de Direito necessarios até invocaçaõ da ajuda do braço Secular: E as mesmas penas hey por póstas nestes mesmos escritos aos muito Reverendissimos Padres Commissarios Geraes, Ministros, Guardiaens. e quaesquer outros Prelados, assim da dita Ordem de S. Francisco, como de qualquer outra, que contradisser, impedir, ou embargar, por qualquer via, o effeito das ditas Letras, e sendo requeridos, naõ desistirem dentro do dito termo de todo o impedimento, ou embargo, que por elles, ou por sua via for posto neste cazo, e de todas as mais molestias, que ao dito Padre Custodio da dita Custodia do Brasil, e seus Commissarios, e Procuradores, lhes forem feitas sobre o cumprimento da dita Bulla, e execuçaõ della. Porém das ditas censuras naõ entendo, nem he minha intençaõ comprehender ao dito Reverendissimo Bispo do Brasil, antes deferindo a esta parte a sua dignidade Potifical, requeiro da parte da Santa Sé Apostolica a Sua Senhoria Reverendissima, e peço da minha parte por mercê, e, *quatenus opus sit*, lhe admoesto, e mando, sob pena de interdicto do ingresso da Igreja, que dentro no mesmo termo dos ditos tres dias, se naõ intrometta, por qualquer via que seja, a contradizer, e perturbar as Letras Apostolicas acima ditas, da Confirmaçaõ da dita Custodia, e tudo o mais nellas contheudo: aliás fazendo o contrario, (que de Sua Senhoria Reverendissima se naõ crê, nem espera) passado o dito termo, o hey por incorrido na pena do dito Interdicto: Pela dita authoridade Apostolica, lhe mando outro si, sob pena de suspensaõ *à regimine et administratione*, que dentro em outro termo de outros tres dias, que de novo lhe assigno: *modo, et forma præmissis*, desista logo, e com effeito, de toda a contradicãõ, mo-

lestia, e vexaçãõ, e obedeça ás ditas Letras, como se nellas contêm; em a qual pena de suspensãõ o hey por incorrido, *ipso facto*, passados os outros tres dias segundos; e em cazo, que Sua Senhoria naõ queira obedecer ao que dito he, (como de Direito he obrigado) lhe mando, *et eadem auctoritate*, sob a dita pena de Excommunhaõ mayor, *latæ sententiæ*, que dentro do termo de outros tres dias, que lhe assigno, no modo, e fórma acima ditos, cumpra, e guarde as ditas Letras, e este nosso processo, como nelle se contêm: Aliás, sendo passados, o hey por incorrido na dita pena de Excommunhaõ, e o cito, e chamo pelo theor das presentes para a execuçaõ dos mais procedimentos executivos, que de Direito forem necessarios; e porque, em razãõ de minha residencia nesta Corte, naõ posso pessoalmente assistir á execuçaõ dos ditos procedimentos; pelo theor da presente, *eadem Apostolica auctoritate*, no melhor modo, e fórma, que posso, e devo, commetto minhas vezes aos RR. Senhores Deam, Arcediago, Thesoureiro, Chantre, e Mestre-Escõla, e a quaesquer outras Dignidades, e Conegos da Sé Cathedral do Salvador das partes do Brasil; e assim aos RR. PP. Abbades dos Mosteiros da Ordem de S. Bento, e S. Bernardo, Priores Conventuaes da Ordem do Carmo, de S. Domingos, e de qualquer outra Religiaõ approvada, e a cada hum delles, para que sendo requeridos por parte do dito Custodio, ou Religiosos da dita Custodia, acceitem, e cada hum acceite a dita execuçaõ, e procedaõ, e cada hum proceda, *servatis servandis*, contra os ditos contradictores, molestadores, e perturbadores, com os mais procedimentos, que lhes parecer, até que com effeito obedeçaõ, e mereçaõ haver beneficio de absolviçaõ, a qual outro si lhes commetto, que o possaõ fazer, *pariter judicato* somente; porèm pela dita commissãõ, naõ entendo prejudicar em alguma cousa a minha jurisdicãõ, a qual sempre reservo sem prejuizo da dita commissãõ: E das di-

ligencias, que Vós sobreditos, e cada hum neste cazo fizerdes, me fareis certos por vossos instrumentos, ou certidoens, em modo que façãõ fé, para com isso se administrar justiça. Cumpri-o assim. Dada em Lisboa sob meu signal, e sello aos vinte quatro de Março. Thomé da Cruz, Notario Apostolico, e Escrivaõ da dita Conservatoria o fez escrever, e sobescreveo, anno do Nascimento de nosso Senhor Jesu Christo de mil quinhentos oitenta e sette. Joaõ de Lucena Homem. *Thomæ Sanctæ Crucis*. Ao signal, e sello ✝ *Gratis*. Thomaz. O qual traslado do processo decernido, e Breve nelle incluso da Instituiçaõ, e Erecçaõ da Custodia deste Estado da Ordem dos Religiosos de S. Francisco, *sub invocatione Sancti Antonii do Brasil*, Eu Domingos da Silva *Apostolica autoritate* Notario Apostolico approv do, em virtude do despacho de Vossa Illustrissima e Reverendissimo Senhor D. Constantino Barradas, Bispo deste dito Estado, fiz trasladar do proprio processo, decerni do original, bem, e fielmente, sem causa, que duvida faça, mude, ou diminua o entendimento, e com o dito Original conferi este transumpto, e com elle concorda, e vay assignado por o dito Senhor Bispo, e corroborado com o sello de sua Pontifical dignidade, em Olinda, pridie Idus Septembris, anno Dni MDCIX. E com meu signal razo consueto :

Constantinus, Episcopus Brasiliensis. Sello ✝

Domingos da Silveira.

146. Quatro mezes havião corrido de vinte sette de Novembro, em que se passou na Curia Romana o Breve da Confirmaçaõ da nova Custodia, acima referida, até vinte e quatro de Março, em que na Conservatoria de

Lisboa, como nelle ordenava sua Santidade, foy sentenciada a sua execuçaõ, havendo ja quasi anno e meyo, que estavaõ em Olinda os Padres Fundadores de posse do seu primeiro Convento. Mas nem esta posse, nem as Letras Apostolicas, com a Sentença executorial do Juiz da Curia, foy bastante a poder conseguir a nova Custodia a acceitaçaõ da Provincia, pelas costumadas oppoziçoens, que similhantes emprezas trazem de ordinario contra si, que nesta, só poderaõ dilatar, mas naõ impedir-lhe o seu effeito, que mais adiante se veyo a conseguir.

147. Neste anno, em que agora estamos no principio, sendo o Padre Fr. Melchior convidado pela Camera da Bahia, e principaes pessoas da Cidade, e pelo Bispo daquella Diocesi, que se achava entaõ em Olinda de visita, para fazer a acceitaçaõ da offerta de fundar tambem alli alguma casa, se partio com dous Religiosos mais e em companhia do proprio Bispo D. Antonio Barreiros, para aquella Cidade. E como para effeito da nova fundaçãõ, e outras, que se hiaõ offerecendo, necessitavaõ tambem de mais Obreiros, da Bahia despachou o Padre Custodio para o Reyno ao Padre Fr. Francisco de S. Boaventura, sobre este particular, e outros mais pertencentes ás doutrinas dos Gentios, para a resoluçaõ de algumas duvidas, que sobre isto, entre os nossos, e Religiosos de outra Familia se hiaõ movendo.

148. Feita a acceitaçaõ da Bahia, como em seu lugar se dirá, voltou para Olinda o Padre Custodio, onde o achamos pelo mez de Abril do seguinte anno de 1588. e havendo ja no principio deste, chegado da Provincia á Custodia o Padre Fr. Antonio de Campo Mayor, com cinco companheiros mais, com o soccorro destes novos, e desejados Operarios, tomou o Padre Custodio pelo mez de Junho jornada para a povoaçãõ de Iguaraçú, a fazer acceitaçaõ da Casa, que alli lhe offereciaõ os moradores, e Camera daquella Villa; e deixando nella por

Prelado, e agente das obras do Convento ao Padre Fr. Antonio de Campo Mayor, voltou para Olinda outra vez, aonde se deteve até o fim deste sobredito anno.

149. Neste mesmo havia ja chegado a Lisboa o Padre Frey Francisco de S. Boaventura da Bahia, donde partira pelos fins do anno passado; e foy bem recebido dos Padres da Provincia, e tambem do Cardeal Alberto, que nesta conjunção governava o Reyno por seu Tio Philippe, o primeiro em Portugal, o qual informado da sua capacidade, zelo, e prudencia, em quanto se effectuavaõ os negocios, a que hia, com a Provincia, pelo bom conceito que delle havia formado, o mandou no seguinte anno á Ilha da Madeira, com commissão sua, e plenario poder para vizitar, e reprimir certas discórdias, e controversias graves, que entre Mosteiros de Freiras, havia tempos, lhes perturbava a paz, com grande prejuizo de sua espiritual quietação; o que elle com a sua presença curou com mansidão, compôs com prudencia, e com o seu exemplar proceder, deixando edificado aquelle povo, que de outro Vizitador havia ficado em grande modo desgostozo, e mal satisfeito, de que recebeo o Cardeal muito prazer, e lho agradeceo com demonstraçoens de affecto, e offerecimentos de Principe.

150. Em quanto na Corte cuidava o Padre Fr. Francisco de S. Boaventura em dar satisfação aos mandados do Rey, e aos negocios com a Provincia, não se descuidava na Custodia o Padre Fr. Melchior no augmento della; e assim, sendo convidado pelo Governador, e Capitão da Paraíba, e mais povo, e Camera com repetidas cartas, e supplicas, para que, como na Bahia, e Iguaraçú, quizesse tambem ir, ou mandar Religiosos para fundarem Casa naquella Cidade; para ella partio no principio deste anno de 1589, levando consigo alguns Religiosos. Foraõ recebidos com especiaes demonstraçoens de gosto, e agrado de todo aquelle povo, e feita a acceitação da

Casa, como a seu tempo se dirá, a fez tambem logo de cinco Aldêas de Gentio, que voluntariamente se lhe vieraõ offerecer, como ja se disse em outro lugar *. Nestas piedosas acçoens do serviço de Deos, e bem commum de tantas almas, se deteve naquella Cidade até o principio do seguinte anno, deixando naõ só satisfeitos, mas saudosos, assim os Christãos moradores da Cidade, como os Gentios pacíficos, voltou para Olinda, e chegando á povoação de Goyana, doze legoas distante da Paraiba, e outras tantas de Olinda, e fazendo alli pouzada, o buscaraõ os principaes moradores do Lugar, e lhe representaraõ o grande serviço, que faria a Deos, e tambem áquelles habitadores, se mandassem alguns Religiosos para a conversãõ, e doutrina de huma grande Aldêa de Gentio, que alli demorava; para que reduzida á Fé, e encorporada na Igreja, como ja mais domestica, e em paz com os Christãos, os ajudassem a defender-se melhor de outros muitos rebeldes, e Salvagens, que por aquelles Lugares arredores, e circumvizinhos habitavaõ em muita quantidade, e embaraçavaõ em grande maneira o augmento, e progresso daquella Capitania, com continuos assaltos, roubos, e insultos; que sem a reducção desta Aldêa, como principal, e mais poderosa, era muy difficil aos moradores o seu augmento, e conservaçaõ.

151. Era este da conversãõ do Gentio o principal emprego do zelo, e charidade do Padre Custodio, e assim com boa vontade, e agradaveis razoens satisfez ás justas supplicas do necessitado povo, com promessa certa de serem servidos: e chegando a Olinda, logo no principio do anno seguinte de 1590 despachou Religiosos para aquella empreza, que como era acceita a Deos naõ teve obstaculo, que embaraçasse de alguma sorte o seu dezejado effeito, e o surtio sem duvida muito bom pelo

* Relat. 2., liv. Antep.

abundante fructo, que se colheo para o Ceo pelo tempo adiante nesta doutrina, na qual agora levantaraõ os Religiosos Igreja, com o titulo do Principe dos Anjos S. Miguel, e a administraraõ muitos annos.

152. Neste, em que ainda estamos, e ja pelos fins delle, se achava na Corte de Lisboa, como se disse, de volta das Ilhas o Padre Fr. Francisco de S. Boaventura, ao mesmo tempo, que tambem chegava áquella Corte o Reverendissimo Fr. Francisco Tolosa, Ministro Geral de toda a Ordem, eleito em Roma no anno de 1587. E assim hiaõ concorrendo com suave harmonia os meyo preordinados para o fim, e estabilidade da nova Custodia do Brasil, querendo mostrar o Ceo o quanto era esta do seu agrado, como a que tanto havia de ser do seu serviço, e utilidade dos proximos, e especialmente do Barbaro Gentilismo destas Conquistas, Vinha Sua Reverendissima ao Reyno para assistir aos Capitulos das Provincias Menores dos seus Regulares, e havendo a de Santo Antonio de Portugal determinado o seu para a festa de Santa Luzia deste anno de 1589, nelle propôs Sua Reverendissima, e obrigou, (assim o escreve a memoria da mesma Provincia, signal indubitavel da sua repugnancia) e obrigou aos Padres della, acceitassem a dita Custodia, como fizeraõ, dando execuçaõ ao Breve de Sua Santidade, e Sentença do Ministro da Curia; havendo-se bem informado primeiro o Padre Geral de Fr. Francisco de S. Boaventura, e de alguns papeis autenticos das Cameras, e principaes pessoas, dos progressos espirituaes dos seus Fundadores, e mais Religiosos, o quanto eraõ de proveito aos povoadores Catholicos, e muito necessarios á conversãõ do Gentio, concorrendo para esta acceitaçaõ da Custodia do Brasil, com particular auxilio, o novo Provincial Fr. Pedro da Piedade, que muito a favoreceo sempre.

153. Para esta se fez tambem no mesmo Capitulo eleiçaõ de novo Prelado no Padre Fr. Christovaõ da

Conceição, que fazendo renuncia do cargo, por causas, que lhe foraõ acceitas, foy convidado para elle pelo Reverendissimo, o Padre Fr. Francisco de S. Boaventura; mas este o naõ acceitou, tanto pela sua muita humidade, como em razaõ de que se naõ cuidasse fora elle ao Reyno a negociar para si a tal Prelazia, e naõ a tratar do bem commum da nova Custodia, acrescentando, estava esta ainda nos seus principios, e que para o seu crescimento, e perfeição, necessitava muito de que o Padre Fr. Melchior de Santa Catharina, que a havia creado, a sustentasse, e dirigisse ainda com a sua doutrina, cuidado, bom exemplo, e calor espiritual; e que só acceitava tornar para ella, e ajudá-lo naquella empreza, para a qual fora destinado desde o principio por companheiro; e assim ficou continuando no Officio de Custodio o mesmo Padre Fr. Melchior, e o foy por quatro annos mais, e em todos com muito trabalho seu, exemplo dos povos, bem das almas, e augmento da Custodia para a qual voltou no principio do anno seguinte de mil quinhentos noventa o Padre Fr. Francisco de S. Boaventura, trazendo consigo doze Religiosos mais, alguns da Provincia de Santo Antonio, e outros de varias Provincias, tirados todos de propria vontade, e em virtude do Breve de Sua Santidade, ja referido para erecção desta Custodia, que para isso concedia authoridade aos seus Fundadores. Com todos estes chegou a Pernambuco, e com socorro taõ necessario criaraõ novos espiritos aquelles Religiosos, e em particular o Padre Custodio; porque hiaõ crescendo as novas fundaçoes, e faltavaõ Operarios proporcionados para ellas; porque ja a este tempo eraõ acceitas as casas da Paraiba, e Victoria, esperando por esta monção para as provêr de Prelados, e Fundadores, como o fez nomeando para a da Paraiba neste mesmo anno de 1590 a Fr. Antonio de Campo Mayor, com outros mais para subditos dos que haviaõ vindo; e para a da Victoria, a Fr. An-

tonio dos Martyres, com mais companheiros neste proprio anno pelo fim delle, havendo ja mandado alli no anno antecedente dous Religiosos sobre esta pertençaõ. A estes, que agora hiaõ fundar ao Espirito Santo, ou Victoria, lhes ordenou fossem antes á Cidade do Rio de Janeiro, donde tambem era convidado o Padre Custodio para outra fundaçãõ, para com seu avizo se poder determinar, e por este motivo, quando chegarãõ ao Espirito Santo, era ja em principios do anno seguinte de 1591. Neste se achou o Padre Custodio em Olinda gravemente molestado de huma enfermidade de olhos, ajudada das asperezas, e longes dos caminhos, viagens de mar, naufragios de embarcações, máo tratamento da sua pessoa, e pouco reparo para ella, que o impediraõ ir pessoalmente, como dezejava, e appeteciaõ os moradores do Espirito Santo, a fazer por si a acceitaçaõ daquella casa. Para a da Bahia fez jornada no seguinte de 1592, onde o achamos pelo mez de Dezembro, e ja em Olinda outra vez no principio de 1593, e aqui entre os fins de Mayo, e principios de Junho do outro anno de 1594 lhe chegou o Successor no Padre Fr. Leonardo de Jesus, e se retirou para a Provincia o Padre Fr. Melchior de Santa Catharina, com nove annos completos, e pouco mais de hum mez de Prelado actual da Custodia do Brasil, onde com o seu cuidado, zelo, e bom exemplo a deixou fundada, com 5 Casas formaes, dezoito Aldêas, ou Doutrinas de Gentios, a todos saudosos, e edificados, e elle cheyo de merecimentos, credito, e gloria de seu primeiro, e santo Fundador, como mais largamente o veremos a seu tempo, pois a muito nos temos apartado, por assim o pedir a ordem do mesmo tempo, do Convento de Olinda, e he preciso entrarmos por elle a dentro, e concluirmos com o mais, que ainda lhe pertence.

CAPITULO VIII.

Descreve-se o interior do convento, e Igreja da Senhora das Neves, como ao presente está.

154. Como Titular, e Padroeira, que he, desta Casa, tem o seu assento a Senhora das Neves no Altar Mayor da sua Igreja á parte do Evangelho. Foy na fundação primeira a sua Imagem de painel, taõ devoto, como antigo, e na mesma forma, em que se achou na sua Capellinha; mas hoje he de vulto muy peregrina pela perfeição, e igualmente venerada pelo liberal dos beneficios com que acode aos que a ella chegaõ devotos, e buscaõ necessitados, o seu patrocínio, officiosos ao seu Altar, que da parte da Epistola lhe dá a maõ direita o Serafico Patriarcha, e nos dous collateraes o tem, como he uzo nosso, á parte do Evangelho a adorada Imagem da mesma Senhora no attractivo mysterio da sua Purissima Conceição, e da outra parte, o nosso taõ amante como amado Portuguez Santo Antonio.

155. A Capella, que chamamos Capitulo em os nossos Claustros, he neste huma das muito perfeitas, e devotas, que tem hoje esta Provincia, e só se lhe acha o dezár de ser mais pequena do que devia, pois a deixou, quem traçou o Convento novo, na mesma forma em que estava no antigo. Acha-se forrada toda, assim no tecto, como paredes, com bons paineis de molduras douradas, e de perfeita pintura, correspondente a alguns passos da fuga para o Egipto, e Desterro da Senhora, objecto compassivo, a quem he consagrada esta Capella, nas tres peregrinas Imagens dos que o executaraõ *Jesus, Maria, e Jozé*, todas de perfektissima escultura, e ternissima devoção.

156. Com huma muito particular, e grande affecto se ajuntaõ os Religiosos nesta Capellinha todos os Sabbados ao tocar das Ave Marias, e alli se entõa por elles

com a melhor suavidade, que se pôde, a *Salve Rainha* com seu Verso, e Oraçãõ, que diz hum Sacerdote, revestido de sobrepelliz, e capa, depois de incensado o Altar, e Sagradas Imagens; acçãõ devota, a que assistem tambem alguns dos seculares mais piedosos, e muy particulares, affectos a esta Senhora. Nesta Capella, como Padroeiros seus, debaixo da campa de marmore bem lavrado das suas Armas, tem sepultura para si, e seus herdeiros Dona Archangela da Silveira, viuva do Capitãõ Francisco do Rego Barros, por Escripura de nove de Mayo de 1656 com a pensãõ fóra duzentos mil reis, que deo de esmola, de paramentar perpetuamente o dito Capitulo, mandando trasladar para elle os ossos do dito seu marido, e os de seu pay della, por serem ja fallecidos quando se concertou a data desta sepultura. Esta mesma se havia dado muito antes a Lopo Soares, marido de Dona Adriana Pessoa, da qual fez desistencia Joãõ Pessoa Baracho, seu herdeiro, por huma Escripura de 19 de Março do mesmo anno de 1656, por quanto os Olandezes, na tomada de Olinda, queimaraõ as casas, que diz a tal Escripura, valiaõ quatro mil cruzados, e rendiaõ para o dito Capitulo, e juntamente por que o referido Joãõ Pessoa Baracho não tinha herdeiros forçados, e acrescenta elle na sua Escripura, fazia esta desistencia, não por falta de brios, mas de posses, por ficar destruído pelos Olandezes. Era este homem sobrinho de Dona Adriana Pessoa, e morava na Villa de Iguaraçú, quando fez a desistencia desta sepultura, que, transferida para os novos Padroeiros, tem escrito em campa de marmore com brazaõ de Armas este le-
treiro :

*Sepultura do Cap. Francisco do Rego Barros, e de sua
mulher Dona Archangela da Silveira, e de seus fi-
lhos, e herdeiros.*

Outra campa tambem de marmore com Armas, e Brazaõ, está no meyo do Cruzeiro da Igreja ao pé do arco da Capella mór com a inscripção seguinte :

Sepultura de David de Albuquerque Saraiva, e de sua mulher, e filhos. 1693.

Assim destas, como de outras muitas, que havia pelo corpo da Igreja, e Claustro, naõ damos mais noticia, de que mostrarem ter titulo, que em pequena, e branda pedra o longo tempo lhes gastou escrita, e consumo os herdeiros, e por isso com a nova reedificaçãõ do Convento, e Igreja, deslocados quasi todos do seu corpo, e Claustro.

157. Houve tambem na Capella mor hum carneiro, cu sepultura, que foy deposito do corpo de D. Filippe de Moura, Governador, e Capitaõ Mór de Pernambuco pelos annos de 1594, até 1600 e havia casado em Olinda desde o de 1572, com pouca differença, como em outro lugar diremos. Consta fosse sepultado neste carneiro da Capella da nossa Igreja, de hum pedaço de livro antigo de obitos, rubricado por letra, e firma do R. Manoel Ferreira Nunes, Vigario, que entãõ era da Igreja Matriz do Salvador de Olinda, que depois ficou sendo a sua Sé Cathedral, quando se erigio este Bispado, passando a Chantre da mesma o sobredito Parocho, que escreveo este assento, com o dia, e era, em que fallecco, que foy a 28 de Junho de 1618, e sepultado no seu carneiro do Convento.

158. De D. Filippe de Moura, passou a posse deste carneiro a Manoel de Moura Rolim, seu parente, e Senhor, que era do Engenho, que chamaõ do Salgado para a parte do Cabo de Santo Agostinho, e nelle foy sepultado, como consta do Padraõ do Convento, que conresponde a este carneiro, e diz assim, sem declarar o dia, e anno :

Deposito de Manoel de Moura Rolim.

159. Estava fabricado este monumento, ou sepultura na mesma parede da Capella mór da parte do Evangelho, que corresponde á porta, que sahe da dita Capella para a Via-sacra do Convento. Pelos annos de 1714 com a reedificaçãõ, e nova fabrica da Capella, no lugar deste carneiro, se abriu porta, que sahe para a Via-sacra dos Terceiros, por fazer correspondencia a outra, e o carneiro foy constituído sobre a mesma porta com o Escudo figurado á face da parede, significativo do Brazaõ, e Armas dos Mouras, e Rólims, á instancia, dizem os daquelle tempo, dos seus descendentes, e possuidores, que requereraõ do seu direito aos Prelados da Provincia. Mas até este se veyo a demolir no anno de 1751, por ser preciso rasgar nesta mesma parte huma janella, ou tribuna para mayor claridade da Capella, e com a clareza, de que todas as vezes, que o requererem os possuidores, dar-se-lhes outro em qualquer parte, que o pedirem; supposto que da inscripção do antigo se colhe, pertencia só a Manoel de Moura Rólim, e que nelle acabava, e porque tambem nenhum dos seus descendentes de entaõ para cá pertendeo nelle ser sepultado.

CAPITULO IX.

De algumas graças, e izençoens, concedidas á Casa de Olinda pelos Monarchas de Hespanha, e Reys Portuguezes.

160. Apparecer, e pedir, são os dous violentos moveis, com que melhor se abalaõ as vontades, e coraçõens humanos para qualquer beneficio, ou favor. Do pedir o ensinou a piedade Divina a seus Discipulos, dizendo-lhes, pedissem para receber; e quem naõ apparece esquece, diz a sentença vulgar. Este foy todo o motivo, porque sendo os nossos Monarchas taõ amplos,

como Principes, e Portuguezes, não foraõ muy largas para com esta Provincia as suas Reaes mãos ; porque sem duvida os nossos nem appareceraõ, nem pediraõ ; ou tal vez, porque a muita distancia lhes servio de obstaculo assim como succede com o Sol dispensador das luzes, que sempre participaõ mais dos seus influxos aquelles vegetantes, ainda infimos, que mais se lhe chegaõ. Tudo confessamos.

161. Por Provizaõ do Rey Filippe I. em Portugal, e a requerimento do Padre Custodio Fr. Melchior, estando ainda em Lisboa, mandou o Catholico Monarcha dar ao Convento de Olinda, para officialem as funçoens da Igreja, huma pipa de vinho, duas arrobas de cera lavrada, hum quarto de azeite, e outro de farinha, pago tudo na Alfandega de Pernambuco, passada em 12 de Outubro de 1584.

162. Por outra Provizaõ sua de 29 de Abril de 1620 se extendeo esta graça a tres Conventos mais, ao do Recife, Pojuca, e Rio de Janeiro. E por huma ordem do Provedor da Fazenda da Bahia de 24 de Novembro de 1640 achamos mandou este Ministro se pagassem a dinheiro de contado em quantia de noventa mil reis estas ordinarias ; por quanto diz nella que os Reys Catholicos nas suas Provizoens mandavaõ pagar a dinheiro pelos contratadores estas ordinarias, que depois o Governador do Estado Francisco Barreto ordenou se pagasse a metade em dinheiro, e a outra parte em açucar, do que se seguia serem os Conventos mal satisfeitos, porque lhes davaõ os açucares de menos estimaçaõ, e valia pelos preços taxados, e ás vezes em outras varias drogas de pouco valor, e serventia, e por subido custo, pelo que ordenava se pagasse a dinheiro toda a quantia dos noventa mil reis.

163. Governando depois o Reyno de Portugal a Rainha da Gran Bretanha em ausencia da Corte do Senhor Rey D. Pedro II, mandou esta Senhora dar livres dos sub-

sidios seis pipas de vinho aos Conventos de Olinda, e Recife, como no anno de 1675 por assento da Camera de Olinda se havia representado a ElRey, e que agora o confirmava por Provizaõ sua de 13 de Agosto de 1704.

164. Quando no anno de 1717 se arbitrou nas caixas de açucar o novo imposto de pagar hum cruzado de cada arroba, mandou o Governador de Pernambuco, Manoel de Souza Tavares, ficassem isentas deste tributo as caixas das esmólas de todos os Conventos da Capitania de Pernambuco, graça, que se estendeo depois aos da Provincia toda, e confirmada por Decreto Real do Senhor Rey D. João V, de 24 de Janeiro de 1718, pelo qual se mandaõ tambem dar livres dos direitos da decima aos Conventos desta Provincia, tudo o que mandaõ vir do Reyno para seu provimento.

165. D. Lourenço de Almeida, sendo Governador de Pernambuco, e muy affecto ao nosso Santo Portu- guez, lhe mandou assentar praça de Tenente da For- taleza da Barra, da invocaçã do mesmo Santo, e foy confirmada por Carta do Senhor Rey D. João V de 30 de Abril de 1717. Tinha até entã o Santo a praça de Soldado.

CAPITULO V.

Faz memoria do Illustré Heróe Jorge de Albuquerque Coelho, Senhor, e Donatario de Pernambuco.

166. He o agradecimento a mais nobre, e cabal pensã de hum beneficio; nem faz tanto, quem o retribue com outro igual, e ainda mayor, como satisfaz, o que só reconhece a divida, e confessa a obrigaçã; antes he esta a paga mais generosa, que póde ter hum beneficio; porque, assim como naõ reconhecer a graça recebida,

he o mayor mal, que se póde dizer de hum ingrato ; assim por contrapozicãõ, o confessar o beneficio, he tudo, quanto de bem se deve esperar de hum agradecido. Naõ se póde negar ser muito do agrado de Deos, e do seu santo serviço a introducçãõ, e augmento do Estado Religioso em toda a redondeza do mundo, como muy conducente para o mayor culto, e honra do mesmo Senhor, prosperidade da sua Igreja, bem espiritual dos seus povos, e para exemplar, e incentivo nelles, de bons, e santos costumes. Por este motivo, cuidaraõ sempre os nesses Monarchas, como Catholicos, e Portuguezes, em as suas novas Conquistas, ao mesmo tempo, que despachavaõ para ellas exercitos militares, e Capitães esforçados para descobrir terras, e dominar gentes, mandar tambem conquistadores de almas, e pessoas Religiosas ; porque reconduzissen para o gremio da Igreja, aos que elles sujeitavaõ ao seu Imperio. E supposto que ao do Brasil naõ haviaõ faltado com estes soccorros, e em particular dos Frades Menores, como estes até o presente só hiaõ a elle de passagem, conforme fica mostrado ; considerando nesta falta o zelo, e Catholico Jorge de Albuquerque Coelho, Senhor, e Donatario de Pernambuco, alcançou, como ja disse, licença do Ministro Geral da Ordem, Decreto do Rey, e confirmação Pontificia para passarem os Religiosos de Santo Antonio da Provincia de Portugal á sua Capitania de Pernambuco, e fundarem Convento na Capital de Olinda, e naquellas povoaçoes, e Villas, que achassem elles capazes para outros, e fossem admittidos, de que se seguio, andados os tempos, povoar-se naõ só a Capitania de Pernambuco, mas todo o Estado do Brasil de muitos Conventos, e haver nelle hoje duas dilatadas Provincias de Frades Menores, uma nas partes de Pernambuco, e Bahia, e outra nas do Rio de Janeiro, com notorio fructo de toda a sua Christandade,

propagação da Fé aos Gentios, e augmento da Santa Igreja.

167. Nem se satisfez só o piedoso zelo, e Catholico dezejo, que tinha este Illustre Heróe do bem espiritual dos seus povos, com fazer nelles permanentes os Religiosos Menores; tambem á instancia sua passaraõ a Pernambuco da Bahia os Padres Jesuitas, os de nossa Senhora do Carmo, e os do Patriarcha S. Bento, como de huma escritura, feita a estes por elle, consta tudo, e nós transcreveremos em seu lugar. Pelo que, deixando á parte o que toca a esta, e ás mais Religiosas, e Sagradas Familias da gratificação, e reconhecimento, que cada hum deve ao devoto zelo, e grandeza de animo deste Heróe digno de toda a memoria, em obsequio do que lhe está obrigada esta nossa, e visto naõ ter ella paga justa, e equivalente a tanto beneficio, naõ quer faltar com o que póde, que he fazer nesta Chronica huma particular, e breve memoria sua, dando-lhe entre todos os que entraõ nella o primeiro lugar, condigno ao seu merecimento, e devido á nossa obrigação.

168. Em a Villa de Olinda, Capital de Pernambuco da Provincia do Brasil, e nova Lusitania, nasceo para credito da Patria, e lustre dos seus naturaes, o Illustre Heróe Jorge de Albuquerque Coelho a vinte e tres de Abril de 1539, filho segundo entre os Varoens de Duarte Coelho Pereira, e de Dona Brites de Albuquerque. Contava os quatorze annos de idade, quando falleceo no de 1554 a sette de Agosto, seu pay, e primeiro Donatorio de Pernambuco, achandose a este tempo na Corte de Lisboa Jorge de Albuquerque com seu Irmaõ Duarte Coelho de Albuquerque, herdeiro, e proprietario da Capitania. Desta ficou por Regente sua Mãy, e succedeo nella, o que geralmente se experimentou em todas as mais, que por oppressoens, e violencias executadas contra o Gentio, se levantou este, unindo-se os mansos com os bravos, e pondo em tanta consternação, e aperto

aos habitantes de fóra, que destruídas muitas das povoaçoens, Engenhos, e fazendas, até os mesmos Colonios das Villas de Olinda, e Recife, não ouzavaõ sahir della muitas legoas, que não fossem salteados do Tapuya inimigo.

169. Chegou a noticia desta desordem á Rainha Regente Dona Catharina no anno de 1559, que ainda governava o Reyno pelo Neto Menino, e Rey D. Sebastiaõ, e cuidadoza em lhe acudir com o remedio, ordenou a Duarte Coelho de Albuquerque, herdeiro, e successor da Capitania, passasse a ella. Por rogos seus, e beneplacito da mesma Rainha, conduzio consigo a seu Irmaõ Jorge de Albuquerque, mancebo de esforço, e animo, e que ja nos primeiros annos havia dado alguns indicios de genio para as armas, e emprezas contra o Gentio, como criado entre ellas. Chegaraõ a Pernambuco no seguinte anno de 1560, quando contava os vinte de idade Jorge de Albuquerque. Por voto de seu Irmaõ Duarte Coelho, acceitou a empreza da Conquista do Gentio, constituido Capitaõ, e General da guerra, que no mesmo anno se começou, dando-lhe principio com o dito seu Irmaõ pelo Rio de S. Francisco, descobrindo muita parte delle pelo Certaõ a dentro, de donde recolhido Duarte Coelho para Olinda, continuou Jorge de Albuquerque a Conquista do Gentio até Pernambuco, com os trabalhos, perigos, e o mais, que em sua particular Estancia fica referido, gastando quasi cinco annos nesta arriscada empreza, e continua guerra. Nella deixou destruídas as principaes Aldêas dos Gentios Caetés, e alguns Putyguarés, que ja a este tempo occupavaõ a mayor parte da Capitania, mortos muitos, affugentados os mais, e outros reduzidos á paz, e os moradores pacificos, e socegados.

170. Posta nestes termos a Capitania toda, e querendo Jorge de Albuquerque voltar para a Corte a tomar descanso dos passados trabalhos, se embarcou no porto

de Olinda, em a Náo nova, Santo Antonio, e a dezaseis de Março de 1565 deraõ á véla com vento favoravel. Mas tornando-se contrario a pouca distancia, e concorrendo a maré, que começava a vazar, levarãõ a Náo de travez sobre os baixos, que demoraõ ao entrar da barra, entre a antiga de Olinda, e a do Reciffe ao presente, e chamaõ os baixos da Cidade, salva a gente com risco, e tirada a Náo com trabalho, depois de alliviada da carga, e cortados os mastros, havendo resistido por sorte, e nova quatro marés continuas, aos golpes do mar, e toques das pedras, a tornaraõ ao porto para se refazer, e a 29 de Junho do mesmo anno se pôs outra vez em viagem, e nella Jorge de Albuquerque, contra a opiniaõ, e conselho de muitas pessoas prudentes, e experimentadas, que lhe advertiaõ se naõ tornasse a embarcar em Náo, que, com principios taõ infaustos, estava prometendo semelhantes fins. Mas vencendo o animo ao discurso, no da viagem, experimentou no mar evidencias, o que em terra foraõ só vaticinios; porque desde 29 de Junho, que sahiraõ segunda vez do porto, até quatro de Outubro, que aportaraõ em Cascaes, menos os seis primeiros dias de bonança, toda a mais viagem foy hum continuado naufragio, sendo (por lhes naõ faltar contraste algum, dos que costumaõ sobrevir aos que se entregaõ á violenta inconstancia do elemento das agoas, como aqui) a destrocada Náo, no meyo da sua derrota, interpreza de cossarios Francezes, que além de estar ella ja taõ maltratada, que por isso naõ a levarãõ consigo os piratas, a deixaraõ roubada de tudo, sem mantimento algum, e sem agoa; porque hum violento mar lhe havia desarcado todas as pipas, sem mastros, sem vélas, até sem leme, sustentando-se algunas quarenta pessoas desde 17 de Settembro até quatro de Outubro, com as reliquias de tres cocos seccos, que se repartiaõ cada dia por todos os da Náo, com alguns ja mortos á fome, e sede, e os mais quasi acabando á necessidade,

miseria, e trabalho, com agoa aberta, desde o sexto dia de viagem até á vista do Cabo da Roca, donde levados das correntes hiaõ dar á costa, se lhes naõ acudira huma caravéla Portugueza, que dando-lhes cabo, a levou a encalhar no porto de Cascaes.

171. Qual fosse o estado, em que a este tempo se achavaõ ja os miseraveis naufragantes, se deixa á consideraçãõ do piedoso Leytor, e se manifesta com evidencia do que aconteceu a Jorge de Albuquerque, quando ja desembarcado, e indo logo dalli em Romaria a nossa Senhora da Luz, com outros passageiros, e topando se com D. Jeronymo de Moura, seu primo, que, noticioso do como haviaõ chegado, o vinha buscar, o naõ conheceo, fallando com elle de cara a cara, e havendo hum só anno, que se haviaõ apartado em Pernambuco, criados ambos, e muy amigos, e foy necessario a Jorge de Albuquerque para o certificar de todo, que elle era o mesmo, mostrar-lhe sinaes mais particulares, concluindo assim, quando com lagrimas se abraçaraõ: *Aqui podeis ver, e julgar o trabalho, que passey.* A seu tempo faremos, sobre outras circumstancias mais notaveis deste naufragio, algum juizo em credito do animo varonil, e piedade Christaã deste Heróe, sempre digno de mayores expressoens.

172. Do Reyno tornou ao Brasil Jorge de Albuquerque a governar a Capitania por mandado de seu Irmaõ, que no anno de 1572 havia voltado de Olinda para a Corte, deixando nella por Procuradora, e Governadora a sua Mãy, em quanto do Reyno mandava a Jorge de Albuquerque. Naõ achamos ao certo em que anno fosse, mas consta por assento, que no de 1576 a cinco de Março se embarcou outra vez de Olinda para o Reyno, deixando em Pernambuco por seu Lugar-tenente, e Governador a seu Tio Jeronymo de Albuquerque, Irmaõ de sua Mãy.

173. Dous annos, e alguns mezes hiaõ correndo, que na Corte gozava Jorge de Albuquerque, entre os applausos de Heróe, as estimaçoens de Grande, quando se lhe offereceo acompanhar ao Rey D. Sebastiaõ na infausta jornada de Africa, por Enfermeiro Mór do seu Exército; e na batalha de Alcacer lhe aconteceo, entre os alfanjes, e lanças dos Mouros, o que a huma forte, e levantada torre, quando combatida de abrazadores rayos, que como alli achãõ mais resistencia, nella causaõ maior estrago; e assim, depois de dar o cavallo, em que montava, ao seu Rey para nelle segurar a Pessoa, ficou quasi mortal, lançado por terra, com muitas, e penetrantes feridas, prisioneiro, captivo, e resgatado, com outros feitos mais do seu esforço, e grandeza de animo, e dignos de se eternizarem nos pregoens da fama. Ouçamos alguns delles, assim como voaraõ nas pennas dos Escritores daquelle tempo, e os repetem as de alguns modernos.

174. *Jorge de Albuquerque Coelho, Fidalgo esforçado, e Governador, que foy de Pernambuco, comprou na Cidade de Evora hum cavallo ruço, e era cousa taõ boa, que por isso foy muy gavado a ElRey, o qual o dezejou muito, e para o poder alcançar se fizeraõ grandes diligencias, sem lhe dar a entender quem o pertendia, primeiro por corretores, com ordem para que lhe dessem quanto dinheiro elle pedisse; ao que naõ deferindo, se deo ordem a Fidalgos, que lhe dissessem, como ElRey gavava, e dezejava o seu cavallo, parecendo-lhe, que isto bastasse para lho offerecer; porém naõ bastando isso, lhe mandou ElRey rogar pelos mesmos, que lho vendesse; ao que dando tambem suas escusas, foy tal o dezejo delRey, crescendo mais ao passo da repulsa, que de cara a cara lhe disse que lho vendesse; ao que Jorge de Albuquerque respondeo: Senhor, naõ quero vender a V. Alteza o meu cavallo. V. Alteza he Rey poderoso, e póde mandar vir do cabo do mundo quantos cavallos*

quizer, e eu, Senhor, quero este para vos servir com elle, e poderá ser que vos tenhais por mais bem servido em outra occasiaõ, do que se agora vo-lo desse: *E dizem, que quando o comprára, tivera revelaçã em sonhos: Que com aquelle cavallo havia de acudir a ElRey em occasiaõ de muita necessidade. E podia isto ser certo; porque este Fidalgo foy pessoa muito virtuosa, e há quem lhe dá o titulo de Santo; e quando não fosse assim, o successo seguinte fez parecer a profecia verdadeira.*

175. *Porque acompanhando Jorge de Albuquerque a ElRey nesta passagem, em que entendeo se verificaria o sonho, sendo ja a batalha desbaratada, o encontrou ElRey todo crivado de feridas, com hum tiro por huma virilha, e huma setta pelo peito, com quatro cutiladas, e outras muitas feridas na cabeça, nos braços, e nas pernas, e assim ainda teve alento para perguntar a ElRey, que vinha só: Em que estado se achava? ElRey lhe respondeo; Eu bom estou, mas este meu cavallo ja não póde dar passada; porque vinha ferido de morte. Disse entã o Albuquerque: Senhor, o meu cavallo ainda está muito bom para Vossa Alteza se servir delle, e se salvar. Ao que ElRey tornou: Ora dai-mo Jorge de Albuquerque. Disse elle: Senhor sim, que para esta hora estimo tê-lo guardado, para que vos salveis nelle. Salve-se V. Alteza, pois ja não ha remedio, nem que fazer. Pois apeai-vos, disse ElRey; e o Albuquerque respondeo; Senhor, mandai-me apear por aquelles Soldados; porque eu não posso. ElRey ouvindo isto, ja não queria o cavallo pelo miseravel estado, em que via o dono; porém instado por elle, e Ruy Gil Magro, que entã chegou alli, e lhe disse, quanto mais importava a vida do Principe, que a de hum, e muitos vassallos, conveyo. E foy logo tirado da sella ao collo, e em o largando para ajudar a subir a ElRey, cahio de costas por se não poder ter em pé, e ElRey, que, de hum pullo*

saltou no cavallo novo, olhando para elle magoado de o vêr estirado em terra, lhe disse : Quanto me peza Jorge de Albuquerque de vos vêr dessa maneira. E elle com animo forte, lhe respondeo : Senhor, salve-se V. Alteza, que he o que mais importa, que eu contente morro aqui por serviço de Deos, e vosso. E partindo dalli ElRey o vio ir fóra da batalha até desapparecer da vista.

176. *E dalli do chaõ aonde ficara Jorge de Albuquerque de costas, pizado dos que passavaõ, o puzeraõ os mesmos soldados, que o desceraõ do cavallo, em huma carreta. ajudando-os Francisco Alrares, Irmaõ Coadjutor da Companhia de Jesus, que acertou de passar entaõ por alli, por não acabar a vida pizado dos que andavaõ discorrendo pelo campo, e aqui padeceo grandes tormentos com as pernas penduradas, mas com taõ grande valor, que nunca largou a espada da maõ, e passando alguns Mouros de pé, e cavallo, lhe atiravaõ muitos tiros de escopetas, e lanças de arremesso, que quiz Deos nenhuma lhe acertasse, até que passou hum Renegado, e o levou, e curou ; o qual voltou depois resgatado a este Reyno, ainda que sempre aleijado, e com mutilas.*

177. *Até aqui o que tirado da miscelania de varia historia de Miguel Leytaõ de Andrade *, que se achou na batalha de Alcacer, escreve o moderno Chronista delRey D. Sebastiaõ, ao que accrescentamos o que diz o Author da Bibliotheca Lusitana, fallando de Jorge de Albuquerque. Igual, ou mayor valentia ostentou em Africa, á com que tinha admirado a America, pois sendo nomeado por ElRey D. Sebastiaõ Enfermeiro Mór do Exercito, com que passou no anno de 1578 ao campo de Alcacer, depois de ter recebido sette penetrantes feridas nas partes mais nobres do corpo, se encontrou com ElRey, a tempo, que estava reduzido á ultima ruina o nosso Exercito, e pedindo-lhe este o seu cavallo, promptamente lho deo para nelle salvar a vida de taõ fatal calamidade. Atropellado o Albuquerque pela cavallaria, foy conduzido do campo, quasi*

* Bayaõ l. 5. c. 35, p. 699.

agonizante em hum carro até á Cidade de Féz, onde, para ser curado das feridas, lhe tirarão vinte ossos, de cuja violenta operação, que durou o largo espaço de sette mezes, tollerou com heroica paciencia horriveis dores, de que se seguio andar quatro mezes sobre duas muletas, e no fim delles deixar huma em 23 de Abril de 1582, pendente do Altar de nossa Senhora da Luz, para memoria do beneficio, que da sua maternal clemencia recebera. Casou duas vezes: a primeira em 18 de Dezembro de 1583 com Dona Maria de Menezes, sua prima, filha de D. Pedro da Cunha, e de Dona Anna de Menezes, de quem teve huma unica filha. Por morte de sua mulher, succedida a 12 de Mayo de 1585, passou a segundas bodas a 25 de Novembro de 1587, com Dona Anna de Menezes, filha de D. Alvaro Coutinho, filho de D. Francisco Coutinho, Conde de Redondo, e Vice-Rey da India. e de Dona Brites da Silva, de quem teve a Dona Brites de Albuquerque, Duarte de Albuquerque Coelho, Marquez de Basto, herdeiro de Pernambuco, Mathias de Albuquerque, e Paulo de Albuquerque Coelho.

178. Athequi, o que de Escritores antigos, e modernos, de que temos noticia, pudémos colher da vida, e acçoens deste preclaro, e famoso Heróe, supposto não achamos em algum, o anno em que puzesse termo, e passasse desta mortal vida, e caduca, para a eterna, e perduravel. Mas temos certeza, que no anno de 1596 era vivo, por hum papel judicial, que começa assim: » Pedro Homem de Castro, Fidalgo da Casa delRey » nosso Senhor, Capitaõ, e Governador Loco-tenente » nesta Capitania de Pernambuco da nova Lusitania, » nesta Villa de Olinda, partes do Brasil, pelo muito » Illustre Senhor Jorge de Albuquerque Coelho, meu » Tio, Capitaõ, e Governador nesta dita Capitania por » ElRey nosso Senhor, etc. » Mas ainda, que da sua morte não tenhamos individual certeza, nos não tira este accidente a boa confiança, que seria em paz na presença do Senhor, pois por honra sua, augmento da Igreja, e Estado Religioso, propagação da Fé, e serviço

do Rey, trabalhou como Catholico, e esforçado em toda a vida, arriscando-a por isso tantas vezes, e fazendo-se por tudo muito acedor da opiniaõ de virtuoso, e santo, conforme ao que delle fica escrito por outra penna. Por onde se lhe naõ póde negar ser hum dos grandes homens, e sujeito de muita distincão entre os mayores da natureza, e graça, pois aquella o ornou de huma condiçaõ liberal, genio piedoso, coração forte, varaõ constante, e sobre tudo nas acçoens magnanimo. A graça o prevenio tambem com aquellas tres virtudes, que saõ fundamento, e baze do bom Christão, e verdadeiro Catholico, Fé, Esperança, e Charidade; todas se farãõ evidentes, a quem com maduro juizo reflectir com advertencia em as mais notaveis acções da sua vida.

179. Foy naturalmente benigno, liberal, piedoso, e magnanimo; unindo estes dons pessoaes por aquella parte, que fazem harmonia com a charidade, em quanto diz ordem aos proximos, e mostrando-o em muitas, e varias acçoens; ja nos cinco annos, que gastou na Campanha de Pernambuco, e Conquista dos Indios levantados, sustentando á sua custa, além dos muitos escravos, e familiares seus, a todos os que naquelle Exercito o acompanhavaõ; repartindo igualmente por huns, e outros tudo quanto era despojo de guerra, assim de Indios cativos, como de toda a mais preza; que supposto naõ fossem cousas de valor, naõ deixavaõ de ser para a occasiaõ de alguma substancia, sem reservar nada para si, de interesse, refresco, ou regalo.

180. Melhor o experimentaraõ ainda os que depois de concluida a guerra do Gentio se embarcaraõ com elle do Brasil para o Reyno, na prolongada, e lamentavel derrota da sua viagem, antepoendo em toda ella ao bem commum dos necessitados companheiros a commodidade da propria pessoa, repartindo por suas mãos o pouco, ou quasi nada, que havia de sustento, e ficava

sempre menos provído, sendo elle o primeiro, e o que mais trabalhava, o que era para tudo, e cuidava de todos. Varaõ constante, e de coraçã forte, naõ só no agigantado do animo, e robustez do corpo, com que pode sustentar tanta carga de molestias, sem affroxar, antes servindo de alento aos mais, quando ja de todo desmayados; mas tambem na constancia de Varaõ, com que soube resistir aos dezejos de hum Rey, negando-lhe de cara a cara aquelle cavallo, que elle lhe pedia com appetite de moço, e seria para outros gostozã lizonja o mais leve aceno da sua vontade.

181. Da sua grande fé, naõ deraõ menos testemunhos as suas acçoens. Feita ja preza dos Cossarios Francezes a destroçada Náo, em que naufragante, ficou tambem prizioneiro, e o tinhaõ por noite, e dia sempre com guardas, o convidava a jantar comsigo o Capitaõ pirata, dando-lhe por honra, e obsequio o primeiro lugar. Hum dia lhe rogou este, ou fosse lizonja, ou por escarneo, benzesse a meza ao modo Portuguez; e fazendo sobre ella o signal da Cruz, se indignaraõ grandemente contra elle alguns dos convidados, e o levarã muito a mal, e com taes razoens, que entendeo Jorge de Albuquerque serem Luteranos. Abrazado entã em viva Fé, lhes respondeo, que aquelle « Era o signal do verdadeiro Christã, e filho da Igreja, que por elle se distinguia dos » que o naõ eraõ, que nelle esperava sahir sempre vencedor de seus inimigos, e que com elle se havia armar huma, e muitas vezes: e fazendo segunda vez o mesmo signal sobre si, remetterã contra elle alguns daquelles Luteranos, e sem duvida correrã perigo a sua vida, a naõ metter-se em meyo o Capitaõ, e dous Francezes nobres, que alli vinhaõ.

182. Tanto foy sem duvida do agrado do Senhor este vivo zelo de sua Fé por meyo da Santa Cruz, como signal que he do verdadeiro Christã, que com a mesma Cruz, e alguns prodigios obrados com ella, o fez evi-

dente. No dia 12 de Setembro, depois de terem os Francezes feito a preza da Náo, sobrevindo-lhe a terrivel tormenta, que os pôs no ultimo desbarato, mandou Jorge de Albuquerque lançar ao mar, atado a huma corda, segura pelas duas pontas á popa da Náo, hum Relicario de ouro que trazia comsigo, e nelle hum pedaço do *Lignum Crucis*, seguro na mesma corda por hum cordaõ forte, e de retroz verde, de que pendia por huma argola a Cruz do Relicario. Passada a tormenta, ao terceiro dia, mandou Jorge de Albuquerque alar a corda, e tirada com difficuldade, por se haver embarcado com outras, ao mesmo tempo, que a lançaraõ em cima do convez, cahio o Relicario sobre a tolda envolto em hum pouco de algodaõ, solta a Cruz da argola, e esta do cordaõ de seda, ficando elle amarrado na mesma corda, da sorte que o haviaõ posto. *O como isto fosse*, diz o Author desta Relaçã, *nosso Senhor o sabe*. E este foy o primeiro prodigio. O segundo foy, continua a mesma Relaçã: « Fazendo os nossos grandes » extremos de alegria por tamanho milagre, os Francezes, que estavaõ em a Náo, se ajuntaraõ muitos a ver » o de que os nossos folgavaõ tanto; e beijando todos os » nossos as Reliquias com muita devoção diante dos » Francezes, parece que permittio nosso Senhor que » naõ as vissem elles; porque por sem duvida tenho, » que se as viraõ as tomaraõ, por terem ouro, de que » elles saõ cobiçosos. E naõ somente as naõ viraõ en- » taõ, mas nem em outros dias, que Jorge de Albuquerque » que as trouxe comsigo; porque apalpando-o muitas » vezes, por ver se trazia alguma cousa escondida, nunca lhas acharaõ; pelo que se devem dar muitos louvores a nosso Senhor, por este milagre, e pelos mais que » fez por nósoutros, que neste naufragio nos achamos. » Naõ deixámos de notar, entre os que eramos, que por » ventura quiz nosso Senhor fazer-nos esta mercê pelo » Lenho da Santa Cruz, e pelo signal della, que Jorge

» de Albuquerque fez na meza dos Francezes, pelo qual
 » signal, que fez, o quizeraõ matar, ou lançar ao mar.
 » Parece que permittio nosso Senhor que esta Cruz com
 » o Santo Lenho, e Reliquias, que nella estavaõ, se naõ
 » perdessem, e tornassem á mão do dito Jorge de Albu-
 » querque, visto offerecer-se á morte por amor deste
 » santo signal da Cruz, de que sempre em toda a via-
 » gem se mostrou muito devoto, e nos dizia algumas ve-
 » zes, que desde menino o fora sempre muito, e que lhe
 » vinha esta devoçaõ por herança; porque em todos os
 » quatro Escudos de armas, que lhe pertenciaõ por
 » parte de dous Avós, donde descende, todos tinhaõ
 » Cruz, como saõ as Armas dos Albuquerque, Coelhos,
 » de que elle descende, Pereiras, e Bulhoens.

183. Com estes indicios certos da sua muita fé, ajun-
 tava outros de grande confiança em Deos, e com que
 atado ao mesmo Senhor, quanto eraõ mayores os traba-
 lhos, em que se via, entãõ se achava mais seguro para
 escapar delles em virtude da bondade, e poder Divino,
 certo de que os que nelle confiaõ com aquella esperan-
 ça verdadeira, que he virtude, naõ se confundem nos
 mayores perigos. Nos grandes, em que em sua vida se
 achou, como foraõ os da fatal batalha de Alcacer em A-
 frica, e os do lamentavel naufragio nos mares do Brasil,
 nunca lhe faltou esta virtude, e por ella, ou com ella se
 livrou de todos. Sobre as tragadoras ondas foy só a es-
 perança em Deos a anchora firme, que lhe ficou para se-
 gurar o porto que dezejava. Entre as lanças, e alfanges
 dos Mouros, foy a confiança no Senhor, se naõ escudo
 impenetravel para lhe desviar os golpes, mezinha effi-
 caz, que lhe curou as feridas, e deo saude. E em quem
 era taõ firme a esperança, e taõ viva a fé, naõ podia dei-
 xar de ser muito grande a charidade em quanto he amor
 de Deos, que pelo que diz respeito aos proximos, ja fica
 visto aonde chegou. Do que lhe aconteceu assim nas ba-
 talhas da terra, como nas tormentas do mar, bastante-

mente mostrou o Ceo nelle o excellente destas virtudes, e com o que nestas occisiones obrava, e dizia Jorge de Albuquerque, o dava elle muito bem a conhecer. Ouçamos primeiro o que sobre isto diz o Relator do seu naufragio *; porque nas agoas deste, ainda quando mais turvadas, temos hum claro espelho, em que tudo isto se vio a melhor luz: o temor de Deos, que se funda no seu amor; porque he certo, que quem mais o ama, mais o teme: a sua esperança firme, e a viva fé. Diz assim o Author: « Jorge de Albuquerque sobre todos estes tra-
 » balhos, a que ajudava irmaãmente, tinha mais o con-
 » solar, e animar a seus companheiros, que taõ que-
 » brantados andavaõ das forças corporaes, e do espi-
 » rito, e ja naõ tinha com que os consolar, senaõ com
 » lhes trazer á memoria a Sagrada Morte, e Payxaõ de
 » nosso Senhor Jesu Christo, e o muito que por nós
 » padeceo, para que com esta lembrança se lhes fizes-
 » sem mais leves os trabalhos em que estavaõ, e lhes
 » persuadia, que pois estavaõ esperando pela derradei-
 » ra hora, sem poder ser ajudados de remedio algum
 » humano, senaõ o da misericordia de nosso Senhor,
 » que se encomendassem a elle, para que por sua pie-
 » dade dispuzesse delles aquillo, que mais cumpria ao
 » seu serviço, e salvaçaõ de suas almas. A'lém de to-
 » das estas cousas, que atraz digo, dizia, que tinha tan-
 » ta confiança, e fé na Misericordia de nosso Senhor,
 » que nos affirmava, como se o tivera por certo, que
 » nos havia nosso Senhor de livrar daquelle perigo, e
 » haviamos de ver a terra, como se a viramos, ou tive-
 » ramos Náo, que nos pudesse trazer a ella. *E conti-
 » nua assim mais adiante:* « Mas, se vos lembrardes do
 » que tendes nesta viagem passado, e naõ vos esque-
 » cerdes daquelle terrivel volcaõ, que nos deo, e dos
 » mares, que nos cobriraõ, e de quantas vezes esta Náo

* Histor. Tragic. Marit. t. p. 40, etc.

» ficou amadornada, e morta debaixo da agoa, e que to-
 » dos vos destes por mortos, vendo tudo, que parecia
 » ser conjurado contra vossas vidas, a agoa, ventos,
 » relampagos, até o nosso mastro, que nos queria ala-
 » gar: se nada disto vos esquece, vereis claro, quanta
 » razaõ tendes para confiar na grandeza da misericor-
 » dia de nosso Senhor, e terdes fé firme nelle, que vos
 » ha de salvar; porque, quem de tantos trabalhos nos
 » livrou até agora, muito certo deveis de ter, que vos
 » ha de livrar dos que vos sobrevierem: e que sabeis
 » se saõ estes trabalhos, com que quer provar vossa fé,
 » mimos de nosso Senhor? Eu certo, como se o visse,
 » espero que elle nos ha de levar a terra para que a
 » gente saiba este milagre, que comnosco uza; porque
 » não fique isto sem ser sabido, e a gente, a cuja noti-
 » cia vier este nosso naufragio, dê sempre louvores a
 » nosso Senhor, e glorifique, e exalte com graças seu
 » santo nome; e mais, que vos não ha de levar a qual-
 » quer terra, senão á Cidade de Lisboa, aonde possamos
 » contar cousas taõ novas, como estas; e não he ne-
 » cessario, para irmos seguros, e confiados de isto ser
 » assim, mais, que fé em nosso Senhor; pois elle diz
 » em hum dos Evangelhos, que quem tiver fé fundada
 » em pureza de coração, tamanha, como hum graõ de
 » mostarda, fará mudar, e traspassar hum monte de
 » huma parte para outra: por tanto, Irmãos meus, pos-
 » tos neste estado de fé, e confiança neste Senhor, es-
 » peremos que neste pedaço de páo nos livrará do pro-
 » fundo abysmo do mar.» Estas cousas, *continua mais*
adiante o Author, e outras como estas, que «elle (Jorge
 » de Albuquerque) dizia melhor do que eu o sey relatar
 » vinha dizendo á sua piedosa companhia, com que to-
 » dos nós muito nos consolavamos, e muito mais com o
 » ver a elle andar taõ lédo, e com rosto taõ prazentei-
 » ro, que parecia não ser elle aquelle que padecia os
 » trabalhos, e fomes, que perseguiaõ a todos, e sempre

» andava consolando a quem lhe parecia que mais fraco
 » estava, sem dar a entender que sentia o perigo, em
 » que vinhamos; mas ninguem o entendia melhor do que
 » elle, porque algumas vezes de noite o achámos em lu-
 » gar apartado, com muitas lagrimas, e exclamaçoens a
 » nosso Senhor, pedindo-lhe tivesse por bem de nos sal-
 » var, e de dia a todos animava, e consolava etc.» *E*
 » *mais adiante diz* « Vendo Jorge de Albuquerque tama-
 » nho espanto na gente, (*foy isto na occasião em que de*
 » *todo ficou a destroçada Não tambem sem leme para o go-*
 » *verno*) foy cercado de grandissima tristeza, e dor; pôs-
 » se assim muito triste a cuidar que meyo teria para
 » consolar seus companheiros, e subitamente se leván-
 » tou taõ rijo, e lédo, como se sahira de alguma festa, e
 » começou a chamar a todos, cada hum por seu nome,
 » e tirando de hum livro de rezar seu, que escondera dos
 » Francezes, duas folhas, em huma dellas estava nosso
 » Senhor Jesus crucificado, e em outra a Imagem de
 » nossa Senhora, as quaes pôs pregadas ao pé do mas-
 » tro, que todos vissem, e chamando-os a todos lhes dis-
 » se em alta voz: Ora pois, companheiros, não haja quem
 » enfraqueça, nem desmaye, ponhamos os olhos naquell-
 » las Imagens, com cuja vista nos podemos alegrar, e
 » consolar, conhecendo, que quem tanto padeceo por
 » nós, pois he todo misericordioso, e piedosissimo, nos
 » salvará deste temeroso perigo, e nos levará a salva-
 » mento; e mais tendo nós por advogada, e intercesso-
 » ra a Sacratissima Virgem Maria nossa Senhora, Rai-
 » nha dos Anjos, por cuja intercessão, rogos, e mereci-
 » mentos, eu espero, e confio, que nos havemos de ver
 » fóra de tamanho perigo; e torno-vos a dizer que não
 » havemos de ir a qualquer terra, senaõ, que pela in-
 » tercessão da Virgem nossa Senhora havemos de ir ter
 » a Lisboa, para que nossa chegada em salvo faça noto-
 » rios os milagres, que por nós obrou.

184. E he sem duvida, que foraõ muitos e notaveis, ou hum continuado milagre, o que com estes naufragantes em toda a sua derrota obrou a inexcrutavel Providencia do Senhor, como consta do que se contêm na Relaçãõ, e aqui fica apontado, e o confirma o ultimo, com o qual tambem teve fim o lastimoso deste spectaculo, que foy de dous até quatro de Outubro, achando-se a destroncada Não entre as Berlengas, e Roca de Cintra á vista da Casa da Senhora da Pena, como annuncio de que o verem-se livres das grandes, e inconsolaveis, que haviaõ até alli padecido, tudo se devia á piedade da Senhora, que para os navegantes foy sempre Estrella propicia, e que para logro desta felicidade concorreo muito a grande Fé, Esperança, Charidade, ou temor, e amor de Deos do Ilustre Heróe Jorge de Albuquerque, que na mayor desconfiança do livramento, entãõ lhes segurava mais a dezejada terra, e porto certo da salvaçãõ.

185. E se estas virtudes no homem Christão são todo o fundamento com que da pratica dellas dá a conhecer o que tem de perfeito, e santo : com razaõ os que escreveraõ deste Heróe o chegaraõ a collocar alguns na Classe dos Varoens justos, e Servos de Deos, ou Santos, conforme o avalia hum destes. E isto he o que delle achamos escrito com penna alheya. Mas porque á nossa mão veyo ter huma escritura, ou assento de doaçãõ, feita por sua propria letra, e signal aos Religiosos do Patriarcha S. Bento, quando á instancia sua passaraõ a Pernambuco, Capitania do seu dominio, a fundar Mosteiros, trasladamos aqui os exordios desta, porque delles constará melhor em resumo, tudo o que por extenso fica dito, como por testemunho proprio, e de sujeito, que naõ admite suspeita em pontos de verdade, ainda que sejaõ em abono seu. Diz assim.

JESUS MARIA.

186. « Em louvor da Santissima Trindade, Deos Pa-
 » dre, Deos Filho, Deos Espirito Santo,, tres Pessoas,
 » hum só Deos, e da Gloriosa, Sagrada, e escolhida
 » Virgem Maria nossa Senhora, e do bemaventurado S.
 » Bento, e dos mais Anjos, e Santos, e Santas da gloria
 » do Paraizo ; e para mais accrescentamento do Estado
 » da Santa Igreja Catholica, e do Culto Divino, e bem
 » da salvaçã das almas dos proximos ; e por dezejar
 » de fazer a Deos nosso Senhor os mais serviços que
 » puder, tratey com o M. R. P. Fr. Francisco Gonzaga,
 » Geral de toda a Ordem de S. Francisco, que pois eu
 » era taõ devoto do bemaventurado Santo, me fizesse
 » mercê dos Frades da dita Ordem para irem á minha
 » Capitania fazer Mosteiros, em que de continuo se ser-
 » visse, e louvasse a Deos assim como se fazia neste
 » Reyno de Portugal, e que eu os favoreceria, e ajudaria
 » em tudo o que pudesse, como até agora tenho feito ;
 » o que me concedeo com mandar Frades Capuchos da
 » Provincia de Santo Antonio deste Reyno de Portugal ;
 » e pela devoçã, que tambem tenho ao bemaventurado
 » S. Bento, tratey deste mesmo negocio com o M. R. P.
 » Fr. Gonçalo de Moraes, Geral da Ordem de S. Bento
 » destes Reynos de Portugal, quizesse mandar Frades
 » da dita Ordem á minha Capitania de Pernambuco,
 » para nella fazerem os mais Mosteiros, que puderem,
 » porque os favoreceria, e ajudaria em tudo o que pu-
 » desse, da maneira, que ao diante irá declarado. E
 » por a dita Capitania nos ter custado tanto a meu Pay,
 » e a meu Irmaõ, que Deos tem, e amim em a ajudar a
 » ganhar, e a conquistar, pertendo, e dezejo muito, que
 » em cousas que taõ caro nos tem custado, se encha,
 » e povôe de Mosteiros de Religiosos, e Religiosas, para
 » que de continuo sirvaõ, e louvem a Deos : e para que
 » estes meus dezejos hajaõ o effeito, que pertendo, tenho

» feito aos ditos Frades de S. Bento as promessas, que
» nesta doaçãõ se veraõ: Considerando eu Jorge de
» Albuquerque Coelho, terceiro Capitaõ, e Governador
» da Capitania de Pernambuco da nova Lusitania nas
» partes do Brasil por ElRey nosso Senhor nas muitas,
» e muy grandes mercês, que me Deos tem feito, assim
» em me livrar de muitos, e muy grandes naufragios,
» que passey no mar, como das guerras, e trabalhos,
» que passey na Conquista da dita minha Capitania de
» Pernambuco, e em outras partes: E assim em me li-
» vrar da batalha, que ElRey D. Sebastiaõ deo em Africa
» aos Mouros inimigos da Fé, ficando estirado no campo,
» em que se deo a batalha, onde escapey milagrosa-
» mente, com ficar taõ destroncado de muitas, e mor-
» taes feridas, que na dita batalha me deraõ, que foraõ
» causa de andar perto de quatorze annos sobre duas
» moletas, ou encostado em dous criados: e por en-
» tender as muitas, e muy grandes mercês que me nosso
» Senhor tem feito em me livrar de tantos perigos, e
» trabalhos, me pareceo razaõ, que em louvor de tantas
» mercês, quantas me nosso Senhor tem feito, tenho
» obrigaçãõ para fazer a Deos os mais serviços, que
» puder com favorecer, e ajudar aos Religiosos, e Re-
» ligiosas para que vaõ fazer muitos Mosteiros á dita
» minha Capitania de Pernambuco, como ja com ajuda
» de nosso Senhor estaõ feitos alguns Mosteiros, assim
» de Frades de S. Francisco Capuchos da Provincia de
» Santo Antonio deste Reyno de Portugal, e hum Col-
» legio dos Padres da Companhia de Jesus, e Frades
» da Ordem de nossa Senhora do Monte do Carmo; e
» agora pela devoçãõ que tenho ao bemaventurado S.
» Bento, faço o que posso, para que os Frades da sua
» Ordem vaõ fazer muitos Mosteiros á dita minha Capi-
» tania; e para que melhor o possaõ fazer, tenho dito
» ao Padre Geral da Ordem &c. » O mais, que contem
esta Escritura, saõ os concertos, pactos, e pensões,

com que lhes doava as terras aonde os ditos Religiosos quizessem fundar os seus Mosteiros, e tudo concluia assim : « E para que os moradores, e povoadores da minha » Capitania de Pernambuco tenhaõ entendido com quanto » gosto folgo de favorecer aos Religiosos : e para com » esta fazer lembrança ao herdeiro, e successor da minha » Capitania, a razaõ, e obrigaçãõ, que tem para ajudar » a levar adiante estes bons dezejõs, acompanhados das » obras, que por esta doaçãõ se verá. E desta doaçãõ » lhe mandey passar tres para irem por vias. Cumprindo-se huma, as outras naõ valeraõ nada. Luiz Marreiros meu Escrivaõ a fez por meu mandado em Lisboa a seis de Abril de mil quinhentos noventa e dous annos, no dia em que se faz a festa de nossa Senhora da Esperança, e dos Prazeres, e da Incarnaçãõ, a qual assigney, e mandey sellar com o sello de minhas Armas. Fica registada no meu livro de lembrança a fol. 204.

Jorge de Albuquerque Coelho.

187. Quem com maduro, e discreto juizo fizer a devida reflexãõ nos termos expressivos desta Escritura, delles conhecerá com evidencia o catholico, piedoso, e santo zelo para as cousas de Deos, augmento da Fé, e estado Religioso deste Grande, e Illustre Heróe, a quem, pelo que nesta parte lhe he devedora esta Provincia de Santo Antonio do Brasil, lhe naõ quiz faltar nesta sua Chronica com este devido obsequio, e grata remuneraçãõ.

LIVRO II.

De algumas excellencias da Casa de N. Senhora das Neves da Villa de Marim, e Cidade de Olinda, como tambem as desta Provincia, de que foy Capital, e dos Religiosos, que com vida exemplar, virtudes Christaãs, e santo fim illustraraõ esta Casa, e de outros acontecimentos dignos de memoria.

CAPITULO I.

Excellencias da Casa de Olinda, e tambem as desta Provincia.

188. Para fortaleza, e formosura da sua nova, e estimada Cidade de Sion, figura da Superior, e celestial do Empyreo, edificou o valente, e esforçado David aquella taõ forte, como bem lavrada Torre*, da qual disse o Sabio, na sua descripçaõ, pendiaõ mil escudos, com que se ornavão animos varoniz, e a defendiaõ espiritos vigorosos. Torre espiritual de David, porque Casa dedicada a Maria, mystica Torre, foy com muita propriedade esta de Olinda da Senhora das Neves, da qual, como Escudos pendentes, que a qualquer aceno de suave viraçãõ se movem, foraõ os Religiosos Fundadores desta Casa, e ainda os que pelo tempo se lhes foraõ seguindo; pois como pendentes Escudos, e movidos a impulsos Superiores, e que ella hia largando a todas as partes destas dilatadas Conquistas do Brasil, assim como ornavãõ com as suas virtuosas, e exemplares acçoensí Religiaõ Serafica, assim defendiaõ com as armas espirituales da sua sciencia, e doutrina aos seus povos, e habitadores, e especialmente aos que mais necessitavaõ de soccorro, como era o seu Gentio. A estes defenderãõ, como fortes Escudos das garras do inimigo commum, trazendo a milhares delles dos seus barbaros erros para o conhecimento da verdade, e gremio da Igreja. A' Religiaõ Serafica, graciosamente ornaraõ, compondo-a, augmentando-a, e dilatando-a com o espirito da sua fortaleza, e zelo, até lhe formarem hum perfeito corpo de Provincia.

* Cantic. 4, v. 4.

189. Para a boa composiçaõ, e guarda mais segura deste corpo, ou mais propriamente Fortaleza da Serafica Sion, levantarãõ os seus Operarios desde a Cidade da Paraíba ao Norte, até á Villa da Conceiçaõ de Itanhanhem ao Sul do Rio de Janeiro, vinte duas Torres mais, em outros tantos Conventos, além de outras muitas Atalayas, em varias doutrinas do Gentio, a que chamaõ Aldêas, ou Missoens, de que nos naõ deixaraõ o numero certo os daquelles tempos, e só para encarecimento de que foraõ muitas, nos dizem que em os nove annos do primeiro Custodio Fr. Melchior se erigiraõ, e converteraõ pelos Religiosos Menores dezoito destas por aquelles districtos, e Sertoens circumvizinhos, aonde ja havia Conventos. De todos os desta Provincia assentamos aqui a sua lista pela ordem dos tempos, com que se foraõ seguindo huns aos outros, e das Missoens.

| <i>Num.</i> | <i>Titulos.</i> | <i>Terras.</i> | <i>Annos.</i> |
|-------------|--|----------------|---------------|
| 1. | N. Senhora das Neves da Cidade de Olinda. | . . . | 1585 |
| 2. | S. Francisco da Cidade da Bahia | | 1587 |
| 3. | Santo Antonio da Villa de Iguaraçú. | | 1588 |
| 4. | Santo Antonio da Cidade da Paraíba | | 1590 |
| 5. | S. Francisco da Villa da Victoria | | 1591 |
| 6. | Santo Antonio da Cidade do Rio de Janeiro | | 1606 |
| 7. | Santo Antonio da Villa do Recife | | 1606 |
| 8. | Santo Antonio do Lugar de Pojuca. | | 1606 |
| 9. | S. Francisco da Villa de Seregipe do Conde. | | 1629 |
| 10. | S. Francisco da Villa Formosa de Serenhanhen. | | 1630 |
| 11. | Santo Antonio da Villa de Santos | | 1639 |
| 12. | S. Francisco, e S. Domingos da Cidade de S. Paulo. | | 1639 |
| 13. | S. Boaventura de Casserebú. | | 1649 |
| 14. | Santo Antonio do Lugar de Paraguaçú | | 1649 |
| 15. | Santo Antonio da Villa do Cayru | | 1650 |
| 16. | S. Bernardino da Ilha Grande | | 1650 |
| 17. | N. Senhora da Penha no Espirito Santo | | 1650 |
| 18. | N. Senhora da Conceiçaõ da Villa de Itanhanhem | | 1655 |
| 19. | Bom JESUS da Cidade de Seregipe delRey | | 1658 |
| 20. | N. Senhora do Amparo da Villa de S. Sebastiaõ. | | 1659 |
| 21. | N. Senhora dos Anjos da Villa do Penedo. | | 1660 |
| 22. | Santa Maria Magdalena da Villa da Alagoa | | 1660 |

MISSOENS.

| <i>Num. Titulos.</i> | <i>Terras.</i> | <i>N. Titulos.</i> | <i>Terras.</i> |
|-----------------------|----------------|----------------------|----------------|
| 1. Almága | Paraíba. | 8. Assumpção | Paraíba. |
| 2. Praya | ibi. | 9. Jacóca | ibi. |
| 3. Assento do Passaro | ibi. | 10. S. Miguel | Goayana. |
| 4. Joanne | ibi. | 11. Ponta das Pedras | ibi. |
| 5. Mangue | ibi. | 12. Itapessima | Iguaraçú. |
| 6. Braço do Peixe | ibi. | 13. Una | Pernambuco. |
| 7. Santo Agostinho | ibi. | 14. | ibi. |

190. Com todos estes Conventos se compôs, e formalizou a Provincia de Santo Antonio do Brasil desde o seu principio de Custodia, indo-se seguindo huns aos outros, conforme a ordem, e carreira dos tempos; estas foraõ as partes, que formaraõ o seu corpo, ficando-lhe cõllo, e cabeça a Casa de Olinda, e todos juntos huma formosa, e levantada torre, com tantos Escudos de fortaleza, e honra, quantos Filhos de espirito, de virtude, e santidade, de sciencia, e letras, de cargos e dignidades tem gerado, e produzido de si.

191. Com estes Filhos de sabedoria, e letras, para credito seu, e da sua sciencia, se tem armado quarenta Estudos inteiros de Philosophia, e Theologia, dos quaes foraõ Mestres, e Lentes Filhos, e alumnos seus, menos o do primeiro Curso, que foy da Provincia de Santo Antonio de Portugal, e o do segundo, que começando com Mestre, Filho ja da Custodia, foy continuando por outro da Provincia. E se ajuntarmos a estes os Leitores de Theologia, que, fóra o de Primõ, saõ commumente dous, ainda crescerá muito mais o numero. A estes podemos ajuntar Prégadores famosos, e outros muitos Letrados, e doutos, sujeitos versados em varias materias, e faculdades, expozitivas, moraes, mysticas, historicas, e poeticas.

192. Com os de authoridade, se naõ honra menos esta Provincia; pois tem havido nella Prelados, assim locaes, como mayores, de muita virtude, capacidade, e pruden-

cia, unidas estas em alguns, com as boas letras, prendas merecedoras do seu emprego. Com os de virtude, e santidade, ainda se acha ella muito mais gloriosa, e tanto, quanto póde exceder a santidade, e virtude, ás letras, e prelaturas. De tudo se tem mostrado muy abundante, e fertil esta Provincia, com tantos Filhos sabios, virtuosos, e authorizados, com tantos Escudos destes pendentos do seu cóllo, que ja foy preciso deixar cahir alguns fóra de si, que, depois de lhe compôr o proprio corpo, foraõ adornar tambem outros estranhos.

193. Desta sahiraõ Escudos de authoridade, Prelados, e Superiores para outras Provincias. Para a de Santo Antonio de Portugal, sua Mã, deo muito ainda nos seus principios, pois apenas contava pouco mais de trinta annos de creação, hum Filho seu para Prelado de dous Conventos, no P. Fr. Paulo de Santa Catharina, que depois veyo aqui por seu Custodio. Para a mesma Provincia de Portugal, deo mais adiante para Vizitador e Presidente de hum Capitulo ao Padre Custodio Fr. Sebastiaõ do Espirito Santo, que retirado desta Custodia, onde fora seu Prelado mayor, e Commissario Geral, se achava naquella Provincia. Na mesma, por fallecimento do seu Vizitador Geral, e comissaõ do Senhor Nuncio de Portugal, Miguel Angelo, Cardeal Conti, foy nomeado em seu lugar para concluir a Vizita de dous Conventos, que faltavaõ, e presidir no Capitulo de 1709 o P. M. Fr. Gonçalo de Santa Izabel, Ex-Leitor de Theologia, e Custodio actual desta Provincia, que a negocios della se achava na Corte nesta occasiaõ.

194. Na dos Algarves de Religiosos Observantes, foy seu Vizitador, e Presidente do Capitulo de 19 de Agosto de 1747, o M. R. P. Prégador Fr. Ignacio das Neves, Procurador desta do Brasil na Corte de Lisboa, adonde occupou este lugar por dezasette annos continuados, com zelo, credito, e satisfaçaõ da Provincia, e suas dependencias, o qual, como seu Custodio actual, indo vo-

tar no Capitulo Geral, celebrado em Roma, no anno de 1750, sahio nelle per Diffinidor Geral, sendo o primeiro Religioso Filho desta Provincia, a quem se deo esta honra. Como se lhe offereceo esta occasiaõ, cuidou com particular agencia, em que se adiantassem as pertenças, e requerimentos, com que as Provincias Descalças de Espanha, de outros Capitulos Geraes passados, pretendiaõ ser admittidas em Tripartita na Procuradoria Geral dos Descalços em Roma, com os Descalços de Espanha, e Reformados de França, as quaes duas Nações haviaõ avocado a si alternativamente este lugar, e com effeito tendo a seu favor este Padre o M. R. P. M. Antonio Cabral da Companhia, que nesta conjunção exercia os poderes de Ministro do Reyno de Portugal na Curia, se conseguiu do Capitulo Geral o despacho outras vezes pretendido, e foy logo confirmado por Breve do Senhor Papa Benedicto XIV, de 30 de Junho do dito anno de 1750, em observancia do qual foy eleito em Agente para a Curia o P. M. Fr. Francisco de Azurara, Filho da santa Provincia da Soledade, por Patente do Reverendissimo P. Geral Fr. Pedro Joaõ de Molina, expedida a seis de Março de 1751. Tambem concorreo muito com a sua instancia, e diligencia, para que sua Reverendissima fosse servido crear de novo hum Commissario de Corte em Lisboa para as Provincias descalças de Portugal, e suas Conquistas, com voz activa, e passiva nos Capitulos Provinciaes da sua, e mais regalias, na mesma fórma, que as lograõ os Commissarios da Corte Observantes, e este lugar foy dado ao Padre Provincial de Santo Antonio de Portugal, que acabava, do qual tomou posse, e exerceo o P. Fr. Luiz de Jesus. Ja desde 15 de Outubro, era o P. Fr. Ignacio eleito Commissario do Santo Officio em 1739, sendo tambem o primeiro Religioso desta Provincia, de quem temos noticia alcançasse esta graça daquelle Santo Tribunal.

195. Na mesma Provincia dos Algarves foy tambem seu Vizitador, e Presidente do Capitulo de 1753, o R. P. Fr. Bonifacio de Santo Antonio, Commissario do Santo Officio, Pro-Ministro em o Capitulo Geral de Roma do anno de 1750, e Procurador desta nossa Provincia do Brasil na Corte de Lisboa, e ahi mesmo nomeado tambem para vizitar, e presidir, como o fez, em o Capitulo da santa Provincia da Soledade do anno de 1755.

196. Desta do Brasil sahiraõ tambem Escudos de letras para fóra della. Para a da Observancia de Portugal passou, sendo ainda Chorista, o Irmaõ Fr. Ignacio da Graça, e continuando lá os Estudos, foy Leitor de Theologia. Para a mesma dos RR. PP. Observantes passou tambem o Irmaõ Chorista Fr. Francisco Xavier de Santa Teresa, tendo concluido o Curso de Artes no Convento da Cidade de Olinda, e ao tempo que se havia continuar a Theologia, deixou este, e foy ter á Ilha da Madeira, da Custodia Observante de Portugal, onde indo-se ordenar de Sacerdote, o mandaraõ outra vez para o seu Convento daquella Ilha, para ler nelle a Theologia, sem ter apostilado esta faculdade. Para a da India dos mesmos Padres Observantes passou tambem desta do Brasil o Irmaõ Sacerdote Fr. Jozé do Nascimento Honorato, tendo concluido hum Curso inteiro no Convento do Recife, e foy Leitor de outro no Collegio de S. Boaventura ao pé de Goa. Para a da Conceiçãõ do Rio de Janeiro foy mandado, porque pedido por ella, depois de ter concluido na Bahia seis annos de Leitura, o P. M. Fr. Francisco das Chagas, e lá foy Leitor outros seis annos. Da mesma foy pedido depois outro Lente, e lhe foy mandado o P. M. Fr. Antonio do Espirito Santo, e pedindo mais outro, lhe mandaraõ desta o P. M. Fr. Jozé da Victoria, o Lamego.

197. Tambem para fóra de si, e para varias partes do Reyno, e outras mais remotas ainda, deo esta Provincia, desde o principio de Custodia, alguns Escudos

de santidade, e virtude, vivendo, e achando a morte a muitos de seus Filhos em varios lugares, e Conventos de fóra, não porque houvesse lá necessidade do soccorro do seu bom exemplo, mas porque, com o que lá praticavaõ, acreditassem a esta sua Mãy, fortalecessem a sua opiniaõ, e augmentassem a sua gloria. Em Santo Antonio da Castanheira da Provincia de Portugal, sendo alli Guardiaõ depois de Custodio do Brasil, falleceo o P. Fr. Paulo de Santa Catharina pelos annos de 1620, Religioso, tanto em subdito, como em Prelado, de conhecida virtude, e vida exemplar. Com o mesmo exemplo, como seu Irmaõ em carne, e espirito, viveo alguns annos, e jaz sepultado na Casa de N. Senhora do Amparo de Via-Longa Fr. Manoel da Conceiçaõ. Da mesma sorte viveo alguns annos depois de Custodio do Brasil, e falleceo em Santo Antonio de Lisboa o P. Fr. Antonio dos Anjos. No mesmo Convento de Santo Antonio de Lisboa está sepultado o P. Fr. Simaõ de Santo Antonio, tambem Custodio do Brasil, de donde retirado para a Provincia, ja cego, alli viveo pouco tempo; mas sempre Religioso, de bom exemplo, vida ajustada, e santos costumes. No Convento de S. Francisco de Moncôrvo, viveo tambem, e morreo com boa fama o P. Prégador Fr. Boaventura de Santo Thomaz. Fr. André Barbalho, Prégador, e Diffinidor desta Custodia, está sepultado em S. Francisco de Madrid, onde viveo algum tempo com opiniaõ de bom Religioso. No Convento de Menores da Ilha de Santa Martha das Indias Occidentaes, viveo alguns annos, e falleceo nelle Religioso, e penitente o P. Fr. Aleixo da Madre de Deos, segundo Ministro Provincial desta do Brasil. Na Barbaria, sem nos dizerem o lugar, falleceo captivo o Irmaõ Fr. Simaõ, Frade Leigo. Falleceo em Argel o Ir. Chorista Fr. Antonio dos Martyres, que se não foy hum delles na execuçaõ, não lhe faltariaõ, como piamente podemos crer, occasioens de o merecer no affecto.

198. Outros muitos Religiosos Filhos desta Custodia, e Provincia sahiraõ para fóra della por varios acasos, especialmente no tempo das guerras de Pernambuco com Olandezes, pelos quaes foraõ prezos, e desterrados muitos, como ja se disse, e mandados lançar por varias Ilhas, e portos das Indias de Castella, dos quaes muy poucos tornaraõ á Custodia, e os mais falleceraõ fóra della por Provincias, e Reynos estranhos, mas sem duvida exemplares, e Religiosos, como aquelles, que haviaõ experimentado, e soffrido injurias, affrontas, fomes, sedes, nudês, pancadas, golpes, e outros generos de atropellaçoens, e desprezos, que esta gente cega costuma fazer em odio da Santa Fé Catholica, e Igreja Romana, e particularmente aos seus Ministros, que como a taes a muitos destes Religiosos, depois de todos aquelles geueros de martyrios, que lhes naõ devemos negar este merecimento, lançaraõ ao mar com pedras atadas aos pés, e pescoço, que sendo mortos, e maltratados em odio da Militante Igreja, naõ deixaria de os receber como a Filhos, e Operarios seus, e dar-lhes a Triunfante no Ceo aquelle premio, e coroa, que poderiaõ merecer. Doze, dos que entraraõ nesta sorte, eraõ habitadores do Convento de Olinda, de que himos fallan lo, que como Esposa primogenita do Santo Patriarcha, no Estado do Brasil, e como vide fructifera desta Conquista, sempre se achou esta Casa com muitos Filhos do seu Serafico espirito a seus lados, e nunca faltaraõ ao redor da mesa do seu santo Instituto outros tantos servidores da sua Regular observancia, que crescendo, como florentes olivas de virtude, a cororaõ depois de verdes, e gloriosas palmas de santidade. E pois temos mostrado no melhor modo que pudemos, as que acabaraõ fóra dos seus Claustros, vejamos agora as que nelle tem o seu descanso.

CAPITULO II.

Descanço no convento de Olinda muitos Religiosos de virtude, e santidade.

199. A' Casa de N. Senhora das Neves da Villa de Olinda, como cabeça da santa Provincia do Brasil, pagou sempre o Estado Religioso della com muitas, e as melhores Primicias das suas virtudes, pois desde o seu principio houve nella sujeitos em todas avantajados, assim não fora tanto o descuido dos nossos em nos deixarem dellas a necessaria noticia. Nota he esta taõ antiga como a mesma Provincia. Em huma memoria sua, que se acha no cartorio deste mesmo Convento, e dos seus primeiros tempos, achamos ja de entaõ formada esta queixa, que trasladamos aqui, para que do sincéro da sua escrita se conheça melhor assim a razão da queixa, como da verdade do ponto, sobre que assenta. O ponto he, que neste Convento de Olinda, assim como nos mais de toda a Provincia, e Custodia, houve sempre, e floreceraõ nelle muitos Religiosos de virtude, e santidade; e a razão da queixa he, que tambem houve muito descuido nos que cá ficavaõ de nos deixarem por escrito esta verdade. Tudo expressa a referida memoria dizendo assim: *Muitos são os Religiosos dotados de grandes virtudes, e letras, que professaraõ, e moraraõ neste santo Convento de nossa Senhora das Neves, os quaes tem illustrado, e ornado esta nossa santa Provincia de Santo Antonio do Brasil, e alguns delles estaõ enterrados neste dito Convento, morrendo com fama de santidade, e grande virtude, dos quaes não escrevemos aqui suas vidas, porque os nossos antepassados se esquecerãõ de nos deixar dellas memoria: só temos por tradiçaõ, que são muitos os Religiosos santos, e virtuosos, que descansãõ neste Convento: até aqui o que diz a memoria, e nós a faremos agora mais extensa de al-*

guns, que ella aponta, e tiramos de outros assentos, que se achaõ no Archivo da Provincia.

VIDA DO P. FR. MELCHIOR DE S. CATHARINA,

Primeiro Custodio, e Fundador desta provincia de Santo Antonio do Brasil.

CAPITULO III.

Da Patria, nascimento, e primeira criaçaõ deste venerando Padre.

200. Por todos os principios devia ter o primeiro lugar entre os mortos, que descançaõ neste Convento da Senhora das Neves de Olinda, aquelle, que em vivo foy o primeiro no cuidado de preparar para os mais este jazigo; e ainda que, como ao diante se dirá, naõ dorme nelle o seu corpo, sempre a sua veneraçã merece ante todos a nossa memoria. He verdade, que a que temos deste venerando Padre, nesta Provincia, de que elle foy Fundador em quanto Custodia, naõ deixa de padecer algumas confusoes, especialmente em quanto aos dous pontos, ou termos da sua vida, que foraõ o de Oriente, e o do seu Occaso; qual fosse o lugar da sua Patria, e nascimento, como tambem em que anno, e dia teve o seu fim. Este ultimo tocaremos depois, agora vamos com o primeiro.

201. Naõ achamos em os traslados de algumas memorias, que cá temos, tirados do Archivo de Santo Antonio de Lisboa, donde fosse natural o Padre Fr. Melchior, antes diz hum destes as palavras seguintes, *Naõ temos noticia donde era natural este Veneravel Padre, sabemos sim, que era Diffinidor actual, quando foy eleito*

em Custodio, e he de notar, não soubesse quem escreveu esta memoria, donde fosse natural o P. Fr. Melchior, que era cousa mais antiga, e de fóra, quando parece não acerta em dizer, que era Diffinidor actual, quando foy eleito em Custodio do Brasil, o que he certamente equivocação; pois, a ser assim, não devia o Reverendissimo Padre Geral na sua Patente de Custodio calar este titulo, e dar-lhe sómente o de Prégador, o que não podia ignorar, pois se achava Sua Reverendissima a este tempo na Corte de Lisboa, e havia assistido ao Capitulo de Santo Antonio, onde sendo, como diz a memoria, Diffinidor actual, havia ser eleito nelle; o que achamos por certo he, que o Padre Frey Melchior foy Diffinidor na sua Provincia, mas foy depois de Custodio na do Brasil, que antes, só temos alguma inferencia, fora Guardiaõ a primeira vez; e se tanta incerteza ha na Provincia dos cargos, que nella occupou dentro, como a não haverá dos seus principios fóra della!

202. Em o Catalogo dos Custodios, que vieraõ da Provincia ao Brasil, se acha escrito assim: *O primeiro Custodio, que veyo fundar esta Custodia, com titulo de Commissario, foy o Ir. Fr. Melchior de Santa Catharina, insigne Prégador, natural da Cidade de Vizeu*, mas esta palavra *Vizeu*, está riscada na regra do assento, e acrescentando á margem por emenda, *De Rezende de Lamego*; e esta emenda está posta da letra do P. M. Fr. Daniel de S. Francisco, e o assento foy feito pelo Padre Fr. Manoel de Santa Maria, Custodios ambos, que foraõ do Brasil, o primeiro pelos annos de 1637, e o segundo pelos de 1653, dezaseis annos hum antes que o outro. Não se me offerecia muita duvida concordar com o primeiro assento, que faz ao P. Fr. Melchior natural de Vizeu, além de outras congruencias, por ser o tal assento feito por hum Padre Custodio, Filho da mesma Provincia, donde o era tambem o Padre Fr. Melchior, e que foy Religioso, em tempo,

em que o dito Padre vivia, e o pôde conhecer, a não estar notado por hum taõ douto, e noticioso sujeito, como foy o P. M. Fr. Daniel: e se o Padre Santa Maria não fora tambem natural de Vizeu, sem duvida me accommodára ao seu partido; mas como não he a primeira vez, que os que escrevem, dezejaõ collocar no seu Paiz os melhores Thesouros, e se são de santidade, muito melhor, fica-me o escrupulo, de que não incorresse nesta Religiosa ambiçaõ, o Padre Santa Maria; e por isso cotado pelo P. M. Fr. Daniel. Mas, com tudo isto, muito menos me accommodo com a cóta deste P. M. de que fosse o P. Fr. Melchior natural de Lamego, porque he sem duvida, que o Padre Fr. Melchior, conforme a computaçã dos annos, que viveo, que foraõ settenta, ou alguns mais, e falleceo no de 1618, devia ser o do seu nascimento no de 1546, ou ainda antes, e tomando o habito de Religioso de dezaseis annos com pouca differença, como logo veremos, e no de 1562, neste anno tambem he certo, que ainda o Convento de S. Francisco de Lamego, onde devia tomar o habito, por ser só o de Religiosos Franciscanos, que havia naquella Cidade, estava na sujeiçaõ dos Padres Claustraes *, por quanto no de 1568, por exclusã total destes Padres, entraraõ nelle os Padres Observantes, e no de 1569 o largaraõ estes aos Padres Reformados, ou Capuchos, quando neste mesmo anno a sua Custodia foy levantada em Provincia; e consta, que o P. Fr. Melchior foy Religioso Capucho, ou Reformado, e ja a este tempo era professo havia alguns annos, e assim parece, não podia ser natural de Lamego, porque, a ser assim, devia tomaro habito no Convento que havia na sua Patria, e ser Religioso Claustral, e não Capucho, ou Reformado; e por isto nos conformamos mais com o que sobre este ponto deixou apontado ** o P. Fr. Thomaz da Presentaçã,

* Hist. Seraf. t. 3. fol. 487. n. 664.

** Antiloq.

como ja notamos em outras partes. Pomos as suas palavras, porque ainda que a seguimos, não queremos fazer absolutamente nossa esta opiniaõ; ainda que a julgamos mais conforme pela expressaõ de algumas particularidades com que a escreve, que o não faria sem aquellas circumstancias, que pedia a sua obrigaçaõ, deixando sempre a melhor indagaçaõ desta verdade para o Padre Chronista da sua Provincia, a quem, como a causa propria, e tanto de casa, lhe compete saber melhor o que nella passa: *Foy*, (diz a referida memoria) *o P. Fr. Melchior de Santa Catharina, natural da nobilissima Villa de Ponte de Lima, seus Progenitores foraõ os Chefes da Casa de Britiandos, Casa taõ nobremente fidalga, que se prezaõ de descender della os mayores Titulos, e nobreza de Portugal.* Esta, diz, foy a Patria illustre, este o nobre solar do Venerando P. Fr. Melchior de Santa Catharina. Com este distinctivo de *Venerando*, o trataremos, sempre que nelle fallarmos; pois com elle o achamos notado nas Letras Patentes de Sua Reverendissima, pelas quaes o nomea Fundador, e primeiro Custodio para o Brasil, e natural, como hiamos dizendo do lugar de Britiandos.

203. He Britiandos hoje o que em outros tempos foy Britonia, Cidade Episcopal na Provincia do Minho, entre Vianna, e Ponte de Lima, e há tambem entre os Escritores suas duvidas, se foy fundaçaõ de Bruto, Capitaõ Romano, e por isso chamada por alguns Brutonia, ou se foy Britonia, como querem outros, por ser fundaçaõ dos Britões, ou Bretões, antigos póvos da Bretanha, mas, ou por huns, ou por outros, todos a assentaõ por muy florente em tempo dos Romanos, e Godos. Depois de varios successos, em que foy vencida, e vencedora, ultimamente ficou destruida pelo Rey Almançor, depois da invazaõ dos Mouros pelas Espanhas, e de Cidade Episcopal, e florente, que era Britonia, ficou reduzida ao lugar, a que agora chamaõ Britiandos, resi-

dencia, e solar dos Senhores deste appellido naquelle tempo. Destes descendia o P. Fr. Melchior, e neste lugar vio a primeira luz, nascendo pelos annos de 1546, como se deduz da memoria, que seguimos, sem lhe assignar o fausto dia do seu nascimento; porque lhe não faltasse para sujeito grande, e celebre em virtudes, esta circumstancia. Foraõ seus Paiy, Antonio Pereira de Vasconcellos, e Dona Catharina da Silva; e entre cinco filhos, que houveraõ, sendo este o terceiro, o fizeraõ distinguir dos mais, pela graça bautismal, com o Regio nome de Melchior, e não seria sem superior destino; porque tendo este Principe do Oriente tanta Estrella, que lhe allumiou a alma, e guiou os passos para achar, e ver a Deos nascido, o Padre Fr. Melchior foy outra, como nova Estrella, destinada pelo Ceo para guiar pelos dezertos do Brasil tantas almas á luz da Fé, e conhecimento de Deos.

204. Seus Pays, que, sobre o caracter de nobres, se faziaõ mais conhecidos pelo illustre das virtudes, souberaõ desde os primeiros passos da infancia alentar com os mesmos espiritos esta nova planta, regando-a com as influencias do bom exemplo, e santa doutrina, especialmente sua Mãy, que era Matrona em grande maneira espiritual, e devota; e assim criava a seus filhos, que não só os alimentava, como Mãy, tambem os doutrinava como Mestra, e como a tal lhe ficou devendo este, melhor que os outros, duas vidas, huma commua, e da natureza, outra particular, e do espirito. Pelas muitas graças de huma, e outra, que com os annos foy descobrindo na boa indole deste filho, genio docil, inclinação santa, com huma presença agradavel, e postura Christaã, de tal sorte foy crescendo para com elle o seu amor, e affecto, que ja sentia mover-se, como por huma occulta força de sympatia, a querer-lhe sem violencia, e a amá-lo com veneração; e era nella tal este cuidado, e taõ conhecida esta differença da sua incli-

nação para com elle, que os mais filhos, não sem emulação, o advertião.

205. Entre as virtudes, que mais se conhecerão nesta nobre Senhora, foy huma o summo cuidado na educação de seus filhos, materia muy importante para o aproveitamento destes ; pois, como o Senhor revelou a Santa Gertrudes, a terceira parte do mundo se perde pela má criação, que muitos Pays dão a seus filhos, e por isso tambem muitas vezes castiga nos mesmos filhos, o Senhor, este peccado dos Pays, reduplicando nestes a pena, que vem a sentir aquelles por culpa sua ; assim como accrescenta nos que lhes deraõ boa doutrina, com a virtude dos filhos a gloria dos Pays. Muita soube merecer a Deos esta devota Matrona, premiando-a o Senhor liberalmente ; porque todos os seus filhos foraõ, além de esforçados Capitaens, de conhecida, virtude, especialmente este, que como a tal, hum impulso superior parece que a governava, para que advertisse mais nelle, desorte, que raras vezes se achava sem este cuidado ; e sendo cuidado a descansava : tanto pôde o amor, que sabe fazer allivio da pensão. E parece que lhe tinha escrito o Ceo na alma com inviziveis caracteres, que seu filho Melchior nascera para obrar nelle a Divina mão acçoens superiores. Ella assim o discursava, e o menino o foy mostrando assim ; porque logo o discurso foy desterrando as pensoens da primeira idade, e dando laz para as operaçoens, e eleição do alvedrio, conheceo nos empregos do filho as inclinaçoens do espirito ; porque, como douta Mestra, tirava pelos effeitos as causas.

206. O primeiro, que do espirito deste filho tirou, ou reconheceo neste discipulo do seu espirito, foy a estimação notavel, que começou a fazer de tudo, o que tocava ao culto, e veneração de Deos ; o gosto, e cuidado, com que se applicava a tomar os preceitos da sua Ley, e a praticar sem violencia, o que por elles apren-

dia, o desvio das cousas mundanas, como divertimentos, jogos, e passeyos, para os quaes muitas vezes era convidado por outros da sua idade, achando-o estes sempre prompto, e ainda incitando elle aos mais, para a assistencia das Igrejas, e outras similhantes. Ajudava a isto muito o cuidado de sua boa Mãy, que aproveitando-se da inclinaçãõ do filho em taõ tenra idade, ministravalle empregos decentes, em que suavemente o fosse empenhando mais. Por sua propria pessoa lhe ensinou os rudimentos da Fé, e como o tempo hia correndo, e o menino aproveitava com o tempo o bom ensino, e cuidado da Mãy, ella o hia dispondo com outros exercicios de Religiaõ, e piedade Christaã, como eraõ, rezar o Officio menor, com outras Oraçoens, e Jaculatorias devotas, em obsequio, e veneraçãõ da piissima Mãy de misericordia Maria Santissima, de quem soy o venerando Padre por toda a vida particular devoto, e recebeo favores especiaes. Tambem o dispôs sua Mãy, e Mestra a ter Oraçãõ mental, depois de o prevenir com outras vo- caes a varios Santos, a assistir ao santo Sacrificio da Missa composto, e attento, a frequentar o Sacramento da Penitencia, compungido, e temeroso, e ao da Sagrada Communhaõ com pureza, e reverencia. Tudo lhe advertia a devota Mãy, como Mestra, e o bom filho executava tudo com tanta perfeiçãõ, e agrado seu, que ja lhe parecia a ella mais Mestre do que discipulo.

207. Referia o Padre Fr. Melchior, nos ultimos annos, que nesta Custodia assistio, naõ sem huma grande ternura do seu coraçãõ, estes primeiros cuidados, e des- vélos de sua Mãy para com elle, e dizia com muita sin- geleza, e humildade estas palavras: *Nunca me esqueceo a doutrina de minha Mãy em ordem ao aproveitamento de minha alma, porque era muito boa Mãy, e eu lhe devia mais que todos os meus Irmãos; porque, como eu era o peyor, lhe custou mais ensinar-me para aproveitar, e certo, que o amor que me teve, e o cuidado mayor da*

minha criação foy porque, como era santa, conhecia a minha necessidade. Que entendida que he a humildade! Sempre acha razoens para desprezar-se a si, e abater-se mais. O cuidado, que esta nobre Mãy mostrava naquelle tempo, como premio devido á virtude deste filho, reduzia este santo Varaõ agora em attençaõ da vida inculpavel desta Matrona. Teve em sua Mãy taõ boa Mestra de espirito, naõ podia deixar de ser este filho taõ bom discipulo.

208. Naõ o foy menos em aprender as primeiras letras, mostrando huma rara capacidade, para perceber, e exercitar os elementos desta Arte, assim os de lèr, e escrever com perfeiçaõ, como nos conseguintes de contar, e todos os mais da Grammatica, e Latinidade, sabendo unir com graça particular, e como Mestre de differentes escólas, a applicaçãõ aos Estudos, sem perder o exercicio das virtudes. Para mayor incentivo destas, quiz o Ceo que achasse tambem Mestre para o espirito no mesmo, que lhe buscaraõ seus Paiy para as letras. Foy este hum Sacerdote de vida composta, e ajustados costumes; e o discipulo Melchior, que logo o conheceo graduado nestas duas Sciencias taõ distinctas, em ambas o quiz imitar como a Mestre. A'lèm de outros muitos actos de bom Chris-tão, que via nelle, reparou, que entrando na Igreja, prostrado por terra, com muita humildade a beijava, e pareceo-lhe taõ bem esta acçaõ, que dalli por diante, e em quanto viveo, inviolavelmente a observou. Como lhe andava sempre na espreita das acçõens virtuosas para o imitar, alcançou tambem, que a sua melhor cama, era huma taboa, nua, e dura, sem outro algum adorno. Dezejava o devoto menino outra similhante, e teve occasiãõ de descobrir huma muito ao seu intento, e foy esta huma manta muy aspera, e grosseira, e lançando-a sobre o leito, despido em corpo se deitava nella por noite, escondendo-a de dia, para naõ ser sentido; e as-

sím por algum tempo maltratou de tal sorte o tenro, e delicado corpo, que lhe ficou em chagas vivas, e se curaraõ depois com muito vagar, e naõ poucas dores.

209. Como se vio privado deste modo de mortificar o corpo, offereceo-lhe o discurso, e talvez o exemplo do Mestre, outro mais occulto, e disfarçado, em hum largo cilicio de cadeyas de agudas, e penetrantes pontas, com que cingio o pequeno, e debil corpo, com grande dissimulaçaõ, e estranha paciência, deixando cevar o indomito ferro naquellas innocentes carnes, que primeiro souberaõ sentir a dor, que conhecer a culpa. Foraõ correndo os dias, e tambem o sangue, e por muito que o dissimulava a graça, naõ deixou de o fazer patente a natureza na mudança da cor do rosto, e enfraquecido das forças, no que advertindo o bom Mestre, como experimentado, tirando-lhe a causa, cessou o effeito.

210. Como as virtudes andaõ sempre emanadas, e unidas entre si, que aquella alma, que se affeioa a huma, ja fica disposta para abraçar a outra, e outra, e todas as mais: assim a deste menino, como lhe havia dado Deos huns braços taõ largos ao seu espirito, quantas entendia elle eraõ virtudes, tantas abraçava logo, e assim, depois do de Deos teve muito lugar nelle o amor do proximo. Logo que os primeiros annos abriã as portas ao discurso, para as operaçoens da vontade, começou a mostrar a muita, que tinha á virtude da pobreza, tomando por costume, o que era inclinaçaõ, repartir com outros meninos pobres parte do sustento, que lhe era administrado, reservando para si só o precizo; e era o mayor gosto, que achava, ainda no mais saboroso de qualquer vianda, entendendo ja, sem duvida, naquella innocente idade, que sempre a alma se alimenta melhor, com o que se sabe negar ao corpo; e este costume guardou por toda a vida. Algumas vezes lhe custaraõ naõ poucas lagrimas o ver sahir de sua casa alguns pedintes naõ taõ satisfeitos, como queriaõ, e elle

dezejava. Em outra occasiã pedio com grande instancia á Ama que o havia criado huma moeda de prata por emprestimo, e dizia-lhe, era para comprar huma cousa muito de seu gosto, e promettendo que lha havia pagar muito bem, quando fosse grande. Deo-lhe a Ama a moeda, e teve advertencia de espreitar em que a gastava; e vio que ao outro dia a deo a huma pobre viuva, que com huns poucos de filhinhos costumava vir alli por alguma esmola; e ainda que nisto pôs o menino algum resguardo, não foy tanto, que não fosse percebido pela Ama, que dando parte desta santa travessura a sua Mãy, a celebraraõ ambas, como certas premissas de mayores consequencias no aproveitamento das mais virtudes, de que he a charidade huma como baze, e fundamento de todas, e de quem he objecto principal o mesmo Deos, quem ja dos seus primeiros principios tinha taõ radica-da no seu espirito a virtude da charidade*.

211. Assim avultava nelle esta virtude, como hia crescendo nos annos, e ja dos vivos passava aos mortos. Quando podia haver alguma esmola competente, hia á Matriz, e a dava a algum Sacerdote para que dissesse Missa pelas almas do Purgatorio, com a pensaõ, de que elle a havia ajudar, e a ouvia com muita devoçaõ. e ternura, encommendando a Deos especialmente as dos seus defuntos, e acabada a Missa, se o Sacerdote se olvidava rezar no fim o Responso das Almas, lho advertia, e rogava o fosse dizer, e lançar agoa benta no lugar dos ossos cõmuns.

212. Como a devota Mãy foy conhecendo no filho esta natural inclinaçaõ, que tinha aos pobres, determinou pelo tempo adiante, que o soccorro destes corresse por sua conta, e para isso lhe dava o que por elles se havia repartir, e o fazia com huma tal prudencia, e equidade, que aos pedintes deixava satisfeitos, e admirados aos

* I. Joan. 4, 16, 18.

circunstantes, sendo ja conhecido de todos por Pay da Charidade, e como a tal, a elle recorriaõ em as suas necessidades, para as quaes naõ lhe bastando ja as ordinarias de casa, sendo naturalmente humilde, e vergonhoso, a charidade o tirava da sua esfera, pedindo para dar aos pobres, o que para si naõ tinha necessidade de mendigar, e deo-lhe a natureza para isso tanta graça, que parece lhe minorava o merecimento para com os homens, quando para com Deos lhe accrescentava o premio.

213. Ja por este tempo havia bastante o tinha vestido sua Mãy por devoçaõ com o habito de S. Francisco, com grande alegria, e contentamento de seu filho, que vendose no corpo com a vestidura do Patriarcha pobre, e penitente, tambem se revestio o seu espirito de novos desejos de o imitar, e seguir nestas duas virtudes, que tanto se accommodavaõ ao seu genio, e ja havia mostrado nellas indicios de admiraveis progressos. E se naõ ha duvida, que os repetidos actos vestem ao sujeito de hum certo habito, que com difficuldade se vem a despir; neste menino parece se trocarão os termos, assim como foraõ differentes os habitos, e quanto vay dos humanos aos Seraficos; porque com este de Francisco, que havia vestido, com elle se revestio, como novo Serafim, de repetidos actos de naõ parar no caminho da perfeiçaõ, e de naõ esfriar no exercicio das virtudes, a que sentia dar-lhe calor, e influir suavidade o novo habito. Com elle repetia os actos de fazer-se Religioso do Santo Patriarcha, do qual pela vestidura do corpo, ja se tinha por filho do seu espirito; e assim arrebatado em huma occasiaõ de hum muy vivo, e efficaz, pegou da penna, e escreveu estas palavras: *Eu indigno peccador, e servo vosso, Virgem Santissima, faço voto de servir a vosso Bendito Filho em a Religiãõ dos Menores, e vos peço a Vós, Senhora, sejais minha medianeira para conseguir estes meus intentos, em fé do qual ponho o meu*

signal, e assignado do seu nome o collocou nas mãos da Sagrada Imagem da Senhora, venerada no Oratorio da casa de seus Pays. Com o seu habito renovava ja os actos de amor de Deos, ja os da charidade dos proximos, e ja os do desprezo de si mesmo, e de todas as mais virtudes, e especialmente a das suas mortificaçoens, e penitencias. Para estas se lhe offereceo logo no mesmo habito huma nova arte de as praticar. Cingiraõ-lhe com elle hum cordaõ taõ perfeito, como forte, porque era de cordel torcido, e delgado, e este, dizia elle depois, foy a joya de mayor preço, e estimaçaõ, que teve em sua vida, porque naõ só lhe compunha o corpo naquelle tempo, tambem lhe servia de cilicio disfarçado; porque de noite apertava com elle, e os seus nós, ja os braços, ja as pernas, com tanta força, que da mortificada cor de cinza, de que era, de puro sangue, que daquellas partes, tenras pela idade, fazia verter, se tingia de vivo nacar.

214. Nem lhe faltaraõ com este habito repetidos actos de paciencia, soffrimento, e resignaçãõ com a vontade de Deos, de seus Pays, e Mestres, e ainda de pessoas particulares, e diferentes. Ou fosse causado destes excessos das suas penitencias, ou por occasiaõ de outros humores desconcertados, padeceo nestes primeiros annos alguns achaques corporaes, e o principal foy hum gravissimo tumor, ou inchaçaõ em huma perna, que ja houve de ser preciso, para cura delle, rasgar-se-lhe a ferros aquella parte; e sendo esta taõ violenta, que aos mesmos, que lhe assistiaõ, fazia horror, elle a soffreo com tal quietaçaõ, e socego de animo, que admirados mais da fortaleza do menino, do que da carniceria do agente, naõ faltou pessoa compadecida, que na occasiaõ lhe advertio, que deixasse a natureza formar alguma queixa, ou mostrar o seu sentimento, e dor, para que, quando se naõ suspendesse com esta demonstraçaõ a cura, ao menino, se minorasse no ministro della o rigor;

mas elle respondeo com huma serenidade, e constancia, naõ de menino fraco, mas de varaõ forte, *Que era vontade de seus Pays, e havia preceito para lhe obedecer no que era para bem da saude, e naõ encontrava a ley de Deos.* Ainda naõ era bem applicada esta tormenta, quando novo accidente, com o effeito da sua violencia, sobreveyo ao paciente menino, em huma ardente febre, e taõ continuada, que por alguns dias lhe naõ dava alivio mais que a intermitencia de algumas poucas horas. Mas era para ver, ou mais para admirar, que quanto era mayor o ardor da calentura, tanto se inflammava mais o seu espirito; porque, sem pedir soccorros humanos para o refrigerio, só recorria aos Divinos, recitando algumas oraçoens devotas, entoando a vozes outros Canticos da Mãe de Deos, e especialmente os do seu Terço, convidando aos domesticos para que o ajudassem naquella musica do Ceo, com a qual, desabafando os ardores do espirito, só refrigerava o ardente da febre; sendo, no mais accezo della, oraçoens devotas os seus ays; Canticos celestes os seus gemidos; todas as suas queixas louvores Divinos, e o destro compositor da sua musica, a total conformaçã com a vontade de Deos.

215. Tambem com a de seu Mestre lhe naõ faltaraõ occasioens de multiplicar os actos de sua paciencia com o novo habito, em algumas contradicoens, que achava nelle sobre as asperezas das suas penitencias: naõ porque o douto Mestre o quizesse absolutamente divertir dellas; mas porque sabia, como experiente, que na vida mystica, todo o excesso no seu principio lhe serve de grande embaraço, e ainda de prejudiciaes consequencias á sua continuaçã; mas o menino, que naõ penetrava o juizo do Mestre, só percebia a sua contradicã; e alguma vez lhe disse, como queixoço: *He possivel, que ensinando-me meu Mestre a proseguir no sequito de todas as virtudes, só no das penitencias me prohibe os passos,*

dezejando eu tanto adiantar-me nellas. Mas o Mestre o satisfez, dizendo-lhe, que o tempo seria o seu melhor director, e com elle aprenderia aquelle modo de adiantar-se nellas, que ainda era conveniente naõ o poder praticar a sua idade.

216. Em outra occasiaõ vendo-o o mesmo tratar familiarmente, e muito a miudo com certas pessoas mais fingidas do que devotas, porque era naturalmente inclinado aos que lhe pareciaõ taes, e sendo pobres, muito melhor, e a estes communicava com lhaneza, e elles o buscavaõ mais para o interesse das suas pessoas, e necessidades; e para acharem nelle boa acceitaçaõ se fingiaõ devotos, e espirituaes: o que notando seu Mestre, lhe advertio se desviasse daquella gente*, que vinhaõ a elle mais a buscar soccorro para o corpo, do que comunicar-lhe alguma virtude; o que elle ouviu resignado, e executou obediente.

217. Com os estranhos pouco devotos, e outros contemporaneos seus, e condiscipulos menos quietos, tambem lhe naõ faltaraõ com o seu habito muitos actos de merecimento á sua paciencia. Porque, vendo-o estes mais espiritual, e todo applicado aos seus devotos exercicios, beijar a terra, retirar-se nos templos aos lugares mais apartados, fugir da communicaçãõ, e companhia dos travessos, e menos sezudos, com outros exercicios espirituaes, e ajustados, que se naõ conformavaõ com a idade, e genio dos mais companheiros, e de algumas pessoas distrahidas, huns se riaõ delle, outros o insultavaõ, e arguiaõ, dizendo-lhe que ainda era muito menino para tanto retiro, e santidade, que dêsse ao tempo o que era seu: mas elle tudo ouvia sem replica, e hia continuando, como se o naõ ouvira, mas na sua consideraçaõ, sempre lhe deixava muito que sentir, tanto pela turbaçaõ interior, que davaõ ao seu espirito, como pela falta

* Math. 7, 15.

deste, com que conhecia aos seus motejadores. Elle mesmo o explicava depois quando de idade provecsta, e dizia, que houvera padecido muito quando principiante, e que como era simplesinho o sentia muito; mas que, por providencia de Deos, nunca o puderaõ divertir do que huma vez havia emprendido no seu serviço, e julgava ser agradavel a este Senhor.

218. Como nesta alma innocente amanheceraõ taõ cedo as luzes da graça para acertar no caminho das virtudes, indo aproveitando nellas ao passo que na carreira dos annos se hia adiantando a idade nos dias, tambem hia recebendo do Ceo algumas superiores illustraçoes acompanhadas de particulares favores da maõ do Altissimo, ou ja como premios das suas virtuosas, e exemplares açoes, ou como fomento para o incitar mais no proseguimento, e perseverança dellas. Era notavel a reverencia, compostura, e attençaõ, com que assistia ao Sacrificio da Missa, e sempre nõ mais retirado, onde o pudessem divertir os outros condiscipulos, quando era da classe destes, e ja quando mais crescido, sempre occupava aquelle lugar, onde tivesse menos obstaculos a sua devoçaõ; e esta remunerou o Ceo com a repetiçaõ deste singular favor. Muitas vezes se lhe representou ao levantar o Sacerdote a hostia Santa, que a via cercada toda de brancas, e engraçadas flores, como as que eraõ colhidas no jardim da gloria, e Paraízo celeste; e da mesma sorte ao levantar o caliz, lhe parecia ver nelle huma Cornucopia do Ceo de outras muitas flores vermelhas, e encarnadas, participando humas, e outras estes varios accidentes da cõr daquellas Sagradas especies do vinho, e paõ, transsubstanciados em corpo, e sangue de Christo; e ás vezes lhe parecia server no caliz o mesmo Sangue, com impulsos de querer derramar-se pelos seus labios, e seria só para que visse com os olhos do corpo, o que adorava com affectos da alma: e ainda que se alegrava interior, e espiritualmente com aquella vista, e

sentia na mesma alma singulares gozos, não fazia com tudo a sua idade muito mysterio daquelles tão altos, e inexcrutaveis, que alli offerecia a bondade de Deos mais á sua fé, que á sua intelligencia.

219. Como estes favores eraõ premios, que merecia pela pura intençãõ, com que se desvelava em fazer tudo aquillo, que era para cumprimento da Ley de Deos, observancia dos seus preceitos, dezejando fazer a sua santa vontade, e amá-lo como creatura sua, e assim lhe acudia o Senhor com elles, como humas superiores luzes, que mais, e mais o hiaõ illustrando, e accendendo para proseguir, e aproveitar nos seus santos exercicios. Nem lhe faltou para avançar muito nestes progressos de sua alma, o tomar para norte de todos a Maria Santissima, de quem foy por toda a vida cordial affecto, e recebeo especiaes favores, ainda nestes primeiros annos. Logo nelles, se costumou; por doutrina de sua boa Mãe, não só a rezar o Rozario, e Terço da Senhora, e trazer sempre consigo as suas contas, mas tambem se affeiçoou de tal sorte a este exercicio, e devoçãõ, que a todos queria ver occupados nelle; e vendo algum dos seus companheiros sem contas, lhes dava as suas, e elle em quanto se lhe não offereciaõ outras, as formava para seu uzo de hum cordaõzinho com seus nós, e este mesmo chegou a dar algumas vezes; e indo isto por modo de queixa devota a sua Mãe, tomando ella hum Rosario, o chamou á parte, e com dissimulada, e gostosa reprehensãõ, lhe disse: toma filho este Rosario, e ha de ser com advertencia, que o has de ter, e guardar, como prenda minha. Recebeo elle as contas, e tanta teve com ellas, que sem o apartar de si o conservava ainda, e dizia, que com elle nas mãos dezejava o encontrasse a morte, como troféo da sua obediencia, como testemunho da sua devoçãõ, ou como premio ao seu merecimento.

220. Grande foy o deste menino ja neste tempo com a piedosa Senhora, porque tambem foy muy extremado

em a saber servir. A'lém dos quotidianos exercicios, e devotos, com que a venerava, ja á noite ao recolher-se, ja ao levantar-se da cama de manhã, muitas vezes entre dia, ou pelas tardes, reconduzindo a outros dos seus companheiros na idade, e devoçãõ, carregados de flores, se hia com elles ao Oratorio de casa, compunha ramalhetes, e adornava as suas Imagens, e com particular cuidado a de S. Francisco, a quem, pelo seu habito, ja devia respeito de filho, a do menino Jesus, de quem foy tambem desde este tempo muy devoto, e com especialidade a de Maria Santissima. Tudo lhe pagou a Senhora, conforme a boa tençaõ, com que a servia o innocente menino. Achava-se com seus Pays, retirados da Villa em huma casa de campo, como algumas vezes o faziaõ, e sahindo huma tarde com outros meninos pelos contornos do sitio, tanto se foraõ apartando d'elle com a diversãõ, ou divertimento, que quando deraõ acôrdo de si, o naõ tiveraõ para acertar com o caminho, que haviaõ seguido, e entre algumas voltas, e bastante confuzaõ, se acharaõ com duas estradas, sem saberem resolver por qual deviaõ tomar, que os levasse a casa. E vendo o menino Melchior o grande susto, e temor dos mais, porque se vinha ja chegando a noite, lhes disse com muito socego, e quietaçãõ: o remedio, que ha, meus amigos, para sabermos qual destes dous caminhos havemos seguir, he rezarmos á Senhora huma Salve Rainha, e lançarmos por sorte esta Cruzinha, que alli formou logo de dous pedaços de vergontas seccas, e donde ella cahir, este ha de ser o caminho para nossa casa. Assim o executaraõ, e seguindo a estrada, que lhes mostrou o signal da Cruz, a pouca distancia andada, encontraraõ gente de casa, que, sentida a falta, e advertida a causa, ja vinhaõ em demanda dos que consideravaõ perdidos, mas bem achados á sombra da Cruz, e ás luzes de Maria.

221. Com estes especiaes favores, que da piedade da Senhora, e da mãõ de Deos recebia o menino, e eraõ

demonstraçoens do muito que á piedosa Mãe, e seu amoroso Filho, lhes agradava a sua innocencia, e santos exercicios, nelle vinhaõ a ser incentivos para novos propositos, e mayores progressos, accrescentando a estes mais vivos ardores o Serafico habito, que ja dissemos havia vestido nos primeiros annos. Mas porque hia ja passando os de menino, a que se concede o trazerem por devoçaõ o santo habito de Religiosos, ainda que por esta razaõ o largou, naõ o despio da sua vontade, antes tendo esta sempre de abraçar o Instituto Menor, agora, que largava o seu habito das costas, tomava mais sobre si a vestidura desta tençaõ, e de naõ despedir della nunca aquelle habito, com que tantos actos virtuosos havia exercitado; e agora he que se verificava bem no menino, que os actos repetidos, e virtuosos, tambem fazem hum habito, que com difficuldade se despe; e tanto se havia agradado o menino do habito pela continuaçaõ, que naõ se dando por satisfeito de o abraçar elle só, outra vez, quando o permittisse a sua idade, tinha hum grande dezejo de que outros moços do seu tempo o fizessem tambem; e punha hum grande cuidado, e desvelo em os acariciar, e mover para o mesmo fim; e era notavel a graça, e efficacia, que tinha para os persuadir, e animar a esta empreza. Ja lhes encarecia a perfeiçaõ do estado Religioso; o seu socego, e quietaçã, pondo-lhes juntamente diante dos olhos os trabalhos, perigos, e enganos do mundo, e tudo isto com tanta descriçaõ, suavidade, e evidencia, que a muitos fazia logo do seu partido; e a estes communicava dalli por diante mais intimamente, mostrava-lhes mayores caricias, e servia-os com melhor animo em suas necessidades; e passou a tanto este trato, e communicaçã espirital, que assentou com elles, para que se distinguissem entre os mais nos publicos, e se conhecessem hums aos outros como soldados de nova Milicia, trouxessem os que eraõ da sua vocaçã huma certa diviza; e se acaso succedia,

que do numero destes seus escolhidos se divertia alguma a outro estado, ou mudava de parecer, o sentia em grande maneira; e occasiaõ houve em que se vestio de luto, como lamentando ao que, por seguir o do mundo, se desviava do caminho seguro para melhor vida.

CAPITULO IV.

Toma o habito de Religioso Menor, seus progressos, e espirituas exercicios neste estado.

222. Havia chegado ja com os dias ao fim dos quinze annos, e sabendo ser este o tempo competente para poder abraçar o estado Religioso, sem ter affroxado o seu espirito no proposito da sua vocação, depois de repetidas, e instantes supplicas a Maria Santissima, a quem havia desde o principio elegido por medianeira deste negocio, diante de Deos, para que, sendo do agrado da Magestade Divina, assim como era vontade sua, lhe alcançasse do Senhor o despacho della, o communicou com sua May, rogando-lhe como a tal o ajudasse agora a pôr termo aos seus bons dezejões, pois, como Mestra, lhe havia dado as santas direcçoens de sua alma; e lhe pedia o conseguisse tambem de seu Pay. Eraõ ambos estes consortes muy piedosos, conheciaõ de largo tempo a indole, e inclinação do filho, tinhaõ bastante experiencia dos espirituas, e catholicos empregos da sua infancia, e o como eraõ obrigados a concorrer com elle para taõ santo estado, e assim se partiraõ logo para a Villa de Vianna a tratar com os Religiosos e Prelado mayor a sua acceitação á Ordem. Nem esta lhes custou muito, tanto pela authoridade, e nobreza dos Pays, como pela virtude, e merecimentos do filho, de quem tinhaõ os Religiosos todos, além do conhecimento, boa informação.

223. A cinco de Janeiro, vespera de hum dia muy assignalado para o moço Melchior, porque da festividade dos Santos Reys Magos, do anno de 1562, com 16 de idade, lhe foy lançado o santo habito, com gosto, e applauso de todos. Com elle revestido de novos dezejcs de dar inteiro cumprimento á obrigação do estado de perfeito, a que aspirava, tomaraõ mais altos voos os fervorosos affectos do seu espirito, buscando com incansavel desvelo, o que lhe parecia no caminho das virtudes o mais primoroso, com huma santa ambição de fazer seu este thesouro, e o conseguiu com tanta sorte, que só em o nome parecia Noviço, mas taõ pratico nos estylos regulares, taõ habituado no austero, e mortificado da vida monastica, que, ja quando principiante, podia ensinar como aproveitado; differença, que vay dos que abração o estado Religioso movidos só dos interesses do seu espirito, aos que o tomaõ obrigados da necessidade de outros respeitos.

224. Amor, e temor santo foraõ os dous eyxos, ou moveis, em que cuidadosamente se resolveu toda a maquina especial desta principiante alma, e a impulsos dos quaes se governava o seu coração. O amor, que todo he actividades, o alentava para emprender as operaçoens mais arduas da vida mystica, apartando com o rigor das penitencias os tropeços, ou embaraços, que nos principios della se experimentaõ; e apoucando com jejuns, e mortificaçoens as forças da natureza, para que fructificasse a graça com a victoria das suas rebeldes paixoens. O temor lhe propunha á vista os perigos da sua propria fragilidade; e todo aterrado com este conhecimento, se humilhava até o mais profundo do seu nada; e assim andavaõ em huma continua batalha dentro do seu puro, e candido coração estes dous nobres affectos de amor á Bondade Divina, e de temor da propria miseria. O amor como generoso, o animava, para que procurasse subir a todo o custo de mortificaçoens ao cume da perfeição

Evangelica, e Religiosa ; o temor o encolhia, para que, desconfiado de si mesmo, puzesse só em Deos a sua confiança; e nesta continuada luta de encontrados affectos sobresaõdo a chamma do amor, se accendia mais o seu espirito, sem que por isso se apagasse nelle a luz do temor, que o humilhava, vindo a lograr assim a felicidade de obrar fervoroso, e assegurar-se humilde. E como a unção intima do Espirito Santo, hia cevando cada vez mais, e mais a espiritual alampada desta innocente alma e escolhida sua, ja chegou a romper em chammas de vivo fogo, que servindo-lhe de azas a remontava a huma elevadissima eminencia de perfeição; porque não satisfeito ja o seu amor com as mortificações commúas, e regulares do noviciado, (que em nossa Religião são muitas, e muy penosas) accrescentava, com licença de seu Mestre, outras mais particulares, e extraordinarias.

225. Foy notavel com esta, como sempre o he a Providencia de Deos com aquellas creaturas, que destina para suas neste mundo, que nunca lhes falta com os meynos proporcionados para aquelle fim, que os creou do principio. Deo-lhe no seculo para directores primeiros da sua alma, huma Mãe, e hum Mestre de espiritos muy elevados, e superiores, e não menos lhe deputou na Religião para o seu Noviciado outro de mayor esfera na palestra das virtudes. Era destro Piloto, e quiz com o prumo da discripção tomar o fundo ao seu espirito, e assim não perdoou a diligencia alguma para se assegurar melhor da altura da sua bondade; e hum dos meynos mais conducentes, que escolheo para fazer delle a devida experiencia, foy divertir-lhe o rigor, e ainda o exercicio das suas costumadas penitencias, e mortificações reconhecendo, que em nenhuma cousa o podia conhecer melhor, do que na contradicção da propria vontade. Era espiritual, e destro, e receoso de que em hum moço, que em tão pouca idade se mostrava pratico de exercicios, e operações da mystica, poderiaõ estas

haver feito assento, com algum particular apego, ou capricho em seu coração, não sendo poucas as vezes, que o amor proprio com o apparente, e vistosa capa de mortificação, ha sabido viciar, ou cobrir o formoso corpo da santa virtude.

226. Com estas ajuntava o Mestre outras de muita consequencia. Humas vezes o elevava com louvores, outras o provava com desprezos, averiguando com a pedra de toque da desestimação, e louvor da pessoa, se tinha propriedades na alma. Dizia-lhe muitas vezes palavras de sentimento, e reprehendia-o com dissimulada severidade, condenando como erros, o que só merecia louvor. Outras vezes lhe ordenava cousas ao parecer encontradas á prudencia, que executadas pelo Noviço com promptidão, o arguia depois por ellas, como se lhas não determinára assim, e attribuindo-lhe como a defeitos da sua rudeza, ou como desacertos da sua capacidade, e talvez o castigava tambem, fazendo-lhe culpa, do que só era meritos da sua obediencia, que tanto era mais, quanto tinha de mais cega. Tambem o provava, empregando-o nas occupaçoens mais vis, e humildes da Comunidade ; mas nisto mesmo, que lhe offerencia por mortificação, e desprezo, achava o Noviço o mayor allivio, e consolo : e vindo o Mestre neste conhecimento, tratou de o mortificar por outro estylo. Em muitos dias o não occupava em cousa alguma, como não fazendo caso do seu prestimo, e dando-lhe a entender era para a Religião de pouca serventia ; e este foy para o humilde Noviço o mayor combate, e o que mais fortemente assaltou a constancia do seu proposito, na viva consideração, de que, pois seu santo Mestre mudamente o advertia, era sem duvida, porque havia alcançado a sua inhabilidade, e insufficiencia para o estado Religioso ; e nesta luta batalhou muitos dias o seu discurso, até que com o do tempo, e mudar o Mestre desta em outras experiencias, se foy serenando huma tempestade a mais desabrida,

que no rijo temporal do seu Noviciado combateo o seu espirito, e que elle julgava era só a que podia contrastar o dezejado fim da sua vocaçãõ.

227. Nesta forja activa de mortificaçoens exteriores o foy provando o experimentado Mestre, até que descobrio por puro, e acrisolado todo o ouro das suas virtudes ; porque sempre achou ao bom Noviço obediente sem replica, humilde sem repugnancia, alegre sem desgosto, e sempre sereno sem turbaçãõ, com huma agil, e prompta docilidade, que he o que com mais energia explica, e dá a conhecer a virtude naõ fingida, e que he filha legitima do verdadeiro espirito.

228. Provado assim nestas agoas de contradicãõ o deste Noviço, sem mais se deter seu Mestre nestas impertinentes, mas uzadas delicadezas, ja lhe largou as redeas, deixando-o correr livre, a impulsos da superior chamma, que o alentava, a todo genero de mortificaçãõ, e penitencias ; mas sempre com hum cuidado muy vigilante, de que o excesso nellas naõ viesse a embaraçar a sua continuaçãõ, ajustando o vigor do espirito ás forças do corpo, para que naõ chegasse a tropeçar nos primeiros degrãos do aproveitamento, antes de chegar ao ultimo da perfeiçãõ. A deste Noviço chegou a tanto, que naõ se contendo só na especulaçãõ, e experiencias de seu Mestre, ja chegou á noticia, e conhecimento de todos os Religiosos, que muito se compraziaõ com elle, por verem naõ sahiaõ frustradas aquellas esperanças, que nelle desde o principio haviaõ fundado; e mais que todos se alegrava seu Mestre, de ver taõ bem logrados os seus desvêlcs, assim no que tocava ao essencial da vida mystica, como ao pratico da Religiaõ, á observancia dos seus costumes, e ceremonias, e especialmente ao silencio, compostura, e gravidade da pessoa, que tanto edifica aos mais, e defende a propria alma. Na deste Religioso ficaraõ taõ impressos todos estes documentos, que o Mestre lhe ensinava cuidadoso,

e elle tomava advertido, que os conservou constante por toda a vida, trasladando-os assim da execuçaõ para a memoria, que, vendo a menor transgressaõ delles, sóra do que havia aprendido neste tempo, dizia logo : o contrario me ensinaraõ a mim : e notando os Religiosos, que lhe lembrasse taõ miudamente a minima cerimonia, dizia: Isto me ensinou meu Mestre, que era muito santo, e bom, e naõ permitta Deos me esqueça em tempo algum, o que delle aprendi, quando Noviço.

229. Ja se chegava o mez de Janeiro, em que a seis se completava o anno e dia da sua approvaçaõ ; e ainda que a havia dado de si muito bastante para ser alistado sem contradicãõ em a Sagrada milicia, que tinha escolhido, naõ se lhe acabaraõ com tudo os temores, e receyos de o conseguir de todo, com a segurança da ultima matricula; pois por incidente que nos naõ explica, quem aponta esta circumstancia, foy preciso dilatar por alguns dias mais o acto da profissaõ, e com multiplicadas ancias ao seu espirito, que por causa desta accidental demora lhe offerecia impaciente, e desconfiado, as do seu pouco ardor, e naõ cabal merecimento para chegar ao logro dos seus dezejõs, que finalmente vieraõ a ter o appetecido fim aos quatorze do mesmo mez, dia dos mais assignalados pela Igreja para a nossa Ordem, e bem conhecido no mundo todo, pelos grandes triunfos, que ella com as celebradas victorias do seu Santissimo Nome de Jesus, vio conseguidas, com tanta gloria sua, e emulaçaõ alheya a impulsos da devoçaõ, e doutrina do grande, e alentado espirito dos Santos Bernardino de Sena, e Joaõ de Capistrano.

230. Vendo-se assim com aquella penitente vestidura, que lhe cobria o corpo de aspereza, e a alma de alegria, como sua ja, e certa por herança, para a naõ despir jamais, continuou a aperfeiçoar com novos actos de singulares, e virtuosos exercicios, aquelle habito, que por tantas razõens havia feito seu. Foy o primeiro effeito

deste, entregar-se de todo o coração a Deos, e com a alma toda, pedindo-lhe, que o ordenasse Sua Magestade dalli em diante de sorte, que não tivesse elle jurisdicção alguma em si, senão sómente Deos nelle. Com este acto tão heroico, e resignado deo principio á sua vida espiritual no estado de professo, por onde costumão acabar os Varoens mais perfeitos, e santos, sahindo assim de si mesmos, para que Deos entre nelles. Depois deste, se seguiu o segundo, e foy tratar com muito cuidado da perfeita observancia da sua Regra, e para isso, logo ao segundo dia depois de professo, pediu licença, e de sua mão escreveu a Regra de N. P. S. Francisco, e tudo o mais, que tocava ao cumprimento della, e esta lia muitas vezes dizendo, que tornava a ler o que havia capitulado com Deos, porque queria ter muito na lembrança o de que era devedor, e estar com isto mais prompto para o saber pagar. Em quanto viveo, trouxe sempre consigo esta escritura. Foy exactissimo na sua guarda, e costumava dizer, que era cousa suavissima para elle, a guarda daquella Regra, e que nunca se achava mais contente, e satisfeito, que quando lhe mandavaõ fazer alguma das cousas, que nella se continhaõ. Eraõ palavras estas, filhas todas do seu Apostolico espirito; pois he certo, que á natureza não póde parecer suave, o que he aspero, e penoso para o corpo: porém, como o Author de toda a vida, disse que o seu jugo era suave, e a Regra Serafica contém em si mesmo jugo, por ser toda Evangelica, como lhe havia parecer pezada aquella carga, que por sua vontade a quiz tomar aos hombros, em seguimento do seu Santo Patriarcha?

231. Daqui se seguia o terceiro acto, com que satisfazia, e aperfeiçoava as obrigaçoens do habito, e foy huma sujeição resignada, e huma actual dispozicão, com que se prevenio para obrar tudo quanto podia, e quando lhe mandavaõ, e permittiaõ, e com huma execuçãõ tão viva, e fervorosa, que o mesmo era ouvir a

voz do que mandava, que pôr em praxe os seus preceitos. Nem houve nunca quem o ouvisse replicar a estas vozes, ou fossem dos Prelados, ou ainda dos particulares; porque, para obedecer, a todos reconhecia por Superiores, e daqui lhe resultava, o ser com especialidade amado de todos, porque a virtude, quanto mais humilde, he mais amavel. Sentia muito, que lhe não mandassem fazer muitas cousas, porque elle só queria para si o pezo de todas. Em tudo quanto podia alliviar aos mais Irmãos, o fazia, e muitas vezes, não tendo officio, fazia o de todos. Como era de huma compleição fraquissima, e em nada robusto, e só na valentia do espirito muy gigante, não havia perdido ainda seu Mestre o cuidado de ir á mão ao seu fervor, alliviando-lhe em algumas cousas o trabalho, e dissimulando em outras, como quem faz mais pequena huma luz para que possa allumiar por mais tempo; e este cuidado do Mestre, sentio sempre o discipulo, com muito pezar do seu espirito, e sem sahir do devido rendimento, se queixava humilde, rogando-lhe que o não eximisse de cousa algũa; porque não podia, sem confuzaõ sua, ver estar occupados seus companheiros, e elle, sendo o peyor, estar ociozo; e este, como ja tocamos, foy hum dos fortes martyrios, que sentio nestes primeiros annos, reservarem-no por falta de saude, e forças de alguns trabalhos mayores, e communs aos mais: mas esta mortificaçãõ, que a tomou sempre como dom particular da mão de Deos, por impulso superior da mesma mão, a suppria elle em seu interior, e reparava este damno (que por damno da alma tinha o que não padecia o corpo) com tres cousas: a primeira, reconhecer-se por menor, e inferior aos mais, pois o não deixavaõ obrar tanto como elles, e daqui rezultava a grande estimaçãõ, que fazia dos mais, e o desprezo, em que se tinha a si proprio; pois servindo seus companheiros para muito, elle para nada era bom: a segunda era hũa vontade in-

terna, com que espiritualmente se fazia prompto para exercer tudo quanto via executar os mais, ajudando-os dentro de si, em aquillo, que elles actualmente operavaõ, e naõ se cançava mais o companheiro no exercicio do trabalho, em que se occupava, do que Fr. Melchior na ancioza vontade, com que lhe assistia. Se os via varrer as immundicias do Convento, e lhe naõ permittiaõ fazer o mesmo, lá se voltava a Deos, e lhe dizia com hũa tençaõ muy pura : bem conheço, Senhor, que naõ mereço ser instrumento, com que esteja mais limpa a vossa Casa, nem de tirar com minhas mãs o pó, que pizaõ os vossos servos ; mas eu cá dentro da morada da minha alma varro com o meu coração aquelle pó, que tocaõ com os seus pés os vossos servos, e acarreto na vontade aquellas immundicias, que alimpaõ meus companheiros com suas mãs. A terceira, era cumprir total, e perfeitamente o que lhe era permittido, e deixavaõ que obrasse ; porque ja que naõ posso, discorria comsigo, fazer tudo, o que dezejo, quero fazer tudo quanto posso ; que naõ he bem negar o pouco, que se póde, quando se naõ póde o muito, que se dezeja ; e assim com estes tres reparos taõ exquisitos melhorava o seu espirito com aquillo mesmo, que naõ podiaõ as suas forças.

232. Sempre para elle foy o tempo aquella joya, que mais estimou ; porque sabia que, perdido huma vez, ja-mais se póde achar, e assim cuidava muito em aproveitar todos os seus espaços, porque d'elle nem a minima parte se perdesse. Logo de manhaã, concluidas as pensões do coro, e outras de algum particular officio seminario, se dava ao cuidado de ajudar as Missas, com tanta devoçaõ, e compostura interior de sua alma, como era notoria a exterior, com que assistia a taõ alto, e tremendo Sacrificio. E perguntando-lhe certa pessoa secular, que nelle mais reparava, que modo teria para ouvir tambem a Missa devota, e devidamente ; lhe respondeo, que elle para ensinar sabia pouco, e só lhe po-

eria dizer o que obrava: Quando ouço Missa, lhe disse, dezejo quanto posso concorrer com o mesmo, que faz o Ministro Sagrado do Altar em a uniaõ de todos os Sacerdotes da Igreja; e tambem me conformo no que posso com o intento, que Christo teve quando o instituio; e nesta consideraçaõ me occupo de sorte, que faço muito por naõ attender a outra cousa, e sinto gravemente, que nesta occasiaõ me divirtaõ para algum grave negocio; porque nenhum o he tanto, como ouvir Missa com toda a attençaõ, e reverencia. Ajudadas as mais que podia, se retirava ao exercicio de outras occupaens honestas, e cazeiras, ou á liçaõ de alguns livros espirituaes até a hora de refeitorio, assegurando com isto, naõ ter em todo o dia hora, que naõ gastasse em o serviço de Deos, da Religiaõ, e do proximo, nem a acçaõ, em que faltasse aos motivos devidos ao estado da perfeiçaõ, que professava. Tomava refeiçaõ com grande temperança, ou conforme a sua necessidade, e sempre com proveitosas meditaçoens, dando mais alimento ao espirito no que deixava, do que ao corpo no que comia.

233. Eraõ as suas palavras ja neste tempo (como sempre) poucas, e consideradas; ajustando-as á materia, com summa discriçaõ. Nunca lhe ouviraõ alguma, que fosse lançada em offensa do proximo: porque aos presentes honrava, e defendia aos auzentes. As practicas, aonde soava algum perigo destes, costumava divertir; e ás vezes dizia: fallemos, Irmaõs, de Deos, ou de nós mesmos, e deixemos aos que nos naõ ouvem, que a elles, e aos mortos, tenho grande lastima, pois naõ pódem responder por si; e de ordinario lhes carregamos a maõ, porque se naõ pódem defender. Só com hũa creatura achava recreaçaõ a sua practica, e era o seu Confessor; e sóra deste, com algumas pessoas espirituaes, a fim de communicar com ellas em materias de espirito; mas dando sempre a entender o pouco, que da sua praxe sabia, e mostrando só que dezejava aprender.

234. O seu mais familiar trato foy sempre com Deos por meyo da Oraçaõ, e as suas particulares amizades com alguns Santos mais especiaes da sua devoçaõ, tendo o primeiro lugar depois da Rainha, e Senhora de todos, N. P. S. Francisco, S. Boaventura, e Santa Clara. Com estes communicava seus negocios espirituaes, á maneira que no mundo os tem humas com outras pessoas, e com enternecido amor ao seu Anjo da guarda, de quem era devotissimo, e lhe havia encommendado, que o espertasse a Matinas, e com particular recommendaçãõ lhe encarregava para as tres da madrugada, quando se achava enfermo, (porque padeceo alguns achaques nos primeiros annos) e assim lhe succedia ordinariamente; porque naquellas horas achava o seu espirito o melhor repouso, como mais solitarias, e desoccupadas para a Oraçaõ. E se alguma vez acontecia, por mayor pezo do somno, naõ acordar a estas horas, concebiam contra si hum taõ santo pezar, e huma taõ devota ira, que por todo o dia a dava a conhecer em alguns sentimentos exteriores. Dava-se golpes nos peitos, fazia prostraçoens, suspirava enternecidamente, como se lhe houvera succedido algum mal; e dizia aos companheiros, logo que espertava: Irmaõs, digo minha culpa, sabeí que sou indigno do estado que tenho, desconhecido aos beneficios de Deos, e descortez ao meu Anjo da guarda: tende entendido, que toda esta noite dormi, e que mereço huma grande penitencia; e logo pedia licença a seu Mestre para alguma particular mortificaçaõ naquella dia, querendo recuperar assim com o merito da Obediencia aquelle defeito da natureza. A esta ajuntava communmente outra, e era, que todo aquelle tempo, que havia dormido fóra do costumado, reduzia a hum silencio, de tal maneira exacto, que por nenhum caso proferia palavra, menos que fosse por respeito da Obediencia ao Prelado, ou Mestre, e assim pagava a Deos de dia, o que havia deixado de o servir de noite, pri-

vando-se por elle, ainda daquelle pouco tempo, que entre os Religiosos se permite a honesta recreação; e com muita graça dizia aos companheiros, quando se dava a este silencio: Advirtaõ, que estou dormindo, nenhum me queira inquietar: e parece, que com propriedade o podia dizer; porque se a morte dos Justos se chama somno, tambem he certo dormem no Senhor, os que com elle vélaõ na Oraçaõ; e assim, dizia bem Frey Melchior, que vinha a dormir velando de dia, o que de noite naõ tinha velado dormindo.

235. Desde a sua primeira idade se havia habituado a que todas as vezes, que despertava do somno se offerecia a Deos do intimo da sua alma, pondo-se na sua presença com algumas Jaculatorias devotas, e anagogicos actos de amor eternecido, e desta sorte até que o somno o tornava a vizitar; porque nem este pouco tempo queria perder, e havia feito nisto hum habito tal, que ordinariamente antes de despertar de todo, se achava na bocca com algumas santas palavras destas, como chammas, que da ardente forja do seu abrazado coração arrojava aos labios para dezafogo do inflammado do seu espirito.

236. Da mesma sorte havia observado desde o principio, o naõ se deitar a dormir, sem hum rigoroso exame da sua consciencia, tomando conta de si muy estreita, como se logo houvesse de morrer, (o que guardou em quanto viveo) e dizia depois nas suas praticas espirituaes: Eu, quando me deito, e quando commun-go, sempre o faço, e dezejo, quanto he da minha parte que seja, como se aquelle somno fosse o da morte, e aquella communhaõ o viatico para a ultima jornada da vida.

237. Ja contava com pouca differença os vinte annos de bom Religioso, quando foy feito Guardiaõ de hum Convento da sua Provincia lugar a que o elevaraõ os conhecidos meritos da sua virtude, e en-

cheo com as condiçoens de perfeito Prelado, e nem porque se vio no de Superior, mudou de semblante a sua postura, antes porque agora estava feito alvo, a que attiravaõ os olhos de todos, cuidou muito em que nem ainda os de mais longa vista pudessem fazer pontaria ao minino defeito, pois sabia que se estes nos subditos, ou naõ saõ notados como graves, ou só querem ser tidos, quando muito, por descuidos, nos Prelados sempre avultaõ com demazia, e passaõ de ordinario a capitaes, fazendo-se muy notaveis, só por muy notados; e nesta consideraçaõ, entendendo que, se em quanto particular devia ser humilde, retirado, compassivo, affavel, pobre, obdiente, e regular por obrigaçaõ do estado; agora penetrava que o devia ser com mayor rigor, em razaõ do cargo, e respeito do lugar; e assim entre os da sua Communidade, elle era o mais humilde, e retirado, o mais compassivo, e affavel, o mais pobre, e obdiente, e em todos os actos da Religiaõ, o mais prompto, e regulado; porque tinha entendido, por doutrina do Divino Mestre, que os Prelados saõ postos nos cargos para exemplares de seus subditos, e que devem toma-los, como carga; porque mais para ministrar, do que serem ministrados. Só algum emprego do cargo o divertia do retiro, e Oraçaõ. O seu jejum foy de toda a semana, e só aos Domingos, e dias Santos o naõ fazia, mas sempre para elle, como taes, eraõ os de abstinencia. O seu habito o mais uzado; a cama a mais pobre; sem outras alfayas a sua cella, que as da penitencia, e mortificaçaõ. Com os enfermos era enfermo, e taõ compassivo, que elle o vinha a ser mais que nenhum; pois o seu achaque era por contracçaõ, que traz com sigo a enfermidade de todos.

238. Entre todas estas bençoens de doçura, agrado, compaixaõ, e regularidade devida, com que prevenio a liberal maõ do Senhor a este seu fiel servo em todos os estados; no de Superior sobresahia ainda outra mais,

e era huma notavel firmeza, e constancia na administraçãõ do seu cargo, de sorte, que desde logo conhecerãõ os seus subditos nelle huma total independencia a toda a humana affeicãõ, e que só o podia mover a mudar de systema, o que elle entendia ser para mayor perfeicãõ da Regular Observancia, credito da Religiaõ, honra, e gloria de Deos; e assim se fez venerado dos subditos, amavel dos Superiores, e por hum dos perfeitos Prelados, e Varoens insignes entre os de virtude, e santidade da sua Provincia.

CAPITULO V.

Elege o Reverendissimo Padre Geral ao Padre Frey Melchior para Fundador da Custodia de Santo Antonio do Brasil, passa a esta Provincia, e das suas grandes penitencias, e espirituaes exercicios nella.

239. Ja desta nomeaçãõ do P. Fr. Melchior pelo Reverendissimo Padre Geral para Fundador da Custodia de Santo Antonio nestas partes do Brasil, sua viagem para ellas, e o mais que obrou em ordem á erecçãõ da primeira Casa da Senhora das Neves da Villa de Olinda, deixamos dito em seu lugar; e assim o naõ repetimos aqui, como o naõ fazemos tambem de todas aquellas acçoens, fadigas, e trabalhos, que tocaõ á fundaçãõ das outras quatro Casas, e mais Doutrinas, e Missoens, que se foraõ seguindo pelos nove annos, que o dito Padre obteve o cargo de seu Custodio, e primeiro Fundador, porque destas se tem mostrado, e mostrará tambem em seus lugares; e assim só agora daremos noticia das suas penitencias, e exercicios espirituaes, com que hia suavizando os seus grandes, e incansaveis trabalhos.

240. Collocado, como fica dito, o venerando Padre Frey Melchior no alto candieiro da Prelatura, como luz, que ja naõ havia arder em si, e só para si, mas dar calor,

e allumiar a tantas almas, e de taõ differentes estados, e como nova, e primeira devia ser mais attendida, e levar a si os olhos, e as attençoens de todos; e que assim como a luz, para permanecer fixa, e sem desmayo, necessita de conservaçaõ, e augmento do oleo, de que se mantêm, e de instrumentos para lhe apartar as fézes, que lhe pôdem embaraçar o luzir mais; assim o P. Fr. Melchior, quando constituido na eminencia de Prelado mayor, e primeiro Fundador de huma nova Custodia, donde pedia o lugar fosse attendido, como Astro de superior esfera, conhecia bem a obrigaçaõ, que tinha de encher com os acertos das suas acçoens os olhos de hum povo inteiro, que no ajustado dos seus progressos fundavaõ o total conhecimento da sua capacidade, e o bom exito da sua eleiçaõ para huma taõ grande empreza; e tambem conhecia, que sem o soccorro de outro Superior, e mayor influxo, naõ podia desempenhar as obrigaçoens do cargo, nem satisfazer a expectaçã das gentes; e no conhecimento claro, de que era muy pequena a sua luz para encher tantos espaços, recorria continuamente por mayor cabedal de resplendores á presença de Deos, todo humilde, e rendido por meyo da santa Oraçaõ. Para ella reservava todo aquelle tempo, que lhe o naõ consumiaõ as distracçoens, e negocios do seu cargo, que naõ deixavaõ de ser muitos, e de grandes consequencias em todos os nove annos desta occupaçaõ, no cuidado de fundar cinco Conventos, em a comprida distancia de mais de duzentas legoas desde a Cidade da Paraíba do Norte, até á Bahia de todos os Santos ao Sul, em as quaes se achava pessoalmente, como em seus lugares se diz, para a sua formal acceitaçaõ, e pôr-lhes Prelados, e Operarios Religiosos de exemplo, e actividade, para as novas fundaçoens, e em tempo em que os naõ havia ainda para o total serviço de huma só Casa Regular, quanto mais para cinco, fóra os que lhe eraõ necessarios para as Doutrinas, e Missoens dos Gentios,

nas quaes elle tambem não faltava pessoalmente para a prégação, e ensino dos novos convertidos. Em todos estes trabalhos, e outros mais, que se não repetem por semelhantes, e em que o corpo, por alguns achaques da natureza, devia sentir, e padecer muito, e muito mais; porque ajudado do máo trato, e pouco reparo, o sabia elle fortalecer com o vigoroso do seu espirito, buscando-lhe novas forças na palestra das virtudes, assim como no exercicio da luta adquirem os combatentes novos vigores para os animos, e consummada robustez para os corpos; ou seguindo a methaphora da luz, as penitencias extraordinarias, as diciplinas rigorosas, os jejuns continuos, e as costumadas abstinencias, eraõ as sublís tisouras, e agudos instrumentos, com que, maltratando o corpo, lhe dessecava as fézes, para lhe não embaraçarem a luz de espirito, e a Oração, o novo oleo, com que o refazia para não desfallecer.

241. Eraõ os lugares determinados para a viva representação desta scena a Casa do Capitulo, e a Igreja diante do Altar mayor, ou o da Senhora da Conceição, e por algum inconveniente, ou falta de saude, suppria a sua cella estes lugares, especialmente para a santa Oração; e fóra destes, trazia de tal sorte a voz muda, o semblante composto, e a consideração elevada, que bem mostrava ser para o seu espirito qualquer lugar sitio de Oração.

242. Nesta era o seu principal ponto a Paixaõ de Christo, discursada pelos Sagrados Passos da sua Via-Sacra. E para melhor preparar para ella o seu espirito, logo que se recolhia por noite á cella, sem dar passo algum, formando na vasta idea da sua consideração esta lastimosa via, a costumava correr, ou recorrer pela memoria com dulcissima ternura de sua alma; e passando depois, quando se lhe não seguia algum penozo inconveniente, para a Capella Mór da Igreja, alli lhe dava repetido principio, com os seus costumados passos; da

Capella sabia ao claustro, corria as suas quatro quadras, voltava á Igreja, e por ultimo a hia completar ao coro aos pés do seu Santo Christo, mostrando em todas as suas sagradas Estaçoens, na contemplaçã de cada hum dos seus dolorosos mysterios, que nellas se representavaõ os intimos affectos da sua alma, nos seus diversos effeitos, e sentimentos exteriores, ja de lagrimas profundas, ja de suspiros magoados, ja de fortes bofetadas, rigorosos golpes, e de reverentes, e continuadas prostraçoens.

243. Para este santo, e penoso exercicio, acompanhado com a larga meditaçã de cada hum dos seus Passos, tinha determinado particularmente o dia de Sexta feira, occupando os mais em outras meditaçoens, que na vida mystica uzaõ os contemplativos, e dados á pratica da Oraçã, em a qual não deixou de receber da mão do Altissimo particulares favores, e especiaes consolaçoens, que a sua humildade reservou só para si, e muy poucos nos vieraõ á noticia por via de seus confessores, que tambem nisto andaraõ descuidados, e em seu lugar faremos mençã.

244. Sendo taõ continua a sua Oraçã, não o eraõ menos as suas mortificaçoens, e penitencias, com as quaes procurava reprimir a rebeldia do corpo, para vivificar as forças do espirito. Para toda a Oraçã era o seu preparo, além das mais disposiçoens espirituaes para dispôr a alma, huma rigorosa diciplina para compôr o corpo, e accommodá-lo ao lugar. Para isto ordenou por sua propria mão hum cruel instrumento, que mais lhe convinha o nome de azorragues, do que de diciplinas, e eraõ estas humas correyas de couro crû, aspero, e grosso, engastadas por ellas agudas, e penetrantes pontas de ferro, que rasgando-lhe cruelmente as carnes, deixavaõ não só o corpo, tambem a terra alagada no proprio sangue. Reconhecia-o por culpa da natu-

reza, rebelde, e robusto, e era o seu cuidado reduzi-lo, pela fraqueza, ás leys do espirito.

245. Tambem para comprimir as paixoens da carne, inimigo da alma sempre declarado, e tanto mais temido, quanto mais cazeiro, e no terreno que pizava o venerando Padre, muito mais atrevido, pois a cara descoberta fazia as suas avançadas; porque, por força da occupação, e necessidade do ministerio, lhe era preciso muitas vezes andar entre o Gentio, e vizitá-lo pelas suas habitaçoens para a conversão destes, e assento das suas Doutrinas, ou Missoens, e esta gente, ou de hum, ou de outro sexo, não uzavaõ antes de convertidos de outras roupas mais que aquellas, de que os vestio a primeira natureza, descompostos totalmente todos, e ainda quando ja convertidos, e aldeados, por pobreza, e necessidade, sempre mal compostos, assim homens, como mulheres; e era esta para o puro, e casto Varaõ, huma continua bateria, e huma guerra desfeita, e tão perigosa, como necessaria. Mas o esforçado Athléta, como pratico na milicia do Ceo, e á imitação dos que pelejaõ nas campanhas da terra, que, para evitar os golpes do inimigo sabem forrar os corpos com escudos fortes, colêtes tecidos, e sayas de malha escolhidas; tambem quiz prevenir o seu com similhantes insignias, e armá-lo com duplicados arnezes, para divertir os golpes do seu fatal, e intromettido contrario. Os seus colêtes eraõ dobrados cilicios, que lhe cobriaõ os braços, e abaixo destes até á cinta, e de que ja uzava desde que menino se alistou nesta milicia; e porque até este tempo lhe não foy necessario a saya de malha, por não serem os combatentes tão fortes, e arrojados, agora que os via mais atrevidos, e avançados, se resolveo a uzar tambem della; e certamente que só huma fortaleza como a deste venerando Padre podia aturar o aspero, e rigoroso da que elle escolheo. Entre as arvores muy celebradas, como mais peregrinas, e só naturaes nesta Costa do

Brasil, e com particular abundancia nas de Pernambuco, são os chamados Coqueiros, de que ja em outra parte demos alguma noticia, e hoje he commúa a todos. Costumaõ estes dar o seu fructo, ou brotá-lo em cachos muy avultados, e vem estes ao nascer envoltos, como em mantilhas, em huns pannos de tres para quatro palmos de comprido, e dous de largo, tecidos de asperos, e fortes fios de crespá palha, ao modo de thêas, e semelhantes na contextura aos que os mestres alfayates chamaõ peneiros, e servem para armar as abas das cazacas, que hoje se uzaõ. Destes, achando-se o venerando Padre em huma daquellas primeiras Doutrinas ou Aldeas, que havia fundado, mandou por alguns Indios subir ás arvores, e colher huns poucos daquelles pannos, e cozendo-os elle mesmo huns com outros, ordenou hum modo de sayóte, em fórma de calçoens, justos, e apertados, que lhe tomavaõ desde a cintura até os joelhos, e com hum jubilo muy grande do seu espirito, se armou com aquella saya de malha, que como estas eraõ taõ unidas, e os seus fios taõ fortes, não houve frecha Gentia, que por mais aguda lhe chegasse ao corpo, nem incentivo libidinoso, que lhe assustasse a carne.

246. Ainda lhe restava o peito por armar; porque os cilicios, e coletes não podiaõ chegar a elle, e não achava na Armeira da Mystica arnêz determinado para a sua defeza; mas o seu espirito, como artifice engenhoso de novas maquinas, para subjugar a rebeldia do corpo, e resistir ás suas desordenadas paixoens, descobrio, e forjou hum, tanto mais admiravel, como nunca praticado. Mandou fazer huma Cruz de páo de hum palmo de comprido, e tres dedos de largo, e nella fez cravar trinta pontas de agudo, e penetrante ferro, e este instrumento assim lançava ao pescoço, humas vezes sobre as costas, outras para a parte de diante, mas sempre immediato, e unido á raiz da carne, como tomando a peito não ter hora, nem instante, em que não

ajudasse ao seu Redemptor a levar sobre os hombros o pezado jugo da sua Cruz, figurando nas trinta pontas desta, os tres Cravos do Senhor: não porque quizesse na demazia do numero exceder o mysterio da figura; mas porque achava que, por cada hum dos Cravos do Senhor, merecia elle reduplicar em infinidades de vezes, pelo numero de dez, o seu sentimento.

247. Muitos tempos carregou o venerando Padre esta Cruz sem alargar hum só instante, e parecendo-lhe ainda muy suave este jugo, fixou na mesma Cruz sette pontas mais, em memoria das sette dores, que na Paixaõ, e morte do Innocente Filho penetraraõ o coração, e alma da affligidissima Mãe. Em huma Sexta feira Mayor vestio esta nova galla, e se adereçou com esta peça mais; mas como as novas pontas eraõ mais crescidas, que as primeiras, ao compasso do augmento do seu espirito, com o contacto das suas punçoens, estremeceo, e temeo todo o corpo, e foy taõ excessivo este tremor, que vencido o espirito ao primeiro toque do sentimento, e fraqueza do corpo, se resolveo a temperar o agudo do tormento, diminuindo no ferro as pontas. Pegou em huma lima, e quando a hia assentar sobre a primeira para a rebater, de tal sorte se arrebatou o espirito na confuzaõ da fraqueza do corpo, que levantando-se todo sobre si, fez que o mesmo instrumento, que era para diminuir o picante do ferro, servio de lhe aguçar mais as pontas, e com resoluçaõ mais que de homem fraco, e como alentado Gigante, fortalecido de superiores influxos, e como picado de novos estimulos, desterrado o medo, e tristeza da carne, e revestido de alegres, e fervorosas ancias, tomou ás costas a nova, e reforçada Cruz, e sabio com ella em seguimento do Redemptor, até o mais alto do Calvario, imitando no que lhe era possível, e permittido, o sentimento da sua Payxaõ, e as dores da angustiada Senhora, em reverencia de quem se havia sacrificado ao tormento desta Cruz, que carre-

gou, conforme a noticia que nos ficou, por todo o tempo que viveo neste novo Mundo, e podemos conjecturar que por toda a vida, com notavel constancia, e repetidas dores; pois a qualquer movimento repentino, e ainda aos advertidos, e necessarios, assiam como com elles se chegavaõ mais á carne as suas pontas, mais intensamente se lhe renovava o sentimento, que pelo tempo adiante quiz moderar, escrevendo na mesma Cruz por titulo o nome Santissimo de Jesus; porque sabia que era este nome Oleo suavissimo para fomentar as tibiezas do espirito, e medicina saudavel para curar as enfermidades do corpo. Só quando se achava prestrado dos seus ordinarios achaques, e nas jornadas que fazia pelos caminhos, e máres, se alliviava desta carga; mas esta falta necessaria, a que elle chamava grande negligencia, satisfazia prompto com outras mortificaçoens, repassando nellas pela memoria todos aquelles tormentos, e angustias, que o Senhor sentio na sua Payxaõ, e as dores, e penas de sua Santissima Mãe na assistencia della.

248. Tendo assim guarnecido, desde o peito até os joelhos o corpo com estas armas defezas, ainda lhe faltava para os olhos, e face aquella outra, de que se valem os combatentes para cobrir o rosto, e guardar os olhos aos golpes contrarios, e chamaõ elles Vizeira; mas o não ver, nem olhar para cara de mulher alguma, foy toda a armação do nosso forte mantenedor, para rebater os assaltos deste cruel, e fatal inimigo: e nisto pôs sempre o mayor cuidado; porque sabia que não fechar os olhos do corpo para semelhantes objectos, he abrir as portas da alma a pensamentos lascivos. Destes se livrava o venerando Padre com cegar por advertencia, para não cahir por descuido.

CAPITULO VI.

Continúa o venerando Padre no exercicio das suas mortificações activas, e de algumas passivas deste mesmo tempo.

249. Pouco aproveitára ao Capitão guerreiro revestir o corpo de escolhidas armas para rebater os golpes do combatente contrario, se lhe faltasse o espirito de fortaleza, e a valentia de animo para lhe saber resistir; antes mais lhe serviria o animo só adornado de esforço, do que o corpo composto de todas as armas. Da mesma sorte o Varaõ espiritual na batalha dos vicios, e com excellencia contra o da carne. Nesta lhe servio o jejum, e abstinencia do mesmo, que no Capitão o animo, e fortaleza; e assim como este bem venceria por mais animoso, do que pelas muitas armas; assim o espiritual melhor triunfará por muy abstinente, do que por bem disciplinado. Boas são as diciplinas, as Cruzes, e mortificaçoens; mas sem a abstinencia poderia ficar soldado sem animo, e combatente sem fortaleza, o que sem o jejum quizesse só com diciplinas levar a victoria. Mas antes, se na escóla da Mystica devemos tomar as sagradas liçoens, que nella nos daõ os seus experimentados Mestres, com o grande Basilio, as melhores armas, de que se pode revestir, o que na palestra das virtudes, contra os vicios, quizer militar seguro, e alcançar gloriosos triunfos, vem a ser, o jejum, e abstinencia; porque nesta virtude só, e neste exercicio santo, tem o mantenedor Christaõ huma rica Armeria de todos os arnezes, e peças defensivas. O jejum he o melhor colête de cilicios, e a saya de malha mais impenetravel; porque he o jejum para o corpo, diz o Santo Doutor,* o companheiro mais seguro. O jejum he o escudo de todo im-

* *Jejunium corporis socius securus. Animæ optima custodia. Fortibus viris monumentum, et arma. Athletis, et certantibus exercitatio. Div. Basil. Mag. homil. de Jejun. ant. medium.*

penetravel aos golpes do inimigo; porque o jejum, continûa o mesmo Santo, para a alma a melhor custodia, e a guarda mais fiel. O jejum, contem em si a força dos cilícios, e diciplinas, o valor das mortificaçoens, e penalidades, a virtude da Oraçaõ, e a efficacia de elevar a alma das cousas terrenas, para a contemplaçaõ das celestes; porque he o jejum, conclue o Santo Doutor, huma como praça de todas as armas mysticas; e quem o continua, nelle tem o mais apurado exercicio para sahir destro combatente, e glorioso vencedor.

250. Foy o jejum do venerando Padre Fr. Melchior quasi continuo; porque ainda nos dias, em que formalmente o não fazia, ou por preceito, ou devoçaõ, sempre guardou huma perpetua, e rigida abstinencia. Nunca comeo, depois de passados os annos primeiros da Religiãõ, mais que huma só vez ao dia, e carne muito contra a sua vontade; e só por obrigado de doença, ou entre os Indios de algumas caças, quando totalmente não havia outra cousa. O seu ordinario sustento eraõ legumes, e algumas fructas agrestes, de que abundaõ os mattos do Brasil; e dos ordinarios da Comunidade taõ parcamente aquella só vez, que mais parecia substanciar-se por milagre da graça, do que sustentar-se por virtude da comida. Ainda foy mayor a abstinencia, que guardou na ordinaria bebida; porque era esta tambem huma só vez ao dia, e com taõ apertada tacha, que mais servia para lhe atear o incendio, do que para lhe mitigar a sede, porque continuamente a padecia. Para isto escolheo hum pequeno vazo, que guardava comsigo, e por este bebia aquella só vez, e com tal regra, que por mais activa que fosse a sua secura, a não sabia temperar entre dia, e noite, mais que com aquella só medida. Vinho o não tocou muitos annos, e depois de bem entrando nelles, só pelas Paschoas, e por aquelle pequeno vazo da agoa, com a qual ainda destemperava a limitada quantidade do vinho.

251. Tem as pessoas espirituaes suas disposiçoens, e ensayos, para celebrarem as solemnidades mayores da Igreja, e seus Santos, mas em tudo contrarias ás com que ordinariamente se dispõem para ellas os filhos do mundo; por que, o que nestes saõ cuidados do corpo no ornato de novas librés, na demazia da meza, nos divertimentos dos festins, e passeyos; nos Servos do Senhor, saõ penalidades, jejuns, oraçaõ, e recolhimento; porque com estas he que dispõem as suas almas para o verdadeiro culto que devem a Deos. Naõ repetimos todas as deste venerando Padre por occultas, e commúas aos mais, e só de huma por notoria, e singular damos noticia. Havia chegado a vespera da solemne festa do Patriarcha Serafico, e querendo este amante, e verdadeiro Filho celebrá-la naquelle anno com alguma demonstraçã de mayor gosto, e jubilo de sua alma, preparou para isso o seu corpo com tres penalidades demais, sobre as commúas. A primeira foy por-se depois das Matinas em pé, diante do Altar do Santo Padre, nú, e despido da cintura para cima, e assim levou em Oraçaõ huma hora, ou mais que permittio o tempo, meditando no singular desapego, com que o innocente mancebo Francisco, diante do Bispo de Assis, largou aos pés do importuno Pay todas as suas roupas, ficando só com as precisas da honestidade. A segunda naõ comer por todo o seu Oitavario mais que paõ, e este em muy pouca quantidade. A terceira em privar-se absolutamente daquella limitada porçaõ de vinho, que costumava lançar por Festas no pequeno vazo da agoa, que tomava huma só vez por dia; e assim chegou nos deste Oitavario a tanta afflicçaõ, e angustia o seu espirito, pela fraqueza, e seccura que padecia, e em que se abraza, que a vozes pedia soccorro ao Ceo do intimo da sua alma, e chegou a tanto este excesso, que resecando-se-lhe a lingua, abriu em gretas, e lhe custou muitos mezes de enfermidade.

252. Nem para allivio desta ardente, e continuada seccura, lhe quiz applicar outro refrigerio mais, que hum, e bem notavel, e era, que quando ás oito horas da noite chegava o Acólyto pela sua porta, como he costume entre nós, lançar agoa benta pelas cellas dos Religiosos, e rezarem pelas almas hum Responsorio, pegando no hyssópe para esta cerimonia, depois do asperges, que fazia por aquellas, tambem applicava alguns sobre si, abrindo a bocca disfarçadamente, para lhe cahirem dentro pela lingua algumas limitadas, e subtis pingas da agoa benta, que só por suffragio poderia aproveitar para o tormento da sua seccura, assim como por tal servia ás almas para refrigerio das suas penas; podendo conceder-lhe o Ceo, como a Varaõ Santo, e ambiciozo de mais padecer, a consolação notavel de refrigerar a seccura da lingua com hum pingo de agoa, que, para padecer mais, negou o mesmo Ceo ao rico Avarento.

253. Sendo a cama ordinaria dos Religiosos desta Provincia a mais pobre, e desalinhada, que a de nenhuma outra, como consta aos mesmos, que destas se agazalhaõ em os nossos Conventos, pois naõ constaõ mais que de hum leito de taboas duras, huma esteira de palha aspera, huma manta, e cobertor de laã, e hum travesseiro do mesmo; ao venerando Padre Fr. Melchior ainda lhe parecia muy brando, e regalado este, e assim achando huma estreita, e nodoza taboa, desprezada por inutil, e applicada ja para alimento do fogo, a acarretou para a cella muy contente, e lançada a hum canto, sobre este, que mais tinha propriedades de potro para atormentar, que conveniencias de leito para o descanso, tomava só por noite duas para reclinar o corpo, sempre mal accommodado, por qualquer parte, porque por todas o estavaõ despertando os trinta e sette cravos da Cruz, as agudas pontas dos cilicios, e os asperos fios dos seus calçoens, que de tal maneira o tyrannizava cada hum de per si, e ás vezes todos juntos, que lhe era ne-

cessario para tomar algum leve repouso, portar-se immovel, com o tronco, e sem se menear; porque qualquer leve movimento, lhe repetia hum muy sensivel, e doloroso martyrio.

254. Naõ era menor o que lhe sobrevinha nas continuas jornadas, e caminhos, discorrendo por varias partes de Pernambuco na doutrina, e conversação do Gentio, fazendo estas viagens sempre de pé, e sem o necessario commodo, e como estava gastado das penitencias, e mal humorado, inchavaõ-lhe os pés, e pernas, e por huma occasião destas com tanto excesso, que chegou a julgar-se por hydropico. Tremiaõ-lhe as mãos, e ainda o corpo, e com este modo de padecer, passava com grande conformidade de animo, e alegria da pessoa, recolhido em huma pequena cella, onde o pouco commodo, e reparo para tanta enfermidade, lhe servia, se para allivio do espirito, melhor para lhe renovar chagas, repetir dores, e multiplicar penas, que só no recurso de Deos, ou para Deos podiaõ achar termo.

255. Para crisol das suas penalidades activas, com que querendo purificar mais o seu espirito, apurava o venerando Padre o seu enfraquecido corpo com larga mão, applicava tambem o Altissimo com a da sua Providencia sufficiente materia em outras passivas, que nunca lhe faltaraõ em tempo algum, naõ só movidas por algumas pessoas seculares sobre a defensão, e liberdade dos Indios, como ja tocamos; mas tambem por subditos seus, achando nelles notaveis, e conhecidas repugnancias em muitas operaçoens do Servo de Deos, sobre a reforma, e estabilidade do Estado Religioso: e algum houve taõ pouco advertido, que como enfastiado, e mais repugnante, lhe tornou palavras asperas, e pouco consideradas. Mas o santo Prelado as ouviu com semblante sereno, tolerou com constancia de animo, e offereceo ao Senhor com resignação de Justo; e devendo, ou podendo castigar nelles, como demazias da semrazaõ, e so-

brados defeitos da santa Obediencia, as carregava sobre si, como fraquezas do seu proximo ; porque elle era o que prostrado aos pés de huns taes subditos, lhes pedia o perdaõ daquellas inadvertencias, com que lhes perturbava a paz interior de suas almas, deixando-os assim bem mortificados, e confusos com este modo efficaç de reprehensaõ, e fazendo só seu o que podia ser merecimento alheio, se com outra pena fosse castigado.

256. Outras muitas trovoadas destas accommetteraõ ao Servo de Deos, que por identicas, e similhantes, não repetimos ; e nem o Senhor o quiz deixar de provar tambem pela forte, e suave maõ da sua Providencia, ja retrahindo algumas consolaçoens espirituaes, interiores, e sensiveis, que communicava a sua alma nas suas mayores tribulaçoens, e angustias ; e especialmente no exercicio da Oraçaõ, deixando-o nella quasi desolado, e sem aquelles allivios e affectos intimos, e socego da alma, que nella commummente experimentava, dispensando tambem com o inimigo commum o perturbasse nella, e inquietasse por muitas vezes, ja com distracçoens impertinentes, ja propondo-lhe certas duvidas sobre particulares Mysterios de nossa Santa Fé ; ja com fortes difficuldades acerca da sua salvaçaõ, com que se achava o Servo de Deos com huma grande repugnancia para os seus santos exercicios de Oraçaõ, penitencias, e outras mais, e ainda que não chegou a desfallecer, nem affroxar hum só ponto nelles, com tudo por muitos tempos padeceo hum grande, e forte martyrio nesta batalha, e por ver se na solidaõ achava mais repouso o seu espirito, se passou para huma Aldêa a buscar no retiro das gentes o commercio mais facil com o seu Creador. Alli se divertia com ensinar a doutrina aos Indios, e em outras occupaçoens devotas, pintando algumas Imagens dos Santos, que repartia por elles, e até disto o quiz privar por agora o Ceo ; porque lhe sobreveyo huma vehemente dor de olhos, que mortifi-

cando-o por alguns dias sem allivio, foy forçado retirar-se outra vez ao Convento.

CAPITULO VII.

De algumas consolaçoens, e favores espirituaes, com que acudio o Ceo ao seu Servo.

257. Todas as cousas tem seu tempo; e não sendo esta regra mui certa nas que se executaõ por dispozição dos homens, porque as faz muitas vezes perverter, ou os affectos da vontade, que sempre erra, ou os defeitos do entendimento, que tambem se engana; he certissima nas ordenaçoes do Ceo, que governadas ao compasso da mão do Altissimo, sem defeito nem affecto, tudo sabe dar a seu tempo. Desorte que, pela ordem da sua Divina Sabedoria dá Deos gostos, e dá penalidades, e sabe dá-las aos seus tempos pela sua ordem, que he, depois do trabalho, dar a consolação; e esta he a differença que ha entre os dons de Deos, e os que dá o mundo, que nestes aos gostos se seguem as lagrimas, e nos do Ceo saõ estas o annuncio dos melhores gostos. Havia o Padre Fr. Melchior surcado por muitos tempos hum inquieto, e tempestuoso mar de contradicoens, ja em tormentas desfeitas de calumnias, que com linguas mais abrazadoras que o mesmo fogo, fulminavaõ rayos destruidores da interior paz, e socego da sua alma, ja em agoaceiros continuos de molestias corporaes, ja em prolongadas vigias, em fomes, e sedes voluntarias, disciplinas rigorosas, ja em calmarias do Ceo, e ja finalmente em securas de espirito; mas em tanta tempestade sem desalojar o combatido, e constante baixel da sua alma o minimo pezo de tanta carga, caminhou sempre seguro nesta navegação; porque ferrado ao leme do conhecimento proprio, firme na anchora da confiança

em Deos, e guiado pelo Norte certo da santa Oraçãõ ; e assim era tempo, de que suspendendo o Ceo os encontrados ventos, e continuos temporaes de tantas contrariedades, mandasse suaves viraçoens, acudindo ao seu Servo com os seus espirituaes consolos, para tranquillidade da sua alma, que saõ os mimos que este Senhor costuma dar aos seus escolhidos, depois que nestas agoas de contradicões os tem assim bem provados, disfarçando-os em mysticos, e profundos illapsos, que por meyo da Oraçãõ lhes sabe communicar.

258. Retirado o venerando Padre da Missãõ, por causa da molestia dos olhos para o Convento, e seguindo-se logo a Festividade do Serafico Patriarcha, que ja fica referida, e convalescido da fórte molestia, que della se lhe seguio pelo rigoroso da sua abstinencia, especialmente na que guardava em a bebida da agoa, naõ affroxando no rigoroso preceito, que se havia posto de naõ tomar entre dia, e noite mais que a limitada porçãõ, que ja se disse ; sendo a hora competente da sua Oraçãõ, entrou na Igreja, naõ pouco sequiozo, e posto em altissima contemplaçãõ, lhe foy representado aos olhos interiores da alma, que via em hum magestoso, e rico Throuo a Virgem Santissima com o Bendito Filho nos braços, o qual tinha nas mãos aquelle mesmo vazo por onde o seu Servo costumava beber, cheyo de hum liquor claro, e puro, que a elle lhe parecia agoa, e seria sem duvida alguma ambrozia do Ceo, e tomando a Virgem Mãy o vazo da mãõ do Filho, o dava ao venerando Padre para que bebesse ; e elle o acceitava com summa reverencia, e humildade, e bebia abundantemente, com que de todo apagava o intenso ardor da sua sede. Admirado depois de favor taõ soberano, e considerando a vileza do seu ser, todo encolhido, e humildemente respeitozo, queria agradecer com palavras taõ grande beneficio, mas naõ podia, porque o conhecimento do seu nada lhe embargava a voz, e o respeito das Magestades

lhe turbava o discurso, e nesta interior afflicção, lhe parecia, que a piedosa Senhora lhe fallava assim : Com esta celestial bebida, que recebeste da minha mão, e te offereceo meu Filho, e teu Senhor, te quer elle pagar o muito, que por seu amor tens padecido, e que com ella apagues tambem os intensos ardores da tua seccura, assim do corpo, como do espirito. E aqui tornando sobre si o Servo do Senhor, se achou naõ só alliviado da grande sede, em que continuamente se abrazava, tambem lhe ficou na bocca com o gosto daquella celestial bebida, hum suavissimo cheiro, e admiravel fragrancia por muitos tempos. Por taõ superior, e prodigiosa consolação, derramando copiosas, e enternecidas lagrimas de agradecido, deo a Deos, e a Sua Santissima Mãe, humildes, e repetidas graças. Tambem desde logo começou a sentir interiormente, convertidas em suavidades as passadas amarguras da sua alma, e o seu espirito muy dilatado, recebendo novas, e superiores illustrações.

CAPITULO VIII.

Da virtude da Religião do venerando Padre Fr. Melchior.

259. He a virtude da Religião aquelle rico Incensario de ouro, em o qual a alma devota nos puros holocaustos, que faz a Deos, no altar da sua Divina presença lhe offerece os preciosos aromas da Oração, e mais virtudes abrazadas no fogo ardente do seu amor, e desatadas em os fragrantos fumos, e obsequios devidos ao seu sagrado culto. Neste luzio com admiraveis ascensoens, e fulgentes resplendores de edificação, e exemplo, o venerando Padre Fr. Melchior. No continuo exercicio desta virtude da Religião, considerando a Deos, como a

Senhor Supremo de tudo o que tem ser, lhe offerecia em primeiro lugar o seu corpo com todos os sentidos, potencias, e faculdades, sacrificando-o como hostia viva nas aras da mortificaçã a golpes sanguinolentos de disciplinas, cilicios, jejuns, abstinencias, e seccuras, com todas as mais penalidades corporaes, que ficaõ referidas em a Relaçã das suas penitencias. A este mesmo fim de tributar todo o culto á Magestade Divina o adorava com repetidas genuflexoens entre dia, e noite, beijando a terra por outras tantas vezes, e todas as que entrava na Igreja a fazer Oraçã, ou a outro qualquer fim; outras levantando os braços em Cruz por largo tempo. Os olhos sempre os trazia baixos, e taõ mortificados, que naõ apanhava com a vista delles mais, que a breve, e demarcada distancia, que pôdem alcançar, os que elevados a Deos, só olhaõ para aquella terra, que haõ de pizar, para naõ cabir em algum tropeço; sem que desta baliza, que lhes havia posto, passassem adiante a avançar mais terreno, por muito que o repente, ou novidade lhe dessem rebate para algum peregrino, ou inadvertido reparo.

260. Sendo muy affectuoso no culto com que venerava a Christo como Redemptor em todos os sagrados Mystérios, que como a tal lhe dizem respeito, era em alguns destes summamente affectuoso, e enternecido, sendo o principal o do Nascimento deste Senhor, e quando o considerava como Menino. A sua Meditaçã o enternecia. Ja o considerava Menino, ja pobre, nũ, e despido, ja chorando, e ja rindo, e achava em tudo tanta suavidade o seu espirito, e huns sentimentos de amor taõ vivos, que os naõ podia contèr dentro em si, por mais que procurasse occultá-los. Tinha o venerando Padre huma pequena lamina, em que muito ao natural estava retratado Deos Menino, e nascido em o Prezepio. Este foy sempre o seu fiel companheiro, porque o levava comsigo para onde quer que fosse, venerando o seu Di-

vino Objecto com viva Fé, e ardente amor; porque aquelle que ama o Original, facilmente applica o desvêlo ao seu Retrato. Com este amante Deos Menino communicava os seus cuidados, a elle acudia como a seu conselheiro, e Mestre, e nelle achou sempre remedio para os seus males, allivio nas suas tribulaçoes, e luz para todos os seus acertos. Havia penetrado tanto suas piedosas entranhas esta devoçãõ, e affecto ao seu Creador neste innocente, e amoroso estado, que em vendo qualquer menino, logo se lembrava delle, imitando nisto, como bom Filho, ao nosso Serafico Patriarcha, que não podia ver que diante delle se matassem cordeiros, lembrando-se, que na mansidaõ daquelles, recebendo os golpes sem a queixa das vozes, se representava a innocencia do Cordeiro de Deos, não se queixando nunca dos que lhe davaõ a morte. Crescia muito mais o seu compassivo affecto para aquelles meninos, que pelo nũ, despido, ou desprezivel, entendia serem pobres; porque estes, dizia elle, eraõ mais semelhantes, ou representavaõ melhor em si ao pobre Jesus Menino; e ouvindo chorar algum delles, se affligia em grande maneira o devoto, e contemplativo Padre, e dizia muy enternecido: *Valha-me Deos, para que fazem chorar esse Anjinho?* e lá dentro em si ficava como abstrahido, e suspenso, reflectindo, e discorrendo em sua alma: *Choraria assim o Menino Deos no Presepio? Mas, que fõra vê-lo chorar, e derramar lagrimas por meus peccados!* Disse-lhe em huma occasiaõ destas seu companheiro: Vede, Padre, não vos deixeis arrebatat tanto destas creaturinhas, adverti, não vos roubem de todo o coraçãõ estes idolosinhos, e vos deixem a alma secca, e desolada. Não, respondeo o P. não espero eu isso pela graça deste mesmo Deos Menino; porque me succede, ao que julgo, muito pelo contrario; porque a formosura, e innocencia destas creaturazinhas suas me ajuda muito para a lembrança do seu Creador, e cada

hum delles me parece que o representa, porque são imagens suas vivas, e como a taes as amo. Não vedes, accrescentava o contemplativo Padre, a pureza, e sinceridade destas almas ! E quem não conhecerá também, que em estando o espirito de todo entregue a Deos, não pôde fazer-se parcial das creaturas, antes lhe podem servir de materia para melhorar-se no perfeito, os que no coração distrahido só servem para o divertir !

261. Donde porém mais se elevavaõ os dilatados vôos do seu alto, e devoto sentimento, sobre este amoroso estado de Deos Menino, era em a solemne noite do seu Nascimento. Para elle se preparava desde o dia de todos os Santos com muy piedosos, e devotos exercicios. Era o primeiro, fabricar em seu coração hum espiritual, e humilde Presepio ; e para que o Menino Deos nascesse, ou renascesse nelle com toda a devida, e necessaria decencia, o adornava de especiaes virtudes, procurando por todo aquelle tempo mortificar com alguma novidade mais seus sentidos, fazendo especiaes actos de amor de Deos, e particulares Jaculatorias áquelle seu amante Senhor, que esperava ver nascido, e Menino. Era causa de grande edificação vê-lo assim tão enternecido, esperando com doces memorias a vinda do Salvador, e especialmente naquelles sete dias ante Vesperas da sua Natividade, tomando para pontos das Meditações do seu ancioso espirito em cada dia huma das Antiphonas chamadas do O', ou da Expectação, com as quaes a santa Igreja saudosa, e firme na sua vinda, e á imitação dos Santos Profetas, e antigos Patriarchas, que impacientes com os vagares de tantos seculos de esperanças, ja pediaõ aos Ceos rasgassem as densas cortinas das suas nuvens, para descer com mais presteza o dezejado das gentes ; ja rogavaõ á terra abrisse suas entranhas, e brotasse dellas o seu Salvador : Assim este devoto, e ancioso Padre, em cada huma daquellas saudosas Antiphonas, e amorosos Canti-

cos da Igreja, achava novos incentivos para repetir ansioso as saudades de Deos Menino, que tão affectuoso, como cada hum daquelles abrazados espiritos do Velho Testamento, suspirava com a santa Igreja pela sua repetida vinda; ja como Sabedoria increada, que sahindo da bocca do Altissimo, e introduzindo-se nas purissimas entranhas de huma Virgem havia unir extremos tão distantes, como o Divino, e humano; ja pela presença daquelle Senhor, que como fogo que arde, e não abraza, á similhaça da Çarça, que vio Moysés, se havia atear em nossos coraçoes; ja pela posse daquella Raiz de Jessé, que havia brotar na terra, para signal de que se lhe haviaõ humilhar, depois de nascida, todos os Reys do Mundo; ja pela entrega daquella chave de David, que veyo a nós para nos fechar as portas do inferno, e deixar-nos abertas as do Ceo: ja pelo Oriente, e esplendor daquella eterna luz, que vem allumiar em as trevas ao mundo todo; ja pela vista, e presença daquelle Supremo Rey, e Monarcha dezejado de todas as gentes, que com o Soberano Nome de Emmanuel nos vem fazer certos, de que Deos está comnosco, que ja chegou o logro da nossa esperança, que ja nasce o nosso Salvador. Nestas, e em outras similhantes Meditaçoens, e doces Jaculatorias, que por cada hum daquelles sette dias hia discorrendo se inflamava o seu espirito, e se abrazava o seu coraçõ, que prorompia em ardentés suspiros, e tão impetuosos, que os não podia conter dentro em si; e vendo-o seu companheiro em huma occasiaõ destas assim arrebatado daquelles amorosos sentimentos, lhe disse: Bom vay isso, Padre, bem tem bebido na adega do amor Divino; ao que elle respondeo, como envergonhado de ser sentido: Fazei-me charidade de calar, que a occasiaõ he fortissima, e eu muito fraco. Em a noite de Natal se hia para o coro muy anticipadamente, e alli, na viva consideraçaõ do Summo bem, e Divina Magestade de Deos Menino, que via ja de mais

perto vir apontando ás janellas da sua alma, eraõ mais copiozas as suas lagrimas, e mais intimos, e enternecidos os seus sentimentos, e por isso tambem mais sensiveis; e por huma vez que assistiaõ alli alguns Religiosos, como arrebatado, e fóra de si lhes disse: Ay Irmaõs, se vós soubesseis que lindo, e formoso está o Menino Deos! Aqui estou esperando a ver o que me manda; e dezejando que a Virgem Mãy, ja que naõ mereço me faça entrega delle por algum instante, me deixe dar-lhe sequer hum osculo de paz, e com elle a boa vinda: E como tornando em si, continuava: Naõ vos espanteis, senaõ acerto no que digo; porque o gosto deste dia he superabundante a fazer sahir de si o meu fraco juizo.

CAPITULO IX.

Do reverente, e devoto culto de Religião do venerando Padre, em obsequio de Christo no Sacramento Santissimo do Altar, e em outros Mysterios do mesmo Senhor.

262. Como são taõ equivocados entre si o Mysterio de Deos nascido, e o de Christo Sacramentado, que se naquelle veneramos obsequiosos a Deos em corpo, neste adoramos rendidos o Corpo de Deos porque em ambos humanado por amor dos homens; assim tambem, naõ foy menos excessivo no affecto, e ternura para com o suavissimo Mysterio de Christo Sacramentado, como o do mesmo Senhor nascido, o venerando Padre Frey Melchior. Naquelle o arrastavaõ as caricias de hum Deos Menino, neste o levavaõ as suavidades de hum Paõ do Ceo; lá as lagrimas de huma Innocencia toda Divina, aqui os favores de hum Manná todo celeste, que para satisfazer os humanos dezejos, ja no Dezerto os havia buscado em estylo de lagrimas. Eraõ profuzas, as

que derramava o venerando Padre, posto na presença deste Sacramento do Senhor, aonde sempre se achava sua alma assistida de tres especiaes affectos, ou actos virtuosos, como effeitos do claro conhecimento de taõ alta, e tremenda Magestade, a quem assistia, e vinhaõ a ser: Temor, Amor, e Reverencia. Esta a mostrava nas profundas, e repetidas prostraçoens com que o adorava publicamente ao entrar, e passar pela Capella mór, perante o seu Altar, e Sacrario; o amor o expressava quando exposto na mesma Capella, ja no coro, fazendo-lhe continua assistencia, e buscando, sempre que havia commodo, a presença deste Senhor Sacramentado para o exercicio da sua Oraçaõ; porque a certeza, e consideraçaõ certa de estar alli corporalmente Christo Senhor N., dizia elle, o ajudava muito ao recolhimento interior, e composiçaõ da alma, e ainda para a externa compostura da sua pessoa. O seu santo temor, o declarava; porque sendo por estas duas razoens, que ficaõ ditas, muy grande a ancia que tinha em celebrar todos os dias o tremendo Sacrificio da Missa, para saciar com aquelle Divino bocado a espirital fome da sua alma, muitas vezes se abstinha de o fazer, recolhendo-se dentro em si, e no profundo conhecimento do seu nada, com huma humildade summa, e temor reverencial, fundado no sentir da sua propria baixeza, e da altissima perfeiçaõ, que conhecia ser necessaria para fazer taõ tremendo Sacrificio, tratar com suas maõs, e receber em sua alma tanto, e taõ ineffavel Sacramento, como o do Corpo Santissimo de Christo.

263. Mas como era taõ efficaz a ancia de refazer as forças da sua alma com aquelle suavissimo Paõ dos Anjos, nestes dias, que se privava por humilde de celebrar o Sacrosanto Sacrificio da Missa, entretinha a sua reverente devoçaõ com as espirituaes communhoens, que fazia nas particulares, que ouvia, com huma fé muy viva, huma charidade perfeita, hum notavel, e conhe-

cido aproveitamento ; e ao tempo que o Sacerdote fazia a fracção da Hostia, fallando interiormente consigo, dizia : O' alma minha, ja partem o paõ celeste, chega, e pede tambem a tua parte, pois he para todos, chega. E quando o mesmo Sacerdote o consumia, com elle, e com enternecidos colloquios, espiritualmente commun-gava ; e o mesmo fazia na consumpção do Sangue de Christo, pondo os olhos no Caliz, considerando nelle hum mar de Sangue recolhido das rasgadas vêas do Innocente Cordeiro nas breves margens daquella cópa, alli se applicava a beber como nas perenes fontes de seu Salvador. Perguntava-lhe seu companheiro, que era hum Religioso de espirito, que com elle communicava sobre materias mysticas do seu aproveitamento, pedindo-lhe direcções para este santo exercicio, o como se devia preparar para elle ; e respondia-lhe nestas breves, e singélas palavras : Eu quando chego áquella Sagrada Meza, chego-me a ella, como pobre, e mendigo, manifestando a Deos a minha necessidade, e assim me disponho, e chego a recebê-lo com fé viva, e dezejo efficaz de que entre em minha alma a fazê-la morada digna da sua Divina, e humana Magestade.

264. He o Sacramento Santissimo do Corpo de Christo hum abbreviado Mappa da sua Payxaõ, pois para viva memoria della foy instituido, e deixado aos homens no mundo pelo mesmo Senhor, e para hum, e outro foy extremado o culto de Religiaõ, que resplandeceo no venerando Padre. Dos affectos, e suaves Meditaçoens, com que se offerecia, e exercitava na presença do Senhor Sacramentado, passava para os sentidos, e dolorosos da sua Payxaõ, acolhendo-se quasi sempre do Sacramento Santissimo do Corpo, para o das Chagas do mesmo Corpo do Senhor ; porque, sem sahir da Capella mór, como fazia no devoto exercicio da sua Viasacra, e Passos da Payxaõ, alli diante do seu Altar, e na presença deste Senhor Sacramentado, considerando-se em estado

de peregrino, e pobre neste mundo, e formando das cinco Chagas cinco Templos, ou sagradas habitações, dispunha o seu espirito para a devota vizita de cada hum daquelles mysticos Santuarios, onde hia buscar a Deos, e pedir-lhe o soccorro, e esmóla de particulares virtudes, com que pudesse substanciar, e enriquecer a sua pobre, e necessitada alma. Chegava com esta espiritual romagem ao Templo da Chaga do Pé esquerdo, e alli todo prostrado, humilde, e devoto pedia as tres especiaes virtudes, que della pôdem tirar os mysticos, e contemplativos, que saõ, conhecimento proprio, humildade, e obediencia. Desta sahia para a do Pé direito, e da mesma sorte pedia as tres virtudes, que lhe correspondem, mortificaçãõ, conformidade, e paciencia. Daqui subia á da Mão esquerda, e pedia temor, fortaleza, e resignaçãõ; passava á da Mão direita, e pedia pureza, compayxão, e misericordia; e assim carregado ja de tantas, e taõ preciosas joyas de virtudes, e graças, chegava ao ultimo Santuario da Chaga do Lado, e dezejando fazer nelle eterna morada, e tomar o ultimo repouso o devoto peregrino, entrando com devotas saudaçoens, amorosas Jaculatorias, prostraçoens profundas, ancias, suspiros, lagrimas, e affectos, pedia todo submisso, e humilhado, como fundamento para as mais virtudes, a da Fé, Esperança, e Charidade, e pedindo licença primeiro, como nos mais, para entrar neste santo Templo, nelle ficava como abstrahido de todas as cousas deste mundo, e todo entregue só a Deos. Era este para o venerando Padre hum dos seus mais devotos, e estimados exercicios, e de tal maneira se achava elevado nelle, que muitas vezes não podia passar de hum para outro Templo, e sahir de huma para outra Chaga, e neste cazo obedecia com toda a resignaçãõ á vontade do Senhor, detendo-se, e recebendo em cada hum delles aquellas espirituaes consolaçoens, e mysticos sentimen-

tos, que lhe communicava a liberalidade Divina, e pôde sentir, mas não sabe explicar a fraqueza humana.

265. Assim resplandecia no venerando Padre o culto devido ao Senhor em seus Mystérios, e não se esmerava menos no que tocava aos seus Divinos Officios, observancias dos seus preceitos, guarda das suas Festas, e ceremonias santas da Igreja. Nenhuma lhe parecia menos necessaria, huma vez que era ordenada para o seu Divino culto, e assim foy pontualissimo em a sua observancia. Com este religioso espirito de perfeição, se preparava anticipadamente para qualquer acto do coro, ou Altar que lhe tocava, ainda que fosse o de ler só huma Lição, que o não fazia, sem o prever primeiro, por evitar no Divino culto do Senhor o minimo defeito. Quando pelas occupaçoens do seu cargo, sendo Prelado, ou por algum emprego da Obediencia, em quanto subdito, não lhe era possível rezar no coro com os mais o Divino Officio, sempre o recitava, ou de joelhos, ou em pé, e nunca sentado, só quando lho não permittia a força de alguma enfermidade. Da pureza da alma, com que dezejava celebrar o tremendo Sacrificio da Missa, ja fica notado no que dissemos, quando por este respeito se abstinha de a celebrar algumas vezes. Aos Sacerdotes, ainda aos mais modernos, e de inferior graduacão, sempre attendia com particular respeito. Os dias de Festa procurava santificar, accrescentando, como tambem se disse, aos seus costumados exercicios, e mortificaçoens, outras mais particulares, com o santo fim de desaggravar em parte as exorbitantes desordens, com que os mesmos fieis, e filhos da Igreja, por descuidos da sua obrigaçã, os costumaõ profanar.

CAPITULO X.

Do obsequioso culto do P. Fr. Melchior a Maria Santissima.

266. Desde os seus primeiros annos se começou a mostrar este venerando Padre muy officioso, e com todo o affecto, e vontade dedicado ao serviço, e culto desta Senhora, e depois com os annos chegou a tanto extremo a sua veneraçã, e obsequio a tudo o que lhe dizia respeito, que nada podia fallar, sentir, ou meditar sobre os particulares Mystérios da sua vida, que não fosse acompanhado com huma larga, e continuada profuzaõ de lagrimas, e interiores affectos. He certo, dizia o venerando Padre, que ninguem póde chegar ao Pay senão pelo Filho, como diz o Evangelho, e eu sinto, que ninguem póde chegar ao Filho, senão pela Mãy. He a Virgem porta do Ceo, e como poderá entrar no Ceo, quem não entrar por esta porta? Para a ter patente a costumava elle vizitar com repetidos golpes de varias devoçoens, entre as quaes teve o primeiro lugar a da Sagrada coroa dos seus gozos, praticada em a nossa Religiaõ, e ensinada nella pela mesma Senhora ao venturoso Novico, que a piedosa Mãy coroava com tantas flores, quantas eraõ as saudaçoens Angelicas, que sahiaõ da sua bocca. Era summa a alegria, que lhe entrava, quando via alguma pessoa com o Rosario na mão, e dizia para ella: Depois da Cruz, não ha melhores armas que estas, para nos defendermos do inimigo commum; porque em fim saõ armas, ou prendas da Rainha dos Anjos. Do entranhavel affecto, que tinha a esta Senhora, lhe nasciaõ os intensos dezejões, de que todos adoecessem desta devota, e amorosa Payxaõ; e assim no pulpito, como no confessionario, e a todos quantos tratava persuadia a sua devoçaõ. Quando doutrinava aos Indios, repartia com elles muitos Rosarios,

rogando-lhes com carinho, e amor, que todos os dias o rezassem, e para effeito de os haver, os aceitava de alguns amigos espirituaes, e bemfeitores, e tambem os repartia com os Religiosos Missionarios para o mesmo effeito. Para os mesmos Indios compôs tambem alguns Canticos espirituaes na lingua da terra, para que os estudassem, e com elles todos os dias saudassem a Senhora na sua Imagem, que havia mandado collocar em cada huma das Igrejas da sua Doutrina.

267. Algumas burlas lhe armou o demonio para o divertir desta devoçãõ. Achava-se em huma occasiaõ recolhido á caza da Enfermaria, e pegando por noite nas suas contas, para alliviar com ellas a carga da enfermidade, sentio que lhe tiravaõ o Rosario das mãos, e com o cuidado de o não achar, chamou pelo Enfermeiro, que trouxesse luz, e buscando-o não appareceo, e entãõ fallando ao Irmão, lhe disse com hum semblante muy alegre: Nem isto tampouco me ha de turbar, mediante a graça Divina, nem ha de ser bastante a que me prive da minha devoçãõ; fazei-me mercê do vosso Rosario, que isto me faz o inimigo commum, para me inquietar; mas desta vez não ha de fazer a sua, antes lhe darey mayor pezar, dobrando hoje a minha reza: e ao outro dia se achou o Rosario no Capitulo aos pés da Imagem da Senhora, que nelle se venera.

CAPITULO XI.

Da virtude da Fé do venerando P. Fr. Melchior.

268. As tres Virtudes Theologaes, Fé, Esperança, e Charidade, que, como graças especiaes do Ceo, são a sobrenatural formosura das almas, parece que á competencia se empenharaõ a communicar lustres á do ve-

nerando Padre Fr. Melchior : e sendo estas o fundamento de toda a perfeição Christã, a sua Fé principalmente se transfundia por todas as operaçoens da virtude da Religião do Servo de Deos. Tudo aquillo, que não vemos, he credito da Fé, e substancia do que esperamos. Nesta foy sem duvida, a esforços da graça, muy fortalecido, e vigoroso o espirito do venerando Padre desde os seus primeiros passos no caminho da virtude, e assim como crescia na perfeição desta, se hia augmentando nelle aquella ; porque he certo, que cobra forças a Fé, com os repetidos actos de virtude, e Religião. Desta viva Fé lhe nasciaõ os fervorosos dezejões de derramar o sangue em testemunho da sua verdade, de que se seguia a grande veneração, que mostrava áquelles Santos, que pela sua confissão deraõ as vidas, e lograõ na Igreja o titulo de Martyres. Tanto se cativava desta virtude, que fazia fineza de crer sem ver, fechando os olhos do entendimento a tudo o mais que não era obsequio seu ; e assim dizia algumas vezes : Eu confesso, que mais seguro me acho quando padeço interior, ou exteriormente, sem esquadrinhar os seus *Porquês*, pois entãõ caminho com mais fé, e sinto, nesta obscuridade de trevas, mais abundante luz. Daqui lhe nascia o grave respeito, com que tratava os Mestres, e Theologos. Era singular o apreço, que fazia dos Prégadores, especialmente dos que o faziaõ com espirito, e desengano ; porque supposto, dizia, que todos o devem assim fazer, reparte Deos a huns mais graças para isso, que a outros. Os que prégaõ com fervor, e espirito, prégaõ a Deos ; os que o fazem por outro respeito, prégaõ-se a si : os que dizem a palavra de Deos com espirito, imprimem-na no coração ; os que a prégaõ sem elle, deixaõ-na nos ouvidos : mais se obra em hum Sermaõ de proveito, do que em todos os de gosto ; porque naquelle póde-se render a vontade, neste só se entretem o entendimento ; e por isso quando ouvia algum Sermaõ mais fundado na

vaã rhetorica das palavras, do que no solido, e substancial da doutrina, ainda que o naõ censurava com vozes, na demissaõ do aspecto mostrava o seu desgosto.

269. Era para o venerando Padre de grande consolo, quando sahia, ou mandava aos seus Religiosos prègar ao Gentio, na consideraçaõ, de que por este meyo podia dilatar-se a Fé entre tanta multidaõ de Babara gente, e exporem-se tambem por ella os seus Prègadores a hum vivo, e dilatado martyrio, que o faltar-lhe o sangue, e a morte para elle, parece lhe naõ tirava este merecimento; tanto aos que o dezejavaõ como Ministros Evangelicos, como aos que sóra deste dezejo o padeciaõ sem duvida, nos grandes perigos, trabalhos, e zelo da salvaçaõ de tantas, e taõ necessitadas almas.

270. O zelo santo da Fé em nenhuma cousa se exemplariza melhor, que na sua defensa; e no sentimento vivo das continuas perseguiçoens, que padece a Igreja Catholica, e os seus fieis. Era excessiva a dor, que sentia o venerando Padre, quando ouvia repetir, ou lhe occorria á memoria, o que em odio na santa Igreja, e Fé Catholica, executava a heretica perfidia dos seus inimigos, e assim se affligia tanto, como se vira presentes, blasfemar estes, e padecer aquella, e chorava com igual charidade o damno temporal de huns, e a perda eterna de outros. Quando ouvia similhantes excessos, costumava pôr-se na presença de Deos, e derramando lagrimas, e sentimentos, fazia quanto era da sua parte por satisfazer com actos de piedade, o que com obras sacrilegas era offendido o Senhor por seus inimigos.

CAPITULO XII.

Da virtude da Esperança do venerando Padre.

271. He a Esperança, como virtude nas tempestades da vida, a anchora segura da alma Christã, medicina efficaz das nossas desconfianças, vinculo forte da graça, e prenda inextimavel da gloria. Em gráo heroico teve o venerando Padre Frey Melchior esta virtude, e nella se exercitava continuamente, repetindo com S. Boaventura estas palavras: Oh Esperança do Ceo, que tanto confias, quanto alcanças! Em todos os seus projectos, e acontecimentos, e naquelles principalmente, que havia descobrir o tempo, levantando o coração a Deos, repetia com ternissimo affecto aquelle verso do Rey Profeta: Em vós Senhor esperey, estou certo, e livre de toda a confuzão e sobresalto. Este foy sempre o forte escudo, com que rebatia continuamente os atrevidos affectos do commum inimigo nas tentações, que lhe offerecia, suggerindo-lhe timidias desconfianças sobre a sua salvação, impossibilidades notorias de poder continuar na aspezeza das suas penitencias fundadas em a natural debilidadade da natureza, e no vivo conhecimento da humana fragilidade, e do pouco, que podia para as operações da graça, carregado com o pezo das payxoens humanas, e da natureza viciada. Mas o Servo de Deos, posto diante do Senhor, lhe sabia dizer desde o intimo da sua alma: *Ainda que miseravel, e fraco, assim espero, Senhor, em vós, que não serey confundido; porque me ha de livrar a vossa santa protecção. Bem conheço, Deos e Salvador meu, que as minhas culpas tem merecido muitas vezes o inferno; mas tambem sei, que a vossa piedade não quer a morte do peccador. Vede, Senhor, que por muitos titulos sou vosso: vós me creastes, vós estampastes em minha alma a vossa Imagem, e me fizestes á vossa*

similhança; vós me conservais o ser, que me destes; vós me remistes do miseravel cativeiro do demonio; vós me consagrastes para vós, não só em o bautismo pela graça, mas tambem por ella no estado Religioso. Vós em fim me puzestes neste mundo para que vos servisse nelle, e depois vos louvasse eternamente na Gloria: e assim, Senhor, pois que por tantos titulos sou vosso, a vós vos toca o defender-me, e livrar-me, para que não digaõ meus inimigos que haõ prevalecido contra mim; e por isso espero em vós o perdaõ do que vos hei offendido; em vós epero a graça para não tornar a cair, em vós os auxilios para poder perseverar nella, e em vós espero a Gloria, para onde me creastes, movido só da vossa summa bondade, e infinita misericordia.

272. Com estes, e semelhantes actos de esperança firme, rebatia o Servo de Deos as fortes baterias do inimigo nas occasioens referidas, e em especial em a obscura noite dos seus mysticos desamparos, e espirituaes seccuras da sua alma, trabalhando muito por lhe fazer palpaveis tão funestas sombras; mas o Servo do Senhor, acastellado sempre em a fortaleza segura da esperança em Deos, desfez todos os ataques da sua diabolica astucia. Com este mesmo certo, e delicado fio da esperança em Deos, tirou do intricado labyrintho da perdição a muitas almas, confortando aos que lhe communicavaõ algum negocio arduo, e difficultoso, de que pendiaõ, em não o conseguir, damnos, e riscos irreparaveis, assim no temporal, como espiritual, e fortalecidos pelo Servo de Deos, a fixar no Senhor com firme esperança o seu fim, o tiveraõ muy feliz. *Esperemos em Deos* lhes dizia a todos: *porque assim conseguiremos o que esperamos, crendo firmemente, que tanto teremos de bom successo, quanto tivermos de esperança em Deos.* E se era pessoa, a quem com mais confiança lhe podia manifestar os secretos do seu coraçãõ, lhe dizia com muita singeleza: *Eu me tenho achado muito bem com esta confiança; por*

que em todos os meus trabalhos, e duvidas, assim as que pertenciaõ ao estado da minha alma, como a outros respeitos particulares, sempre me puz na presença de Deos, e com isto consegui o ajudar-me sempre. Confesso que algumas vezes via os remedios taõ difficultosos, e taõ escuras as duvidas, que qualquer, que as tivera as julgara, medindo-as pelas regras naturaes, impossiveis para se conseguirem; mas em todas estas tribulaçoens, e entre lantãs trevas, sempre me ficava hum resquicio de luz interior, e esperança certa, como hum delgado fio, a que me pegava, e com que vinha a sahir daquelle labyrintho do meu espirito, vendo conseguidos com felicidade os meus bons dezejõs, contra as mayores, e mais fortes opposiçoens; porque o que firmemente espera em Deos, não se confunde.

CAPITULO XIII.

Da Virtude da Charidade do Servo de Deos.

273. O mais nobre objecto das virtudes Catholicas, he a Charidade, meyo, e fim de toda a vida espiritual, e no que principalmente resplandece, he em conservar a alma em graça; porque, assim como he impossivel subsistir a graça sem a charidade, vay a charidade cada hora dando augmento á graça. Esta excellente virtude lançou logo desde o principio muy profundas raizes em o coração do venerando Padre Fr. Melchior, e primeiramente pelo que toca ao superior, e sobreeminente desta virtude, explicada pelos amorosos affectos, e admiraveis effeitos para com Deos. Desorte que, assim como á vista do Sol parece que não luzem as Estrellas, ainda que estão no Ceo, porque em a fogoza claridade daquelle Planeta mayor, ficão como absortas, e embebidas todas

as mais luzes; assim á vista da charidade do Padre Fr. Melchior, e do seu amor para com Deos, parece naõ resplandecem as mais virtudes suas; porque no profundo golfo dos fervores da sua abrazada charidade para com o Senhor, se naõ desapparecem, se transfundem todos os luzimentos de cada huma dellas. Tanto se ateava no seu coraçãõ a chamma deste Divino fogo, que nunca se achava sem este amoroso affecto, devido a seu Creador, brotando continuamente daquella fogaça fragoa incendios de interiores, e espirituaes sentimentos. Para dezafogo deste seu entranhavel affecto, ou como effeito da sua charidade, tinha por devoçãõ, e o continuou por toda a vida, repetir ás horas do relogio, estas Jaculatorias, ou actos internos destas tres principaes virtudes, que taõ radicadas as tinha em sua alma: *Deos, e Senhor meu, em vós creyo, a vós amo, e em vós espero.* Sem que disto o divertissem, nem ainda as occupaões mais serias.

274. E porque os affectos sem obras naõ bastaõ a qualificar, ou dar a conhecer toda a valentia do amor, porque este nas obras he que se conhece, com estas he que declarava o venerando Padre os seus affectos. Destes lhe resultava aquella elevada attençãõ a Deos para executar promptamente sua santissima vontade, ainda em o mais minimo ponto que fosse, ou entendesse era do seu agrado. A'quelle cuidadozo desvêlo de naõ obscurecer o cristal puro da Divina Ley, nem com o menor sopro, ou descuido da mais leve imperfeicãõ; aquelle estreitissimo vinculo, com que atado pelos tres votos essenciaes da Religiaõ, guardando ao pé da letra a santa Regra, se naõ soube nunca desatar do apertado no, com que pela profissaõ della ficou ligado; aquellas continuas ancias de padecer com Christo crucificado, trasladando em seu corpo, e alma todas as suas dores, e penas; no corpo com cilicios, e diciplinas, jejuns, vigílias, e todas as mais penalidades com que o quebran-

tava : na alma, com afflicções, tristezas, e desamparos: aquelle dezejo de seu proprio desprezo ; aquelle alegre soffrimento em suas dores, achaques, molestias, e de todos os mais trabalhos de sua vida ; tudo isto que foy, senão hum descoberto, e avultado pulso da ardentissima febre do amor de Deos, e charidade Divina, em que se abrazava ?

275. Isto he considerando a charidade do Servo do Senhor, por aquella linha, que chamaõ vizual, e se termina a Deos ; que por aquella parte, que se liga, e vay rematar com o proximo, não se estendiaõ a menos os espaços da sua charidade, assim dentro, como fóra de si. Dentro em si ; porque, logo que se entregou ao doce cativoiro do amor Divino, firmou em seu coração estas altissimas verdades : Que o amor de Deos devia resplandecer no amor do proximo, como no que se mostra a copia, se conhece o que se tem ao Original : Que todos seus proximos eraõ obra da Divina mão, feita á sua Imagem, e similhaça, rubricada com o seu Sangue, e a quem dava todo o valor o grande preço de seus infinitos merecimentos : Que quem diz, que ama a Deos, a quem não vê, e não ama a seus Irmãos, que são imagens a quem vê ; esse se contraria a si mesmo, e mente em suas obras, no que confessa com as palavras. Com a altissima impressaõ destas catholicas, e importantes maximas, estendia aos proximos o seu amor, expressando-o heroicamente em a pratica de tudo aquillo, que se ordenava ao bem de todos.

276. Exercitada deste modo a charidade do proximo dentro em si mesmo, a estendia tambem fóra de si ; porque he a virtude da charidade taõ admiravel, liberal, e benefica, que diffundindo-se por todos, se communica de Deos para as creaturas, das creaturas, huma para outras, e destas para o mesmo Deos. Neste exercicio foy singularissimo o venerando Padre, ajudando-o muito para elle, a natural inclinaçaõ, que era summa-

mente benigna, realçando esta mais com aquelles, que, como mais necessitados, mayor affecto lhe levavaõ, que era o da salvaçaõ das almas, de que vio abundantes fructos. He verdade que muitos destes, ou os mais delles, ficaraõ occultos aos olhos do mundo; porque como pertenciaõ ao interior do espirito, naõ se expunhaõ a ser vistos: mas nem por isso devem perder o credito, e estimaçaõ, como o naõ perdem as pedras preciosas produzidas occultamente, e guardadas no centro da terra; e assim só referiremos algum particular, que por escripto achamos apontado, deixando outros, que ouvimos por tradiçaõ, e por naõ amontoarmos cazos identicos.

277. Perturbava o commum inimigo a certa pessoa secular, a quem confessava, e dirigia o venerando Padre, molestado-a com interiores tentaçoes, e apparentes desconfianças da sua salvaçaõ, e perda eterna, com taõ vehemente impulso, que em huma occasiaõ esteve a perigo de se lançar despenhada sobre o profundo pégo de huma arrebatada corrente, e o executára sem duvida, se ao tempo de o querer pôr por obra, lhe naõ fallara ao interior da alma huma voz, que se lhe figurou dizer: *Busca a Fr. Melchior, que te ajudará a livrar desse perigo*, e voltando sobre si, buscou o Padre, e com as suas direcçoes se achou livre, e aproveitada.

278. Fazendo doutrina ao Gentio domestico de humra das Missoens, onde mais vezes costumava assistir, sobre a morte, e encarecendo a sorte dos que a merecem ter boa naquella hora, pelas suas obras, guardando a Ley de Deos, e seus mandamentos, o fez com tanto fervor de espirito, e com hum taõ santo zelo de charidade, de que fizesse fructo naquellas almas esta doutrina, que além de ser ouvido por esta vez com particular attençaõ de todos, depõs, e disse hum Indio, dos que o ouviaõ, mais devoto, e espiritual, que vio se mudára o rosto do Prégador em huma alegre luz, e vistoza claridade, e que por tres vezes resplandeceo tanto, que lhe pareceo, cu-

carecia elle, vira a cara do Sol, no rosto do Padre ; e taõ penetrado ficou o coração daquelle Indio com este rayo de luz, que indo de bem a melhor no caminho da virtude, deixou boas esperanças de que conseguiria por fructo da doutrina do Padre huma boa morte. Do que se segue tambem, que em nenhuma outra fórma podia mostrar melhor o Ceo o ardente zelo da charidade do seu Servo, do que nos resplendores activos da luz do Sol ; porque assim como este para beneficio do mundo por todo elle diffunde a virtude dos seus rayos, assim o verdadeiro charitativo, sem excepção de pessoas, se communica a todos. O Sol infundindo-se pelas entranhas da terra, o charitativo entranhando-se pelos corações do proximo.

279. E se o Sol, penetrando a terra até o seu mais profundo centro, vay dar espiritos com o seu calor aos mais puros metaes, para assim ficarem mais apurados ; o P. Fr. Melchior, como luzeiro mayor da charidade, até dentro ao Purgatorio hia purificar com soccorros espirituaes as suas almas. Destas foy em grande maneira compadecido. *Estas, dizia, são os mayores, e melhores pobres: melhores, porque amigos de Deos; mayores, porque, sendo taõ necessitados, nem por si, nem por outrem sabem pedir o seu remedio.* Era para ellas taõ particular o seu cuidado, que dia nenhum deixava de as socorrer com suffragios, oraçoens, indulgencias, e exercicios penaes, e especialmente dedicava para ellas o dia de Segunda feira, applicando-lhes com mais particularidade quanto lhe era possivel a este intento. Para o mesmo repartia tambem pelos devotos muitos Rosarios, Cruzes, e veronicas, dizendo-lhes, rezassem por ellas pelas almas, applicando pelas mesmas as graças, e indulgencias, que pelos Summos Pontifices eraõ concedidas por modo de suffragio, presando-se muito o venerando P. de ser hum geral Procurador das almas do Purgatorio, e permittindo o Ceo, como a tal o buscas-

sem algumas para allivio das suas penas. Estando em oração por noite, ouviu, que o chamavaõ pelo seu nome, e conhecendo a voz, que era de hum Religioso, que se achava em outro Convento, lhe respondeo: Que quereis filho? Venho, Padre, (lhe tornou) a pedir-vos encommendeis a Deos a minha alma, assim como o fazeis a outras muitas. Ao outro dia disse o venerando Padre ao seu confessor: he morto Fr. Francisco, que assim se chamava o defunto, encommendemo-lo a Deos. Observou-se o dia, e dahi a cinco chegou a nova do seu fallecimento, naquella mesma noite, no Convento da Paraiba, em distancia de trinta legoas da Casa de Olinda, onde se achava o venerando Padre.

CAPITULO XIV.

Das virtudes moraes do venerando P. Fr. Melchior.

280. Saõ as virtudes huma rica, e formosa cadêa, com que se prendem, e ataõ fortemente com Deos as almas perfectas, seguindo-se na ordem com que cada huma fórma a sua, e lhe põem os enlaços, ou, como dizem, os êlos, os de ouro primeiro, e depois os de prata; porque ás virtudes Theologaes, como primeiras, se seguem as moraes; aquellas, todas ouro por mais subidas, estas, como de prata, por mais sonoras; ao menos saõ de som mais corpulento ao sentir dos mundanos, que como rudes as intelligencias do espirito, estimaõ as cousas, naõ pelo que saõ, mas pelo que foraõ; naõ pelo melhor valor que tem, mas pelo mayor som, que fazem. Porque mais sôa sem duvida aos ouvidos do mundo a paciencia, mortificação, os jejuns, diciplinas, e outras semelhantes operaçoens exteriores, que produzem as

virtudes moraes, e se vem com os olhos, e percebem pelos ouvidos, do que os actos de Fé, Esperança, e Charidade, que, como interiores, só os vê, e conhece Deos; e por isso, ainda que estas virtudes sejaõ como o ouro de mais pezo, e valor, intrinseco, aquellas fazem como a prata mayor som. Muito grande o fizeraõ sempre, e muito mayor, que a sua Fé, Esperança, e Charidade, que só Deos as via, e conhecia as suas virtudes moraes, que praticava, e viaõ os homens. A paciencia, a piedade, a mortificaçaõ, a abstinencia, o silencio, a humildade, a obediencia, a pobreza, a castidade, o zelo, e perseverança.

281. A paciencia; porque esta em ordem ás creaturas he resignaçã, e a resignaçã a respeito de Deos, he paciencia; desta de hum, e outro modo deixamos dito o que basta pelo decurso de sua vida, e em todos os seus trabalhos assim do corpo, como do espirito. Da piedade; bem o mostrou para com todos, que como esta he irmã legitima da compayxaõ, e filhas ambas da charidade em ordem aos proximos, tambem della fica dito muito. Da mortificaçaõ; nas penitencias, açoutes, cilicios, e outras mais penalidades, de que tambem se disse bastante. Da abstinencia; nos jejuns, fomes, e sedes, que padecia continuamente. Do silencio; porque naõ só o guardou inviolavel naquelles tempos, pela Religiaõ determinados, tambem tinha de mais horas escolhidas, e particularmente nas Vigalias das Solemnidades mayores da Igreja. Por elogio desta virtude, costumava dizer aos Religiosos em algumas praticas espirituaes estas palavras, que bem podiaõ servir de maximas para toda a pessoa, que especialmente dezeja aproveitar: *Se quizermos viver em soledade, ainda entre os homens, guardando com elles silencio, a acharemos; porque, se a soledade he huma abstracçaõ de todas as cousas, esta se acha no silencio, especialmente naquelle, que se pôde guardar, ainda quando fallaõ os mais.* Daqui lhe nas-

cia, que nas praticas commûas, a que se naõ podia excusar, ainda que os ouvidos faziã o seu officio, sempre se remettia ao silencio; porque dizia: *Que o silencio devia ter estas propriedades: havia ser humilde, cortês, recolhido, devoto, e mortificado; porque, que mayor humildade, que calar, quando os outros follaõ! que mayor cortezia, que ouvir quando os mais discorrem! que mayor recolhimento, que viver dentro de si, fechando as portas ás palavras! que mayor devoçaõ, que ter o interior resignado, e o exterior composto! e que mortificaçaõ mayor, que ter prezo, e atado na bocca, este inquieto animal, a que chamamos lingua!* Com estas, e outras semelhantes razoes, alentava aos Religiosos á observancia desta excellente virtude, confirmando-os juntamente nella com o seu exemplo.

282. Da humildade; foy raro exemplo desta, a summa demissaõ, e o baixo conceito, que formava de si em toda a materia, e especialmente em pontos de virtude, affligindo-se interiormente, quando entendia que o tinhaõ por bom, e perfeito, formavaõ delle esta opiniaõ; sendo hum dos mayores tormentos que lhe podiaõ dar, o tratarem-no com alguma distincçaõ, por este respeito, assim entre os mesmos Religiosos, como seculares. Disto se queixava com grande magoa algumas vezes a outros mais intimos irmãos, e companheiros.

283. Da obediencia; como esta virtude he o fundamento da vida Religiosa, e perfeita, foy tambem a que mais fundas raizes lançou no coração, e alma do Servo de Deos, ajudando-o muito para a verdadeira execuçaõ della, a brandura, e docilidade do seu genio. Nunca achou nelle resistencia o preceito dos Superiores; porque á voz destes attendia sempre, como ordenada pela boca de Deos. Foy taõ pontual em obedecer, e prompto em executar, que a quem naõ considerava as suas açoes, á luz do espirito, pareceriaõ excessos de capricho, o que só eraõ effeitos de obediente. Bem o mostrou so-

bretudo na promptidaõ, e conformidade, com que abraçou, e deo execuçaõ ás ordens do Reverendissimo P. Geral para a jornada, e empreza do Brasil, exposto por ella a tantos inconvenientes, e difficuldades, como nella se lhe deviaõ representar, e lhe mostrou a experiencia. Mas a tudo se sujeitou, e venceu com a fortaleza deste preceito, e como obediente cego. Depois da que tinha aos Prelados, foy singularissimo na que devia aos seus Confessores, e Padres espirituaes. *O meu Confessor*, dizia elle, *he a guia, que Deos me tem assignado nesta vida, para me não perder no caminho da salvaçaõ; e assim, com lhe obedecer, asseguro a viagem.* Foy necessario, por assim o julgar conveniente o seu Confessor, ja pelo excesso das suas penitencias, como pela falta de saude, pôr-lhe preceito, que não fizesse alguma fóra das ordinarias da Comunidade, sem sua licença, e foy nisto taõ pontual, que nunca se atrevco a faltar a este preceito, e alguma vez disse, que a parte principal da penitencia, que queria fazer, era aquelle pejo natural com que chegava ao seu Confessor a pedir-lhe a licença para ella, e acrescentando: *Mas ainda assim, eu acho duas cousas muy seguras neste trabalho: a primeira, he, ser isto de mais merecimento, a segunda, que ja sei o quanto posso fazer, sem exceder as minhas forças, nem defraudar a Religiaõ; porque, com esta licença, não corre por minha conta a que devo ter com a minha pessoa.*

284. Da pobreza; não podia deixar de ser taõ perfeito na sua observancia, quem logo dos seus principios foy taõ amante desta virtude, como a que he base fundamental da Religiaõ Serafica, e todo o seu patrimonio, e á qual o Santo Patriarcha, e seu Instituidor, chamava, por excellencia, a sua Senhora Santa Pobreza.

285. Da castidade, ou pureza; na que guardou por toda a vida, assim na alma, como no corpo; pois diz huma memoria dos primeiros Fundadores desta Custo-

dia, fallando do Padre Fr. Melchior, assim : *Tem-se por certo, que chegou este Servo de Deos a tanta perfeição, que sempre conservou a graça do bautismo.* Do zelo ; do que teve da salvaçã das almas, e especialmente da conversaõ do Genticio. Da perseverança finalmente ; porque, sem affroxar hum ponto no caminho da virtude, indo sempre de huma para outra, e aperfeiçãoando-se em todas, se fez consummado, e perfeito diante de Deos.

286. Nem lhe faltou por fim, e para a coroa de todas estas, e outras virtudes, de que Deos dotou com maõ liberal a alma deste venerando Padre, aquella especial, a que chamaõ graça de previzaõ, ou dom de profecia sobre successos futuros, ou ja acontecidos, e occultos naturalmente á noticia dos homens. Tinha o Servo de Deos em a Villa de Olinda hum particular devoto por nome Christovaõ Paes ; pessoa das principaes daquelle Paiz ; e a quem o venerando Padre amava tambem muito, como a homem sincero, e de bom viver, e por isso lhe chamava communmente o Portugal Velho. Achava-se a mulher deste muito mal, e julgada pelos Medicos com perigo, e enfermidade mortal. Com esta afflicçaõ se foy o homem ao Convento buscar o P. Fr. Melchior, a communicar-lhe a sua pena, e a pedir-lhe rogasse a Deos pela saude da enferma. Prometteo-lhe o Padre de o fazer, ainda que com a sua costumada humildade, e repugnancia ; e quando o homem esperava pela ultima hora de vida na doente, conforme aos symptomas do achaque, tornando a ver-se com o Padre ao outro dia, lhe seguiu tivesse confiança em Deos, que sua mulher teria melhora brevemente ; e assim foy, porque quando chegou á sua caza, já a achou com melhora na molestia, e em poucos dias a teve perfeita.

287. Determinava o Capitaõ Joaõ Tavares, morador de Olinda, e Pay do P. Fr. Manoel da Piedade, que mataraõ os Olandezes na tomada do Forte de Cabedello, fazer, por ordem dos Governadores, huma entrada ao

Sertaõ, contra o Gento Putyguaré*, e indo este ao Convento a tomar a benção ao venerando Padre, como seu devoto que era, e a pedir-lhe o encommendasse a Deos para o bom fim da tal empreza; o Padre o recebeo com carinho, mas mostrando-se pouco satisfeito do seu intento, lhe disse: *Nunca me pareceo bem, Senhor Capitaõ, o empenho, com que me dizem procuras-tes esta conducta, Deos lhe dê nella muito da sua graça*: e despedido d'elle, disse ao seu Confessor: muito me peza da jornada deste Capitaõ; porque me quer parecer que, sem effeito algum nesta jornada, a não ha de conseguir: e assim se verificou; porque, a poucos dias de partido, falleceo no caminho.

288. A outro taõ es quecido da sua alma, que havia dezoito annos continuava em huma occasiaõ de peccado, e occulta, e se mostrava muy devoto do venerando Padre, com huma leve, e amoroza reprehensaõ, que lhe fez, dando-lhe a entender nella, tinha conhecimento interior do seu máo estado, o moveo a lançá-la para sempre fóra; e dizia depois este homem, que para se livrar de semelhantes perigos, bastava lembrar-se, que se havia ver na presença do Padre Custodio Fr. Melchior.

289. O sonoro écho de taõ repetidas, e heroicas virtudes, de tal sorte occupou, e encheo os ouvidos todos dos habitadores destas partes do Brasil, por onde discorria o venerando Padre, e principalmente os de Olinda, onde era mayor a sua assistencia, e communicaçãõ, que pelo conhecimento pratico, vida justificada, e fama constante de virtuoso, era vulgarmente chamado de todos, o Custodio Santo, o Santo Fr. Melchior. E sem duvida lhe não ficava elle devendo muito pelo obsequio, porque lhe davaõ o que de facto merecia.

* Relator. 2, p. 45.

CAPITULO XV.

Retira-se o Padre Custodio Frey Melchior para a Provincia, onde falleceo com fama de santidade.

290. Nove annos se haviaõ completado desde doze de Abril de 1585, que a Olinda chegara o Padre Custodio Fr. Melchior, até os cinco de Mayo de 1594, em que lhe veyo successor da Provincia. Para ella se retirou neste mesmo anno, e com a sua ausencia da Custodia, que ficou bastantemente saudosa, e sentida pela falta de hum tal sujeito, a quem amava como Pay, estimava como a seu Mestre, e Fundador, e venerava, como a exemplar, e virtuoso, pomos nós tambem aqui o fim, e termo á narraçaõ da sua vida, pela falta de noticias, que achamos dos seus progressos fóra della; o que até aqui temos relatado consta das memorias, e apontamentos, que fazia para ella o Padre Custodio Fr: Thomaz da Presentaçãõ, e diz elle foraõ escritos pelo cuidado, e zelo do Padre Prégador Fr. Rafael de S. Boaventura, de quem ja fallamos, e ainda o faremos mais adiante, Filho desta Custodia, e viveo em tempo do Padre Fr. Melchior, e que tudo constou no que tocava ás suas virtudes por testimonho dos Confessores, e Padres espirituaes, e companheiros do venerando Custodio, e outros Religiosos graves, e de authoridade, e nós assim o referimos, pondo-lhe só de casa o trabalho de o lançar ao nosso modo, e estylo.

291. Retirado para a Provincia, diz o Cartorio desta Custodia fóra lá Diffinidor, e acabara a vida taõ cheya de merecimentos, como de annos, sem declarar o em que fallecera, e como, para ser Diffinidor, o deviaõ fazer Guardiaõ primeiro, por isso dissemos ao principio exercitara lá, depois de Custodio do Brasil, hum, e outro cargo. Em o quaderno 22 * tirado do livro Viridario An-

* Viridar. Anton. l. 6, c. 14.

toniano manuscrito da Provincia de Santo Antonio de Portugal, se diz assim do Padre Fr. Melchior: *Retirado para a Provincia, e vivendo nella o restante da vida, falleceo em Santo Antonio de Lisboa, sendo ja quasi decrepito, mas sempre com entendimento claro, no anno de 1615, e accrescenta logo: Este Servo de Deos, não foy posto no Catalogo dos Religiosos de virtude, que falleceraõ no sobredito Convento, por não termos entãõ noticia delle: esta falta de noticia, supponho, se deve entender de quem escrevia aquelle Viridario, e delle se passou sem duvida ao P. M. Chronista da Provincia, que no Catalogo dos Religiosos de virtude, que descançaõ nos Claustros de Santo Antonio de Lisboa, deixou fóra delles ao venerando Padre Fr. Melchior, se he que o não guardava para outro lugar, e para quando tratasse da fundaçãõ desta Custodia. Nós achamos nella, em os manuscritos ja referidos, que fallecera dia do Evangelista S. Lucas, a 18 de Outubro de 1610, com settenta e dous annos de idade; e por este assento lhe fizemos a conta aos do seu nascimento, tomada de habito, e profissãõ. E quando fosse o da sua morte no de 1615, e ja decrepito, como diz o assento da Provincia, seria entãõ necessario dar-lhe para isso mais dos 72 annos de idade, e o seu nascimento, e profissãõ alguns annos antes dos que lhe assignamos; e assim ficará para o R. Padre Chronista da sua Provincia a averiguaçãõ deste ponto; como tambem do mais que toca á sua vida, e fim della nos vinte e hum, ou vinte e quatro annos, que lá sobreviveo retirado da Custodia.*

292. Para credito mais subido de tudo o que deixamos relatado da muita virtude, e santidade deste venerando Padre, trasladamos aqui humas palavras, que diz o traductor destas noticias as achou escritas da letra propria do venerando Padre Fr. Cosme de S. Damiaõ, de quem a seu tempo tambem se dirá, e poderãõ servir de glorioso Epitafio á sepultura do venerando Padre,

com quem himos a concluir: *Foy o V. Padre Fr. Melchior de Santa Catharina, primeiro Custodio, e fundador desta santa Custodia, hum Varaõ esclarecido em toda a virtude; na paciencia admiravel, soffrendo affrontas, e calumnias, que contra a sua pessoa impunha gente solta, e desalmada, por naõ dar lugar ás suas demasias em defesa dos Indios; nunca aquellas foraõ bastantes para deixar de continuar em suas ordinarias occupaçoens, confessando, prégando, bautizando, ensinando aos Indios, e seus filhos, com muito amor; nem deixava de fazer tudo o que devia para bem das almas de todos os mais fieis. A piedade, e misericordia Christãa, de que este Servo de Deos andava cheyo, eraõ claros indícios da sua muita charidade; e por isso desejava converter á Fé todos os Indios do Brasil; e conhecendo os Indios este amor, que todo o seu dezejo era zelo do seu bem, todos o amavaõ, chamando-lhe Pay Grande, Abarè Guaçú, na sua lingua; e lhe traziaõ seus filhos para os bautizar, e ensinar a doutrina Christãa, sendo causa sua Evangelica vida, de muitos deixarem seus ritos Gentilicos, e se convertessem á nossa Fé Catholica. Na penitencia foy hum pasmo; porque parece tinha seu corpo de bronze para ella. No zelo da Religiaõ, nenhum se lhe adiantou; obrou finalmente tanto neste particular, que vio com seus olhos cinco Fundaçoens, e dezoito Doutrinas. Na Oraçaõ foy continuo, e segundo a opiniaõ de todos, e minha, tenho por certo piedosamente, que está gozando dos bens da Gloria, e que tem nella o premio devido ao seu merecimento.*

CAPITULO XVI.

Vida do Padre Fr. Francisco de S. Boaventura, segundo Fundador e companheiro do Padre Frey Melchior para a Custodia do Brasil.

293. Dous Astros de superior grandeza, duas luzes de mais alta esfera, ou para o repetirmos melhor, e com a mesma propriedade e energia, como o faz o Chronista Sagrado, digamos com elle: duas luminarias grandes fez

Deos a poucos dias, depois que tirou do nada para o ser, esta machina universal do mundo todo; huma foy o Sol, e outra a Lua, ambas grandes por excellencia; mas huma por Superioridade mayor, que he o Sol; e a outra a respeito seu menor, que he a Lua. Naõ as collocou o Senhor nestas precedencias, logo nos primeiros dias da creaçãõ do mundo, ainda que ja entãõ havia noite, e dia; no quarto lhes fez a entrega do governo, e os metteo de posse das presidencias. Isto aconteceu no antigo mundo, quando lhe deo o ser o seu Supremo Artifice, e isto se vio neste nosso mundo novo, quando o mesmo Author Divino o fez patente. Neste appareceo tambem logo entre as espessas trevas da Gentilidade, que o occupavaõ, e a obscura noite da sua cegueira a luz, e o dia da verdade Catholica, formada, e proferida pela bocca dos filhos de Francisco, que como Ministros de Deos, fazendo as vezes deste Supremo Senhor, logo alli fizeraõ tambem separaçãõ de luz e trevas do dia a noite, com a Divina palavra da sua prègaçãõ.

294. Naõ deo logo o Senhor nos primeiros tempos aos filhos de Francisco a presidencia superior de allumiarem como taes este novo Orbe; mas quiz que á proporçãõ, e similhaça da propria luz, que espessa por todo o mundo o allumiava sem precedencia, assim espalhados por este novo Orbe os Religiosos Menores, lhe fossem dando resplendores sem presidencia ou dominio, até que lhe chegou o tempo, como lá á luz o quarto dia, em que desta mesma, que vio o Brasil, quando appareceo, da Familia Serafica, lhe formou duas, como luminarias grandes, huma mayor, como o Sol para presidir ao dia, e allumiar aos seus Religiosos subditos, como primeiro Prelado seu, e Custodio do Brasil, o Padre Fr. Melchior de Santa Catharina; e outra menor, como a Lua, para presidir á noite que foy o P. Fr. Francisco de S. Boaventura, destinado particularmente pela Providencia de Deos Missionario A-

postolico do Brasil, e para allumiar na noite da sua cegueira ao seu Gentilismo.

295. Foy o faustissimo Oriente deste segundo luzeiro do Serafico Orbe Brasilico, o celebre Promontorio Sacro dos Antigos Lusitanos, ou o sagrado monte de Cynthia, assim denominado, por ter nelle a Lua, que elles chamavaõ com este nome, hum famoso, e magnifico Templo, onde a adoravaõ, como Deoza, e reconheciaõ por Divindade; vindo assim a ter o seu berço aquelle, que como luz segunda, ou menor luminaria havia allumiar a escura noite do barbaro Gentio do Brasil, no mesmo lugar, em que presidia a Lua, Planeta segundo, á cega Gentilidade da antiga Lusitania. Mas, porque nos não tóque alguma impertinente critica, sem attender á naturalidade da methaphora, permittida, e uzada na historia, por antigos, e modernos Authores, para ornato delectavel da sua locucaõ, e nos não censurem, de que queremos passar de Chronista a Mitologico, dizemos que foy a fertil, e saudavel Villa de Cintra, cinco legoas distante de Lisboa, na Provincia da Estremadura do Reyno de Portugal, a Patria ditoza do venerando Padre Fr. Francisco de S. Boaventura.

296. Está situada a Villa de Cintra ao pé da notavel Serra do seu nome, que de entre huns fructiferos outeiros se levanta, e sórma com huma ponta o mais occidental Promontorio de Hespanha, chamado dos Geografos antigos: *Promontorium Magnum*, e dos modernos navegantes, a *Roca de Cintra*, ou *Cabo da Roca*. Foy fundaçã dos Tordulos, trezentos e oyto annos, antes da vinda de Christo, que como adoravaõ a Lua debaixo do nome de Cynthia, puzeraõ á Povoaçã, que erigiraõ, o nome do Deos, que adoravaõ, o qual, com a mudança dos tempos se corrompeo em Cintra. O Rey D. Affonso VI. de Castella a ganhou aos Mouros, que a haviaõ conquistado dos seus habitadores na invazaõ de Hespanha, nos mesmos Agarenos tornou a recahir de-

pois por rebellião; e foy recuperada outra vez pelo Conde D. Henrique: e tornando ao Senhorio dos Mouros, terceira vez a conquistou El-Rey D. Affonso Henriques. Das entranhas da sua Serra se extrahê a estimada pedra branca, e preta, de que se fabricaõ para os Templos os mais vistozos retabolos, e sendo durissima por natureza, achou a Arte engenho para a lavrar, tornando-a branda. Aqui tinhaõ os Reys Portuguezes huns magnificos, e deliciosos Paços, onde, pela frescura, e amenidade do sitio, costumavaõ ir passar as calmas do Estio. Em huma das suas torres, mandou o Rey D. Manoel, de gloriosa memoria, para perpetua dos seus Illustres Vassallos, pintar as Armas de toda a Nobreza do seu Reyno. Tem ao presente tres Conventos, e hum delles de Religiosos Menores, e seis Freguezias, habitada de mais de... vizinhos, e muita Nobreza.

297. Por huma destas Familias, dizem as referidas memorias, que seguimos, trazia a sua descendencia o Padre Fr. Francisco, nascendo alli de Pays nobres. Como criado aos peitos das suas Christaãs virtudes, e ajudado de huma indole natural, docil, e inclinada ao bem, deo logo nos primeiros annos indicios claros de santos, e Religiosos progressos. Passados os da infancia, e aprendidas na Villa as primeiras letras, para continuar a Latinidade o mandaraõ seus Pays para a Corte de Lisboa, entregue ao cuidado de hum Tio seu, Religioso Menor do Instituto Observante, grave nos costumes, e de vida exemplar. Com creditos de Estudante, sahio das Classes, mostrando nellas tanto de engenho, e applicaçã, quanto era ja conhecido por modesto, e virtuoso. Da communicaçã, e trato, que havia contra-hido com os Religiosos, e ajudado do natural devoto, e dado ás cousas do espirito, lhe nascco o dezejo de os seguir tambem no regular da vida; e participando ao Tio o seu proposito, achou nelle ao principio, como prudente, e experimentado, alguma repugnancia, pare-

cendo-lhe ligeireza de animo a sua resoluçãõ ; mas tomando com vagar todo o fundo na sua constancia, e achando ser vocaçãõ legitima, concordando com a vontade do Sobrinho, resolveo (movido sem duvida de outro impulso) não devia ser nas Casas da Observancia, mas em alguma das Recoletas, das quaes dalli a alguns annos se formou a Reforma da Provincia de Santo Antonio de Portugal ; mas não nos declaraõ qual fosse o Convento, em que tomou o habito, e fez profissãõ, nem o dia, e anno della ; e só que, assim em Noviço, como depois de professo, fora sempre Religioso perfeito, abstinente, de grande mortificaçãõ, e exercitado em penitencias, e de altissima contemplaçãõ ; e que, para seguro norte da vida espiritual, tomára, desde logo que abraçou o Serafico Instituto, por seu exemplar ao glorioso S. Bernardino de Sena, elegendo-o por seu particular advogado, e Mestre, imitando-o em tudo aquillo, que lhe permittia a graça, e pediaõ as forças do seu espirito, ajudadas dos impulsos da sua devoçãõ ; e que com tal fervor o havia conseguido, que parecia lhe herdara o esforço, sendo, á imitaçãõ sua, perseverante nos exercicios das virtudes, modesto no trato, grave no modo, nas palavras medido, composto nas acçoens, na pureza limpo, e no interior recolhido ; amante de seus Irmãos, amigo nas suas necessidades, mestre nas suas duvidas, e que conforme cada hum necessitava delle, assim o achava em todo o tempo, acompanhando a tudo isto o insaciavel zelo da salvaçãõ das almas.

298. Com o novo estado de Sacerdote, que a seu tempo lhe foy conferido, teve tambem campo mais largo, tanto para poder espalhar mais longe as fozas inundaçõens do seu espirito, como para serem mais livremente registados os reverberantes rayos da sua luz. O mostrador mais certo para se conhecer se huma alma caminha adiantada no seu aproveitamento, he o pouco que se contenta das suas mesmas obras ; o cuidado,

que põem para se melhorar no progresso das virtudes, parecendo-lhe que até alli tem avançado pouco em seu seguimento, he ter andado muito para chegar ao fim. Cada dia, que passa sem algum novo emprego do seu espirito, lhe parece huma eternidade, que perde no seu aproveitamento. Em cada estado, que mudaõ achaõ novas razoens para mayores emprezas. Como se tiveraõ sido poucos, e mal acceitos até este tempo, os seus espirituaes exercicios, jejuns, diciplinas, cilicios, penitencias, e outras varias penalidades, e mortificações, em que com tanto credito seu, exemplo dos Religiosos, e ainda de seculares se havia exercitado nestes primeiros annos, daqui em diante, excedendo em tudo o commum, e ainda o singular, passou a admiração, e causava espanto; porque na pratica destas virtudes foy excessivo.

299. A sua obediencia foy a mais resignada, e só pendente da voz do Prelado. Esta foy a remora, que unicamente pode embargar os agigantados passos das suas grandes, e extraordinarias mortificaçoens, e penitencias; e fóra dos Prelados, sempre teve Padre, e Director espiritual, para o compasso das suas acçoens. Hum destes foy o Padre Frey Antonio do Salvador, Religioso de conhecidas virtudes, e muita experiencia para dirigir almas, e grande Mestre da Mystica, em alguns annos que morou com elle em hum Convento da sua Provincia.

300. A sua pobreza foy a mais necessitada; porque sempre uzeu de hum só habito, e este dos mais uzados, e tunica só para o Inverno, e algum houve, que até sem esta passou; porque, com licença do Prelado, que lhe havia dado huma para o rigor do frio daquelle tempo, fez esmóla della a certo pobre, que encontrou na rua sem roupa alguma, que o abrigasse. Para supprir a falta desta, e reparar-se do frio, de hum retalho de burel de huma só vara, e lho havia dado o Irmão Roupeiro, fazendo-lhe huma abertura no meyo, e lançando parte para diante, e outra para as costas, passou muito da-

quelle Inverno, em quanto o Prelado, advertindo a sua muita necessidade, lhe não deo outra; e sem duvida, que o Servo de Deos lhe perdoaria o cuidado, só pela occasiã que tinha de se ver melhor mortificado, e ter mais merecimento na sua esmóla.

301. Entre outras muitas, e singulares virtudes, que resplandeceraõ no venerando Padre Fr. Francisco, e pelas quaes se deo a conhecer por hum dos mais perfectos, e exemplares Religiosos da sua Provincia, foy o zelo da salvaçaõ das almas. Este, além dos mais merecimentos da sua pessoa, moveo ao Reverendissimo Padre Gonzaga a nomeá-lo em segundo lugar para a nova Custodia, e Missã do Brasil a tempo, que se achava, ou tinha sahido por Guardiaõ do Convento do Monte de S. Francisco de Vianna, eleito, como diz a Chronica da Conceiçaõ do Minho*, pelo Padre Provincial Fr. Martinho de Guimaraens, que o entrou a ser no mesmo anno de 1584, em que o Padre Fr. Francisco foy feito Guardiaõ para aquella Casa.

CAPITULO XVII.

He nomeado o venerando P. Fr. Francisco de S. Boaventura por segundo Fundador da Custodia do Brasil, e o que nella obrou até sua ditosa morte.

302. Ja havia chegado o tempo, em que a este Menor, e segundo Luzeiro do novo Orbe Serafico, se lhe havia dar por ordem superior a presidencia de allumiar a escura noite da Gentilidade do Brasil; e por isso, tendo feito o primeiro movimento do seu Oriente para este Occazo, e concluida a sua viagem do Reyno para Pernambuco, como em seu lugar se disse, e sendo-lhe offerecida a primeira Prelazia da Casa de Olinda, pelo Padre Cus-

* Chron. da Prov. da Conceiçaõ. Tom. I, p. 536, l. 3, cap, 6, n. 548.

todio Fr. Melchior, como humilde a não acceitou, dando por escuza justificada, que o seu principal motivo, depois do preceito da santa Obediencia, que o trouxera ao Brasil em idade tão avançada, fora para empregar o resto da vida no bem das almas do seu Gentilismo. Desembaraçado livremente das ligaduras fortes da Prelazia, em que com tantas ancias se enlaçaõ muitos de boa vontade e á custa de diligencias, cuidou logo em se applicar á Doutrina dos Indios, que accudiaõ aos nossos, attrahidos do bom cheiro das flores da santidade, e exemplo daquelles primeiros Padres Fundadores. Eraõ estes Gentios principalmente Tobayarás, Putyguarés, e Cayetés, aindaque destes menos, por ser Naçaõ pouco domavel, muitos Putyguarés, que ja a este tempo haviaõ passado da Paraiba até Pernambuco, e alguns Tobayarás, em toda a parte gente mais humana, faceis para a conversaõ, e sempre dos primeiros para a paz, e amizade com os Portuguezes, e a exemplo dos quaes se moviaõ as ontras Naçoens; e supposto que todos estes, com pouca differença, fallavaõ a mesma lingua, que era a geral de toda esta Costa, com tal diligencia, e facilidade a aprendeo, e soube com tanta elegancia, e em tão pouco tempo, que affirmavaõ todos parecia cousa sobrenatural, e que só por milagre podia ser, e parecia dom do Altissimo, communicado a este seu Evangelico Ministro, porque até os mesmos Gentios não deixavaõ de reparar na perfeiçaõ, e propriedade, com que o Servo de Deos lhes fallava, e os entendia na sua linguagem, emendando-lhes algumas vezes suas frases, e nativas locuçoes, que, ignorantes da graça Divina, se admiravaõ, e diziaõ que o Abaré, Francisco, era grande feitiçeiro, entendendo (em quanto não imbuidos na Fé Catholica) que de outra sorte era impossivel fallasse a sua lingua, e emendasse as suas palavras. E como aqui andava a mão de Deos, eraõ innumeraveis as conversoes, e grande o fructo, que se começava a colher por algu-

mas Aldéas dos Genticos mais vizinhos ao districto de Olinda, por onde logo sahio a discorrer, e prégar; e ainda que com muito trabalho, e fadigas, com grande alegria do seu espirito, se dava por satisfeito com a docilidade, e brandura, que achava no Genticos, movido este tambem do bom exemplo dos Padres, e especialmente no desapego notavel das cousas temporaes, que nelles viaõ, conhecendo que só tratavaõ do seu bem espiritual, sem cuidado dos interesses do mundo, sendo este em os nossos Religiosos o meyo mais efficaç para trazerem a si, e para a Igreja esta Gentilidade, que, ainda que taõ barbara, e rustica, naõ lhes faltava o discuro para o conhecimento desta virtude, em os Frades Menores, e em que muito se accommodavaõ com o natural do mesmo Genticos, tambem desapegados das riquezas, e bens da terra. Com esta, e outras especiaes graças, e prerogativas, que com o trato foraõ descobrindo em o venerando Padre, e passando de huns a outros, se fazia de todos muito amado, buscavaõ-no sem receyo, tinhaõ-no por Pay, tratavaõ-no com respeito, e veneraçãõ, sujeitando-se sem repugnancia ao gremio da Igreja, amizade dos Portuguezes, e obediencia do Rey. Nem faltou o Ceo com outras Providencias suas nestes principios, para mover melhor, e com mais efficaç os animos desta gente, assim para abraçarem a Fé com mais vontade, como para a paz, e boa concordia com os Christãos; porque, movendo-se neste tempo guerra entre os domesticos, e bravos, e indo sobre estes hum Capitaõ Portuguez, e duvidozo do successo, por serem muitos os contrarios, estando ja á vista de huma innumeravel multidãõ delles, adiantando-se o Padre Fr. Francisco, que fazia companhia aos Indios Catholicos, e mettendo-se por entre os barbaros, com huma Cruz arvorada nas mãos, e sendo ainda nos principios que aprendia aquella lingua, lhes fallou nella com tanta clareza, e efficaç, que movidos superiormente das suas vezes, e razoes,

lhe lançaraõ os arcos, e as frechas aos pés, sujeitando-se á obediencia do Padre, para os receber á Fé, e acceitando a amizade, e paz dos Portuguezes, que de outra sorte seria difficullosa o poder-se conseguir, pelos agravos antigos, e muita injustiça, que com esta gente se uzava nestas Conquistas, e de que se originavaõ quasi sempre as rebellioens, guerras, e insultos commettidos por elles em desaffogo da sua vingança, affectada em grande maueira por estes barbaros contra seus inimigos.

303. Dous annos, com pouca differença, havia gasto o Padre Frey Francisco neste trabalho da conversaõ dos Indios desde o meyado de Abril de 1585, até o outro de 1587, em que ja o achamos na Cidade da Bahia, para onde se havia embarcado no principio deste mesmo anno com o Padre Custodio Fr. Melchior de Santa Catharina, em companhia do Illustrissimo Bispo D. Antonio Barreiros, que de Pernambuco, onde havia ido no anno passado á Vizita das suas ovelhas, se retirava neste para a sua Cathedral. Hia o Padre Custodio movido por este devoto Prelado, e a rogos do Governador, e Camera da Cidade, para fazer acceitaçaõ de fundar alli tambem hum Casa, como ja tocamos, e se dirá mais em seu lugar. Da Bahia, aonde se deteve até o anno seguinte o Padre Custodio despachou para o Reyno, neste mesmo de 1587, ao Padre Fr. Francisco de S. Boaventura, como tambem fica dito, com o mais que lá passou até á sua volta para a Custodia no de 1590. Neste mesmo, com a nomeaçãõ de novos Prelados, que se fez do mez de Junho por diante; porque ainda a onze deste era Prelado de Olinda o Padre Fr. Francisco dos Santos por hum termo de Profissaõ, que se acha feita por elle neste dia, entrou para lhe succeder o Padre Frey Francisco de S. Boaventura, sendo o primeiro que nelle, como em Casa formalmente regular, teve o tituto de Guardiaõ; pois o sobredito Padre Fr. Francisco dos Santos, que

até alli o governou, era só nomeado Presidente *in Capite*, que assim se acha nos termos das Profissoens do Convento, como nos mesmos se trata com o de Guardiaõ o P. Fr. Francisco de S. Boaventura, que lhe succedeo. E que acceitar este venerando Padre agora esta Prelazia, que antes havia recuzado, fosse por ser compellido para ella pela Obediencia, parece naõ ter duvida, pela razaõ seguinte. Quando da primeira vez se desembaraçou dessa carga, sabindo do Convento para huma das Missoens, ou Doutrinas, a que se dava principio, com seu companheiro Fr. Affonso de Santa Maria, praticando com elle sobre este ponto, lhe disse, com a sua costumada, e rara singeleza: *Ah filho, que me vi em hum grande aperto; porque, se o Padre Custodio me falla na santa, O, eu naõ tinha outro remedio; mas, como elle he justo, e santo, e entendeo a minha resignação, compadeceo-se das minhas lagrimas, e do meu pouco talento, e assim me mandou, como vedes, muito consolado*: Tanto pezo tinha para este Servo de Deos o santo preceito da Obediencia, que só com a primeira letra sua se atrevia por reverencia, causando-lhe assombro, e temor, ainda materialmente proferido o nome inteiro desta santa, e tremenda virtude; e assim devemos ter por infallivel, que só a Obediencia o poderia obrigar agora a fazer acceitação daquella mesma Prelazia, que havia outra vez recuzado. Naõ temos certeza do dia, e mez, em que tomou a posse della; mas he sem duvida, que foy de Junho do referido anno de 1590 por diante; porque neste mesmo mez, a onze, ainda se acha no livro das Profissoens daquelle Convento o termo de huma, feita pelo Padre Frey Francisco dos Santos, como primeiro Prelado da Casa, com o titulo de Presidente.

304. Aqui entramos agora em hum notavel embarço, e certamente grande, sobre averiguar, por quanto tempo fosse Guardiaõ de Olinda o Padre Fr. Francisco de S. Boaventura. Huma noticia que achamos do Car-

torio da Provincia de Santo Antonio de Portugal, diz, que sendo o dito Padre Guardiaõ actual de Olinda, fallecera neste Convento a 18 de Mayo de 1592, o que segue o Agiologio Lusitano; porque o tirou da mesma noticia, o que sem duvida naõ foy assim; pois he certo naõ falleceo neste dia, nem ainda naquelle mez; porque no seguinte de Junho deste mesmo anno de 1592 a 19, era vivo ainda o P. Fr. Francisco, como se vê de hum termo de Profissãõ naquelle Convento, feita por elle, e da sua propria letra todo, neste dia, e anno sobredito. O Cartorio do Convento de Olinda diz, que elle fora Guardiaõ o resto do tempo do Custodio Fr. Melchior, que foy até oytto de Mayo de 1594. E porque os termos destas Profissões eraõ os que melhor podiaõ assignar o caminho para sabirmos destas duvidas, até estes faltaraõ, porque do ultimo do P. Fr. Francisco de S. Boaventura, como Guardiaõ, de 19 de Junho de 1592, até o ultimo do Padre Custodio Fr. Melchior de 8 de Mayo de 1594, naõ ha termo algum, porque tambem os dous annos deste intermeyo naõ houveraõ Profissões no Convento de Olinda; e para crescer mais o embaraço, até neste ultimo do Padre Custodio de 1594, se naõ acha assinado o Padre Guardiaõ Fr. Francisco de S. Boaventura, como era costume fazerem-no tambem os Prelados Locaes, quando a Profissãõ era feita pelo Padre Custodio, declarando na Escritura que se fazia a tal Profissãõ nas maõs do Custodio, com assistencia do Prelado da Casa, e se assinavaõ ambos; e nem neste se acha assinado tambem outro Religioso algum com o titulo de Prelado Local, nem se faz nelle mençaõ de que o houvesse, circumstancia sem duvida evidente de que naõ havia outro, e que naõ achar-se assinado alli o Padre Fr. Francisco de S. Boaventura, como Guardiaõ do Convento, naõ foy a causa o ser ja fallecido naquelle anno, mas por outro qualquer motivo, ou de enfermidade, ou de haver ido a alguma das Doutrinas, ou Missoens do

seu districto, onde muitas vezes o levava o zelo santo do seu Gentio. He verdade, que este mesmo motivo, que apontamos de enfermidades, ou auzencia do Padre Fr. Francisco, para se não achar assinado naquelle termo, se póde dar para outro qualquer, que por sua morte lhe succedesse no lugar ; e assim, o que de tudo o que fica dito se póde conjecturar, he, que assim como o assento da Provincia não concorda com o da Custodia em o dia, e mez da sua morte, assim póde tambem equivocar-se no anno, ainda que desde o de 1592, em que o dá por fallecido, por diante, se não ache delle mais noticia no Convento de Olinda, nem em outro algum da Custodia. Nem nella em todo o tempo, que foy sujeita á Provincia, se fizeraõ livros de obitos, que nos pudessem tirar desta, e outras semelhantes duvidas. A nós certamente se nos offerecem algumas sobre o fallecimento deste venerando P. no referido anno de 1592, pelo assento da Provincia. Porque dizendo este, que fallecera o Padre no tal anno, affirma que fazia nelle os oitenta de idade, do que não duvidamos, porque tambem o nosso da Custodia concorda no mesmo ; e para elle fallecer de oitenta annos no de 1592, havia ter settenta e dous no de 1584, quando foy nomeado para companheiro do Padre Custodio: e quem se poderá persuadir, que o Reverendissimo Padre Geral nomeasse a hum Religioso de settenta e dous annos de idade para passar do Reyno ao Brasil, a huma taõ prolongada, e difficultosa empreza. Nem tampouco se póde fazer crível, que o Padre Fr. Martinho de Guimaraens, que neste mesmo anno de 1584, foy eleito em Ministro Provincial de Santo Antonio, no seu Capitulo do proprio anno, como escreve o Padre Chronista da Provincia da Conceiçaõ do Minho, fizesse Guardiaõ de Santo Antonio do Monte de Vianna ao Padre Fr. Francisco de S. Boaventura, pela conveniencia de cuidar nas obras do mesmo Convento, a que neste anno se dava principio, e houvesse de escolher

para isso a hum Religioso, que ja nesse anno contava os settenta e dous de idade, pela conta do assento da Provincia, que o dá por fallecido no de 1592, com oitenta annos, sendo Guardiaõ actual do Convento de Olinda, o que sobre tudo faz incoherente, e duvidozo aquelle assento, que se elegesse Prelado Local a hum Religiozo de quasi oitenta annos, e ja decrepito.

305. O Padre Frey Thomaz da Apresentação nos apontamentos, que fazia para a vida deste venerando Padre, sem referir esta noticia da Provincia, diz que elle fallecera a treze de Dezembro dia de Santa Luzia, de quem affirma era especial devoto, no anno de 1605, e que todo o tempo, que vay desde que fora Guardiaõ de Olinda, até o da sua morte, o gastara na Residencia das Doutrinas, e Missoens dos Gentios, especialmente na de Jacóca, cinco legoas da Cidade da Paraíba, e que alli mesmo fallecera, e fora sepultado; e que esta noticia a colhera por huma Relaçãõ do Religioso companheiro, que a tudo assistira; e porque naõ vimos esta Relaçãõ, nem nos deixou escrito o nome deste Religioso, só repetimos a sua noticia. He sem duvida, que esta, em quanto diz que fora o anno do seu fallecimento o de 1605, achamos ser a que concorda melhor com o que affirmaõ os assentos da Provincia, e Custodia, que tinha oitenta annos de idade quando falleceo. Porque assim vinha a ter sessenta annos com pouca differença, quando, sendo Guardiaõ de Vianna em 1584, foy nomeado para vir ao Brasil, idade para isso ainda competente, e sessenta e cinco quando foy feito Prelado de Olinda em 1590.

306. Com toda esta incerteza do dia, e anno da morte deste venerando Padre, nos ficaraõ claras evidencias das muitas, e singulares virtudes, que praticou em sua vida; pois todas as memorias, que delle fallaõ, assim as da Provincia, como da Custodia, o reconhecem por Religioso de elevado espirito, continuo na Oraçãõ, em que

algumas vezes foy notado como abstrahido, e posto em extasi; exercitado em penitencias, jejuns, e mortificaçoens, austéro em sua pessoa, pobreza summa, Obediencia resignada, mortificado, recolhido, e observante em tudo da santa Regra, e preceitos Divinos, semblante pallido, e como aquelle, que trazia sempre a alma abstrahida das cousas terrenas, e occupada toda na contemplaçã das celestes, e sobretudo zelozissimo da salvaçaõ das almas, e com especialidade das do Gentio destas Conquistas, em respeito dos quaes acceitou a empreza de passar ao Brasil, sendo ja de idade proveccta, só pela occasiaõ, que havia ter, de se empregar na conversã do seu Gentilismo; por este tomou o trabalho de voltar ao Reyno por mais Obreiros, e sobre outros particulares pertencentes ao bem dos mesmos Indios. No desappego das cousas temporaes, e cargos da Ordem, foy em grande maneira singular, naõ só rejeitando a primeira Prelazia Local do Convento de Olinda, como tambem o lugar de Custodio, que se lhe offerecia no Capitulo da Provincia, em que se achou, quando do Brasil foy ao Reyno, e valendo muito nesta occasiaõ a sua assistencia nelle para melhor effeito da acceitaçaõ da nova Custodia, e ficar continuando no mesmo cargo o Padre Fr. Melchior, mostrando juntamente nesta occurrencia, e em outros varios negocios, que lhe foraõ encarregados, a sua rara capacidade, e grande prudencia, assim na Provincia, como sóra della, e em particular na Visita, que por ordem do Cardeal Alberto foy fazer á Ilha da Madeira, como ja se disse em outro lugar. Foy finalmente o venerando Padre Fr. Francisco de S. Boaventura, diz a memoria de sua Provincia, de muy claro entendimento, e posto que naõ tinha letras acquisitas, parece as tinha infuzas, como se observou em muitas occasioens, em que fallava de Deos, e dos seus attributos Divinos, como se fora hum grande Theologo, e professara esta Sciencia. Com estes dons sobrenaturaes da

graça, notorias virtudes, vida penitente, acçoens exemplares, zelo das almas, charidade abrazada para com Deos, e os proximos, viveo venerado dos povos, e particularmente de todo o Gentio, e acabou com sentimento universal, deixando de si huma constante fama de virtude, e santidade.

CAPITULO XVIII.

Do Servo de Deos Fr. Antonio de Campomayor.

307. A' Presidencia do Sol, e Lua na dispozicão, e ordem do mundo, se seguiu a das Estrellas. Entre estas, ha tambem humas mayores, e outras de menor grandeza. Nem esta circumstancia quiz o Ceo faltasse nos Filhos de Francisco, como luzes mysticas, que havia destinado para allumiarem com os seus resplendores esta Esfera do Brasil, como novo, e Serafico Orbe. Dos Religiosos que depois dos dous primeiros, e os principaes, de quem temos escrito, vieraõ a estas partes, depois que em Pernambuco se deo principio á fundaçãõ desta Custodia, foy hum o Servo de Deos Frey Antonio de Campomayor. Mayor sem duvida entre todos aquelles astros, ou Religiosos Menores, que, como Estrellas luzidadas, passaraõ daquelle para este mundo. Naõ fez para cá a sua carreira*, como suppõem alguma noticia em companhia do primeiro Custodio, Fr. Melchior; porque com este só a executaraõ aquelles sette, que ficaõ referidos. Bem podia ser fosse aceita pelo dito Custodio a offerta, que alli se diz lhe fizera o Irmão Frey Antonio de Campomayor para a empreza da nova Custodia; mas fosse qualquer o motivo, elle o naõ pôs em effeito senaõ no

* Viridar. Anton.

anno de 1588, no principio com cinco companheiros mais, que ficaõ nomeados em seu lugar, juntamente com o sobredito P. Fr. Antonio de Campomayor.

308. Deo-lhe o sobrenome esta notavel Villa, sita na Comarca de Elvas da Provincia do Alentejo, donde era natural, e filho da santa Provincia dos Algarves da Regular Observancia, onde havia professado, sem nos dizerem em que Convento seu, mas que fora sempre morador em as Casas da Recoleiçaõ da sua Provincia, e nella conhecido por Religioso exemplar, virtuoso, recolhido, e mortificado; exactissimo observante da santa Obdiencia, de rara pobreza, e summa humildade, dado á Oraçaõ, e a todos os actos, e exercicios de Religiaõ, que praticaõ os Varões espirituaes, e a que devem aspirar os perfeitos Religiosos. Como hum destes era venerado de todos o Padre Fr. Antonio de Campomayor, tanto dentro como fora da Ordem; porque, tem as virtudes a condiçaõ da luz, que nem esta póde occultar a claridade dos seus rayos, nem aquellas os luzimentos dos seus resplendores. Hum dos que mais vivamente ardia no elevado espirito deste Servo do Senhor, era o zelo santo da salvaçaõ das almas; e na consideraçaõ de que naõ podia ter materia mais apta para o seu emprego, do que na conversão do Gentilismo das Conquistas do Brasil, que neste tempo era empreza praticada entre os Religiosos enviados á fundação da nova Custodia de Santo Antonio nestas partes, se offereceo voluntariamente para passar a ellas, em virtude das Letras do Reverendissimo Padre Geral, que permittia aos Religiosos Menores da quellas Provincias, pudessem ser admitidos para o mesmo effeito. No anno sobredito de 1588, logo no principio chegou a Olinda ao mesmo tempo, que da Bahia voltava tambem o Padre Custodio, e com pouca demora se partirão ambos para a Villa de Iguaraçú, a fazer a acceitaçaõ de fundarem alli huma Casa, como o pedia a Camera, e mais moradores, o que tudo conclui-

do com muita brevidade, deixou nella por primeiro Prelado, e seu Fundador ao P. Fr. Antonio de Campomayor.

309. Hum muy dilatado se lhe offereceo logo naquelle Paiz para emprego, e desaffogo do seu avultado espirito, naõ só com o trabalho, e desvélo da nova fundação, mas com a Doutrina, e conversão do Gentio, principal objecto do seu cuidado, e que o trazia a estas partes taõ remotas, e eraõ innumeraveis os que habitavaõ por aquelles Lugares em muitas Aldêas dos chamados Putyguarés, que supposto viviaõ ja neste tempo alguns em paz com os Portuguezes, naõ haviaõ com tudo abraçado a Fé, talvez por falta de Pastores Evangelicos, que os intromettessem no rebanho da Igreja; e ainda que o zelozo Prelado lhe naõ faltava em que se occupar nas obras do novo recolhimento, que se traçava para a morada dos Religiosos, Igreja e o mais, nem por isso se divertia de applicar os meynos necessarios para a Doutrina, redução do desgarrado Gentio, e vio bem logrados os seus desvélos em algumas Aldêas destes, que abraçaraõ a Fé a diligencias suas, como foraõ os da Itapessima, Ponta das Pedras, e Tumaracá, do que se deixa bem ver o quanto nesta seára trabalhou este incansavel Operario, consumindo nesta taréfa todo o mais tempo, que lhe restava da precisa obrigação do vigilante Prelado, e proprio Pastor de seus subditos, naõ lhes faltando tambem com o bom exemplo do coro, Oração, e vida regular, e grangeando por tudo entre aquelles póvos huma fama constante de Varaõ Apostolico, e santo Religioso.

310. Nestes continuos trabalhos, e de grandes difficuldades naquelles tempos, se passaraõ dous annos com pouca differença desde Junho de 1588, até o de 1590, que com a eleição de novos Prelados pelo Padre Custodio Fr. Melchior, segunda vez eleito, ou confirmado, como fica dito, pela Provincia, o soy render naquella Casa de Iguaçu o Irmão Fr. Bernardo da An-

nunciaçãõ, a quem chamavaõ o Cruzio, por haver sido primeiro Religioso professo do Grande Padre Santo Agostinho, em Santa Cruz de Coimbra, e ja Sacerdote, abraçar o Instituto Serafico no Convento de Olinda, fazendo solemne Profissaõ nas mãos do Padre Custodio Fr. Melchior, em o ultimo de Novembro de 1588. Nesta mesma occasiaõ foy nomeado o Padre Fr. Antonio de Campomayor para primeiro Prelado, e Fundador da Casa da Paraíba, para a qual fez logo a sua jornada, e aonde se lhe havia preparado ao seu dezejo huma muy dilatada, e fertilissima messe, para larga, e copiosa colheita. Mas antes de entrarmos a ella, queremos advertir aos que lerem este ponto, e o quizerem cotejar pelo livro do Cartorio desta Custodia, e o daquelle Convento, que nelle se não acha por seu primeiro Prelado ao Irmão Fr. Antonio de Campomayor, antes em seu lugar está o Irmão Fr. Francisco dos Santos. O que foy sem duvida huma certa, e notoria equivocaçãõ, e nasceo esta, de que quando no anno de 1590, pelo mez de Junho, mandou o Padre Custodio Fr. Melchior ao Irmão Frey Antonio de Campomayor tomar posse, e dar principio á fundaçãõ daquella Casa, da qual o dito Custodio no anno antecedente havia feito acceitaçãõ, foy juntamente com Fr. Antonio de Campomayor o Irm. Fr. Francisco dos Santos, que acabava de Prelado do Convento de Olinda, para que, como experiente, e previsto na materia, delineasse a planta, e dispuzesse a obra ; e este foy todo o engano, que houve para que em lugar do Padre Fr. Antonio de Campomayor, se assentasse por primeiro Prelado daquella Casa o Padre Fr. Francisco dos Santos, que só foy Author da obra, dando tambem occasiaõ a isto o mesmo tempo, porque aquelles livros, ou cartorios, assim o do Convento, como o da Custodia, foraõ feitos pelo Padre Fr. Manoel de Santa Maria, que entrou no governo della do anno de 1620 por diante, trinta annos da fundaçãõ da Casa da Pa-

raíba ; e na opiniaõ vulgar (quando naõ houvesse outra razãõ mais chegada, que naturalmente o inclinasse a esta opiniaõ) de que o Padre Frey Francisco dos Santos fora o delineador daquella Casa, o assentou nella por seu primeiro Prelado, deixando de fóra o P. Fr. Antonio de Campomayor, o que naõ fizera sem duvida se tivera advertencia em ler os dous relatorios, que deixamos trasladados em seu lugar, e era memoria, que ja corria no tempo em que foy Custodio, porque forão escritos por Religiosos, que actualmente existiaõ, quando, se tratava daquellas, nos quaes se diz expressamente, que o Guardiaõ da Paraíba, nos annos de 1590, e 1591, era o Irmaõ Fr. Antonio de Campomayor, e nem o podia ser nestes dous annos o Padre Fr. Francisco dos Santos, por quanto no mesmo anno de 1590 em que foy eleito para a Paraíba Fr. Antonio de Campomayor, foy tambem eleito para a Bahia Fr. Francisco dos Santos, demorando-se sómente em Pernambuco aquelle tempo, que lhe foy preciso para chegar a ver o sitio, e delineaçaõ para a Casa, e Recolhimento da Paraíba. Nesta, ainda que naõ consta do seu Cartorio, foy sem duvida o seu primeiro Prelado o Padre Fr. Antonio de Campomayor; e bem lhe assenta o nome de primeiro Missionario, ou Apostolo dos Menores, que com a sua Doutrina, zelo, e trabalho, trouxe para Deos, e á Igreja a mayor parte do Gentilismo da terra, habitantes, e circumvizinhos á nova Cidade; pois em seu tempo consta do que fica dito em seu lugar*, se sujeitaraõ a abraçar a Fé as cinco Aldêas, que tambem ahi ficaõ numeradas, que ja guardavaõ alguma paz, e amizade com os Portuguezes, ainda que naõ obedeciaõ á Igreja até entãõ; o que agora executaraõ alegres, a instancias deste zelozo, e santo Prelado, que ao de Deos, e das almas ajuntava naõ com menos vontade, e cuidado, o que era do serviço

* Relator. 1 et 2, p. 34, n. 58, et p. 44, n. 60.

do Rey, e augmento daquella Conquista. O quanto trabalhou com a sua pessoa, com os seus subditos, e com os Indios das suas Doutrinas por quatro vezes distinctas nas fabricas dos fortes do Cabedello, e Inhóbi, por outra na de huma Casa forte para defeza de fazendas, e Engenhos das fronteiras, nas quaes obras a diligencias, e assistencia sua trabalharaõ continuamente os Indios das suas Doutrinas sem estipendio, ou paga alguma da fazenda delRey, ou Governador, e moradores, nem ainda para a sua sustentaçãõ.

311. A estes cuidados, e trabalhos de servir, e aproveitar áquelle povo, e nova Conquista, se seguiaõ outros de mayores consequencias, em sustos, e perigos, que a cada hora os ameaçavaõ nas continuadas surtidas, e assaltos, que contra os povoadores Portuguezes, e Gentio domestico, e Christão, faziaõ os bravos, e barbaros Putyguarés, circumvizinhos ás fronteiras, contra os quaes se fabricavaõ todos aquelles reparos, para segurança das suas repentinas invazões; sendo-lhe tambem preciso, neste anno e meyo que alli assistio por Prelado, dar por duas vezes Religiosos para acompanharem aos Capitaens, e Soldados Portuguezes, e Indios domesticos, nas entradas, e guerras, que hiaõ fazer aos inimigos, e rebeldes Putyguarés, assignando-lhes para a primeira a Fr. Antonio da Cruz, e Fr. Gaspar das Chagas, e para a segunda a Fr. Baltazar de Santo Antonio, e Fr. Manoel de Portalegre, que por faltarem estes, e serem ainda muy poucos os Religiosos para tantas emprezas, lhe era forçoço ao mesmo Prelado vizitar as Aldêas, fazer-lhes as Doutrinas, dizer-lhes Missa, e administrar-lhes os Sacramentos, especialmente o do santo Bautismo aos meninos, e moços; porque aos de mayor idade, se dilatou, por algumas razões, que ficaõ apontadas no lugar citado, o dar-se-lhes este Sacramento naquelles primeiros dous annos em que os nossos alli haviaõ entrado.

312. Com todas estas notaveis operaçoens, filhas do seu Apostolico zelo, espirito constante, e forte, tanto nos referidos trabalhos, como em outros mais particulares, originados pelo Gentio do Braço de Peixe, Doutrina da administraçã dos RR. Padres Jesuitas, ja alli situados, antes que os nossos lá chegassem, sobre pontos, que não referimos, e que deraõ muito grande turbaçã a huns, e outros pelo tempo adiante, e não pouco em que cuidar agora ao santo, e zelozo Prelado, concluindo quasi dous annos na espiritual lavoura desta Evangelica Seára, sendo-lhe mandado para succeder nella o Irmão Fr. Manoel de Portalegre, que residia na mesma Casa, e elle nomeado para a de Iguaçu segunda vez, pela eleiçã de Prelados, que no principio do anno de 1592 havia feito o Padre Custodio Fr. Melchior, se passou o Padre Frey Antonio da Paraíba para Olinda, onde o achamos certamente no primeiro de Mayo, assinado nos termos de duas Profissoens feitas ahi pelo P. Fr. Francisco de S. Boaventura, Prelado daquella Casa, de donde voltou para Iguaçu no mesmo mez, a tomar a posse do Convento.

313. Do que nesta Casa obron sendo seu Prelado desta vez, não achamos cousa particular; mas, do que fica dito da Paraíba, e da primeira nesta mesma, podemos inferir o que seria agora, tanto nas obrigaçoens de Prelado para com os subditos, como na conversã, e Doutrina do Gentio, que era o principal emprego do seu Apostolico espirito, e dos quaes era ja muy conhecido, e o receberã com particulares demonstraçoens de gosto, e alegria, como a seu primeiro, e antigo Pastor, e de quem haviaõ participado as primitivas luzes da verdade, e a diligencias suas haviaõ abraçado a Fé. Nestas ordinarias occupaçoens de Prelado dos seus, e Pastor do Gentilismo, gastou outros dous annos, desde Mayo de 1592 até o de 1594, em que ja o achamos outra vez recolhido ao Convento de Olinda; para onde reti-

rado, ainda que aqui lançou de parte a carga das Prelasias, não se quiz com tudo alliviar da pensaõ, e Doutrina dos Indios, e cuidado das suas almas, em quanto lho permittiraõ as forças naturaes, até que ja cansado dos annos, e cortado dos trabalhos, se deo de todo ao recolhimento interior do espirito, assistencia do coro, Oraçaõ, e mais exercicios, assim communs, como particulares da vida Religiosa, á qual poz o ultimo termo, e fim no mesmo Convento de Olinda, ja velho, diz hum assento desta Custodia sem lhe assignar o dia, nem o anno; no de 1601 diz huma memoria da Provincia fora o seu ditoso fallecimento em idade muy avançada de oitenta annos, sem lhe declarar tambem o dia.

314. Foy o Padre Fr. Antonio de Campomayor, hum Religioso de muy distinctas, e assignaladas virtudes, tendo nelle o primeiro lugar o zelo santo da salvaçaõ das almas. A este fim se encaminhavaõ todas as suas practicas, que sendo bem acceitas, e ouvidas com attençaõ pelos devotos, e affectos ás cousas de Deos, aos distrahidos, e mundanos, serviraõ algumas vezes de enfado, e ainda escandalo, formando dellas queixas, de que, mais que zelo, pareciaõ impertinencias; e sendo advertido por alguns dos Religiosos seus amigos, lhes respondeo : *Nada, Irmãos, me peza com isso; porque eu fallo a esses de Deos, para que elles me não fallem do mundo; e assim se as minhas practicas lhes não forem a elles proveitosas, as suas queixas nunca me podem servir de prejuizo.*

315. Hum dos principaes pontos destas suas espirituales practicas, era persuadir, e encaminhar aos que achava dispostos, e as acceitavaõ, a trazerem sempre occupado o entendimento na contemplaçaõ das cousas do Ceo por meyo da virtude altissima da Oraçaõ, em que foy o Servo de Deos muy exercitado, e practico, como, além do que fica dito, o expõem melhor, em pouca, e singéla fraze, hum assento antigo da Casa de Olinda.

Neste Convento está também sepultado hum Religioso nosso, chamado Fr. Antonio de Campomayor, muy grande Servo de Deos; de tanta Oração, e contemplação, que a todos animava a orar, e contemplar; e tendo ensinado esta Doutrina a huma menina de pouca idade, pondo-a ella em execução, muitas vezes lhe succedia, cozendo em a sua almofada, estar sempre com o sentido em Deos, e ficar em extasi arrebatada. Em hum instrumento de testemunhas, que mandou tirar o Custodio Fr. Gabriel do Espirito Santo por ordem do Ministro Geral Fr. João de Napoles no anno de 1648, para se remetter a Sua Reverendissima, de todos os Religiosos, que nesta Custodia houvessem florecido em virtude, e santidade, do qual foy Cõmissario Inquiridor o Padre Fr. Jacome da Purificação, que depois foy Provincial, primeiro deste nome, se acha o dito de Antonio Barbalho, pessoa nobre de Pernambuco, de idade de 76 annos, testemunha jurada na fórmula seguinte: *Tambem disse conhecera a Fr. Antonio de Campomayor, o qual era morto havia mais de quarenta annos, e em todo o tempo, que o conheceo, que foraõ seis, ou sette annos, o teve todo o povo por Varaõ de grande virtude, e penitencia, e os mesmos Religiosos o tiveraõ nesta opiniaõ, e com a mesma sabe que morreo.* Com todos estes testemunhos de virtude, Religiaõ, zelo, e piedade, carregado de annos, e merecimentos, e recebido o Santissimo Viatico da ultima jornada da vida, com muita ternura, devoção, e conformidade, estando em seu perfeito juizo, e recitando com a Cõmunidade os Psalmos Penitenciaes, quando lhe foy dado o ultimo Sacramento, ou Extrema-Unção, entregou sua alma, como piamente cremos, nas mãos de Deos, no referido anno de 1601, e foy sepultado seu corpo no Cemiterio commum dos Religiosos, na quadra do Claustro, correspondente á Igreja da Senhora das Neves, e Convento de Olinda.

CAPITULO XIX.

*Do Irmaõ Fr. Antonio da Ilha, hum dos seis companheiros
dos Padres Fundadores.*

316. A' Proporçaõ do Sol, e a Lua, aos quaes chamou o seu Divino Author duas luminarias grandes, ainda que huma mayor a respeito da outra, descobriãõ tambem no Ceo os Antigos Astronomos duas Constellaçoens, ou luzimento grande de Estrellas, a que, com hum só nome de *Ursa*, deraõ a conhecer por *Mayor*, e *Menor*. Com o nome de Antonio achamos tambem luziraõ neste nosso Novo Orbe duas Estrellas, e só em o sobrenome com distincçaõ de grandeza. Fr. Antonio de Campomayor, de quem atéqui fallamos, e Fr. Antonio da Ilha, com o qual entramos agora. A'quelle damos a mayoria, naõ só pela ter na distincçaõ do nome, tambem porque delle nos deixaraõ os nossos mais luzes das suas operaçoens virtuosas; a este respectivamente o de Menor, pela pouca clareza, que achamos dos seus espirituas progressos. Deste só sabemos entrar com os mais em o Catalogo, ou lista dos Religiosos de conhecida virtude, e santidade, que da Provincia passaraõ para esta Custodia, e do Irmaõ Fr. Antonio da Ilha o diz expressamente o Cartorio do Convento de Pojuca, de quem foy seu Prelado primeiro, e Fundador: que *Fora Religioso muy exemplar, e dado a obras*. Era Filho da santa Provincia da Piedade, que assim o declaraõ os assentos desta Custodia, e veyo para ella em companhia do seu primeiro Commissario, e Prelado Mayor, e Fundador Fr. Melchior de Santa Catharina, e natural da Ilha da Madeira. Repetidas vezes o achamos Prelado nesta Custodia, sendo a primeira para a Casa da Bahia, e por seu Fundador por quasi tres annos desde Abril de 1587, até os fins de 1590, pelo Custodio Fr. Melchior, e por este mesmo nomeado no de 1592, no principio

para a Paraíba, onde assistio até Mayo de 1594, que acabou o Custodio Fr. Melchior, e ficou continuando até o de 1597, que foy todo o tempo do Custodio Fr. Leonardo. Neste tempo lhe naõ faltaraõ occasioens, em que mostrasse o grande zelo que tinha, assim da honra de Deos, como do bem commum, e que era dotado de hum animo constante, e forte; porque entrando o anno de 1594, e neste as injustas perseguiçoens, que contra os nossos se levantaraõ naquella Conquista, e das quaes coube huma boa parte a este zelozo Prelado, e tendo crescido ao mais a que podiaõ, vieraõ a ter o fim alguns annos depois, que dalli sahio, mostrou em tudo a constancia, e fortaleza do seu grande, e alentado espirito, e santo zelo.

317. Com este determinando ao mesmo tempo o Capitaõ Mór da Paraíba Feliciano Coelho de Carvalho fazer guerra ao Gentio das partes do Rio Grande, que perturbavaõ com as suas costumadas invazoens os progressos, e augmentos destas da Paraíba, e pedindo ao Padre Fr. Antonio da Ilha Religiosos para o espirital daquella empreza, este mesmo Prelado com o seu companheiro, e Lingua do Gentio Christaõ, se offereceo, e o seguiu até o lugar da Alagõa, huma jornada antes de chegar ao Rio Grande com notaveis trabalhos, e descommodos de caminhos dilatados, Sertoens asperos, e desertos, com perigos de vida nos encontros, e assaltos, que se offereciaõ naquella entrada até voltarem depois de alguns mezes, com repetidas molestias, á Cidade da Paraíba.

318. Desta passou para a Casa da Victoria na Capitania do Espirito Santo, onde foy tambem Prelado desde 1597, até 1602, todo o tempo do terceiro Custodio Fr. Braz de S. Jeronimo, alguns cinco annos; e ultimamente o foy de Pojuca desde 1606, até 1614, por oito annos, que foy todo o tempo de dous Custodios, Fr. Leonardo a segunda vez, e Fr. Francisco dos Santos, tres annos de cada hum, e quasi dous de Fr. Antonio da Es-

trella, quando foy Commissario com vezes de Custodio ; e succedendo a este o P. Fr. Vicente do Salvador, com a nova forma de governo, que tomou a Custodia, para se celebrarem nella Capitulos, foy eleito o Padre Fr. Antonio da Ilha, que acabava de Guardiaõ de Pojuca, por hum dos quatro Diffinidores daquella primeira Meza, ficando como Vogal, por assistente, e morador da Casa Capitular de Olinda, onde, sem lhe assignar o dia, e anno, diz hum assento do seu Cartorio, fallecera taõ cheyo de annos, porque ja muito velho, adverte elle, como de merecimentos ; pois servio naquelles tempos primitivos de grande edificaçaõ para esta Custodia, assim no augmento das suas Casas, e obras, como para a re- fórma Regular, e perfeiçaõ Religiosa.

CAPITULO XX.

De outros Religiosos, que da Provincia passaraõ a esta Custodia nos seus principios, e deixaraõ nella tambem fama de virtude e santidade.

319. Naõ deixa de ser muito digno de alguma reflexaõ o dispõr Deos por sua altissima Providencia, que todos aquelles Religiosos, que nos principios passaraõ da Provincia de Santo Antonio para a fundaçãõ desta sua Custodia, especialmente os oito primeiros, e alguns dos que em segundo, e terceiro lugar se seguiraõ áquelles, fossem sujeitos de conhecida virtude, assim os que nomeavaõ os Prelados da mesma Provincia, como outros, que de algumas de fóra se vinhaõ offerecer para a mesma empreza, de que nos deixa hum certa confiança, e espiritual alegria de ser ella obra muito do agrado de Deos, bem dos seus fieis, aproveitamento do Gentilismo da terra, e credito de toda a Serafica Familia, como o mesmo curso do tempo o tem mostrado.

320. Em huma lista, ou assento antigo dos Religiosos de virtude, e santidade, que floreceraõ nesta Custodia, que já apontamos, e se guarda no Archivo desta Provincia, achamos nella, como a taes, depois do Padre Custodio Fr. Melchior, e seu companheiro Fr. Francisco de S. Boaventura, a todos os mais que com elles vieraõ na primeira occasiaõ, e outros muitos, que se foraõ seguindo. Mas isto, que certamente nos podia servir de hum grande jubilo, nos deixou ao mesmo tempo em hum summo desconsólo; pois havendo penna para escrever esta memoria, a naõ houve, (e nisto mostrou só o que tinha de penna) para referir algumas daquellas virtudes, em que diz haverem florecido os taes Religiosos, e com tanto descuido, que menos de hum, ou outro destes, dos mais até o lugar em que os achou a morte, nos deixou occulto; nem nós o pudemos descobrir, pela falta que ja notamos de livros em todo o tempo da sujeição da Custodia, e o que nesta parte podemos accrescentar dos taes Religiosos, he aquelle pouco que achamos pelos assentos dos Cartorios, e de alguns, que foraõ Prelados, e assim o escrevemos na melhor fórma que he possivel, sendo o primeiro

321. Fr. Francisco dos Santos, de quem ja dissemos o que fica escrito no lugar dos Custodios, entre os quaes occupou o sexto, e foy hum dos bons Prelados que ella teve, e que muito cuidou no seu augmento, tanto no que tocava ao material das Casas, como á refórma dos costumes, e perfeição Religiosa, pelo qual motivo foy repetidas vezes Prelado Local, e destinado para as suas primeiras fundações, e tem tambem o primeiro lugar entre os quatro, que depois do Padre Custodio Fr. Melchior, e seu companheiro Fr. Francisco de S. Boaventura, sabemos serem filhos da Provincia de Santo Antonio.

322. Fr. Affonso de Santa Maria, he o segundo destes quatro. Foy Prelado de Iguaraçú todo o tempo do

Custodio Fr. Braz de S. Jeronimo, que foraõ seis annos com pouca differença. O mais tempo, que viveo, e naõ pudemos concluir o quanto fosse, nem se falleceo na Custodia, ou voltou para a Provincia, como o fizeraõ alguns. Assim antes, como depois de Prelado o gastou no cultivo das Aldêas, e Doutrina dos Indios, assim nas do districto de Pernambuco, onde foi a sua mayor assistencia, como nas de Iguaraçú, Tamaracá, Goyana, e Paraiba, para o que tinha particular genio, e propensaõ, e o movia o amor de Deos, e charidade do proximo, que mora, e domina na alma dos Varoens espirituales, e Apostolicos. No instrumento ja referido, diz a mesma testemunha, depois da attestaçaõ, que dá de Fr. Antonio de Campomayor, e outros mais o seguinte : *Nestes mesmos tempos floreceo em santidade, Fr. Afonso, Sacerdote Confessor, companheiro de Fr. Antonio de Campomayor, Confessor, o qual tambem sabia, que fora de grande virtude, charidade, e exemplar vida, e no mesmo exemplo perseverou toda a sua vida.*

323. Fr. Manoel da Cruz he o terceiro destes, que sabemos serem filhos da Provincia, e virem com os primeiros Fundadores ; e nem delle nos ficou outra noticia, mais que a referida de entrar no Catalogo sobredito dos Religiosos de virtude, e santidade, e vermo-lo assignado em alguns termos de profissoens na Casa de Olinda até os fins do anno de 1596, e que fallecera depois no Convento de Iguaraçú ja muito velho, diz hum assento antigo daquella Casa, sem o dia, e anno da sua morte, que seria sem duvida conforme a sua vida.

324. Fr. Antonio dos Martyres, he o quarto, que com os mais ja nomeados, e os dous Padres Fundadores fazem o numero dos seis primeiros, Filhos todos da santa Provincia de Santo Antonio, e veyo para esta Custodia, sendo ainda Chorista, delle diremos o mais, quando chegarmos á Casa da Victoria na Capitania do

Espirito Santo, onde falleceo, sendo o primeiro Prelado, e seu Fundador, no anno de 1591.

325. Fr. Francisco da Cruz, e Fr. Antonio da Ilha, são os dous, que completaõ o numero dos oito primeiros Religiosos, que foraõ mandados á fundação desta Custodia; os seis ja nomeados Filhos todos da Provincia de Santo Antonio, estes dous de outras Provincias, Fr. Antonio da Ilha da Piedade, e de quem ja fallamos, e Fr. Francisco da Cruz, Religioso Leygo, e Recoleta da Observancia de Portugal. Deste nos não ficou tambem outra noticia mais que a sobredita de entrar, pelo Religioso, e perfeito da sua vida, na mencionada lista dos que deixaraõ de si fama de santidade. E por esta falta de noticias, que delles nos deixaraõ os nossos, não lhes queremos negar aquella propriedade, ou analogia, que lhes pôde competir tambem de Estrellas deste Novo, e Seralico Orbe, ainda que com a differença, que pôde haver entre estas, e aquellas duas, que ja notamos, á similhaça da que vay no celeste globo, entre as mais luzidas, e de maior grandeza com outras mais pequenas, a que chamaõ os Astronomos, Estrellinhas nebulozas, não porque deixem de ter luzes, mas porque huma como nuvem se lhes oppõem á vista, para lhes não chegarem a pesquisar toda a sua claridade, e grandeza. Nem de outra sorte acontece a estes Religiosos, e a outros muitos, que pelos tempos se lhes foraõ seguindo, e formaõ todos huma numerosa multidaõ, que allumian-do tambem com o claro dos seus exemplos, obras e virtudes muitas destas partes da Custodia do Brasil, a espessa nuvem do tempo, engrossada com o basto, e feyo descuido dos antigos, nos deixaraõ taõ escassa luz dos seus santos progressos, que apenas lhes podemos divizar hum pequeno rasto de que luziraõ, sem mais certeza das distancias, que occuparaõ, e encheraõ, nem quantas, e quaes fossem as virtudes, com que se adornaraõ a si, e edificaraõ aos mais.

CAPITULO XXI.

De alguns Religiosos mais, Filhos da Provincia, que a esta Custodia vierão, e deixaraõ nella boa fama, e opiniaõ de virtude.

326. Doze companheiros, senaõ Apostolos pelo nome, Apostolos pele zelo, e ainda pelo numero, trouxe consigo o venerando Padre Fr. Francisco de S. Boaventura, na segunda viagem que fez do Reyno para o Brasil, e foraõ estes os terceiros, que passaraõ a esta Custodia. Que fossem doze, o dizem as memorias da Provinca, sem expressar o nome de algum, e fazendo nós diligencia pelas da Custodia, só o de seis pudemos averiguar, Frey Antonio da Insua, Frey Antonio Boaventura, cu de S. Boaventura, Fr. Joaõ de S. Miguel, Fr. Jeronymo do Porto, Fr. Pedro da Cruz, e Fr. Balthazar de Santo Antonio. Destes tres ultimos naõ achamos outra noticia mais, que vê los assinados em alguns termos de profissoens de Olinda, e Bahia; de Fr. Antonio da Insua diremos alguma cousa, quando entrarmos na Casa da Bahia, como tambem o faremos no Convento da Victoria de Fr. Joaõ de S. Miguel, e aqui só tem lugar Fr. Antonio de S. Boaventura, como o achamos nomeado em os assentos da Custodia, ou Fr. Antonio Boaventura, como se assinava elle. Foy Prelado da Casa de Olinda, e o terceiro, que occupou aquelle lugar, todo o tempo do segundo Custodio Fr. Leonardo de Jesus, desde Junho de 1593, até o anno de 1596, e neste lugar, exerceo tambem o de Commissario dos Conventos daquella parte de Pernambuco, o tempo que fóra della se achava nas da Bahia o P. Custodio; e sem mais outra clareza das suas espirituaes operaçoens o achamos numerado na ja referida lista dos Religiosos de virtude. Que fallecera na Casa de Olinda, onde sempre residio, e ja muito velho, diz hum assento della, sem dia, nem

anno do seu transito, que julgamos por boa conjectura seria no de 1601, ou no outro seguinte; porque naquella, e no mez de Junho, ainda o vemos assinado em hum termo de Profissoens daquella Casa, e dalli por diante o não achamos mais, sendo que nella, como se disse, foy sempre morador os annos, que viveo nesta Custodia, e com elle damos fim aos Religiosos da Provincia, de que se acha noticia falleceraõ neste Convento com fama de santidade.

CAPITULO XXII.

Dos Religiosos filhos desta Provincia, que nella desde o principio de Custodia até o presente floreceraõ em virtude, e pertencem á Casa de Olinda.

327. Com o descobrimento do Novo Mundo alcançando com elle tambem os Mathematicos mais Ceos, ou Esferas Celestes mais dilatadas, e a elle correspondentes, tambem deraõ vista de novas Constellaçoens, Estrelas, e seus luzimentos, dando a estas o nome de Austraes pelas divizarem para a parte do Meyo dia declinando para o Sul; e outros ainda mais modernos descobriã mais algumas Austraes, como aquellas para o Sul, e outras Septentrionaes, por declinarem para o Norte.

328. Atégora, seguindo nós a praxe dos antigos Astronomos, cuidamos só em contemplar, ou escrever as virtuosas operaçoens, e espirituas luzimentos de alguns Religiosos, que como Estrellas Orientaes, e do primeiro mundo, foraõ filhos da santa Provincia de Portugal; agora, imitando tambem aos modernos, entramos no cuidado de medir os luzimentos daquelles Astros, ou Religiosos Menores, que, como filhos desta Custodia, circularaõ os espaços novamente descobertos, desde o Meyo dia para o Sul, e Norte deste novo, e Serafico Orbe. E com tanta propriedade, ou analogia de Estrel-

las deste Novo Mundo, que assim como aquelles contempladores das suas Esferas descobriã primeiro doze Constellaçoens, todas Austraes, porque do Meyo dia para o Sul; e os mais modernos descobrindo outras doze mais, seis destas Austraes, e só seis Septentrionaes, porque do Meyo dia para o Norte; assim veremos tambem que sendo muitos os Religiosos filhos desta Custodia, que a illustraraõ, como Estrellas, com as luzes das suas virtudes, os mais delles os acharemos situados do Meyo dia para o Sul, isto he, de Olinda de Pernambuco, a que tratamos aqui por parte mais Meridional, ou Meyo dia do Brasil, até o Rio de Janeiro ao Sul, repartidos pelos seus Conventos, como Estrellas em suas Paralaxes, e muito poucos de Olinda para o Norte, ou até a Paraíba; talvez, porque para esta parte lhes ficaõ só duas Casas, ou Conventos para collocaçã, e sitio destes Religiosos Astros, ficando-lhes de Olinda para o Sul todos os mais.

329. Naõ pertendemos com tudo fazer taõ ajustada a Methafora, que assim como os Mathematicos só descobriã em o Novo Mundo, doze, e doze Constellaçoens por partes, ou vinte e quatro por junto, queiramos nós dizer, que outros tantos foraõ tambem os Religiosos de virtude, ou luminosas Estrellas deste novo, e Serafico Orbe; mas sim, que se o numero doze val tanto como huma Universidade, que por isso em as doze portas do Ceo, e nas doze pedras do Racional do Summo Sacerdote, se significava a multidaõ dos escolhidos; ou tambem porque, se doze, e doze são vinte e quatro, e neste numero assentou o Evangelista no Ceo, o de todos os Bemaventurados, nos vinte e quatro Anciaõs, que collocou nos seus thronos; nestas vinte e quatro Constellaçoens unidas, ou nellas doze, e doze separadas, temos expressados ou distinctos, toda aquella multidaõ de Religiosos Menores, que, como Estrellas deste nosso Novo, e Serafico Orbe, nos deixaraõ bastantes reflexos dos

seus luzimentos, e claras vistas das suas virtudes, e exemplares acçoens, sendo o primeiro.

330. O Irmaõ Fr. Pedro, a quem, sem outro sobrenome achamos com o de Mialhadas, por ser natural deste Lugar nas partes do Reyno. Foi o primeiro, que tomou o habito na Casa da Senhora das Neves de Olinda; e o segundo, que nella professou no anno de 1586; porque o primeiro, que nella fez profissaõ, foy o Irmaõ Fr. Gaspar de Santo Antonio, Religioso Leygo, que havia tomado o habito, ainda antes que os Padres Fundadores entrassem em o novo Convento. Ja contava alguns quarenta, ou mais annos de idade Frey Pedro, quando fez a sua profissaõ. Naõ só pelo seu estado, que foy de Religioso Leygo, mostrava ser humilde, mas foy nelle pelo seu natural esta virtude taõ praticada, e conhecida, que era tratado, assim de Religiosos, como seculares, por Fr. Pedrinho, como por carinhoza expressaõ do grande conceito, que delle formavaõ, em quanto humilde, além de outras muitas prendas de virtuoso. O seu principal cuidado foy o de Hortelaõ, exercicio, que se naõ pode nunca acabar com elle o deixasse, ainda sendo ja muito velho, achacozo, e quebrado. A isto attendendo os Superiores, muitas vezes lhe mandavaõ por Obediencia naõ fosse mais á horta a trabalhar, ao que elle obedecia alegre com promptidaõ, e humildade; mas logo com a mesma tornava aos Prelados lhe levantassem aquelle preceito, pedindo-lhes dispensa delle, e dizendo naõ tinha segura a sua consciencia, o dia, e hora, que naõ trabalhava; e assim nos ultimos annos, lhe mandaraõ fazer huma horta pegada ao Convento, a qual ainda hoje permanece, a huma ilharga da cisterna, na qual com menos molestia se pudesse exercitar, e nella se occupava plantando flores, e outras hortaliças, tanto para o uzo, e regálo dos Religiosos, como para o serviço, e culto dos Altares; e assim laborioso, humilde, e espiritualmente devoto, completou o curso da vida a

26 de Abril de 1628, com mais de oitenta annos de idade.

331. Fr. Pedro de S. Boaventura, chamado vulgarmente o Auzança, e tambem dos primeiros, que professaraõ na Casa de Olinda. Foy natural do Lugar de Matheus, termo de Villa Real, Arcebispado de Braga, carpinteiro por officio, e Leygo por profissaõ, que a fez a 16 de Julho de 1589, com mais de trinta annos de idade, na Casa de Olinda. Foy Religioso dotado de huma simplicidade santa, a que ajuntava huma vida Angelica nos costumes, e incansavel no trabalho do seu officio, no qual lhe naõ faltava em que se occupar naquelles principios, e ofazia com zelo, e cuidado, como tambem os mais da Communidade, a que naõ faltava, sem que estes da obrigaçã de Religioso o embaraçassem no das obras, e fabricas da Casa, e Convento. Nelle, e nestas santas operaçoens, e trabalhos, assim manuaes, como do espirito, jejuns, diciplinas, e Oraçaõ, se occupou pelo largo espaço de alguns quarenta e cinco annos até o de 1634, em que depois de queimada a Cidade de Olinda, no de 1631, pelos Olandezes, e retirados estes para o Recife, indo dalli em outra occasiaõ huma quadrilha destes inimigos á mesma Cidade, pela noticia, que tiveraõ de que assistiaõ no seu Convento alguns Religiosos nossos, e achando na Capella mór em Oraçaõ ao santo velho, que ja neste tempo contava alguns oitenta annos, a tiros de arcabuz, e golpes de partazanas, lhe tiraraõ crueis, e tyrannos a vida no mesmo lugar, deixando alli o seu cadaver, a que os mais Religiosos, assistentes no Oratorio do arrayal, ao outro dia deraõ sepultura no Claustro do mesmo Convento no qual assistia tambem.

332. Fr. Francisco da Esperança, Prelado actual, que era da mesma Casa, e nella fazia morada com o Irmaõ Fr. Pedro, arrebatados ambos do amor, e devoçaõ, que tinhaõ áquelle Santuario da Senhora das Neves, depois que os inimigos deixaraõ queimada, e destruida

a Cidade, se recolheraõ ao Convento, onde assistiaõ, occupados em santos exercicios, expostos ás necessidades, e miserias do tempo, como em hum solitario, e desamparado deserto, e offerecidos livremente aos perigos, e insultos dos contrarios Hereges, achando alli por premio deste seu intranhavel affecto, naquelle devoto, e saudoso lugar, o Veneravel Leygo a Coroa do martyrio, como piamente podemos crer, e o bom Prelado, e fiel Pastor repetidos actos de a merecer nas prizoens, carceres, desterrros, e penalidades, que se lhe seguiraõ; porque deixando os inimigos o companheiro morto, a elle o tiraraõ prezo, levaraõ á cadêa para o Reciffe, e o remetteraõ cativo, e desterrado para Olinda, de donde foy ter ao Reyno, e veyo a Pernambuco, e foy outra vez assistir ao seu Convento de Olinda. Deste o tiraraõ segunda vez os mesmos Olandezes, com mais onze Religiosos, que nelle assistiaõ, e outros, que apanharaõ dos mais Conventos, e prezos todos, despidos, e maltratados, no anno de 1639 os mandaraõ lançar desterrados pelas Indias Occidentaes de Hespanha, dos quaes o Padre Fr. Francisco da Esperança foy hum, como outros muitos, que por lá acabou os dias, e pôs o termo á vida, sem saberem os que por cá ficaraõ, qual fosse o seu fim, que não duvidamos seria em grande serviço de Deos, como Religioso que era de muitas, e singulares virtudes, especialmente na da Oraçaõ, em que foy muy pratico, e continuo; na de humildade, em que se excedia a si mesmo, pois sendo Prelado lavava os pés aos seus subditos, fazia as cozinhas, e mais officios humildes do Convento, com tanta submissaõ, e cuidado, como qualquer Chorista, ou Noviço. Por particular inclinaçaõ, e não ter tempo, que não fosse occupado em alguma obra em bem do proximo, e serviço da Religiaõ, exercitava por curiosidade o officio de imaginario, e o chegou a executar com tanta vantajem, que assim admirava a perfeiçaõ, como a brevidade com que

o fazia ; e sobre tudo a particular devoção, que infundia nos corações de todos as Imagens, que obrava : e sendo muy desembaraçado na factura dellas, ainda era mayor o desapego em as repartir ; porque sem interesse as dava, só pelo que entendia lucrar, com a veneração, que por meyo dellas se daria aos Santos, que representavaõ, e de quem eraõ Imagens. Muitas destas, diz huma memoria antiga, se conservavaõ ainda naquelle tempo, nos Altares, e Retabulos de alguns Conventos desta Custodia, da qual era filho, e havia professado no Convento de Olinda, pelos annos de 1600 até 1602, que pela falta de folhas do livro das Profissoens daquelle Convento, o não achamos nelle, e só que fora seu Prelado do principio do Governo do Padre Frey Cosme de S. Damiaõ, que entrou nelle pelo meyo do anno de 1633, a tempo, que ja os Olandezes estavaõ senhores da Praça do Recife, e Olinda, e os Prelados, que para estes Conventos se faziaõ, hiaõ ter a sua residencia, no Oratorio do Arrayal, de donde retirando-se o Olandez de Olinda para o Recife, e ficando deserto aquelle Convento, o seu Prelado, com o Irmão Leigo seu subdito Fr. Pedro Auzança, se recolheraõ a elle, e houveraõ o fim, que fica referido.

CAPITULO XXIII.

Do Veneravel Padre Fr. Luiz da Annunciação, a quem chamavaõ vulgarmente o Santo.

333. Differem as Estrellas entre si na claridade, diz o Apostolo ; porque he sem duvida resplandecerem humas mais que as outras. Assim o notaõ nas Celestes Esferas, os que contemplaõ a quotidiana carreira destes luminosos Astros. Guardada a analogica proporção com

que temos appropriado aos Religiosos Menores desta Custodia, e Provincia do Brasil, o de Estrellas mysticas deste Novo, e Serafico Orbe; do que fica dito dos que até aqui temos fallado, bem se deixa ver no breve discurso de suas vidas a differença, que tiveraõ nos seus progressos, e espirituaes operaçoens, mostrando-se mais, e menos admiraveis hum do que outros, ao menos conforme a vista, ou contemplaçãõ dos que lhes admiraraõ o curso, e nos deixaraõ escritas as suas virtudes: e porque estas saõ as luzes, e pelas quaes se deixa ver, ou registrar a differença, e grandeza de cada hum, dos que até aqui temos dito foraõ sem duvida de muita distincçaõ, ou por mais admiraveis, ou por melhor notadas, ou talvez por menos distantes ja á vista dos que as contemplaraõ as espirituaes luzes, e virtuosas operaçoens do Veneravel Padre Fr. Luiz da Annunciaçãõ, de quem agora entramos a escrever; pois lhe grangearãõ entre todos os que o conheceraõ, e trataraõ, o singular additamento de Fr. Luiz o Santo.

334. Este he o primeiro Religioso de virtude desta Custodia, de quem achamos nos livros do Cartorio de Olinda, e no da Bahia escritas as que praticou em sua vida, e lhe mereceraõ o nome de Santo, como tambem delle, e alguns mais hum Instrumento de testemunhas, tiradas por mandado do Custodio Fr. Joaõ Bautista, como ja tocamos. Tambem se acha, como fica referido na Estancia quinta dos Escritores desta Provincia, por hum delles Anonymo, ou sem nome expresso, discursada a vida deste Veneravel Padre, muy succinta na relaçaõ das suas virtudes, mas bastantemente diffuza na ponderaçãõ das que lhe escreve, que toda he panegyrica, e ornada, como alli notamos, de todo o genero de erudiçãõ assim Sagrada, como profana, ainda que seu Author, por escrever como devoto, e naõ por obrigaçãõ, teve alguns descuidos em a narrativa dos factos; porque supõem, que sabendo-se ser o Padre Frey Luiz oriundo

de Villa Real, houve ignorancia do Lugar determinado em que nascera, como tambem, quaes fossem seus Pays, e que fora morto pelos Hereges Olandezes em hum encontro, em o qual, como muitas vezes lhe succedeo naquella Campanha, se achara, no que padeceo certamente equivocação, porque não vio como Escritor particular o termo da sua profissão, em o qual se declaraõ seus Pays, Patria, e Lugar do nascimento; nem o summario de testemunhas, do qual consta onde, e como foy a sua morte, estando em tudo o mais, sobre elegante, e douta, ajustada com a verdade.

335. Em Villar de Maçada, termo de Villa Real, jurisdicção espiritual do Arcebispado de Braga, da Provincia de Traz os Montes, foy o nascimento do Padre Frey Luiz da Annunciação. Foraõ seus Pays Antonio Fernandes, e Beatriz Teixeira. Das qualidades do seu sangue nos não ficou outra genealogia mais, que aquella com que os ennobreceraõ as illustres virtudes deste filho. Do qual tambem não achamos outra noticia desde o seu nascimento até á sua profissão de Religioso Menor, mais, que ser ja Sacerdote secular, quando em Olinda a dezoito de Janeiro de 1602, a ratificou por ser nulla a que havia feito. Da primeira não achamos o termo, nem nestes da sua ratificação se explica a causa desta nullidade; e só se diz nelle, que a ratificara por ser nulla a primeira, conforme ao Motu proprio do Santissimo Padre Sixto V, sem apontar tambem qual fosse, em que anno, e porque motivo passara esta Bulla. Contava a este tempo o Padre Fr. Luiz trinta e cinco annos de idade.

336. Feito ja Religioso, e livre das distracções do Seculo, que lhe deviaõ embaraçar o adiantamento das virtudes, a que aspirava o seu agigantado espirito, se applicou a todas, que nos Claustros fazem perfeitos aos que nelles se querem sepultar em vida, sendo em todas hum exacto exemplar, assim aos de fora, que os fre-

quentavaõ, como aos de dentro seus habitadores. A estes; porque em todos os actos de Communidade o achavaõ sempre o mais prompto, e admiravaõ o melhor observador, e quanto mais humilde era o exercicio, com mais vontade o abraçava, naõ só em quanto subdito por obrigaçaõ, ainda em Prelado para o exemplo; porque, nem a preeminencia do lugar, nem a distincçaõ da pessoa, bastavaõ a divertî-lo dos humildes empregos em que se occupavaõ os Religiosos modernos, pois sendo ja muy velho, e grave, duas vezes Prelado, e outras duas Dissinidor, se exercitava nos ministerios communs dos Frades Leygos, e Choristas; a estes ajudava nos seus officios, e alleviava commumente da pensaõ de preparar os candieiros para o choro, só para que se rezasse o Officio Divino com toda a perfeiçaõ, e pontualidade. Nem sendo Religioso desta graduacaõ se esquecia por isso dos trabalhos da cozinha, e sem que estes o perturbassem como a Martha, assistio como a Magdalena ao socego da Oraçaõ, e presença de Deos. Esta foy a sua mais particular virtude, e este o seu mais continuado exercicio; porque em todo o lugar, e a qualquer tempo o achavaõ absorto nella, ja na Igreja, ja no coro, no Claustro, no Capitulo, na Cella, e até pelos corredores, nos quaes de noite o encontravaõ muitas vezes de joelhos em Cruz, com a cara para as paredes, e a bocca pregada nellas.

337. Desta intima communicacaõ com Deos, lhe resultava o intensissimo amor do proximo. Foy o Genticio que mais experimentou nelle este affecto, ou o seu effeito; porque, conhecendo os Prelados o seu Apostolico zelo, e santo dezejo de salvar almas, o applicaraõ á Doutrina dos Indios, mostrando na brevidade, e desembaraço com que aprendeo a sua lingua, que a do Espirito Santo fallava nelle, como Apostolo determinædo para a conversaõ de huma boa parte desta gente. Por quatro annos continuos assistio na Aldæa de Una no districto

de Pernambuco, com Fr. Jeaõ da Assumpçaõ, Sacerdote, por seu companheiro, e em outras mais. Foraõ innumeraveis os que reduzio á Fé, cuidando delles naõ só como Pastor espiritual de suas almas, ajudando-os tambem em suas necessidades, e trabalhos, pelo que elles o reconheciaõ como a Pay, e veneravaõ com hum particular respeito; e neste trabalho, e assistencia das Doutrinas, e Aldêas gastou huma boa parte do tempo que viveo Religioso, até que ja mais entrado nos annos pelos de 1615, que o achamos recolhido ao Convento de Olinda. A boa fama sua, que ja corria, e do Gentio se passava aos moradores da Villa, de tal sorte com a sua communicaçãõ cresceo entre elles, vendo pela experiencia, o que admiravaõ pelo que ouviaõ, que geralmente levava apõs si o affecto, e veneraçãõ de todos, exercitando-se o Veneravel Padre com elles em tudo o que era charidade, assim no que tocava á saude de suas almas, como ao beneficio de muitas necessidades corporaes, achando todos nelle remedio, e consolaçãõ, ainda á custa de prodigios. Por tudo se fez taõ acceito, e venerado daquelle povo, que intentando os Prelados, como a subdito, e filho da Obediencia, passá-lo a outros Conventos, naõ pode chegar á execuçãõ esta vontade; porque se acharaõ embaraçados com as supplicas, e lagrimas do povo, e de pessoas particulares, e devotas, a quem se naõ podia, nem devia faltar, principalmente naõ havendo cousa que encontrasse a Religiaõ para se deferir a ellas, que houveraõ por bem dispensar á supplica do povo, com a determinaçãõ dos Prelados, o qual pedia lhe naõ tirassem daquelle Convento o Padre Fr. Luiz; e assim sendo occasiaõ de o promover aos cargos da Ordem, no mesmo de Olinda occupou o de Guardiaõ por duas vezes, a primeira no tempo do Custodio Frey Vicente do Salvador, todo o seu tempo, que foraõ tres annos, ficando por Diffinidor no Capitulo seguinte, e segunda vez Guardiaõ do mesmo Convento da

Congregação do Custodio Fr. Antonio de Braga até o Capitulo, que se seguiu anno e meyo, em que o tornaraõ a fazer Diffinidor, sendo Custodio Frey Antonio dos Anjos, o qual o foy até o principio do anno de 1630, em que a 16 de Fevereiro aconteeo a lamentada perda da Villa de Olinda, passando o seu Catholico Senhorio a inimigos Hereges. Entre os varios Religiosos, que para assistir aos soldados nas trincheiras, e mais postos, foraõ repartidos pelo Padre Custodio, que entaõ se achava no Convento, foy hum o Padre Diffinidor Fr. Luiz da Annunciaçãõ, que nem o venerando da idade, nem o character da pessoa bastou a desviá-lo do perigo deste emprego, que tanto se accommodava com o zelo do seu espirito, e o ardente da sua charidade; e naõ quiz o Ceo ficasse sem o seu devido premio, nem a charidade com que assistia aos perigos de morte, nem o zelo da salvaçãõ das suas almas; porque no mais apertado daquelle fatal, e estronozo conflicto, sem temor da morte, que via accometter aos mais, no transito de acudir a hum, que agonizava, duas b́alas inimigas lhe bateraõ aos peitos, mais para lhe despertar o incendio, que ardia nelle, que para lhe abrirem porta, por donde sabisse aquella abrazada alma, que sem temor proprio, e admiraçãõ de muitos circunstantes, que assim o depuzeraõ depois, as vio cahidas a seus pés, obrando no inflammado peito do Servo de Deos o aballo daquelles pelouros, o que em huma fornalha acceza aconteeo, se lhe fazem tiro com algum pezado instrumento, que serve este de lhe accender mais as chammas, e aticar os incendios; porque, reconhecendo o Padre, no prodigio obrado em si, o poder da mão de Deos, e as misericordias do seu amor, de tal sorte se inflammou com este no do proximo, que continuando naquelle piedozo exercicio, naõ teve acordo de si para se pôr em salvo, como o faziaõ todos, e se achou prisioneiro dos inimigos, com alguns poucos Portuguezes, e moradores da Villa, que

naõ passaraõ de vinte, os que neste dia, com o Padre Fr. Luiz ficaraõ prezos, e cativos. Naõ nos consta o tempo, que durou esta sua prizaõ, mas, como escrevem as Memorias Diarias desta guerra, que a poucos dias de tomada a Villa pelos inimigos, deixaraõ ir livres os que haviaõ prizionado, com elles he sem duvida sahira tambem o Servo de Deos, pois o achamos logo a poucos tempos de assistencia no Arrayal do Bom Jesus de Parana-Merim, que huma legoa distante de Olinda, e o Reciffe, levantou o General Mathias de Albuquerque, e onde os nossos Religiosos retirados dos Conventos de Olinda, e Reciffe, fabricaraõ Oratorio, e assistiraõ alguns com os Prelados até á entrega do mesmo Arrayal, e a sua destruiçaõ pelo Olandez a 9 de Junho de 1635.

338. Cinco annos, e dous mezes foy todo o tempo, que á força de armas sustentaraõ os nossos esta Praça, e nella por todos elles fez tambem assistencia o Padre Fr. Luiz, occupado no exercicio de acudir aos assaltos, administrar os Sacramentos, animar os soldados, ajudá-los em suas necessidades espirituaes, e ainda em algumas temporaes daquelle miseravel povo. Assim deste em commum, como em particular dos seus Cabos, e maiores, naõ só pela fama, que ja havia grande das suas virtudes, como pelo que agora presencialmente viaõ do seu zelo, charidade, e outras exemplares acçoens, se fez em tanta maneira respeitado, e tido por hum Apostolico, e Santo Varaõ, que pondo o inimigo o ultimo cerco a este Arrayal, que durou por tres mezes, chegando os sitiados por falta de soccorros a huma grande necessidade de mantimentos, e do principal, que era o do paõ, ou farinha, que he o da terra; pelo grande conceito, que do Servo de Deos haviaõ formado, ordenou o Governador André Marim se lhe entregasse o cuidado de repartir com a gente a pouca, que havia, e foy entre elles voz, e practica commúa, que depois se naõ experimen-

tou falta alguma deste mantimento, affirmando os que recebiaõ as suas porçoens ordinarias, que se lhes augmentava, e crescia em as mochillas, e assim o depuzeraõ depois muitos delles.

339. Entregue o Arrayal aos inimigos, e a sua Fortaleza a partido de guerra, e feitos prizioneiros os que nelle se achavaõ, em o numero dos Religiosos, que alli residiaõ, entrou tambem o P. Fr. Luiz, e era a segunda vez, que lhe cabia esta sorte, ainda que naõ foy de tanto azar para elle, como para os mais; porque estes, dizem as ja notadas Memorias Diarias*, foraõ desterrados pelos Olandezes para as Indias de Castella. Mas he sem duvida, que a esta pena, ainda que naõ alcançamos a causa, naõ ficou sujeito o Padre Frey Luiz, porque sendo entregue o Arrayal a nove de Junho, como fica dito do anno de 1635, neste mesmo anno, ja pelos fins delle, achamos retirado ao dito Padre de Pernambuco para a Paraiba, e assistente em Casa de Francisco Camêlo Valcacer, Senhor do Engenho dos Reys.

340. Este homem se havia retirado com outros Senhores, e muito povo daquella Capitania para Pernambuco no fim do anno de 1634, depois que a vinte e quatro de Dezembro foy rendida pelos Olandezes a Cidade da Paraiba, e indo estes com o seu Governador Antonio de Albuquerque buscar o General Mathias de Albuquerque, que se achava situado para o Cabo de Santo Agostinho, chegando á povoação da Muribeca, na mesma occasiaõ, que alli chegava tambem o Olandez Segismundo em demanda de Mathias de Albuquerque, desta povoação, que fica quatro legoas ao Sul do Recife, entre este, e o dito Cabo, fez voltar outra vez o General Segismundo para a Paraiba muitos dos seus moradores, entre os quaes foy hum Francisco Camêlo, que com passaportes do Olandez foy viver á sua fazenda ja dita, aonde chegou no mez de Fevereiro do anno seguinte de

* Pag. 171 e 192.

1635. E sendo neste mesmo anno entregue, como ja se disse, o nosso Arrayal aos inimigos em Pernambuco, e com elle prezo, e solto o Padre Fr. Luiz, se retirou com alguns Religiosos mais para a Paraiba, e lá se recolheraõ em casa de Francisco Camêlo, como lugar mais seguro naquella conjunçãõ.

341. Nesta assistio com os mais Religiosos, em quanto no mesmo Engenho se fabricava huma Casa com seu Oratorio, para a qual se passaraõ aos onze mezes, e nesta viveo alguns quatro annos mais, até o de 1640, em que sem se lhe assignar o dia, e mez do seu fallecimento, dizem alguns assentos da Custodia fora neste anno. Na mesma Capellinha do Oratorio foy sepultado junto ao Altar para a parte da Epistola, com grande concurso, sentimento, e veneraçãõ do povo vizinho, que ainda depois de morto, e estando o seu corpo na Igreja, se chegavaõ devotos, e reverentes a beijar-lhe o habito, e tomar-lhe a bençãõ. Dous annos e meyo depois fallecendo outro Religioso naquelle mesmo Recolhimento, e abrindo-se a sua sepultura, para nella o enterrarem, varias pessoas do Lugar, e algumas principaes, que alli assistiraõ, á porfia lhe tiraraõ dos seus ossos algumas Reliquias, e os levariaõ todos, se lhes naõ fosse impedido; e os mais com a calvaria os ajuntou a huma parte da mesma sepultura Frey Angelo do Nascimento, outro Religioso Menor, que ahi se achava. Consta todo o referido do juramento deste dito Religioso, como tambem de Francisco Camêlo Valcacer, e sua mulher Anna da Silveira Mouraõ, Senhores do Engenho, e lugar do Oratorio, que se acharaõ presentes, assim a este acto, como ao do enterro, e todo o mais tempo, que na sua casa, e Oratorio, viveo com os mais o P. Fr. Luiz.

342. Passados alguns annos depois de restaurada com Pernambuco a Capitania da Paraiba, e restituídos os Religiosos ao seu Convento da Cidade, para elle se recolheraõ tambem aquelles ossos, e se lhes deo lugar no

Claustro junto á porta, que entra para o Cruzeiro da Igreja com campa de pedra, e letreiro, que diz :

Sepultura do Servo de Deos Frey Luiz da Annunçiaçãõ.

Contava, no anno em que falleceo, alguns settenta e cinco de idade, e quarenta de habito com pouca differença. Em todos mostrou ser sempre Religioso muy perfeito, como verdadeiro filho de S. Francisco, e muito exercitado em todas as virtudes.

343. A'lèm das que ficaõ ja notadas, foy singular no lizo, e singélo do animo ácerca da consideraçãõ, e conceito, que formava de todo o proximo, naõ suspeitando nunca mal de algum, por mais desconcertadas que visse as suas acçoens, e lançando tudo á boa parte, de todos julgava bem. Ou por participaçãõ do Ceo, ou por particular valia, que mereceo com o Santo Portuguez Antonio, foy outro como deparador de cousas perdidas, porque todos achavaõ as que lhes pertenciaõ, em se queixando, ou encommendando-as ao Servo de Deos; nem lhe faltou o Senhor com o dom, ou graça de outras cousas, que naturalmente se naõ podiaõ saber, como se observou em alguns casos, sendo hum delles o seguinte. Tratava-se com huma muy estreita, e espirital correspondencia o nosso Fr. Luiz da Annunçiaçãõ com o Padre Fr. Luiz Bolandos Religioso Castelhana da Provincia do Paraguay, e morador no Convento de N. P. S. Francisco de Buenos-Ayres; e estando para partir para este porto hum Navio, que se achava no de Pernambuco, ao Piloto deste entregou Fr. Luiz da Annunçiaçãõ hũa certa encommenda de devoçãõ para o dito Fr. Luiz Bolandos; e naõ fazendo viagem no tempo determinado a tal embarcaçãõ, se foy o nosso Fr. Luiz ao Piloto, e lhe pediu a sua encommenda, dizendo-lhe naõ ser ja necessaria a sua remessa: e dahi a pouco tempo chegou outro Navio de Buenos-Ayres, e nelle teve cartas do P.

Fr. Alonso de Bique, Religioso tambem Castelhana, em que lhe dava a noticia de ser fallecido o Padre Fr. Luiz Bolandos, e com ella lhe remettia hũa Reliquia sua, com a qual, assim no Rio de Janeiro, como em outras partes, obrava Deos por ella alguns milagres. Tudo isto depôs em o seu juramento o Irmão Fr. Antonio da Purificação, que neste tempo morava no Convento do Recife, e donde do de Olinda viera a elle o Padre Fr. Luiz a esta diligencia. O mesmo testemunho deste caso dá tambem Fr. Vicente de Santa Maria, no tal tempo Presidente do Convento do Recife, o qual acrescenta, que a elle mesmo dissera o Padre Fr. Luiz, não ser necessario mandar a sua encomenda para Buenos-Aures, por ser ja fallecido Fr. Luiz Bolandos. Neste dito Instrumento jurado se acha o testemunho de Fr. André do Porto, que indo elle testemunha com o Fr. Luiz da Annuniação a casa do Syndico de Pernambuco, e chegando a ella ao mesmo tempo, em que cahira por huma escada a baixo hũa menina, filha do dito Syndico, de que estava como morta, e offerecida assim pelos Pays ao Servo de Deos, fazendo sobre ella o signal da Cruz, no mesmo ponto se levantou saã, e sem dor, nem lezaõ alguma. Outra vez tornando ambos á mesma casa, acharaõ a propria menina muy attribulada com hũas febres, e com o signal da Cruz, que lhe lançou Fr. Luiz, se levantou logo saã, e livre daquella molestia; o que terceira vez aconteceu, tornando dahi a tempos a repetir-lhe o mesmo achaque.

CAPITULO XXIV.

Do Servo de Deos Fr. Manoel dos Anjos, ou do Porto.

344. Ainda que entre os Religiosos que descansão neste Convento da Senhora das Neves de Olinda, não tenha lugar o Servo de Deos Fr. Manoel dos Anjos, de

quem, pela ordem do tempo do seu fallecimento, se segue tratar, e nem o leve em outro algum da Provincia, e Custodia; porque naõ a terra, mas as agoas lhe deraõ sepultura, como neste de Olinda viveo, e nasceo para a Religiaõ, neste o devemos collocar, se naõ pelo dia do obito, em que renasceo para o Ceo, pelo da Profissãõ com que começou a viver para Deos. Foy esta a oito de Mayo de 1594, e a ultima de tres, que achamos fizera por sua pessoa, no sobredito Convento de Olinda, o Padre Custodio Fr. Melchior, e tambem no ultimo mez do seu governo, nesta Custodia, da qual foy filho o Padre Fr. Manoel dos Anjos, sendo natural da Cidade do Porto. Deste passou para o de Pernambuco no Brasil, levado dos interesses dos bens caducos do mundo, de que a poucos passos desenganado, trocou aquelles pelos seguros do Ceo, fazendo-se Religioso Menor, quando, sem outros cabedaes adquiridos, contava só vinte e tres annos de idade. Dos seus progressos particulares, e espirituaes do estado de Religioso, naõ achamos outros mais, que estar numerado na lista, que ja outras vezes referimos dos Religiosos filhos desta Custodia, que nella resplandeceraõ em virtude, e santidade, e que fora quatro vezes Guardiaõ em differentes Conventos seus. A primeira no Reciffe, tres annos do Custodio Fr. Paulo de Santa Catharina; a segunda no da Paraiba por outros tres do Custodio Fr. Antonio de Braga, e sahio Diffinidor no seguinte Capitulo; a terceira no de Olinda, depois de Diffinidor, do qual teve só o titulo, e naõ a posse; porque foy eleito seu Guardiaõ no anno de 1630, no Capitulo que celebrou o Custodio Fr. Simaõ de Santo Antonio, que neste mesmo anno chegou a Pernambuco, a tempo, que ja os Olandezes estavaõ senhores absolutos de Olinda, e Reciffe, e o Padre Guardiaõ eleito para aquelle Convento, tomou a posse delle no Oratorio do Arrayal, onde o foy os tres annos seguintes, até o Capitulo, que no Convento de Pojuca celebrou o Custodio

Fr. Cosme de S. Damiaõ em 1633, em que entrou a exercer este cargo, e do Arrayal passou para Guardiaõ de Pojuca o P. Fr. Manoel dos Anjos, e o foy aqui até á nomeação dos novos Prelados, que fez o dito Custodio Fr. Cosme no anno de 1635, e de Pojuca passando para Olinda com outros Religiosos mais, que faziãõ com elle o numero de doze, foraõ prezos estes pelos Olandezes, e os mais que puderaõ apanhar, e acharãõ pelos Conventos de fóra, e os mandaraõ lançar pelas Indias Occidentaes de Castella no anno de 1639. Ao P. Fr. Manoel dos Anjos largaraõ os inimigos na Ilha de Margarita, da qual passou para a de S. Joaõ, chamada tambem de Porto Rico, pelo principal, onde está situada a Cidade deste mesmo nome. No Relatorio terceiro deixamos feita alguma memoria dos trabalhos, ultrajes, máo tratamento, e outras similhantes molestias, que nestas viagens padeceraõ os taes Religiosos pelos insolentes Hereges, que tudo se póde reputar por huns crueis martyrios, pois executados por elles em odio da Igreja em seus filhos, e Ministros, dos quaes era hum dos melhores o P. Fr. Manoel dos Anjos.

345. Foy a sua assistencia em Porto Rico por quasi dous annos, e naõ temos individual certeza em casa de quem fosse esta; mas do que achamos escrito em huma memoria da Provincia se collige fora em casa do Syndico do Convento dos Religiosos Menores daquella Cidade, na qual a pouco tempo lhe sobreveyo huma doença grave, contrahida do máo tratamento dos inimigos naquella viagem, ajudada dos seus muitos annos. E como a enfermidade he a melhor pedra de toque, na qual se prova, e conhece o valor, e quilates de toda a virtude, nesta mostrou o Servo de Deos a muita, de que o Senhor havia adornado a sua ditosa alma, na paciencia, soffrimento, e conformidade com que se portava nas dores, e molestias, que padecia, naõ sendo bastantes todos os seus accidentes a priva-lo do trato, e familiaridade

com Deos, por meyo da Oraçaõ, e contemplaçaõ das cousas celestes; antes dava a conhecer, que aquellas penalidades do corpo, que levava taõ conforme, lhe accrescentavaõ o merecimento, e dilatavaõ o espirito. Algumas vezes, estando só no apozento, que lhe haviaõ dado, foy ouvido, como que conversava com muita ternura, e affecto; do que resultou, em certas pessoas devotas, que o vizitavaõ, e lhe assistiaõ, e ja de antes haviaõ formado delle bom conceito, ficarem mais confirmados na sua virtude, discorrendo que os Santos, ou Anjos do Ceo lhe assistiaõ e o confortavaõ na sua enfermidade; pois tendo estas mesmas pessoas percebido as vozes da sua practica, entrando depois a fallar-lhe, o achavaõ muy alegre, e satisfeito.

346. Para credito mayor desta grande opiniaõ, que delle haviaõ formado commummente todos os que o conheciaõ, e tratavaõ, quiz obrar o Senhor por meyo do seu Servo dous prodigios, em dous casos dignos de serem notados por milagrosos, na mesma casa em que assistia. Foy o primeiro em a propria senhora, e dona della, a qual padecendo havia muitos annos hum fluxo de sangue pela bocca, sem achar allivio em muitos remedios, que lhe havia applicado a medicina, confiada na virtude, e merecimento do seu hospede, lhe rogou alcançasse de Deos a cura para o seu achaque. Naõ se pode excuzar á supplica, como obrigado, e piedoso, e para disfaçar a virtude, e merecimento proprio, com a capa, ou da efficacia de algum remedio natural, ou do poder Divino, rezando para a enferma hum dos Santos Evangelhos da Igreja, e dando-lhe a beber em agoa certos pós, que sem duvida naõ tinhaõ valor algum, ficou a mulher immediatamente saã, alliviada e livre para o diante da sua enfermidade.

347. O segundo foy com hum filho pequeno desta mesma senhora, que se achava gravemente molesto com huma quebradura nas virilhas, e tambem sem effeito em

muitas curas, que lhe haviaõ feito, e a Mãy chea de fé, pela que havia concebido do que em si experimentara, lhe offereceo o filho, rogando-lhe com instancia, se dignasse alcançar-lhe tambem de Deos o remedio para aquella molestia; e naõ achando o Padre razoes para a excuza, feita primeiro oraçaõ ao Senhor, e uzando, como virtuoso, e modesto, da passada cautela, com applicar á parte offendida hum emplastro commum, ficou a crianca inteiramente saã.

348. Com estas, e outras virtuosas operaçoens do Servo de Deos, assim cresceo naquelle povo, e se divulgou a fama da sua virtude, que D. Fernando Cabrera, Fidalgo Castelhana, havendo de se embarcar de Porto Rico para Espanha, pedio ao Governador da Cidade lhe desse aquelle Religioso para o levar em sua companhia, e o conseguiu com muito gosto, e consolaçaõ sua, e quiz o Ceo que, para premio da devoçaõ deste Fidalgo, e credito da boa opiniaõ, que do Servo de Deos havia elle formado, lhe sobreviesse no mar huma furiosa, e desabrida tempestade, e que fosse o P. Fr. Manoel o unico refugio, depois de Deos, para se livrarem do seu perigo, e total perdiçaõ; porque rotas ja as duas vélas principaes á violencia dos ventos, e vendo se destroncava o Navio aos golpes das ondas, considerando-se todos no ultimo estrago, recorreraõ com lagrimas ao Padre, pondo na sua valia para com o Senhor a unica esperança do seu livramento. Elle os animou a confiar em Deos, que pelos merecimentos do seu Servo S. Francisco lhes acudiria em tanto aperto; e tirando do cordaõ, que trazia cingido sobre o habito, mandou que o segurassem ao costado do Navio, e logo cessou a furia dos ventos, e amainou a braveza da tormenta: e porque os mares se mostravaõ ainda muy inquietos, advertio, firmassem o cordaõ, de sorte, que corresse com a ponta á superficie das agoas, e ao seu tóque abaixaraõ de todo as levantadas ondas, serenou o mar, e ventos contrarios, correndo os

favoraveis, e amigos da viagem. Nesta affirmou algumas vezes o P. Fr. Manoel a D. Fernando, havia fallecer antes que a completassem, e com tanta certeza, que parece dava a entender que o sabia por participaçã Superior, e assim, aggravando-se a enfermidade, contrahida dos passados trabalhos do seu desterro, juntos com o mayor, que era o dos muitos annos de idade, pois ja neste contava settenta: a poucos dias depois de passada a tormenta do mar, lhe sobreveyo a ultima da vida. No dia, em que havia ter esta o seu termo, se preparou para elle com todos aquelles actos de Religioso, e Christãõ, e outros muitos de amor de Deos, e espirituaes colloquios com o Senhor, pedindo lhe lessem tambem algumas Oraçoens santas, e dispozitivas para aquella hora, com as quaes avivasse a sua fé, e fortalecesse para ella o seu espirito. E querendo-lhe dar algum conforto para o corpo, o naõ quiz, affirmando que ja lhe naõ era necessario, porque brevemente passaria sua alma a outra vida, onde esperava gostar da vista de Deos; e dahi a pouco, com suave descanso, espirou, ficando o seu corpo taõ composto, e bem assombrado, que bem mostrava que o fora de huma alma, que estava gozando as delicias do Paraizo. Foy grande em todos o sentimento da sua morte, e a muita fé, e grande opiniaõ da sua virtude, que por todos os da Náo foy constante, os obrigou a tomarem parte do seu habito por Reliquias. He o profundo do mar, e o seu pégo a inconstante sepultura dos que sobre elle põem termo aos dias de vida, e aos pés dos seus corpos, costumaõ os mareantes atar huma botija cheya de agoa, para que com mais brevidade os levem ao fundo. Nos do P. Fr. Manoel ataraõ huma grande Piloreira, que levava tres das outras commûas, e naõ só naõ foy bastante este mayor pezo para o levar ao fundo mais de pressa, antes, como se ja lhe quizera servir de peanha, o foy sustentando em pé sobre as agoas, com muita parte do corpo defóra,

com admiração de todos os da embarcação, que o foraõ vendo assim, em quanto á vista o pode alcançar ; e ainda os que se subiaõ ás gavias, assim o admiraraõ, até de todo lhes tirar a distancia a faculdade de o poderem ver. Querendo sem duvida mostrar a Providencia de Deos neste taõ admirado, como nunca visto prodigio, subira direita aos Ceos, por virtude da graça, a alma daquelle corpo, que contra a natureza do elemento das agoas, sem ir ao fundo, se sustentava em pé sobre ellas. Todo o referido consta de hum Auto de testemunhas, que se tirou na Ilha de Santiago, onde foy aportar esta embarcação, em o qual juraõ os mesmos mareantes, a 6 de Abril de 1641, com todas as solemnidades necessarias. Foy o seu felice transito no mez de Março deste mesmo anno.

CAPITULO XXV.

Do P. Fr. Paulo de Santa Catharina, oitavo Custodio do Brasil, e do segundo Provincial Fr. Aleixo da Madre de Deos.

349. Foy sempre a Nobreza no homem hum forte, e vigoroso estimulo para toda a virtude, assim como deo sempre a virtude mais esplendores á Nobreza, pois se não póde negar no homem, que o mais forte estimulo para a virtude, o tem elle no illustre do sangue, e que a este lhe vem a servir de mayor esmalte a virtude. Entre os que nos podem authorizar esta maxima, com o argumento mayor do seu exemplo, foy hum o Padre Fr. Paulo de Santa Catharina, a quem as suas virtudes, por illustres, fizeraõ realçar muito mais a Nobreza do seu nascimento. Foy natural de Olinda em Pernambuco, filho de D. Filippe de Moura, e de Dona Genebra Cavalcanti. De muy nobre, e illustre geraçãõ, diz hum assento desta

Custodia. Por seu Pay sem duvida; porque dos Mouras; taõ illustres, como famosos nas Historias de Castella, e Portugal; e naõ menos por parte Materna de Philippe Cavalcanti, Fidalgo Florentino, e dos Albuquerque, taõ celebrados no Reyno, e suas Conquistas; pois era segundo neto de Jeronymo de Albuquerque, cunhado de Duarte Coelho Pereira, primeiro Donatario, e Senhor de Pernambuco, com o qual cazou Jeronymo de Albuquerque sua Irmã Dona Brites de Albuquerque.

350. Pela mesma parte materna, era D. Paulo, que assim se tratava no seculo, segundo neto de Dona Maria do Espirito Santo, Arco Verde, filha, ou, como dizem as memorias que seguimos*, Princeza dos Tobayarás, Gentio do mais alto, e principal de Pernambuco, e toda a Costa do Brasil, como fica assentado em seu lugar**. Desta teve Jeronymo de Albuquerque, entre outros filhos, a Dona Catharina de Albuquerque, que cazou com Philippe Cavalcanti, ja referido, e destes nasceo Dona Genebra Cavalcanti, que foy Esposa de D. Philippe de Moura, ja nomeado, que foraõ os Pays de D. Paulo de Moura, de quem fallamos.

351. Foy D. Paulo de Moura terceiro Avô de Sebastiaõ Jozé de Carvalho e Mello, Moço Fidalgo da Casa Real, Enviado á Corte de Inglaterra, Academico Real, e Secretario de Estado do Fidelissimo Rey D. Jozé I; porque de D. Paulo de Moura, e Dona Brites de Mello, sua prima, filha de João Gomes de Mello o moço, e Dona Margarida de Albuquerque, Irmã de Dona Genebra Cavalcanti, foy filha Dona Maria de Mello; e desta, e de Francisco de Mendoça Furtado, Alcaide Mór de Mouraõ, Commendador de Villa Franca de Xira, e Governador de Mazagaõ, nasceo Dona Mayor Luiza de Mendoça, que cazou com Joaõ de Almada de Mello, Com-

* Theat. Geneal. Avo. 53, e 213.

** Estanc. 13. Digres. 2.

missario Geral da Cavallaria da Beira, Alcaide Mór de Palmélla, e Senhor do Morgado dos Olivaes, e do Souto delRey, e destes foy filha Dona Teresa Luiza de Mendoca, cazada com Manoel de Carvalho de Ataide, moço Fidalgo da Casa Real, Commendador da Ordem de Christo, e Capitaõ de cavallos na guerra em que se disputava a successaõ de Hespanha por Carlos III, que passou á do Imperio, do qual matrimonio nasceo o sobre-dito Secretario de Estado Sebastiaõ Jozé de Carvalho e Mello, Conde de Ocyras.

352. Na florente idade dos vinte annos, se despozou D. Paulo com Dona Maria de Mello sua prima, que contava os mesmos com pouca differença. Mas como o Ceo lhe tinha disposto outro estado, em que melhor seguisse o da sua alma, deixando-lhe ver o fructo do primeiro em Dona Maria de Mello sua filha, lhe tirou o estorvo, levando para si insperadamente, a sua Esposa. Este golpe, que o ferio sem duvida na parte mais sensivel do coraçãõ, lhe abriu os olhos da alma, effeito ja experimentado por muitos em grandes dores, para que fazendo mayor reflexãõ, na inconstancia, e brevidade, com que passaõ, e se perdem os bens, e gostos do mundo, cuidasse em buscar outros mais firmes, e permanentes. E porque nestes tempos, como primitivos, eraõ celebrados os Religiosos Menores nestas partes pelo seu bom exemplo, doutrina, e santos costumes: a estes buscou para os acertos do seu espirito, mostrando na perseverança da supplica, com que repetidas vezes aos pés do P. Custodio Fr. Leonardo de Jesus pedia o admittissem á sua companhia, lançando-lhe o santo habito, o effcaz da sua vocaçãõ, que conhecida por legitima, foy acceito á Ordem, vestindo-lhe o habito por suas mãos o Padre Custodio, vespera do Principe dos Anjos S. Miguel. No primeiro anno, que he o da approvaçãõ, a deo de si taõ cabal, que satisfeitos os Religiosos do que tinhaõ visto nelle, e confiados nas grandes espe-

ranças, que dava de si, lhe fizeraõ a profissaõ em 29 de Setembro de 1596 como ja se disse na sua Estancia de Custodio, em idade de vinte e hum para vinte e dous annos.

353. E porque nos dous pólos da abnegação propria de si, e na deixação do seu, e dos seus, está a total prova da verdadeira vocação; tendo-a dado ja huma vez Fr. Paulo taõ notoria como a de fugir ao mundo, e abraçar o estado Religioso, naõ se dando ainda por satisfeito, e parecendo-lhe pouco tudo isto que havia deixado, porque o tinha muito perto da vista, nos parentes, amigos, e na mesma Patria; quiz por-se de tudo isto tambem longe, pelos grandes embaraços, que nelles, e pelos seus se podiaõ seguir aos seus progressos espirituales, e aproveitamento de sua alma: e assim, logo que se vio professo, pedio, e alcançou licença dos Prelados, e se passou para a Provincia, na qual encorporado, como diz hum assento desta Custodia, o admittiraõ aos Estudos, e foy hum dos famosos Prégadores do seu tempo. Algum se occupou neste Apostolico exercicio, que o fazia com credito, applauso, e fructo, porque tanto persuadia com o solido da Doutrina, como com o bom exemplo da vida, que sempre o deo, como Religioso, e perfeito, fóra aos seculares, e dentro a seus Irmãos; e attendendo os Prelados aos seus merecimentos, e virtude, o admittiraõ, quando foy tempo, aos cargos da Ordem, que saõ os premios condignos, com que nella se deve satisfazer aos sujeitos benemeritos: e assim o fizeraõ Guardiaõ da Casa de N. Senhora da Conceição de Cantanhede, e depois do de Santo Antonio da Merciana: e celebrando a Provincia o seu Capitulo de 14 de Janeiro de 1617, em que elegeraõ Provincial ao Padre Fr. Leonardo de Jesus, que havia sido duas vezes Prelado Mayor desta Custodia, e acceito, e lançado o habito a Fr. Paulo de Santa Catharina, o nomearaõ tambem nelle para Custodio do Brasil, para onde partio, e chegou

neste mesmo anno ja para o fim. Fez Capitulo, e entrou a Vizitar a Custodia, cuidando dos subditos com exacta vigilancia, e Religioso desvélo, mas dirigido tudo com prudencia, mansidaõ, e acerto, donde vinha a ser o seu governo bem acceito dos de dentro, e com especial agrado dos de fóra, porque com todos mostrava hum natural agrado, e hũa tal especie de urbanidade, e cortez attençaõ, que sem degenerar em nimia, ou affectada, sabia fazer-se respeitoza, e veneravel.

354. Naõ só cuidou no bem, e adiantamento espiritual dos subditos, tambem o fez no material dos Conventos, e especialmente naquellas cousas, que respeitavaõ ao Culto Divino, de ornamentos, e outras semelhantes. Tambem mandou levantar as paredes da Capella mór da Igreja da Senhora das Neves de Olinda, e fazer os Retabulos dos Altares, com todo o ornato, e melhor aceyo, que permittiaõ aquelles tempos, para que Deos, e sua Mãy Santissima tambem nestes exteriores cultos fossem venerados com aquella Religiosa, e Christã decencia, que, sem offender a pobreza altissima do nosso estado, deixasse satisfeita a devoçaõ piedosa dos bemfeitores. Concluido com acerto, prudencia, e Religiaõ, o seu governo, nem a Patria, nem as estimaçoens o puderaõ persuadir a que ficasse na Custodia, e entre os seus, antes com estranha resoluçaõ se embarcou para o Reyno, entregando-se resignado ás contingencias de taõ incerta, e perigoza viagem. Chegou á Provincia, e querendo lá os PP. quando foy tempo premiar seus trabalhos, e justo merecimento, o elegeraõ Guardiaõ do Convento de Santo Antonio da Castanheira, hoje Casa Capitular, e ahi neste exercicio, escreveu o Cartorio da Custodia, sem lhe assignar o dia, nem o anno, pôs termo aos da vida, exemplar, e Religioso, deixando a todos satisfeitos com a practica das suas virtuosas acçoens, e regulares acertos. Destes o poderaõ contar melhor, assim nos de Prelado Local, como subdito, as memorias

da Provincia; nas da Custodia vemos, que o tem ella alistado em o numero dos seus filhos de virtude, e boa fama. E supposto que só o conheceo nos dous, ou tres annos primeiros de Noviço, e Chorista, e nos tres para quatro de seu Custodio, naquelles do principio lhe servio de admiracão com o notavel desapego das temporalidades do seculo, e abstracção de parentes, e patria, e ainda daquelles laços, ou correntes, que fortemente prendem, e impedem no coração humano as luzes do discurso, como prendas da alma, que são os filhos, e elle deixava huma apenas nascida; e naquella idade, em que está mais cega a razaõ para este conhecimento, como era a em que se achava de vinte annos. E quando constituido depois no lugar de Mayor, e seu Custodio, a edificou tambem com o bom, e ajustado do seu proceder, prudente, modesto, austero, pobre, e humilde, amante de seus Irmãos, Pay de seus subditos, exemplar de Religiosos, e idea regular de Prelados perfeitos.

355. Não escrevemos esta breve Relação da vida do Padre Custodio Fr. Paulo de Santa Catharina, tanto pelos seus progressos, e fins, que julgaraõ alguns não passão da carreira commúa de qualquer religiosa, e moderada virtude; só o fazemos pelo principio, ou motivo da suavocacão, pois a julgamos digna de entrar entre as memoraveis. E pela mesma razaõ escrevemos tambem a do P. Fr. Aleixo da Madre de Deos, segundo Provincial do Brasil, não pelos principios, e progressos, que teve na Custodia, e de que ja se fez menção na sua Estancia, mas pelo fim que teve fora della, que não deixa de ser digno de entrar nesta escrita. Pois he sem duvida, que os Juizos de Deos são admiraveis para com aquelles, que tem determinado para seus, porque a cada hum leva para si por seu caminho, e ainda aos que guia pelo mesmo, a huns põem em via logo no principio, a muitos no meyo, e a alguns só no fim, por aquelles, que

sabe a sua Providencia. Entre o destes ultimos nos parece havermos encontrado com o P. Fr. Aleixo.

356. No segundo lugar da Estancia terceira dos Provincias do Brasil ja lhe demos o que nelle lhe pertencia, e alli deixamos assentadas as suas operaçoens, em quanto ao governo da Provincia até á sua segunda volta ao Reyno, onde diziamos, que depois desta não tornou mais ao Brasil; mas porque a nossa obrigação he escrever, não só o que nos dizem os assentos dos Archivos da Provincia, mas tambem o que ouvimos por tradiçãõ dos velhos, e antigos Padres della, que he outro modo de Archivo, a que se deve a mesma fé, e credito; diremos agora, ou additaremos ao ja escrito, como certo, o que mais achamos, como veridico, e por tradiçãõ, e não de tantos seculos, que não fosse ouvido por nós a sujeito, que vio, conheceo, e tratou ao P. Fr. Aleixo. Na segunda jornada que fez ao Reyno sobre as oppoziçoens de Fr. Sebastiaõ do Espirito Santo, Commissario Geral intruso, acceitou em Lisboa para Noviço ao Irmãõ Fr. Gaspar de Santo Antonio, que mandado por elle para a Provincia a tomar o habito, nella professou no Convento de Olinda a quatro de Outubro de 1668 com vinte annos de idade, Religioso, que conhecemos, e tratámos muitos annos no Convento da Bahia, desde o de 1717 por diante, e falleceo ahi no de 1739, com 91 para 92 de idade, e foy Custodio nesta Provincia. Dizia este Religioso, quando algumas vezes fallava no P. Fr. Aleixo, que fora sujeito notavel, e dotado de muitas prendas conducentes todas a hum Prelado de distincçãõ, sendo sobremaneira, astuto, previsto, e prompto para qualquer resoluçãõ, ainda repentina, e com facilidade conseguia o que intentava, e que El-Rey D. Affonso VI fizera delle grande conceito, e que tambem o tivera delle muito bom o Reverendissimo Fr. Ildefonso Salizanes, Ministro Geral de toda a Ordem. Accrescentava, que para em tudo ser pessoa notavel, até

nas ultimas, e mais importantes resoluçoens da vida, mostrou que era grande, de coraçãõ forte, e animo violento; porque se até huma certa violencia he necessaria para arrebatãr o Ceo, para isto teve huma muito forte este Padre.

357. Concluidos na Curia Romana, Corte de Madrid, e Lisboa os negocios da Provincia, e todos a seu favor, porque nesta conjunçãõ a requerimento seu, e dos Padres da Meza da Diffiniçãõ, revogou o SS. P. Alexandre VII, o Breve, que havia alcançado Fr. Sebastiaõ do Espirito Santo para Commissario Geral, se embarcou Fr. Aleixo para o Brazil em huma Náo, e tendo esta no mar encontro, e peleja com outra inimiga, o que resultou deste naval combate foy, ir dar ao porto de Mexico nas Indias de Hespanha o P. Fr. Aleixo, naõ como Religioso, mas trasformado em secular, e que naquella Corte passeara as suas ruas, como grande Senhor em sua caruagem. Era Vice-Rey entãõ daquelle Estado, hum Fidalgo Castelhana, que em Madrid tivera conhecimento com Frey Aleixo, quando os annos passados fora a Castella a negocios da Provincia com o Padre Geral. Viraõ-se algumas vezes o Vice-Rey, e Frey Aleixo, e conhecendo este muito bem ao Vice-Rey, tambem o Vice-Rey se lembrava ter visto aquelle homem, mas naõ o conhecia por aquelle que agora tratava, porque lá se lhe representou sempre ser outro do que via; e se naõ da primeira, e segunda vez, veyo em fim no conhecimento de quem era; e buscando occasiaõ de lhe fallar, lhe disse assim, ou em termos semelhantes o Vice-Rey: *Que he isto Padre Provincial Fr. Aleixo? Que diferente traje he este, em que agora o vejo nesta Corte, do quelle habito com que o alcancey na de Madrid, e como se compadece bem esta pompa rica, e profana em Mexico, com aquelle estado pobre, e Religioso de Castella!* Naõ pode o Padre negar que era o mesmo; e esta voz do Vice-Rey foy hum relampago de luz, abrindo-lhe os olhos da alma

nô mesmo tempo, que as lagrimas, e o pejo lhe deixaraõ a face pallida, e os do corpo cegos, assim como aquella outra do Ceo cegou primeiro a Saulo, para lhe dar depois a melhor vista, tornado Paulo, e retirado por Ananias da casa de Judas Tarcense para a sua : assim o Padre Fr. Aleixo, buscando o Convento dos Religiosos Franciscanos da Cidade de Mexico, despido daquelles habitos exteriores, e revestido no antigo, e Serafico, se passou para a Ilha de Santa Martha, a outro Convento dos Menores, onde viveo alguns annos, compungido, penitente, e exemplar : e tanto, que fazendo a sua mayor assistencia em huma Capellinha, que ficava na cerca do Convento, que escolhera para com mais socego se applicar aos exercicios espirituaes, e com mayor fervor, e desafogo praticar as suas penitencias, alli se exercitava mais frequentemente em huma, que tanto tinha de mais extravagante, quanto era mais dura, insoffrivel, e aspera, e que só hum animo violento, como era o seu, a poderia aturar ; como era por grande espaço da noite, despido, e em hum lugar da cerca, junto á sua Capellinha, em que entravaõ as agoas da maré, expõr o corpo assim, e offerecê-lo aos subtils, agudos, e penetrantes picos daquella praga de mosquitos, que sendo por natureza a mais debil, e fraca, foy por arte a mais violenta, e insopportavel para os Egypcios, e a que só bastou, depois de outras de mayor vulto, para vencer a hum Faraó endurecido, e a hum povo obstinado. Com este, e outros semelhantes generos de martyrios, mortificaçõens, e penitencias acabou os dias entre aquelles Religiosos, e ficando sepultado seu corpo no seu Convento, permittiria Deos voasse aos Ceos aquella alma, que no mais perigozo fim soube conhecer os erros da sua vontade, e castiga-los com a emenda, e penitencia delles. Assim o relatava o Padre Fr. Gaspar, affirmando, que os haviaõ escrito assim os Padres daquelle Convento aos desta Proviucia ; e se confirma tudo com os as-

sentos dos livros dos obitos, nos quaes se diz : *Falleceu o Padre Fr. Aleixo, Provincial em Santa Martha das Indias de Castella no anno de 1672, e no de 1673 chegou a noticia a esta Provincia.* E naõ podemos deixar de proferir algum sentimento, de que fazendo-se este breve assento, se naõ deixasse mais extensa noticia, ou ao menos, guardarem-se aquellas cartas, por nos naõ ficar só em tradiçaõ, e no gabinete da memoria, que esquece, e acaba, o que nos Archivos da Provincia se podia conservar perduravel nos seus caracteres, e escrituras:

CAPITULO XXVI.

Do Servo de Deos Fr. Jozé de Santo Antonio, Religioso Leygo, chamado vulgarmente Fr. Jozé o Santinho.

358. Foy natural de Ponte de Lima, e passou a Pernambuco pelos annos de 1625, com commissãõ, e trato de mercador, e na Villa de Olinda assistio com este negocio até o de 1630, em que esta passou ao dominio do Olandez, e perdidas com as dos mais as suas fazendas, e commissoens, pelo repentino, e apressado com que se retiraraõ da Villa todos os moradores, o fez elle tambem, deixando enterrado na mesma casa em que habitava, algum dinheiro, que das ja passadas mercadorias havia recolhido, ou pelo naõ poder conduzir seguramente consigo, ou suppondo naõ ficaria o inimigo absoluto senhor do povoaçãõ. Mas fosse qualquer o motivo, vendo aos Olandezes possuidores, e dominantes de tudo, elle se retirou para a Capitania do Espirito Santo, mostrando ja deste principio, que, supposto deixava naquelle campo, que assim se podia chamar Olinda naquelle tempo, o seu thesouro, naõ ficava nelle o coraçãõ, pois se apartava para onde o naõ podia ver, nem haver, sem duvida, porque em outro melhor o tinha elle

posto, que era no eterno, e perduravel da Celeste Patria. Este achou na Villa da Victoria, porque, movido de superior impulso, o foy descobrir nos Claustros da Religiao Serafica, pedindo o habito de S. Francisco no seu Convento, que nesta Villa tem os Frades Menores, e ainda entã sujeita a esta Custodia do Brasil, pelos annos de 1633. Com poucos de professo, o passaraõ os Prelados para o Convento do Rio de Janeiro, e estando aqui, foy nomeado por hum dos sette Religiosos, companheiros do Irmaõ Fr. Francisco dos Santos, Ex-Leitor de Theologia, que mandavaõ por primeiro Prelado e fundador da casa de S. Paulo, onde chegaraõ a cinco de Janeiro de 1639; e este foy o primeiro theatro, que havia disposto Deos para fazer publicas ao mundo as muitas virtudes, e graças do seu Servo. Foy nesta Casa o seu continuo exercicio o de Porteiro, por alguns vinte annos, que nella assistio, e nesta occupaçã soube ganhar para si tanto de merecimento, quanto pode, e achou que dispende com os proximos em beneficios, especialmente com os pobres, que às portas dos Conventos costumã chegar por necessidade, e achavaõ nelle o remedio para todas, além do alegre, e affavel, com que os accommodava, ainda quando não tinha com que os satisfizesse á medida do seu dezejo; não só com o paõ, e sustento quotidiano, tambem com o pauno, e roupas, para cubrir a nudez de alguns mais desamparados, pedindo a outros algodã, e pannos deste genero, com que se costumava vestir naquelles principios a gente da terra. A este proposito achamos escrito hum cazo, que não só mostra esta sua muita charidade com os pobres, tambem publica outra graça, que mereceo do Ceo, em ser hum certo deparador de cousas perdidas, com o conhecimento d'onde paravaõ. Certo morador de S. Paulo havendo-lhe fugido hum só escravo que tinha, se chegou ao Porteiro, rogando-lhe fizesse recommendaçã a Deos para lhe apparecer, pois lhe fazia grande falta; e elle lhe disse

por modo de graça: e quantas arrobas de algodão ha de mandar fiar para os meus pobres? E respondeo o homem, que não tinha escravas, por quem o pudesse mandar fiar; e elle lhe tornou, que bem podia mandar fiar até cinco. Assentio o homem; e querendo repetir-lhe a supplicá do seu preto, lhe disse o Irmão Fr. Jozé: Pois se essa he toda a duvida; vá aqui pela cerca do Convento, e quando chegar lá junto á porta do carro, repare, que poderá ser que o ache ahí. Partio elle, e assim lhe aconteceu; e tornando logo á portaria com o mesmo escravo, lhe rendeo as graças pelo achado, e certificando-lhe, que não só mandaria fiar as cinco arrobas de algodão, senão quantas o Padre quizesse. Desta especie diremos adiante outras mais, e tornemos á portaria, que ainda ha lá que notar em prova da sua muita virtude, e santidade. Entre os pobres, que a elle concorrião pela quotidiana esmóla, era conduzida huma menina pobre, e cega por nascimento. Era o Servo de Deos naturalmente compadecido, e arrebatado hum dia desta sua espiritual payxaõ, foy-se ao Altar Mayor, e tirando huma Roza, das que elle alli costumava pôr, e colhia de hum canteiro, que para isto cultivava junto á portaria, applicando-a aos olhos da pobre, e cega creatura, cobrou repentinamente a vista, com espanto, e admiração dos mais pobres, e circumstantes; e vindo depois o Pay da menina render-lhe as graças pelo milagre, o mandou, que as fosse dar ao Santissimo Sacramento, que fora o Author daquella obra, e o que lhe havia feito aquella graça.

359. Tambem teve huma muy especial para compôr discordias, e introduzir paz entre inimigos. Como taes se tratavaõ nos contornos de S. Paulo duas familias, das que no Lugar faziaõ mayor vulto, causando-se huma a outra muitos estragos, e servindo aos vizinhos de grande escandalo. Metteraõ-se de perneyo algumas pessoas das principaes, e de authoridade para haverem

de os compôr, e nunca o puderaõ conseqnir. Empe-
nharaõ em o negocio o Porteiro do Convento, e alcançou
a humildade de hum Fr. Jozezinho Leygo, o que naõ
pode o respeito de muitos Grandes, e Senhores.

360. Com estas, e outras similhantes obras, prati-
cadas em beneficio do proximo, mostrava os sêus mere-
cimentos para com Deos, pelas suas raras virtudes, de
obediencia, humildade, pobreza, oraçaõ, penitencia,
mortificaçoens, e jejuns. A sua abstinencia foy a mais
austêra; porque da carne, e ainda do peixe, só gostava
do caldo com a farinha, em que ás vezes accrescentava
a agoa, por lhe naõ ficar taõ saborozo, e até quando
doente tomava só este, e a gallinha rogava ao Enfer-
meiro a desse a algum pobre mais necessitado. Assim
cresceo de tal sorte a sua fama, que era buscado de to-
dos para as suas necessidades, e ja se lhe naõ sabia outro
nome mais que o de Fr. Jozé o Santinho.

361. Alguns dezejos tinha de passar a Pernambuco,
para ver se podia descobrir entre as ruinas de Olinda o
lugar, em que havia enterrado o dinheiro das commis-
soens, para fazer entrega delle aos donos, ou a quem
por elles lhe pertencesse. Mas por duas vezes que
os Prelados lhe haviaõ dado esta licença, lhe naõ foy
possivel pô-la em execuçaõ, impedido pelo povo, que
naõ queria consentir na sua auzencia. Terceira vez o
intentou mudar o primeiro Provincial Fr. Antonio dos
Martyres, achando-se de Vizita em S. Paulo no anno de
1560; mas foy tal a commoçaõ do povo, que grandes,
e pequenos, com os Officiaes da Camera, se foraõ ao
Convento ao Padre Provincial, rogando-lhe com la-
grimas, e instancias, lho naõ tirassem da sua compa-
nhia: e houve por bem o Prelado, com toda a discriçaõ,
e benevolencia, concordar com elles, esperando por
tempo mais conveniente para o poder executar com
toda a cautêla. Haviaõ-se passado tres mezes, quando
houve noticia de que se achava no porto de Santos, dis-

tante doze legoas de S. Paulo, huma embarcaçãõ para o Rio de Janeiro, e tirada informaçaõ certa do dia em que havia partir, despedio occultamente a Fr. Jozé, com outro Religioso por seu companheiro, para que fossem nella embarcar-se para aquella Cidade, e passarem de lá para Pernambuco. Partiraõ de noite do Convento, e quando chegaraõ á serra de Paranampiacaba, que fica sobranceira a barra de Santos, avistaraõ do alto do seu cume hum Navio feito á véla, e ja muito mettido aos mares; entãõ disse o Irmaõ Frey Jozé para o companheiro, que era Fr. Manoel do Rozario: lá vay a embarcaçãõ, em que havemos de ir; ao que respondeo o Religioso: pois que himos buscar abaixo, senãõ temos embarcaçãõ? tornemo-nos outra vez para S. Paulo; ao dito acudio Fr. Jozé: Irmaõ tenha Fé, que nella, querendo Deos, havemos ir: e assim aconteceo; porque chegando ao Convento de Santos, tomou a bençaõ ao Guardiaõ, e sabindo a despedir-se de algumas pessoas, seus particulares devotos, nesta diligencia lhe deraõ noticia de que o Navio, havendo voltado, anchorava na barra grande de Santos, e sem mais detensa, mettendo-se em huma canoa, se foy embarcar; e recebido elle, se fez o Navio outra vez á véla. Embarcados elles, perguntou o companheiro ao Capitaõ, que motivo tivera para arribar ao porto; e respondeo, que outro nenhum mais, que a buscar a Fr. Jozé. Divulgada em S. Paulo a noticia de que Fr. Jozé partira para Santos a embarcar-se, desceraõ ao outro dia os Officiaes da Camera, e muitos do povo com a tençaõ de lhe impedirem a viagem, e trazê-lo comsigo; e foy notavel o sentimento, que os occupou, quando chegados alli o naõ acharaõ: o mesmo quizeraõ fazer os de Santos, mas quando se ajuntaraõ no dia antes, e o quizeraõ executar, ja o Navio era fóra da barra. Chegou ao Rio, e dalli o passaraõ a Pernambuco, e foy assistir ao Convento de Olinda. Nesta Casa foy o seu primeiro cuidado, e com a mayor cautéla que pode, des-

cobrir o lugar, porque casas não as havia, nas quaes deixara enterrado o dinheiro das suas commissoens; e feitas algumas diligencias, sendo a ultima a busca do azouge, o conseguiu. Parte deste o distribuio com os pobres, e era sem duvida a que lhe tocava, e a outra a mandou entregar a seus donos. E como as suas virtudes eraõ as linguas, que prégavaõ a sua fama, e a espalhavaõ por toda a parte: a mesma que deixava em S. Paulo, se divulgou logo por todo Pernambuco, confirmando-se aqui tambem os dous distinctivos nomes, que de lá ja trazia, de Fr. Jozézinho, ou Fr. Jozé o Santinho, que se no povo eraõ vozes significativas do grande affecto, e devoçaõ, que lhe tinhaõ, nelle ainda que diminutivas, eraõ no conceito hûas perfectas, e adequadas expressões da sua sûma humildade, e muita virtude. Foraõ notaveis, e admirados nestas partes os cazos em que a deo a conhecer. Todos o queriaõ em suas casas para ver os seus enfermos; porque, ou recuperavaõ a saude, quando os vizitava; ou do seu semblante, e palavras, pela experiencia que foraõ fazendo, entendiaõ qual seria o fim, ou termo da sua doença; porque se depois de ver, e tratar o enfermo, sahia alegre, e lhes dizia, tivessem confiança em Deos, ficavaõ certos de que, ainda que a enfermidade fosse perigoza, não era a ultima; mas se o contrario viaõ nelle, e que sahia sentido, e os consolava dizendo-lhes, que sempre havia ser o que Deos quizesse, tratavaõ de lhe preparar o enterro, porque era certo ser a doença de morte.

362. O mesmo acontecia com os Senhores, e Capitães de Navios, que para segurarem a sua viagem, ou entenderem o bom, ou máo successo della, lhe hiaõ dar parte, e perguntar, se queria lhe trouxessem alguma encommenda para os Altares, como esteiras, cheiros, e outras similhantes, e se elle os encarregava de alguma, hiaõ muy alegres, e davaõ por segura a viagem; mas se lhes não pedia nada, tambem não esperavaõ bom suc-

cesso; porque a experiencia lho tinha assim mostrado. O mesmo praticavaõ algumas pessoas particulares, que determinavaõ embarcar-se antes que o fizessem, se hiaõ recommendar nas suas oraçoens, e dar-lhe parte, que determinavaõ ir neste, ou naquelle Navio; e se elle approvava a escolha, era segura a viagem, mas se entendiaõ da sua resposta alguma repugnancia, desistiaõ da eleição, e buscavaõ outro, porque aquelle tinha na derrota alguma desordem.

363. Vindo da Cidade em huma occasiaõ ao Recife, como algumas vezes o fazia, vizitou a certo homem seu devoto, o qual trazia um Navio seu sóra, e pela tardança desconfiava de algum máo successo; e queixando-se este ao Irmão Fr. Jozé, que se não lembrava delle, pois o seu Navio não apparecia, lhe respondeo: não se enfade, que poderá ser que até tal dia esteja aqui. Era aquelle hum dia Santo, e indo este homem muito cedo á Missa, quando chegou a casa, e a varanda que olhava para a barra, por ella entrava o seu Navio, e entaõ lhe lembrou era o mesmo dia, que o Servo de Deos lhe tinha assignado. Assim mostrava o Senhor as grandes graças, e dons, com que acreditava a santidade, que o vulgo lhe attribuhia, e com outros cazos ainda de mayor vulto. Passava com outro Religioso por companheiro pelo Lugar dos Guararapes, duas legoas do Recife para a parte do Cabo, e Pojuca, e chegaraõ á noite a pedir agazalho em casa do senhor do Engenho deste Lugar, tinha elle hum parente muito enfermo de huma perna, com ferida na canella, ja podre, e corroziva, de que lançava materias, e alguns pedaços de ossos; e vendo Fr. Jozé que o enfermo toda a noite passou em gemidos, e dores, levantou-se sobre a madrugada, e pedindo humas brazas, e pannos, pondo-lhos quentes, e fomentando-lhe com elles a chaga, e consolando-o lhe disse: tenha confiança em Deos, que agora ha de socegar. E assim foy; porque o enfermo a pouco espaço pegou a

dormir. Mas antes de amanhecer, despertando Frey Jozé o companheiro, lhe disse: vamo-nos andando Irmaão, porque está preparada hum grande tormenta contra mim; e puzeraõ-se a caminho. Levantou-se o senhor de Engenho a ver os hospedes, e ja os naõ achou; e reparando que o enfermo estava socegado, e naõ dava os signaes costumados da sua molestia, se chegou a elle, e espertando-o, saltou da cama, com a perna saã, e perfeita, e só com hum vermelhidaõ, por sinal de que naquella parte havia posto as maõs o Servo de Deos, e obrado a do Senhor com ellas as suas maravilhas para credito da sua santidade.

O R. Alexandre de Affonseca, Conego na Sé de Olinda, que inda hoje vive, refere, que ouvira muitas vezes repetir a seu Padrinho Antonio Rodrigues da Costa, homem dos antigos de Pernambuco, morador no Recife, e de negocio, que indo este a Olinda a vizitar a Fr. Jozé, de quem era particular devoto, pelo mez de Janeiro de 1686, tempo em que laborava na terra o fatal contagio, a que deraõ o nome de máles, ao sahir do Convento se achou tocado deste achaque, desorte, que naõ podendo voltar para o Recife, ficou na Cidade, em casa de hum seu amigo, e indo ao outro dia vizitá-lo o Irmaõ Fr. Jozé, e achando-o muy attribulado, o consolava; mas elle muy desconfiado lhe replicava, que aonde todos perigavaõ do achaque, naõ podia elle escapar; porém o Servo de Deos, dando-lhe sempre esperanças de saude, tirando da manga hum pedaço de paõ, lho deo, e despedio-se. Comeo o enfermo do paõ, e em poucas horas lleou de todo livre do mortal contagio.

364. Começou este pelo mez de Novembro do anno de 1685, e teve, depois das determinaçoens do Ceo, a sua origem de hum barril de certas drogas comestiveis, que levou para Angóla hum Navio de negocio, e por descuido, ou pouca necessidade de se aproveitarem dellas, tornou em a mesma embarcaçãõ; e quando em Per-

bambuco o foraõ abrir, pela corrupçaõ pestilencial que havia adquirido, do inficionado, e primeiro ar, que de si lançou, logo alli ficaraõ cahidos, e a poucas horas falleceraõ os que o haviaõ destampado, e de tal sorte se communicou nas duas povoaçoens do Reciffe, e Santo Antonio, que só nestas até o mez de Fevereiro do anno seguinte, falleceraõ mais de settecentas pessoas. Entrava este mal com tremores, calenturas, e corrupçaõ de entranhas, e em vinte e quatro horas, e pouco mais se completava a sua malignidade. Em o nosso Convento do Reciffe desde vinte e seis de Dezembro até trinta de Janeiro, falleceraõ, tocados do seu golpe, sette Religiosos, e passando para Olinda, falleceraõ no Convento de doze de Janeiro até vinte e cinco do mesmo, oito Religiosos, sendo o ultimo destes o Irmão Fr. Jozé de Santo Antonio, que dispondo a Providencia de Deos, pudesse o seu Servo com hum pedaço de paõ, applicado a hum enfermo deste mal, dar-lhe nelle o seu contraveneno, permittio agora o mesmo Senhor experimentasse em si aquelle fatal effeito, que estaria tal vez determinado para o seu devoto. Foy o seu fallecimento a 25 de Fevereiro deste mesmo anno de 1686, e ao outro dia se lhe fez o enterro, com geral sentimento, mas não com aquelle concurso do povo, que promettia a sua devoçaõ, e affecto, que lhe tinhaõ, por estar a Cidade quasi despejada de gente, fugindo para fóra della, e dos seus infestados ares. E esta sem duvida foy a causa, porque não achamos cousa particular, e de nota acontecida no seu transito, havendo obrado o Senhor pelo seu Servo, e em sua vida as notaveis, que deixamos escritas, e o pudemos fazer de outras muitas, que por ficarem só no aranzel da memoria, as deixamos de repetir, pelas não acharmos escritas; descuido de que se não pódem livrar, os que em razaõ do lugar, e credito da Religiaõ, as deviaõ mandar reduzir a publica fórma. Ainda em nossos dias alcançamos algumas pessoas da-

quelle tempo, que conhecerãõ, e conversaraõ ao Servo de Deos, e eraõ pregoeiros das suas virtudes, ou milagres, na sua fraze, sendo hum destes Domingos Alvares Ferreira, natural do Reyno, e morador no Reciffe de Pernambuco, pessoa de credito, e verdade, o qual guardava como prenda, ou Reliquia, hum habito, que fora de uzo de Fr. Jozézinho, e fallecendo este homem a quatro de Junho de 1731, este lhe servio de mortalha, como havia declarado em sua vida, que para isso o conservava havia mais de quarenta e cinco annos. Com alguns oitenta e seis completou os da vida, taõ cheyo de dias, como de merecimentos, pelo que nelles havia praticado, assim no serviço de Deos, e da Religiaõ, como dos proximos, entre os quaes adquirio, e deixou huma constante opiniaõ de virtude, e fama posthuma de santidade, escrita na memoria dos seculos, e gravada nas poucas letras, que se vem abertas em huma pequena pedra, que serve de rotulo á sua sepultura, em o Claustro do Convento, junto á porta, que delle entra para o Cruzeiro da Igreja, e dizem assim :

Sepultura do Servo de Deos Fr. Jozé de Santo Antonio.

1686 P. N.

CAPITULO XXVII.

De outros Religiosos, que neste Convento falleceraõ com opiniaõ de virtude, e deixaraõ boa fama.

365. Neste mesmo anno a doze de Fevereiro pôs termo aos da vida Fr. Domingos de S. Boaventura, sendo o primeiro a quem accommetteo no Convento de Olinda o contagio dos males, ou a bicha, como lhe chamava o

vulgo, pelo voraz, e apressado do seu golpe. Era Religioso velho de boa opiniaõ, e notoria virtude; natural de Senhorim, termo de Villar Secco na Provincia de Traz os Montes, Bispado de Miranda, e professo nesta Custodia no Convento da Bahia, a 25 de Abril de 1649, com 26 annos de idade.

366. A vinte e dous do mesmo mez, e do proprio contagio, falleceo Frey Estevaõ dos Martyres, tambem Leygo, natural do Castello de Vide, e havia professado no Convento de Pojuca em 22 de Janeiro de 1660, com opiniaõ, e fama de virtuoso, e deste se deve entender o que diz o Escriitor do seu estado, fallando de Fr. Domingos de S. Boaventura, que fallecera sendo Enfermeiro de Olinda, porque ainda que em outro tempo tivesse no Convento esta occupação, naõ a exercia quando falleceo; porque de Fr. Estevaõ dos Martyres o diz assim o assento do livro dos Obitos de Olinda: *Falleceo neste Convento o Irmão Fr. Estevaõ dos Martyres, Frade Leygo, e Enfermeiro, em 22 de Fevereiro de 1686*; o que naõ diz o assento do Obito de Fr. Domingos de S. Boaventura, que sendo o seu fallecimento dez dias antes, se fosse actual Enfermeiro, se diria delle, o que do outro se accrescenta.

367. Fr. Crispim das Chagas, Sacerdote Confessor, filho desta Provincia, pela profissão feita no Convento de Pojuca, a 29 de Agosto de 1660, aos dezoito annos de idade, e natural da Freguesia do Cabo em Pernambuco, foy hum dos Religiosos, que viveo com credito, e acabou com opiniaõ, deixando huma muy certa da sua eterna felicidade; pois mereceo ter conhecimento anticipado do dia, e hora da sua morte. Assim se escreve no assento do seu Obito: *Falleceo neste Convento de N. Senhora das Neves o Irmão Fr. Crispim das Chagas, com signaes de verdadeiramente predestinado, disse*

aos Religiosos a hora da sua morte, e deixou a todos em grande edificação, e saudade, em 8 de Janeiro de 1687.

Fr. Miguel de S. Boaventura, Guardiaõ.

E muito mais acreditada fica a boa opiniaõ deste Religioso pelo testemunho do seu Prelado, do qual, como em proprio lugar, se segue fazermos tambem publica a sua fama, pois a deixou de Religioso perfeito, e virtuoso. Era filho desta Custodia, e nella foy Leitor de dous Cursos inteiros e continuados, da Bahia, e outro de Filosofia, e Theologia no da Villa de Olinda, e aqui mesmo o fizeraõ Guardiaõ, como se vê do termo acima, do qual tomando a posse a nove de Settembro, do anno passado de 1686, com quatro mezes, e alguns dias mais, que foraõ a 25 de Janeiro do seguinte anno de 1687, e aos 17 dias do fallecimento de Fr. Crispim a 8, e havendo fallecido tambem a 16 do dito o seu Presidente Fr. Daniel de S. Boaventura, a tempo, que ja se achava o dito Guardiaõ, completou o governo, e os dias com creditos de sujeito douto, Prelado perfeito, e Religioso de virtude.

368. Aqui se nos offerece transplantar entre tantas flores candidas de santidade, huma de cõr preta, mas muy clara nas virtudes, com que intromettendo-se no Jardim Serafico do Brasil, assim como servio de esmalte ás demais, soube illustrar-se a si, ou para o dizermos sem fugir da metafora de Estrellas appropriada aos filhos de Francisco neste seu Novo Orbe, foy elle hum, a quem com mais analogia lhe coube o nome de Estrellinha nebuloza, ja pela pouca claridade, que vemos das suas virtudes, e muito mais pela da sua cõr preta, que de alguma sorte servio de nuvem ás suas boas obras, naõ em si, mas vistas pelos olhos do mundo, que sempre quer que a esta gente para o bem lhe sirva de sombras a sua cõr. Foy este o Irmaõ Fr. Francisco de Santo Antonio, chamado vulgarmente, o Pretinho, por ser negro por na-

tureza, e humilde por virtude. Era natural de Pernambuco, e não podemos concluir se de Pays já nascidos na terra, ou vindos de Angóla, e Guiné, mas só que era crioulo, que assim chamaõ aos que nascem no Paiz. Foy na sua mocidade soldado do Terço de Henrique Dias, e pelejou nas guerras de Pernambuco contra os Olandezes. Restaurada a terra, e cansado da milicia do mundo, e com desengano claro do pouco que mereceraõ para com os Reys da terra os seus trabalhos, e serviços, deixando o quartel, que lhe tocava no acampamento dos Exercitos, onde tantas vezes havia posto a perigo a vida, e o corpo ás bálas, buscou nos Claustros da Religiaõ hum quarto para descanso da alma, e segurança do espirito, e assim depois de repetidas instancias, supplicas, e provas, foy admittido para elles, e lhe lançaraõ o habito para Irm. Donato.

369. Não consta dos annos, que servio ao Convento nesta fórma, mas he tradiçaõ, que fez nelle hũa vida em tudo Religiosa, e muy serviçal nos officios interiores da Casa, humilde, penitente, de muita abstinencia, e summamente charitativo, ajudando aos Irmãos nos officios da cozinha, que tocavaõ a cada hum por semana, sendo elle o que fazia o de todos; e o mais tempo o gastava na Igreja em oraçaõ, em a qual foy continuo, e padeceo algumas inquietaçoes viziveis do demonio. Muitas vezes, por alta noite, perceberaõ os Religiosos algumas destas, na Igreja, onde estava em Oraçaõ, e querendo ver o que era, só entenderaõ estas vozes do Ir. Francisco de Santo Antonio, como quem dizia fallando contra outros, que lhe contrariavaõ o seu bom dezejo, *Não querem que eu seja Frade professo? pois hei de ser, querendo Deos*, e assim aconteceu; porque depois de muitos annos, que viveo neste estado, pertendeo lhe vestissem o Capello, e admittissem á profissaõ. Mas vendo que os Religiosos não satisfaziaõ aos seus dezejões, se passou para o Reyno, e achando lá quem o introdu-

zisse com o piedozo Monarcha D. Pedro II, attendendo aos seus serviços, especialmente aos da Religiaõ, e boas informações da sua vida no estado de Donato, o remetteo para a Provincia, ordenando aos Padres della o admittissem á profissaõ, que veyo a fazer no mesmo Convento de Olinda, a dous de Agosto de 1689, quando ja contava os oitenta annos de idade; e com seis mais, e vinte e quatro dias de Religioso, vendo satisfeitos os seus desejos, e deixando a todos edificados, completou o dilatado curso da vida com opiniaõ universal de virtude, e fama de santidade, a vinte e cinco de Agosto de 1695.

370. Fr. Bernardo de Santa Clara he o ultimo que neste Convento de Olinda, entre os Religiosos, que o illustraraõ com suas virtudes, e deixaraõ de si boa fama, tem o seu merecido lugar. Era filho desta Provincia, e nella Guardiaõ por tres vezes, e Diffinidor no Capitulo de 1707, e assim em Prelado, como subdito, Religioso exemplar, modesto, muito pobre, humilde, e em tudo observante perfeito da santa Regra, que havia profesado em 11 de Janeiro de 1673. Sobre tudo resplandeceo nelle huma paciencia resignada, huma notoria alegria, levando por muitos annos, até o fim da vida, que foy em idade muito avançada, a penoza carga de hũa grande molestia, que era ter as pernas dos joelhos para baixo muy grossas, em chaga viva, mas vermelha, sem corrupçaõ, nem lançar materias, mais que alguma humidade, e esta sem fetido, e nunca lhe quiz applicar remedio, nem por conselho de Medico, ou mezinha cazeira. Na Cella, em que morava, fóra dos que serviaõ de mortificaçaõ ao corpo, e de incentivo ao espirito, naõ havia outro traste, nem modo de cama mais, que hum pedaço de taboa tosca e grossa, que servira de fundo de huma canoa pequena, da qual ainda conservava a fórma, funda, ou concava no meyo, e para as beiras mais alta, e huma manta velha para cobertura; e neste leito assim passava os dias, e noites, e quasi sempre sen-

tado, recostando-se para a parte, e beira da taboa, que ficava unida á parede, por estar mais levantada, e lançando as pernas para fóra pela de diante, que era mais raza.

371. Neste estado chegou á Quinta feira Mayor do anno 1725, e neste dia de manhaã disse ao Padre Guardiaõ, queria receber o Sanctissimo, naõ só por preceito annual da Igreja, mas como Viatico necessario para a ultima jornada da outra vida; porque tinha entendido ser chegado o termo dos seus dias. Mas o Prelado naõ julgando nelle, pelo que via, nova causa para esta ultima diligencia, tendo-a por impertinencia da idade, concordou com elle fosse commungar á Igreja logo de manhaã, com outros Religiosos velhos, e convalescentes, e que elle por si lhe administraria a Sagrada Cõmunhaõ tambem como Viatico; e assim por seus pés desceo á Capella, recebeu o Santissimo Corpo do Senhor, e retirando-se para a Cella, se foy dispondo com todos os mais actos Catholicos, e Religiosos desta tremenda hora. Pedio ao Prelado hum Religioso para lhe assistir, e a este rogava recitasse o Officio Divino em voz intelligivel, porque ja a este tempo se naõ achava com dispozição corporal para o fazer por si, como sempre. Na Sexta de manhaã, pedio o extremo Sacramento da Unçaõ, e chegando as cinco para as seis da tarde, disse ao Religioso, que lhe assistia, fosse dar parte ao Prelado, que com a Communidade se achava no coro ao Officio das Trevas, lhe mandasse hum Religioso, que apontou por seu nome, para lhe cantar o Evangelho do Mandato, por que era chegada a hora da partida. Deo-se avizo ao Prelado, sahio do coro com alguns Religiosos mais, e o nomeado pelo agonizante lhe cantou o Evangelho, no fim do qual, tendo-o ouvido todo applicado, e devoto, com o socego, e quietação dos Justos, o pôs tambem á vida mortal, e passou para a eterna, e perduravel na ultima hora do dia de Sexta feira da Payxaõ, que na-

quelle anno de 1725 cahio a trinta de Março, vestido no seu habito, e tunica, que nunca despio, e tendo pedido aos Religiosos, antes de se lhe cantar o Evangelho, o tirassem da cama, e pobre taboa, em que jazia, e o lançassem sobre o despido pavimento da Cella, por imitar neste desprezivel acto, e ultimo extremo de humildade ao Santo Patriarcha, como verdadeiro filho do seu espirito.

372. Havia-se collocado o cadaver na Capella do Capitulo, como he costume, para dalli se levar á Igreja; mas divulgada pela Cidade a sua morte, foy na manhã do Sabbado tanto o concurso, e inquietaçã do povo, que temendo-se alguma desordem, determinaraõ os Religiosos dar-lhe occultamente sepultura, sem o transferirem para a Igreja, visto naõ ser possivel fazer-se o enterro com as Ceremonias uzadas de corpo presente, pelo naõ permittir a circumstancia do dia. O que entendido pelo povo, que occupava atelli só a Igreja, por se haver fechado a portaria, e grades, huns se arrojarã a saltar por cima dellas para dentro da Capella, e outros demais consideraçaõ, rogavaõ os naõ privassem da consolaçaõ de ver, e reverenciar o defunto cadaver. Por satisfazer a estes, e evitar no commum mayor desacato, se transportou o corpo para a Capella, e com assistencia da Communidade, naõ sem grande confuzaõ, e alvoroço, atropellados huns dos outros seculares, chegaraõ todos a beijar-lhe os pés, com outras similhantes expressões da sua devoçaõ. Acabado este piedozo acto, o tornaraõ a conduzir para o Claustro, e nelle lhe deraõ sepultura na quadra, que serve de cemiterio dos Frades, com bastantes mostras de sentimento em todos os do povo, que na devota ancia com que tocavaõ o defunto corpo, e lhe tiravaõ por reliquias as do seu habito, inculcavaõ o grande conceito, que haviaõ formado da virtude, e santidade deste Religioso.

373. Foy em extremo devoto do ternissimo mysterio de Christo nascido, e era summa a alegria, que o occupava naquelles dias da sua festividade, e cuidou por muitos annos, até os ultimos da vida, do culto, e aceyo do Presepio, que ha neste Convento, e adonde no Oytavario desta Solemnidade costumã os Religiosos entrar todos depois das graças do Refeitório ao jantar, o Cantico da *Magnificat*, com Antifona, Verso, e Oraçã do mysterio, e ainda nos ultimos annos, sendo ja muy velho, e achacado das pernas, descia ao Claustro á assistencia deste acto, com huma demonstraçã tal de prazer, e jubilo, que bem inculcava o interior, e espirital da sua alma.

374. Todo o referido testificaõ muitos dos Religiosos, que moraraõ com elle no Convento de Olinda, sendo ainda modernos naquelle tempo, e assistiraõ á sua morte; e alguns dos antigos, que o conhecerã, e tratareaõ em tempos mais atrazados; e o Irmaõ Dissinidor Fr. Francisco de Santo Antonio Couto, que vive ainda no Convento de Olinda com mais de settenta annos de idade, natural da Freguezia de Santo Antonio do Cabo, testifica ser constante tradiçã naquellas partes, que morando o Irm. Fr. Bernardo de Santa Clara no Convento de Serenbanhem, e sendo mandado ás esmólas do Porto do Calvo, saltando-lhe hum boy manso para ajustar a contra dos que lhe eraõ necessarios para o carro, em que queria comboyar as farinhas, que havia tirado, o foy pedir a certo morador, que tinha muitos, mas pouca devoçã, e lhe respondeo, que naõ havia boy, que lhe pudesse dar, mais que aquelle (apontando para hum novillo bravo, que nunca havia chegado ao jugo). Agradeceo-lhe o Frade a esmóla, e olhando para o preto, que o acompanhava, lhe disse: *Chama aquelle boy, e vamos, que he tempo.* E o escravo lhe respondeo: Senhor Padre, aquelle boy naõ he de carro, he novillo bravo, trate de ver onde ha de achar boy manso. A isto tornou

o Religioso, *Se tu o não queres chamar, eu o chamarey;* e voltando-se para o novilho, entrou a dizer-lhe: *Vem cá boy, vem cá, vamos levar esta esmóla para o Convento.* Obedeceo o novilho, como se fora de muitos annos manso, veyo á presença do Religioso, e foy em seu seguimento até ser mettido no jugo, e junto com os mais conduzio a esmóla, e o Padre tornou melhorado de condiçãõ o animal a seu dono, pagando-lhe em beneficios, o que havia recebido deste, mais que bruto, em seccuras; e mostrando nisto a poderosa maõ de Deos, que, se pela culpa ficou rebelde ao homem todo o animal, e ainda o muy domestico, e cazeiro, pela graça, se lhe chega a render até o mais feróz, e bravo.

CAPITULO XXVIII.

Das Aldêas, Missoens, ou Doutrinas pertencentes algum tempo á administração da Ordem, e de algũas Capellas de S. Francisco, e Santo Antonio, sitas no districto de Olinda, e de varios cazos dignos de nota, acontecidos desde aquelles tempos até o presente, que por algum principio dizem respeito á Religiaõ, seus Santos, e filhos.

375. Com o mesmo zelo, e fervor de espirito, com que os nossos primitivos Padres cuidaraõ em fundar Conventos nas principaes Villas, e Lugares da Conquista do Brasil, se applicaraõ tambem a ordenar Missoens, ou Doutrinas em algumas Aldêas dos Gentios, levantando nellas Igrejas, e Recolhimentos, onde assistindo alguns, os cathequizavaõ, bautizando-os, e imbuindo-os nos Mystérios da Fé, Ley de Deos, seus Mandamentos, e da Igreja, sendo isto o meyo mais conducente para os reduzir á obediencia dos Reys, paz, e amizade dos povos, e moradores, que tudo conseguiu melhor naquelles principios o seu effeito com a erecçaõ destas Doutrinas. Muitas foraõ as que por aquelles primeiros tempos dos

nossos Fundadores, se formalizaraõ, especialmente nas Capitanias de Pernambuco, e Paraiba. Dezoito destas, diz hum assento, deixou ordenadas o primeiro Custodio Fr. Melchior, em os nove annos do seu governo, supposto que em outro só achamos nomeadas quatorze, como se póde vêr em o lugar citado*. Nove circumvizinhas á Cidade da Paraiba, e as seis por Goyana, até Pernambuco. Todas estas administraraõ os Religiosos Menores independentes dos Ordinarios em quanto ao espirital, e ainda dos Governadores em algumas temporalidades, por privilegios Reaes, Breves Pontificios, desde os annos de 1586, até os de 1619, em que por causas particulares, violencias dos que governavaõ, ambiçaõ dos Principaes, interesse dos Parochos, e emulaçaõ de Religiosos de outra Familia, de que se seguiaõ aos nossos, subditos, e Prelados, turbações, contendas, calumnias, e outros graves, e quotidianos incommodos, fazendo-se de tudo representaçaõ ao Rey Filippe II em Portugal, por consenso, e ordem sua, foraõ os nossos desobrigados desta pezada carga, e taõ contraria ao seu estado, e as taes Aldêas, ou Doutrinas entregues a seus Ordinarios, que como Pastores universaes, e interessados cuidassem por obrigaçaõ commua das suas ovelhas. Mas foy taõ violenta para os Indios esta transmutaçaõ, pelo amor, que aos nossos tinhaõ, como a seus Pays de espirito, e particulares defensores da sua liberdade, (sobre que se fundavaõ todos os enfados dos grandes, e particulares, que os queriaõ para as suas conveniencias, e serviços, como o mesmo Gentio conhecia, e experimentava) que desamparadas muitas das Doutrinas, e Aldêas, o determinaraõ fazer em todas. Avizado o Rey destas inquietaçoes, e por atalhar o ultimo exterminio desta gente, e os damnos espirituaes, que se lhes seguiaõ, tornando aos seus antigos erros, e embaraçando

* Pag. 126, n. 185.

assim os progressos, e adiantamentos da Conquista, e suas Povoações, quiz tornassem os Religiosos Menores á administração das mesmas Doutrinas. Mas elles excuzando-se com justas, e urgentes razões, que lhes foraõ acceitas, ficaraõ, como ja estavaõ, na posse, e encargo de seus Ordinarios.

376. Das Doutrinas, e Missoens que levantaraõ logo naquelles principios os nossos Religiosos, no districto da Paraíba, só temos individual certeza da que chamaõ Jacoca, quatro legoas ao Sul da Cidade, e estrada de Pernambuco, ás margens do Rio Garamame, ou Eiguaraiguaig, na lingua do Gentio. Está hoje na administração dos RR. Padres de S. Bento, e não podemos averiguar se foy esta passagem logo, que no anno de 1619, os nossos a deixaraõ, ou se foy depois destes possuida, e administrada pelos Ordinarios, e destes passou entaõ para aquelles Padres. Estamos como em alguma certeza de ser esta aquella, que deixamos numerada com as mais do titulo de N. Senhora da Assumpção, para a qual ordenou o Padre Custodio Fr. Melchior se reduzissem, e juntassem as mais, que havia por aquella fronteira, não obstante estar hoje em poder dos seus administradores com o titulo da Conceição; pois ambos dizem respeito á mesma Senhora, que, sem variar de sujeito, não fazem as diversas, e voluntarias, ou devotas impozicoes, essencial differença, e algum accidente, ou motivo de beneficio participado da mesma Senhora, e sem desagrado seu os poderia mudar.

377. Juntas nesta as mais Doutrinas, e Aldêas da Paraíba na consideração de serem muitas, e os Religiosos poucos para a sua assistencia, se levantou nella Igreja conveniente com o titulo de N. Senhora da Assumpção, e hum Recolhimento capaz de agasalhar cinco, ou seis Religiosos, e assim se compôs no lugar, que acima deixamos conferido ser o mesmo da Jacoca, humma boa povoação, para onde concorreraõ muitos dos

Gentios das outras Aldêas, e se fazia hum grande fructo em suas almas, e por mostrar o Senhor, quam agradável lhe era esta obra, o quiz significar com os seguintes cazos.

378. Continuava-se a obra da Igreja, com muito fervor dos Indios, e zelo dos Padres, quando sobreveyo nos da povoação, e Doutrina huma taõ aggravante enfermidade, a modo de esquinencia, ou garrotilho, que privando-os logo da falla, em poucas horas tragavaõ a morte; e vieraõ a fallecer tantos, que quasi se despovoava a Aldêa, assim pelos que morriaõ, como pelos que possuidos do medo, por fugir ao mal, se ausentavaõ para os mattos, naõ havendo ja quem enterrasse os mortos, nem assistisse á obra. Vendo os Religiosos taõ grande desamparo, encommendando ao Senhor a causa em seus sacrificios, e oraçoens, ordenaraõ algumas procissoens devotas, e de penitencia, com suas praticas espirituas. Em huma destas, levado o Prégador de superior impulso, e com inteira, e firme fé prometteo áquella angustiada gente, da parte do mesmo Senhor, tornassem todos para suas casas a continuar a obra da Igreja da Senhora, que elle confiado no patrocínio desta Mãe de piedade, lhes annunciava, que todos os que assim obrassem naõ seriaõ accommettidos do mortal achaque. Deraõ inteiro credito, e sem temor da morte voltaraõ á povoação, os que se achavaõ refugiados pelos escondidos das brenhas, e continuando no trabalho da Igreja, lhes cumprio o Senhor a promessa do seu Ministro, permittindo que dalli por diante naõ perigasse algum do violento achaque.

379. Pouco depois, deo nos meninos, e crianças do mesmo Genticio, outra enfermidade tambem mortifera, de que escapavaõ muy poucos. Mas pela grande devoção, que ao santo habito haviaõ tomado seus Pays, deraõ em abrir coroas nas cabeças dos meninos, á imitação dos Religiosos, e com tanta fé, e confiança, que per-

mittio o Ceo, para os deixar nella mais confirmados, que dalli em diante não perigasse algum dos assim assinalados daquelle mal. Daqui se originou o costume ordinario entre todos os destas gentes abrirem coroas nas cabeças dos filhinhos para que Deos os livre de perigos, e enfermidades.

380. Das de Olinda, Iguaraçú, e Goayana, que foram fundadas tambem naquelles principios, e nos ficaram alguns de certeza, e mais evidentes, he a que ainda agora permanece na administração dos RR. PP. de N. Senhora do Carmo da Observancia no districto da Villa de Goayana. Esta, dissemos em outro lugar, mandou erigir o Padre Custodio Fr. Melchior de Santa Catharina depois do anno de 1590, quando na volta que fazia da Paraíba para Olinda, vindo pouzar á povoação de Goayana, foy requerido com grande instancia da mayor parte daquelle povo, mandasse alguns Religiosos á conversão de hum numerozo Gentilismo, que ás margens do Rio, que por alli passa, e chamaõ tambem Capibaribe, de abundantes agoas, tinhaõ huma grande, e forte Aldêa. Ficava esta entre os dous extremos de Goyana, e Iguaraçú, e tem principios nas suas cabeceiras o de Tracunhanhem, onde chamaõ hoje o Engenho da Aldêa, algumas duas legoas ás margens daquelle Rio, que em outro tempo pertencia ao districto de Santo Antonio do mesmo Tracunhanhem, e hoje a Freguezia de Iguaraçú, o qual Engenho por causa desta Aldêa, e Doutrina, que alli houve, se ficou chamando o Engenho da Aldêa, e nesta habitava aquelle Gentio, e causava notavel detrimento aos povoadores daquelles contornos, para o progresso das suas fazendas, e situaçoens, salteando-os, e destruindo-lhes as fabricas, e lavouras; e tambem porque a amizade deste Gentio, como mais poderoso, e em mayor numero, era aos povoadores muy conveniente; porque, tendo-os da sua parte, os ajudariaõ a defenderse de outros muitos, que habitavaõ aquelles terrenos cir-

cumvizinhos, e juntamente lhes serviriaõ para o trabalho das Fundaçõens, e novas Conquistas. Com este cuidado chegou o Padre Custodio a Olinda, e despachou logo alguns Religiosos a esta empreza, os quaes sendo bem acceitos do Gentio, que acharaõ faceis, e dispostos para formarem delles huma boa Christandade, se deo principio a ella, fabricando Igreja competente, que consagraraõ ao Principe dos Anjos S. Miguel, com seu modo de Recolhimento, e huma cerca forte de páos, e terra, para dos assaltos dos barbaros, e inimigos se defenderem melhor. e com grande conveniencia dos povoadores, pelas que se lhes foraõ seguindo da paz, e amizade dos desta Doutrina, e assim com o santo zelo, e cuidado desvélo destes Religiosos, se formou aqui huma das boas, e fructuosas sementeiras, destas Gentilicas plantas, atélli infructiferas por falta de cultivo, mas agora muy ferteis com o rego, e orvalho da santa Doutrina, e Ley Evangelica, confirmando tambem o Ceo com prodigios a fé, e devoçaõ destes novos convertidos.

381. Foy picado dos venenozos dentes de uma cobra, das muitas, e peçonhentas, que ha no Paiz, hum Indio dos Principaes da Doutrina, ja bautizado, muy amigo, e devoto dos Padres seus directores, e mais Religiosos; e sentindo-se logo com agonias de morte, chamou á pressa hum para se confessar; e estando neste acto, lhe sobreveyo hum mortal parocismo, com que foy preciso ao Confessor absolvê-lo a toda a pressa. Neste letargo esteve por muito tempo em presença do Confessor, e mais circumstantes, esperando todos pelo ultimo termo; e quando ja o largavaõ por morto, o viraõ tornar em si, saõ, e sem dor alguma: pelo que alegres os assistentes, tratavaõ de despedir-se. Mas elle os deteve, dizendo-lhes: *Esperay, Irmãos, que vos quero contar as maravilhas, que Deos obrou commigo: Sabey, que eu verdadeiramente passey desta para a outra vida, e pelas minhas grandes culpas fuy arrebatado pelos demonios, e levado*

et huma torre muy alta, para me lançar dalli aos Infernos aonde via arder chammas de fogo, e muitos animaes ferozes, e terriveis esperando para me tragarem; e indo os que me tinhaõ prezo para me lançarem no seu profundo, me acudiraõ tres Frades, dous com vélas accezas nas mãos, e o principl, que era S. Francisco; porque o conheci pelas suas Chagas, assim como está pintado em a nossa Igreja, e vinha vestido de alva, amitto, e estóla branca: este me livrou das unhas dos demonios, dizendo em voz alta, este he meu filho; e logo elles fugindo, me largaraõ, e eu assim escapey daquellas infernaes penas, e fuy saõ das grandes dores, e certeza da morte, como vedes. De tudo, diz a Relaçãõ, foy inquirido o Indio por varias vezes, e por intervallo de dias, e confessa sempre o mesmo, sem mudança, ou variedade no cazo: e por sua pessoa, verdade que tratava, repentina saude, e vida ajustada, que continuou em quanto viveo, lhe foy dado credito, e assim se escreveo esta noticia para gloria do mesmo Senhor, exaltaçãõ da sua fé, e abono dos seus Santos.

382. Trinta annos com pouca differença esteve na administraçãõ dos Prelados da Custodia esta Doutrina, desde o de 1591, em que foy fundada, até o de 1619, quando com as mais se fez della deixaçãõ aos Ordinarios. Se destes passou logo a posse dos RR. PP. de N. Senhora do Carmo observante, o naõ pudemos averiguar; mas temos certeza de que a muitos annos estaõ de posse de sua administraçãõ, e em seu poder tem tido varias mudanças. A primeira foy do lugar da sua fundaçãõ, que por isso se chama ainda hoje o Engenho da Aldêa, para o da Muribica antes do Rio Tapirema tres legoas. Depois para o Riacho, que chamaõ Biapicû, na Freguezia de S. Lourenço de Tojucupapo, daqui para o lugar da Aldêa Velha, por huma, que aqui tiveraõ tambem os nossos, e com a sua dezistencia, despejou tambem o Gentio, na Freguezia de Tamaracá da parte da

terra firme, e ultimamente para onde existe hoje na Freguezia de Tojucupapo, que fica entre os extremos de Iguaraçú, e Goyana da estrada destas para a costa do mar em o sitio, que chamaõ Cyri, do qual tomou o nome a Aldêa, e por este agora conhecida, mas sempre consagrada ao glorioso Archanjo S. Miguel, seu primeiro Titular.

383. Pelos particulares beneficios, que ficaõ relatados, e participavaõ do Santo Patriarcha nestas Conquistas, assim os novos convertidos, como os mais Catholicos seus povoadores, e pelo zelo, e cuidado, que experimentavaõ em seus filhos os Frades Menores, crescia nos povos o amor, e respeito aos filhos, e a devoçaõ, e obsequio ao Pay; e este era o motivo, porque em reverencia do Santo, e affecto aos Religiosos, os buscavaõ para a sua companhia os Donatarios, e Senhores das terras, ajudando-os com as suas esmólas para as fundaçoes dos Conventos; e os particulares edificando-lhes Capellas, e Hermidas nas suas fazendas. Muitas destas dedicadas ao Santo Patriarcha se achaõ por toda a Provincia do Brazil, das quaes ja se disse alguma cousa, e iremos dando no decurso desta historia, e lugares competentes, o que mais lhes pertencer. A que se nos offerece agora no districto de Olinda, he a que vemos situada ás margens do Rio Capibaribe algumas quatro legoas da Cidade, no Engenho, que chamaõ de S. Francisco da Varge, titulo, que lhe deo o seu Fundador, Andre Vidal de Negreiros, hum dos principaes Restauradores de Pernambuco. Este o deo em dote a hum Jeronymo Cavalcanti, com quem cazou huma sua filha bastarda. Destes passou por dividas a Agostinho Ferreira nos tempos proximos passados, e a este comprou o Engenho e fazenda o Coronel Jozé Camelo Pessoa. Pela sua grande devoçaõ ao Santo Patriarcha lhe reedificou a Capella muy avantajada em fabrica, e he huma das muy perfeitas, e bem ornadas que se achaõ por fóra. Mandou vir do

Reyno as Imagens do Serafico Padre, e Santo Antonio pelos annos de 1725, e Breve Pontificio, para que na dita Capella pudessem os fieis no dia dous de Agosto ganhar as mesmas Indulgencias, que se lucrãõ na Casa da Porciuncula, e lhe foy concedida esta graça por dez annos; e para esta acção lhe mandavaõ Religiosos Confessores os Prelados do Convento de Olinda. De presente tornou esta Capella, e Engenho á posse dos herdeiros do sobredito Agostinho Ferreira, por causas que não tocaõ a este lugar. Assim na creação desta, como de outras mais, que pelo decurso desta historia temos visto, e veremos ainda, foraõ consagradas ao Santo Patriarcha, se deixa ver o amor, e devoção com que he venerado dos povos do Brasil.

384. Tambem o Santo Patriarcha se não esquecia de lhes retribuir com favores, e graças este affecto, e culto, que sempre lhe mostraraõ. Muitos são os casos, que a este intento conta a tradicção, que deixamos de repetir, e só o faremos de hum mais notorio em os nossos tempos. Joaõ Alvares do Couto, morador em a Villa de Santo Antonio do Recife, dos antigos desta povoação, sujeito de bem, e verdade, que nós conhecemos, voltava da Paraiba, onde havia ido a negocio particular, e antes que chegasse a Goyana Grande algũas legoas, teve encontro neste caminho com hum Religioso Franciscano, que se retirava das esmólas, para o Convento de Iguaçu, por causa de molestias, a que aggravava mais o vir a pé, e quasi sem poder dar passo. Compadecido o homem da necessidade, que via, se apeou do cavallo em que montava, e, ainda que com repugnancia da parte do Religioso, o fez pôr no cavallo, e o acompanhou até o Engenho de Bento Correa, nosso Irmaõ de confraternidade, no sobredito Lugar de Goyana Grande, onde faziaõ pouzada commũa todos os Religiosos. Aqui deixou o Enfermo, e montado no seu cavallo passou á Villa de Goyana, e querendo alvergar mais

adiante, chegou á varge, que dizem do Bujarí, ja noite. He a sua passagem perigoza sempre, e principalmente em tempo de Inverno ; porque quasi meya legoa se cobre toda de agoa, naõ só as campinas, mas tres, ou quatro potentes, que tem de estivas sobre hum pantano mais fundo, que as vay repetindo, e só se atravessaõ todas estas agoas por hum estreito passo, que tem coberto das mesmas, e o desviar delle, he perder-se. Temeo o homem errar este carreiro, era precizo passar, e nesta perplexidade, vio diante de si hum cavallo branco, que, como ensinando-lhe a passagem, se mettia a caminho, e na consideraçã de que o animal era daquelles passos, e devia ser experimentado na travessia, naõ fez reparo em o seguir, encaminhando o seu, em que hia, pelos passos do que levava diante, e assim sem perigo algum se pôs em salvo da outra parte, e chegando ao ultimo passo, indo a reparar no que lhe servio de guia, o naõ vio mais, nem pode determinar a que parte tomara, como tambem ao principio donde lhe sahira ; mas sempre ficou entendendo que o cavallo branco naõ viera alli por acazo, e áquellas horas, e assim o contava por favor de S. Francisco, e pela charidade com o seu filho, que sem duvida necessitava della nesta occasiaõ, sendo em outras prohibido este desenfado aos seus.

CAPITULO XXIX.

Continua-se a materia do Capitulo passado, pelo que toca ao nosso Portuguez Santo Antonio.

385. Sendo entre todos os Portuguezes muy particular, e em extremo a affecta veneraçã, que se tem ao nosso Santo Antonio de Lisboa, passa a extremoza a que nestas partes do Brasil lhe mostraõ geralmente todos. Porque além das muitas Igrejas Parochiaes, de que he

Titular, são innumeraveis as Capellas, e Hermidas consagradas ao seu nome, e fóra destas, não ha algumas das outras, que nos seus Altares não colloque huma, e muitas Imagens deste Santo ; não ha casa, que o não venere no seu Oratorio : e não satisfeita ainda com isto a commua devoção dos Fieis, cada hum quer ter só para si o seu Santo Antonio. Foraõ os primeiros em Olinda os mesmos, que deraõ principios á sua Conquista, fundando logo huma no lugar, em que hoje está situado o Convento de N. Senhora do Carmo Observante, em hum meyo alto, que se fórma sobre a Marinha, entre o nosso, e o do Patriarcha S. Bento, com pouca distancia huns dos outros. Não encontramos certeza de quem fora o Fundador desta Capella, e só que della, e do seu sitio faziaõ doação aos nossos Religiosos, que não aceitaraõ, por acharem na da Senhora das Neves melhores conveniencias para o seu agazalho, e foy dada aos sobreditos Padres, e das suas memorias consta foy aceita com a pensão de collocarem no Altar mayor do Convento, como hoje se vê, huma Imagem do Santo, e a solemnizá-lo annualmente no seu dia com Missa entoada, e a intitular-se *Convento de Santo Antonio do Carmo*, e como seu Titular, tem commemoração no coro, nas festas em que tem lugar as mais.

386. Fóra da Cidade, e pelo seu districto se achaõ outras muitas, mas nós só himos a fazer memoria daquellas, em que achamos alguma especialidade digna de nota, e obrada pelo Santo em bem commum, ou particular dos seus devotos ; pois elle, ou por Portuguez, ou como Santo Antonio, se soube, e sabe sempre desempenhar com todos, não só nos grandes, e continuados beneficios, que lhes faz, mas com tanto empenho, que supposto não póde ja como glorioso padecer em corpo, na sua Imagem, e por amor dos seus tem soffrido injurias, affrontas, golpes, e até derramado por elles, pelo credito da sua fé, e pelos defender, aquelle sangue,

que em vida sempre lhe fervo no coração para esse effeito. Das injurias, irrisoens, e golpes, que em huma Imagem sua, tirada do Castello de Arguim, na Costa de Africa, e lançada ao mar nas prayas da Bahia, executaraõ Calvinistas, e piratas Francezes, o diremos em seu lugar. Do sangue derramado, o publicaõ outras duas nas guerras dos Olandezes em Pernambuco, huma na Igreja da Casa forte, on le, a golpes destes desalmados, lançou sangue a Imagem do Santo; e o mesmo correo das cutiladas, que deraõ em outra, titular de huma Capella, que se venera no Engenho Velho do Cabo, de que daremos noticia em seu lugar. Do prodigio acontecido na Capella do mesmo Santo, sita no Engenho que chamaõ do Meyo, na Freguezia da Varge, supposto ja o publicaraõ os que escreveraõ as guerras de Pernambuco com Olandezes*, o repetiremos agora, como em seu lugar.

387. No mayor cuidado em que se achava Joaõ Fernandes Vieyra**, como Author da Acclamação da liberdade, succedeo, que certo homem, ou Sachristaõ, que tinha a seu cargo tratar da Capella de Santo Antonio do seu Engenho do Meyo, deixando, como sempre, a porta fechada á noite, de manhãa a achou aberta, e o mesmo se continuou nos dous dias seguintes, seguindo-se-lhe tambem com a repetição do successo varios discursos sobre o caso; e sem poder descobrir, postas as necessarias diligencias, quem pudesse ser o Author, e não fiando só de si a vigia, convidou a outros mais, que applicados todos á espreita, sem verem pessoa humana, se achou a porta aberta pela manhaã, entendendo ja era effeito de maõ invizivel, e que não carecia o caso de mysterio. Deraõ parte a Joaõ Fernandes Vieyra, e este por si mesmo, com outras pessoas mais, fechou a porta em

* Castriot. Lusit., pag. 255, n. 67.

** Valerot. Lucid., p. 179.

a quinta noite, sellando o lugar da chave com o seu signete, e feitas as diligencias de espreitar se achou a porta, intacto o sello, como nas outras, da mesma sorte aberta. Ja o caso se naõ podia negar de prodigio, e todo se attribuhia a Santo Antonio; e a occurrencia do tempo dava occasiaõ ao juizo, que della se podia formar, e era, diziaõ huns, que o Santo os avizava sahisssem a campo abertamente, e que a publicas dessem principio á empreza da liberdade; outros discursavaõ, que o Santo a todos franqueava o seu auxilio, e que para o seu soccorro o achariaõ sempre com a porta aberta; alguns concluhiaõ, que elle os ensinava a deixarem suas casas de par em par, e retirarem a parte segura as suas pessoas, moveis, e familias. O segundo caso fez evidente esta conclusaõ.

388. Chegou a festa do Santo, trinta dias depois, e tendo-se ornada a sua Capella com todo o aceyo para esta funçaõ, quando á vespera se começou a repicar o sino, estando muitas pessoas presentes na Igreja tratando do ornato, e compostura della, repentinamente, hum modo de docel, que haviaõ armado para o Santo, se desarmou por si mesmo, e dobrado, como de proposito ficou sobre o Altar aos pés da sua Imagem. Com admiraçaõ foy notado o prodigio, e delle ficaraõ entendendo todos, que o Santo os avizava, que pelo mesmo modo ajuntassem o seu fato, e se puzessem em cobro. Assim se fez, e tratando cada hum, dos que ainda se a achavaõ em suas casas, sahir dellas, e acolher-se aos mattos, escaparaõ das esquadras, que na mesma noite, para o dia do Santo, avizado o Olandez pelos traidores da comitiva de Joaõ Fernandes Vieira, mandou assaltar todo o contorno da Varge sem effeito; porque Joaõ Fernandes Vieira, que era quem elles principalmente buscavaõ, e outros mais, ja se naõ recolhiaõ de noite ás suas casas, e vivendas, e nesta o executaraõ outros muitos, advertidos pelo caso da Capella, e reconhecendo

todos nelle o avizo, e mercê, que deviaõ ao seu Protector, e amante Portuguez Santo Antonio.

CAPITULO XXX.

*Principios, e progressos da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia
na Villa de Olinda, e Casa da Senhora das Neves.*

389. Ja em outra parte*, tratando dos varios Religiosos Menores, que antes dos nossos Fundadores aportaraõ em diversos tempos pelas Capitanias desta Conquista, deixamos dito viera tambem hum destes á Villa de Olinda, e que nella, com ajuda, e soccorro de pessoas devotas, levantara huma Capellinha ao Glorioso Peregrino, e grande charitativo S. Roque de Mompeller, e nella huma Congregaçaõ de Terceiros da Veneravel Ordem da Penitencia. O que agora devemos fazer, he assignar o sitio desta Capella, e apontar os fundamentos do que fica dito, e principalmente em quanto ao lugar em que existio, porque averiguada a certeza deste, ja não fica o mais taõ difficultozo. Diz a tradiçaõ, que fora este o mesmo, em que existe hoje o Mosteiro do Grande Patriarcha S. Bento. He verdade, que nos seus Archivos se não acha escritura, ou doaçaõ, que se fizesse aos PP. desta Capellinha; porque dizem elles, que com a tomada da terra pelos Olandezes, se perderaõ todos os papeis, e Escrituras dos Mosteiros. Mas achamos memoria entre Religiosos seus velhos, que affirmaõ ter ouvido a outros mais antigos, houve no lugar esta Capellinha, accrescentando que estava fundada para aquella parte onde fica agora a torre da sua Igreja, ja muy chegada ao despenhadeiro, que cahe sobre o Varadouro.

* Pag. 28, n. 28, liv. Ant.

390. Outra razã se nos offerece de mais fundamento para que se naõ ache nas suas escrituras, ou doaçõens a memoria desta Capella, e he, porque os ditos Padres passaraõ a Pernambuco, como consta da doaçãõ, que lhes fez para isso o seu Donatario Jorge de Albuquerque do anno de 1592 por diante; assistiraõ primeiro na Igreja de S. Joãõ de Olinda, dalli foraõ para a Capellinha do Monte da mesma Villa, da qual lhes fez doaçãõ o Illustrissimo Bispo D. Antonio Barreiros, achando-se em Pernambuco de vizita; e naõ tendo elles no Lugar do Monte as convivencias necessarias para Mosteiro, compraraõ a Gaspar Filgueira, e a sua mulher a Ollaria, e sitio, onde hoje existem, e nisto se passaraõ alguns annos, e nestes se havia tambem com o tempo abolido, e de todo destruido a fabrica, ou ao menos o exercicio, e serventia da Capellinha de S. Roque; pois ja desde o anno de 1585, ou 1586 a haviaõ desamparado, como logo se dirá, os Irmaõs Terceiros, que a sustentavaõ, e por conta dos quaes corria o seu tratamento; porque se haviaõ passado para o novo Convento da Senhora das Neves, levando comsigo, e tudo o mais, a Imagem do Santo, como seu Titular. Com outra demonstraçãõ mais evidente se confirma no lugar a existencia desta Capella.

391. Pelos annos de 1736, ou 1737, sendo Bispo de Pernambuco o Illustrissimo D. Jozé Fialho, veyo a seu Juizo hum legado de certo homem dos Sertoens, que na verba do seu testamento deixou declarado, pertencia á Capella de S. Roque, onde elle fora Terceiro de S. Francisco, a qual se via, diz a mesma verba, da Igreja do Salvador de Olinda. Duvidou o Bispo que Capella seria esta, e porque a que hoje tem os Terceiros em o nosso Convento, tambem se vê da Igreja da Sé, que he a mesma do Salvador, e he S. Roque o Titular della, mandou se desse á Ordem Terceira o tal legado. Era Commissario neste tempo o Irmãõ Prégador Fr. Bento da Presentaçãõ, que certifica passou com elle, e a sua Mesa esta

conferencia, e a sua decizaõ. He mais de advertir, que este legado não podia ser de pessoa moderna, e dos tempos presentes, nem ainda do seculo passado; porque, a ser assim, fora escusada a declaração de que era para a Capella de S. Roque, que se via da Igreja do Salvador; porque bastava dizer, era para S. Roque da Capella dos Terceiros do Convento de S. Francisco. Era sem duvida a deixa de sujeito antigo, e que antes do anno de 1585, em que os nossos Religiosos fundaraõ Convento em Olinda, se havia retirado o tal homem para os Sertões, e lá fallecido antes daquelle anno; e por negligencia dos herdeiros, que se foraõ seguindo huns a outros, (como muitas vezes succede) veyo a parar neste, que, ou por temor de Deos, ou obrigado dos Confessores, e outros Ministros, lhe veyo a dar execuçaõ no tempo presente. Esta verba assim, he sem duvida a Escritura mais autentica, que podiamos achar, para boa certeza, ou clara evidencia, não só de que houve naquelles principios a tal Capella de S. Roque em que Olinda, mas tambem que a sua situaçaõ foy no mesmo lugar em que agora existe o Mosteiro de S. Bento; porque este he o que, sem oppoziçaõ, que lhe sirva de obstaculo, se vê da Igreja do Salvador, hoje Sé de Olinda, por ficar esta na cabeça do Monte á parte do Nascente, e aquelle para a outra ponta, que faz ao Sul, em frente hum do outro, ficando entre ambos a baixa, que os deixa desimpedidos para a communicaçãõ destas vistas.

392. Com esta clara evidencia, de que houve Capella de S. Roque em Olinda, no lugar que fica dito; pelas mesmas razoes, e fundamentos, fica tambem mostrado, haver nella Congregaçaõ de Terceiros da Ordem da Penitencia, onde tomavaõ habitos, professavaõ, e faziaõ as suas funçoens, e mais exercicios desta veneravel Ordem. Primeiro; por ser a tal Capella de S. Roque, Patraõ especial da Ordem Terceira da Penitencia. Segundo; porque era Terceiro o sujeito, que como seu filho,

e alumno, lhe deixava o referido legado. Terceiro, e principal; porque, quando os nossos Padres Fundadores chegaraõ a Olinda, ja acharaõ nella Irmãos Terceiros, especialmente mulheres, como logo diremos, e naturaes da mesma Villa; e tudo isto, que he o que por ultimo nos falta, naõ podia ter outro principio, que naõ fosse por algum Religioso, filho de S. Francisco.

393. Deste naõ achamos tambem noticia individual. Mas consta pela mesma tradiçaõ, e ja fica referido em outro lugar, que logo nos principios da fundaçãõ desta Capitania, viera ter a Olinda hum Frade Menor, que alli assistira alguns annos, e a diligencias suas se levantara a Capella de S. Roque, e nella instituiria a Congregaçaõ de Terceiros, de que se falla; e que por ausencia sua passou a administraçaõ a algum Sacerdote secular, que ficara supprindo as suas vezes, ou mais certo ao Vigario de S. Pedro Martyr, Freguezla da Villa, no districto da qual estava situada esta Capellinha. E por isso dizem, que, quando os nossos Religiosos tomaraõ a posse, e se passaraõ para a nova Casa da Senhora das Neves, e quizeraõ avocar para ella os Irmãos Terceiros da Capellinha de S. Roque, se oppuzera a isso o sobre-dito Vigario de S. Pedro, intentando conservar a jurisdicçaõ, e posse, que pelo tempo, e estar a Capella no districto da sua Parochia, havia adquirido; e que os Terceiros correndo pleito perante o Vigario Geral, e alcançando sentença a seu favor, quando se passaraõ para o nosso Convento, levarãõ consigo a Imagem do Santo, ficando desde entãõ deserta a sua Capellinha. E daqui se seguem por ultimo duas cousas, que servem de mayor evidencia a tudo o que fica dito; a primeira, que por isso se naõ acha nas doaçõens do Mosteiro de S. Bento a expressãõ desta Capella, porque ao certo ja naõ existia a este tempo, com formalidades de Capella, como deixada pelos Irmãos Terceiros seus administradores, e quando muito só com o material das paredes. A

segunda, e he a que confirma por certo tudo o mais ; porque este mesmo Santo, como Senhor que era da Capellinha, he o Padroeiro da sua Ordem Terceira do Convento de Olinda, e he nella o seu Titular.

394. Atéqui temos fallado, ainda que com tanta evidencia, conforme a tradiçãõ, conjecturas, e pelo que se diz, ou dizem; agora ajuntaremos alguma cousa mais com que se possa fazer de todo evidente o que dizem, e conta a tradiçãõ. He certo conforme todas as memorias que se achãõ escritas nos Cartorios da Provincia, e especialmente nos da fundaçãõ do Convento de Olinda, tratar-se nellas por Irmaã Terceira de S. Francisco, e professa na sua Ordem da Penitencia, Maria da Rosa, e o mesmo affirma o Padre Gonzaga, Ministro Geral que entãõ era, e havia mandado para o Brasil os Padres Fundadores. Tambem he certo, que Dona Izabel de Albuquerque, e suas Irmaãs D. Cosma, e D. Filipa, (filhas de Jeronymo de Albuquerque, cunhado de Duarte Coelho Pereira, primeiro Donatario de Pernambuco, e de sua mulher D. Filippa de Mello, as quaes com Maria da Rosa passaraõ para o Recolhimento da Conceiçãõ) eraõ Terceiras professoras na Ordem da Penitencia. Consta isto de humas Escrituras autenticas feitas por ellas no anno seguinte de 1586, e ja assistentes a este tempo no sobredito Recolhimento da Conceiçãõ, com Maria da Rosa. Estas tres ultimas eraõ naturaes de Olinda. Logo he evidente, que haviaõ professado a Ordem Terceira na mesma Patria; e alguns annos antes que os Padres Fundadores alli chegassem. Antes destes, naõ haviaõ na terra outros, nem parte onde o pudessem fazer; evidente fica, que só podia ser na referida Capellinha de S. Roque, por aquelle Sacerdote, que a administrava, e dirigia, ou fosse o Vigario de S. Pedro, ou outro qualquer, por delegaçãõ do primeiro Religioso seu Instituidor. E isto he tudo o que da Capella de S. Roque, lugar em que existio, seu

primeiro Instituidor, Irmandade de Terceiros, que nella houve, até a sua transmutação com o Santo para o nosso Convento, pudemos descobrir.

395. Passados para o Convento, como fica dito, também se não acha clareza em que anno deraõ principio á sua Capella: para a que ao presente vemos, entra-se para ella por hum espaçozo arco, de talha hoje, sendo o antigo de pedra lavrada, e fica no corpo da nossa Igreja á parte do Evangelho com Sacristia, casa de Exercicios, e outras mais, que servem de deposito aos andores, Imagens, e paramentos, que compõem a sua procissão de Cinza, que também não consta quando teve principio, e a fazem com zelo, e bom aceyo, como he particular, e cuidadozo empenho de todas as veneraveis Ordens Terceiras, logrando esta aqui, sobre as mais, a excellencia, de que, sendo como ellas em ordem a terceira, alcançou em Olinda, a primazia, ou prerogativa de primeira nos progressos, e estabelecimento, para honra de seus Irmãos, credito de toda a Familia Serafica, e gloria do Santo Patriarcha, como Pay de todas.

CAPITULO XXXI.

Da Serva de Deos Maria da Rosa, nossa especial Bemfeitora, e algumas pessoas Terceiras de boa fama.

396. Depois dos filhos primogenitos do Serafico Patriarcha, ou da sua primeira Ordem, deviaõ ter lugar os da Segunda, e Terceira. Destes ultimos diremos alguma cousa, visto não poderem entrar aqui os da Segunda: porque, ainda a Providencia Altissima do celeste agricultor, não foy servida revestir com as fragran-tes flores do Virginal Jardim de Santa Clara o fecundo terreno de Pernambuco. Des fructos da Terceira Or-

dem, ou da Penitencia, porque esta em Olinda, como fica exposto, teve o seu principio muy anterior á fundação do mesmo Convento, muito pouco pudemos colher daquelles primeiros tempos, e muito menos ainda de entaõ para cá, pois havendo 172 annos, que os nossos entraraõ a lançar os primeiros alicerces da Religiaõ em a Casa de Olinda, não achámos nella monumento algum, de que pudessemos tirar noticia certa dos Irmãos Terceiros desta veneravel Ordem, de virtude, e santidade; nem elles, sendo alli taõ antigos, tem livro, ou assento, nem ainda dos principios, e fundação da sua Capella, e o que aqui dizemos, o tirámos de papeis estranhos, e avulsos. Da mesma sorte não deixaraõ os nossos Padres daquelles tempos de andar, se não gravemente ingratos, ao menos com muitos excessos de escassez, em nos não deixarem mais extensas, e individuaes noticias da devota Maria da Rosa, sua, e nossa taõ particular, e grande Bemfeitora. Mas neste pouco, que disseraõ, escreveraõ certamente muito, pois a deixaraõ numerada entre os fieis servidores do Senhor, por mulher devota, piedosa, de espirito presagioso, e huma Serva de Deos. Se não quizermos dizer, que o breve arrezoadado da escritura, com que nos fez a doação da Casa da Senhora das Neves, he huma boa Chronica da sua vida, e que no espirito, com que a dictou, estava resumidamente inculcando as muitas virtudes, de que se adornava.

397. Antes de passarmos adiante, devemos advertir, que dando o R. Cabido de Olinda, no anno de 1723 huma conta á Academia Real, sobre varias noticias daquelle Bispado, que lhe foraõ pedidas, huma dellas he a seguinte: *Veyo das partes de Portugal huma taõ nobre como virtuoza Matrona, chamada Maria da Rosa, a qual querendo perpetuar na immortalidade, ou reduzir ao cofre do Divino Thesouro o cabedal, que na caduca vida possuhia, resolveo-se a edificar hum Mosteiro, com o ti-*

tulo de N. Senhora das Neves, acção, porque se fez conhecida de todos sua virtude, e a que seguirão varias Matronas nobres, naturaes, commotas de tão devoto zelo, e santo exemplo; as quaes com mão liberal concorrerão para a sua edificação, e juntas com a dita Madre, se recolherão nelle; onde no habito da Terceira Ordem do Serafico Padre S. Francisco, em que eraõ professoras, viviaõ em fôrma Religiosa, dando claros indicios, não só da esperança, que a todos deixavaõ de ser Convento de Religiosas professoras, fim a que aspiravaõ seus intentos, mas tambem do augmento da gloria, e honra de Deos nosso Senhor, pelos devotos exercicios, em que se occupavaõ. Depois de passados alguns annos, que se não individuaõ por falta de clareza, no de 1585, vieraõ os Capuchos a fundar huma Custodia por ordem do seu General Fr. Francisco Gonzaga, á instancia do Capitão Jorge de Albuquerque Coelho, Donatario naquelle tempo desta Capitania, aos quaes Religiosos a dita Maria da Rosa, a rogos do Senado, e povo, doou graciosamente o sitio, e tudo quanto nelle havia fabricado, com terreno bastante para Convento dos ditos Capuchos, e se passou com suas companheiras a outro Recolhimento, que os Irmãos da Confraria de nossa Senhora da Conceição lhes haviaõ feito, junto á sua Igreja, á mesma imitação.

398. Esta noticia, (supposta por certa, como he a Escritura da doação, que fez aos nossos Religiosos Maria da Rosa), contém em si muitas incoherencias. A primeira he, porque o tal Recolhimento da Senhora das Neves, de que falla a sobredita noticia, não consta da Escritura da sua doação; e quando muito della só se póde colher havia alguma casa, como o ella expõem dizendo: *Dava, e doava a dita casa, assim como está, Igreja com todos seus ornamentos*: E o que melhor se devia entender era, que esta casa foy a mesma Igreja, como se explica, quando nella falla a primeira vez, e dizia: *Promettera fazer huma Casa da invocação de*

nossa Senhora das Neves, e a dar aos Frades de S. Francisco, &c. E mais a baixo torna a dizer: *E com esta intenção, e devoção a tinha feito, e posto nos termos em que hora estava.* E melhor se entende ser esta casa a mesma Igreja pelos termos com que se explica o Tabelliaõ, quando diz no exordio da Escritura, *Na Igreja de nossa Senhora das Neves de Olinda, estando ahí a Senhora Maria da Rosa, Dona viuva,* demonstraçã evidente de que naõ havia alli outra casa, mais que a Igreja; porque a havê-la, naõ na Igreja, mas na casa diria o Tabelliaõ se fazia a Escritura, e diria mais, uzando dos seus termos communs, *Sendo ahí em casas proprias;* e como se naõ expressaõ estes termos sempre uzados, e só se faz mençaõ da Igreja, esta era sem duvida a casa de que se falla na Escritura da sua doaçaõ.

399. Naõ obstante tudo isto, que attribuimos a incurria do tabelliaõ, ou talvez porque, havendo casa, quizeraõ por mayor solemnidade do acto, ou por devoçaõ, fazer a Escritura na Igreja, e seguindo nós ao Padre Gonzaga, que foy o Ministro Geral, que mandou a Pernambuco os Padres Fundadores, assistindo elle na Corte de Lisboa, e naõ podia deixar de ter a verdadeira informaçã de tudo, e como escreve que Maria da Rosa naõ só era Irmaã Terceira, mas vivia com outras da mesma profssãõ na mesma casa, que alguns annos antes havia fundado junto á Igreja da Senhora das Neves, segundo o que este douto Padre escreve, como verdadeiro, pelas razoens allegadas, dissemos tambem, fallando nesta casa em seu lugar, que quando os nossos alli entraraõ estava ja em tal fórma, que nella se pude-raõ agazalhar oito, ou nove Religiosos. Mas esta casa assim, que nunca foy, nem era Recolhimento em fórma, como suppõem a noticia do Cabido, naõ foy tambem, como affirma a mesma, fabricada á custa, e despezas das outras Senhoras, que com Maria da Rosa assistiaõ nella; porque, a ser assim, naõ seria feita a sua doaçaõ aos

nossos em nome só de Maria da Rosa; pois não era ponto este de tão pouca consequencia, que não dependesse de outra fórma de Escritura, e se declarasse nella o consentimento, e vontade das mais, e se assinassem todas.

400. He tambem incoherente aquella noticia, em quanto diz, que a instancias do Senado, e povo fizera Maria da Rosa a doçaõ aos nossos Frades da Igreja, e casas, ou Recolhimento, havendo-o fundado para viver nelle com as outras Senhoras, porque da sua Escritura, e doçaõ consta o contrario; pois diz nella, que logo que intentou fazer aquella casa da Senhora das Neves, foy para a dar aos Religiosos do Padre S. Francisco, como por vezes o havia intentado, escrevendo ao Reyno sobre isto aos Padres Provinciaes: e assim quando a Olinda chegaraõ os nossos, não era, nem foy necessario ser rogada, e constrangida por outros para isso; porque de sua propria, e livre vontade confessa na sua doçaõ lho havia dado.

401. Diz mais a noticia, que viera das partes de Portugal para o Brasil Maria da Rosa. Sobre este ponto não se acha certeza alguma; porque nem nas memorias do nosso Convento da Senhora das Neves, nem nas da Conceiçaõ, á custa de diligencias se descobrio cousa alguma, e só o seu testamento o podia dizer; mas nem deste ha noticia nas duas casas em que assistio, e morreo, nem em Cartorio algum. E assim deixando a Maria da Rosa no estado indifferente da sua naturalidade, o que ao certo consta he, que tinha o de viuva, quando fez a doçaõ aos nossos Padres, e havia sido cazada com Pedro Leitaõ, de quem nos não ficou mais que o nome, pelo vermos escrito nas letras da sobredita doçaõ: o que resta averiguar he, se o Recolhimento da Conceiçaõ, para onde passou Maria da Rosa com as mais, fora tambem fundaçã sua. Assim o querem dizer algumas memorias do nosso Convento, e supposto parece que

nisto se encontraõ com a noticia do Cabido, he sem duvida, que humas, e outras acertaõ, ainda que com differença nas circumstancias, como constará de hum termo, que se acha no liv. 1. de Acordaõs da Santa Casa da Misericordia, feito em 20 de Março de 1666, a fol. 48 e 49 sendo Provedor o Governador de Pernambuco, Jeronymo de Mendonça, que tambem era Juiz actual da Irmandade da Senhora da Conceiçaõ, e com os da sua Mesa, em nome de toda a Irmandade, doeu este Recolhimento da Conceiçaõ á Santa Casa da Misericordia para que ella o possuísse, e administrasse, com todos os seus bens: são as palavras do termo as seguintes: *Tudo traspassavaõ a esta Santa Casa, assim, e da maneira que seus Antecessores o haviaõ dado, e doado a Maria da Rosa, por escritura feita no anno de 1595.* Neste de 1595, que a Irmandade da Conceiçaõ fez esta data a Maria da Rosa do seu Recolhimento, faziaõ dez annos, que havia ella passado para alli, e largado o das Neves aos nossos Religiosos, como concordãõ todas as memorias. E daqui se segue, o que himos a dizer, e he: que quando Maria da Rosa entrou na Conceiçaõ, naõ havia alli Recolhimento algum em fórma, mais que algumas casas, que a Irmandade tinha pegadas á Igreja para o serviço da mesma, ou Romagem dos seus devotos; e que Maria da Rosa entrando alli com as mais Senhoras por consentimento da Irmandade, deraõ ordem, (e seria com esta condiçaõ,) á fórma do Recolhimento a despezas suas, e por isso tendo o perfeito, e completo, ao cabo dos dez annos, lhe traspassou a Irmandade, (que esta seria a clausula, ou concordata) a posse, e administraçaõ delle; e assim póde concordar a noticia do Cabido com as nossas; estas dizendo que ella fizera o Recolhimento, porque em verdade o fez; e o Cabido, que fora a Irmandade, que lho havia dado; porque sem duvida lhe deo esta casa em que se lhe recolhesse. E o fundamento todo da equivocaçãõ esteve, em que assim

as nossas noticias, como as do Cabido foraõ feitas, e escritas muitos annos depois; a do Cabido nos proximos de 1724, alguns 140 da passagem de Maria da Rosa da Casa das Neves para a da Conceiçaõ; e as nossas mais de cincoenta annos depois no de 1638, sendo Custodio Frey Manoel de Santa Maria, que foy o primeiro, como ja se disse, que mandou fazer livro Cartorio para estas, e outras similhantes; e assim houve tempo, e tempos, ao Cabido para equivocar Casa com Recolhimento, e aos nossos Recolhimento feito antes, ou depois; vindo assim a concluir de tudo isto, que Maria da Rosa, com as mais Senhoras a despezas suas, ou mais certo ella só, levantaraõ o Recolhimento da Conceiçaõ, mas foy depois que entraraõ nas casas, que lhes deo a Irmandade; porque, de outra sorte, se ella o naõ fizera a despezas suas, que razaõ podia haver para que a Irmandade lhe fizesse a doaçaõ delle; e isto depois de passados dez annos, que era o tempo em que o podia ter concluido? Que annos vivesse mais neste Recolhimento depois do referido de 1595, naõ o alcançamos, mas concordaõ todos os que nella fallaõ, que alli completou o curso da vida, cheya de dias, e merecimentos, e na Igreja delle jaz sepultado o seu corpo. No mesmo tiveraõ tambem jazigo com glorioso fim Dona Izabel, Dona Cosma, e D. Luiza de Albuquerque, Irmaãs por natureza, habito, profissaõ, e virtudes, e todas de boa fama; além de outras mais, de quem o tempo occultou a noticia dos seus nomes, e servio de tumulo á sua memoria.

402. Depois de terem os nossos fundado Convento em a Villa de Olinda, floreceu pelos annos de 1654 por diante Dona Iñez de Albuquerque, filha de Antonio de Sá Mahia, e de sua mulher Dona Catharina de Albuquerque. Era natural de Pernambuco, e professou a Regra da veneravel Ordem Terceira no Convento de Olinda, vestindo-se de habito descoberto, e fazendo huma vida muy exemplar, penitente, devota, dada á Oraçaõ,

e em grande maneira charitativa, herdando de seus ascendentes a nobreza, com que fazia mais estimadas suas virtudes, e deixando por morte taõ gloriosa fama, como foy constante a boa opiniaõ, com que viveo.

403. O anno passado de 1756, falleceo no Collegio dos RR. PP. Jesuitas do Rio de Janeiro, de quem por mais de vinte annos havia abraçado o seu Santo Instituto, o Padre Paulo Teixeira, natural da Villa de Iguarassú em Pernambuco de Pays nobres, e Vigario, que foy na mesma Parochia da sua Patria alguns annos, sujeito, sobre douto, de conhecida virtude, e vida exemplar; e tanto, que aspirando a mayor perfeiçaõ, e fugindo aos encargos de Parocho, e Cura de almas alheyas, para segurar melhor a sua, buscou a Companhia de outras tambem perfeitas, querendo antes ser ovelha apascentada a cuidados de outros, do que Pastor de proprios rebanhos. No estado Sacerdotal, e antes de Religioso, fez profissaõ de Terceiro na veneravel Ordem da Penitencia do Convento de Olinda, e como a filho de S. Francisco, lhe naõ quizemos faltar com esta breve commemoraçaõ á sua memoria, deixando os progressos da sua vida secular, Ecclesiastica, e especialmente Religiosa, para quem mais pertencer. Ainda que por alguns annos, que no Convento de Iguarassú estivemos de assistencia, desde o de 1727, até trinta, podiamos dar algum testemunho do zelo, com que satisfazia as obrigaçoens de Parocho, cuidava do pasto espiritual das ovelhas, e sobre tudo no ornato e asseyo de sua Igreja, culto Divino, Officios Sagrados, e solemnidades annuaes, que no seu tempo chegaraõ a hum muy lustroso auge, e perfeiçaõ, concordando todas estas cousas ordenadas para honra, e gloria de Deos, com a composura, honestidade, e recolhimento da sua pessoa, que, sem affectar as preeminencias do cargo, sabia com o humilde, manso, e charitativo do sujeito, adquirir sem

violencia as estimações de Parocho, e creditos de virtuoso.

CAPITULO XXXII.

Varios prodigios, e milagres do Glorioso S. Diogo de Alcalá, obrados por meyo de huma Imagem sua na Igreja de N. Senhora do Amparo da Cidade de Olinda, e do seu miraculoso, e notavel principio.

404. He Deos admiravel nos seus Santos, e ha Santos admiraveis certamente por Deos. Hum destes foy sempre, e he, o Glorioso, e bemaventurado S. Diogo de Alcalá, Religioso Menor por profissaõ, Leygo no estado, admiravel em todo o tempo nos prodigios, portentoso nas maravilhas, dispenseiro dos poderes de Deos, temeroso aos demonios, benigno aos homens, estimado dos Reys, e Principes, e buscado de todos os fieis, naõ só da Cidade de Alcalá no Reyno de Castella, mas geralmente de toda a Espanha; porque todos á vista do corpo deste Glorioso Santo, que permanece inteiro, e incorrupto, achaõ o remedio ás suas necessidades; porque os cegos cobraõ vista, os mudos a falla, saraõ os paralyticos, fogem os demonios dos possessos, e finalmente das portas da morte sahindo quasi resuscitados achaõ communmente a vida os que perigaõ de qualquer enfermidade, e ainda alguns depois de mortos tornaõ a viver. Isto experimentaõ por aquelles Reynos todos os que buscaõ, e se chegaõ á presença do seu corpo, ou invocaõ com fé a este Santo, e isto permittio o Ceo vissem, e gozassem na Cidade de Olinda os seus Colonos naõ com o corpo do Santo, mas com huma Imagem sua, que alli se venera, e teve principio na maneira seguinte.

405. No anno de 1747, achava-se gravemente enfermo o Doutor Luiz de Fois Caminha de Medina, e ja desenganado dos Medicos, e Cirurgioens, e vindo accaso dar á sua mão hum livrinho da novena do Glorioso

S. Diogo, em que se escreve hum resumo da sua vida, com os muitos, e grandes prodigios que tem obrado, movido de devoção, e com huma fé muito viva invocou o Santo em sua ajuda, fazendo-lhe em casa a sua novena, e com voto, de que alcançando de Deos a saude naquella enfermidade, lhe mandaria fazer huma Imagem sua e a collocaria em alguma Igreja, para que com Missa solemne a festejassem todos os annos. Feita a promessa, e concluida a novena, se achou tambem livre, e perfeitamente saõ sem precisar de remedio algum. Restituido á saude Luiz de Fois, cahio enferma Dona Joanna Izabel de Barros, sua Irmaõ, e taõ vigorosamente accommettida do achaque, que por cinco mezes se achou privada dos sentidos de ver, e ouvir, e muy poucas vezes fallava, que mais parecia cadaver do que vivente, e levada do exemplo do Irmão, e cheya tambem de verdadeira fé, encommendando-se ao Santo, em tres dias ficou livre de toda a molestia. Vendo-se o homem taõ obrigado ás mercês do Santo, naõ quiz dilatar a satisfação da promessa, e mandou logo fazer a sua Imagem por Antonio Esplanger Aranha, morador na mesma Cidade, que, naõ sendo Imaginario por officio, as obra com perfeição, de madeira incarne, estufo, e ainda de pincel, que para tudo tem regular arte, e ajustada idéa. Mas o Santo, como querendo empenhar mais estes devotos no seu obsequio, ou talvez para lhes significar, que se naõ por meyo do seu incorrupto corpo, como em Espanha, queria em Olinda se devessem os seus beneficios por participaçãõ da sua Imagem, ainda esta estava como tronco na banca do Artifice, recebendo os golpes para sahir Imagem, e poder subir aos Altares, quando das migalhas, ou fragmentos destinados para o fogo, quiz a providencia de Deos fazer Reliquias para mayor demonstraçãõ do seu poder, e conhecimento claro dos grandes merecimentos do seu Santo.

406. Haviaõ dezoito annos, que a sobredita enferma, e ja convalescida Dona Joanna tinha hum escravo, com quebradura muy deforme em huma virilha, sem achar remedio em muitos, que lhe haviaõ applicado; e fazendo nesta conjunçaõ huma vizita á casa do Imaginario, com fé, e devoçaõ, apanhou dos cavacos, que saltavaõ da Imagem, huns poucos, e naquella noite lançando alguns sobre brazas, e dando com o seu exemplo calor á devoçaõ, e fé do preto, fez com que tomasse sobre elles hum defumadouro na parte offendida, com taõ boa sorte, que de manhaã se achou com a quebradura recolhida, e perfeitamente saõ. Na mesma familia se achava huma preta com hum dos joelhos muito inchado, por causa dos humores, e tomando outro defumadouro dos mesmos cavacos, em o breve espaço de vinte e quatro horas saltou da cama, havendo tres mezes que della se naõ movia. Huma crioula do proprio Imaginario, havia annos, tinha hum lobinho sobre a capella de hum olho, e deitando em agoa os cavacos da Imagem, lavou com ella a parte offendida, e ficou livre do achaque, e da violencia de hum cauterio de fogo, e ferros, a que estava julgada. A hum preto de Francisco Xavier da Costa, morador na Cidade, havia accommettido hum forte ramo de ar estuporado que lhe pôs a bocca a huma banda, tomando-lhe juntamente os mais póros vitaes, de que se achava immovel, e dando-se-lhe hum defumadouro dos mesmos cavacos, tornou a seu antigo ser, e movimento, e total saude. O Reverendo Coadjutor da Sé de Olinda, Jozé da Fonseca Marques, achava-se perigosamente ferido de hum cancro no meyo da lingua, de que padecia insofríveis dores, causadas da molestia, e operaçaõ de Cirurgioens sem effeito. Movido do que ouviu, se recomendou ao Santo, e tomando dos cavacos da sua Imagem hum por Reliquia na bocca, deitando-se para descansar á noite, se achou de manhaã sem a molestia,

nem lezaõ, ou sinal algum do cancerado, e mórdaz achaque.

407. Com esta repetiçaõ de maravilhas, e prodigios se acabou das mãs do official a Imagem do Santo, e precedendo a sua novena na Igreja de N. Senhora do Amparo, que foy a escolhida para a sua collocaçaõ, por ser a Parochia, aonde he aggregado o seu devoto, e agradecido bemfeitor, e mora em casas fronteiras a ella, se fez a sua primeira festa a vinte e cinco de Agosto, dia tambem especial para elle, por ser do Santo do seu nome Luiz Rey de França, com lustroza, e plausivel festividade, tanto em custo, como em concurso, no seguinte anno de 1748 prégou a este solemne, e sagrado acto o P. M. Fr. Jozé da Conceyçaõ Gama, Religioso Menor, Passante nos Estudos de Olinda, com novidade correspondente ao objecto, e desempenho igual á expectaçã. Assim se tem continuado todos os annos até o presente com novena antes, e Sermaõ no dia, por huma boa Irmandade, que se levantou, e pelo Santo tambem a repetiçaõ dos beneficios, e prodigios começados.

408. Achava-se cega de ambos os olhos huma menina filha de Laurentino Antonio Moreira de Carvalho, morador na Villa do Recife, homem de negocio, procedida a enfermidade de huma vehemente carregaçaõ de deffluxo, e taõ mordaz, que naõ obedecia aos muitos, e varios remedios, que lhe haviaõ applicado as diligencias dos Medicos, e o cuidado dos Pays. Movidos estes ás vozes da fama, que se hia divulgando dos milagres, e prodigios do Santo, em hum dos annos seguintes vieraõ á Cidade a fazer-lhe sua novena, e particulares votos, com a menina doente, e ao quinto dia estando na Igreja, em presença da sua sagrada Imagem, se achou repentinamente com vista perfeita, como de antes. Ao dia seguinte, querendo gratificar ao Santo a mercê recebida, os Pays, e Avô da enferma Antonio Correya Pinto, que tambem se achava presente, mandaraõ cantar Missa em

acção de graças. A este tempo, assistindo na Igreja numeroſo concurso de povo, cahio do seu adro, que he bastantemente alto, por hum paredaõ, ou muralha, que cahe sobre a rua debaixo, hum menino filho de Manoel da Fonseca Neves, morador na mesma Cidade, e gritando este pelo Santo ao despenhar-se, se achou em baixo, entre quantidade de pedra, e madeira, que alli estava para as obras de huma casa, sem lezaõ, ou offensa alguma, levantando-se livre, e alegre, como de antes. A Dona Maria dos Prazeres, moça donzella, filha de Domingos de Araujo Vianna, morador na Villa de Santo Antonio do Recife, deo na bocca hum forte ar de parlyzia, que lha pôs de todo virada ao pescoço com enormidade deforme, e dores insoffríveis; e de tudo se vio alleviada, e livre, ao mesmo tempo, que, invocando o Santo, lhe applicaraõ á parte offendida hum pouco de azeite da sua alampada. Hum menino de seis annos, filho natural do Sargento mór de Infantaria, Antonio Jozé Victoriano Borjes, morador na mesma Villa do Recife, ja desenganado dos Medicos por hydropico, figados inchados, e febre continua, sendo trazido á presença do Santo, a quem fizeraõ huma novena com outros votos particulares, logo no primeiro dia ficou livre da febre, e nos seguintes totalmente saõ. Outra criança de cinco annos, filha do Capitaõ Luiz dos Santos Pereira, morador no mesmo Recife, com o azeite da alampada do Santo ficou livre do ar de espasmo, que lhe havia dado par causa de huma ferida na cabeça, depois que lhe não aproveitaraõ outros muitos remedios da arte, e curiosidade. Com a agoa, em que lavaraõ as mãos da Imagem do Santo, depois de lançado a seus pés com supplicas, e rogos hum filho pequeno de Joaõ Calheiros, morador de Olinda, que havia nascido com os olhos cobertos de huma belida, ou nevoa branca, que lhe cobria as meninas, e impedia a vista, lavando-os, em o breve espaço de quatro horas ficou com elles limpos, e vista

perfeita. O mesmo aconteceu a hum escravo do Padre Antonio da Serra, morador na Cidade, que estava de todo cego, por achaque adventicio, e lançado aos pés do Santo, dizendo-lhe com a sua rude simplicidade, mas sem duvida do Santo acceita, que delles se não havia levantar sem a vista, que lhe pedia, a conseguio de todo ao cabo de vinte e quatro horas. Mathias Ferreira de Sousa, havia quarenta annos que padecia a molestia de hum sirro, e sempre com remedios applicados sem effeito. Achava-se nos ultimos parocismos, quando lhe chegou a noticia dos continuos milagres deste glorioso Santo. A vozes bradou por elle, e dando-lhe huma pouca de agoa dos cavacos da sua Imagem, que se havia distribuido, e guardado por varias pessoas devotas, dahi a poucas horas começou a lançar pela via inferior a ruindade do mal, e dentro em vinte e quatro horas se vio livre de huma deforme inchação, que lhe occupava muita parte do corpo, e ventre, e ficou absolutamente saõ de taõ antigo, e mortal achaque. Muitas mulheres se tem livrado de partos perigosos, humas com crianças atravessadas, outras mortas nos ventres, invocando em seu soccorro o patrocínio, e amparo do Santo, e pondo sobre elles a Cruz, que tem nas mãos. *São finalmente tantos, (conclue a Relação, que nos dá esta noticia) os milagres, que está fazendo o nosso prodigioso Senhor S. Diogo, cada dia, que a querêlos aqui relatar, ficaria muy diffuzo este papel. Muitos se achão pintados, e escritos em paineis, pelas paredes da Igreja, como o vem, e pôdem dizer os que nella entraõ. Seja Deos sempre louvado nos seus Santos.* Foy collocada a sua Imagem no Altar mayor da sobredita Igreja do Amparo á parte do Evangelho.

CAPITULO XXXIII.

Da Capella do Mosteirinho de S. Francisco no districto de Olinda.

409. Ao Capitulo vinte e oito deste segundo livro, onde escrevemos das Capellas, que nos districtos de Olinda se achão consagradas ao Santo Patriarcha, pertencia esta, de que ágora tratamos, chamada do Mosteirinho de S. Francisco. Mas porque ao tempo que alli chegamos com esta escrita nos naõ eraõ enviadas as noticias necessarias, que haviamos pedido sobre o seu principio, e fundaçãõ, o que teve effeito ao tempo, que estavamos pondo a conclusãõ ao Capitulo passado, fica, ao menos por este motivo, seu proprio o presente lugar, e teve a sua origem como o veremos agora.

410. Tomada pelos Olandezes a Villa de Olinda, e povoaçãõ do Reciffe, e desapossados os nossos Religiosos dos dous Conventos, que tinhaõ nestas Praças, se recolheraõ alguns delles com os seus Prelados ao Arrayal de Paranamerim, (que neste mesmo tempo se lhe dava principio) onde, como ja tocamos em outro lugar, levantarãõ Oratorio, e assistiraõ nelle todo o tempo, que o presidiraõ os nossos, que foy pelo espaço de alguns cinco annos. Neste Oratorio residiraõ os dous Guardiaens do Reciffe, e Olinda; este como aggregado, porque o do Reciffe he o que exercia nelle o officio de proprio Prelado, com alguns subditos seus, e outros de Olinda; porque os mais se haviaõ espalhado pelos Conventos de fóra. Consta isto do mesmo Cartorio do Convento do Reciffe, no Catalogo dos Guardiaens, onde diz assim: *O duodecimo Guardiaõ foy o Irmãõ Fr. Antonio de S. Paulo, eleito no Capitulo do Irmãõ Fr. Cosme de S. Damiaõ para o Arrayal. O decimoterceiro, foy o*

Irmaõ Fr. Domingos de S. Luiz, no tempo do sobredito Custodio no Arrayal, que ficou em lugar da casa do Recife. E ja antes destes dous tinha exercido neste Oratorio do Arrayal parte da sua Guardania do Recife, Fr. Luiz da Annunciaçãõ, filho da Provincia de Portugal, que era o Prelado, que existia naquelle Convento, quando os Olandezes se apossaraõ do Recife. Estes foraõ os Guardiaens do Recife no Arrayal, nos cinco annos da sua existencia, que foy desde o de 1630 até o de 1635. Deste até o de 1654 da total restauraçãõ de Pernambuco, naõ houve mais Prelados para o Recife nem nos Capitulos se fazia nomeaçãõ delles para a tal Casa; porque o Convento estava em poder do inimigo feito fortaleza, como ja se disse.

411. Para os Prelados do Convento de Iguaçu, naõ houve residencia fóra delle, mas no mesmo ficaraõ assistindo até o segundo anno da invazaõ dos Olandezes no de 1632 em o qual, dando alli os inimigos hum assalto á povoaçãõ, o roubaraõ, tirando delle todos os Religiosos, e ficou solitario até o anno de 1635, em que se elegeo Guardiaõ para elle na Congregaçãõ do Custodio Fr. Cosme de S. Damiaõ. Foy este o Irmaõ Fr. Antonio de S. Paulo, que no Capitulo do sobredito Custodio fora feito Guardiaõ do Recife, e residia no Arrayal; de donde passou ao de Iguaçu. No tempo do seu successor Fr. Joaõ da Cruz em 1639 foy tirado este com os seus subditos, e prezos com todos os que puderaõ haver os inimigos de Olinda, Pojuca, e Serenhanhem, os mandaraõ desterrados para as Indias de Castella, e deste anno até o da Restauraçãõ, ficou o Convento absolutamente deserto, e sem assistencia de Religiosos.

412. No Convento de Pojuca assistiraõ os Religiosos sempre, ainda que no tempo em que os Olandezes estiveraõ absolutos Senhores da Campanha, lhes tomaraõ o Convento para quartel dos seus, mas deixaraõ-lhes a Igreja livre para dizerem Missa alguns poucos, que alli

residiaõ em hûas casas particulares na povoaçãõ, a que deraõ o titulo de Oratorio, e foy aqui seu Prelado, por postulaçãõ dos mesmos Frades, que nelle residiaõ, o Irmaõ Fr. Jacome da Purificaçãõ; mas restaurada a Campanha pelos Portuguezes, se apossaraõ outra vez os Religiosos do Convento, e foraõ continuando até á restauraçãõ de toda a terra. No de Serenhanhem foraõ continuando os Guardiaens até o anno de 1635, em o qual occupada a Campanha pelos inimigos, com a perda do Arrayal, o seu Guardiaõ se retirou para a Bahia, com os mais Religiosos, e ficou o Convento dezerto, até que os nossos se fizeraõ outra vez Senhores da Campanha pelos annos de 1647, em que ja lhe achamos Presidente *in Capite*, e no Capitulo de 1649 o primeiro Guardiaõ.

413. Na Paraiba foraõ continuando da mesma sorte os Guardiaens até o anno de 1634, em que, tomada a Cidade, dezampararaõ os Religiosos o Convento, e com a mayor parte dos moradores se retiraraõ a Pernambuco, e dalli no seguinte anno os mais delles para a Bahia, mas alguns, que ficaraõ dispersos, neste mesmo anno de 1635 com a entrega da Fortaleza do Arrayal, e com a retirada, que de Pernambuco mandou fazer o General Segismundo a muitos dos principaes moradores da Paraiba para as suas fazendas, e moradias, com estes se retiraraõ como ja dissemos o Padre Fr. Luiz da Anunciaçãõ*, com alguns mais para o Engenho de Francisco Camelo Valcacer, e ahi levantaraõ Oratorio, em o qual assistiraõ alguns oito, ou nove annos, e naõ achamos que neste Oratorio houvesse Prelado até o anno de 1642, em que no Capitulo do Custodio Fr. Francisco das Neves se lhe pôs por Presidente *in Capite* a Fr. Francisco de S. Braz, e o governou até o anno de 1645, em o qual dando-se principio á empreza da liberdade, levantaraõ os tres Governadores da Paraiba por ordem

* Hic., p. 201, n. 338 & 339.

de Joã Fernandes Vieyra, e os outros Mestres de Campo, Arrayal no engenho de Santo André, que era de Jorge Homem Pinto, e aqui os nossos Religiosos outro Oratorio, deixando o do Engenho dos Reys de Francisco Camelo por alguma distancia, e este de Santo André mais chegado á Cidade, para o qual se passaraõ logo os Religiosos, e foy o seu primeiro Prelado, e Presidente *in Capite*, Fr. Jacome da Purificaçaõ, eleito na Congregaçaõ do mesmo Custodio Fr. Francisco das Neves; esta nomeaçã de Presidente *in Capite* no sobredito Padre foy feita para o Oratorio do Engenho de Francisco Camelo, dito dos Reys, mas como a este mesmo tempo se levantou o novo Arrayal de Santo André, pela razã apontada, para este se passaraõ os Religiosos com o seu Prelado. Aqui assistiraõ até o seguinte anno de 1646, em que os Governadores da liberdade mandaraõ retirar a todos os moradores da Paraiba para os contornos da Varge em Pernambuco, e á sombra do novo Arrayal, ou reedificaçaõ do primeiro do Bom Jesus, que ahi levantaraõ. Aos moradores acompanhou o Padre Fr. Jacome com os seus Religiosos até o sobredito Arrayal, e nelle deo ordem a outro Recolhimento, e Oratorio*, obrando em beneficio do povo, o que se póde ver nas duas certidoens dos Mestres de Campo, e Governadores da Paraiba, no lugar citado. Naõ consta, que para este Oratorio do novo Arrayal se nomeasse Prelado, como tambem para o Oratorio de Santo André, e Convento da Paraiba, até o anno de 1654 da Restauraçaõ total da terra.

414. A mesma sorte, que tiveraõ estes Conventos, coube, e primeiro que aos mais, ao de Olinda, como cabeça de todos, e alvo da furia, e odio dos inimigos Hereges. E supposto que este he o objecto principal do presente Capitulo, foy com tudo precisa esta digressãõ,

* Liv. Antep., pag. 63, n. 89, e p. 64, n. 90.

para melhor intelligencia do que se ha de dizer. Tomada por interpreza dos inimigos a Cidade de Olinda, no mesmo dia largaraõ o Convento todos os Religiosos, e com o seu Prelado Fr. Manoel da Piedade, que depois mataraõ os mesmos Olandezes na entrada da Paraíba, e o Custodio Fr. Antonio dos Anjos, se passaraõ para o do Reciffe, e largado tambem este a poucos dias, se acolheraõ os mais dos Religiosos aos Conventos de fóra, ficando no Arrayal os dous Prelados de Olinda, e Reciffe, como fica dito, com alguns dos seus subditos, dando tambem nelle principio a hum Oratorio, e Recolhimento, como particular Residencia do Guardiaõ do Reciffe. Neste Arrayal, sem operaçoens de Prelado, assistio o Guardiaõ Frey Manoel da Piedade todo o anno de 1630, e no principio do seguinte, que foy o primeiro do Custodio Fr. Simaõ de Santo Antonio, sahio eleito no seu Capitulo para Guardiaõ de Olinda Fr. Manoel dos Anjos, e continuou por tres no mesmo Convento, no miseravel estado em que se achava roubado, sem povo, e queimada a Cidade toda, e só com alguns poucos Religiosos, que por mais devotos, de mayor espirito, e fortaleza de animo se naõ queraõ, nem podiaõ apartar da Casa, e sombra da Senhora das Neves. A este Prelado succedeo o Irmaõ Fr. Francisco da Esperança, no Capitulo do Custodio Fr. Cosme de S. Damiaõ, no anno de 1633, pelos fins, e continuando com o mesmo espirito, e fortaleza a residencia do Convento, sem o temor dos inimigos, que dando no Convento huma assaltada no anno de 1634, e achando nelle ao Guardiaõ, e ao Irmaõ Leygo Fr. Francisco Auzanca, a este mataraõ na Capella mór, onde estava em Oraçaõ, e ao seu Prelado tiraraõ prezo, e degradaraõ, como em outro lugar fica dito.* Mas naõ obstantes todos estes perigos, e perseguiçoens, alguns dos Religiosos, que se achavaõ espalhados por

* Liv. Antep. pag. 53, n. 73.

aquelles districtos, se foraõ aggregando outra vez ao Convento, e como nesta conjunção, (era ja no seguinte anno de 1636), se achavaõ sem Prelado mayor, por ser prezo, e desterrado pelos Olandezes o Padre Custodio Frey Cosme de S. Damiaõ, elegeraõ aquelles Religiosos para Prelado do Convento ao Irmaõ fr. Jeronymo de Santa Catharina, e assim por esta forma na dessolada Cidade e Convento despido, assistiraõ estes Religiosos até o anno de 1639, em que delle outra vez tiraraõ prezos doze os Olandezes, e com outros mais, que alcançaraõ por fóra, os mandaraõ desterrados a todos para as Indias de Castella; e desde este sobredito anno até o de 1654 da Restauração da terra, ficou absolutamente despovoado o Convento de Olinda.

415. Naõ puderaõ os Hereges haver ás maõs quantos Religiosos vagavaõ os districtos de Pernambuco, e assim alguns destes se foraõ refugiar do Olandez, por ser lugar mais retirado de Olinda, em huma fazenda de Bernardo Gonçalves Lobo, doze legoas ao Sertaõ da Cidade, ás margens do Rio Capibaribe, Freguezia de N. Senhora da Luz. Este homem, que era grande devoto do Santo Patriarcha, lhes deu hum lugar separado em suas terras, fazendo-lhes doaçaõ do que lhes fosse necessario dellas para levantarem hum Hospicio, com sua Capella; e assim o puzeraõ em execuçaõ, e o effetuaraõ com sua Igrejinha, consagrada a S. Francisco N. Padre, ficando por este motivo intitulado-se o Lugar, e a Capella, *Mosteirinho*; Nelle habitaraõ estes Religiosos, e outros mais, que se lhe foraõ aggregando, sem Prelados, que lhes fossem postos pelos Superiores, até a total Restauração de Pernambuco, em que entrando os Religiosos a habitar de novo o Convento de Olinda, e Casa da Senhora das Neves, se recolheraõ tambem para ella os que assistiaõ no Mosteirinho de S. Francisco, ficando outra vez de posse da Capella o seu Bemfeitor, ou herdeiros seus; e só conservando até o presente o titulo de

Mosteirinho, perdida com o tempo á memoria, e principios de sua fundaçãõ, e origem. Mas sempre pelo titulo, e nome conservada entre os nossos alguma tradiçãõ, e memoria vaga, de que fora em outro tempo pertencente aos Frades Menores desta Custodia, ao menos como Missãõ, ou Doutrina de Gentio, que, dirigida por elles, fora largada com as mais aos seus Ordinarios. Neste decurso se passou até o anno atrazado de 1756, em que fazendo Missãõ por aquelles districtos o P. M. Fr. Antonio de Santa Maria Traripe, chegando a este lugar ao mesmo effeito, lhe rogaraõ os Administradores desta Capella, fizesse com os Prelados da Ordem mandassem tomar posse da administraçãõ da Capella; porque, dizem elles. he propria da Religiaõ, e pertence ao Convento de Olinda, onde era morador, e assistente o sobredito Religioso Missionario. Pouco depois vieraõ ao Convento com a mesma proposta ao Padre Diffinidor Fr. Ludovico da Purificaçãõ, e de ambos tiveraõ em resposta, pertencer a soluçãõ ao Padre Provincial, que na occasiaõ se achava nas partes da Bahia. Chegou este a Pernambuco, pelos fins do anno em que estamos de 1757, e naõ esquecidos os Administradores do seu intento, repeliraõ a mesma diligencia por hum Procurador da Irmandade da Capella, com o seguinte memorial: » Com o favor de Deos, nosso Senhor, que te-
» nhamos effeito no que pretendemos para bem de nos-
» sas almas: Fazemos saber a vossas Paternidades,
» Eu, como Procurador mais antigo, o Capitaõ Mar-
» cos de Oliveira Gois, e os mais Irmãos, que ser-
» vimos nesta Capella do Mosteirinho do Senhor S.
» Francisco, sita na Ribeira do Capibaribe, Freguesia
» de nossa Senhora da Luz, fundada pelos Religiosos
» de S. Francisco no tempo da guerra em suas terras,
» que deo Bernardo Gonsalves Lobo, a qual doaçãõ se
» acha nos Cartorios de Iguaraçú, que nós todos de boa
» vontade damos a Capella a Vossas Paternidades, pois

» foraõ fundadores della; e assim dezejamos, com bom
 » successo, tomassem Vossas Paternidades a dita Ca-
 » pella; e como determinamos festejar em Outubro,
 » bom era, sendo que tenha effeito, que a festa ja fosse
 » feita por Vossas Paternidades. He o que posso dizer,
 » o mais informará o Procurador.» E esta he tambem
 toda a noticia, que pudemos alcançar desta Capella, fai-
 tando-nõs para a individual, e mayor certeza de tudo a
 escritura apontada da doaçaõ, que della foy feita aos
 nossos, que a brevidade do tempo, e continuada moles-
 tia de quem nos participa esta noticia, naõ deo lugar a
 concluir com ella. Por noticia do mesmo Procurador,
 tem a Capella tres Altares. Pertence o mayor a N. P. S.
 Francisco; os dous, he dedicado hum á Senhora do Ro-
 sario, o outro ao Archanjo S. Miguel. Tem todos Ima-
 gens de vulto, e saõ as mesmas, que nelles foraõ collo-
 cadas pelos nossos Religiosos, quando a administravaõ,
 e as quaes affirmãõ os Procuradores, que no dezamparo
 da Capella occultou a piedade dos Portuguezes, que fi-
 caraõ no captiveiro, e depois da Restauraçaõ foraõ col-
 locadas nos seus Altares. Tambem affirmãõ, que logo
 que os nossos Religiosos ficaraõ desapossados do Con-
 vento de Olinda, e se passaraõ para o Arrayal alguns,
 foraõ outros dar principio a este Oratorio do Mostei-
 rinho, e que nelle assistiraõ todo o tempo, que existio o
 dito Arrayal, e algum ainda depois, e em quanto o Olan-
 dez naõ foy absoluto dominante de toda a Campanha;
 mas tanto que elles penetraraõ o interior da terra, entãõ
 dezertaraõ tambem os nossos Religiosos o seu Mostei-
 rinho. Com esta noticia naõ concorda a que ao princi-
 pio deste numero deixamos escrita; e a razaõ, em que
 para isso nos fundamos foy; porque a estar este Mostei-
 rinho fundado logo no principio, que os nossos se aco-
 lheraõ ao Arrayal pela perda dos Conventos de Olinda,
 e Recife, assim como para suprir as vezes da Casa do
 Recife levantaraõ Oratorio no Arrayal, e se nomeavaõ

para elle Prelados, muito melhor o deviaõ fazer no Mosteirinho de S. Francisco, para o Guardiaõ de Olinda, pois pertencia ao seu districto, e se lhe dava principio ao mesmo tempo. E se isso naõ foy assim, pois constando dos Cartorios dos mesmos Conventos, dos Prelados, que se nomeavaõ para os Oratorios, que suppriaõ as suas vezes, como no do Arrayal para o do Recife, naõ se acha nenhum para o de Olinda no Mosteirinho, parece certo, que em quanto existio o Arrayal, naõ se deo principio a este Mosteirinho. Nem delle se acha memoria em Cartorio, ou assento algum desta Custodia, e só em hum memorial feito pelo Provincial Fr. Domingos do Loreto pelos annos de 1687, mais de cincoenta depois da entrega do Arrayal aos inimigos, para se apresentar a ElRey, fallando nas Doutrinas, que em alguns tempos administraraõ os nossos Religiosos, põem em o numero dellas este Mosteirinho na Matta do Brasil, fazendo-o, conforme a tradiçaõ, Aldêa de Gentio. Destas duvidas, que todas se fundaõ, e nascem da antiguidade dos tempos, e descuido dos nossos, só nos podia desembaraçar a escritura da doaçaõ, que delle dizem se fez aos taes Religiosos, e Convento de Olinda; e ainda esperamos por ella.

416. Visto fallarmos aqui na destruiçaõ destes Conventos, causada pelos Olandeizes, como esta lhe sobreveyo juntamente com a da Villa de Olinda, pois por concomitancia entraraõ elles no seu commum estrago, nos pareceo determo-nos hum pouco em a sua narraçaõ, explicando algúas cousas mais notaveis deste destroço, e ruina; o que deixamos de fazer em outros lugares, por naõ divertirmos o fio da historia com estas digressões. Apossados da Villa de Olinda os Olandeizes no dia 16 de Fevereiro de 1630, nella rezidiraõ até o de 23 de Novembro do seguinte anno de 1631, em que posto fogo a toda a Villa, se passaraõ a fortificar de todo na povoaçãõ do Recife, na qual ja residiaõ desde tres de

Março do anno passado. Neste incendio, diz o Author do Castrioto Luzitano*: *Ardeo em breve espaço aquella povoação tão celebrada pelo commercio, como ennobrecida pelos edificios, sem que de todo se izentasse das chammas, mais que huma casa terrea, que reservou a sorte para memoria da perda, e não declara se com os edificios da Villa entraraõ tambem os Conventos, que póde haver alguma duvida; pois todos elles estavaõ plantados em sitios, com os quaes se não communicavaõ, e uniaõ as ruas, e casarias da Villa; pois esta, para se consumir toda, bastava applicar-lhe o fogo em algumas partes principaes; porque com o impeto da sua voracidade se iriaõ communicando as chammas de humas ás outras; e aos Conventos, e Igrejas, era necessario pôr-lhes o fogo determinadamente em cada hum delles. Com o que escreve este Author, concorda o que se acha expressamente em o das Memorias Diarias. Nestas diz o seu Relatorio, que he o proprio Donatario, estas palavras**: *Dexaron puesto fuego a toda la Villa de Olinda, cabeça de aquella Praça, que alomenos tenia mas de dos mil y quinientos vizinos, com quatro Conventos de Religiosos, uno de San Benito, otro de Recoletos de San Francisco, del Carmen otro, y un Collegio de Jesuitas, dos Parochias, la Casa de la Misericordia, y la de la Concepcion de mugeres recogidas, sin las Hermitas. Lo que no puede dezirse sin grande, y devido sentimento, es, que tambien dexaron en las llamas todas Iglesias, Conventos, y las Santas Imagenes deshechas. Com esta memoria concorda tambem o que na sua certidaõ affirma o General Mathias de Albuquerque, quando fallando dos estragos, e perdas, que aos nossos Religiosos causaraõ os inimigos, diz assim: *E queimando-lhes a casa principal da Villa.***

* Liv. 3, p. 65, n. 28.

** Memor. Diarias, pag. 4.

417. Mas supposto que esta certidão, e memorias, se devem ter pelas mais certas, pois os seus Authores escrevem de vista, Mathias de Albuquerque, por se achar presente, como General, e Duarte de Albuquerque Coelho, Donatario, porque ainda que chegou a Pernambuco depois, pode ver com os olhos, o que escreveo, ainda se lhe pôdem pôr algumas contradicoens. Primeira; porque os Conventos, como dissemos, ficavaõ todos sobre si, em lugares separados, da continuaçaõ das ruas, e edificios da Villa, dentro dos seus muros, e cercas, cada hum, e assim naõ poderia chegar a elles a voracidade do incendio, por mais activa, e violenta que fosse. Mas a isto se responderá, que assim como o inimigo pôs o fogo á Villa por varias partes, assim o poria tambem aos Conventos, e Igrejas, e a estas com melhor vontade, como Herege. Mas isto naõ consta, e parece ser o mais certo, que ás Igrejas, e seus Conventos se naõ pôs determinadamente o fogo; ou quando assim o fizessem, naõ causou este nos Conventos total ruina; nem ainda muy notavel, e isto pela razaõ seguinte, que he a segunda, que apontamos, e parece evidente: Porque ficando, como relataõ as sobreditas memorias, a Casa das Neves queimada, pelas nossas consta, que depois deste incendio, ficaraõ ainda residindo nella por repetidas vezes alguns Prelados com subditos, e naõ tampoucos, que no anno de 1539 naõ achassem nella os inimigos doze Religiosos, que, com outros de sóra, mandaraõ degradados, os quaes no Convento deviaõ occupar outras tantas cellas, naõ tendo a Casa naquelle tempo ainda muitas mais, pois era o primitivo; nem se pôde dizer o havia ja reformado, pois nao tinhaõ com que em huma Villa dezerta de moradores, e arrazada de todo. A'lèm de que, nem as memorias do mesmo Convento, fallando repetidas vezes nos accasos destes tempos, tocaõ, ou se lembraõ deste incendio. Reforça-se mais a razaõ; por que he certo, que restaurada a terra, e dado principio

á reedificação da Villa de Olinda, por se achar a Igreja do Salvador, que era a Matriz, e Parochia principal, primeira, e mais antiga, em estado, que se não podiaõ fazer nella as funções Sagradas, e se gastaraõ na sua reedificação mais de treze mil cruzados, como consta de alguns papeis autenticos da Camera, e durou quatorze annos o seu reparo, como se diz em hum pedaço de livro antigo, que se acha na mesma Igreja do Salvador, hoje Sé de Olinda, feito pelo seu Vigario: *Em 6 de Outubro de 1669, com o favor de Deos se disse a primeira Missa na Matriz do Salvador depois de destruida pelo inimigo.* Em todos estes quatorze annos servio de Matriz, e fez as vezes de Parochia a Igreja de S. Joaõ, administrada pela Irmandade do Terço militar da Villa; e se esta Igreja não entrou no incendio commum, pois ficou capaz de que logo se pudessem servir della para sua Parochia os novos povoadores, estando esta, ainda que no fim da Villa, mais unida, e communicavel com as ruas, e edificios della, e sem reparos de cercas, e muros, como o tinhaõ os Conventos, como podia chegar o incendio aos Conventos mais desviados das suas chammas, não tendo estas vigor para alcançar a que lhe ficava mais vizinha! E se o incendio das Igrejas, e Conventos foy applicado, como se diz, determinadamente pelos inimigos, como Hereges; porque o não executaraõ nesta como nas mais? Tambem se poderá dizer, que como esta era de menos vulto, e fabrica, foy mais facil o seu reparo, para a serventia de Parochia; o que se não podia executar com a do Salvador, pela sua grande, e notavel ruina; pois esta foy huma das que servio de principal fortaleza dos inimigos, no tempo, que occuparaõ a Villa. Tambem lhes serviraõ do mesmo o Collegio dos Padres Jesuitas, a Santa Casa da Misericordia, e o Recolhimento da Conceição, que eraõ as quatro Fortalezas, que defendiaõ o alto, e principal da Villa, e delles o mais corpo da povoação, servindo tambem os outros Conven-

tos, como de baluartes, reductos, quartéis de Soldados, Praças de Armas, moradias de Cabos, e estalagens de Hereges, e inimigos da honra, e culto de Deos, causando nelles mais estragos, e mayores ruinas estas indecentes serventias, do que a que lhe sobreveyo pelas chammass do fogo, que julgamos não tocou nos Conventos, pelas razoens, que ficaõ apontadas; e a ultima, que parece faz de todo evidentes, as que ja referimos, he: porque o fogo, o seu principal effeito he queimar, e consumir tudo o que he obra de madeira, assim a dos tetos, como do interior das casas, seus corredores, soallhados, e tudo o mais; estes se mostra não tiveraõ ruina alguma em o nosso Convento de Olinda; porque, a ser assim, não se recolheriaõ a elle logo depois da queima da Villa, e por varias vezes, não só hum, e dous Religiosos, mas muitos, como fica dito: logo, parece que não houve nelle damno de fogo, ou ao menos incendio voraz, que causasse ruina notavel, e assim se deve discorrer dos mais, e com mayor razaõ, em o de nossa Senhora do Carmo, que, mais que todos os outros, está situado em lugar taõ distante das Ruas da Villa, e hoje Cidade, como he notorio a quem o vê. Mas he sem duvida, que ainda que o fogo lhes não chegasse, como discorremos, ou lhes não causasse o damno, e ruina, que escrevem aquellas memorias, e os mais, que disto trataõ, tal vez para encarecerem assim o geral estrago, que houve em tudo, sempre ficaraõ gravemente damnificados; e que não custou menos a todos os Religiosos a restauraçã dos seus Conventos, e Igrejas, do que ao mais povo o da sua Villa; pois lhes era necessario em tempos taõ calamitosos, e empobrecidos, refazer as casas no material dos edificios, e de paramentos, e ornatos para o culto Divino, uzo, e serviço das Communidades.

418. Tambem por occurrencia de fallarmos nesta Igreja de S. Joaõ, queremos advertir, que esta tal

nunca foy Parochia, ou Igreja collada, como ainda hoje cuidaõ alguns, e só servio de Matriz, como fica dito, em quanto a do Salvador se restaurava, e refazia das ruinas do Olandez, nem naquelle tempo havia em Olinda mais Parochias que esta do Salvador, primitiva, e erecta logo no principio da fundação por Duarte Coelho Pereira, como ja em seu lugar se disse*, e a de S. Pedro Martyr; e tudo se colhe de alguns assentos do sobredito livro Antigo, feitos pelo ja nomeado Vigario do Salvador. Diz assim em hum: *Em dous de Agosto do anno de 1605, Crismou na Matriz do Salvador o Senhor Bispo do Brasil D. Constantino Barradas.* Em outro diz: *Em 16 de Novembro de 1609, Crismou na Matriz do Salvador o Senhor Bispo D. Constantino Barradas.* E está assignado em ambos estes termos, e no que ja referimos da Restauração desta Igreja, *O Vigario Nunes*; e chamava-se elle; *Manoel Ferreira Nunes*; e foy o primeiro Chantre, quando esta mesma Igreja do Salvador passou a Cathedral, e Sé de Olinda. Este proprio foy o Vigario, que residio na Igreja de S. Joaõ, em quanto se reparava a do Salvador; e he de notar, que nos sobredits termos, quando falla na Igreja do Salvador, sempre a declara por Matriz, dizendo: *Nesta Matriz do Salvador*; e quando na de S. Joaõ, só diz; *Nesta Igreja de S. Joaõ*; porque esta nunca foy Matriz collada, e só fez as vezes de Parochia, supprindo a do Salvador.

CAPITULO XXXIV.

De hum cazo pelas circumstancias miraculoso, com o qual se conclue o que pertence á Casa da Senhora das Neves de Olinda.

419. Em a Estancia primeira dos Custodios fica dito, como pelos annos de 1714 se deo principio á fabrica,

* Preamb., pag. 140, n. 126.

é reforma do novo Convento, e Casa da Senhora das Neves, e agora concluiremos com o que lá faltou. Acabaraõ-se de todo as duas quadras, ou corredores, que olhaõ para o Nascente, e Sul, ficando a do Poente, que corre sobre a portaria, na sua primitiva antiguidade. Assim se conservou até o anno de 1753, sem haver a ultima resoluçãõ para o effeito pelas difficuldades, que se offereciaõ acerca da sua formatura sobre accommodar-se neste corredor a portaria, enfermaria, cozinha, e outra casa mais necessaria, que depois de varios discursos, e opinioens, se lhe deo principio naquelle anno, sendo Guardiaõ o Irmaõ Prégador Fr. Joaõ de Jesus Maria. Correrãõ as obras até o de 1755, em que, passando da Bahia donde acabava de Diffinidor, o Padre Prégador Frey Ludovico da Purificaçãõ para morador daquelle Convento, no qual sendo o Guardiaõ antecedente, havia dado principio a ajuntar o material de pedra, e madeiras para a dita obra, pela agencia, e zelo, que tem para estas, e outras operaçõens, se lhe encarregou o cuidado de assistir com os trabalhadores de hũa pedreira, de que se tirava o material desta especie para a obra, e no qual exercicio lhe aconteeo o cazo seguinte, que repetimos conforme a sua propria Relaçãõ, que com outras mais pertencentes a esta escrita, e averiguadas com a sua exacta diligencia, nos remetteo, e diz assim :

420. « Em vinte e dous de Fevereiro deste anno de » 1757, despachey da pedreira sita na Freguesia de » Maraguape, das nove para as dez horas do dia, dous » carros para este Convento, carregados cada hum com » duas pedras de canteria. Carretava hum destes duas » pedras com nove palmos de comprido cada hũa, » palmo e meyo de largo, e hum palmo de grosso. Sobre » as pedras deste carro montey eu. Passey o Rio Paratibe, chamado na pancada do mar, Rio doce. Depois, tomaraõ os carros a estrada da Santa por ser

» caminho mais breve para esta Cidade. A poucos pas-
 » sos do caminho, cahia sobre elle huma rebolada de
 » matto; para livrar-me de alguma offensa, que este
 » me podia fazer, debrucei o meyo corpo para diante,
 » deixando as costas para as injurias, que me podia
 » causar. No ponto em que entrou o carro a passar
 » este matto, tomou o rodeiro da parte esquerda, em
 » hum rayzame, hum tal salto, que me arrojou para o
 » rodeiro da parte direita. No cuidado de escapar do
 » precipicio, lancey maõ a hum fueyro da parte direita,
 » e em lugar delle peguey do rodeyro da mesma parte,
 » que com o seu rodar me levou ao chaõ, fazendo-me
 » cahir de costas com o rosto para o Ceo. Neste con-
 » flicto tive a fortuna de invocar em meu favor os San-
 » tissimos Nomes de Jesus, e Maria, e o carreiro, que
 » governava o carro pela parte de traz, ao mesmo tem-
 » po clamou pela Virgem nossa Senhora dos Prazeres,
 » e acudindo em continente a ver se podia arrastar-me,
 » ja o naõ pode fazer por me achar prezo do carro.
 » Passou com effeito o rodeyro por cima da coxa da
 » perna esquerda, quatro dedos distante das virilhas.
 » Passado elle, mandey pelo mesmo carreiro descobrir
 » a perna para ver os estragos em que podia ficar; e
 » respondeo-me, que do Joelho para baixo, naõ havia
 » novidade alguma, pequena, nem grande. Disse-lhe
 » entaõ que corresse as roupas até ás virilhas, e visse o
 » que descobria do Joelho para cima; disse-me, que
 » estava a perna taõ inteira, e perfeita do Joelho para
 » cima, como estava delle para baixo. Para registrar
 » com meus olhos esta, que ja me parecia hum grande
 » maravilha, disse aos carreiros, que me levantassem.
 » Feita esta diligencia, tudo quanto vi na perna foy
 » motivo para a minha confuzaõ, e espanto; porque
 » joguey com ella, vi que naõ estava quebrada, nem nella
 » tinha dor alguma. Para melhor tomar conhecimento da
 » maravilha, que ja considerava, disse aos mesmos car-

» reiros, me levantassem em pé. O que feito, acompa-
 » nhado delles, dey alguns passos, e sómente senti,
 » pelo lugar em que passou o rodeyro, huma como
 » amarradura, que me embaraçava os passos.

421. « Por muito acordado, que seja o entendimento,
 » não pode gozar de socego em similhante occasiaõ,
 » sem assistencia do Ceo; e não duvido que o mesmo
 » Ceo neste cazo estivesse todo de minha parte; porque
 » feitas estas diligencias, que tenho dito, foy Deos ser-
 » vido me lembrassem logo as palavras da Escritura,
 » com que o Rey de Babylonia perguntou a Daniel, lan-
 » çado no lago: « Tu conheces, que o Deos, a quem
 » serves, te podia livrar das garras dos Leoens? » Estas
 » palavras, segundo o que alcanço, postas no meu enten-
 » dimento naquella occasiaõ, deixaraõ-me taõ conforme
 » com a vontade de Deos, que logo disse: Bendito se-
 » jais, Senhor, que assim castigais os meus peccados!
 » Quando, Senhor, vos mereci este grande beneficio?
 » Feita esta pequena demonstraçaõ do meu agradeci-
 » mento, ajudado dos carreiros, montey outra vez so-
 » bre as mesmas pedras, e por mercê de Deos cheguey
 » ao meyo dia a este Convento. Acudiraõ em continente
 » a vêr-me, o Padre Fr. Joaõ Peccador, Religioso do
 » do Patriarcha S. Bento, e o Cirurgiaõ Simaõ Lopes.
 » Mandaraõ ambos, que me sangrassem no pé direito,
 » continuando ao mesmo tempo com pannos de vinho,
 » no cuidado de desfazer a inflammaçaõ. Chegaraõ as
 » sangrias a oyto; as fomentaçoens do vinho continua-
 » raõ até seis de Março: em sette o Cirurgiaõ Simaõ
 » Lopes, que continua na assistencia, uzou de hum em-
 » plastro, para ver o que descobria o tumor, que per-
 » severava no lugar, em que passou o rodeyro, estando
 » a mais perna por toda a parte totalmente desinchada.
 » Posto o emplastro, no mesmo dia da huma até as duas
 » horas padeci em todo o corpo hum grande tremor;
 » dadas as duas horas, entrey em huma febre, que per-

» severou até ás nove da noite. Estas febres, e tremo-
 » res continuados por quatro dias, fizeraõ com que o
 » Cirurgiaõ assentasse, em que o tumor criava materia.
 » Arrancou o emplastro, dada huma lancetada na parte,
 » evacuou huma grande copia de sangue pizado. Saõ
 » passados quatro dias desta sizura, e ja com melhoras
 » nos symptomas. Este tumor se descobrio, alguns dias
 » depois que abaixou huma grande inflammaçaõ, que
 » sobreveyo á perna desde as virilhas até o joelho, e
 » logo no mesmo dia do cazo, porque quando cheguey
 » ao Convento, ja estava nesta fórma.

422. « O Padre Fr. Joaõ Peccador, quando me vizi-
 » tou no conflicto, logo me disse, entendesse tinha re-
 » cebido da maõ de Deos huma singular mercê. O Ci-
 » rurgiaõ Simaõ Lopes affirma, que sem favor do Ceo
 » naõ podia acontecer o caso pelas circumstancias. O
 » Doutor Medico Joaõ Luiz da Serra, diz que apartar-
 » me o rodeyro do carro a perna do corpo, era effeito
 » natural, e o sabir eu do conflicto da sorte que sahi,
 » só o poder de Deos o podia fazer. Nem obsta tambem
 » a inflammaçaõ da perna, e mais circumstancias ex-
 » pressadas, para diminuir o credito do milagre; por-
 » que, como diz Santo Agostinho, os milagres tambem
 » tem suas linguas, para que sejaõ entendidos; e naõ
 » ficando este sinal, ou lingua do milagre, seria eu o
 » primeiro, que attribuisse a livrança do perigo a dili-
 » gencias minhas, e quando eu confessasse a verdade
 » do prodigio, naõ faltaria talvez quem dissesse, que por
 » estar em Maranguape, fazia, ou publicava milagres.
 » Para o que eu sempre reconheço, e hei de confessar,
 » a recebi no cazo referido, fuy lembrado dos Santissi-
 » mos Nomes, que ja referi, dizendo: Jesus, Maria,
 » sede commigo; e ao mesmo tempo, bradou tambem o
 » carreiro: Virgem nossa Senhora dos Prazeres. Mas,
 » olhando eu para nossa Senhora das Neves depois, a

» quem actualmente servia, não posso negar também foy
» a Senhora das Neves minha particular defensora.»

423. Com este reconhecimento á Senhora das Neves, além de outras acçoens de graças, que pelo beneficio recebido mandaraõ fazer os Prelados dos Conventos de fóra, o de Olinda logo no mesmo dia á Senhora das Neves, entoando com a Communidade na Capella a sua Antifona, e Oração; e o mesmo Padre ja convalescido officiando a Missa solemne, que por ultima gratificação publica, mandou entoar o novo Prelado do mesmo Convento de Olinda, em a festa do Nome Santissimo de Maria, e á honra da Senhora das Neves.

424. E com esta acção obsequiosa pomos também aqui termo á primeira parte da Chronica da Provincia de Santo Antonio do Brasil, por querermos dar principio á segunda, pelo Convento da Cidade da Bahia; porque supposto que segundo também em ordem aos que se foraõ seguindo, logra demais hoje a preeminencia de primeira da Provincia, e Casa Capitular, e assim lhe toca por segundo da Provincia a segunda parte da sua Chronica; e nesta, pela regalia o lugar primeiro: que se o Author de todas as cousas não determinar outra, esperamos pôr-lhe o fim com a mesma brevidade, que permittio tivesse esta, e queira elle seja tudo para mayor gloria sua, e dos que nelle, sem presumpção de merecimento, esperaõ sempre, e confiaõ.

FIM.

ADDITAMENTO

A ESTA PRIMEIRA PARTE.

CAPITULO XXXV.

Patente Original do Reverendissimo Frey Francisco Gonzaga, para virem ao Brasil os Religiosos Menores a fundar Conventos.

425. Quando tratámos da primeira Casa de Olinda, em que os nossos puzeraõ os fundamentos a esta Custodia do Brasil, trasladamos a Patente de Sua Reverendissima em o Idiona Portuguez, por não privarmos ao commum dos Leitores da sua intelligencia. Para os particulares, que a quizerem ver no seu original, a transcrevemos aqui, como a traz o mesmo Gonzaga*.

« Fr. Franciscus Gonzaga Generalis Seraphicæ Religionis Franciscanæ Minister : Prædilecto in Christo,
 » ac venerando Patri, Fratri Melchiori à Sancta Catharina, ejusdem Ordinis, sed Provinciæ Sancti Antonii in Portugalia, confessori, & Prædicatori, salutem in Domino. Cum ex charitatis vinculo omnibus, præcipue verò iis, quorum salus periclitatur, astricti nascamur, teque virum virtute insignem, experientia maturum, atque salvandarum animarum zelo præditum noverimus; consultum fore duximus, si te ad Brasilem, Patriam ab idolatris maiori ex parte inhabitatam destinarem. Accedit & his Divini cultus propagatio, qui nobis à teneris unguiculis commendatissimus est: Et urgens Serenissimi Catholicique Philippi, ejus nominis secundus, Hispaniarum Regis mandatum; et instantissima Christi Fidelium Pernambucum, Brasiliis Provinciam inhabitantium, atque eorum Præ-

* Quart. Part. de Orig. Serap. Relig. p. 1360.

» secti strenui videlicet militis Georgii Albuquerquei (de
 » quo supra) petitio. Quamobrem, tenore præsentium,
 » te in Custodem, atque legitimum nostrum Commis-
 » sarium, cum potestatis plenitudine in utroque foro
 » instituimus, quatenus illis in partibus, in quibus tibi
 » necessum fore videbitur, et Conventus erigere, et No-
 » vitios bonæ spectationis fratres ad Ordinem recipere
 » possis. Præterea Venerandum Patrem Fratrem Fran-
 » ciscum à Sancto Bonaventura, præfatæ Sancti Antonii
 » Provinciæ alumnum, tibi in socium assignamus; da-
 » musque ut alios quatuor Fratres Religione probatos,
 » quatenus omnes simul senarium numerum perficiatis,
 » tecum assumere possis; Insuper et concedimus, ut
 » alios sex, ex aliis tamen Provinciis assumendos, illis
 » adjungere valeas. Quibus denique omnibus in vir-
 » tute sanctæ Obedientiæ, et sub excommunicationis
 » maioris Latæ sententiæ pœnis nostro arbitrio inferen-
 » dis, præcipimus, ut tibi in omnibus his, quæ nec
 » eorum saluti, nec communi Regulæ adversa fuerint,
 » humiliter pareant, obediantque: volentes nihilomi-
 » nus, ut, si forte, fortuna te ex hac vita migrare con-
 » tingerit, tibi præfatus Pater Frater Franciscus à Sancto
 » Bonaventura in hujusmodi Custodiatu, atque Com-
 » missariatu munere succedat: Insuper, et statuen-
 » tes, ut hujusmodi Custodia de novo à me erecta no-
 » mine Sancti Antonii de Brasile in posterum appelle-
 » tur, subjectaque sit Provinciæ Sancti Antonii, de qua
 » supra. Præterea, ut omnia ordinatè fiant, omnibus-
 » que difficultatibus in tempore occurratur, volumus,
 » et statuimus, ut is Minister, qui ad præfatæ Sancti
 » Antonii Provinciæ clavum in præsentiarum sedet, vel
 » in posterum sederit, sedulam, diligentemque Neo-
 » phytæ hujus Custodiæ curam habeat, illique pro viri-
 » bus faveat; ac tandem Provincialibus in commitiis
 » idoneo de Custode opportunè provideat. Inhibentes
 » interim, ne præfatus Minister, neque alius, quicumque

» ille fuerit, dummodo nobis subjaceat, idque sub ex-
 » communicationis maioris pœna ipso facto incurrenda,
 » his nostris patentibus literis directe, vel indirecte
 » contrahere, vel eas alio modo, quàm sonant, inter-
 » pretari, vel exponi præsument. Iisdem omnino pœ-
 » nis subjaceat, quicumque earundem literarum exe-
 » cutionem impedire attentaverit. Cæterum, ut quod
 » à nobis consultum cautum est, id effectum sortiatur,
 » utque mercede non careat, tibi ad salutaris obedientiæ
 » meritum, atque in Spiritus Sancti virtute præcipimus,
 » quatenus his nostris literis ex tempore obedias, easque
 » juxta Regulæ nostræ nitorem, et exigentiam execu-
 » tionis mandare satagas. Poteris tamen quoscumque
 » Fratres nostros ad te divertentes ex quacumque Pro-
 » vincia illi fuerint, dummodo tibi usui esse possint,
 » recipere, eosque retinere, atque per loca distribuere.
 » Datis Olyssiponensi in nostro Sancti Francisci Con-
 » ventu 13 mensis Martii anno Domini 1584.

CAPITULO XXXVI.

Faz memoria de dous Religiosos mais de virtude, e boa fama.

426. Já em outro lugar* demos noticia do Irmaõ Fr. Bernardino das Neves, com a brevidade, que alli se requeria, deixando para o seu proprio, o que mais lhe pertencia, e porque nem lá o pudemos fazer, agora o continuamos. Foi o Irmaõ Bernardino das Neves natural da Villa de Olinda em Pernambuco, filho do Capitão João Tavares, primeiro Conquistador, e povoador do Norte, como fica dito, e de Constancia Dias sua mulher, e Irmaõ carnal de Fr. Manoel da Piedade, de quem ja fallamos alguma vez, e ainda o faremos em outro lugar.

* Relat. 3.

Professou no mesmo Convento de Olinda a 28 de Janeiro de 1588, e he o primeiro Religioso, de quem achamos desta acção no livro das que se fizeraõ naquelle Convento, e foy tambem o primeiro, que para Sacerdote tomou o habito, e acceitou o Padre Custodio Fr. Melchior, e segundo em a filiação da Custodia; pois, como ja se disse em outra parte, o primeiro, ou primogenito, foy o Irmaõ Leygo Frey Gaspar de Santo Antonio. Chamava-se em secular Sebastiaõ Tavares, e, deixando este nome, na profissãõ tomou o de Fr. Bernardino de Santa Maria, em obsequio da Senhora titular do Convento, e só no acto, e termo da profissãõ o achamos assim assinado, uzando dalli por diante do das Neves, em lugar do de Santa Maria, como mais proprio, e expressivo da devoção cordial, com que se havia consagrado a esta Senhora em a sua Casa; e assim o vemos notado á margem do mesmo termo da profissãõ. Foy feita esta dez annos antes que a de seu Irmaõ Fr. Manoel da Piedade, e ainda em vida de seu Pay, que ja na deste era fallecido.

427. O curso da sua vida foy todo huma contínua, e perigosa palestra, em a qual, sem dar tregoaõs ao corpo, mostrou bem a fortaleza do espirito; pois logo que professou o sagrado Instituto, conhecendo o Padre Custodio, e mais Prelados, além do genio propenso para as cousas de Deos, o zelo, que tinha da conversãõ do Gento, e a grande intelligencia da linguagem destes, como nascido na terra, e communicação com esta gente, e ser ja homem de idade perfeita, bom entendimento, prudencia, e capacidade para qualquer emprego, o mandaraõ ordenar de Sacerdote, e instituirãõ Prégador, em virtude do Breve Apostolico de Sua Santidade, e Letras do Reverendissimo Padre Geral, passadas aos Padres Fundadores, no qual Breve, attendendo-se á falta de Ministros do E'vangelho naquelles principios nestas Conquistas, se lhes concedia pudessem eleger para este ministerio, e tambem para o de confessores, aquelles su-

jeitos, que fossem idoneos; e conhecendo-se ser hum destes o Irmaõ Fr. Bernardino, o nomeiou, e instituiu Prégador o Padre Custodio. Neste emprego foy notorio o grande fructo, que fez naquelle Gentilismo, concorrendo para o bom effeito da sua conversão em muitos, e abraçarem com mais facilidade a doutrina, que lhes prégava, além do espirito, e fervor, com que lha propunha, a clareza, e propriedade das frases com que lhes fallava no seu proprio, e natural idioma, e linguagem. Por esta causa foy a sua commua residencia pelas Aldeas, e Doutrinas dos Indios, especialmente para as que de novo se erigiraõ, servindo aos que as hiaõ crear, a huns de lingua, a outros de companheiro, quando mais moderno, e pelo tempo adiante de seu Missionario, e Reytor. Por estas boas partes se veyo pela communicacão, e trato a fazer o mais venerado, e obedecido desta gente toda, e tanto, que para as emprezas de mayor difficuldade o escolhiaõ sempre os Prelados, e elle as concluhia com felicidade e acerto. Huma destas, e de que achamos noticia mais individual, foy a que ja deixamos referida na fundacão da Capitania do Rio Grande, e Cidade do Natal, em que para ajuste das pazes, e amizade entre o Gentio, e Portuguezes, teve a mayor parte, depois de largas controversias, e inquietaçoes de dous annos, que alli assistio, mandado a esta empreza por lingua, e pela grande reverencia, e conceito, que sabiaõ os Governadores, e Prelados lhe tinhaõ, e guardavaõ todos os Naturaes da terra, especialmente os Tobayarás de Pernambuco, e Putyguarés da Paraíba, e Rio Grande. Daqui, concluida com o bom effeito, que se esperava, esta expedicaõ, se retirou para a Casa de Olinda, onde o achamos assistente pelos annos de 1603, e assinado em dous termos de profissoens feitas neste anno naquelle Convento, e he a ultima noticia certa, que delle encontramos, com a do seu fallecimento nesta Casa, mas sem clareza do dia, e anno, em que aconte-

cera, que julgamos com fundamento, seria antes do anno de 1639, e entre este, e o de 1603, porque daquelle por diante ja achamos livros de obitos nesta Custodia, e delles naõ consta o deste Religioso, evidencia certa de que aconteceu antes do referido anno de 1639. Mas esta falta com outra mais extensa, e individual noticia dos seus espirituaes progressos, ainda que nos abbreviaõ a escrita, naõ lhe diminuem a fama, e boa opiniaõ, que deixou de si, adquirida nos annos em que viveo.

428. No de 1676, a dezoito de Mayo, primeira Oitava da festa do Espirito Santo, entregou o sen ao Creador o Irmaõ Fr. Luiz da Visitação. Era filho desta Provincia, e professo na Casa de Olinda. Deste Religioso deixamos ja feita alguma memoria no Relatorio terceiro desta Chronica, com o distinctivo de Fr. Luiz dos Arrayaes, pela continua assistencia, que fez em os dos nossos Portuguezes, nas guerras de Pernambuco contra os Hereges de Olanda. Do dia, e anno da sua profissãõ naõ consta por assento, pela falta, que ja outras vezes notamos do livro das profissoens daquelle Convento; como tambem da sua naturalidade, e especiaes progressos da vida Religiosa, no que toca ao espiritual della, nos naõ ficou outra clareza mais, que o seguinte assento, que no que relata mostra ser de Religioso, que o conheceo, e tratou, e diz assim: « Do Irmaõ Fr. Luiz da Visitação chama-lo dos Arrayaes: Era natural da Cidade de Lisboa, » e parente muy chegado de hum Fr. Joaõ de Ceita, » que compôs os livros chamados Ceitas. Este Religioso foy dotado de graça particular de agradar a todos. » Foy Prelado no Convento da Alagôa, e andando a Villa em dous bandos, armados de parte a parte, algumas pessoas particulares lhe foraõ pedir pelo amor de Deos, que com suas palavras os fosse pôr em paz, » que se esperava haver grandes mortes; elle me chamou por companheiro, e taes foraõ suas palavras, e » com tanto espirito, que ficaraõ concertados, e amigos

» todos. Nos Arrayaes, onde andou, nunca buscou com-
 » modidade propria para sua pessoa; mas andando nas
 » occasioens da guerra para acudir ás confissoens, como
 » me disseraõ alguns soldados, com os quaes falley; e
 » foy muito estimado dos Generaes. Depois de velho
 » ficou cego, e encontrando-me com elle, me disse com
 » muita humildade, que aquillo era favor, que o Ceo
 » lhe fizera. Foy muito pobre, não tinha mais que hum
 » habito, e tunica, e em tudo o mais era verdadeiro fi-
 » lho de N. P. S. Francisco.

429. Antes que fosse Prelado da Casa da Alagôa, e foy o segundo que teve aquella Casa, o havia sido no Convento da Paraíba no Capitulo do primeiro Provincial Fr. Antonio dos Martyres até á sua Congregaçaõ, e no do segundo Provincial Fr. Aleixo, foy nomeado entaõ para o Oratorio da Alagôa Presidente *in Capite* com voto em Capitulo, tirado na Congregaçaõ intruza de Fr. Gerardo dos Santos, e outra vez repostado naquelle, que celebrou Fr. Aleixo no anno de 1665 a 8 de Agosto, e pela enfermidade dos olhos, que lhe sobreveyo, se retirou para o Convento de Olinda, onde com a boa opiniaõ de virtude, que adquirio em vida, o achou a morte.

CAPITULO XXXVII.

Do Breve de sua Santidade, pelo qual foy esta Provincia do Brasil erecta, e confirmada a sua separaçã da de Santo Antonio de Portugal, e de que se faz mençaõ na Estancia primeira dos Ministros Provinciaes.

430. Por quanto na referida Estancia do Preambulo, em que se trata dos Ministros Provinciaes, apontamos o Breve do Santissimo Padre Alexandre VII, pelo qual esta Custodia do Brasil foy erecta em Provincia, e neste mesmo se faz mençaõ das Letras Patentes do Reverendissimo Padre Geral Fr. Joã de Napoles, com as quaes

anteriormente se izentava esta mesma Custodia da sujeição da Provincia de Portugal, havido o beneplacito da Sé Apostolica, e este se acha conferido neste mesmo Breve, como nas suas Estancias só os apontamos, por guardarmos esta diligencia para seu proprio lugar, quando na continuacão desta historia chegassemos a este tempo; com tudo, como poderá haver quem dezeje anticipadamente esta noticia, trasladamos aqui por fim este Breve da total separacão, e independencia, ou erecção desta Custodia em Provincia, e he o que se segue.

ALEXANDER PP. VII.

Ad perpetuam rei memoriam.

431. *Ex Commissi Nobis Divinitus Pastoralis Officii debito ad ea propensis studiis jugiter intendimus, per quae Regularium Personarum, quae relicto saeculo Dei obsequiis sub suavi arctioris Religionis jugo sese manciparunt, statui, et felici directioni consulitur, ut secundum Ordinum suorum Instituta gratum Altissimo impendentes famulatum prosperioribus indies in via Domini proficiant incrementis. Nuper siquidem nomine dilectorum filiorum Fratrum Custodiae Brasiliae Ordinis Fratrum Minorum Sancti Francisci de Observantia Reformatorum Nuncupatorum Nobis expositum fuit, quod aliàs postquã die XIV Augusti MDCXLVII quo tempore quondam Joannes de Napoli dicti Ordinis Minister Generalis erat, ad ejusdem Joannis instantiam, Custodia praedicta à Provincia Sancti Antonii Regni Portugaliae ejusdem Ordinis longissimo maritimi itineris, quo Custodia hujusmodi à Regno praedicto distat, aliisque incommodis occurrendi ergo per quasdam literas Apostolicas in simili forma Brevis expeditas, separata, et subinde intra breve tempus aliquot conventi-*

bus aucta fuerat, in Capitulo Generali memorati Ordinis de anno MDCLI, in hac alma urbe celebrato, stabilitum fuit, ut Custodia hujusmodi, reservato tamen hujus Sanctae Sedis beneplacito, in novam Provinciam dicti Ordinis erigeretur; sed id propter nonnullas oppositiones, seu objectiones ad effectum deduci hactenus non potuit; quinimò à quadam privata persona aliae literae in forma Brevis similiter expeditae super reunionem ejusdem Custodiae cum Provincia praedicta ab eadem Sede impetratae fuerunt: Cum autem, sicut eadem expositio subjungebat, oppositiones, seu objectiones praedictae jam cessent, et Fratres dictae Provinciae Sancti Antonii Capitulariter congregati, juri, quod supra Custodia praedicta praetendere poterant, renuntiaverint, Conventusque ejusdem Custodiae, qui post ingressum haereticorum in Brasiliam extincti fuisse praetendebantur, illis inde egressis septendecim numero, qui numerum conventuum nonnullarum Provinciaram Ordinis praedicti excedit, restituti fuerint: Cumque si dicta Custodia in novam Provinciam juxta consensum ei rei à praedicto Capitulo Generali, ut praestitum, id nemini praesudicium, sed maximam prospero conventuum ipsius Custodiae gubernio utilitatem sit allaturum. Nobis propterea dicti Exponentes humiliter supplicari fecerunt, ut, sibi in praemissis opportunè providere, et ut infra indulgere de benignitate Apostolica dignaremur. Nos igitur specialem eisdem Exponentibus gratum facere volentes, et eorum singulares personas à quibusvis excommunicationis, suspensionis, et interdicti, aliisque Ecclesiasticis sententiis, censuris, et pœnis, à jure, vel ah homine, quavis occasione, et causa latis, si quibus, quommodolibet, inmodatae existunt, ad effectum praesentium duntaxat consequendum, harum serie absolventes, et absolutas fore censentes hujusmodi supplicationibus inclinati, Custodiam Brasiliae hujusmodi, ejusque Conventus à dicta Provincia Sancti Antonii Regni praedicti Auctoritate Apostolica, tenore praesentium perpetuo separamus, et dismembramus, ac ipsam Custodiam, et ejus Conventus praedictos, sic separatos, et dismembratos in novam Provinciam Ordinis praedicti cum omnibus, et

singulis praeeminentiis, praerogativis, indultis, privilegiis, et gratiis quibus aliae ejusdem Ordinis Provinciae frui, et gaudere solent, et possunt, ac debent, Authoritate Apostolica, et tenore praedictis itidem perpetuo erigimus, et instituimus. Decernentes easdem praesentes literas semper firmas, validas, et efficaces existere, et fore, suosque plenarios, et integros effectus sortiri, et obtinere, ac irritum, et inane, si secus, super his, à quoquam, quavis autoritate, scienter, vel ignoranter contigerit attentari; non obstantibus praemissis, ac Constitutionibus, et Ordinationibus Apostolicis, necnon, quatenus opus sit, Ordinis Provinciae, Custodiae, et Conventuum hujusmodi, aliisque quibusvis, etiam juramento, confirmatione Apostolica, vel quavis firmitate alia roboratis, statutis, et consuetudinibus, privilegiis quoque, indultis, et literis Apostolicis in contrarium praemissorum, quomodolibet concessis, confirmatis, et innovatis. Quibus omnibus, et singulis illorum tenores praesentibus pro plene, et sufficienter expressis, et ad verbum insertis habentes, illis aliàs in suo robore permansuris ad praemissarum effectum hac vice duntaxat specialiter, et expresse derogamus, Caeterisque contrariis quibuscumque. Datum Romae apud Sanctam Mariam Maiorem sub annulo Piscatoris die xxiv. Augusti MDCLVII, Pontificatus nostri anno tertio. Sumptum ex minuta originali Brevium secretorum Sanctissimi Domini nostri Alexandri Papae septimi collatum concordat. G. Gualterius.

Quod quidem Breve Ego Joannes Quaresma publicus autoritate Apostolica Notarius approbatus juxta formam Sacri Concilii Tridentini, commorans in hac Civitate Ulyssiponæ, ex proprio originali jussi transferri, et cum eo, cui me refero, concordat, quod mihi repraesentatum fuit à Fratре Philippo Divi Jacobi, et iterum illud tulit, et hìc assignavit, et cum officiali infra scripto communivi; ideoque hìc meo solito tabellionato signo, quo in talibus utor, solemniter subscripti. Ulyssipone die decima quarta mensis Januarii millesimo sexcentesimo quinquagesimo octavo, rogatus, et requisitus.—Collationatum fuit per me Notarium Apostolicum—Joannem

Quaresma ; —Et per me Notarium Apostolicum—Tho-
maz de Amôra *Fr. Philippus Divi Jacobi.*

Lugar † do Sello.

ADVERTENCIA.

Posto que tenha sido impressa esta primeira Parte sem observação alguma ; todavia o Instituto não aceita como exactos todos os pontos historicos nella contidos ; a respeito dos quaes fará opportunamente as suas annotações.

Da Redacção.

TYPOGRAPHIA BRASILIENSE DE MAXIMIANO GOMES RIBEIRO.
RUA DO SABÃO N.º 114.

Opusculo...

Fr. Alonso de Santa...

de Padres Fundadores...

Fr. Alonso de Santa...

Fr. Alonso de Santa...

Fr. Alonso de Santa...

Fr. Alonso de Santa...

Fr. Alonso de Santa...

Fr. Alonso de Santa...

Fr. Alonso de Santa...

Fr. Alonso de Santa...

Fr. Alonso de Santa...

Fr. Alonso de Santa...

Fr. Alonso de Santa...

Fr. Alonso de Santa...

Fr. Alonso de Santa...

Fr. Alonso de Santa...

Fr. Alonso de Santa...

Fr. Alonso de Santa...

Fr. Alonso de Santa...

INDEX

DAS COUSAS MAIS NOTAVEIS DA CHRONICA.

O primeiro numero he o da pagina, o segundo do parrafo.

A.

- Fr. Affonso de Santa Maria. Hum dos companheiros dos Padres Fundadores, pag. 125, n. 111 e pag. 311, num. 322.
- Alagoa. Fazem alli hum Recolhimento os Religiosos, p. 97, sub n. 88 e p. 100, sub n. 89.
- Fr. Aleixo da Madre de Deos. He Provincial do Brasil, progressos da sua vida, p. 341, n. 355 e segg. Fallece em Santa Marta das Indias, ib. e p. 205, n. 197.
- Fr. Alvaro da Purificaçaõ, Observante. Vay a Olinda, e do que alli obra, p. 53, n. 57.
- Fr. André Barbalho. Jaz sepultado em S. Francisco de Madrid, p. 205, n. 197.
- Fr. Antonio dos Anjos. Fallece em Santo Antonio de Lisboa, p. 205, n. 197.
- Fr. Antonio de Campo Mayor. Passa ao Brasil, p. 167, n. 148. Vay fundar Convento á Paraiba, pag. 171, n. 153. Progressos de sua vida e morte, p. 299, n. 307 até 315.
- Fr. Antonio da Ilha. Sua vida e progressos, pag. 308, n. 316 até 318.
- Fr. Antonio dos Martyres, Chorista. Companheiro dos Padres Fundadores, p. 126, n. 111.
- Fr. Antonio dos Martyres, outro Irmaõ Chorista, fallece cativo em Argel, p. 205, sub n. 197.

B.

- Fr. Bernardo de Santa Clara. Sua vida e morte com opiniaõ, e boa fama, pag. 219, n. 370 até 377.

Bexigas. Contagio geral, p. 116, sub n. 102.

Fr. Boaventura de Santo Thomaz. Fallece em S. Francisco de Moncorvo, p. 205, sub n. 197.

Brasil. Sua descripção e notabilidades, em quanto ao da natureza, p. 1, n. 1, e seg. e tambem em quanto ao espirital, pag. 7, n. 6.

Britiandos. Lugar de Ponte de Lima, p. 211, n. 202.

Bulla. Da erecção desta Custodia, p. 155, n. 145. Outra com que foy erecta em Provincia, pag. 419, n. 430.

Fr. Bonifacio de Santo Antonio. Preside em hum Capitulo da Provincia dos Algarves, p. 204, n. 195. E em outro da Provincia da Soledade. Ib.

C.

Cabo Verde. Vaõ arribados a esta Ilha o P. Fr. Melchior, e seus companheiros, na viagem do Reyno para o Brasil, e o que alli obraraõ, p. 129, n. 114.

Capellas. Huma de N. P. S. Francisco em Porto Seguro, e foy o primeiro Templo dedicado a Deos, que se levantou no Brasil, p. 12, n. 12. Outra do mesmo Santo no monte da Penha da Capitania do Espirito Santo, p. 33, n. 34. Outra no Engenho de S. Francisco da Varge, p. 369, e 370, n. 383. Huma de Santo Antonio em Olinda, p. 371, n. 385. Outra do mesmo Santo no Engenho do Meyo, na Freguezia da Varge, p. 373, n. 387. Huma de S. Roque em Olinda, p. 28, n. 28, e p. 372, n. 385 e seg.

Casos dignos de memoria. O que succedeo na Doutrina de S. Miguel de Goyana, pag. 367, num. 381. Outros dois na da Assumpção da Paraíba, p. 365, n. 378. Outro no caminho de Goyana, p. 370, n. 384. O de Santo Antonio no Engenho do Meyo da Varge, p. 373, n. 387 e 388. De um em Olinda, p. 407, n. 419, e seg.

Certidões. Dos Governadores, Mestres de Campo, e outros Cabos de guerra, pelas quaes consta o muito que obraraõ os Religiosos Menores em serviço de Deos e dos Reys, nas guerras do Olandez em Pernambuco, p. 97, n. 87 até 97.

Cintra. Villa da Estremadura, Patria do P. Frey Francisco de S. Boaventura, p. 286, n. 296.

Conventos. Numero dos que teve esta Provincia, antes de separada da do Rio de Janeiro, p. 200, sub n. 189. O do Recife, fazem delle os Olandezes Fortaleza com o nome do Principe Arnesto, p. 88, n. 71.

Dona Cosma de Albuquerque. Irmaã Terceira de virtude, pag. 386, sub n. 401.

Fr. Cosme de S. Damiaõ, Custodio do Brasil. Retira-se de Pernambuco com os Religiosos para a Povoação da Alagoa, p. 89, n. 76. Acha-se nas batalhas de Porto do Calvo nesta retirada, e na de D. Luiz e Roxas, e fica prezo com dous Religiosos; he desterrado, e torna ao Recife, e o manda o Conde Mauricio lançar nas prayas da Bahia, p. 90, n. 77.

Fr. Crispim das Chagas. Fallece com opiniaõ de virtude, p. 355, n. 367.

Custodia do Brasil. Gloria-se muito de filha da Provincia de Santo Antonio de Portugal, p. 127, n. 112. He aceita em Capitulo na Provincia, p. 170, n. 152, e seg.

ID.

Fr. Daniel de S. Francisco. He o primeiro Religioso, que entra com o General pela Praça do Recife na entrega de Pernambuco, e Restauração dos Olandezes, sendo Custodia actual, p. 96, n. 87.

S. Diogo de Alcalá. Varios prodigios, e milagres, novamente obrados por meyo de huma sua Imagem na Cidade de Olinda, p. 388, n. 404 até 408.

Fr Diogo de Borba. Aporta na Bahia indo para a India com outros Religiosos Menores, e foraõ estes os primeiros, que administraraõ na terra os Santos Sacramentos do Bautismo, e Matrimonio, p. 24, n. 25.

Fr. Diogo, Religioso Leygo. He morto em S. Paulo por hum soldado blasfemo, p. 51, n. 54, e seg. e hum prodigio obrado na sua sepultura, ib.

Fr. Domingos de S. Boaventura, Religioso Leygo. Fallece dos males em Olinda com boa opiuaõ, p. 354, n. 365.

Domingos Fernandes Calabar. Morre enforcado, e arrependido com assistencia do Padre Fr. Cosme de S. Damiaõ, p. 89, n. 76.

Fr. Domingos Ruyvo. Retira ás suas costas das muralhas da Fortaleza de Itaparica o corpo morto do Capitaõ Rebellinho, p. 94, n. 83.

Doutrinas. Numero das que se erigiraõ no principio desta Custodia, p. 200, n. 189. Saõ entregues aos Ordinarios. p. 362, sub n. 375.

E.

Fr. Estevaõ dos Martyres, Religioso Leygo de boa opiuaõ. Fallece dos males, p. 355, n. 366.

F.

Fé Catholica. A sua propagaçaõ nas Conquistas, he a maxima mais segura nos Principes para augmentar os Estados, p. 6, n. 5.

Fome. Huma grande nas partes de Pernambuco, p. 115, n. 101.

S. Francisco. Seus Filhos saõ os primeiros, que descobrem para a Igreja a Provincia de Santa Cruz, p. 8, sub n. 7, e seg. com outras primazias mais, p. 10, n. 9, e segg.

Fr. Francisco de Santo André, chamado o Valente. Dispõem o primeiro assalto contra os Olandezes na tomada da Bahia, p. 84, sub n. 66.

Fr. Francisco de Santo Antonio, o Pretinho. De virtude, e boa fama, pag. 356, sub n. 368, e n. 369.

Fr. Francisco de S. Boaventura. He nomeado em segundo lugar para Fundador da Custodia do Brasil, p. 121, sub n. 105. Rejeita ser o primeiro Prelado do Convento de Olinda, p. 146, n. 131. Passa da Bahia ao Reyno, pag. 167, n. 147. Vay á Ilha da Madeira, ib. n. 149. Assiste ao Capitulo de Santo Antonio de Lisboa, e não acceita o ser Custodio para o Brasil, p. 171, n. 153. Passa a Pernambuco com doze Religiosos mais, ib. He nomeado para companheiro, e Fundador da Custodia do Brasil, p. 290, n. 302. Assiste nas Doutrinas, ib. Acceita o ser Guardiaõ de Olinda, p. 293, sub n. 303. Suas virtudes, p. 297, n. 306. Duvidas sobre o dia e anno do seu fallecimento, p. 294, n. 304.

Fr. Francisco da Esperança. Prezo pelos Olandezes, e desterrado duas vezes, fallece sem se saber aonde, p. 89, n. 74. Suas virtudes, e boa fama, p. 318, n. 332.

Fr. Francisco dos Santos. Hum dos companheiros dos primeiros Fundadores, p. 126, n. 111. He o primeiro Prelado Local de Olinda, p. 146, n. 131. Entra em o numero dos Religiosos de virtude, p. 311, n. 321.

G.

Gentio do Brasil. Não tem na sua linguagem tres letras do Alfabeto, que são, F, L, R, e porque, p. 7, n. 6. Sendo certo, em quanto ás duas primeiras, F, L, he equivocação em quanto ao R ib. São pobres naturalmente, p. 11, n. 10. Inclinados aos nossos Reli-

giosos pelo desapego que nelles viaõ dos bens temporaes, ib. Naõ cahiraõ em erros de Idolatria, p. 150, n. 136. Dados a feitiçaria, ibid. Saõ faceis, e docéis para tudo o que se lhes ensina, p. 151, n. 137. Devotos para as cousas de Deos, ibid. n. 138, até 140. Inconstantes e varios, p. 150, n. 136.

Fr. Gerardo dos Santos. A industria sua, e esforço saõ vencidos e lançados os Olandezes da Invazaõ da Villa da victoria do Espirito Santo, p. 91, n. 79.

Fr. Gonçalo de Santa Izabel. Preside em hum Capitulo em Santo Antonio de Portugal, pag. 202, sub n. 193.

III.

Fr. Henrique de Coimbra. Com outros companheiros Religiosos Menores, passando para a India, saõ os primeiros que pizaõ a terra do Brasil, pag. 6, n. 5.

I.

Fr. Ignacio das Neves. Preside em hum Capitulo da Provincia dos Algarves, p. 202, n. 194.

Dona Ignez de Albuquerque, Irmaã Terceira de virtude, e boa fama, p. 386, n. 402.

Ilhas dos Frades. No Reconcavo da Bahia, onde naufragáraõ dous Religiosos, e foraõ comidos pelo Gentio, p. 51, n. 52.

Jorge de Albuquerque Coelho. Alcança do Padre Geral, e Rey de Espanha mandar Religiosos Menores a fundar Conventos a Pernambuco, p. 119, n. 103 e 104, e confirmação do Summo Pontifice, p. 155, n. 145, Memoria que deste Heróe se faz, pag. 180, n. 168. e seg.

Fr. José de Santo Antonio, Religioso Leygo, chamado o Santinho. Sua vida, virtudes e fim, p. 345, n. 359 até 364.

Dona Izabel de Albuquerque. Irmaã Terceira de boa fama, pag. 386, sub n. 401.

L.

Dona Luiza de Albuquerque. Irmaã Terceira de boa fama, p. 386, sub n. 401.

Fr. Luiz da Annunciaçãõ. Sua vida, virtudes e santo fim, p. 329, n. 333 até 342.

M.

Males. Em Pernambuco, p. 352, n. 363 e seg., e antes, p. 116, sub n. 102.

Fr. Manoel dos Anjos. Sua vida, virtudes e morte, p. 330, n. 344 até 348.

Fr. Manoel da Conceiçãõ. Fallece em N. Senhora do Amparo de Via-Longa, p. 205, n. 197.

Fr. Manoel da Piedade. Morto pelos Olandezes na tomada do forte do Cabedelo, no exercicio de confessar aos moribundos, p. 88, n. 73.

Maria da Rosa. Irmaã Terceira de S. Francisco, p. 135, n. 120. Faz doaçãõ aos nossos Religiosos da Igreja, Casa da Senhora das Neves de Olinda, ib. n. 121 a 123. Opiniãõ sobre a sua naturalidade, assistencia dos Recolhimentos das Neves e Senhora da Conceiçãõ, pag. 382, n. 346 até 401.

Marim. Veja-se *Olinda*.

Fr. Melchior de Santa Catharina. He nomeado primeiro Fundador da Custodia do Brazil, p. 121, n. 105. Parte de Lisboa e vay a Cabo Verde de arribada, e do que obra no mar e alli, p. 128, n. 113, e seg. Chega a Pernambuco, p. 132, n. 116. Passa á Bahia, e acceita alli Casa, pag. 167, n. 147. Torna a Olinda, e vay a Iguaraçú acceitar outra Casa, pag. 167, num. 148. Passa á Paraiba a fazer outra acceitaçãõ, p.

168, n. 150, e aceita alli tambem cinco Aldéas de Gentios, ib. Aceita outra em Goyana, pag. 169, sub n. 150. He nomeado segunda vez Custodio do Brasil, p. 171, n. 153. Sua Patria, nascimento e criaçãõ, p. 208, n. 200, e seg. Toma o habito de Religioso Menor, seus progressos neste estado, p. 226, n. 222 e seg. Suas mortificaçoens e penitencias, pag. 247, n. 244. Favores espirituacs que lhe communica o Ceo, pag. 253, n. 257, e segg. Da virtude da Religiãõ e das mais, de que foy ornado, pag. 255, n. 259, e segg. Retira-se para a Provincia, e fallece lá com fama de santidade, pag. 282, n. 290.

S. Miguel. Doutrina em o districto de Goyana, sua erecçãõ e mudanças, p. 367, sub n. 380.

Fr. Miguel de S. Boaventura. Fallece com opiniaõ, sendo Prelado no Convento de Olinda, p. 355, n. 367.

Mosteirinho. Foy habitaçãõ dos Religiosos de Olinda nas guerras dos Olandezes, com outras particularidades mais da sua fundaçãõ até o presente, p. 394, n. 409, e seg.

N.

Nazareth. Fazem alli os Religiosos Oratorio, pag. 97, sub n. 88.

Neves. Titulo do primeiro Convento, e Casa desta Custodia: por quem foy doada, pag. 134, n. 119. Passãõ os Religiosos para ella, p. 145, n. 130. Suas excellencias, pag. 200, n. 188, e seg.

O.

Olinda. Sua descripçãõ e sitio, p. 138, n. 124 e 125. Origem deste nome, ib. Por quem foy fundada, quando levantada em Villa; opulencia de seus mora-

dores; grandeza de seus edificios, e ruas; sua destruição pelos Olandezes: sua reedificação; quando erigida em Cidade Episcopal, pag. 143, n. 127. Templos, que a ornaõ ao presente, ib. n. 128.

Oratorios. Fazem hum no Arrayal do Bom Jesus os Religiosos, em que assistiaõ os que haviaõ largado aos Olandezes os Conventos de Olinda e Recife, p. 88, n. 71. Outro no Engenho dos Reys na Paraíba, depois que largaraõ tambem este Convento, p. 328, n. 341. Outro no Engenho de Santo André, na mesma Paraíba, deixado o primeiro dos Reys, p. 105, n. 90.

Ordem Terceira. Seus principios e progressos na Villa de Olinda e Convento das Neves, p. 385 n. 389, e seg.

P.

Palmares. Fortaleza de negros, e escravos levantados. Lugar da sua situaçaõ, e Religiosos que assistiraõ á sua tomadia, e expugnaçaõ p. 114, n. 99.

Paraíba. O que na sua Conquista obraraõ os Religiosos Menores, p. 54, n. 58, até o n. 60, por todo elle.

Fr. Paulo de Santa Catharina. He Guardiaõ de dous Conventos na Provincia de Santo Antonio de Portugal, p. 202, n. 193. Sua Patria e nascimento, até o estado de Religioso, pag. 206, n. 349, até o n. 354.

Padre Paulo Teixeira. Terceiro professo na Ordem da Penitencia de Olinda, Sacerdote, Parocho e Religioso da Sagrada Companhia de Jesus, que nella fallece com opiniaõ de virtude, p. 387, n. 403.

Fr. Pedro de S. Boaventura, o Auzança. Morto pelos Olandezes na Igreja e Convento de Olinda, p. 89, n. 74, e p. 318, n. 332.

Fr. Pedro Mialhadas. Religioso Leygo de virtude, p. 317, num. 330.

- Fr. Pedro de Palacios. Vay ter á Capitania do Espirito Santo, p. 32, num. 33. E do mais que alli obrou até o n. 36. Seus exercicios no Monte da Penha, p. 37, n. 37, até o n. 41. Sua morte e fama gloriosa, p. 44, n. 43, e trasladação dos ossos, ib. n. 46 até 49. Prodigios obrados, antes e depois, p. 48, n. 50.
- Penha. Capella da Senhora, fundada por Fr. Pedro de Palacios, p. 33, n. 34 e 35.
- Perseguição. Huma que se levanta em Olinda contra os Religiosos, p. 149, n. 135. Outra mayor na Paraíba. Vejaõ-se os Relatorios 1 e 2 a p. 56 e 71.
- Philippe Cavalcanti. Recebe em sua casa em Olinda aos Padres Fundadores, p. 132, n. 116.
- Pojuca. No Convento de Pojuca assistiraõ os Religiosos sempre, p. 395, n. 412.

R.

- Fr. Rafael de S. Boaventura. Morto pelos Olandezes, pag. 109, n. 94.
- Reys. Os de Espanha mandaõ Religiosos fundar Custodia no Brasil, pag. 124, n. 109. Assigna-lhes Ordinarias, p. 177, n. 161. Os de Portugal lhes fazem outras similhantes, ib.
- Religiosos Menores. Primeiros Espirituaes Conquistadores das partes do Brasil, com outras primazias nesta Provincia, p. 9, n. 8 e seg. Vaõ dous a Porto Seguro, e padecem martyrio, p. 12, n. 11, 12, 13 e 14. Outros dous ao mesmo lugar, p. 15, n. 15 e 16. Vaõ outros a S. Vicente, p. 17, n. 17. Outros á Bahia, p. 24, n. 25. Outros a S. Vicente, p. 27, n. 27. Vay a Olinda outro, pag. 28, n. 28. Vay outro á Bahia, pag. 50, num. 51. Vaõ tres a S. Paulo, p. 51, n. 53. Nomes dos que passaraõ a Pernambuco com os Padres Fundadores, pag. 125, n. 111. Adonde assistiraõ

- antes de entrar em o novo Convento, pag. 132, n. 116. Vem mais seis da Provincia para a Custodia, pag. 167, n. 148. Passaõ mais doze, pag. 171, n. 153. Saõ prezos os do Convento de Iguaraçú, e morre hum na jornada, pag. 88, n. 72. Fazem retirada de Pernambuco para a Alagoa, pag. 89, n. 76. Saõ prezos e desterrados alguns trinta e sette, pag. 90, n. 78. Achaõ-se em todas as Estancias, no Arrayal, encontros, assaltos, batalhas e exercitos nas guerras de Pernambuco e Capitanias annexas. Veja-se o Relatorio 3, pag. 87, n. 70 até 100.
- Rio do Frade. Hum em Porto Seguro, pag. 16, n. 16. Outro em S. Vicente, pag. 17, n. 17. E porque se chamaõ assim, ib.
- Rio de S. Francisco. Vay a elle Duarte Coelho com seu Irmaõ Jorge de Albuquerque, p. 180, n. 168.

S.

- Fr. Sebastiaõ do Espirito Santo. Preside em hum Capitulo da Provincia de Santo Antonio de Portugal, pag. 202, sub. n. 193.
- Seminario. Levantaraõ os Religiosos hum em o Convento de Olinda para a Doutrina, e ensinar a ler os filhos dos Indios, pag. 148, n. 134, e pag. 150, n. 136.
- Sepultura. A de D. Filippe de Moura, pag. 175, n. 157. Passa a Manoel de Moura Rolim, p. 176, n. 159. A de Franciscp do Rego Barros, e sua mulher Dona Archangela da Silveira, p. 174, n. 156. A de David de Albuquerque Saraiva, e outras varias, ib.
- Serenhanhem. Convento, p. 396. sub n. 412.
- Fr. Simaõ de Santo Antonio. Fallece com boa opiniaõ em Santo Antonio de Lisboa, pag. 125, n. 196.
- Fr. Simaõ Frade Leygo. Fallece em Barbaria cativo, pag. 205 sub n. 197.

T.

Terceiros. Veja-se *Ordem Terceira da Penitencia*.
S. Thomé. Signaes de que veyo ao Brasil este Sagrado
Apostolo, p. 28, n. 29, e p. 29, n. 30.

V.

Varadouro. Sua ponte na Cidade de Olinda, pag. 140,
n. 125.

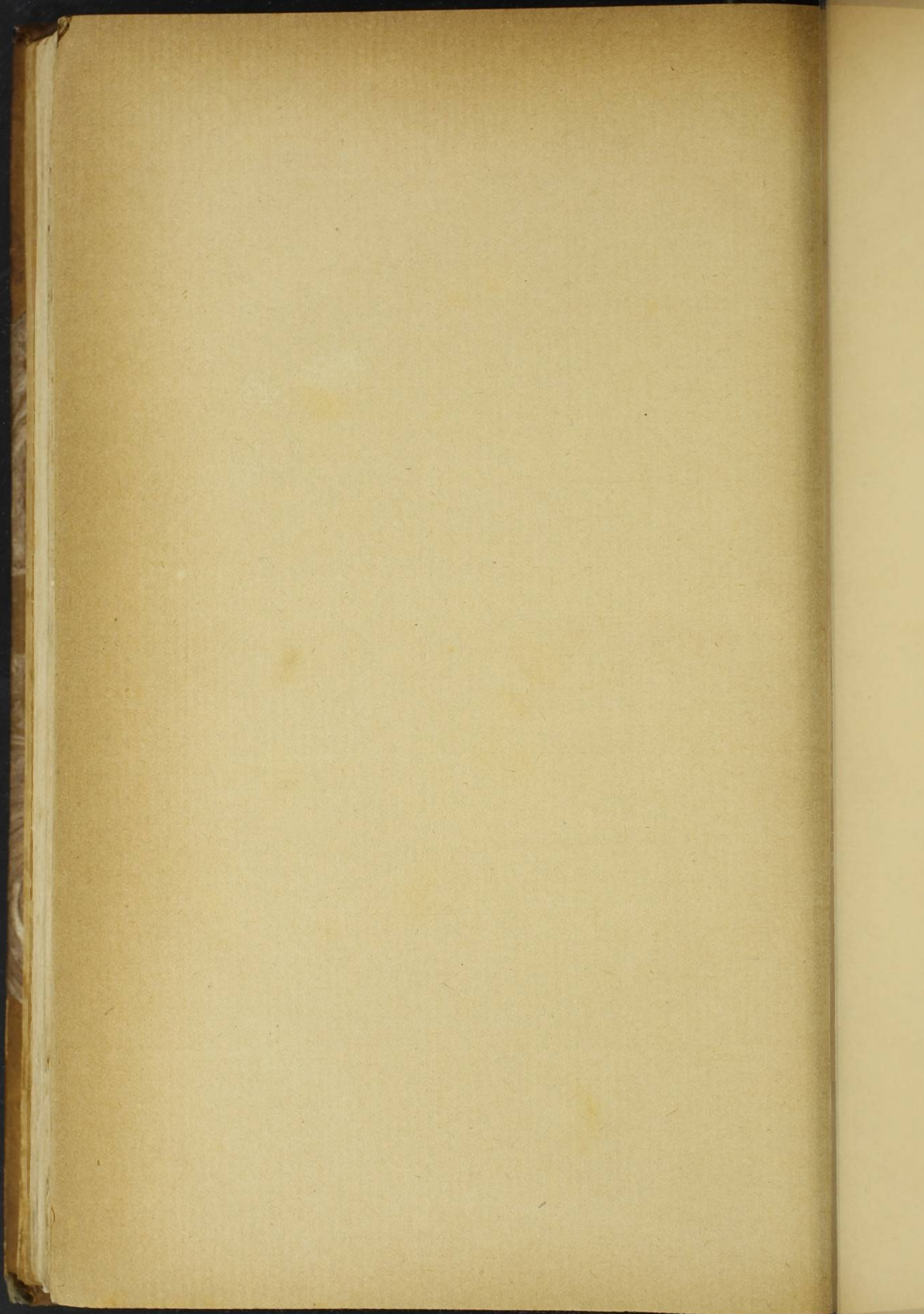


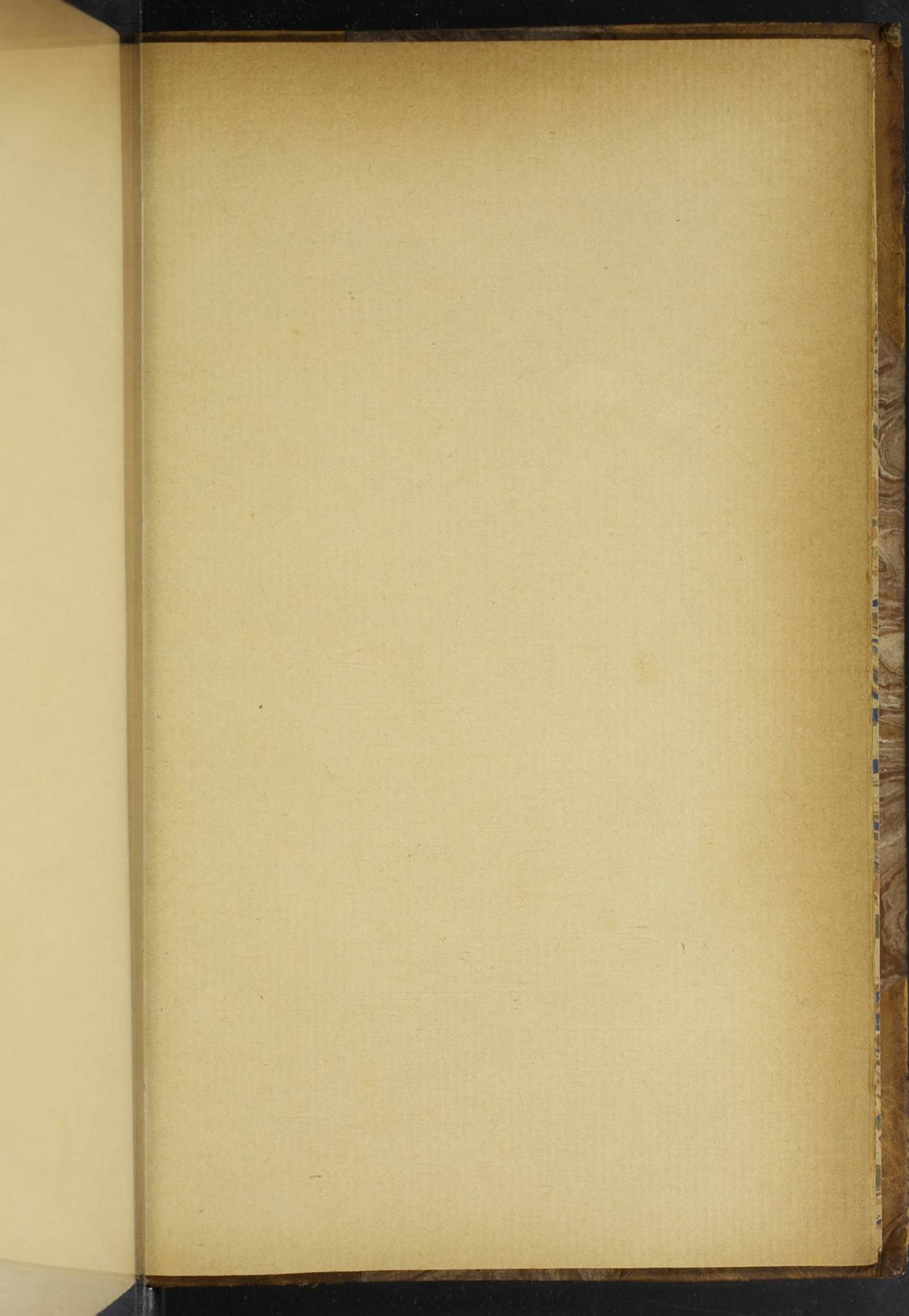
no

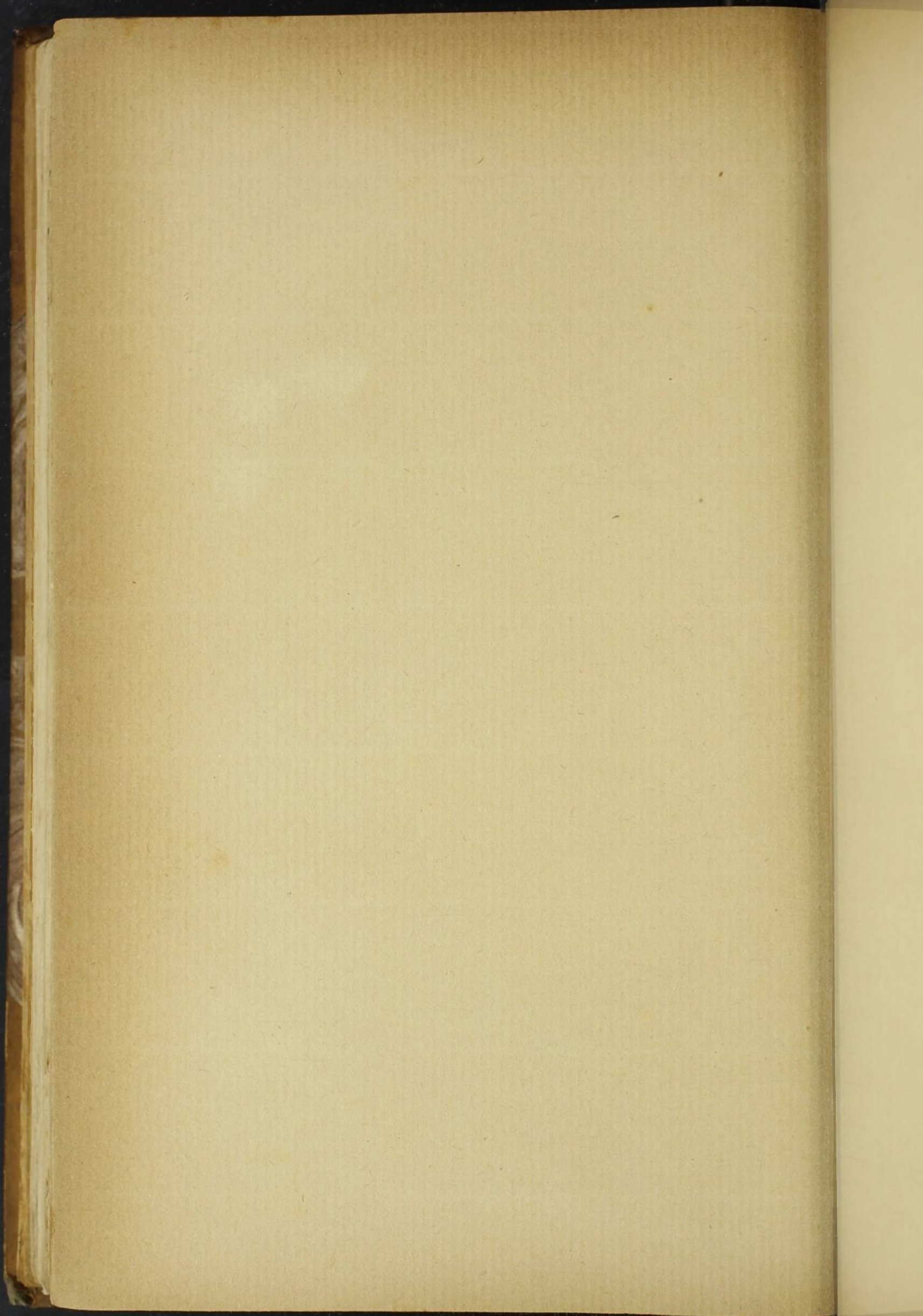
... de Práxis
... este Segredo
... 2. 2. 2.

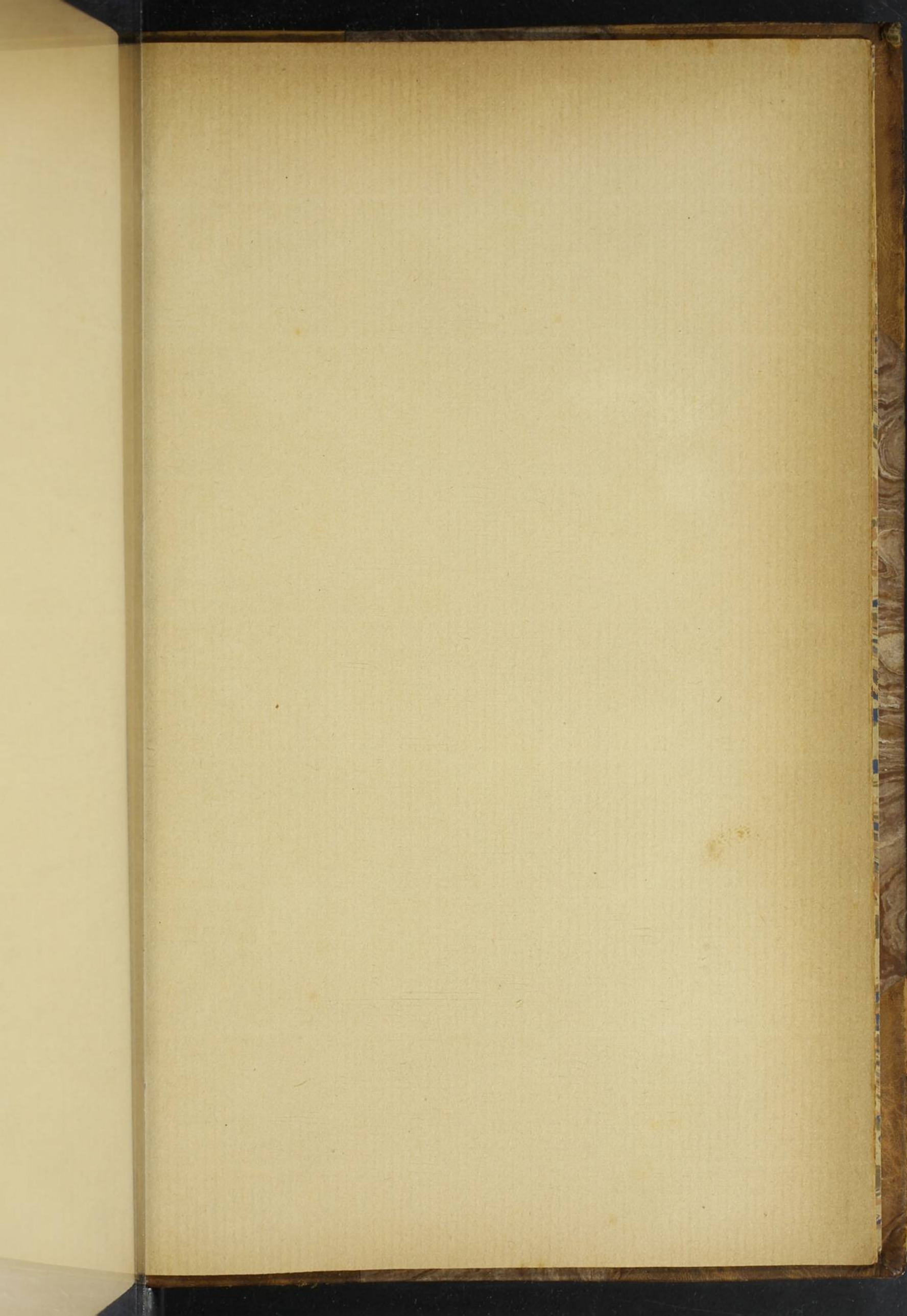
... de 1810, pp. 110.











010251

